



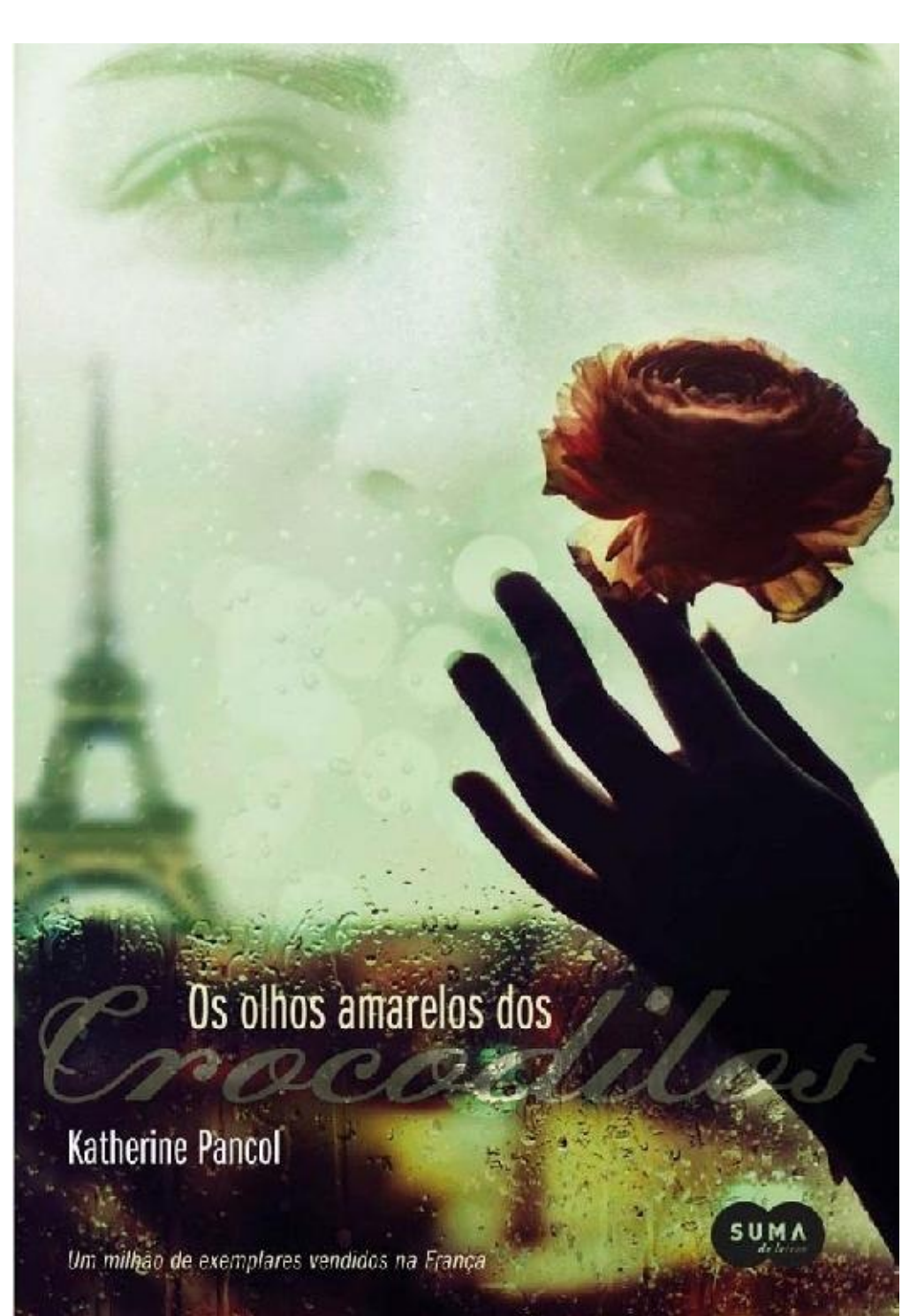
Os olhos amarelos dos

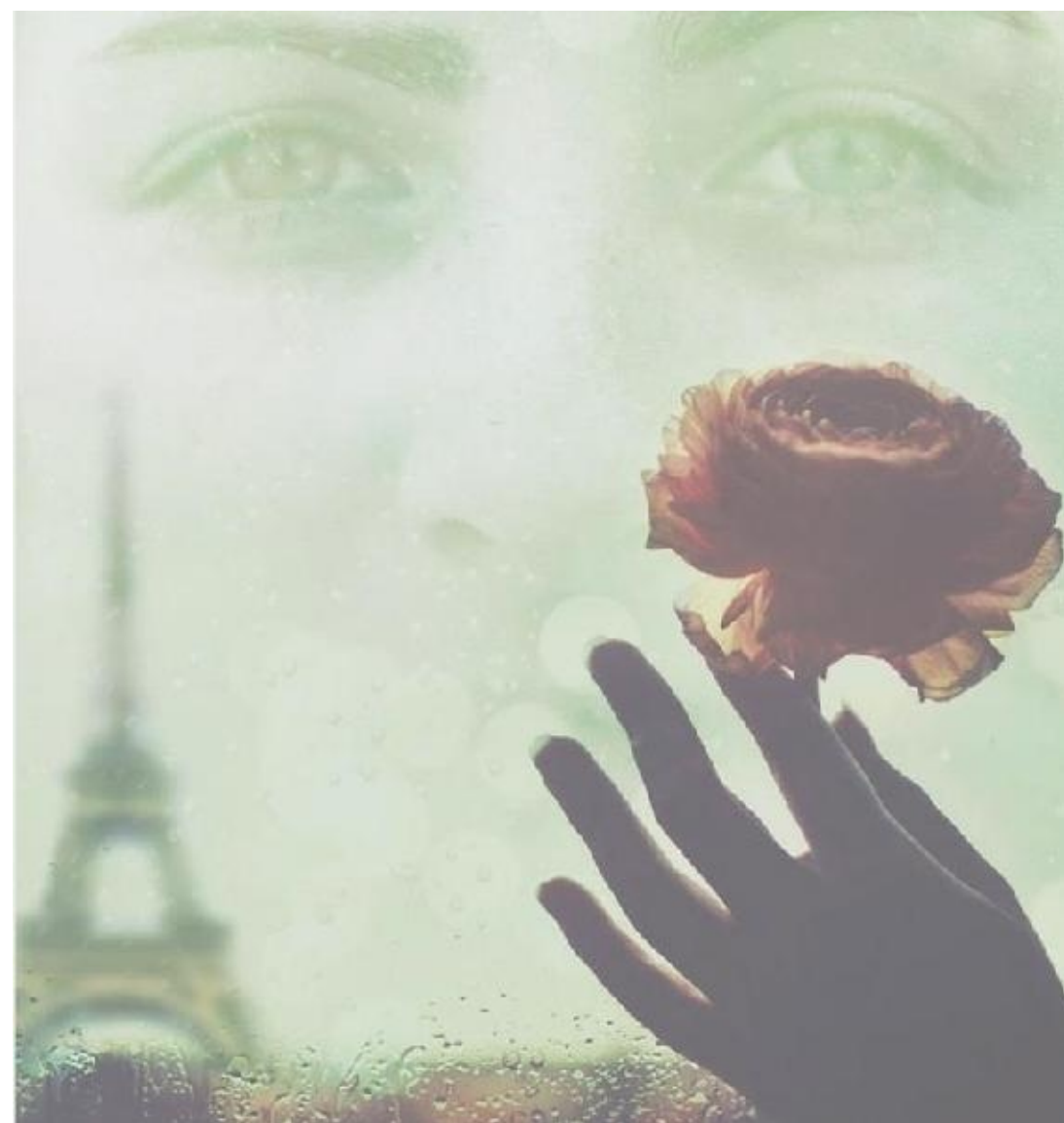
Crocodilos

Katherine Pancol

Um milhão de exemplares vendidos na França

SUMA
da Terra





Paris. Duas irmãs. Iris é uma mulher muito bonita, rica, elegante e sofisticada, mas vive desencantada com a vida e com o seu casamento.

Joséphine é uma mulher entrada nos quarenta anos que luta contra uma série de dificuldades, como o divórcio, problemas financeiros, brigas com a filha adolescente, uma mãe tirana e baixa autoestima. Historiadora, muito menos bonita do que a irmã e com uma vida bem mais difícil.

Certo dia, num jantar, Iris faz-se passar por escritora. Presa na sua mentira, convence a irmã

a escrever o livro que ela própria assinará.

*Abandonada pelo marido, cheia de dívidas,
Joséphine submete-se, como sempre, aos
caprichos da irmã. Mas esta é uma decisão que
vai mudar o destino destas duas mulheres. Aos
poucos, Joséphine vai superando obstáculos e
descobre quem verdadeiramente é.*

2

A Charlotte,

A Clément,

Meus amores...

3



Primeira parte

4

Joséphine deu um grito e largou o descascador de

legumes. A lâmina tinha derrapado sobre a batata e feito um corte

profundo na pele da base do punho. Sangue, sangue por todo lado. Olhou para as veias azuis, o corte vermelho, o branco da bacia da pia, o escorredor de plástico amarelo onde descansavam, claras e brilhantes, as batatas descascadas. As gotas de sangue caíam uma a uma, respingando a cerâmica branca. Apoiou as mãos dos dois lados da pia e começou a chorar.

Sentia necessidade de chorar. Não sabia por quê. Tinha muitas e boas razões. O corte aconteceu em boa hora. Procurou um pano com os olhos, pegou e enrolou em cima da ferida. Vou virar uma fonte: fonte de lágrimas, fonte de sangue, fonte de suspiros, vou me deixar morrer.

Seria uma solução. Morrer, sem dizer nada. Desaparecer como uma lâmpada que se apaga.

Morrer bem reta acima da pia. Não se morre bem reta, retificou em seguida, morre-se deitada ou ajoelhada, a cabeça no forno ou na banheira. Havia lido num jornal que o suicídio mais comum entre as mulheres era a defenestração. Entre os homens, o enforcamento. Pular pela janela? Nunca conseguiria. Mas esvair-se em sangue chorando, não saber mais se o líquido que escorre de você é vermelho ou branco. Adormecer lentamente. Então tire esse pano e mergulhe as mãos na pia! Mas, mas... teria que ficar de pé e não se morre de pé.

Exceto em combate. Em tempos de guerra.

Ainda não eram tempos de guerra.

Fungou, ajeitou o pano sobre o corte, reprimiu as lágrimas,

fitou seu próprio reflexo na janela. Ainda estava com o lápis
prendendo os cabelos. Vamos, disse ela, descasque essas batatas...

Deixe

o

resto

para

pensar

mais

tarde!

Naquela manhã de fim de maio, com os termômetros
marcando 28 graus à sombra, no quinto andar, abrigado sob o
telheiro de sua varanda, um homem jogava xadrez. Sozinho.

Refletia diante de um tabuleiro. Levava sua preocupação com o

5

realismo ao extremo de trocar de lugar quando trocava de lado no
jogo. Na passagem, pegava um cachimbo que sugava de vez em
quando. O homem bufava, se inclinava, erguia uma peça, devolvia,
recuava, bufava de novo, pegava e deslocava a mesma peça,
balançava a cabeça e depois largava o cachimbo e voltava para a
outra cadeira.

Era um homem de estatura média, aparência bem-cuidada,
cabelos e olhos castanhos. O friso de suas calças caía reto, seus
sapatos brilhavam como se tivessem acabado de sair da caixa, as
mangas arregaçadas de sua camisa deixavam à mostra antebraços
e punhos finos, e suas unhas tinham o polimento e o brilho que só

uma manicure cuidadosa pode dar. Um leve halo, que se adivinhava perpétuo, completava a impressão bege-louro que sua pessoa emanava. Parecia um daqueles bonecos de papelão de jogos infantis, só de meias e roupas de baixo, que podemos vestir com as roupas mais variadas — piloto de avião, caçador, explorador. Era um homem que se encaixaria muito bem no cenário de um catálogo para inspirar confiança e destacar a qualidade dos móveis expostos. De repente, um sorriso iluminou seu rosto. “Xeque-mate”, murmurou para o parceiro imaginário. “Ah, meu velho! Você se deu mal! E aposto que nem percebeu o bote que eu estava armando!” Satisfeito, apertou a própria mão e modulou a voz para felicitar-se. “Bela jogada, Tonio! Foi realmente brilhante.”

Levantou, espreguiçou-se esfregando o peito e resolveu beber uma tacinha, embora fosse cedo. Em geral, tomava seu aperitivo por volta das 6h10 da noite, assistindo *Questions pour un Champion*. O programa de Julien Lepers havia se tornado um encontro marcado que ele esperava com impaciência. E ficava aborrecido quando perdia. Esperava por ele desde às 17h30. Ficava ansioso para enfrentar os quatro campeões que iriam lhe propor. Gostava também de ver que terno o apresentador tinha escolhido, qual a camisa e a gravata que usaria para combinar. Toda noite, pensava consigo mesmo que deveria tentar a sorte e se inscrever. Pensava, mas não fazia nada. Teria que passar pelas provas eliminatórias e havia alguma coisa nessas duas palavras que o afligia.

Tirou a tampa de um balde de gelo, pegou delicadamente dois cubos, deixou cair num copo e serviu um martíni branco. Abaixou-se para pegar um fio no carpete, levantou, molhou os lábios no copo, emitiu pequenos ruídos com os lábios para exprimir satisfação.

6

Todo dia de manhã, jogava xadrez. Todo dia de manhã seguia a mesma rotina. Levantar às sete junto com as crianças, café da manhã com torradas de pão integral, grelhadas com termostato quatro, geleia de damasco sem adição de açúcar, manteiga com sal e suco de laranja fresco espremido à mão. Em seguida, trinta minutos de ginástica, exercícios para as costas, a barriga, os peitorais, as coxas. Leitura dos jornais que as filhas, uma de cada vez, compravam para ele antes da escola, estudo atento dos classificados, envio do currículo quando uma oferta parecia interessante, chuveiro, barba com barbeador manual, com sabão fazendo espuma sob o pincel, escolha das roupas para o dia e, por fim, a partida de xadrez.

A escolha das roupas era o momento mais penoso da manhã.

Não sabia mais como se vestir. Roupas de fim de semana, ligeiramente descontraídas, ou terno? Um dia em que vestiu apressadamente um jogging, sua filha mais velha, Hortense, havia comentado: “Você não trabalha mais, papai? Passa o tempo todo de férias? Eu prefiro quando você está bonito, com um paletó elegante, uma bela camisa e gravata. Nunca mais venha me pegar na escola

vestido com roupas íntimas.” E depois, com um jeito mais doce, pois naquela manhã, a manhã da primeira vez em que falou com ele naquele tom, ele chegou a empalidecer... havia acrescentado:

“Estou dizendo isso por você, paizinho, para que continue a ser o pai mais bonito do mundo.”

Hortense tinha razão, as pessoas olhavam para ele de um jeito diferente quando estava bem-vestido.

Terminada a partida de xadrez, regava as plantas presas na beirada da varanda, arrancava as folhas mortas, podava os galhos velhos, vaporizava os brotos mais novos, afofava a terra dos vasos com uma colher e misturava fertilizantes quando necessário. Uma camélia branca lhe inspirava grandes cuidados. Costumava conversar com ela, demorava-se em atenções, secava cada folhinha. Todas as manhãs, há um ano, era a mesma rotina.

Naquela manhã, porém, estava atrasado em relação ao horário habitual. A partida de xadrez tinha sido difícil... precisava ficar atento para não ser levado de roldão: é difícil quando não se tem mais emprego. Não podia perder o senso do tempo que passa e se gasta sem que a gente perceba. Cuidado, Tonio, disse a si mesmo, cuidado! Não se deixe levar, trate de se recuperar.

7

Havia adquirido o hábito de falar sozinho e franziu as sobrancelhas quando ouviu sua própria voz a censurá-lo. Para recuperar o tempo perdido, resolveu deixar as plantas de lado.

Passou na frente da cozinha, onde sua esposa descascava

batatas. Só podia ver suas costas e, mais uma vez, notou que estava ganhando peso. Pequenos pneus de gordura se acumulavam em seus quadris.

Quando se mudaram para aquele prédio no subúrbio próximo de Paris, ela era esguia e longilínea, sem pneuzinhos.

Quando se mudaram, as meninas tinham a altura da pia...

Quando eles mudaram...

Eram outros tempos. Ele levantava o suéter dela, colocava as mãos em seus seios e suspirava “querida!” até que ela se curvasse e se inclinasse puxando a colcha com as duas mãos para não amassar. No domingo, ela cozinhava. As meninas queriam facas “para ajudar a mamãe!” ou pediam as panelas para “limpar com a língua”. E eles olhavam para elas com ternura. A cada dois ou três meses, mediam as duas e escreviam a altura com lápis preto na parede, que agora estava cheia de tracinhos seguidos de datas e dos dois nomes: Hortense e Zoé. Cada vez que se apoiava na moldura da porta, era invadido por uma imensa tristeza. O sentimento de um desperdício irremediável, a lembrança de um tempo em que a vida sorria para ele. Esse sentimento não lhe ocorria em seu quarto ou na sala, mas sempre naquele cômodo que antigamente era um ninho de felicidade. Calorosa, tranquila, cheirosa. As panelas fumegavam, os panos de prato secavam na barra do forno, o chocolate fundia em banho-maria e as meninas descascavam nozes. Corriam exibindo um dedo coroadado de chocolate, desenhavam bigodes que lambiam em grandes golpes de língua e o vapor nas

vidraças formava guirlandas nacaradas que lhe davam a sensação de que era o pai de uma família de esquimós num iglu no Polo Norte.

Antigamente... A felicidade tinha parado por ali, sólida, tranquilizadora.

Sobre a mesa, jazia aberto um livro de Georges Duby.

Inclinou-se para ler o título: *O Cavaleiro, a Mulher e o Padre*.

Joséphine trabalhava na mesa da cozinha. Aquilo que antes era uma ajuda hoje alimentava a família. Pesquisadora do Centro Nacional para a Pesquisa Científica (CNRS), especializada no estudo

8

das mulheres no século XII! No passado, ele não conseguia se impedir de debochar de suas pesquisas e falava delas com certa condescendência, “minha mulher é apaixonada por história, mas só a do século XII! Há-há-há!” Achava aquilo um pouco pedante. O século XII não é nem um pouco sexy, minha querida, dizia ele beliscando seu traseiro. “Mas foi nessa época que a França entrou na modernidade, com o comércio, a moeda, a independência das cidades e...”

E ele a beijava para que se calasse.

Hoje, eram sustentados pelo século XII. Pigarreou, esperando que virasse de frente. Ela não tinha se dado o trabalho de pentear os cabelos, um lápis os prendia no alto da cabeça.

— Vou dar uma volta...

— Você volta para almoçar?

— Não sei... Faça como se não fosse voltar.

— Por que não diz logo que não vem?

Ele não gostava de conflitos. Melhor seria se tivesse saído gritando “estou indo, até loguinho!” e... vapt-vupt!, já estava na escada, vapt-vupt!, ela com as perguntas presas na garganta, vapt-vupt!, ele livre de inventar desculpas quando voltasse. Porque voltar, ele sempre voltava.

— Leu os classificados?

— Li... Nada de interessante hoje.

— Sempre tem algum trabalho para um homem que quer trabalhar!

Trabalho, sim, mas não qualquer um, pensou ele sem dizer nada, pois conhecia a sequência daquele diálogo. Devia ter aproveitado para ir embora, mas ficou grudado na moldura da porta.

— Já sei o que vai me dizer, Joséphine, sei muito bem.

— Sabe, mas não faz nada para mudar. Poderia fazer qualquer coisa, nem que fosse para aliviar a nossa situação...

Poderia continuar aquele diálogo sozinho, conhecia tudo de cor, “limpador de piscina, jardineiro num clube de tênis, vigia noturno, frentista num posto de gasolina...”, mas reteve apenas a palavra “aliviar”. Era uma palavra engraçada para quem está procurando emprego.

9

— Pode rir! — murmurou ela, espetando-o com os olhos. —

Devo parecer bem pé no chão quando falo de dinheiro! Nosso doutor quer um monte de ouro, o doutor não quer se cansar por qualquer coisinha, o doutor quer estima e consideração! Mas no momento, o nobre cavalheiro só tem um objetivo na vida: se encontrar com sua manicure!

— Do que você está falando, Joséphine?

— Você sabe muito bem de QUEM estou falando!

Ela estava completamente virada para ele, os ombros levantados, um pano amarrado no punho. Ela o desafiava.

— Se está se referindo a Mylène...

— Sim, estou me referindo a Mylène... Ainda não sabe se ela vai ter folga na hora do almoço? É por isso que não pode dizer se vem ou não?

— Pare, Jo... Isso vai acabar mal!

Era tarde demais. Ela só pensava nele junto a Mylène. Quem será que tinha contado? Um vizinho, uma vizinha? Não conheciam muita gente no prédio, mas, quando se trata de falar mal dos outros, é fácil arrumar companhia. Devem tê-lo visto no edifício de Mylène, duas ruas adiante.

— Vai almoçar na casa dela, que já deve ter preparado uma quiche e uma saladinha verde, uma refeição leve, porque depois ela precisa voltar ao trabalho. Ela...

Rançou os dentes, insistindo no “ela”.

— Depois certamente vão tirar um cochilo, com as cortinas fechadas. Ela vai se despir jogando as roupas no chão e vai se

deitar ao seu lado sobre o edredom de piquê branco...

Ele ouvia, estupefato. Mylène tinha um espesso edredom de piquê branco na cama. Como ela sabia?

— Você foi até lá?

Ela explodiu numa risada má e apertou o nó do pano com a mão livre.

— Então eu estava certa! O piquê branco vai bem com tudo!

É bonito, é prático.

— Pare com isso, Jo.

— Parar com o quê?

10

— Parar de imaginar o que não existe.

— Por quê? Por acaso ela não tem um edredom de piquê branco?

— Devia escrever um romance: você tem muita imaginação...

— Então jure que ela não tem uma colcha de piquê branco.

A cólera o invadiu bruscamente. Não suportava mais aquela mulher. Não suportava mais seu tom de professora primária, sempre censurando alguma coisa, dizendo o que devia fazer e como fazer, não suportava mais suas costas curvadas, suas roupas sem forma nem cor, sua pele avermelhada pela falta de cuidados, seus cabelos castanhos, finos e murchos. Tudo nela cheirava a esforço e parcimônia.

— Prefiro ir embora antes que essa discussão nos leve longe demais!

— Vai encontrar com ela, não vai? Tenha pelo menos a coragem de dizer a verdade, porque a coragem de procurar trabalho você já perdeu, preguiçoso!

Foi a gota-d'água. Ele sentiu a raiva bloquear sua testa e bater em suas têmporas. Cuspiu as palavras para não ter que retomá-las.

— Pois bem, é isso mesmo! Eu me encontro com ela todo dia, meio-dia e meia. Ela esquentava uma pizza e comemos juntos, em seu edredom de piquê branco! Depois, retiramos as migalhas, eu desabotei seu sutiã, também de piquê branco, e a beijo toda, todinha! Está satisfeita? Não devia ter me provocado, eu bem que avisei!

— Pois eu também, é melhor não me provocar! Se sair para esse encontro, é inútil voltar. Faça suas malas e desapareça. Não vai ser nenhuma grande perda.

Ele desgrudou da moldura da porta, virou sobre os calcanhares e, como um sonâmbulo, foi para o quarto. Puxou uma mala que estava embaixo da cama, pôs-a sobre a colcha e começou a encher. Transferiu suas três prateleiras de camisas, suas três gavetas de camisetas, meias e cuecas para a grande mala vermelha com rodinhas, vestígio de seu esplendor quando trabalhava para Gunman & Co., fabricante americano de fuzis de caça. Ficou dez anos no cargo de diretor comercial do setor Europa, acompanhando os clientes ricos que iam caçar na África, na Ásia,

na América, no cerrado, na savana ou nos pampas. E na época, acreditava na imagem desse homem branco sempre bronzeado, cheio de espírito, que brindava com os clientes, os homens mais ricos do planeta. Gostava de ser chamado de Tonio. Tonio Cortès. Era mais masculino, mais responsável do que Antoine. Jamais gostou de seu nome, achava que era mole, afeminado. Precisava fazer frente àqueles homens: industriais, políticos, milionários desocupados, filhos da... Fazia o gelo tilintar exibindo um sorriso bonachão, ouvia suas histórias, prestava atenção a seus lamentos, opinava, temperava, observava o balé dos homens e o balé das mulheres, o olhar agudo das crianças, velhos antes de terem tido tempo de crescer. E se felicitava por frequentar aquele mundo sem, no entanto, fazer parte dele. “Ah, dinheiro não traz felicidade!”, repetia com frequência.

Tinha um excelente salário, um mês triplo no fim do ano, um bom seguro-saúde, períodos de descanso que quase dobravam suas férias. Ficava feliz quando retornava a Courbevoie, à sua casa construída nos anos 1990 para uma população de jovens executivos como ele, que ainda não tinham meios para morar em Paris, mas esperavam, do outro lado do Sena, pelo dia em que poderiam entrar nos bairros mais bonitos da cidade, cujas luzes entreviam ao anoitecer. Um castelo de néon cintilante que os embriagava ao longe. O prédio havia envelhecido mal, rastros imperceptíveis de ferrugem escorriam das sacadas, maculando a fachada, e o laranja brilhante das persianas tinha sofrido sob o sol.

Nunca avisava quando voltaria de viagem: empurrava a

porta, contava o tempo na entrada antes de se anunciar com um assovio curto que dizia: “Cheguei!” Joséphine estava mergulhada em seus livros de história, Hortense corria para ele e enfiava a mãozinha em seus bolsos à procura do seu presente, Zoé aplaudia.

As duas meninas de robe, um cor-de-rosa, o outro azul, Hortense, a bela, decidida, capaz de fazê-lo de gato e sapato, e Zoé, redonda, lisa, gulosa. Então, inclinava-se para elas e pegava as duas no colo repetindo: “Ah, minhas queridas! Minhas queridinhas!” Era um ritual. Às vezes sentia uma pontada de remorso, com a lembrança de um outro abraço na véspera... abraçava as duas mais forte e a lembrança desaparecia. Largava as malas e se dedicava ao papel de herói. Inventava caçadas e perseguições, um leão ferido que teve de matar com o punhal, um antílope caçado no laço, um crocodilo nocauteado. E elas o admiravam, boquiabertas. Mas Hortense

12

ficava impaciente e perguntava: “E o meu presente, papai? Onde está meu presente?”

Um belo dia, a Gunman & Co. foi comprada e ele foi dispensado. Da noite para o dia. “Os americanos são assim”, explicou a Joséphine. “Na segunda você é diretor comercial com um escritório de três janelas e na terça está desempregado!” Foi, portanto, demitido. Com uma boa indenização que permitiu que durante um certo tempo continuasse a pagar as contas e a escola das crianças, os intercâmbios linguísticos, a manutenção do carro,

os esportes de inverno nas férias. Aceitou a situação com filosofia.

Não era o primeiro a passar por isso e, além do mais, não era um qualquer: logo encontraria um novo emprego. Não uma porcaria qualquer, é claro, mas um bom emprego... E depois, um por um, os seus antigos colegas foram se recolocando, aceitando salários inferiores, postos de menor responsabilidade, mudanças para o exterior, e ele passou a ser o único a consultar os classificados de emprego.

Hoje, chegando ao fim de suas economias, sentia seu belo otimismo vacilar. Sobretudo à noite. Acordava por volta das três da manhã, levantava sem fazer barulho, servia um uísque na sala e ligava a TV. Deitado num sofá, ficava zapeando com o controle remoto numa das mãos e o copo na outra. Até então, sempre havia se sentido muito forte, prudente, dotado de grande perspicácia.

Quando via os colegas cometendo erros, não dizia nada, mas pensava baixinho: “Ah! Isso nunca vai acontecer comigo! Sei como agir!” Quando ouviu falar da compra da empresa e das possíveis demissões, pensou consigo mesmo que dez anos de trabalho na Gunman & Co. era um verdadeiro contrato, não iam despedi-lo assim!

Ele fez parte das primeiras listas de demissões.

A bem dizer, foi o primeiro a ser demitido. Enfiou um punho raivoso no bolso da calça e o forro cedeu num rangido agudo que agiu diretamente sobre seus dentes. Fez uma careta, sacudiu a cabeça e virou para a cozinha, em direção a sua mulher, para

perguntar se não poderia consertar o estrago. Só depois lembrou que estava de partida. Fazendo as malas. Puxou os bolsos para fora, o forro dos dois estava furado.

Deixou-se cair na cama e fitou a ponta dos sapatos.

Procurar trabalho era desanimador: não passava de um número num envelope com um carimbo em cima. Pensou nos

13

braços de Mylène. Costumava lhe contar o que faria no dia em que fosse seu próprio patrão. “Com a minha experiência”, explicava, “com a minha experiência...” Conhecida o vasto mundo, falava inglês e espanhol, sabia manter um livro contábil, suportava frio e calor, poeira e monções, mosquitos e répteis. E ela ouvia. Tinha confiança nele. E tinha algumas economias que vieram de seus pais. Ele ainda não tinha dito sim. Não perdia a esperança de encontrar um sócio mais seguro para compartilhar aquela aventura.

Conheceu-a numa tarde em que levou Hortense ao cabeleireiro, no dia de seu aniversário de 12 anos. Mylène ficou tão impressionada com a atitude da menina que resolveu lhe oferecer seus cuidados de manicure. Hortense entregou-lhe as mãos como se estivesse concedendo um privilégio. “Sua filha é uma alteza real”, disse ela, quando ele chegou para pegá-la. Depois, quando tinha tempo, costumava polir as unhas da menina e Hortense ia embora com os dedos abertos, admirando as unhas brilhantes.

Ele se sentia bem com Mylène. Era uma loura pequena, viva, toda cremosa. Com certos pudores e uma certa timidez que o

deixavam à vontade e o tranquilizavam.

Retirou os ternos do armário, todos com o melhor corte, todos com o melhor tecido. Sim, teve dinheiro, muito dinheiro. E gostava de gastar. “E ainda vou ter de novo”, disse alto. “Você tem 40 anos, meu velho, sua vida não acabou! Não acabou mesmo!” Sua mala logo ficou pronta. No entanto, fingiu que estava procurando as abotoaduras, resmungando bem alto na esperança de que Joséphine ouvisse e viesse implorar para que ficasse.

Avançou pelo corredor e parou na entrada da cozinha.

Aguardou, ainda esperando que ela desse um passo em sua direção, esboçasse uma reconciliação... Mas como ela não se mexia e continuava de costas, ele declarou:

— Muito bem... É isso! Estou indo...

— Ótimo. Pode ficar com as chaves. Certamente esqueceu alguma coisa e terá que passar para pegar. Avise antes de vir, para que eu não esteja aqui. Será melhor assim...

— Tem razão, fico com elas... O que vai dizer às meninas?

— Não sei. Ainda não pensei...

— Gostaria de estar aqui quando for falar com elas...

14

Ela fechou a torneira, apoiou-se na pia e, sempre de costas, disse:

— Se não achar inconveniente, direi a verdade. Não tenho vontade de mentir... Já é bastante penoso do jeito que está.

— Mas o que vai dizer? — perguntou, angustiado.

— A verdade: papai não tem mais trabalho, papai não está bem, papai precisava tomar ar e então papai foi embora...

— Tomar ar? — repetiu num eco tranquilizador.

— Isso! É o que diremos. Tomar ar.

— Está ótimo, “tomar ar”... Não é definitivo. É ótimo.

Cometeu o erro de se encostar na porta e a nostalgia o invadiu novamente. Ficou grudado no chão, privado de qualquer iniciativa.

— Vá embora, Antoine. Não temos mais nada a dizer. Estou pedindo, vá embora!

Ela se virou e indicou o chão com os olhos. Ele seguiu seu olhar e encontrou a mala de rodinhas, pousada a seus pés. Tinha esquecido completamente dela. Então era mesmo verdade: estava partindo!

— Pois bem... Até logo... Se quiser falar comigo...

— Ligue para mim... ou deixo um recado no salão de Mylène.

Suponho que ela saberá onde te encontrar, não?

— Sobre as plantas, precisa regar duas vezes por semana e colocar fertilizante uma...

— As plantas? Quero que morram! É a menor das minhas preocupações.

— Por favor, Joséphine! Não fique assim... Posso ficar se você quiser...

Ela o fulminou com os olhos. Ele deu de ombros, pegou a mala e saiu em direção à porta.

Foi só então que ela começou a chorar. Agarrada à borda da pia, chorou e chorou. Suas costas eram sacudidas pelos soluços. Chorou primeiro pelo vazio que aquele homem ia deixar em sua vida: 16 anos de vida em comum, seu primeiro homem, seu único homem, o pai de suas duas filhas. Depois chorou pensando nas duas filhas. Nunca mais teriam o sentimento de segurança, a

15

certeza de ter um pai e uma mãe que velam por elas. Por fim, chorou de medo diante da ideia de viver sozinha. Antoine cuidava das contas, Antoine fazia a declaração do imposto de renda, Antoine pagava o empréstimo do apartamento, Antoine escolhia o carro, Antoine desentupia a pia. Ela contava com ele para essas coisas e cuidava da casa e da escola das meninas.

Foi tirada de seu desespero pela campainha do telefone.

Fungou e atendeu, engolindo as lágrimas.

— É você, querida?

Era Iris, sua irmã mais velha. Falava sempre num tom alegre e muito animado, como se estivesse encarregada de anunciar as promoções de um supermercado. Iris Dupin, 44 anos, alta, morena, magra, longos cabelos negros que ela penteava como um perpétuo véu de noiva. Iris que devia seu nome à cor dos grandes lagos de um azul intenso que lhe serviam de olhos. Quando as duas eram pequenas, as pessoas paravam sua irmã na rua. “Meu Deus! Meu Deus!”, repetiam elas, mirando o olhar sombrio, profundo, orlado de violeta com um minúsculo brilho dourado. “Não é possível! Venha

ver, querido! Nunca vi olhos assim!” Iris se deixava admirar, até que, satisfeita e saciada, arrastava a irmã pela mão soprando entre os dentes “Que cafonas! Num viram nada! Tem que viajar, cara! Viajar!”. Essa última frase deixava Joséphine em êxtase: ela partia como um helicóptero, os braços totalmente abertos, rodando sobre si mesma e rindo às gargalhadas.

Em seu tempo, Iris lançou todas as modas, acumulou todos os diplomas, seduziu todos os homens. Iris não vivia, Iris não respirava: Iris reinava.

Aos 20 anos, partiu para estudar nos Estados Unidos, em Nova York, Universidade de Columbia, departamento de cinema. Passou seis anos lá, foi a primeira *ex aequo* de sua turma, ganhou a possibilidade de fazer um média-metragem de trinta minutos. No final de cada ano, os dois melhores alunos recebiam uma verba para fazer um filme. Iris foi um deles. O outro diplomando, um jovem húngaro, um gigante tenebroso e cabeludo, aproveitou-se da cerimônia de entrega dos prêmios para beijá-la nos bastidores. A anedota entrou para os anais da família. O futuro de Iris se inscrevia em letras brancas nas colinas de Hollywood. E um dia, sem qualquer aviso, sem que ninguém pudesse prever tal reviravolta, Iris se casou. Tinha acabado de completar 30 anos, estava voltando dos Estados Unidos, onde ganhou um prêmio no

festival de Sundance, pretendia realizar um longa-metragem do qual todos falavam muito bem. Um produtor deu sua aprovação

inicial e... Iris desistiu. Sem dar nenhum tipo de explicação: ela não se justificava jamais. Voltou para a França e casou.

De véu e grinalda, diante do juiz de paz e do padre. No dia do casamento, a sala da prefeitura teve lotação esgotada. Foi preciso acrescentar cadeiras e tolerar que algumas pessoas se espremessem na borda das janelas. Todos prendiam a respiração, esperando que a qualquer momento ela arrancasse o vestido e aparecesse totalmente nua, gritando: “Brincadeirinha!” Como num filme.

Mas não aconteceu nada disso.

Ela parecia seduzida e apaixonada! Por um certo Philippe Dupin, que ronronava metido em seu fraque. “Quem é ele? Quem é ele?”, perguntavam os convidados, examinando-o disfarçadamente. Ninguém conhecia. Iris contava que tinham se encontrado num avião e que tinha sido *love at first sight*. Bonitão, o tal Philippe Dupin. Na verdade, a julgar pelos olhares gulosos das mulheres, devia ser um dos homens mais bonitos que a Terra jamais produziu! Dominava a multidão de amigos de sua mulher com uma negligência salpicada de desdenhosa condescendência. “Trabalha em quê? Homem de negócios... E por que tão rápido? Acha que...”, na falta de informações mais precisas, as más línguas bisbilhotavam. O pai e a mãe do noivo encaravam o acolhimento com a mesma atitude levemente arrogante do filho, deixando entender que este último não estava fazendo exatamente um bom casamento. Os convidados se foram, indignados. Iris não divertia

mais ninguém. Iris já não fazia sonhar. Tinha se tornado terrivelmente normal, o que era, em seu caso, de extremo mau gosto. Alguns nunca mais a viram. Depois da queda, sua coroa não parou de rolar pelo chão.

Iris declarou que estava pouco se lixando e resolveu se dedicar de corpo e alma ao marido.

Philippe Dupin era um homem congestionado de certezas.

Tinha montado seu próprio escritório de direitos internacionais do comércio, associando-se em seguida a várias grandes estrelas das praças de Paris, Milão, Nova York e Londres. Era um advogado astucioso que só aceitava casos impossíveis. Obteve sucesso e não conseguia compreender por que todo mundo não se comportava como ele. Sua divisa era vigorosa: “Querer é poder.” Costumava

17

pronunciá-la deixando-se cair em sua grande poltrona de couro preto, esticando os braços e estalando os dedos, com os olhos nos olhos do interlocutor como se estivesse revelando uma verdade primordial.

Acabou influenciando Iris, que riscou de seu vocabulário as palavras dúvida, angústia, hesitação. Iris tinha se tornado, ela também, confiante e enfática. Uma criança obedece e brilha na escola, um marido ganha dinheiro e mantém a família, uma esposa cuida da casa e honra seu marido. Iris se mantinha linda, alerta e sedutora. Alternava sessões de massagem e de jogging, massagem facial e tênis no Racing. Dedicava-se ao ócio, por certo, mas “há

mulheres de ociosidade congestionada e mulheres de ociosidade disciplinada. Trata-se de uma arte”, afirmava ela. Era evidente que se colocava na segunda categoria e sentia o mais profundo desprezo pelas ociosas sobrecarregadas.

Devo pertencer a um outro mundo, pensava Joséphine, ouvindo a metralhadora de sua irmã, cujo tema agora era a mãe.

A cada 15 dias, sempre às terças, Iris recebia a Senhora sua mãe para jantar, e o dever das duas nessas noites era paparicar a progenitora. Felicidade e sorrisos eram a regra desses jantares em família. Inútil dizer que Antoine fazia, com certo sucesso, o possível para evitá-los e quase sempre encontrava uma boa desculpa para se ausentar. Não suportava Philippe Dupin, que se sentia obrigado a explicar cada sigla quando falava com ele — “a COB, Comissão de Operações de Bolsa, Antoine” —, e também não suportava Iris, pois o modo como falava com ele fazia com que se sentisse um chiclete mascado e colado na sola de seus escafpins. “Quando ela me dá bom-dia”, reclamava, “tenho medo de que seu sorriso me aspire e me jogue numa outra dimensão!” É bem verdade que Iris tinha a pior impressão de Antoine. “E então, em que pé está o seu marido?”, era sua frase favorita, que fazia Joséphine murmurar invariavelmente: “Nada ainda, nada ainda.” “Ah, bom... Ainda não se arrumou!”, suspirava Iris, acrescentando: “A pergunta, aliás, é como ele poderia se arrumar: tanta pretensão para tão poucos recursos!” Tudo em minha irmã é artificial, pensou Joséphine, apertando o telefone contra o ombro. Quando Iris sente o menor

sinal de simpatia ou impulso de solidariedade, ela consulta seu guia médico, com medo de alguma doença.

— O que houve? Está com uma voz estranha... — perguntou Iris naquela manhã.

18

— Estou resfriada.

— Claro, bem que eu vi... E amanhã à noite... O jantar com a mamãe... Não me diga que esqueceu!

— É amanhã?

Tinha esquecido completamente.

— Onde você anda com a cabeça, minha querida?

Se ela soubesse, pensou Joséphine, procurando um lenço de papel para assoar o nariz.

— Volte para esse século, esqueça os seus trovadores! Você anda muito distraída. Seu marido vem ou já encontrou uma desculpa para não aparecer?

Joséphine sorriu tristemente. Vamos dizer assim, pensou, não aparecer, tomar um ar, se evaporar, virar fumaça. Antoine estava se transformando num gás volátil.

— Ele não vai...

— Bem, vamos ter que encontrar uma boa desculpa para a mamãe. Sabe que ela não gosta dessas ausências...

— Francamente, Iris, se soubesse como ando sobrecarregada!

— Você é boa demais com ele! Se fosse eu, já teria batido a porta na cara dele há muito tempo. Enfim... É o seu jeito, ninguém

vai conseguir te mudar, minha pobre irmãzinha...

Agora, a comisseração. Joséphine suspirou. Desde que eram crianças, ela era Jo, a ingênua, a intelectual, a sem graça, à vontade só no meio de teses obscuras, palavras complicadas, longas pesquisas em bibliotecas, entre outros esnobes malvestidos e espinhentos. Era a que se saía bem nas provas, mas não sabia fazer um simples traço de delineador. A que torcia o tornozelo na escada porque estava lendo *A teoria dos climas*, de Montesquieu, ou tentava ligar a torradeira na torneira porque estava ouvindo um programa na France Culture, que falava das flores de cerejeira de Tóquio. A que ficava de luz acesa até tarde da noite, debruçada sobre seus papéis, enquanto a irmã mais velha saía e fazia sucesso e criava e enfeitiçava. Iris para cá, Iris para lá, dava para fazer uma ária de ópera.

Quando Joséphine recebeu o diploma de letras clássicas, sua mãe perguntou o que pretendia fazer: “Para onde isso tudo vai te levar, minha pobre menina? A servir de alvo numa escola dos

19

subúrbios de Paris? A ser violentada em cima de uma lata de lixo?”

E quando ela prosseguiu, redigindo sua tese e artigos que eram publicados em revistas especializadas, encontrou apenas

interrogações e ceticismo. “‘O crescimento econômico e o

desenvolvimento social na França dos séculos XI e XII’, minha

querida? Quem você acha que vai se interessar por uma coisa

dessas? Melhor seria escrever uma saborosa biografia de Ricardo

Coração de Leão ou Filipe Augusto, isso sim despertaria o interesse!

Daria para fazer um filme, uma novela de TV! Rentabilizar todos esse longos anos de estudos que financiei com o suor de meu rosto!” Depois ela soprava como uma cascavel, irritada com a lenta evolução de sua filha, dava de ombros e suspirava: “Como pude trazer ao mundo uma menina como essa?” A Senhora sua mãe sempre se colocou tal questão. Desde os primeiros passos de Joséphine. Seu marido, Lucien Plissonnier, tinha o hábito de responder: “A cegonha deve ter se enganado de endereço.” Diante da baixa hilaridade que suas intervenções provocavam, ele acabou se calando. Definitivamente. Numa noite de 13 de julho, levou a mão ao peito e ainda teve tempo de dizer: “É cedo demais para explodir os fo-gos”, antes de se apagar. Joséphine e Iris tinham 10 e 14 anos. O enterro foi magnífico, a Senhora sua mãe, majestosa. Orquestrou toda a cerimônia nos mínimos detalhes: flores brancas em grandes buquês jogados sobre o caixão, uma marcha fúnebre de Mozart, a escolha dos textos que seriam lidos por cada membro da família. Henriette Plissonnier ainda copiou o véu negro de Jackie Kennedy e pediu às filhas que beijassem o caixão antes que ele deslizesse para o ventre da terra.

Joséphine também se perguntava como poderia ter passado nove meses no ventre daquela mulher que diziam ser sua mãe.

No dia em que foi selecionada para o CNRS — três candidatos escolhidos em 123 pretendentes! — e correu para o telefone para anunciar a boa notícia à mãe e a Iris, foi obrigada a

repetir, a se esgoelar, pois nem uma nem a outra compreendiam seu entusiasmo. CNRS? Mas o que ia fazer naquela prisão? Teve que chegar a uma conclusão: ela não despertava o interesse daquelas duas. Houve um momento em que duvidou, mas teve a confirmação naquele dia. Apenas o casamento com Antoine conseguiu animá-las. Casando-se, ela se tornava finalmente inteligível. Deixava de ser o pequeno gênio desajeitado para se transformar numa mulher como as outras, com um coração a ser

20
conquistado, um ventre a ser fecundado, um apartamento a ser decorado.

Mas não demorou muito para que a Senhora sua mãe e Iris se decepcionassem: Antoine jamais daria conta do recado. Seu cabelo repartido era nítido demais — nenhum charme —, suas meias, curtas demais — nenhuma classe —, seu salário, insuficiente e de proveniência duvidosa — vender fuzis é infame! — e sobretudo, so-bre-tu-do, ficava tão intimidado pela família da esposa que transpirava abundantemente em sua presença. Não uma transpiração leve, que desenhasse delicadas auréolas sob suas axilas, mas uma coisa excessiva que ensopava sua camisa, obrigando-o a fugir para se secar. Uma desvantagem manifesta que não podia passar despercebida e deixava todo mundo constrangido. Isso só acontecia com a família de Joséphine. Nunca havia transpirado na Gunman & Co. Nunca. “Deve ser porque você vive quase o tempo todo ao ar livre”, tentava explicar Joséphine,

estendendo para ele a camisa de reserva que trazia para cada reunião familiar. “Você nunca vai poder trabalhar num escritório!”

Na mesma hora, Joséphine sentiu um impulso de pena de Antoine e, esquecendo a discrição que tinha decidido adotar, se deixou levar e falou com Iris.

— Acabei de expulsá-lo de casa! Ai, Iris, o que vai ser de nós?!

— Você expulsou o Antoine? De verdade?

— Não aguentava mais. Ele é gentil, não é fácil para ele, é verdade, mas... Não aguentava mais vê-lo ali, sem fazer nada.

Talvez eu não tenha tido coragem bastante, mas...

— Tem certeza de que é só isso? Não tem nenhum outro motivo que está tentando esconder?

Iris tinha abaixado um tom. Lançava mão de sua voz de confessor, que usava quando pretendia extorquir confidências da irmã. Joséphine não conseguia esconder nada de Iris. Incapaz de dissimular o menor pensamento, ela acabava se rendendo. Pior: ela entregava seu segredo. Tinha a impressão de que era o único jeito de conseguir sua atenção, o único modo de ser amada.

— Não sabe como é viver com um marido desempregado...

Quando estou trabalhando, chego a me sentir culpada. Trabalho escondido, por trás das batatas a descascar e das panelas.

21

Olhou para a mesa da cozinha e pensou que precisava limpá-la antes que as meninas voltassem da escola para almoçar. Já tinha

feito as contas: era mais barato do que a cantina.

— Pensei que depois de um ano já tinha se habituado.

— Que maldade!

— Desculpe, querida. Mas você parecia estar sempre do lado dele, pronta para defendê-lo... Bem, o que vai fazer agora?

— Não tenho a menor ideia. Continuar trabalhando, com certeza, mas preciso encontrar mais alguma coisa... Umas aulinhas de francês, de gramática, de ortografia, sei lá!

— Não deve ser difícil, a quantidade de péssimos alunos hoje em dia! A começar por seu sobrinho... Alexandre chegou em casa ontem com um 0,5 no ditado. Meio, imagine! Precisava ver a cara do pai dele... Pensei que fosse morrer sufocado!

Joséphine não conseguiu evitar um sorriso. O excelente Philippe Dupin, pai de uma anta!

— Na escola dele, a professora tira três pontos por cada erro.

É rapidinho!

Alexandre era o filho único de Philippe e Iris Dupin. Dez anos, a mesma idade de Zoé. Nas reuniões de família, acabavam sempre afastados de todos, debaixo de uma mesa conversando, muito sérios e concentrados, ou em silêncio, construindo maquetes gigantes. Eles se comunicavam com piscadelas e sinais que usavam como uma verdadeira linguagem, o que irritava Iris, que ameaçava o filho com descolamentos de retina ou, quando estava com muita raiva, com uma cretinização garantida. “Meu filho vai acabar retardado e cheio de tiques por culpa de sua filha!”, prognosticava,

acusando Zoé com o dedo.

— As meninas já sabem?

— Por enquanto, não...

— Ah... E como pretende contar?

Joséphine ficou muda, arranhando a ponta da mesa de fórmica com a unha, formando uma bolinha negra que jogou em seguida no chão da cozinha.

Iris recomeçou. Tinha mudado de tom novamente. Falava agora com uma voz doce, envolvente, uma voz que tranquilizava, relaxava e que lhe deu vontade de começar a chorar de novo.

22

— Estou aqui, querida, sabe que pode contar comigo sempre, nunca vou deixar você na mão. Amo você tanto quanto amo a mim mesma e você sabe que não é pouca coisa.

Joséphine deu uma risadinha abafada. Iris conseguia ser tão engraçada! Antes de seu casamento, as duas sempre compartilhavam grandes risadas. Mas depois ela se transformou numa dama da sociedade, numa senhora responsável e muito ocupada. Que tipo de casal ela e Philippe formavam? Nunca surpreendeu os dois num momento de abandono, trocando um olhar carinhoso ou um beijo. Pareciam estar sempre atuando. Naquele instante, a campainha da porta tocou e Joséphine se interrompeu.

— Devem ser as meninas... Vou desligar e, por favor, nenhuma palavra amanhã à noite. Não quero que isso se

transforme no tema central da conversa!

— Certo, até amanhã. E não esqueça: nem a aranha arranha a rã, nem a rã arranha a aranha!

Joséphine desligou, enxugou as mãos, tirou o avental, o lápis dos cabelos, sacudiu-os para dar volume e correu para abrir a porta. Hortense se enfiou pela porta adentro sem dizer bom-dia ou sequer olhar para a mãe.

— Papai tá aí? Tirei 8,5 em redação! Ainda por cima, com aquela vagabunda da madame Ruffon!

— Hortense, olhe o respeito, por favor! É sua professora de francês!

— Uma vaca, isso sim.

A adolescente não saiu correndo para beijar a mãe ou pegar um pedaço de pão. Não largou a pasta de um lado e o casaco do outro, mas pousou a primeira no chão e retirou o segundo com a elegância graciosa de uma debutante que deixa seu longo casaco de gala no vestiário.

— Não vai dar um beijo na mamãe? — perguntou Joséphine, percebendo contrariada a ponta de súplica em sua própria voz.

Hortense estendeu o rosto aveludado e macio na direção da mãe, erguendo a massa de cabelos castanho-avermelhados para se refrescar.

— Que calorão! Tropical, como diria papai.

23

— Quero um beijo de verdade, querida — implorou

Joséphine, perdendo toda a dignidade.

— Ai, mamãe, sabe que não gosto quando fica grudenta assim.

Roçou a face estendida da mãe com os lábios e retomou o discurso:

— O que temos para o almoço?

Foi até o fogão e levantou a tampa da panela à espera de um bom guisado. Aos 14 anos, já tinha a segurança e o porte de uma mulher. Usava roupas bem simples, mas tinha arregaçado as mangas da camisa, fechado a gola, colocado um broche, apertado a cintura com um cinto largo que transformava o uniforme numa foto de moda. Os cabelos acobreados destacavam uma pele clara, e os grandes olhos verdes exibiam uma leve expressão de surpresa, nuançada por um desdém imperceptível que mantinha todo mundo a distância. Se havia uma palavra que parecia feita sob medida para Hortense, era exatamente “distância”. De quem ela herdou essa indiferença?, ruminava Joséphine toda vez que observava a filha. Com certeza não foi de mim. Perto de minha filha, não passo de uma desengonçada.

Ela tem sabor de arame farpado, pensou depois de beijá-la.

Culpada por ter formulado uma ideia daquelas, beijou-a de novo, o que irritou mais ainda a adolescente, que se afastou.

— Batata frita e ovos estrelados...

Hortense esboçou uma expressão desgostosa.

— E a dieta balanceada, mamãe? Não tem um bife grelhado?

— Não, eu... Bem, não deu tempo de ir ao...

— Já entendi. Não temos dinheiro, a carne está muito cara!

— É que...

Joséphine nem tinha acabado a frase quando a outra menina surgiu na cozinha e se jogou contra suas pernas.

— Mamãe! Mãezinha! Encontrei com Max Barthillet na escada e ele me convidou pra ver *Peter Pan* na casa dele! No DVD...

O pai dele comprou! Posso ir hoje à tarde, quando sair da escola?

Não tenho dever pra amanhã. Diz que sim, mamãe, diz!

24

Zoé levantou um rosto cheio de confiança e amor para a mãe, que não resistiu e apertou-a nos braços dizendo: — É claro, queridinha, minha linda, meu bebê...

— Max Barthillet? — bufou Hortense. — Vai deixá-la ir sozinha à casa dele? Tem a minha idade e está na turma de Zoé!

Não para de ser reprovado, vai acabar virando açougueiro ou bombeiro.

— Não há nenhuma vergonha em ser açougueiro ou bombeiro — protestou Joséphine. — Se ele não tem jeito para os estudos...

— Não queria muita intimidade com ele. Tenho medo que fiquem sabendo! A reputação dele é péssima, com aquelas calças largas, aqueles cintos esburacados e aqueles cabelos compridos demais.

— Ah, que medrosa! Que medrosa! — entoou Zoé. — Para

começar, foi a mim que ele convidou e não você! E eu vou, não é, mamãe? Porque não tô nem aí se ele vai ser bombeiro! Acho Max Barthillet lindo! O que tem para comer? Tô morrendo de fome.

— Batata frita e ovo estrelado.

— Hummm! Posso furar a gema dos ovos, mamãe? Posso remexer com o garfo e botar um monte de ketchup?

Hortense deu de ombros diante do entusiasmo da irmã mais nova. Aos 10 anos, Zoé ainda tinha feições de bebê: bochechas arredondadas, braços gordinhos, sardinhas no nariz, covinhas pontuando os lados da boca. Era toda rechonchuda, gostava de dar beijos vigorosos, que estalavam barulhentos depois que tomava impulso, e agarrava o feliz destinatário como se fosse um atacante de rúgbi. Em seguida, se aninhava e ronronava, enrolando uma mecha dos cabelos castanho-claros.

— Max Barthillet convidou você porque quer se aproximar de mim — declarou Hortense, mordiscando uma batata com a pontinha dos dentes brancos.

— Ai, que metida! Pensa que é tudo só para ela. Ele me convidou. Eu, só eu, mais ninguém! Lá, lá, lá, lá! Nem olhou pra você na escada! Nem pensou em você.

— A ingenuidade às vezes beira a imbecilidade — replicou Hortense, desafiando a irmã.

— O que isso quer dizer, mamãe?

25

— Quer dizer que vocês duas vão calar a boca e vão comer

em paz!

— E você, não vai comer? — perguntou Hortense.

— Estou sem fome — respondeu Joséphine, sentando ao lado das filhas.

— Max Barthillet pode continuar sonhando — disse

Hortense. — Não tem a menor chance. Quero um homem bonito, forte, sexy como Marlon Brando.

— Quem é Marion Bardot, mamãe?

— Um grande ator americano, querida...

— Marlon Brando! Ele é lindo, como é lindo! Fez *Uma rua chamada pecado*, papai me levou pra ver... Ele me disse que é uma obra-prima do cinema!

— Hummm! Suas batatas fritas estão uma delícia, mãezinha.

— Falando nisso, papai não tá em casa? Tinha algum encontro? — inquiriu Hortense, limpando a boca.

O momento que Joséphine temia tinha chegado. Pousou os olhos no olhar interrogativo de sua filha mais velha e depois na cabeça inclinada de Zoé, ocupada em molhar as fritas na gema dos ovos empapadas de ketchup. Vou ter de falar. Não adianta tentar deixar para mais tarde ou mentir. Acabariam sabendo a verdade. Mas precisava conversar com elas separadamente, uma primeiro, a outra depois. Hortense era tão ligada a ele, achava o pai muito “chique”, cheio de “classe”, e ele era capaz de ficar de quatro para agradá-la. Nunca permitiu que discutissem na frente delas sobre a falta de dinheiro ou as angústias de um futuro incerto. Mas todo

aquele cuidado não era para Zoé, era para a filha mais velha.

Aquele amor incondicional era tudo o que lhe restava dos esplendores passados. Hortense costumava ajudá-lo a desfazer as malas quando voltava de viagem, acariciando o tecido de seus ternos, elogiando a qualidade das camisas, alisando as gravatas entre os dedos, alinhando-as uma a uma no triângulo do cabide de gravatas. Você é lindo, papai! Lindo! E ele se deixava amar, se deixava lisonjear, tomando-a nos braços e entregando discretamente um presentinho só para ela, um pequeno segredo entre os dois. Joséphine os surpreendeu várias vezes naqueles cochichos de conspiradores apaixonados. E se sentia excluída por sua cumplicidade. Havia duas castas naquela família: os senhores, Antoine e Hortense, e os vassalos, Zoé e ela.

26

Não podia mais recuar. O olhar de Hortense tornou-se pesado, frio. Esperava uma resposta para a pergunta que tinha feito.

— Ele saiu...

— E quando volta?

— Não volta mais... Quer dizer, não para cá.

Zoé levantou a cabeça e Joséphine leu em seus olhos que estava tentando compreender o que a mãe tinha dito, mas não

consequia.

— Ele foi embora... pra sempre? — perguntou Zoé, a boca aberta de susto.

— Temo que sim.

— Ele não vai ser mais meu pai?

— Vai... Claro que sim! Só não vai mais morar aqui, conosco.

Joséphine tinha medo, muito medo. Poderia indicar

precisamente onde tinha medo, medir o comprimento, espessura e diâmetro da barra que esmagava seu peito, impedindo-a de respirar. Gostaria de poder se aninhar nos braços das filhas.

Gostaria que as três se abraçassem e repetissem uma frase mágica como a da rã e da aranha que não se arranham. Gostaria de muita coisa, rebobinar o tempo, respirar de novo o ar da felicidade, o primeiro bebê, a nova maternidade, o segundo bebê, as primeiras férias a quatro, a primeira briga, a primeira reconciliação, o primeiro silêncio que diz muito, mas começa a instalar o silêncio que já não diz mais nada, que finge; compreender quando o mecanismo tinha se quebrado, quando o rapaz charmoso com quem se casou tinha se transformado em Tonio Cortès, o marido cansado, irritadiço, desempregado: parar o tempo e voltar, para trás, para trás...

Zoé começou a chorar. Seu rosto se enrugou, se torceu, ficou vermelho e as lágrimas brotaram. Joséphine se debruçou sobre a filha e tomou-a nos braços. Escondeu o rosto nos cabelos macios e encaracolados de sua caçula. Simplesmente não podia cair no

choro. Precisava se mostrar forte e determinada. Precisava mostrar às duas que não tinha medo, que ia protegê-las. E começou a falar sem tremer. Repetiu tudo que os manuais de psicologia aconselham aos pais quando se separam. Papai ama mamãe. Mamãe ama papai. Papai e mamãe amam Hortense e Zoé, mas papai e mamãe

27

não conseguem mais viver juntos. Por isso, papai e mamãe vão se separar. Mas papai vai amar Hortense e Zoé para sempre e estará sempre lá quando precisarem, sempre. Tinha a impressão de que estava falando de pessoas que não conhecia.

— Acho que não deve ter ido muito longe — declarou

Hortense, com uma vozinha aborrecida. — Que horror! Com certeza está perdido e não sabe mais o que fazer!

Suspirou, largou a batata que estava mordiscando com um ar contrariado e, olhando para a mãe, acrescentou:

— Pobre de você, mamãe, o que vai fazer?

Joséphine se sentiu uma coitada, mas ficou aliviada ao receber aquela prova de comiseração da filha mais velha. Bem que gostaria que Hortense continuasse a consolá-la, mas se recuperou rapidamente: era ela quem tinha de consolar a filha. Estendeu o braço para Hortense, que acariciou sua mão em cima da mesa.

— Tadinha da minha mãezinha... — suspirou Hortense.

— Vocês não brigaram? — perguntou Zoé, os olhos cheios de medo.

— Não, querida, tomamos essa decisão como duas pessoas

adultas e responsáveis. Seu pai está muito triste porque ama muito vocês duas, muito mesmo. Mas não é culpa dele, sabe? Um dia, quando for maior, você vai compreender que na vida não dá para fazer sempre o que queremos. Às vezes, em vez de resolver, a gente tem que aceitar. Seu pai estava passando por um monte de coisas desagradáveis e preferiu sair, tomar ar para não deixar seus problemas caírem sobre nós. Quando arranjar um emprego, ele vai explicar a vocês tudo o que aconteceu com ele...

— Então ele vai voltar, mamãe, não vai?

— Não diga besteira, Zoé — interrompeu Hortense. — Papai foi embora, ponto final. E não vai voltar, se quer saber minha opinião. Quanto a mim, não estou entendendo... É uma ordinária, só isso!

Pronunciou aquela palavra com um ar enojado, e Joséphine compreendeu que ela sabia. Sabia da história do pai. Deve ter sabido bem antes dela. Quis conversar, mas hesitou por causa de Zoé.

28

— Bem, o único problema é que agora vamos ficar realmente pobres... Espero que ele nos dê algum dinheiro. Ele tem obrigação, não?

— Ouça, Hortense... Ainda não falamos sobre isso.

Ela parou, consciente de que Zoé não deveria ouvir o resto da conversa.

— Vá lavar o rostinho, meu amor, e assoar o nariz —

aconselhou a Zoé, tirando-a dos joelhos e empurrando-a para fora da cozinha.

Zoé saiu fungando e arrastando os pés.

— Como é que você soube? — perguntou Joséphine a Hortense.

— Como soube de quê?

— Dessa... Dessa mulher.

— Ora, mamãe... O bairro inteiro sabe! Eu ficava chateada por você! E me perguntava como fazia pra não notar nada...

— Bem, eu sabia, mas fechava os olhos...

Não era verdade. Ficou sabendo na véspera, por uma vizinha do seu andar, Shirley, que usava os mesmos argumentos que sua filha: “Ora, Joséphine, abra os olhos, merda! Ele com outra e você nem aí! Acorde! Até a mulher da padaria se controla para não rir quando você vai comprar seu pão!”

— Quem lhe contou? — insistiu Joséphine.

O olhar de Hortense deixou-a gelada. Era um olhar frio, cheio de desprezo, de uma mulher que sabe para uma mulher que não sabe, o olhar de uma cortesã experiente para uma simplória.

— Mãezinha, você precisa abrir os olhos. Já viu o jeito que está se vestindo? Que arruma os cabelos? Você parou de se cuidar.

Não espanta que ele tenha procurado lá fora! Já está mais do que na hora de abandonar a Idade Média para viver em nosso tempo.

A mesma voz, a mesma condescendência desdenhosa, os mesmos argumentos do pai. Joséphine fechou os olhos, colocou as

duas mãos nas orelhas e começou a gritar.

— Hortense, proíbo você de falar comigo nesse tom... Se estamos sobrevivendo há algum tempo, é justamente graças a mim e ao século XII! Goste você ou não. E proíbo você de me olhar

29

assim. Sou sua mãe, não esqueça nunca disso, sua mãe! E você deve... Você não deve... Você deve me respeitar.

Ela gaguejava, era simplesmente ridícula. Um medo novo apertou sua garganta: nunca conseguiria educar as duas filhas, não tinha autoridade suficiente, ia ser completamente sufocada.

Quando reabriu os olhos, viu que Hortense olhava para ela como se a visse pela primeira vez e o que entreviu no olhar da filha não era reconfortante. Sentiu uma vergonha horrível de ter perdido o controle dos nervos. Não posso confundir as coisas, pensou, sou eu quem tem de dar o exemplo; agora, eu sou a única referência.

— Sinto muito, minha querida.

— Não tem importância mamãe, não é grave. Está cansada, com os nervos à flor da pele. Vá se deitar um pouco, vai se sentir melhor depois...

— Obrigada, querida, obrigada... Vou ver o que Zoé está fazendo.

Assim que o almoço terminou e as meninas voltaram para a escola, Joséphine bateu na porta de Shirley, sua vizinha. Na verdade, não suportava mais ficar sozinha.

Gary, filho de Shirley, abriu a porta. Tinha um ano mais do

que Hortense e era da mesma turma que ela, mas esta última se recusava a voltar com ele da escola, sob o pretexto de que era um mal-educado. Preferia ficar sem a matéria quando estava doente e tinha que faltar, para não ficar devendo nada a ele.

— Não foi à aula? Hortense já saiu.

— Não fizemos as mesmas escolhas. Volto às duas e meia, na segunda-feira... Quer ver minha nova invenção? Olhe.

Mostrou dois Tampax e balançou-os sem deixar os cordões se embaraçarem. Era estranho: cada vez que um dos tampões se aproximava do outro, quase enrolando os fiozinhos de algodão branco, ele ficava imóvel, começava a balançar, depois a girar em pequenos círculos, depois em círculos cada vez maiores, sem que Gary precisasse mexer os dedos. Joséphine ficou olhando, espantada.

— Inventei o movimento perpétuo sem fonte de energia poluente.

30

— Isso me faz pensar numa espécie de ioiô. Sua mãe está?

— Na cozinha. Está fazendo faxina...

— Você não ajuda, não?

— Ela não quer, prefere que fique inventando minhas coisas.

— Boa sorte, Gary!

— Você nem perguntou como foi que fiz!

Estava decepcionado e agitava os dois Tampax como dois pontos de interrogação.

— Você não é legal...

Na cozinha, Shirley parecia muito ocupada. Com um grande avental amarrado ao redor da cintura, ela limpava os pratos, raspando os restos e jogando na lixeira, e abria bem a torneira da pia. Enquanto isso, no fogão, em grandes panelas de ferro, borbulhava alguma coisa que, pelos cheiros delicados que emanava, devia ser coelho na mostarda e sopa de legumes. Shirley era adepta incondicional de produtos naturais e frescos. Não comia nada em conserva, nenhum congelado, lia com atenção todas as etiquetas coladas nos iogurtes e só autorizava Gary a comer um alimento químico por semana para imunizá-lo contra os perigos da alimentação moderna, como dizia ela. Lavava suas roupas à mão, com sabão de Marselha, e as botava para secar estendidas sobre longas toalhas; raramente via TV. Toda tarde ouvia a BBC, única rádio inteligente, em sua opinião. Era uma mulher grande, de ombros largos, cabelos louros curtos e espessos, grandes olhos dourados e uma pele de bebê colorida pelo sol. De costas, achavam que era um homem e passavam sem nenhuma cerimônia; de frente, afastavam-se com deferência para deixá-la passar. Meio homem, meio *femme fatale*, dizia ela rindo: posso dar um soco no metrô e reanimar meus agressores piscando os olhinhos! Shirley era faixa preta de jiu-jítsu.

Escocesa, contava que veio para a França para fazer um curso de hotelaria e nunca mais voltou. O charme francês! Ganhava a vida dando aulas de canto no conservatório de Courbevoie, aulas

particulares de inglês a executivos sedentos de sucesso e fazia bolos maravilhosos que vendia por 15 euros cada a um restaurante de Neuilly, que encomendava dez por semana. E às vezes mais. A casa dela cheirava a legumes refogados, bolos assando, chocolates derretendo, caramelos cristalizando, cebolas fritando e franguinhos dourando. Educava seu filho Gary sozinha, nunca falava do pai do

31

menino e, quando se falava do assunto, emitia alguns ruídos que indicavam o péssimo juízo que fazia dos homens em geral e deste último em particular.

— Sabe com o que seu filho está brincando, Shirley?

— Não...

— Com dois Tampax!

— Ah, bom... Mas não está colocando na boca, está?

— Não.

— Então perfeito! Pelo menos não vai se assustar da primeira vez que uma moça colocar algum diante de seu nariz.

— Shirley!

— Por que tanto espanto, Joséphine? Ele tem 15 anos, não é mais um bebê!

— Não vai ter nenhuma poesia, esse seu menino, se você mostrar e explicar tudo.

— Poesia é o cacete! É só uma coisa que inventaram para nos ferrar. Conhece alguma relação poética? Eu só conheço trapaças e massacres.

— Como você é dura, Shirley!

— E você, Joséphine, é perigosa com essas suas ilusões... A propósito, como vão as coisas?

— Tenho a sensação de estar vivendo a cem por hora desde hoje de manhã. Antoine foi embora. Quer dizer, mandei ele embora... Contei para minha irmã e para as meninas! Meu Deus!

Acho que fiz uma grande bobagem, Shirley...

Esfregou os braços com as mãos como se quisesse se aquecer, apesar do calor daquele dia de maio. Shirley indicou uma cadeira e ordenou que se sentasse.

— Você não é a primeira mulher separada do século XXI!

Somos uma multidão! Vou lhe contar um segredo: vai sobreviver e, mais que isso, vai sobreviver muito bem. O começo é difícil, admito, mas depois não queremos outra vida. Devíamos mandar o macho embora depois que ele nos fecundasse, como as fêmeas do reino animal. É um verdadeiro presente! Eu, por exemplo, às vezes tenho vontade de fazer pequenos jantares à luz de velas só para mim...

— Bem, ainda não cheguei lá...

32

— Estou vendo. Vamos, conte... Isso já deveria ter acontecido há muito tempo! Gary, está quase na hora de ir para escola, já escovou os dentes? Todo mundo sabia menos você. Era indecente.

— Hortense também me disse isso... Percebe? Minha filha de 14 anos sabia o que eu ignorava! Além de corna, devo parecer uma idiota. Mas quer saber de uma coisa, estou pouco me lixando e fico

me perguntando se não preferia não saber de nada...

— Está chateada comigo porque falei?

Joséphine contemplou o rosto puro e meigo de sua amiga, as minúsculas sardas no nariz curto e levemente arrebitado, os olhos cor de mel salpicados de verde, amendoados como os de uma máscara, e sacudiu lentamente a cabeça.

— Nunca poderia ficar chateada com você. Não tem maldade.

Deve ser a pessoa mais delicada do mundo. E depois, essa moça, Mylène, não tem nada a ver! Se ele tivesse continuado no emprego, jamais teria olhado para ela. Foi... Foi o que aconteceu com ele no trabalho: ser deixado de lado aos 40 anos é realmente desumano!

— Pare com isso, Jo. Está amolecendo. Daqui a pouco vai ser culpa sua!

— Em todo caso, fui eu quem mandei ele embora, Shirley.

Devia ter sido mais compreensiva, mais tolerante...

— Está misturando tudo, Jo. Se aconteceu hoje, é porque tinha que acontecer... É melhor ter acontecido antes que não conseguissem suportar um ao outro! Vamos, força... *Chin up!*

Joséphine balançou a cabeça, incapaz de articular uma palavra.

— Mas olhem só para essa mulher maravilhosa: está quase morrendo porque um homem a deixou! Vamos, um cafezinho, uma barra de chocolate bem grande e vai ver, tudo vai parecer bem melhor.

— Não acredito, Shirley. Tenho tanto medo! O que vai ser de

nós? Nunca vivi sozinha. Nunca! Não vou conseguir. E as meninas?

Vou ter que educá-las sem a ajuda do pai... Tenho tão pouca autoridade.

Shirley ficou imóvel, se aproximou da amiga e, segurando seus ombros, obrigou-a a encará-la.

— Jo, diga exatamente do que tem medo. Quando se tem medo, é preciso olhar esse medo de frente e lhe dar um nome. Do

33

contrário, ele pode nos esmagar e nos arrastar como uma onda terrível.

— Não, agora não! Me deixe em paz... Não estou com vontade de pensar.

— Vamos, diga exatamente do que tem medo...

— Você não falou de um café e de uma barra de chocolate?

Shirley sorriu e virou a cabeça para a cafeteira.

— Certo... Mas não vai se safar assim.

— Quanto é que você mede, Shirley?

— Um metro e setenta e nove, mas não tente mudar de assunto... Prefere café árabe ou moçambicano?

— Como você quiser... Tanto faz.

Shirley pegou um pacote de café, um moedor de madeira, encheu de grãos, sentou num tamborete, colocou o moedor entre as longas coxas e começou a girar com um movimento regular, sem tirar os olhos da amiga. Costumava dizer que moer os grãos à mão ajudava a moer os pensamentos.

— Fica tão bonita assim, sentada aí, de avental e...

— Não adianta tentar escapar com elogio.

— Estou me achando tão feia.

— Não é disso que tem medo, não?

— Onde aprendeu a ser tão direta, com sua mãe?

— Com a vida... Ganha-se tempo. Mas ainda está

trapaceando... Não para de evitar o assunto.

Joséphine ergueu os olhos para Shirley e, apertando os punhos entre as coxas, começou a falar, falar a toda velocidade, gaguejando, retomando, repetindo sempre a mesma coisa.

— Tenho medo, tenho medo de tudo, sou uma bola de medo... Queria morrer, aqui, agora, e não ter mais que cuidar de nada.

Shirley olhou para ela por um longo momento, encorajando-a com os olhos que pareciam dizer: vamos, vamos, seja mais precisa.

— Medo de não conseguir, medo de acabar embaixo da ponte, medo de ser expulsa, medo de nunca mais amar, medo de perder meu trabalho, medo de nunca mais ter uma ideia, medo de

34

envelhecer, medo de engordar, medo de morrer sozinha, medo de não rir nunca mais, medo de ter câncer no seio, medo do amanhã...

Vamos, vamos, diziam os olhos de Shirley, girando seu moedor de café, esprema o abcesso, diga qual é o seu grande medo... Aquele que paralisa e impede que cresça, que se transforme na Jo maravilhosa, imbatível quando se trata de Idade Média e das

catedrais, senhores e castelos fortificados, servos e comerciantes, senhoras e senhoritas, clérigos e prelados, bruxas e patíbulos, aquela que é capaz de narrar tão bem a Idade Média que às vezes me dá vontade de voltar para lá... Sinto uma falta, uma ferida, um desassossego que desequilibram você e curvam suas costas. Tenho observado durante esses sete anos em que moramos no mesmo andar, em que aparece de vez em quando para tomar um café e bater um papo quando ele não está...

— Vamos — murmurou Shirley —, esvazie o saco.

— Estou me achando feia, muito feia. Fico me dizendo que nunca mais um homem vai se apaixonar por mim. Estou gorda, não sei me vestir, não sei me pentear... E vou ficar cada vez mais velha.

— Bem, isso é igual para todo mundo.

— Não, comigo vai ser duas vezes mais rápido. Porque já deve ter notado que não me esforço, que me entrego fácil. Sei muito bem disso...

— E quem enfiou essas ideias sombrias na sua cabeça? Foi ele, antes de ir embora?

Joséphine sacudiu a cabeça, fungando.

— Ninguém precisa me dizer, basta me olhar no espelho.

— E o que mais? De que você tem mais medo no mundo? O que acha impossível de enfrentar?

Joséphine ergueu para Shirley um olhar interrogativo.

— Não sabe?

Joséphine fez que não com a cabeça. Shirley olhou-a

longamente, no fundo dos olhos, e depois suspirou:

— Quando conseguir identificar esse medo, esse medo que está na origem de todos os outros, não sentirá mais medo nenhum e finalmente vai poder ser você mesma.

— Está falando como uma profetisa, Shirley...

— Ou uma feiticeira. Na Idade Média, acabaria queimada!

35

E era, realmente, um espetáculo estranho ver aquelas duas mulheres na cozinha no meio de panelas fumegantes e tampas que vibravam, uma com os quadris envoltos por um avental, as costas retas, segurando um moedor de café entre as longas coxas, a outra desfeita, vermelha, curvada sobre si mesma, se contorcendo à medida que falava... até não dizer mais nada e acabar desmoronando sobre a mesa, chorando, chorando enquanto a outra a observava, aflita, e por fim estendia a mão, acariciava sua cabeça como se costuma fazer para acalmar um bebê.

— O que vai fazer hoje à noite? — perguntou Bérengère

Clavert a Iris Dupin, afastando um pedaço de pão de seu prato. —

Porque, se estiver livre, poderíamos ir juntas ao vernissage de Marc.

— Tenho um jantar de família na minha casa. O vernissage de Marc é hoje? Achei que era na semana que vem...

Tinham se encontrado num restaurante da moda, como faziam toda semana. Tanto para conversar, quanto para acompanhar a atualidade que se fazia e se desfazia diante de seus olhos. Homens políticos que cochichavam informações, uma aspirante a estrela que agitava os cabelos pesados para impressionar um diretor de cinema, uma, duas, três modelos hipermagras, cujos quadris batiam contra a mesa, um velho freguês, sozinho em sua mesa, que, como um crocodilo no pântano, espreitava a comida antes de mastigar.

Bérengère tinha pegado o pão de volta e tratava de esvaziá-lo, escavando buracos com pequenos golpes impacientes do indicador.

— Está todo mundo doido para me ver cair. Cada olhar pousado sobre mim será uma tentativa de tomar o pulso da fera, tatear seu humor. Ninguém vai dizer nada, conheço todos eles. Bem educadíssimos! Mas posso ler em morse nos seus olhos: como estará a pequena Clavert? Muito triste por ter sido abandonada?

Pronta para cortar os pulsos? Marc vai se exhibir nos braços de sua nova mulher... E eu vou ficar doente. De humilhação, de raiva, de amor e de ciúme.

— Não sabia que era capaz de tantos sentimentos.

Bérengère deu de ombros. A ruptura com Marc, não importa o que dissesse, já tinha sido suficientemente dolorosa para que ela

não quisesse acrescentar os espinhos de uma humilhação pública.

36

— Conheço todos eles, você sabe. Estarão à espreita! E vou fazer um papel ridículo...

— Ora, assumo um ar desdenhoso e vão deixá-la tranquila.

Use aquele jeito maléfico que sabe fazer tão bem, querida. Não precisa se esforçar para isso!

— Como pode dizer uma coisa dessas?

— Porque não vai me fazer confundir amor-próprio com amor. Está se sentindo ultrajada, mas não ferida...

Bérenghère esmagou o miolo do pão sob o indicador direito, achatou-o com um golpe seco e começou a enrolar até que se transformasse numa longa serpente que escurecia ao girar pela toalha branca. Em seguida, erguendo bruscamente a cabeça, lançou um olhar de sofredora para a amiga que tinha se abaixado para pegar o celular que estava tocando em sua bolsa.

Bérenghère hesitou entre derramar algumas lágrimas sobre sua própria sorte ou revidar. Iris largou o aparelho que tinha parado de tocar e olhou para ela com ironia. Bérenghère resolveu revidar. No caminho para o almoço, tinha se prometido que não diria nada, que preservaria a amiga do persistente boato que corria por Paris, mas Iris a agrediu com tamanha desenvoltura, tamanho desprezo que não lhe deixava outra escolha: ia reagir. Revanche! Revanche!, todo o seu ser gritava. Afinal, pensou, para acabar de se convencer, é melhor que fique sabendo por mim, Paris inteira está

comentando e ela não sabe de nada.

Não era a primeira vez que se sentia ferida por Iris. Era, aliás, cada vez mais frequente. Bérengère não suportava mais a crueldade distraída de Iris, que jogava suas verdades na cara da amiga como quem ensina a regra de três a um mau aluno. Ela tinha perdido o amante, é verdade; se entediava com o marido, é óbvio; ter quatro filhos era um estorvo, totalmente inconveniente; adorava uma fofoca e destilava maledicência, é evidente, mas não ia se deixar alfinetar sem reagir. Decidiu, contudo, ganhar um pouco de tempo antes de lançar sua primeira flecha. Fincou os cotovelos na mesa, apoiou o queixo nas mãos e, com um largo sorriso, observou:

— Isso realmente não foi muito gentil.

— Talvez não tenha sido gentil, mas é estritamente preciso, não? Quer que eu finja, que minta? Quer que lamente por você também?

37

Falava com uma voz monótona e cansada. Bérengère atacou, insinuante.

— Nem todo mundo pode ter um marido bonito, inteligente e rico, como o seu! Se Jacques fosse parecido com Philippe, eu não teria a menor vontade de pular o muro. Seria fiel, bonita, boa... E serena!

— A serenidade não gera desejo, devia saber disso. São duas noções totalmente estranhas uma à outra. É possível ser serena com o próprio marido e ardente com o amante...

— Por acaso... Você tem um amante?

A surpresa causada pela resposta de Iris provocou aquela interrogação crua e direta de Bérengère. Iris encarou a amiga, igualmente surpresa. Bérengère a tinha habituado a um pouco mais de sutileza. Ficou tão chocada que recuou na cadeira e respondeu sem pensar.

— E por que não?

Numa fração de segundo, Bérengère tinha se endireitado e apontado para Iris os dois olhos transformados em duas fendas brilhantes de curiosidade; seus lábios se encresparam, se preparando para degustar uma fofoca divina. Iris olhou para ela e notou que o lado esquerdo de sua boca estava mais puxado que o outro. Toda mulher julga impiedosamente a aparência da outra, mesmo que seja uma amiga. Nada lhe escapa, ela busca na outra os sinais de um declínio que também é seu. Iris sempre acreditou que aquele olhar era o cimento das mais sólidas amizades femininas: que idade será que ela tem? Mais jovem, mais velha? Quanto? Todos aqueles cálculos rápidos, furtivos, feitos e refeitos entre duas garfadas ou duas frases, para se tranquilizar ou, ao contrário, se deprimir, estabeleciam conivências silenciosas e solidariedades subentendidas.

— Fez preenchimento dos lábios?

— Não... Mas me conte... Me conte!

Bérengère não podia mais esperar, ela suplicava, quase trepidante, e toda a sua atitude parecia dizer: sou sua melhor

amiga, você me deve a preferência da informação. Essa impaciência provocou um leve desgosto em Iris, que tentou dissipá-lo pensando em outra coisa. Seu olhar caiu de novo no arco da boca, mais inchado de um lado.

38

— Então por que essa pontinha levantada?

Pousou o dedo no canto esquerdo da boca de Bérengère e bateu levemente no ponto mais inchado dos lábios. Incomodada, Bérengère sacudiu a cabeça para se livrar.

— Juro que está muito esquisito. Aqui, na esquerda, o lábio sobe um pouco. Ou será que a curiosidade está deformando sua boca? Está tão entediada a ponto de abocanhar a menor fofoca como se fosse um banquete?

— Deixe de ser maldosa!

— Fique tranquila, nunca chegarei nem a seus pés.

Bérengère ajeitou-se no fundo da cadeira e fitou a porta de entrada com ar indiferente. Havia uma multidão incrível naquele restaurante, mas nenhum rosto conhecido. Identificar uma cabeleira ou um perfil costumava tranquilizá-la, mas, naquele dia, não encontrava um nome familiar que pudesse encher a sacola de sua curiosidade. Sou eu ou esse lugar já saiu da moda?, perguntou-se, forçando os braços da cadeira cujo encosto martirizava suas costas.

— Entendo perfeitamente que tenha necessidade de...

companhia. Está casada há tanto tempo... O desejo não resiste à

escovação cotidiana dos dentes, ombro a ombro, no banheiro...

— Está enganada, nossos ombros ainda fornicam com frequência.

Bérengère deu de ombros.

— Impossível... Não depois de tantos anos de casamento.

E, pensou consigo mesma, sobretudo não depois do que fiquei sabendo!

Hesitou um instante e depois, com uma voz rouca e surda que intrigou Iris, acrescentou:

— Sabia que Paris inteira está comentando sobre seu marido?

— Não, não dou ouvidos a esse tipo de coisa.

— Eu também não. Mas é uma coisa horrível!

Bérengère sacudiu a cabeça como se não quisesse acreditar.

Sacudiu a cabeça para estender mais um pouco o tempo e a espera da amiga. Sacudiu a cabeça, enfim, para saborear mais uma vez a doçura do veneno que estava instilando. Diante dela, Iris não se

39

mexia. Seus longos dedos de unhas vermelhas brincavam com uma dobra da toalha branca e essa era a única manifestação de algo que poderia se parecer com impaciência. Bérengère adoraria que Iris a enchesse de perguntas, mas se lembrou de que não era de modo algum o estilo de sua amiga. A maior força de Iris residia justamente naquela inércia próxima da indiferença absoluta, como se nada, nunca, pudesse atingi-la.

— Estão dizendo... Quer mesmo saber?

— Se isso te diverte.

Havia nos olhos de Bérengère um brilho de alegria contida prestes a explodir. Deve ser sério, pensou Iris, ela não ficaria nesse estado por um boato sem importância. E dizer que se considerava sua amiga... Em que leito ela vai jogar Philippe? Philippe é um homem cobiçado pelas mulheres: bonito, brilhante e bilionário. Os três B, como dizia Bérengère. Bobo também, acrescentou Iris, brincando com a faca. Mas é preciso viver com ele para saber disso. E ela era a única que partilhava o cotidiano enfadonho daquele marido tão cobiçado. Era engraçada essa amizade que consistia em não proteger a pessoa amada, mas em descobrir o ponto mais dolorido para dar a punhalada fatal.

Conheciam-se há muito tempo. Uma intimidade cruel entre duas mulheres que se confrontavam, mas não podiam viver uma sem a outra. Uma amizade feroz e ao mesmo tempo terna, onde uma avaliava a outra, pronta para morder ou cuidar da ferida, segundo o humor do momento e a importância do risco. Pois se alguma coisa grave acontecesse comigo, pensou Iris, Bérengère ficaria do meu lado. Rivais enquanto tivessem unhas e dentes para morder, unidas caso uma das duas vacilasse.

— Quer mesmo saber?

— Estou esperando pelo pior — articulou Iris, com uma ironia divertida.

— Ah, com certeza é mais uma bobagem, você sabe como é...

— Ande logo, daqui a pouco vou esquecer qual era o assunto

e vai ficar muito menos divertido.

Quanto mais Bérengère demorava para falar, mais

constrangida Iris se sentia, pois toda aquela diplomacia oratória

significava, sem a menor dúvida, que a informação valia seu peso

em ouro. Do contrário, Bérengère falaria sem hesitar, caindo na

40

risada diante da enormidade da mentira. No entanto, ela preferia

deixar o tempo correr.

— Estão dizendo que Philippe tem uma ligação séria e...

especial. Pelo menos foi o que Agnès me disse no telefone.

— Aquela peste! Ainda fala com ela?

— Ela liga de vez em quando...

As duas se falavam toda manhã.

— Ora, você sabe muito bem... Ela fala qualquer coisa!

— Se existe alguém bem-informado, esse alguém é ela.

— E posso saber com quem Philippe anda se distraindo?

— É aí que a porca torce o rabo...

— E que a coisa fica séria?

O rosto de Bérengère se franziu como o focinho de um

pequinês irritado.

— Séria a ponto de...

Bérengère balançou a cabeça.

— E por isso, você está fazendo a gentileza de me avisar...

— Você acabaria sabendo de qualquer jeito, acho que é

melhor que esteja preparada para enfrentar...

Iris apertou os braços no peito e esperou.

— A conta, por favor — pediu ao garçom que passava perto da mesa.

Imperial e magnânima, ia convidar a outra. Amava a elegância gélida de André Chénier subindo para o cadafalso e marcando a página do livro que estava lendo.

Pagou e esperou.

Bérengrère se contorcia de constrangimento. Gostaria de pegar suas palavras de volta, lamentando que tivesse soltado a língua. Seu prazer teve curta duração, mas os danos, previa, seriam difíceis de sanar. Era mais forte do que ela: precisava cuspir seu veneno. Fazer mal lhe fazia bem. Às vezes, prometia a si mesma que resistiria, abandonaria a maledicência e realmente tentava segurar a língua. Era capaz de cronometrar sua capacidade de resistência, como um mergulhador em apneia. Não aguentava muito tempo.

41

— Oh, Iris, sinto muito... Não devia... Estou chateada comigo mesma.

— Não acha que é tarde demais? — respondeu Iris, glacial, olhando o relógio. — Sinto muito, mas se continuar prolongando essa história, não vou poder esperar mais.

— Bem, aqui está... Estão dizendo que ele está saindo com... um... um...

Bérengrère olhava para ela, desesperada.

— Um... um...

— Pare de gaguejar, Bérengère! Um o quê?

— Um jovem advogado que trabalha com ele... — cuspiu

Bérengère, apressada.

Houve um instante de silêncio e depois Iris encarou

Bérengère.

— É original — disse com uma voz que se esforçou para manter neutra. — Por essa eu não esperava... Obrigada, graças a você, serei um pouco menos idiota.

Levantou, agarrou a bolsa, pôs as luvas de tricô de algodão rosa, enfiando cada dedo com cuidado, como se cada intervalo correspondesse a uma etapa de seu pensamento, e depois, lembrando de repente quem tinha lhe dado as luvas, retirou-as e colocou sobre a mesa diante de Bérengère.

E saiu.

Não tinha esquecido nem a letra, nem o número que indicavam seu lugar no estacionamento e logo entrou no carro.

Ficou parada lá dentro um instante. Ereta por educação, rígida por orgulho e imóvel, fulminada por uma dor que ainda não sentia, mas cuja chegada pressentia. Não sofria, estava perdida. Espatificada em mil pedaços, como se uma bomba tivesse explodido dentro dela.

Ficou dez minutos ali, sem se mexer. Sem pensar. Insensível.

Perguntando-se o que realmente devia pensar, o que realmente devia sentir. Depois de dez minutos, sentiu, atônita, o nariz vibrar, a boca estremecer e duas grossas lágrimas brotaram no canto dos

grandes olhos azuis. Esmagou-as, fungou e girou a chave na ignição.

Marcel Grobz estendeu o braço através da cama para puxar o corpo de sua amante, que tinha se afastado com um movimento

42

vigoroso dos quadris e estava de costas para ele de maneira ostensiva.

— Deixe disso, Doçura, não fique zangada. Sabe que não suporto isso.

— Estou falando de uma coisa superimportante e você nem me ouve.

— Não... Não é verdade. Vamos, venha cá, juro que estou ouvindo.

Josiane Lambert relaxou e roçou o robe de renda malva e rosa contra o corpo majestoso de seu amante. O barrigão superava os quadris, um tufo de pelos ruivos ornamentava o peito e uma coroa de cabelos louro-avermelhados enfeitava a careca. Marcel não era exatamente um menino, mas seus olhos de um azul vivo, espertos e agudos, o rejuvenesciam consideravelmente. “Seus olhinhos têm vinte anos”, murmurava Josiane em seu ouvido depois do amor.

— Chega pra lá, está ocupando todo o espaço. Andou engordando, tem gordura por todo lado! — disse ela, beliscando sua cintura.

— Excesso de almoços de negócios. São tempos bicudos, é

preciso convencer e para convencer é preciso anestesiar a
desconfiança do outro, entupi-lo de comes e bebes e mais e mais
comes e bebes!

— Está bem! Vou lhe servir uma taça e você vai me ouvir.

— Fique aqui, Doçura! Vamos... Estou ouvindo. Diga!

— Pois então...

Tinha dobrado os lençóis logo abaixo dos grandes seios
brancos com delicadas veiazinhas cor de violeta, e Marcel tinha
dificuldade em tirar os olhos daqueles dois globos que alguns
minutos atrás ele sugava avidamente.

—

Tem

que

envolver

Chaval,

aumentar

suas

responsabilidades e sua importância.

— Bruno Chaval?

— Isso.

— E por quê? Está apaixonada por ele?

Josiane Lambert explodiu naquela risada profunda e rouca

que o deixava louco, e seu queixo desapareceu em três colares de

43

gordura ao redor do pescoço, que começaram a tremer como geleia

inglesa.

— Hummm! Adoro esse seu pescoço... — rugiu Marcel Grobz, mergulhando o nariz num dos círculos macios do pescoço da amante. — Sabe o que um vampiro diz à menina cujo pescoço ele acabou de morder...

— Não faço ideia — respondeu Josiane, que só queria desenvolver seu raciocínio e mal conseguia disfarçar a irritação com aquelas interrupções.

— Ela é muito sangue-bom!

— Ah, engraçado. Muito engraçado! Já acabou com os jogos de palavras e piadinhas sem graça? Posso falar?

Marcel Grobz fez cara de arrependido.

— Prometo que não faço mais, Doçura.

— Como eu estava dizendo...

E como o amante mergulhava de novo numa das numerosas dobras de seu corpo voluptuoso:

— Se você não parar, Marcel, vou entrar em greve. Ficará proibido de me tocar durante quarenta dias e quarenta noites! E dessa vez, juro que vou manter a promessa.

Na última vez, ele fora obrigado a dar um colar com 31 pérolas cultivadas nos mares do sul e um fecho de platina cravejado de brilhantes para que ela rompesse a quarentena. “Com certificado”, exigira Josiane na época, “é a minha condição para depor as armas e permitir que coloque essas suas patas em cima de mim de novo!”

Marcel Grobzs era louco pelo corpo de Josiane Lambert.

Marcel Grobzs era louco pelo cérebro de Josiane Lambert.

Marcel Grobzs era louco pelo bom-senso camponês de Josiane Lambert.

Concordou, portanto, em ouvir calado.

— Precisa promover Chaval ou ele vai passar para a concorrência.

— Quase não temos mais concorrentes, engoli todos eles!

— Não se deixe enganar, Marcel. Ficaram tontos, é verdade, mas podem despertar a qualquer momento e aí quem vai ficar zozzo

44

é você. Sobretudo se Chaval estiver lá para ajudá-los... Vamos... É sério! Ouça o que estou dizendo!

Ela já estava completamente erguida, o busto enrolado no lençol rosa, as sobrancelhas franzidas e a cara séria. Tinha uma expressão tão séria nos negócios quanto no prazer. Era uma mulher que não trapaceava jamais.

— É muito simples: Chaval é um excelente contador, mas passa também por um excelente vendedor. Não gostaria nem um pouco de ver você em posição de rivalidade com um homem que alia perfeitamente essas duas qualidades: a habilidade do vendedor e o rigor financeiro do contador. O primeiro ganha dinheiro com os clientes e o segundo rentabiliza esse dinheiro ao máximo. Ora, a maioria das pessoas possui no máximo um desses talentos...

Marcel Grobzs também tinha se erguido, apoiado no cotovelo,

e ouvia a amante atentamente.

— O setor comercial sabe vender, mas raramente domina os aspectos financeiros mais sutis da transação: a forma de pagamento, os prazos, as entregas, os descontos oferecidos. Você mesmo, se eu não estivesse lá, teria muita dificuldade para...

— Sabe muito bem que não sei viver sem você, Doçura.

— Isso é o que você diz. Gostaria de ter um pouco mais de provas palpáveis.

— É porque sou um péssimo contador.

Josiane esboçou um sorriso que mostrava claramente que não ia cair naquela conversa e retomou seu raciocínio.

— No entanto, são justamente esses fatos precisos, esses aspectos financeiros que fazem toda a diferença entre uma margem de três dígitos, de dois dígitos ou de zero!

Agora Marcel Grobz estava sentado, o peito nu, a cabeça apoiada nas grades do leito de cobre e continuou sozinho, em voz alta, o raciocínio da amante.

— Isso quer dizer, Doçura, que antes que Chaval perceba isso, antes que se vire contra mim e me ameace...

— Vamos promovê-lo!

— Para colocá-lo exatamente onde?

— À frente da empresa e, enquanto ele cuida para que ela dê bons frutos, nós diversificamos, desenvolvemos outras linhas...

age mais, apenas reage. Ora, o seu verdadeiro talento é saber respirar o ar de seu tempo, farejá-lo, prever o que as pessoas vão desejar... Promovemos Chaval, deixamos que se vire com os espinhos do presente, enquanto nós navegamos nas espumas do amanhã! Nada mal, não?

Marcel Grobz levantou as orelhas. Era a primeira vez que ela dizia “nós” ao falar da empresa. E tinha dito várias vezes seguidas. Ele se afastou para observá-la: ela expressava suas ideias, o rosto vermelho, o ar concentrado e as sobrancelhas unidas num V profundo eriçado de pelos louros. Pensou que aquela mulher, aquela amante ideal que não recuava diante de nenhum agrado sexual e possuía todos os talentos, tinha agora, depois de alguns minutos, todas as ambições. Ela me compensa pela minha mulher, que só me chupa com canudinho e, mesmo assim, só em dia de eleição de um novo Papa! E não adianta empurrar sua nuca, que ela não vai. Mas Josiane, essa vai com gosto! Em grandes golpes de quadris, grandes golpes de língua, grandes golpes de seios, Josiane era capaz de levá-lo direto ao paraíso, de fazê-lo gritar mamãe, estremecer de beijo em beijo; Josiane lambia, Josiane acariciava, Josiane o prendia entre as coxas vigorosas e, quando o último espasmo vinha morrer em seus lábios, ela o recebia em seus braços, o apaziguava e ainda era capaz de revigorá-lo com uma fina análise da vida de sua empresa, antes de expedi-lo novamente para o céu do leito. Que mulher!, pensou ele. Que amante! Generosa. Faminta. Doce no prazer, dura no trabalho. Branca, leitosa,

voluptuosa, farta a ponto de ele se perguntar onde ela escondia os ossos do esqueleto!

Josiane trabalhava para ele há 15 anos. Tinha caído em sua cama pouco depois de ter sido admitida como secretária. Uma mulher pequena, magricela e triste quando entrou na empresa, ela havia prosperado sob sua proteção. Apresentou-se só com o diploma de um curso decadente de datilografia e ortografia — uma ortografia sem muitos floreios e olhe lá! — e um currículo tão caótico que acabava destacando que ela não costumava permanecer muito tempo no mesmo emprego. Marcel tinha resolvido lhe dar uma chance. Havia naquela mulherzinha parada diante dele alguma coisa oculta, teimosa, que lhe agradava sem que ele soubesse o porquê. Ela era toda dentes e arestas. Poderia se tornar uma aliada, mas também uma adversária temível. Era cara ou coroa, pensou Marcel, que, sendo um jogador, lhe ofereceu o

46

emprego. Ela vinha do mesmo meio que ele. Tinha sido formada pela vida na base da porrada, de brutamontes que se esfregavam nela, passavam a mão, penetravam sem que tivesse sequer o direito de se defender. Só de olhar, Marcel entendeu que, assim como ele, ela só precisava se livrar daquela lama. “Meu salário chora de miséria, precisamos lhe devolver o sorriso”, declarou ela nove meses depois de sua chegada. Ele aceitou a reivindicação e mais que isso: fez dela uma odalisca experiente e esperta, transbordante de carne e de inteligência. Pouco a pouco, eliminou todas as outras amantes

que consolavam sua triste situação conjugal. Ele não se arrependia.

Nunca se entediava com Josiane. Em compensação, lamentava ter se casado com Henriette. A Cabo-de-vassoura constipado. A ruim-de-gozo, mas ótima-de-gasto, que sugava alegremente o seu dinheiro sem dar nada de seu corpo ou de seu coração em troca.

Como fui idiota em casar com ela! Achei que representaria uma ascensão social. Mas que elevador que nada! Ela nunca conseguiu sair do térreo.

— Marcel, você está me ouvindo?

— Claro, Doçura.

— O tempo dos especialistas acabou! As empresas estão cheias deles. Precisamos de generalistas, de generalistas geniais. E Chaval é um generalista genial!

Marcel Grobzs sorriu.

— Devo dizer que eu mesmo sou um generalista genial.

— E é por isso que amo você, Marcel!

— Me fale sobre ele...

E enquanto Josiane desenrolava a vida e a carreira do empregado que ele mal tinha notado, Marcel Grobzs revivia a sua.

Pais judeus, emigrantes poloneses, que se instalam em Paris, no bairro da Bastille, o pai alfaiate, a mãe lavadeira. Oito filhos. Num quarto e sala. Pouco carinho, muito tapa. Pouco conforto, muito pão seco. Marcel cresceu sozinho. Inscreveu-se numa obscura escola de química para obter um diploma e encontrou seu primeiro emprego numa fábrica de velas.

Foi lá que aprendeu tudo o que sabia. O patrão sem filhos tomou simpatia por ele. E emprestou dinheiro para que comprasse sua primeira empresa em dificuldades. Depois uma segunda... Os dois costumavam discutir, à noite, quando a loja fechava. Ele dava conselhos, incentivava. Foi assim que Marcel se transformou num

47

“liquidador de empresas”. Não gostava muito do título, mas gostava de comprar negócios moribundos e recuperá-los com seu tino para os negócios e sua capacidade de trabalho. Muitas vezes, dormia com a vela acesa e acordava antes que ela se acabasse. Costumava dizer que todas as suas ideias lhe ocorriam enquanto caminhava. Percorria as ruas de Paris a passos largos, observando os pequenos comerciantes atrás das caixas, as vitrines, as mercadorias que se espalhavam nas calçadas. Ouvia as pessoas falando, reclamando, lamentando e adivinhava seus sonhos, suas necessidades, seus desejos. Muito antes de todos, já havia sentido o desejo de se fechar em si mesmo, o medo do mundo exterior, do estranho “quando o mundo é duro demais, as pessoas têm vontade de se fechar em si mesmas, em suas casas, ao redor de acessórios como uma vela, um jogo americano, uma travessa ou um descanso de prato”. Resolveu concentrar todos os seus esforços no conceito da casa. Casamia. Era o nome da cadeia que criou, incluindo lojas em Paris e no interior. Um, em seguida, dois, três, quatro, cinco, seis, nove negócios falidos tinham se transformado em lojas Casamia de velas perfumadas, objetos de decoração, de cama e mesa, abajures,

canapés, quadros, perfumes de ambiente, persianas, cortinas, objetos para o banheiro e a cozinha, sempre com preços módicos.

Tudo era fabricado no exterior. Estava entre os primeiros que montaram suas fábricas na Polônia, na Hungria, na China, no Vietnã, na Índia.

Mas um dia, um maldito dia, um grande fornecedor lhe disse:

“Eles são ótimos, os seus artigos, Marcel, mas falta um pouco de classe na decoração de suas lojas! Devia contratar uma estilista que desse unidade a seus produtos, um pequeno não-sei-o-quê para agregar valor à empresa!” Ele ficou ruminando a ideia e, num impulso, acabou contratando...

Henriette Plissonnier, viúva seca, mas classuda, que sabia ajeitar como ninguém o caimento de um tecido e criar um belo cenário com um pouco de palha, um pedaço de cetim e uma cerâmica. Que classe!, pensou ele, examinando-a, quando se apresentou em resposta ao anúncio que ele tinha colocado nos jornais. Ela tinha acabado de perder o marido e criava as duas filhas sozinha. Não tinha experiência alguma, “apenas uma excelente educação e o senso inato da elegância, das formas e das cores”, como ela mesma disse varrendo-o de cima a baixo com os olhos. “Quer que faça um teste, meu caro sr. Grobz?” Sem que ele tivesse tempo de responder, deslocou dois vasos, desenrolou um

48

tapete, puxou uma cortina, trocou três bugigangas em cima de sua escrivaninha que, de repente, se transformou numa foto de revista

de decoração. Em seguida, voltou a se sentar e sorriu, satisfeita. Ele a contratou inicialmente como assistente, em seguida como decoradora. Ela fazia as vitrines, destacando a promoção do mês — taças de champanhe, luvas de cozinha, aventais, luminárias, abajures, spots —, participava da seleção das encomendas e lançava a “cor” da estação, coleção azul, coleção ocre, coleção branca, coleção dourada... Apaixonou-se por aquela mulher que representava um mundo inacessível para ele.

Ao primeiro beijo, teve a impressão de tocar uma estrela.

Em sua primeira noite juntos, ele a fotografou com uma Polaroid enquanto ela dormia e escondeu a foto na carteira. Ela nunca soube disso. Em seu primeiro fim de semana, levou-a a Deauville, ao hotel Normandy. Ela não quis sair do quarto. Achou que era pudor por ainda não estarem casados, só compreendeu bem mais tarde que ela tinha vergonha de ser vista a seu lado.

Pediu-a em casamento. Ela havia respondido: “Preciso pensar, não estou sozinha, tenho duas meninas, o senhor sabe.” Teimava em tratá-lo de senhor. Esperou seis meses, durante os quais ela sequer mencionou o pedido, deixando-o louco. Um dia, sem que ele soubesse por quê, declarou: “Ainda lembra da proposta que me fez? Pois bem, se ela ainda estiver de pé, minha resposta é sim.”

Em trinta anos de casamento, nunca o levou à casa dos pais.

Encontrou com eles uma única vez, num restaurante. Na saída, recolocando as luvas e procurando com os olhos o carro com chofer

que ele tinha colocado à sua disposição, ele disse com simplicidade:

“De agora em diante, poderá vê-los por sua conta, se desejar, mas sem mim. Não creio que seja necessário dar continuidade a essa relação...”

Foi ela quem o apelidou de Chefe. Achava Marcel muito comum. Atualmente, todos o chamavam de Chefe. Exceto Josiane.

Do contrário, era o Chefe. Chefe que assinava os cheques.

Chefe que devia ser colocado na cabeceira da mesa nos jantares.

Chefe que era interrompido quando falava. Chefe que dormia separado, num quartinho pequeno, numa caminha pequena num canto do imenso apartamento.

49

No entanto, não foi por falta de aviso. “Está enganado sobre essa mulher”, tinha dito René, seu estoquista e seu amigo, com quem costumava tomar umas cervejas na saída do trabalho. “Não deve ser fácil de domar!” Teve que reconhecer que René tinha razão.

“Mal me deixa subir em cima dela. Sem falar da dificuldade para conseguir que se abaixe até Popaul, o morto de fome! Tenho que segurar firme e ficar pressionando a nuca. Canso de dormir com a barraca montada com essa mulher! E com ela, Popaul fica sempre a meio-pau. Nem pensar em punheta ou boquete. É um poço de não-me-toques.” “Então se livra dela, ora”, disse René. Mas Chefe hesitava: Henriette era sua inserção na sociedade. “Basta chegar com ela num jantar que os convidados já me olham de outra maneira... E juro que tenho alguns contratos que jamais teria

conseguido assinar sem ela!” “Bem, se eu fosse você, contrataria uma profissional! Uma puta com estilo... Isso existe! Basta procurar uma que faça boa figura na cama e na mesa. Com a grana que você paga à legítima!”

Marcel Grobz bateu nas coxas, às gargalhadas.

Mas continuou casado com Henriette. Acabou nomeando-a presidente de seu conselho de administração. Obrigado, do contrário ela fecharia a cara. E quando Henriette fechava a cara, deixava de ser insuportável para se tornar detestável. E ele cedeu. Como tinham se casado em regime de separação de bens, ele teve que redigir uma doação em seu nome. Quando morresse, ela herdaria tudo o que possuía. Ele estava de mãos amarradas. Às vezes, chegava a pensar que tinha levado muita porrada quando era criança e tinha tomado gosto: o amor não era uma mercadoria feita para ele. E isso lhe bastava como explicação.

Mas depois, Josiane apareceu e o amor entrou em sua vida.

Mas hoje, com 64 anos completos, era tarde demais para recomeçar do início. Se pedisse divórcio, Henriette ficaria com a metade de sua fortuna.

— E isso eu não aceito de jeito nenhum — protestou ele em voz alta.

— Mas por quê, Marcel? Podemos redigir um belo contrato em que ele não tenha nenhuma participação ou pelo menos só uma bem pequena, para que se sinta envolvido e não tenha vontade de passar para o outro lado...

— Uma pequena participação, então.

50

— Certo.

— Puta merda, que calor! Meus bombons estão colando no papel. Não quer pegar uma laranjada geladinha para mim?

Ela saiu da cama num fru-fru de rendas amassadas e coxas que se roçam. Tinha engordado. Marcel não pôde evitar um sorriso.

Gostava das mulheres bem roliças.

Tirou um charuto da caixa que estava na mesinha de cabeceira, cortou a ponta, rolou entre os dedos, cheirou e, finalmente, acendeu. Passou a mão no crânio liso. Fez uma cara de macaco velho. Precisava ficar esperto com esse tal de Chaval. Não podia lhe dar poder ou importância demais na empresa. E precisava verificar se sua pequena não teria uma quedinha por ele... Claro, aos 38 anos, talvez precisasse de um pouco de carne fresca. E de um bom lugar na primeira fila. Sempre escondida, impedida de ter legitimidade por causa da Cabo-de-vassoura, isso não é vida, pobre Josiane!

— Não vou poder ficar, Doçura. Banquete na casa da filha da Cabo-de-vassoura!

— A pontuda ou a redonda?

— A pontuda... Mas a redonda também estará lá. Com as duas filhas. Você precisa ver como a mais velha é esperta. O jeito como me olha. Quer saber: é como se ela me perfurasse, a menina. Gosto dela, tem muita classe, ela também..

— Essa sua mania de classe me enche o saco, Marcel. Se você não estivesse lá para bancar tudo, elas estariam comendo o pão que o diabo amassou. Iam ter que fazer como todo mundo: boquete ou faxina!

Marcel preferiu não enfrentar Josiane e deu um tapinha em seu traseiro.

— Tudo bem — continuou ela —, tenho as folhas de pagamento para terminar e posso convidar Paulette para vermos um filme juntas. Tem razão, o calor está de matar! Não dá para aguentar nem as calcinhas!

Estendeu-lhe um copo de laranjada gelada que ele bebeu de um só gole para, em seguida, soltar um sonoro arrote e cair na risada, coçando a barriga.

— Ah, se Henriette me visse! Ia perder completamente as estribeiras.

51

— Nem me fale dessa mulher, se quer que eu continue a ser sua gatinha manhosa.

— Calma, minha pombinha, não fique zangada... Sabe muito bem que nem encosto nela.

— Só me faltava essa! Encontrar você na cama com a bruxa velha!

Não encontrava mais as palavras, estava quase sufocando de indignação.

— Aquela vadia, aquela porca!

Sabia que gostava de ouvi-la insultar a Cabo-de-vassoura.

Ficava excitado quando engrenava suas ofensas como quem desfia um velho rosário. E começou a se retorcer de prazer quando ela prosseguiu, com a voz grave e rouca: “Aquela bunda-seca metida a besta, aquela duquesa verde como fel, ela tapa o nariz quando vai ao banheiro, por acaso? Esqueceu que tem um buraco no meio das pernas, a imaculada? Será que nunca levou um cacete bem grosso que rasgasse ela até os dentes e arrancasse até as obturações?”

Essa ele nunca tinha ouvido! Foi como um golpe de espada transpassando seus rins, projetando-o para frente, as pernas estendidas, pescoço e nuca projetados para a cabeceira da cama. Segurou as grades de cobre com as grandes patas peludas, esticou as pernas, empinou o ventre, sentiu o sexo tão duro que doía e, enquanto ela continuava seus insultos, cada vez mais gorda, cada vez mais suja, como quem joga fora uma água usada, ele não aguentou mais e agarrou-a, apertou-a contra o corpo, jurando que ia comer aquela mulher inteirinha.

Josiane se deixou cair na cama suspirando de prazer. Ela amava aquele seu grande cachorro peludo. Nunca tinha visto um homem tão generoso e vigoroso. Na sua idade! Botava as panelas no fogo mais de uma vez por dia e não era do tipo que se satisfaz sozinho enquanto a outra conta as moscas do teto. Às vezes era preciso segurá-lo. Tinha medo que tivesse um piripaque em cima dela com aquele apetite de ogro furioso.

— O que seria de mim sem você, meu Marcel?

— Arranjaria outro tão gordo, tão feio, tão idiota quanto eu para lhe dar um trato. Você é um apelo ao amor, minha pombinha. Ia ter uma legião deles querendo lamber você toda.

52

— Não fale assim. Fico toda coisa! Ficaria tão infeliz se você partisse.

— Não... Nunca... Venha, olhe só o Popaul... Está desanimando...

— Tem certeza de que me deixou alguma coisa, se por acaso você...

— Se por acaso eu pifar? É isso, pombinha? Claro, posso garantir que estará na primeira fileira dos bem-lembrados. Quero que esteja linda nesse dia. Que exiba suas pérolas brancas e seus diamantes. Que honre meu nome diante do tabelião. Que todos eles se torçam de raiva. Que não possam dizer: “Deixou toda a grana para essa vagabunda!” Ao contrário, que sejam obrigados a se inclinar! Ah, como eu gostaria de estar presente para ver a cara da Cabo-de-vassoura! Vocês não iam ficar amigas, não...

E Josiane, satisfeita, desceu ronronando até o sexo salpicado de pelos brancos de seu amante, que envolveu com apetite na boca de gulosa impenitente. Mas não havia nenhum mérito nisso: ela tinha aprendido desde muito pequena o que acalmava e satisfazia os homens.

Iris Dupin voltou para casa, jogou as chaves do carro e do apartamento no recipiente adequado sobre a mesinha redonda, na

entrada do apartamento. Em seguida, tirou o casaco, jogou sapatos, bolsas e luvas no grande *kilim* comprado em Drouot numa tarde de inverno sinistra e fria, na companhia de Bérengère. Pediu a Carmen, sua fiel empregada, que lhe trouxesse um uísque bem servido, com duas ou três pedrinhas de gelo e um fundo de Perrier e foi se refugiar no pequeno cômodo que fazia as vezes de escritório. Ninguém entrava ali, exceto Carmen, uma vez por semana, para limpar.

— Um uísque? — perguntou Carmen, com os olhos arregalados. — Um uísque logo depois do almoço? Está doente? O céu caiu em sua cabeça?

— É como se tivesse caído, mas, por favor, Carmen, por favor, não me venha com perguntas! Preciso ficar sozinha, pensar e tomar uma decisão...

Carmen deu de ombros e murmurou: “Agora deu para beber sozinha. Uma mulher tão bem-educada.”

No escritório, Iris se aconchegou no sofá.

53

Seu olhar passeou por seu refúgio como se procurasse argumentos para escolher a melhor tática: retirada rápida ou perdão distraído. Porque é tudo muito simples, pensou, esticando as pernas no canapé de veludo vermelho coberto por uma manta de caxemira: ou enfrento Philippe, declaro que a situação é insustentável e saio daqui levando meu filho, ou espero, seguro as pontas, piso no freio esperando que essa história nojenta não se

espalhe demais. Se for embora, dou razão a essas línguas de serpente, exponho Alexandre a um escândalo e prejudico os negócios de Philippe, ou seja, os meus também... Além do mais, vou ser objeto da piedade doentia e maldosa dessa gente.

Se ficar...

Se ficar, prolongo um mal-entendido que já durou tempo demais. Prolongo um conforto que está me paralisando há muito tempo também.

Seu olhar passeou pelo pequeno aposento elegante, refinado, todo em madeiras claras, onde gostava de se refugiar. A mesa baixa Leleu, com três pés e tampo redondo em cristal transparente, o vaso Colotte *perroquet*, de corpo oval torneado em cristal branco entalhado a buril, o lustre Lalique em vidro moldado preso por cordões dourados, o par de luminárias em vidro opalino torcido. Cada objeto a enchia de beleza e nada lhe agradava tanto quanto se fechar em seu pequeno escritório e contemplar cada um deles, passeando distraidamente pelo aposento. Conheci toda essa beleza através de Philippe e não posso mais viver sem ela. Seu olhar caiu de novo sobre a foto que retratava os dois, Philippe e ela, no dia de seu casamento, ela toda de branco, ele de fraque cinza. Sorriam para a objetiva. Ele estava com o braço pousado em seu ombro, num gesto de proteção amorosa, e ela se abandonava como se nada nunca mais pudesse atingi-los. Dava para ver o chapéu de sua sogra num canto da foto, no alto à esquerda: um grande abajur rosa com laços de tule fúcsia e malva.

— Deu para rir sozinha, agora? — perguntou Carmen

entrando no escritório; carregava a bandeja com o copo de uísque, uma garrafinha de Perrier e um balde de gelo.

— Minha cara Carmen... Confie em mim, é melhor eu rir.

— É tão grave que poderia chorar?

— Se eu fosse normal, poderia... Carmencita.

— Mas a senhora não é normal...

54

Iris suspirou.

— Quero ficar só, Carmencita.

— Boto a mesa para essa noite? Preparei um gaspacho, uma salada e um frango à moda basca. Está tão quente. Não vão ter fome... Não pensei numa sobremesa, frutas, talvez?

Iris aprovou e fez um sinal com a mão para que a deixasse sozinha.

Seus olhos pousaram no quadro que Philippe lhe deu quando

Alexandre nasceu: *Os amantes*, de Jules Breton. Ela estacou diante daquela tela a óleo num leilão em benefício da fundação para a infância, e Philippe, cobrindo todas as ofertas, comprou-o para ela.

Representava dois namorados no campo. A mulher passava o braço ao redor do pescoço do homem, e ele, ajoelhado, a puxava para ele.

Gabor... A força de Gabor, os cabelos negros e espessos de Gabor, os dentes brilhantes de Gabor, o dorso de Gabor... Não perderia

aquele quadro por nada no mundo. Agitava-se na cadeira quando a mão de Philippe veio pousar em sua nuca. Ele fez uma leve pressão,

como quem diz: acalme-se, querida, o quadro será seu.

Costumavam frequentar salões de leilão. Compravam quadros, joias, livros, manuscritos e móveis. Compartilhavam a mesma febre de descobrir, reconhecer e de ganhar um leilão. A *Natureza morta com flores*, de Bram Van Velde, foi comprada em Drouot, dez anos antes. *O buquê de flores*, de Slewinski, o Barceló adquirido depois da exposição na fundação Maeght, os dois vasos do mesmo artista, em terracota, todos retorcidos, que ela foi buscar diretamente em seu ateliê, em Maiorca. E a longa carta manuscrita de Cocteau, em que ele fala de sua ligação com Nathalie Paley, cujas frases ressoaram na memória de Iris... “Ele queria um filho, mas era tão eficiente comigo quanto um homossexual integral mergulhado em ópio...” Se deixasse Philippe, seria privada de toda aquela beleza. Se deixasse Philippe, teria que recomeçar do zero. Sozinha.

Essa simples palavra a fez estremecer. As mulheres sozinhas lhe davam horror. E eram tantas! Sempre correndo, o rosto pálido, a expressão ávida. A vida das pessoas é apavorante hoje em dia, pensou consigo molhando os lábios no uísque. Uma angústia terrível flutua no ar. E como poderia ser diferente? Condenadas sem piedade, são obrigadas a trabalhar da manhã à noite, embrutecidas, perdidas, pervertidas, são

submetidas

a

55

necessidades que não se parecem com elas, são proibidas de sonhar, de flandar, de perder seu tempo. E acabam consumidas pelo trabalho cotidiano. As pessoas já não vivem, elas se consomem. Em fogo brando. Graças a Philippe, ao dinheiro de Philippe, gozava daquele privilégio incomparável: não precisava se consumir. Tinha tempo. Lia, ia ao cinema, ao teatro, não tanto quanto poderia, mas ao menos tratava de se aperfeiçoar. E há algum tempo, em segredo, escrevia. Uma página por dia. Ninguém sabia. Trancada em seu escritório de trabalho, rabiscava suas palavras, em torno das quais, quando a inspiração não vinha, desenhava asas, patas de moscas, estrelas. Avançava com dificuldade. Recopiava as *Fábulas* de La Fontaine, lia *Os caracteres* de La Bruyère ou *Madame Bovary*, exercitando-se na arte de encontrar a palavra certa. Tinha se transformado num jogo, às vezes delicioso, às vezes torturante, de descobrir o sentimento e vesti-lo com a palavra perfeita, capaz de envolvê-lo como uma sobrecasaca. Esgotava-se entre as quatro paredes de seu escritório. E embora jogasse fora muitas e muitas páginas cobertas de tinta, tinha que reconhecer que esse trabalho minucioso dava certa intensidade à sua vida. Não tinha mais vontade de deixá-la escorrer entre almoços insossos ou tardes no shopping.

Costumava escrever, antigamente... Roteiros que queria

filmar, por exemplo. Mas abandonou tudo quando se casou com Philippe.

Se quisesse, poderia escrever novamente... Se tivesse coragem, claro... Pois é preciso coragem para ficar horas e horas trancada, triturando as palavras, desenhando pequenas patas aveludadas ou asas para fazê-las andar ou voar.

Philippe... Philippe, repetia, esticando a longa perna bronzeada e tilintando o gelo do uísque com Perrier, por que deixá-lo?

Para me enfiar nessa corrida imbecil? Acabar parecida com a pobre Bérengère, que boceja depois do amor? Nem pensar! É só choro e ranger de dentes. Onde estão os homens?, é o grito da maioria das mulheres. Não há mais homens. Não dá mais para se apaixonar.

Iris conhecia aqueles lamentos de cor.

Ou são bonitos, viris e infiéis... E nós choramos!

Ou são inúteis, gordos, impotentes... E nós choramos!

56

Ou ainda são idiotas, grudentos, fracos... E então são eles que choram por nós!

E nós choramos porque estamos chorando sozinhas...

Mas elas continuam a procurar por eles, continuam a esperar. Hoje são as mulheres que perseguem os homens, as mulheres que correm atrás com estardalhaço, as mulheres que estão no cio. Não os homens! Elas ligam para agências ou

vasculham a internet. É o último grito da moda. Não acredito na internet. Acredito na vida, na carne da vida, acredito no desejo que a vida carrega consigo, e se o desejo seca, é porque você deixou de ser digna dele.

Já tinha amado a vida. Antigamente, antes de casar com Philippe Dupin, ela amava a vida loucamente.

E nessa vida de antes, havia desejo, havia aquela “misteriosa potência por baixo das coisas”. Adorava aquelas palavras de Alfred de Musset! O desejo que faz com que toda a superfície da pele se ilumine e deseje a superfície de outra pele, da qual não sabemos nada, numa intimidade anterior ao conhecimento. Não é mais possível viver sem o olhar desse outro, seu sorriso, sua mão, seus lábios. Perdemos o rumo. Enlouquecemos. Poderíamos segui-lo até o fim do mundo e a razão diria: mas o que sabe sobre ele? Nada, absolutamente nada, ainda ontem era um nome desconhecido. Que bela cilada inventada pela biologia para o ser humano, que se acredita tão forte! A pele dando uma banana para o cérebro! O desejo se infiltrando nos neurônios e embrulhando tudo. Ficamos acorrentados, privados da liberdade. Pelo menos na cama...

Esse último bastião da vida primitiva...

Não existe igualdade sexual. Não pode haver igualdade porque voltamos a ser selvagens. A fêmea em pele de animal sob o homem em pele de animal. O que foi mesmo que Joséphine disse no outro dia? Estava falando do lema do casamento no século XII e me fez estremecer. Como sempre, eu a ouvia sem ouvir e, de repente,

era como se tivesse soltado um machado entre minhas pernas.

Gabor, Gabor...

Seu porte de gigante, sua longas pernas, seu inglês rouco e violento. *Iris, please, listen to me... Iris, I love you, and it's not for fun, it's for real, for real, Iris...*

Sua maneira de dizer Iris. Ela ouvia *Irish...*

57

Seu jeito de enrolar os erres lhe dava vontade de rolar em cima dele.

“Sob e com ele”. Era esse o lema do casamento no século XII!

Sob e com Gabor...

Gabor se espantava quando eu resistia; quando queria preservar minhas conquistas de mulher liberada, ele explodia em sua risada de homem do campo: “Quer excluir a força? A dominação? A capitulação? Mas é isso que produz a fagulha entre nós. Doida, veja em que se transformaram as feministas americanas: mulheres sozinhas. Sozinhas! E isso, Iris, é a miséria da mulher...”

Ela ficava se perguntando o que teria sido feito desse homem.

Às vezes, adormecia sonhando que ele batia em sua porta e ela se jogava em seus braços. E mandava tudo para o espaço: as mantas de caxemira, as gravuras, os desenhos, os quadros. E ia embora com ele, estrada afora.

Mas de repente... Dois algarismos gêmeos vinham perfurar a superfície de seu sonho. Dois caranguejos de um vermelho vivo,

cujas pinças fechavam os pesados ferrolhos da porta entreaberta de sua fantasia: 44. Tinha 44 anos.

Seu sonho se despedaçava. Tarde demais, debochavam os caranguejos agitando suas pinças-correntes. Tarde demais, se dizia ela. Casada estava, casada ficaria! É o que tinha toda a intenção de fazer.

Mas de todo modo seria preciso reforçar sua retaguarda. Para o caso em que seu marido se empolgasse e resolvesse fugir com o jovem de terno negro! Tinha que avaliar isso também...

Mas acima de tudo, tinha que esperar.

Mergulhou os lábios no copo trazido por Carmen e suspirou.

Era preciso começar a fingir a partir dessa mesma noite...

Joséphine constatou aliviada que não precisava pegar um

ônibus (duas baldeações) para jantar na casa da irmã: Antoine tinha deixado o carro. Foi estranho se colocar atrás do volante.

Precisava digitar um código para sair da garagem. Como nunca usava o carro, enfiou a mão na bolsa em busca da agenda em que tinha anotado o número.

— 2513 — soprou Hortense, sentada a seu lado.

— Obrigada, querida...

58

Antoine tinha ligado na véspera. Falara com as duas filhas.

Zoé primeiro, Hortense em seguida. Depois de largar o telefone, Zoé tinha entrado no quarto da mãe e se aninhado em seu colo, o polegar na boca, e Nestor, o bichinho de pelúcia, enfiado embaixo

do queixo. Ficaram um longo momento em silêncio, depois Zoé suspirou “tem tanta coisa que não entendo, mamãe, a vida é muito mais complicada que a escola...”. Joséphine teve vontade de dizer que ela também não entendia coisa alguma da vida. Mas se reprimiu. “Conte a história da Minha Rainha, mamãe”, pediu Zoé, agarrando-se a ela com força. “Você sabe, aquela que nunca tinha frio, nunca tinha fome, nunca tinha medo, defendia o reino contra as hordas de soldados e foi mãe de príncipes e princesas. Conte de novo como ela casou com dois reis e reinou em dois países ao mesmo tempo...” A história de Leonor da Aquitânia era a preferida de Zoé. “Quer que comece do princípio?”, perguntou Joséphine. “Quero ouvir a história do primeiro casamento”, disse Zoé, chupando o dedo, “quando ela tinha 15 anos e se casou com Luís VII, o bom rei da França... Comece com o banho de tomilho e alecrim, lembra? Aquele que a criada preparava jogando grandes jarros de água fervente na banheira de madeira. E conte da pasta de trigo que ela colocava no rosto para ficar bonita e esconder as espinhas... E das ervas frescas que espalhavam ao redor da banheira para não molhar o chão! Vamos, mamãe, conte logo!”. Joséphine começou e a magia das palavras desceu sobre o quarto como um conto de Natal: “Naquele dia, toda a cidade de Bordeaux estava em festa. Na área do cais, recolhido no campo de tendas coloridas coroadas de estandartes, Luís VII, herdeiro da Coroa da França, acompanhado de seus senhores, seus criados, seus escudeiros, esperava que sua noiva, Leonor, acabasse de se

arrumar no castelo de l'Ombrière.” Passou então para os detalhes do banho de Leonor, com ervas, unguentos, perfumes trazidos pelas camareiras e pelas damas de companhia, para que ela fosse a mais bela dama da Aquitânia. Quando acabou de enumerar uma grande quantidade de pormenores capazes de encantar a imaginação de Zoé, Joséphine sentiu seu corpo pesar em seus braços, mas continuou por alguns minutos. “Estamos em julho de 1137 e o sol colore as muralhas do castelo. As festas de casamento irão se estender por muitos dias e muitas noites, segundo o costume da época, e Luís, sentado ao lado da encantadora jovem de vestido escarlate com longas mangas, cheias de fendas e bordadas de arminho, parecia um rei muito frágil, muito jovem e muito apaixonado no meio dos cuspidores de fogo, da bateria de tambores

59

e tamborins, dos exibidores de ursos, dos trovadores, dos pajens servindo vinho e abastecendo os pratos de carne assada que chegavam quase frias, porque naquele tempo as cozinhas ficavam muito distantes das salas de banquete. Bela e recém-banhada, Leonor cantarolava o refrão que sua ama de leite havia lhe ensinado para as bodas:

Meu coração é seu,

meu corpo é seu.

Quando meu coração em ti se encontrou,

O corpo a ti prometeu e entregou.

“Repetiu várias vezes esses versos como quem diz uma

oração à noite e promete a si mesma tornar-se uma rainha perfeita, uma rainha justa, boa e clemente para todos os seus súditos.”

Joséphine foi abaixando a voz até se transformar num murmúrio, até que o peso de sua filha, cada vez mais abandonada em seu colo, indicasse que ela estava dormindo e que, portanto, podia se calar sem correr o risco de despertá-la.

Hortense ficou um longo tempo no telefone com o pai, depois desligou, foi deitar e apagou a luz sem lhe dar um beijo. Joséphine respeitou seu desejo de ficar sozinha.

— Você sabe ir pra casa da Iris? — perguntou Hortense, abaixando o quebra-sol do carro para conferir o brilho dos dentes e a arrumação do penteado.

— Está usando maquiagem? — observou Joséphine, percebendo o brilho nos lábios da filha.

— Um pouco de gloss que uma amiga me deu... Não é o que se pode chamar de maquiagem. Apenas um mínimo de polidez para com o próximo.

Joséphine sentiu a insolência, mas preferiu se concentrar no caminho a seguir. Naquela hora, a avenue du Général-de-Gaulle estava engarrafada, mas não havia outro jeito de cruzar a ponte de Courbevoie. Do outro lado da ponte, a circulação voltaria a fluir. Pelo menos era o que ela esperava.

— Sugiro que a gente não comente a partida de seu pai no jantar hoje à noite — disse às filhas.

— Tarde demais — respondeu Hortense —, já contei pra

Henriette.

60

As meninas chamavam a avó pelo nome. Henriette Grobz recusava qualquer “vó” ou “vovó”. Achava vulgar.

— Ai, meu Deus, por quê?

— Ouça, mamãe, vamos ser práticas: se tem alguém que pode nos ajudar, esse alguém é ela.

Ela está pensando em Chefe. No dinheiro de Chefe, pensou Joséphine. Dois anos depois da morte do pai delas, a mãe casou novamente com um homem muito rico e muito bom. Foi Chefe quem educou as duas, Chefe quem pagou os estudos em boas escolas particulares, Chefe quem permitia que fizessem esqui, vela, hipismo, tênis, viagens ao exterior. Chefe tinha financiado os estudos de Iris, Chefe alugava o chalé em Megève, o barco nas Bahamas, o apartamento em Paris. Chefe, o segundo marido da mãe. No dia do casamento, Chefe apareceu com um paletó de lurex verde-maçã e uma gravata de couro xadrez. A Senhora sua mãe quase caiu dura! Diante dessa lembrança, Joséphine deu uma risadinha sufocada, mas voltou à ordem: uma buzinação imperiosa avisou que o sinal tinha ficado verde e ela não tinha dado a partida.

— E o que ela disse?

— Que isso não a espantava. Que já achava um milagre você ter encontrado um marido e que, portanto, conseguir mantê-lo já seria um supermilagre.

— Ela disse isso?!

— Palavra por palavra... E não está errada. Você foi muito

boba com o papai! Porque, francamente mamãe, deixar ele se mandar com...

— Chega, Hortense! Não permito que fale assim comigo. Você pelo menos não entrou em detalhes, entrou?

No mesmo momento em que a formulava, Joséphine se perguntou por que se rebaixava fazendo perguntas desse tipo. Claro que ela deve ter contado! E sem omitir nenhum detalhe: a idade de Mylène, o trabalho de Mylène, a blusa rosa de Mylène, o sorriso falso para aumentar as gorjetas... Deve ter até exagerado, para que sentissem pena dela, a pobre menininha abandonada.

— Iam ficar sabendo de qualquer jeito, então é melhor dizer logo... Para não ficar com tanta cara de besta.

— Por que tem tanta certeza de que o papai foi embora? — perguntou Zoé.

61

— Bem, foi o que ele me disse no telefone ontem...

— Ele disse isso mesmo? — perguntou Joséphine.

Mais uma vez, amaldiçoou sua língua. Tinha caído na armadilha de Hortense.

— Acho que ele virou a página definitivamente... Quer dizer, foi o que pude deduzir. Ele disse que está pensando num projeto e que a “outra” financiaria.

— Ela tem dinheiro?

— Economias de família que está disposta a colocar à sua

disposição. Ela parece loucamente apaixonada! Ele chegou a dizer que ela seria capaz de segui-lo até o fim do mundo... Está procurando trabalho no exterior, pois acha que não há mais futuro pra ele na França, que esse país está fodido e que ele precisa de novos espaços. Na verdade, ele já tem até uma ideia, que me contou e achei bastante interessante! Ficamos de conversar de novo...

Joséphine estava pasma. Antoine falava mais livremente com a filha do que com ela. Será que ele a via agora como uma inimiga? Preferiu se concentrar de novo no trajeto. Vou pelo Bois ou pego a perimetral em Porte Maillot? Que caminho Antoine escolheria? Quando ele dirigia, eu nem olhava por onde estava indo, me deixava conduzir perdida em devaneios com meus cavaleiros, minhas damas, meus castelos fortificados, as jovens noivas que viajavam em liteiras fechadas, enfrentando os sobressaltos da estrada para encontrar um homem que não conheciam, que logo ia tirar a roupa e deitar a seu lado. Estremeceu, sacudiu a cabeça e voltou ao itinerário. Resolveu cortar caminho pelo Bois, esperando que o trânsito não estivesse lento.

— De todo modo, isso não impede que tivesse me perguntado antes de falar — retomou Joséphine, depois de pegar o caminho do Bois.

— Bem, mamãe, não vamos começar a criar caso, não podemos. Vamos precisar do dinheiro de Henriette, então é melhor tratar de conquistá-la nem que seja fazendo o papel de coitadinhas perdidas na beira da estrada! Ela adora saber que precisam dela...

— De jeito nenhum. Nada de coitadinhas perdidas na beira da estrada. Vamos ter de nos virar sozinhas.

— Ah! E como é que você pretende fazer isso com seu salário de fome?

62

Joséphine deu uma violenta guinada no volante e estacionou na beira de uma alameda do Bois.

— Hortense, você está proibida de falar comigo nesse tom. Se insistir em ser desagradável desse jeito, vou tomar as devidas providências.

— Ai! Que medo! — debochou Hortense. — Não sabe o medo que tenho...

— Sei que pensa que não sou capaz, mas posso começar a endurecer o jogo. Sempre fui delicada, gentil com você, mas está passando de todos os limites.

Hortense olhou para Joséphine nos olhos e viu uma firmeza nova, o que a fez pensar que a mãe bem podia cumprir suas ameaças e mandá-la para um colégio interno, por exemplo, o que temia acima de tudo. Recuou em seu banco, fez um ar de ofendida e comentou, desdenhosa:

— Muito bem, continue a enfileirar suas palavras bonitas.

Você é ótima nesse jogo. Mas se virar na vida, é uma história bem diferente.

Então Joséphine perdeu completamente a calma e o controle.

Bateu no volante e falou tão alto que a pequena Zoé, apavorada,

começou a chorar e resmungar: “Quero voltar para casa, quero o Nestor! Vocês são chatas, muito chatas, e tenho medo de vocês!” Seu choro cobria a voz da mãe e em pouco tempo ouvia-se um concerto de gritos dentro daquele carro que antigamente só conhecia os trajetos silenciosos e embalados pela voz de Antoine, que gostava de explicar a origem dos nomes das ruas, a data da construção de uma ponte ou de uma igreja, a evolução de uma rua e de seu traçado.

— O que deu em você desde ontem? Está insuportável!

Parece até que me detesta, o que foi que eu fiz contra você?

— O quê? Meu pai foi embora porque você está horrorosa e chata e por isso mesmo não quero de jeito nenhum ficar parecida com você. Se for preciso, estou disposta a representar o papel de coitadinha na frente da Henriette, para que ela nos dê dinheiro!

— Ah, então é isso que pretende fazer: rastejar diante dela.

— Eu me recuso a ser pobre, tenho horror de pobre, a pobreza fede! É só olhar pra você. Feia até não poder mais.

63

Joséphine ficou olhando, boquiaberta de espanto. Não conseguia mais pensar, não conseguia mais falar. Mal conseguia respirar.

— Deu pra entender? Ainda não notou que a única coisa que interessa às pessoas hoje em dia é o dinheiro? Pois bem, sou como todo mundo, só que não tenho vergonha de admitir! Então pode parar com essa história de desinteressada, pois está sendo idiota,

mamãe, só idiota!

Precisava dizer alguma coisa, construir uma muralha de palavras entre ela e a filha.

— Você esqueceu uma coisa, minha querida, é que o dinheiro da sua avó é, na verdade, dinheiro do Chefe! E ela não dispõe dele como quiser. Está indo com muita sede ao pote...

Não era isso que devia dizer. Não era nada disso. Preciso lhe dar uma lição, preciso impor uma moral e não alegar simplesmente que esse dinheiro não lhe pertence. O que há comigo? O que houve comigo? Está dando tudo errado depois que Antoine foi embora...

Não consigo nem pensar corretamente.

— O dinheiro do Chefe é dinheiro da Henriette. Como Chefe não tem filhos, ela vai herdar tudo. Não sou idiota, conheço a lei e ponto final! E é melhor você parar de falar de dinheiro como se fosse merda, porque é apenas um meio rápido de ser feliz e pode ter certeza de que não tenho a menor intenção de ser infeliz!

— O dinheiro não é tudo na vida, Hortense!

— Nossa, como você é antiquada, mamãe! Vai ter que reciclar toda a sua educação. Vamos, ligue o carro! Só faltava a gente chegar atrasada. Ela detesta atrasos...

Em seguida, virando para Zoé, sentada lá atrás, chorando em silêncio com o punho na boca:

— E você, pare de choramingar que está me dando nos nervos. Cacete, estou mesmo mal-acompanhada! Dá pra entender por que papai se mandou...

Abaixou o quebra-sol, conferiu sua imagem no espelho mais

uma vez e reclamou bem alto:

— Droga! Com essa história, saiu todo o gloss e não tenho mais nenhum! Se encontrar algum dando sopa na casa da Iris, vou pegar. Juro que vou pegar. Ela não vai nem perceber, compra essas

64

coisas às dezenas. Nasci no lugar errado, com certeza. Peguei a carta errada!

Joséphine encarou a filha mais velha como se fosse uma criminosa fugida da prisão e veio parar no banco a seu lado: estava em pânico. Queria protestar, mas não tinha palavras. Tudo andava rápido demais. Tinha entrado na pista de um tobogã e deslizava para baixo, sem conseguir enxergar o final. Então, sem fôlego e sem argumentos, desviou os olhos e encarou a estrada, as árvores em flor ao longo das alamedas do bosque, os troncos poderosos, os longos ramos carregados de folhas novas de um verde macio, os botões prestes a explodir, pesando nos galhos, que se abaixavam e desenhavam uma cúpula florida que a luz da tarde de verão transpassava, clareando cada ramo, cada folha, cada broto inchado e tenro. Encontrou conforto no lento balanço dos ramos e, enquanto Zoé, com as mãos nas orelhas, os olhos fechados, o nariz franzido, chorava baixinho, girou a chave e acelerou rezando para não ter se enganado, para que a rua que escolheu desse mesmo na porte de la Muette. Depois, só faltará estacionar... Mas isso já é outra história, pensou consigo mesma, suspirando.

Naquela noite, o jantar de família desenrolou-se sem contratemplos.

Carmen garantia a qualidade do desfile de pratos, e a jovenzinha que ela tinha contratado como ajudante para a noite se revelou muito hábil. Iris, com uma longa camisa branca e calças de linho azul-lavanda, ficou em silêncio a maior parte do tempo e só se meteu na conversa para reanimá-la, o que teve que fazer várias vezes, pois as pessoas não estavam muito comunicativas. Havia alguma coisa forçada e ausente em sua atitude, pois normalmente era muito graciosa com seus convidados. Os longos cabelos negros, que caíam em ondas espessas e brilhantes sobre os ombros, estavam presos no alto da cabeça.

Que magnífica cabeleira!, pensava Carmen quando sentia os cabelos pesados escorrerem entre seus dedos: às vezes, Iris permitia que os escovasse e ela gostava de ouvi-los crepitar sob a escova. Iris tinha passado a tarde inteira trancada no escritório, sem um telefonema. Carmen ficou vigiando o painel da central telefônica instalada na cozinha. Nenhum botão tinha se acendido. O que poderia estar aprontando sozinha no escritório? E isso vinha acontecendo cada vez com maior frequência. Antes, quando ela chegava com os braços carregados de sacolas, gritava: “Carmencita! Prepare um banho quente! Rápido! Rápido! Vamos sair essa noite!”

65

Deixava os pacotes e corria para beijar o filho em seu quarto, trombeteando: “Como foi seu dia, Alexandre? Conte-me tudo, meu

amor, vamos! Teve boas notas?”, enquanto Carmen, no banheiro, abria a torneira da ampla banheira de mosaico azul e verde, misturava os óleos de tomilho, sálvia e alecrim, experimentava a temperatura enfiando o cotovelo na água, acrescentava alguns sais perfumados da Guerlain e, quando tudo estava perfeito, acendia pequenas velas e chamava Iris para que deslizasse dentro da água cheirosa e quente. Às vezes, Iris deixava que assistisse a seu banho, passasse uma lixa na planta de seus pés, massageasse os dedos com óleo de rosa-moscada. Os dedos firmes de Carmen envolviam tornozelos, panturrilhas e pés, apertavam, beliscavam, pressionando e soltando com ciência e voluptuosidade. Iris relaxava e falava do que tinha feito, das amigas, de um quadro descoberto numa galeria, de um chemisier com uma gola perfeita, “sabe como é, Carmen, não dobrada, mas reta e caindo para os lados como se duas baleias invisíveis a sustentassem...”, de um *macaron* de chocolate comido às mordidinhas, “assim, não como de verdade e não engordo!”, de uma frase ouvida na rua ou de uma velha que estendia a palma da mão na calçada e que lhe deu tanto medo que jogou uma moeda em sua velha mão enrugada. “Ai, Carmen, tive tanto medo de acabar como ela, um dia. Não tenho nada. Tudo

pertence a Philippe. O que tenho realmente em meu nome?” E

Carmen, massageando seus dedos, alisando as plantas macias de seus longos pés finos e arqueados, suspirava: “Nunca, minha bela, nunca vai acabar como essa velha enrugada. Nunca, enquanto eu viver! Farei faxina, removerei montanhas, mas nunca vou abandoná-la!” “Repita, Carmencita, repita para mim!” E ela se abandonava, fechava os olhos, sonolenta, a cabeça apoiada na toalha que Carmen havia enrolado e colocado sob seu pescoço.

Naquela noite, não houve cerimônia do banho.

Naquela noite, Iris tomou uma chuveirada rápida.

Para Carmen, era uma questão de honra que cada jantar saísse simplesmente perfeito. Sobretudo quando a sra. Henriette Grobz estava entre os convidados.

— Essa aí... — suspirou Carmen, olhando-a pela porta entreaberta do quartel-general de onde ela dirigia as operações — ...
é o cão!

Henriette Grobz estava na cabeceira da mesa, reta e dura como uma estátua de pedra, os cabelos puxados num coque cheio

66

de laquê, do qual nenhuma mecha ousava escapar. Até as santas nas igrejas são mais desleixadas do que ela!, pensou Carmen.

Usava um tailleur de tecido leve, com cada dobrinha cuidadosamente engomada. Hortense estava à sua direita, e a pequena Zoé à esquerda, e ela falava com uma e com outra, inclinando-se como uma velha professora. Zoé estava com as bochechas vermelhas. Seus olhos estavam inchados, os cílios colados. Deve ter chorado no carro no caminho para cá. Joséphine mal tocava a comida. Apenas Hortense tagarelava, fazendo sorrir a tia e a avó, lançando elogios a Chefe, que ronronava de prazer.

— Garanto que emagreceu, Chefe. Quando entrou na sala, pensei: como ele está bonito! Como rejuvenesceu! A não ser que tenha feito alguma coisa... Um pequeno lifting, talvez?

Chefe caiu na risada e esfregou o crânio, satisfeito.

— E faria isso por quem, minha menina?

— Bem, sei lá... Por mim, para me agradar, por exemplo. Não ia gostar de ver você velho e cheio de rugas... Quero ter um avô forte e bronzeado como o Tarzan.

Ela sabe como falar com os homens, essa menina, pensou

Carmen. Ele está explodindo de orgulho, o pai Grob. Até a pele da careca brilha de prazer. E, como sempre, vai lhe deixar uma linda nota quando partir. A cada encontro, sem falta, ele deslizava uma nota em sua mão sem que ninguém percebesse.

Tranquilizado pela conversa com Hortense, Marcel virou para Philippe Dupin para trocar algumas informações sobre as coisas na Bolsa. Alta ou baixa nos próximos meses? Hora de se vender ou, ao contrário, de investir? E em quê? Ações ou divisas? O que andam comentando no mundo dos negócios? Philippe Dupin escutava sem ouvir o sogro, que parecia em plena forma. Quase jovial, eu diria: está rejuvenescendo diante dos nossos olhos. A menina tem razão, pensou Carmen consigo mesma, mamãe Grob devia ficar de olhos bem abertos!

Carmen foi arrancada do exame dos convidados pela ajudante, que perguntou se era melhor servir o café no salão ou na mesa.

— No salão, querida... Pode deixar comigo, mas tire a mesa.

E coloque tudo na lava-louças, exceto as taças de champanhe, que precisam ser lavadas à mão.

Assim que acabou a sobremesa, Alexandre arrastou a prima

Zoé para seu quarto, deixando Hortense na mesa. Hortense sempre arranjava um jeito de ficar na companhia dos mais velhos. Ela se encolhia, tão pequena que quase a esqueciam, ela, tão efervescente e ousada um minuto atrás, se misturava à decoração e ouvia.

Observava, tentava decifrar uma frase em suspenso, um lapso, uma exclamação indignada, um silêncio pesado. Essa garota é uma verdadeira enxerida, diagnosticou Carmen. Ninguém desconfia, mas eu estou vendo muito bem o seu joguinho! E ela já descobriu que eu sei. Não gosta de mim, mas tem medo. Preciso arrumar uma ocupação para ela, vou levá-la para a outra sala essa noite, quem sabe para ver um filme.

Como a conversação não evoluía, Hortense se cansou sozinha e seguiu Carmen sem resistir.

Na grande sala de estar, Joséphine tomou seu café pedindo aos céus que as perguntas não caíssem sobre ela como rajadas de metralhadora. Tentou puxar conversa com Philippe Dupin, mas ele se esquivou: o celular estava tocando, era importante, se ela pudesse desculpar... E se refugiou em seu escritório para atender.

Chefe lia um jornal de economia colocado numa mesinha baixa. Iris e a senhora sua mãe falavam de trocar as cortinas de um dos quartos de dormir. Fizeram um sinal para que Joséphine viesse se sentar perto delas, mas Jo preferiu fazer companhia a Marcel Grobz.

— E então, minha pequena Jo, como vai a vida, de vento em

popa?

Ele tinha um modo particular de falar: usava expressões que ninguém mais usava. Com ele, era sempre uma viagem aos anos 60, 70. Deve ser a única pessoa que conheço que ainda diz “é muito bem-apanhada” ou “de vento em popa”!

— Pode-se dizer que mais ou menos, Chefe.

Ele piscou o olho, deu mais olhada em sua revista e, vendo que ela não ia embora, compreendeu que ia ter que conversar com ela.

— E seu marido, sempre desempregado?

Ela sacudiu a cabeça sem responder.

— Esses são tempos bicudos. Tem de fechar a guarda e esperar que passe...

68

— Ele continua a procurar... Lê os classificados toda manhã.

— Se não encontrar nada, diga que pode me procurar...

Posso colocá-lo em algum lugar.

— Muita gentileza sua, Chefe, mas...

— Ele vai ter que se curvar um pouco. Seu marido é muito orgulhoso, não, Jo? E hoje em dia, é impossível ficar se fazendo de orgulhoso. Hoje em dia, é preciso se curvar até o chão e ainda dizer obrigado ao patrão! Até o grande Marcel tem que ralar para encontrar novos mercados, novas ideias e agradecer aos céus quando consegue assinar um novo contrato.

Ele batia na barriga enquanto falava.

— Alguém precisa dizer isso a Antoine. A dignidade é um luxo. E ele não tem meios para manter esse luxo no momento! Veja bem, Jo, o que me salva é que venho da miséria. Então não tenho medo de topar com ela. Como diz um provérbio senegalês: “Quando não souber para onde vai, pare e olhe para o lugar de onde veio.”

Eu venho do miserê, então...

Joséphine teve que fazer um esforço para não contar a

Marcel que ela também não estava tão longe assim do... miserê.

— Veja bem, minha querida... Sinceramente, se tivesse que empregar alguém da família, preferia que fosse você. Porque você...

Você deve pegar no pesado... Já o seu marido... Não tenho tanta certeza de que é capaz de botar a mão na massa. Quer dizer, entenda...

E deu uma sonora gargalhada.

— Não estou pedindo que ele vire manobrista.

— Sim, eu sei, Chefe. Eu sei...

Acariciou seu antebraço e olhou para ele com ternura. Ele

ficou incomodado, interrompeu a risada bruscamente, pigarreou e mergulhou novamente na leitura do jornal.

Ficou sentada um instante a seu lado, esperando que

retomasse a conversa, ajudando-a a escapar da curiosidade da mãe

e da irmã, mas Marcel não dava nenhum sinal de que pretendia

recomeçar aquele diálogo. É sempre assim com Chefe, pensou

consigo Joséphine, depois de conversar dez minutos, ele se sente

quite e passa para outra coisa. Não tem interesse em mim. Essas

reuniões de família devem ser um peso para ele, assim como eram para Antoine. Os homens são excluídos. Ou melhor, só estão

69

autorizados a fazer figuração, nada mais. Dá para perceber que o verdadeiro poder está nas mãos das mulheres. Quer dizer, não de todas as mulheres! Eu mesma sou apenas um pano de fundo.

Sentia-se isolada. Deu uma olhadela rápida para Iris, que conversava com a mãe, brincando com os longos brincos retirados das orelhas e balançando seus pés de unhas pintadas em harmonia com as unhas das mãos. Que encanto! Não é possível, pensou consigo, pensar que esse ser resplandecente, especial e refinado pertence ao mesmo sexo que eu. Deveriam inventar subcategorias na classificação dos humanos em dois sexos. Sexo feminino, categorias A, B, C, D... Iris pertenceria à categoria A, e eu, à D. Joséphine se sentia excluída daquela feminilidade voluptuosa e tranquila que envolvia cada gesto de sua irmã. E todas as vezes que tentou imitá-la, a experiência se encerrou com uma derrota humilhante. Um dia, comprou sandálias de crocodilo verde-amêndoa — vistas nos pés de Iris — e saiu desfilando pelo corredor, esperando que Antoine notasse. E ele exclamou: “Que jeito estranho de andar! Está parecendo um travesti com essa coisa nos pés!” As deliciosas sandalinhas tinham se transformado em coisas e ela num traveco...

Levantou-se e foi sentar perto da janela, o mais longe possível da mãe e da irmã. Ficou olhando as árvores da place de la

Muette, que se balançavam no ar ainda úmido da noite. O pôr do sol enrubescia os pesados imóveis de pedra de cantaria, os portões de ferro batido desenhavam umbrais de prosperidade, os jardins, em tons de verde-fresco, amarelo-empoado, branco-enevado, emanavam vapores furta-cor. Tudo respirava riqueza e beleza, uma riqueza livre de qualquer materialidade para transformar-se em evanescência, delícia, sugestão. Chefe é rico, mas pesado. Iris é rica e leve. Adquiriu a incrível desenvoltura que o dinheiro proporciona. A Senhora sua mãe tentava inutilmente elevar-se ao nível da filha mais velha, mas será sempre uma emergente. Seu coque é muito rígido, seu batom, espesso demais, sua bolsa, envernizada demais — e por que não larga nunca essa maldita bolsa? Ela é como os expobres: tem medo de que a roubem. E janta com a bolsa no colo. Conseguiu fisgar Chefe, mas certamente não conseguiria com os outros, com aqueles que gostaria de fisgar! Teve que se contentar com Chefe: Chefe, o malvestido, Chefe que põe o dedo no nariz e abre as pernas para descolar os fundilhos das calças. Ela tem consciência disso e sente raiva dele. Ele lhe relembra continuamente que ela também é imperfeita e limitada. Mas Iris possui uma distinção feita de mistério, de segredo, uma

70

desenvoltura sem explicação que a coloca acima dos outros humanos, fazendo dela um exemplar único e raro. Iris tinha conseguido mudar de mundo e nascer pela segunda vez. É o que tornava Antoine desajeitado e suarento: essa

fronteira invisível entre Philippe e ele, entre Iris e ele. Uma diferença sutil que nada tem a ver com o sexo, o nascimento, a educação, que separa a verdadeira elegância da afetação do emergente e que coloca Antoine na categoria dos simplórios.

A primeira vez que Antoine se transformou em um chafariz foi aqui, nesse mesmo balcão, numa noite de maio... Estavam juntos, admirando as árvores da avenue Raphaël. Ele deve ter se sentido tão despreparado, tão impotente diante da perfeição das árvores, dos edifícios, das cortinas do salão que perdeu o controle de seu termostato e começou a suar em bicas. Os dois se esguiaram até o banheiro e inventaram uma explosão da torneira para explicar o estado lamentável de seu paletó, de sua camisa. Talvez tenham acreditado naquela noite, mas depois não foi mais possível. E eu só pude amá-lo ainda mais! Era capaz de compreendê-lo muito bem, eu que transpirava por dentro.

Não se ouvia nada além do rumor das páginas que Chefe virava no maior silêncio. O que o meu chuchuzinho estará fazendo agora?, perguntava-se ele, afogueado. Em que posição estará descansando? Deitada de bruços no canapé da sala, assistindo a uma dessas péssimas comédias que ela adora? Ou estendida na cama como um pão de ló dourado, naquela mesma cama onde rolaram ainda agora, à tarde e onde... Precisava parar com aquilo. Estou armando a barraca e todo mundo vai ver! Estava usando, por ordem da Cabo-de-vassoura, uma calça de gabardine cinza, leve, apertada como uma luva, que não deixaria de destacar uma ereção

fora de hora. Essa eventualidade causou um ataque de riso, que ele sufocou tão bem que estremeceu quando Carmen se inclinou diante dele perguntando:

— Um *macaron* para acompanhar o café, senhor?

E apresentou um prato de docinhos de chocolate, de amêndoas, de caramelo...

— Não, obrigado, Carmen, bebi demais, estou meio enjoado!

Ao ouvir suas palavras, Henriette Grobz estremeceu de desgosto e sua nuca enrijeceu. Chefe adorou. Não podia permitir que se esquecesse com quem estava casada! Sentia um prazer

71

maligno em lembrá-la. Para marcar sua reprovação muda e colocar uma certa distância entre ela e Chefe, Henriette Grobz levantou e foi ao encontro de Joséphine, perto da janela. A vulgaridade daquele homem era o seu castigo, a cruz que tinha de carregar. E de nada adiantou parar de frequentar seu escritório, seu quarto, sua cama, continuava com medo de ser contaminada, como se ele fosse portador de um vírus perigoso. Ela devia estar mesmo na miséria para ter se casado com um homem tão grosseiro! E ainda por cima, ele continuava a ostentar o vigor de um carvalho. Aquela vitalidade a deixava ainda mais irritada. Às vezes, vê-lo tão jovial e potente a deixava tão exasperada que não conseguia respirar, tinha palpitações e precisava tomar remédio para relaxar. Por quanto tempo ainda vou ter de suportá-lo? Deu um longo suspiro e preferiu concentrar sua atenção na filha que, apoiada na

janela, contemplava o balanço das árvores sob a brisa leve que começava a soprar, espalhando finalmente um pouco de ar fresco naquela noite.

— Venha comigo, querida, vamos conversar, só nós duas — disse ela, arrastando Joséphine para um sofazinho no fundo da sala.

Iris não demorou a se juntar a elas.

— E então... Joséphine — atacou Henriette Grobz —, o que pretende fazer agora?

— Seguir em frente... — respondeu Joséphine, emburrada.

— Seguir em frente? — perguntou Henriette Grobz, surpresa.

— Seguir o quê?

— Ora... Bem... Seguir adiante, continuar a minha vida...

— Vamos falar sério, querida...

Quando sua mãe a chamava de “querida”, a situação era grave. A piedade, o sermão, a condescendência iam se suceder como os versos de um refrão batido.

— Na verdade... Não é da sua conta! — balbuciou. — É problema meu.

Joséphine deu à resposta, rápida demais para que pudesse controlá-la, um tom agressivo ao qual a autora de seus dias não estava habituada, e ela fechou a cara.

— Isso são modos de me responder? — replicou Henriette Grobz, aborrecida.

— O que resolveu, afinal? — recomeçou Iris, com sua voz suave e envolvente.

— Resolvi me virar... E sozinha — respondeu Joséphine de um jeito mais brusco do que gostaria.

— Ah... Que ingrata, recusar desse jeito a ajuda que lhe oferecem — disse Henriette Grobz, amuada.

— Talvez, mas é isso mesmo. Não quero mais falar sobre isso, certo?

Sua voz subiu num crescendo e derrapou no fim da frase num grito agudo que explodiu na atmosfera acolchoada da noite tranquila.

Ora, ora, que bafafá é esse?, se perguntou Chefe, esticando as orelhas. Elas me escondem tudo! Sou realmente a última roda da carroça nessa família. Como quem não quer nada, se esticou para botar o jornal embaixo da mesinha, tentando ficar mais perto do local onde estavam as três mulheres.

— Vai se virar... Mas como?

— Trabalhando, dando algumas aulas, ou... Ainda não sei direito! Por enquanto, estou tentando voltar à superfície e, acreditem, não está sendo fácil. Ainda não me dei conta completamente, acho.

Iris olhou para a irmã e admirou sua coragem.

— O que você acha, Iris? — perguntou a Senhora sua mãe.

— Jo tem razão, ainda é muito recente. Vamos deixar que se recupere antes de perguntar o que pretende fazer.

— Obrigada, Iris... — suspirou Joséphine, que ousou

acreditar que a tempestade tinha passado.

Não levou em conta a teimosia da Senhora sua mãe.

— Pois eu, quando fiquei sozinha para criar vocês, arregacei as mangas e trabalhei, trabalhei, trabalhei...

— Mas eu trabalho, mamãe, eu trabalho! Parece que você sempre se esquece disso.

— Não chamaria isso de trabalhar, filhinha.

— Por que não tenho escritório, não tenho patrão, não tenho tíquete-refeição? Por que não se parece com nada que você conheça? Mas é assim que ganho a vida, queira você ou não.

73

— Um salário de fome!

— Gostaria de saber quanto você ganhava no Chefe quando começou. Não devia ser muito mais...

— Não use esse tom comigo, Joséphine.

Excitado, Chefe levantou. Cacete, o tempo está fechando, pensou consigo. Finalmente a noite vai ficar divertida. A Duquesa vai montar nos cascos, empilhar mentira sobre mentira, remexer no baú de lembranças e exibir a velha imagem de viúva inconsolável e maravilhosa mãe de família que se sacrifica pelos filhos! Conhecia aquele número de vítima de cor e salteado.

— É verdade que o começo foi duro. Apertamos o cinto, mas Chefe logo reparou em minhas qualidades... E consegui reagir...

Parecia um pavão, ainda emocionada com aquela vitória

incrível contra a adversidade, e uma imagem veio se sobrepor a seu discurso: a de uma linda mulher, alta, heroica, enfrentando as ondas enfurecidas como uma figura de proa, arrastando pela mão as duas orfãzinhas com o nariz vermelho de tanto chorar. Ter criado sozinha as duas filhas era seu título de glória, sua *Marseillaise*, sua Legião de Honra.

Você reagiu graças aos envelopes cheios de dinheiro que eu lhe dava sob os mais diversos pretextos. E que você, ainda por cima, fazia de conta que não notava para não precisar agradecer, pensou Chefe, molhando o indicador para virar a página de seu jornal. Conseguiu reagir porque era uma maltrapilha desde o berço, mais corruptível e impiedosa que a prostituta mais rodada! Mas eu já tinha sido fisgado e faria qualquer coisa para agradar, para ajudar.

— ... Mas em seguida meu trabalho foi reconhecido por todos, até mesmo pelos concorrentes de Chefe, e ele resolveu me segurar a qualquer custo...

Queria tanto seduzi-la que teria lhe dado um salário de diretor-geral sem que precisasse nem pedir. E disse que todo mundo estava atrás de você para que aceitasse o dinheiro que lhe dava sem ficar ofendida. Fui o mais burro de todos os burros! Uma besta quadrada, comendo na sua mão! Agora você posa de rainha das virtudes, mas já contou à sua filha com que isca me pescou? Eu era manipulado como um fantoche! Queria ser um marido e acabei sendo um criado. Supliquei que me desse um filho e você riu

na minha cara. Um filho! Um pequeno Grobz! Sua boca vomitava

74

meu nome como se já tivesse fazendo um aborto. E ria! Você fica tão feia quando ri, tão horrorosa! Conte isso a elas! Diga a verdade!

Assim elas aprendem que os homens são umas crianças

retardadas! Que basta agitar um paninho vermelho para atraí-los! E

eles marcham como soldadinhos! Na verdade, tenho que ficar de pé

atrás com a Doçura... Essa história de Chaval não me convence

muito, não...

— Vou fazer como você. Vou trabalhar. E vou conseguir me

virar sozinha.

— Você não está sozinha, Joséphine! Devo lembrá-la de que

tem duas filhas...

— Não precisa, mamãe, eu sei. E não há a menor

possibilidade de esquecer.

Iris ouvia a conversa e pensava que em breve ela poderia

estar nessa mesma situação. Se Philippe perdesse o juízo e tomasse

coragem para reclamar sua liberdade... Já podia imaginá-lo como

um Mosqueteiro intrépido e isso a fez rir. Não! Eles estavam presos

juntos na mesma rede: a respeitabilidade. Não havia nada a temer.

Por que tinha tanto medo de que o céu caísse em sua cabeça?

— Está me parecendo um pouco imprudente, Joséphine.

Sempre achei que é muito ingênua para essa vida moderna. Muito

despreparada, minha pobre criança!

E Joséphine viu tudo vermelho na sua frente. Anos e anos

desse mesmo tom lamentoso quando falava dela dispararam de repente como balas perfurando seu coração, e ela explodiu.

— Você é um saco, mamãe! Você é um pé no saco com esse seu discurso moralista! Não aguento mais! Pensa que engulo essas suas histórias edificantes de viúva batalhadora? Acha que não sei o que fez com Chefe? Que não percebia suas manobras nojentas? Casou com Chefe por causa do dinheiro dele! Foi assim que consegui se virar, não tem outra história, e não porque foi corajosa, trabalhadora e merecedora. Então pare de me dar lição de moral. Se Chefe fosse pobre, você nem olharia para ele e teria encontrado um outro. Está vendo, eu não era tão boba assim. E teria aceitado, teria entendido que fazia isso por nós, até acharia bonito se não se fizesse de vítima o tempo todo, se não usasse esse seu tom condescendente quando fala comigo, como se eu fosse uma fracassada, uma coitada... Não aguento mais a sua hipocrisia, não aguento mais as suas mentiras, não aguento mais os seus braços

75

cruzados, seu sacrifício... Essas lições de moral que você me dá, quando na verdade tudo o que fez foi exercer a mais velha profissão do mundo!

Em seguida, virando para Chefe, que ouvia tudo sem tentar se esconder:

— Sinto muito, Chefe...

E diante de sua figura boquiaberta, cujo ridículo era evidente, ela percebeu também, de repente, toda a sua bondade,

sua generosidade e, mordida pelo remorso, só conseguia repetir:

— Sinto muito, sinto muito... Não queria magoar você.

— Não se preocupe, minha pequena Jo, não nasci ontem.

Joséphine enrubesceu. Queria tê-lo poupado, mas não conseguiu se controlar.

— Foi uma explosão!

Enunciou essa evidência enquanto a mãe, muda e lívida, se deixava cair no sofá e se abanava com a mão, ameaçando desmaiar de verdade para atrair a atenção de todos.

Joséphine olhou para ela exasperada. Em breve, ia pedir um copo d'água, se recuperar, pedir que colocassem uma almofada em suas costas, gemer, tremer, lançar-lhe um olhar sombrio, mortal, acompanhado daquelas legendas que ela conhecia de cor: “Como pode me tratar assim depois de tudo que fiz por você, não sei se encontrarei forças para perdoá-la, se o que deseja é a minha morte, não vai ter de esperar muito tempo, prefiro morrer a ter que suportar uma filha assim...” Ela sabia muito bem como gerar um sentimento de culpa tão pesado que o outro acabava se ajoelhando a seus pés, pedindo perdão por ter ousado contradizê-la, ofendê-la.

Joséphine a viu fazer isso primeiro com seu pai, depois com o padrasto.

Por um segundo, pensou em sair da sala e tratar de se controlar na cozinha, com Carmen. Jogar um pouco d'água no rosto, pedir uma aspirina. Estava esgotada. Esgotada mas... feliz, com a sensação de que, pela primeira vez na vida, ousou ser ela

mesma, Joséphine, aquela mulher que ela não conhecia muito bem, com a qual vivia há quarenta anos, sem nunca lhe dar a devida atenção. Mas agora, morria de vontade de conhecê-la melhor. Era a primeira vez que aquela mulher enfrentava a mãe, a primeira vez que levantava a voz, que se atrevia a dizer o que pensava. A forma

76

não foi a mais elegante, até um pouco grosseira e confusa — o que reconhecia de bom grado —, mas no fundo estava encantada.

Então, por aquela mulher, ela resolveu enfiar a faca até o fim e, antes de deixar a sala, parou diante de sua mãe, que gemia no sofá, e acrescentou com uma voz suave, mas firme:

— Ah! Estava esquecendo, mamãe... Não vou lhe pedir nada, nem um tostão, nem o menor conselho. Vou me virar sozinha, completamente sozinha, nem que a gente tenha que morrer de fome, eu e minhas filhas! Ouça bem, vou lhe fazer uma promessa: nunca, nunca mais serei aquela perdida na beira da estrada, a quem você precisa ensinar tudo e apontar o caminho certo! E sabe por que, mamãe? Porque sou uma mulher madura, responsável e vou provar isso a você.

Precisava se controlar: não conseguia parar de falar.

Henriette Grobz virou a cabeça violentamente, como se a visão da filha tivesse se tornado insuportável, e emitiu alguns grunhidos que diziam: saia daqui! Saia daqui! Não posso mais! Vou morrer...

Joséphine, divertida com a previsibilidade das reações de sua

mãe, deu de ombros e saiu da sala. Quando empurrou a porta, ouviu um gritinho. Era Hortense, que ouvia com a orelha colada à porta de madeira e se chocou com ela.

— O que está fazendo aí, querida?

— Que esperta! — disse a filha. — Já deu o seu showzinho?

Espero que esteja se sentindo melhor agora!

Joséphine preferiu não responder e se refugiou no primeiro cômodo depois da sala. Era o escritório de Philippe Dupin. Não o viu assim que entrou, mas ouviu sua voz. Ele estava de pé, meio escondido pelas pesadas cortinas de estame vermelho bordada de passamanarias, e falava em voz baixa segurando o fone contra a orelha.

— Ah, desculpa! — disse ela, fechando a porta atrás de si.

Ele se interrompeu imediatamente. E ela ouviu quando disse “volto a ligar” e depois desligou.

— Não queria incomodar...

— Foi um pouco mais longo do que pensei...

— Só queria descansar um pouco... Longe das...

77

Enxugou a testa que o suor perolava levemente e se balançou de um pé para o outro, esperando que ele a convidasse a sentar. Não queria atrapalhar, mas também não queria voltar para a sala de estar. Ele a observou um instante, perguntando-se o que deveria dizer e como faria para passar da conversa que tinha acabado de cortar àquela mulher desajeitada, titubeante, que o encarava como

se esperasse alguma coisa dele. Sempre se sentia incomodado com as pessoas que esperavam alguma coisa dele. Sentia repugnância. Era incapaz de qualquer simpatia quando ela se apresentava como uma obrigação ou uma súplica. A menor invasão de sua intimidade o deixava frio e irritado. Tinha pena de Joséphine, mas detestava sentir pena. Até tentava dizer a si mesmo que precisava ser gentil, tentar ajudar, mas só tinha um desejo: se livrar dela o mais rápido possível. De repente, teve uma ideia.

— Diga, Joséphine, você fala inglês?

— Se falo inglês? Mas claro! Inglês, russo e espanhol.

Ficou tão aliviada ao ouvi-lo finalmente falar, fazer uma pergunta pessoal, que aquela lista de habilidades foi dita com uma vozinha estridente. Pigarreou e recuperou o controle. Tinha se vangloriado de maneira pouco discreta. Não estava habituada a se gabar, mas, naquela noite, a cólera tinha anulado suas inibições.

— Ouvi Iris dizer que...

— Ah! Ela falou?

— Poderia lhe oferecer um trabalho, algo para ganhar um pouco mais de dinheiro. Seria para traduzir alguns contratos importantes, contratos de negócios. Bem, é muito chato, mas não é mal pago! Tínhamos, no escritório, uma colaboradora cuja responsabilidade era exatamente essa, mas ela saiu. Russo, você disse? Fala o suficiente para entender as sutilezas, quando se trata de negócios?

— Falo bem, sim...

— Poderíamos ver isso juntos. Fazer um teste...

Philippe Dupin ficou silencioso um instante. Joséphine não ousou interromper. Aquele homem tão perfeito a intimidava e, no entanto, estranhamente, ele nunca lhe pareceu tão humano. O celular de Philippe recomeçou a tocar e ele não atendeu. Joséphine ficou agradecida.

78

— A única coisa que te pediria, Joséphine, é que não falasse com ninguém. Absolutamente ninguém... Nem com sua mãe, ou sua irmã, ou seu marido. Gostaria que isso ficasse entre nós. Entre nós dois, quero dizer.

— Eu também gostaria — suspirou Joséphine. — Se soubesse como estou cansada de ter que me justificar o tempo todo para essa gente que me acha lenta e insossa...

As palavras “lenta” e “insossa” o fizeram sorrir e, imediatamente, a tensão caiu. Ela não está errada, pensou. Tem alguma coisa de insípido nela. Essas são exatamente as palavras que usaria se tivesse que descrevê-la. Foi tomado por uma onda de simpatia por aquela cunhadinha desajeitada, mas comovente.

— Gosto muito de você, Jo. E admiro também. Não fique vermelha! Acho que é muito corajosa e muito bondosa...

— Já que não posso ser bonita e enigmática como Iris...

— É verdade que Iris é muito bonita, mas você tem uma outra beleza...

— Pare com isso, Philippe! Pare ou vou começar a chorar...

Estou muito fragilizada nesse momento. Se soubesse o que acabei de fazer...

— Antoine foi embora... É isso?

Não era nisso que estava pensando, mas sim, lembrou disso também: Antoine tinha ido embora. Mas reagiu:

— Pois é...

— São coisas que acontecem..

— Pois é — ironizou Joséphine num sorriso —, veja você, nem na infelicidade eu tenho o privilégio da originalidade.

Trocaram um sorriso e ficaram silenciosos por um instante.

Em seguida, Philippe Dupin levantou e foi consultar sua agenda.

— Que tal amanhã, em meu escritório, às 15 horas? O que acha? Posso lhe apresentar a pessoa encarregada de supervisionar as traduções...

— Obrigada, Philippe. Muito obrigada.

Ele colocou um dedo nos lábios para recordar o segredo que ela tinha prometido manter. Ela fez que sim com a cabeça.

79

Na sala, sentada nos joelhos de Marcel Grobz, passando e repassando a mão em sua careca, Hortense Cortès se perguntava que assunto a mãe e o tio podiam ter para ficarem todo aquele tempo trancados no escritório e o que podia fazer para se recuperar da enorme gafe cometida pela mãe naquela noite.

80



Segunda parte

81

Sobre a mesa da cozinha, Joséphine fazia suas contas.

Outubro. A volta às aulas tinha acabado. Tinha pagado tudo: o material escolar, os jalecos para o laboratório, as pastas, os uniformes de ginástica, a cantina das filhas, os seguros, os impostos e as prestações do apartamento.

— Sozinha! — suspirou, deixando cair o lápis.

Uma verdadeira proeza.

Claro, contou com as traduções feitas para o escritório de Philippe. Tinha trabalhado duramente em julho e agosto. Não saiu de férias, ficou trancada no apartamento de Courbevoie. Seu único lazer era regar as plantas da varanda! E teve dificuldades com a camélia branca. As meninas ficaram com Antoine no mês de julho, conforme combinado, e Iris tinha convidado as duas para ficarem com ela em Deauville em agosto. Jo tirou uma semaninha em torno

do dia 15 de agosto para se encontrar com elas. As meninas pareciam ótimas: bronzeadas, descansadas, crescidas. Zoé tinha ganhado um concurso de castelos de areia e exibia seu prêmio: uma máquina fotográfica digital. “Uau!”, tinha dito Jo, “logo se vê que estamos entre gente rica!”, e Hortense fez cara de reprovação. “Ora, querida, é tão bom relaxar e dizer bobagem!” “Claro, mamãe, só que você corre o risco de magoar Iris e Philippe, que são tão gentis conosco...”

Joséphine prometeu a si mesma que ia ficar atenta para não dizer o que lhe viesse à cabeça. Ficava muito mais à vontade com Philippe. Era como se fosse uma colaboradora, embora a palavra ultrapassasse em muito a sua função. Uma noite, os dois se encontraram no cais de madeira que avançava sobre o mar; ele disse que havia fechado um negócio cujos prelúdios tinham sido traduzidos por ela. Brindaram à saúde do novo cliente. Ela ficou emocionada.

A casa era linda, suspensa entre o mar e as dunas; faziam festa toda noite, iam pescar, grelhavam os peixes numa grande churrasqueira, improvisavam novos coquetéis e as meninas caíam na areia dizendo que estavam de pileque.

Voltou a Paris a contragosto. Mas quando viu o montante do cheque que a secretária de Philippe lhe entregou, parou de

82

reclamar. Pensou até que tivessem se enganado. Suspeitava que Philippe pagava mais do que o devido. Só o via muito raramente;

era recebida sempre pela secretária. Às vezes, ele deixava um bilhete dizendo que estava muito satisfeito com seu trabalho.

Um dia, acrescentou um “P.S.: O que não me espanta, vindo de você”.

Seu coração se deixou levar. Lembrou da conversa no escritório na noite em que... Na noite em que tinha brigado com a mãe.

Em seguida, mais recentemente, uma colaboradora de Philippe, aquela a quem entregava seus trabalhos, perguntou se se sentia capaz de traduzir algumas obras do inglês. “Livros de verdade?”, perguntou Jo, arregalando os olhos. “Sim, claro...” “Livros, mesmo?” “Sim..”, respondeu a colaboradora, meio irritada com tantas perguntas. “Um de nossos clientes é editor e está precisando de uma tradução urgente e bem-cuidada de uma biografia de Audrey Hepburn. Pensei em você...” “Em mim?”, articulou Joséphine, numa vozinha estridente que mostrava seu espanto. “Claro, ora, em você!”, respondeu a dra. Caroline Vibert, que exibia sinais evidentes de irritação. “Ah! Sim... Claro!”, disse Jo, tentando se recompor. “Não tem problema! Para quando seria?”

A dra. Vibert lhe passou o telefone da pessoa com quem deveria falar e tudo se concluiu rapidamente. Tinha dois meses para fechar a tradução de *Audrey Hepburn, uma vida*, 352 páginas de texto compacto! E dois meses, calculou ela, significam que tenho que terminar até o fim de novembro!

Enxugou a testa. Tinha outros compromissos além daquele.

Estava inscrita para uma conferência na Universidade de Lyon e precisava redigir umas boas cinquenta páginas sobre o trabalho feminino nos ateliês no século XII. Na Idade Média, as mulheres trabalhavam tanto quanto os homens, mas não realizavam as mesmas tarefas. Segundo a contabilidade dos tecelões, em 41 operários, vinte eram mulheres, 21 homens. Os trabalhos considerados muito pesados eram proibidos às mulheres. Como, por exemplo, a tecelagem em teares verticais, pois obrigava a manter os braços levantados. Temos muitas ideias preconcebidas sobre essa época. Imaginamos mulheres retiradas em seus castelos, debaixo dos altíssimos chapéus em forma de cone, chamados *hannin*, ou presas em seus cintos de castidade, mas na realidade elas eram bastante ativas, sobretudo entre as mulheres do povo e

83

as artesãs, e bem menos na aristocracia, claro. Como começar: com uma anedota? Uma estatística? Considerações gerais?

Lápis no ar, ela pensava quando, de repente, uma ideia atravessou seu cérebro e explodiu como uma bomba: esqueci de perguntar quanto vão me pagar por Audrey Hepburn! Pus mãos à obra como uma boa operária e esqueci. Uma onda de pânico a sufocou e ela se imaginou presa numa armadilha. O que fazer? Ligar e dizer: “Na verdade, quanto vão me pagar? Imagine que bobagem! Esqueci de perguntar!” Perguntar à dra. Vibert?

Impossível. Lenta e insossa, lenta e insossa, lenta e insossa. As coisas estão indo rápido demais!, lamentou-se ela. Mas como agir

de outra maneira? As pessoas não têm tempo para esperar, tempo para refletir. Preciso anotar todas as minhas dúvidas num papel antes de ir a esse encontro. Preciso aprender a ser mais rápida, a ser eficiente. Logo eu, que levava uma vidinha de caracol estudioso...

Shirley lhe dava uma ajuda na tradução de Audrey Hepburn:

Joséphine marcava as palavras ou expressões problemáticas e enfiava embaixo da porta da amiga. As portas não paravam de bater no hall do andar delas.

Mas ali, no papel, os números não mentiam. Estava se saindo bastante bem. Sentiu-se eufórica e esticou os braços imitando um voo. Feliz! Feliz! Em seguida, reprimiu-se e pediu aos céus que o milagre durasse. Não pensou nem por um segundo: é porque trabalho, porque trabalho sem parar. Não! Joséphine nunca estabelecia a ligação entre seu esforço e a recompensa, nunca se parabenizava. Agradeceu a Deus, aos céus, à dra. Vibert, mas nem lhe passou pela cabeça tomar para si pelo menos os louros das longas horas debruçada sobre dicionários e folhas de papel.

Se esse trabalho continuar, vou ter de comprar um computador para agilizar. Mais uma despesa, pensou, e varreu a preocupação para longe.

De um lado, listou os ganhos, do outro, as despesas. A lápis, marcava as entradas e saídas eventuais e com uma caneta Bic vermelha, o que era garantido. E arredondava. Arredondava muito.

Sempre em prejuízo próprio. Assim, pensava, só posso ter

surpresas boas, além de acumular uma pequena margem. Era isso que a apavorava: não tinha margem alguma. Se surgisse algum problema inesperado, seria uma catástrofe!

Não podia contar com ninguém.

84

Esse deve ser o verdadeiro sentido da palavra “sozinha”.

Antes, éramos dois. E antes, sobretudo, Antoine cuidava de tudo.

Ela assinava aqui e lá, onde ele indicava: “Poderia fazer você assinar qualquer coisa!” E ela respondia: “Claro, com certeza!

Confio em você!” E ele beijava seu pescoço enquanto ela assinava.

Nunca mais ninguém beijou seu pescoço.

Ainda não tinham tocado no assunto da separação e do divórcio. E ela continuou a assinar docilmente todos os papéis que ele lhe trazia, sem fazer perguntas. Fechando os olhos para que pelo menos aquele laço perdurasse. Marido e mulher, marido e mulher. Para o melhor e para o pior.

Ele continuava “tomando ar”. Com Mylène. Vai fazer seis meses que ele toma ar, pensava, sentindo a raiva subir. Aqueles ataques de raiva que a submergiam eram cada vez mais frequentes.

Quando veio buscar as meninas no começo de julho, ela se sentiu mal. Muito mal. A porta do elevador batendo: “Tchau, mamãe, bom trabalho!” “Divirtam-se, meninas! Aproveitem!” E depois o silêncio no vão da escada. E depois... Correu até a varanda e viu Antoine colocando as coisas no carro, abrindo o porta-malas, enfiando as duas malas e... Na frente, no lugar que era o dela, um

cotovelo para fora da janela. Um cotovelo de algodão vermelho.

Mylène!

Ele ia levá-la para as férias com as meninas.

Mylène!

Estava sentada em seu lugar.

Mylène!

E não se escondia, deixava o cotovelo de fora. O cotovelo vermelho.

Por um segundo, Jo teve vontade de descer para pegar as filhas pelo braço e arrancá-las das garras do pai, mas pensou melhor. Antoine estava agindo dentro do seu direito, do seu mais estrito direito. E ela não podia dizer nada.

Deixou-se cair no chão de cimento da varanda. Enfiou os punhos nos olhos e chorou, chorou. Um monte de tempo. Sem se mover. Passando e repassando sem cessar o mesmo filme. Antoine apresentava Mylène às filhas, Mylène sorria para elas. Antoine dirigia, Mylène lia o mapa. Antoine sugeria que parassem num restaurante, Mylène escolhia. Antoine alugava um apartamento com

85

as filhas e Mylène. O quarto das filhas, o quarto dele com Mylène.

Dormia com Mylène e as filhas dormiam no quarto ao lado. De manhã, tomavam café da manhã juntos. Todos juntos! Antoine ia fazer compras com as filhas e Mylène. Corria na praia com as filhas e Mylène. Acompanhava as filhas e Mylène à festa de rua.

Comprava algodão-doce para as filhas e Mylène. As palavras eram

apenas um refrão que cantarolava “as filhas e Mylène, Antoine e Mylène”. Respirou profundamente e gritou: “Refazer a família é o cacete!” Ficou espantada ao se ouvir gritar daquele jeito e parou de chorar.

Naquele dia, Joséphine compreendeu finalmente que seu casamento tinha chegado ao fim. Um cotovelo de tecido vermelho foi mais eficiente que todas as palavras trocadas entre ela e Antoine.

Acabado, disse consigo, desenhando na folha de papel um triângulo, que coloriu de vermelho vivo. A-ca-ba-do. Bem acabado.

Em seguida, colou o triângulo vermelho na cozinha, acima da torradeira, para vê-lo a cada dia.

No dia seguinte, recomeçou suas traduções.

Mais tarde, quando foi à casa de Iris, em Deauville, ficou sabendo que Zoé chorou muito durante aquele mês de julho. Soube por Iris, que soube por Alexandre, que soube pela própria Zoé.

“Antoine disse a elas que era melhor se acostumarem com Mylène porque pretendia viver com ela e além do mais tinham um projeto de trabalho comum para a volta das férias... O quê? Ninguém sabe...” As meninas não falavam. E Joséphine mordeu a língua para se impedir de fazer perguntas.

“As pobrezinhas já começaram a vida mal!”, declarou a Senhora sua mãe a Iris. “Meu Deus, o que fazem essas crianças passarem hoje em dia! E depois, se espantam que a sociedade esteja indo tão mal. Se nem os pais sabem se comportar, o que se pode esperar dos filhos?”

A Senhora sua mãe. Não a viu mais, desde o mês de maio.

Desde o enfrentamento no salão da casa de Iris. Nem uma palavra sequer. Nem um telefonema. Nem uma carta. Nada. Não pensava nisso todo o tempo, mas quando ouvia, na rua, alguma mulher de sua idade chamar uma velha senhora de “mamãe”, seus joelhos amoleciam e tinha de procurar um banco para sentar.

86

Mesmo assim, Joséphine se recusava a dar o primeiro passo.

Mesmo assim, não retiraria uma só palavra do discurso que tinha feito naquela noite.

Chegou a se perguntar se a briga com a mãe não tinha lhe dado mais energia para trabalhar. “A gente se sente mais forte quando para de trapacear. Naquela noite, você não trapaceou e, depois disso, veja os progressos que fez!” Era a teoria de Shirley. E talvez Shirley não estivesse errada.

Sozinha. Sem Antoine, sem mãe. Sem homem.

Na biblioteca, nas passagens estreitas entre as estantes, chocou-se com um homem que vinha no sentido contrário. Estava com os braços carregados de livros, não dava para ver nada. Os livros caíram, fazendo um escarcéu, e o desconhecido se abaixou para ajudar a pegá-los. Fez cara de bravo, o que provocou um ataque de riso em Joséphine. Foi obrigada a sair para se acalmar. Quando voltou, ele piscou para ela, cúmplice. Ela ficou agitadíssima. Procurou seu olhar a tarde inteira, mas ele manteve os olhos mergulhados nos fichários. Algum tempo se passou e ela

levantou os olhos de novo: ele tinha desaparecido.

Encontraram-se novamente e ele acenou com a mão, sorrindo docemente. Era alto, magro, os cabelos castanhos caindo nos olhos e com o rosto tão escavado que parecia aspirado a vácuo. Ajeitava delicadamente o *duffle-coat* azul-marinho no encosto da cadeira antes de sentar, batia a poeira, alisava e, finalmente, deslizava para o assento como um bailarino, virando o encosto ao contrário. Tinha pernas longas e magras. Podia imaginá-lo dançando sapateado. De collant preto, paletó preto, cartola preta. Seu rosto mudava muito de aparência. Num minuto, achava que era bonito e romântico, mas, no instante seguinte, parecia pálido e melancólico. Nunca tinha certeza de reconhecê-lo. Às vezes perdia sua imagem e tinha de procurar várias vezes antes de reconhecê-lo, em carne e osso.

Não teve coragem de falar sobre o jovem com Shirley. Ia zombar dela. “Devia ter convidado esse homem para um café, perguntado o nome, descoberto seus horários de trabalho! Você não é de nada mesmo.”

Pois é... Não sou de nada e isso não é nenhuma novidade!, suspirou Joséphine, rabiscando sua folha de contas. Vejo tudo, sinto tudo, mil detalhes penetram em mim como longas farpas que

87

me esfolam viva. Mil detalhes que os outros nem percebem porque têm peles de crocodilo.

O mais duro era não se deixar levar pelo pânico. O pânico

chegava sempre à noite. Podia ouvir o medo crescer dentro dela e não podia fugir. Virava e revirava no colchão sem conseguir dormir.

Pagar as prestações do apartamento, as taxas do imóvel, os impostos, as lindas roupas de Hortense, a manutenção do carro, os seguros, as contas de telefone, a mensalidade da piscina, as férias, as entradas para o cinema, os sapatos, os aparelhos de dente...

Enumerava as despesas e, com os olhos arregalados, aterrorizada, se enrolava nas cobertas para não pensar mais. Às vezes, acordava de vez, sentava na cama, fazia e refazia as contas em todos os sentidos para constatar que não, não ia conseguir, embora durante o dia os números tivessem dito sim! Acendia a luz, em pânico, e ia procurar o pedacinho de papel onde tinha rabiscado suas contas.

Refazia tudo em todos os sentidos até reencontrar... seu bom-senso e apagar a luz, exausta.

Tinha medo das noites.

Deu uma última olhada nos números traçados a lápis e nos outros, em vermelho, e constatou, tranquilizada, que por enquanto eles continuavam calmos. Seu espírito voou para a conferência que tinha de preparar. Um fragmento de texto lido anteriormente lhe veio à memória. Pensou que seria interessante copiá-lo e usá-lo.

Pesquisou um pouco e encontrou o texto. Resolveu colocá-lo no início de sua apresentação na conferência.

“Todas as pesquisas de história econômica destacam os anos 1070-1130, na França: é nesse período que se verificam tanto a fundação de inúmeros povoados rurais, quanto os primeiros sinais

do crescimento urbano; tanto a penetração da moeda nos campos, quanto o estabelecimento de circuitos comerciais interurbanos.

Ora, esse tempo de dinamismo e inovação é TAMBÉM um tempo em que a opressão senhorial é sistemática. Como pensar a relação entre esses dois fatos: desenvolvimento econômico apesar da feudalidade ou graças a ela?”

Com o cotovelo deslizando sobre o tecido que cobria a mesa, Jo se perguntava se essa questão não se aplicava igualmente a seu próprio caso.

Depois que ficou sozinha, perseguida pelas contas a pagar, ela cresceu em conhecimento e sabedoria. Como se o fato de estar

88

em perigo a levasse a ir com mais sede ao pote, a trabalhar e trabalhar e trabalhar...

Se todo aquele dinheiro não se evaporasse muito rápido, poderia alugar uma casa para as meninas no próximo verão, comprar as roupas bonitas que elas pediam, levá-las ao teatro, aos concertos... Poderiam jantar num restaurante uma vez por semana e poderiam se cuidar! Iria ao cabeleireiro, compraria um vestido bem bonito e Hortense não teria mais vergonha de mim...

Permitiu-se alguns minutos de sonho, mas voltou à realidade: tinha prometido a Shirley que ia ajudá-la a entregar os bolos de um casamento. Uma grande encomenda. Shirley precisava dela para impedir que os bolos caíssem com alguma freada e para ficar no volante durante as entregas, caso ela não conseguisse

estacionar.

Arrumou suas coisas, seu livro de contas, seu lápis, sua caneta Bic vermelha. Ficou mais um segundo pensando, mordendo a tampa da Bic, depois levantou, enfiou o casaco e foi se encontrar com Shirley.

Shirley esperava por ela no hall do elevador, batendo o pé no chão. Seu filho Gary estava de pé sob a moldura da porta. Acenou para Jo e em seguida fechou a porta. Joséphine sufocou uma exclamação de surpresa que não escapou a Shirley.

— O que houve? Viu algum fantasma?

— Não, mas Gary... Acabei de ver como será quando for um homem, em alguns anos. Como ele é bonito!

— É, eu sei, as mulheres já começaram a dar em cima.

— E ele sabe?

— Não! E não sou eu quem vai dizer... Não quero que fique muito embebido de si mesmo.

— Imbuído de si mesmo, Shirley, não embebido.

Shirley deu de ombros. Tinha empilhado as embalagens em que, enrolados em panos brancos, repousavam os bolos que iam entregar.

— Então... O pai dele não devia ser nada mal, não?

— Era o homem mais bonito do mundo... Essa era, aliás, a sua principal qualidade!

lembança ruim.

— Bem, voltando ao assunto... Como vamos fazer?

— Como quiser... Você quem sabe, você quem manda.

Joséphine deixou que planejasse a operação.

— Vamos descer isso tudo e você fica vigiando enquanto vou buscar o carro; carregamos e pé na estrada! Chame o elevador e segure a porta.

— Gary vem conosco?

— Não. O professor de francês ficou doente... Está sempre doente, aliás... Mas em vez de ficar para o tempo de estudo, ele prefere voltar para casa e ler Nietzsche! Tem gente que tem um adolescente espinhento, eu tenho um intelectual! Vamos nessa!

Chega de papo furado, *move on!*

Joséphine foi à luta. Em alguns minutos, o carro estava carregado, os bolos empilhados no banco de trás e Jo com a mão sobre as embalagens para que não balançassem demais.

— Olhe o mapa — disse Shirley — e veja se tem um caminho que não passe pela avenue Blanqui.

Joséphine pegou o mapa no painel e examinou.

— Como você é lenta, Jo.

— Não, não sou lenta, você que é apressada.

— Tem razão. Você está sendo uma gracinha de me acompanhar. Devia agradecer e não reclamar.

É exatamente por isso que adoro essa mulher, pensou Jo, sem tirar os olhos do mapa. Quando abusa, ela reconhece, quando

está errada, reconhece também. É sempre perfeita. Suas palavras, seus gestos, seus atos coincidem com o que pensa. Nada é falso ou artificial.

— Pode pegar a rue d'Artois, virar na Maréchal-Joffre, pegar a primeira à direita e vai sair onde quer, na rue Clément-Marot...

— Obrigada. Tinha de entregar às cinco, mas eles ligaram adiantando para as quatro horas, senão podia enfiar os bolos naquele lugar. É um cliente importante, sabe muito bem que vou mover o mundo pra estar lá...

90

Às vezes, quando ficava nervosa, Shirley falava errado. Fora disso, falava muito bem.

— A sociedade não se importa com as pessoas. Rouba seu tempo, que é a única coisa não tarifada que todo mundo tem e pode usar do jeito que quiser. E tudo acontece como se todos devessem sacrificar os melhores anos de sua vida no altar da economia. E o que sobra depois disso, hein? Os anos da velhice, mais ou menos sórdidos, usando dentadura e fralda geriátrica! Vai me dizer que não tem alguma coisa errada nessa história?

— Talvez, mas não vejo como mudar. A menos que a gente mude a sociedade. Muita gente já tentou antes de nós e não se pode dizer que os resultados tenham sido muito convincentes. Se você mandar a sociedade pastar, vão usar outra pessoa e você vai perder seu mercado de venda de bolos.

— Eu sei, eu sei... Reclamo porque me faz bem! Libera a

tensão... E depois, a gente sempre pode sonhar.

Um motociclo fechou o caminho de Shirley, que reagiu xingando em inglês.

— Ainda bem que Audrey Hepburn não fala como você! Eu não ia conseguir nem traduzir.

— Como é que você sabe? Talvez de vez em quando ela soltasse uns palavrões para desabafar! Só não colocaram na biografia, isso é tudo.

— Ela tem um ar tão perfeito, tão bem-educado. Já reparou que nunca teve uma história de amor que não terminasse em casamento?

— Isso é o que seu livro diz! Quando fez *Sabrina*, teve um caso com William Holden e ele era casado.

— É, mas ela terminou em seguida. Terminou porque ele disse que tinha feito vasectomia e ela queria um monte de filhos.

Adorava crianças. O casamento e as crianças...

Como eu, acrescentou Jo baixinho.

— É verdade que, depois de tudo que teve que enfrentar na adolescência, ela devia realmente sonhar com um *home, sweet home*...

— Ah! Também ficou surpresa? Tão delicada, tão frágil, nunca pensei que ela fosse capaz disso.

91

Aos 15 anos, durante a Segunda Guerra Mundial, Audrey Hepburn trabalhou para a Resistência, na Holanda. Transportava

mensagens escondidas na sola dos sapatos. Um dia, quando voltava de uma missão, foi presa pelos nazistas e embarcada junto com uma dezena de mulheres para Kommandantur. Conseguiu fugir e se escondeu no porão de uma casa, com uma bolsa de estudante a tiracolo, um suco de maçã e um pedaço de pão, para o que desse e viesse. Passou um mês lá em baixo em companhia de uma família de ratos famintos. Isso aconteceu em agosto de 1945, dois meses antes da libertação da Holanda. Morta de fome e de angústia, ela resolveu sair no meio da noite, ficou vagando pelas ruas e acabou encontrando o caminho de casa.

— Adoro a tática da mulher mais sexy do mundo! —

comentou Jo.

— O quê?

— Era uma tática que ela usava nas festas, no início da carreira, na Inglaterra. Era bastante complexada porque seus pés eram muito grandes e ela não tinha peito. Escolhia um cantinho qualquer e repetia: “Sou a mulher mais desejável do mundo! Os homens caem a meus pés, só preciso me abaixar para recolhê-los...”. Repetia tantas vezes que acabava funcionando! No fim da noite, era o centro de um engarrafamento de homens.

— Devia tentar.

— Eu! Imagine...

— Isso mesmo... Você tem alguma coisa de Audrey Hepburn.

— Pare de debochar de mim.

— É verdade... Se perdesse uns quilinhos! Já tem pés

grandes, seios pequenos, olhos enormes cor de avelã e cabelos castanhos e lisos.

— Que malvada!

— Nada disso. Você me conhece: só digo o que penso.

Joséphine hesitou, mas em seguida resolveu se arriscar:

— Encontrei um homem na biblioteca...

Contou a Shirley da trombada, dos livros caídos, do ataque de riso e da cumplicidade imediata que se estabeleceu entre ela e o desconhecido.

— E como ele é?

92

— Parece um estudante fora de época... Usa um *duffle-coat*!

Um homem só usa *duffle-coat* se for um estudante fora de época.

— Ou um cineasta fazendo pesquisa, ou um explorador medroso, ou um professor de história preparando uma tese sobre a irmã de Joana d’Arc... As possibilidades são muitas, você sabe.

— É a primeira vez que olho para um homem desde que...

Jo parou. Ainda era difícil falar da partida de Antoine.

Engoliu em seco e continuou.

— Desde que Antoine foi embora...

— Vocês se encontraram de novo?

— Uma ou duas vezes... E ele sempre sorriu para mim. Não dá para conversar na biblioteca, está todo mundo em silêncio...

Então, falamos com os olhos... Ele é bonito, como é bonito! E romântico!

O sinal ficou vermelho e Jo aproveitou para tirar papel e lápis

do bolso e perguntar:

— Sabe aquele filme que Audrey fez com Gary Cooper... Um em que ele fala um inglês esquisitíssimo?

— Claro, era um verdadeiro caubói, vinha de Montana. Não

falava *yes* e *no*, falava *yup* e *nope*! O homem que fez milhões de mulheres sonharem falava como um vaqueiro. E sem querer

decepcioná-la, era muito sem graça!

— Ele diz assim: “*Am only in film because ah have a family and we all like to eat!*” Como traduzir isso em linguagem de caubói, justamente...

Shirley coçou a cabeça e engatou a marcha. Girou o volante

para a direita, em seguida para a esquerda e, depois de xingar dois

ou três motoristas, conseguiu sair do engarrafamento.

— Poderia ser: “Só tô no cinema porque tenho família e a gente gosta de comer...” Alguma coisa assim! Veja no mapa se posso pegar à direita, porque está tudo parado.

— Pode... Mas depois vai ter que virar de novo para a esquerda.

— Virarei à esquerda! É o lado do coração, pode ser o meu também.

93

Joséphine sorriu. Ao lado de Shirley a vida se transformava

numa centrífuga. Ela não se detinha nas aparências, nas

convenções, nos preconceitos. Sabia exatamente o que queria e ia

diretamente ao ponto. A vida segundo Shirley era simples. A

maneira como educava Gary às vezes a chocava. Falava com o filho como se fosse um adulto. Não escondia nada. Contou a Gary que seu pai tinha sumido quando ele nasceu e disse também que, se algum dia quisesse encontrá-lo, poderia lhe dar seu nome. E ainda acrescentou que tinha sido loucamente apaixonada pelo pai dele e que ele era um filho desejado, amado. Que hoje em dia a vida era complicada para os homens, que as mulheres pediam demais e que nem sempre eles tinham os ombros largos o suficiente para carregar tudo aquilo. Então, às vezes, preferiam fugir. E isso pareceu suficiente para Gary.

Durante as férias, Shirley ia para a Escócia. Queria que Gary conhecesse o país de seus antepassados, falasse inglês, conhecesse outra cultura. Naquele ano, quando voltaram, Shirley estava triste e reservada. Só deixou escapar umas poucas palavras: “No ano que vem, vamos para outro lugar...” E nunca mais tocou no assunto.

— No que está pensando? — perguntou Shirley.

— Nos seus mistérios, em tudo aquilo que não sei a seu respeito...

— Ora, é melhor assim! Saber tudo do outro é muito chato.

— Tem razão... No entanto, às vezes queria ficar velha, porque acho que só então vou saber quem sou de verdade!

— Na minha opinião, mas é só uma opinião, o seu mistério, Joséphine, reside na infância. Tem alguma coisa que aconteceu e virou um bloqueio... Sempre me pergunto por que faz tão pouco caso de si mesma, porque é tão insegura...

— É o que me pergunto também, imagine.

— Mas isso é bom! É um começo. A interrogação é a primeira peça a ser colocada no quebra-cabeça. Tem gente que não se coloca nenhuma questão, que vive de olhos fechados e também nunca encontra nada...

— Não é o seu caso!

— Não... E vai ser cada vez menos o seu. Até agora, você estava fechada em seu casamento, em seus estudos, mas está começando a botar o nariz para fora e vai acontecer um monte de

94

coisa, vai ver só! Depois que a gente faz o primeiro movimento, a vida começa a se movimentar ao nosso redor. Não vai ser diferente com você. Ainda estamos longe?

Eram precisamente quatro horas quando viram as grades da sociedade Parnell Traiteur. Shirley estacionou no recuo, impedindo a entrada e saída de outros carros.

— Você fica no carro e dá uma volta se for preciso? Vou fazer a entrega.

Joséphine concordou. Pulou para o banco do motorista e ficou olhando Shirley lidar com as embalagens de bolo. Retirava com um movimento dos ombros, empilhava até o queixo, apoiava tudo nos braços esticados e partia a passos largos. De costas, parecia um homem! Usava um macacão de trabalho e um jaleco de padeiro. Mas assim que virava de frente, se transformava em Uma Thurman ou Ingrid Bergman, uma dessa mulheres altas e loiras,

fortes, o sorriso apaziguador, a pele clara e os olhos amendoados como os de um gato.

Voltou saltitando e sapecou dois beijos nas bochechas de Jo.

— Grana! Grana! Vou conseguir segurar as pontas! Esse cara me dá nos nervos, mas paga bem! Vamos sentar em algum lugar e tomar um chopinho?

Na volta, enquanto se deixavam embalar pelo balanço do *break* e Joséphine esboçava o plano de sua conferência, uma silhueta que atravessava a rua bem diante dos seus olhos acabou com sua concentração.

— Olhe! — gritou Jo, agarrando a manga de Shirley. — Ali, na nossa frente.

Um homem de *duffle-coat*, os cabelos semilongos, castanhos, as mãos nos bolsos, atravessava sem nenhuma pressa.

— Não se pode dizer que está com pressa. Conhece esse cara?

— É ele, o homem da biblioteca! Aquele... Você sabe... Viu como é bonito e distraído?

— Bem, pelo menos um bocado distraído!

— Que porte! Está mais bonito do que na biblioteca.

Joséphine recuou no banco, com medo de que a visse. Mas não se conteve e se aproximou, colando o nariz no para-brisa. O

95

jovem de *duffle-coat* tinha se virado e fazia grandes gestos apontando para o sinal que logo ficaria verde.

— Ai! — fez Shirley. — Viu o que vi?

Uma moça loura, esguia, encantadora correu até ficar junto dele. Enfiou uma das mãos no bolso do *duffle-coat* e fez um carinho em seu rosto com a outra. O homem puxou-a para si e beijou-a.

Joséphine abaixou o nariz e suspirou.

— Pronto!

— Pronto o quê? — rugiu Shirley. — Pronto que ele não sabe que você está aqui! Pronto que ele pode mudar de ideia! Pronto, você vai se transformar em Audrey Hepburn e vai seduzi-lo! Pronto que vai parar de comer chocolate enquanto trabalha! Pronto que vai emagrecer! Pronto que vai ser impossível tirar os olhos de seus olhos enormes, de sua cinturinha de vespa e pronto, que ele já está a seus pés! E pronto, é você quem enfia a mão no bolso do *duffle-coat*! E pronto, são vocês dois gozando furiosamente! É nisso que deve pensar, Jo, nada mais.

Joséphine ouviu, ainda de cabeça baixa.

— Acho que não fui feita para viver grandes romances de amor.

— Não vai me dizer que já tinha inventado todo um romance com esse cara?

Desanimada, Jo balançou a cabeça.

— Receio que sim...

Shirley engatou a marcha, agarrou o volante e partiu num golpe seco e violento, imprimindo toda a sua raiva no asfalto, que ficou com a marca de seus pneus.

Quando chegou ao escritório naquela manhã, Josiane recebeu um telefonema do irmão informando que sua mãe tinha morrido. Embora só tivesse recebido pancada daquela mãe, ela chorou. Chorou por seu pai, morto dez anos antes, por sua infância marcada de sofrimentos: as ternuras nunca recebidas, as risadas nunca partilhadas, os elogios nunca formulados e todo aquele vazio que lhe fazia tanto mal. Estava se sentindo órfã. De repente, percebeu que estava realmente órfã e o choro aumentou. Sentia-se como quem recupera o tempo perdido: quando criança, não tinha direito de chorar. Bastava uma careta de choro e o tapa partia, assobiava no ar e vinha queimar seu rosto. Compreendeu que ao

96

chorar estava estendendo a mão àquela menininha que nunca teve direito de chorar, que seu choro era uma maneira de consolá-la, de pegá-la nos braços, de abrir um espacinho para ela a seu lado. É engraçado, pensou, parece que sou duas pessoas: a Josiane de 38 anos, esperta, determinada, que sabe fazer a vida dançar sem pisar em seus pés, e a outra, a menininha suja e desajeitada que tem dor de barriga de tanto medo, de tanta fome, de tanto frio. Chorando, reunia as duas e isso, esse reencontro, era bom.

— Mas o que está acontecendo aqui? Será que liguei para o departamento do choro? E você não está atendendo ao telefone!

Henriette Grobz, reta como um guarda-chuva, um chapéu que parecia uma enorme bolacha mal colocada na cabeça, encarava Josiane que, de fato, notou que o telefone estava tocando. Esperou

um instante e, quando ele parou, tirou um Kleenex meio usado do bolso e assoou o nariz.

— Foi a minha mãe — suspirou Josiane. — Ela morreu...

— É uma pena, com certeza, mas... Mais dia, menos dia, todos perdemos os pais. Temos que estar preparados.

— Pode ser. Mas eu não me preparei...

— Você não é mais criança. Trate de se controlar. Se todos os empregados trouxerem seus problemas pessoais para as empresas, não há França que resista!

Estados de espírito no escritório é um luxo para o patrão, não para os empregados, pensou Henriette Grobz. Trate de segurar essas lágrimas até a noite e ir esvaziá-las em sua casa! Nunca tinha gostado de Josiane. Não apreciava sua insolência, o jeito como rebolava ao caminhar, suave, cheia de carnes, felina, seus cabelos louros, seus olhos. Ah, os olhos! Excitantes, audaciosos, vivos, às vezes líquidos, langorosos. Já tinha pedido várias vezes que Chefe a demitisse, mas ele se recusava.

— Meu marido está? — perguntou a Josiane que, com o olhar inflexível, se reergueu e fingiu que seguia o voo de alguma mosca para não ter que encarar aquela mulher que simplesmente detestava.

— Está lá em cima, mas já vai voltar. Pode se instalar no escritório, que ele não vai demorar... A senhora conhece o caminho!

— Um pouco de cortesia, minha filha. Não permito que fale

comigo dessa maneira... — replicou Henriette Grobz num tom autoritário e insultante.

Josiane reagiu como uma cobra cascavel.

— E a senhora não tem direito de me chamar de minha filha.

Sou Josiane Lambert e não sua filha... Felizmente, aliás! Não sei se resistiria.

Não gosto dos olhos dela, pensou Josiane. Seus olhinhos frios, duros, avaros, cheios de suspeita e cálculo. Não gosto de seus lábios finos, secos, com os cantos esbranquiçados. Essa mulher tem gesso na boca! Não suporto que fale comigo como se fosse sua doméstica. Qual é a sua grande façanha: ter se casado com um bom homem que a tirou dos porões da miséria? Conseguiu sentar o rabo num lugar quentinho, mas ainda posso cortar a calefação.

Quem ri por último ri melhor!

— É melhor tomar cuidado, minha pequena Josiane, tenho influência sobre meu marido e poderia resolver que você não tem mais nada a fazer nessa empresa. Secretárias encontram-se por aí às dezenas. Se fosse você, prestaria mais atenção ao que digo.

— E eu, se fosse a senhora, não estaria tão segura assim.

Mas enquanto isso, é melhor que me deixe trabalhar e vá esperar no escritório — intimou ela, num tom tão autoritário que Henriette Grobz obedeceu e partiu, em seu passo duro e mecânico.

Na soleira da porta, ela se virou e, apontando um dedo ameaçador para Josiane, acrescentou:

— Isso ainda não acabou, minha pequena Josiane. Vá ouvir

falar de mim e, se me permite, vou lhe dar um conselho: pode ir tratando de arrumar as malas.

— Veremos, minha cara senhora. Conheci gente mais tihosa do que a senhora e até hoje ninguém conseguiu me ferrar. Ponha isso na cabeça, embaixo de seu chapelão!

Ouviu a porta da sala de Chefe bater violentamente e deu um sorrisinho satisfeito. Ficou furiosa, a velha! Ponto para mim. Desde a primeira queda de braço, não suportava a Cabo-de-vassoura. E decidi que nunca abaixaria a cabeça diante dela. Costumava desafiá-la, olho no olho. Um duelo de lobas ferozes. Uma seca, enrugada, ácida; a outra, úmida, rosada, macia. Uma tão implacável quanto a outra.

98

Digitou o número do telefone do irmão para saber quando seria o enterro: ocupado. Esperou um instante, rediscou o número, esperou de novo. Será que ela pode realmente me botar no olho da rua?, perguntou-se de repente, ouvindo o tum-tum-tum do telefone. Será que pode realmente?... Talvez possa, afinal. Os homens são tão covardes! Ele diria simplesmente que ia arrumar uma outra colocação para mim. Numa sucursal. E eu ficaria longe do posto de comando. Longe de tudo o que construí com tanta paciência e que está prontinho para dar frutos. Tum-tum-tum... Preciso ficar de olhos bem abertos! Tum-tum-tum... Não vou permitir que venha com seu blá-blá-blá para me fazer engolir a pílula, meu bom Marcel!

— Alô, Stéphane. É Josiane...

O enterro aconteceria no sábado seguinte, no cemitério da cidadezinha onde a mãe morava, e Josiane, tomada por um sentimentalismo repentino, resolveu comparecer. Queria estar presente quando ela fosse colocada na terra. Precisava ver a mãe mergulhar naquele grande buraco negro para sempre. Só assim poderia lhe dizer adeus e, talvez, murmurar finalmente que gostaria muito de ter podido amá-la.

— Ela pediu para ser cremada...

— Ah... E por quê? — perguntou Josiane.

— Tinha muito medo de acordar no meio da escuridão...

— Posso entender.

Minha mãezinha com medo do escuro. Sentiu um impulso de amor pela mãe. E começou a chorar de novo. Desligou, assoou o nariz e sentiu uma mão em seu ombro.

— O que houve, Doçura?

— Foi a mamãe: ela morreu.

— E você ficou triste?

— Bem... fiquei.

— Ora, venha cá...

Chefe segurou sua cintura e puxou-a para o colo.

— Ponha os braços no meu pescoço e relaxe... Como se fosse o meu bebê. Sabe como eu queria ter um filho, um filho todo meu.

— Sei — fungou Josiane, apertando-se dentro daqueles braços fortes.

— Sabe que ela nunca quis me dar um filho.

— Pensando bem, foi melhor assim... — Josiane engoliu em seco, usando o lenço novamente.

— É por isso que você é tudo para mim.. Minha mulher e meu bebê.

— Sua amante e seu bebê! Porque a sua mulher está lá dentro, em sua sala, esperando você.

— Minha mulher!

Chefe deu um pulo como se tivesse espetado o traseiro num prego enferrujado.

— Tem certeza?

— Trocamos algumas palavrinhas...

Ele coçou a cabeça com um jeito meio aborrecido.

— Vocês brigaram?

— Ela procurou... E achou!

— Ai, ai, ai! Vou precisar de uma assinatura dela! Consegui passar aquela filial quebrada para os ingleses. Lembra, aquela do Murepain que eu queria passar adiante... Vou ter que puxar o saco dela! Não podia ter esperado um outro dia para arrumar confusão com ela, Doçura?! O que vou fazer agora?

— Ela vai pedir minha cabeça!

— Chegamos a esse ponto?

Estava com um ar preocupado. Começou a girar pela sala, a passos largos, fazendo gestos descoordenados, espalmado as mãos sobre a escrivaninha, rodopiando, falando sozinho, agitando os

braços; finalmente, se deixou cair numa cadeira.

— Tem tanto medo assim dela?

Deu um sorriso triste de soldado vencido, as calças arriadas, as mãos balançando no ar.

— Talvez fosse melhor falar com ela...

— É, vá ver o que está aprontando sozinha na sua sala...

Chefe abriu os braços, com um ar arrependido, batendo nos quadris como se pedisse desculpa pela vergonhosa rendição. Em seguida, curvo, abatido, ele virou e, numa vozinha nada destemida, perguntou:

100

— Está com raiva de mim, Doçura?

— Anda, vai...

Conhecia a coragem dos homens. Não esperava que a defendesse. Já tinha visto Chefe sair trêmulo de uma conversa com a Cabo-de-vassoura inúmeras vezes. Não esperava nada dele.

Ternura, talvez, ternura quando estavam na cama. Ela dava prazer àquele ursão que nunca tinha nenhum, e isso a enchia de alegria, pois no amor dar é tão bom quanto receber. Que sensação deliciosa montar em cima dele e sentir que se deliciava entre suas coxas. Ver seus olhos rolarem, sua boca se torcer. Era uma emoção que começava no ventre, um sentimento de potência... Quase maternal.

E depois, tantos homens passaram entre suas coxas! Um a mais, um a menos! Esse pelo menos era gentil. E ela gostava daquele poder, daquela troca de amor entre seu bebezão e ela. Talvez tivesse

sido melhor ficar calada, afinal... Nunca confiou nos homens. Nem nas mulheres, aliás. Mal confiava em si própria! Às vezes, era derrotada por suas próprias reações.

Levantou, se espreguiçou e resolveu tomar um café para recolocar as ideias no lugar. Deu uma última olhada desconfiada para a sala de Chefe. O que estaria acontecendo entre ele e a mulher? Será que ia ceder à chantagem e sacrificá-la no altar da bufunfa? O rei Bufunfa. Era assim que sua mãe chamava o dinheiro. A adoração do rei Bufunfa. Só nós, os pequenos, os humildes, conhecemos essa reverência diante do dinheiro! Não o embolsamos como um direito ou um furto: para nós ele é sublime, nós o idolatramos, nos jogamos sobre qualquer tostão que cai tilintando no chão, pegamos e esfregamos até vê-lo brilhar, aspiramos seu cheiro e olhamos como cachorros chutados para o rico que o deixou cair e nem se deu ao trabalho de abaixar para pegar. E eu, com meus ares de mulher liberada, eu, que fui explorada a vida inteira pelo rei Bufunfa, eu, que lhe devo a perda da minha virgindade, os primeiros pescoções, os primeiros pontapés no ventre, eu, que fui humilhada e brutalizada por ele, não posso ver um rico sem olhar para ele como um ser superior, sem erguer os olhos como se fosse um Messias, pronta para oferecer incenso e mirra!

Furiosa consigo mesma, alisou a roupa e foi colocar uma moeda na máquina de café. O copinho caiu bem embaixo do jato fervente. Esperou que a máquina acabasse de cuspir sua bÍlis

negra, segurou o copo com as duas mãos e apreciou o calor que emanava.

101

— O que vai fazer essa noite? Vai se encontrar com o Velho?

Era Bruno Chaval, que também estava fazendo uma pausa diante da cafeteira. Pegou um cigarro e bateu no maço antes de acender. Fumava cigarros de palha de milho, como tinha visto nos filmes antigos.

— Ah! Não o chame assim.

— Teve uma recaída de amor, boneca?

— Não gosto quando o chama de Velho, é só isso.

— Então, finalmente se apaixonou pelo papaizão?

— Pois é, me apaixonei!

— Ah! Mas nunca me disse isso...

— A conversa nunca foi uma prioridade entre nós.

— Entendi: está de mau humor, melhor eu ficar de bico calado.

Ela deu de ombros e encostou o rosto no copo quente.

Ficaram um instante em silêncio, sem se olhar, bebendo seu café em pequenos goles. Chaval se aproximou por trás, encaixou seu quadril no quadril de Josiane e mexeu a bacia para frente, como quem não quer nada, só para ver se ela estava realmente zangada. Depois, como ela não se moveu, como ela não o afastou, mergulhou o nariz em seu pescoço e suspirou:

— Hummm! Que cheirinho bom de sabonete! Minha vontade

é deitar você e ir farejando bem devagarinho.

Ela se afastou, dando um suspiro. Como se ele fizesse alguma coisa devagarzinho com ela! Como se perdesse tempo com carícias! Ele se deixava amar, isso sim! Era ele quem ficava deitado. Era ela quem tinha que fazer todo o serviço até ele começar a gemer e se agitar! E ainda por cima, mal agradecia ou fazia um carinho.

Cínico e charmoso, curvando seu corpo esbelto, acendendo seu cigarro, jogando para trás uma mecha dos cabelos castanhos que incomodava, ele não tirava os olhos de cima dela, olhando-a com a satisfação de um proprietário contente com sua aquisição. Tinha lábia, sabia como dobrá-la. Depois que conseguiu colocá-la no bolso — ou melhor, na cama — ficou vaidoso. Como se fosse alguma façanha! Mergulhou na glória da conquista e queria ir mais longe. Graças a ela, tinha acesso ao patrão: o poder estava ao alcance de sua mão. Não era mais um empregado qualquer, ia se

102

transformar em sócio! Os homens são assim, não conseguem obter sucesso ou glória sem exhibir as penas, como pavões. Depois que Josiane prometeu que falaria com o Velho e que ele seria promovido, trepidava de impaciência. Procurava por ela em toda parte, nos corredores, nos cantos, nos elevadores, esperando que ela o acalmasse. E então, assinou? Ele assinou? Ela o repelia, mas ele voltava sempre. O que está pensando? Esse suspense está acabando com meus nervos! Queria ver se fosse você!, gemia ele. Tinha vontade de perguntar de novo agora mesmo: “E então?”

Ele disse alguma coisa?” Mas percebeu que não era um bom momento e esperou.

Josiane não ficava emburrada muito tempo. Era muito generosa com os homens. Não entendo como é que não guardei ressentimento, pensou consigo. Como é que ainda gosto de fazer amor? Até os gordos, os feios, os violentos que me forçaram: nem deles tenho raiva. Não se pode dizer que me deram prazer, mas acabo voltando sempre. E se eles conseguem enrolar seu vício sujo em ternura e carinho, caio como um patinho. Basta que me falem com doçura, que me considerem como um ser humano, com alma, cérebro, coração, que me deem um lugar na sociedade e viro uma criancinha. Todas as minhas raivas, meus rancores, minhas vinganças desaparecem e fico pronta para me sacrificar, desde que continuem a falar comigo com respeito e consideração. Desde que usem palavras gentis. Desde que perguntem a minha opinião. Como sou boba!

— Vamos, querida, não quer fazer as pazes? — murmurou

Chaval, colocando a mão no quadril de Josiane e girando-a de frente para ele.

— Pare, podem nos ver.

— Que nada! Diremos que somos bons amigos e estávamos só conversando.

— Não, já disse. Ele está no escritório com a madame Cabode-vassoura. Se sair e nos pegar aqui, estou lascada!

Pode ser que já esteja lascada! Pode ser que ele já tenha me

sacrificado no altar da empresa! Faz tanto tempo que queria se livrar da fábrica de Murepain que faria qualquer coisa para ela assinar. Vai entregar minha cabeça à megera. Não valho nada diante desse contrato. E aí, tudo vai por água abaixo: Chefe, Chaval, o deus Bufunfa! Todos vão fazer suas malinhas e eu fico

103

sozinha, de bunda de fora, no chão, como sempre. Diante dessa imagem, a coragem a abandonou e ele sentiu seu corpo amolecer. Encostou-se em Chaval e perdeu a valentia.

— Você me ama pelo menos um pouquinho? — perguntou ela com uma voz que mendigava carinho.

— Se eu amo você, minha lindeza? Mas como pode duvidar disso? Que louca! Espere um pouco e vai ver a prova que vou lhe dar.

Deslizou uma mão por baixo das nádegas e apertou.

— Não, mas... E se, por acaso ou por azar, não acontecer o que está esperando? Vai ficar comigo?

— Como assim? Ele disse alguma coisa contra mim? Fale, fale logo...

— Não, mas é que tenho medo de algum golpe...

Sentia que o deus Bufunfa empunhava um enorme punhal pronto a cortar seu pescoço. Estremeceu inteira e um vazio se abriu em seu ventre. Fechou os olhos e apertou-se contra ele. Ele recuou um pouco e, vendo que estava muito pálida, amparou-a e segurou sua cintura. Ela se deixou carregar, murmurando: “Só uma

palavrinha, diga só uma palavrinha de carinho, estou com tanto medo, entende, tanto medo...” Estava começando a se irritar: meu Deus, como são complicadas as mulheres! Pensou: num minuto, me dispensa, no minuto seguinte, pede consolo. Meio sem graça, ele segurava, quase carregava Josiane, pois sentia que ela não tinha mais forças e se abandonava em seus braços. Tão fraca, tão trêmula. Acariciou seus cabelos com uma mão distraída. Não ousava perguntar se o Velho tinha assinado sua promoção, mas aquela pergunta o alfinetava e ele amparava seu corpo como um pacote do qual é impossível se livrar. Não sabia muito bem o que fazer: encostar na máquina de café? Colocá-la sentada? Não havia cadeiras... Ufa!, rosnava em silêncio, é nisso que dá colocar meu destino nas mãos de uma vadia. Só tinha um desejo, ficar bem longe dos braços daquela mulher. Trepar, sim, mas nada de frescura depois. Nada de juras de amor, de beijos lacrimosos. Quem se aproxima demais tem que aguentar todas as desgraças do afeto.

— Vamos, Josy, levante! Pelo plano, ande, vão nos ver.

Vamos, vai estragar tudo!

Ela se soltou, se afastou ainda tonta, os olhos vermelhos de lágrimas. Assoou o nariz, pediu perdão... Mas era tarde demais.

104

Henriette e Marcel Grobz esperavam parados diante do elevador e, mudos, contemplavam a cena. Henriette, a boca torcida, a cara crispada sob o chapelão. Marcel, abatido, mole, as faces tremendo de uma tristeza que o resto da fisionomia não desmentia.

Henriette Grobzs virou a cara primeiro. Depois, agarrou

Marcel pelo paletó e arrastou-o para o elevador. Assim que as portas se fecharam, libertou sua alegria raivosa:

— Viu, eu não disse que essa mulher não passava de uma vadia?! Quando penso no jeito como falou comigo... E você ainda queria defendê-la. Como você é ingênuo, meu pobre Marcel...

Marcel Grobzs, os olhos pregados no carpete do elevador, contava os buracos feitos com ponta de cigarro e lutava para reprimir as lágrimas que formavam um nó em sua garganta.

A carta tinha um selo colorido, e a data carimbada era de pelo menos uma semana atrás. Estava endereçada a Hortense e Zoé Cortès. Jo reconheceu a letra de Antoine, mas se controlou para não abrir. Colocou o envelope na mesa da cozinha, no meio dos papéis e livros, e ficou girando ao redor dela: colocou contra a luz, tentou reconhecer um cheque, fotos... Nada. Teve que esperar que as meninas voltassem da escola.

Quem viu primeiro foi Hortense, que tratou de pegá-la. Zoé começou a pular e gritar: “Também quero! Também quero a carta!”

Joséphine mandou que sentassem e pediu a Hortense que lesse em voz alta. Em seguida, instalou Zoé no colo e, abraçada à filha, preparou-se para ouvir. Hortense abriu o topo do envelope com uma faca, retirou seis folhas de papel fino, desdobrou e estendeu na mesa da cozinha, alisando-as carinhosamente com as costas da mão. E então, começou a ler:

Minhas lindas,

Como já devem ter percebido pelo carimbo no envelope, estou no Quênia. Há um mês. Queria fazer uma surpresa e por isso não disse nada antes de partir. Mas espero que venham me ver assim que tiver me instalado decentemente. Poderia ser nas férias escolares. Tratarei disso com sua mãe.

O Quênia é (basta olhar num dicionário) uma nação espremida entre Etiópia, Somália, Uganda, Ruanda e Tanzânia, na costa leste da África, bem na frente das ilhas Seicheles, no oceano Índico... Isso significa alguma coisa para vocês? Não? Pois então, é bom fazer uma revisão de geografia. A faixa costeira onde moro,

105

entre Malindi e Mombaça, é a região mais conhecida do Quênia e estava submetida ao rei de Zanzibar até 1890. Os árabes, os portugueses e depois os ingleses disputaram a posse do Quênia, que só se tornou independente em 1963. Mas basta de história por hoje! Tenho certeza de que vocês só têm uma pergunta na cabeça: o que papai está fazendo no Quênia? Antes de responder, uma pequena recomendação... Estão sentadas, queridinhas? Estão bem sentadas?

Hortense deu um sorriso indulgente e suspirou: “Isso é a cara do papai!” Jo não cabia em si de espanto: ele foi para o Quênia! Sozinho ou com Mylène? O triângulo vermelho acima da torradeira a hipnotizava. Parecia piscar para ela.

... Estou implantando uma criação de crocodilos...

As meninas ficaram boquiabertas de surpresa. Crocodilos!

Hortense retomou a leitura soprando entre as palavras, de tão desconcertada que estava.

... para um grupo de industriais chineses! Como devem saber, a China está se transformando numa grande potência industrial, com uma variedade extraordinária de recursos naturais e comerciais, que vão da fabricação de computadores aos motores de automóveis, passando por tudo o que se produz no resto do mundo. E não é que os chineses resolveram explorar os crocodilos como matéria-prima? Um certo mister Wei, meu patrão, instalou uma fazenda-modelo em Kilifi e espera que em breve sua fazenda produza grandes quantidades de carne de crocodilo, ovos de crocodilo, bolsas de crocodilo, sapatos de crocodilo, carteiras de crocodilo... Vocês ficariam surpresas se vissem todos os planos dos meus investidores e a engenhosidade de suas instalações! Como eu dizia, eles resolveram fazer um “cultivo” intensivo de crocodilos num parque natural. Mister Lee, meu assistente chinês, me contou que encheram enormes Boeings 747 com dezenas de milhares de crocodilos vindos da Tailândia. Os fazendeiros tailandeses, atingidos duramente pela crise asiática, foram obrigados a se desfazer deles: o preço do crocodilo tinha caído 75%! E eles compraram por quase nada. Eles tinham dinheiro!

— Papai é engraçado! — comentou Zoé, chupando o dedo. —

Mas não gosto que ele trabalhe com os crocodilos. São uma porcaria os crocodilos!

Instalaram os animais nos braços de um rio, fechados por redes de aço, e saíram em busca de um *deputy general manager*... E esse é o meu título, meus amores. Sou o *deputy general manager* da Croco Park!

— É a mesma coisa que diretor-geral adjunto, declarou

Hortense — depois de pensar um pouco. — Foi, aliás, o que escrevi nas fichas de inscrição na volta às aulas, quando pediram a profissão do meu pai.

... E reino sobre 70 mil crocodilos! Imaginem só!

— Setenta mil! — fez Zoé. — É bom que tome cuidado para não cair na água quando passeia pela fazenda! Não gostei nem um pouquinho.

Foi um antigo cliente do tempo em que trabalhava na Gunman & Co. quem me indicou esse trabalho. Dei de cara com ele em Paris, num fim de tarde no mês de junho, quando tomava um drinque no bar panorâmico do Concorde Lafayette, Porte Maillot. Lembra? Levei vocês lá várias vezes. Como eu disse que estava procurando trabalho e que tinha vontade de deixar a França, ele pensou em mim quando ouviu falar dessa fazenda de crocodilos! O que me levou a aceitar a aventura foi o incrível crescimento econômico que a China está vivendo. É como o Japão nos anos 1980. Tudo o que os chineses tocam vira ouro! Inclusive os crocodilos. Pois bem, meu trabalho é fazer os crocodilos prosperarem. E talvez, por que não, introduzi-los na Bolsa. Seria engraçado, não? Os operários chineses enviados para cá trabalham

muitas horas e se empilham em barracos de taipa. Riem o tempo todo. Fico me perguntando se não riam até quando estão dormindo! E são muito engraçados, com suas perninhas finas saindo das bermudas largas demais. O único problema é que muitas vezes são atacados pelos crocodilos e têm um monte de cicatrizes nos braços, nas pernas e até no rosto. E adivinhem! Eles se costuram uns aos outros. Com agulha e linha. São cômicos! Temos uma enfermeira no local, que foi contratada justamente para isso, para suturá-los, mas ela trata apenas dos visitantes.

Pois esqueci de dizer que o Croco Park também está aberto aos turistas! São europeus, americanos, australianos que vêm fazer safáris no Quênia. Nossa fazenda tem uma boa colocação no catálogo de excursões oferecidas aos turistas. Eles pagam uma entrada mínima e recebem uma vara de pescar de bambu e duas carcaças de frango para amarrar na ponta da linha. E assim podem

107

se divertir jogando os pedaços de frango na água dos pântanos para alimentar os crocodilos que, tenho que reconhecer, são muito gulosos. E cruéis também! É inútil recomendar prudência aos visitantes. Às vezes, eles se empolgam, chegam muito perto e são abocanhados, pois os crocodilos são muito rápidos e possuem várias fileiras de dentes tão afiados quanto uma serra! Outras vezes eles atacam com uma rabada tão forte que é capaz de quebrar o pescoço de uma pessoa. Tentamos não deixar que esses incidentes sejam divulgados. Mas depois de terem sido cruelmente mordidos

uma vez, os turistas não querem saber de voltar. E não posso censurá-los...

— É normal — reconheceu Hortense. — Quando eu for, vou admirá-los de binóculo!

Jo ouvia, embasbacada. Uma fazenda de crocodilos! Por que não uma criação de joaninhas?

Mas posso tranquilizá-las imediatamente: não corro nenhum risco, pois cuido dos crocodilos de longe! Não chego perto, deixo isso para os chineses. O negócio promete ser muito próspero.

Primeiro, porque com eles a China produz a matéria-prima de que precisa para fabricar todos os modelos franceses e italianos — bolsas, sapatos e acessórios — que costuma copiar. Depois, porque os chineses adoram a carne e os ovos de crocodilo, que são cuidadosamente embalados e enviados para a China de barco.

Como podem ver, estou com a faca e o queijo na mão para organizar esse pequeno comércio e não vou ficar sem trabalho! Moro naquilo que eles aqui chamam de “casa do senhor”, uma grande construção de madeira situada no meio da fazenda, com um andar, vários quartos de dormir e uma piscina cuidadosamente cercada de arame farpado para o caso de algum crocodilo resolver aparecer para tomar um banho. Já aconteceu! O antigo diretor do parque, que estava aqui antes de mim, se encontrou certo dia cara a cara com um crocodilo e desde então a segurança foi reforçada. Em cada canto da fazenda, há uma guarita com guardas armados que varrem o espaço com rajadas de luz dos projetores. Às vezes, à

noite, os indígenas roubam crocodilos para comer a carne que, fiquem sabendo, é muito gostosa!

Aí está, meus amores, agora já sabem tudo ou quase tudo sobre a minha nova vida. De manhã cedinho, encontro com meu ajudante para organizar as tarefas do dia. Voltarei a escrever logo e com frequência, pois sinto muita saudade e penso muito, muito em vocês. Coloquei suas fotos em cima da minha escrivaninha e

108

apresento vocês a todos os que perguntam: “Mas quem são essas lindas meninas?”, e respondo orgulhosamente: “São as minhas filhas, as filhas mais lindas do mundo!” Escrevam. Peçam à mamãe para comprar um computador para vocês, assim poderei enviar as fotos da casa, dos crocodilos e dos chinesinhos de short! Hoje em dia, existem modelos bem baratos e não seria uma grande despesa. Recebam muitos beijos e todo o meu amor, papai.

P.S.: Segue junto uma carta para sua mãe...

Hortense estendeu uma última folha para Joséphine, que a dobrou e enfiou no bolso de seu avental de cozinha.

— Não vai ler agora? — perguntou Hortense.

— Não... Querem conversar sobre a carta do papai?

As meninas olhavam para ela sem dizer nada. Zoé chupava o dedo. Hortense pensava.

— Os crocodilos são uma porcaria! — disse Zoé. — Por que ele não ficou na França?

— Porque não existe criação de crocodilos na França, como

ele mesmo disse — suspirou Hortense. — Além disso, ele cansou de dizer que queria ir para o exterior. Sempre que a gente se encontrava, ele não falava de outra coisa... Só queria saber se ela foi junto com ele...

— Espero que paguem bem e que ele goste do trabalho — acrescentou Joséphine rapidamente, antes que as filhas começassem a falar de Mylène. — É tão importante para ele voltar à cena, ter responsabilidades de novo. Um homem sem trabalho não pode se sentir bem consigo mesmo... E depois, ele está no seu ambiente. Sempre gostou de grandes espaços, de viagens, da África...

Com essas palavras, Joséphine tentava afastar um medo que tomava conta de seu espírito. Que loucura!, pensava consigo. Espero que não tenha investido dinheiro nesse negócio... Também, que dinheiro ele poderia investir? O de Mylène? Eu não teria como ajudá-lo. Mas não quero que um dia ele venha me pedir para salvá-lo. De repente, lembrou que tinham uma conta conjunta no banco. Prometeu a si mesma que ia conversar com Faugeron, seu gerente no banco.

— Pois eu vou ver no meu livro de répteis o que os crocodilos fazem — declarou Zoé, saltando dos joelhos da mãe.

109

— Se tivéssemos internet, não precisava consultar um livro.

— Só que não temos internet — disse Zoé —, e vou olhar no livro...

— Seria ótimo se você comprasse um computador —

comentou Hortense. — Todas as minhas amigas têm.

E se ele pediu dinheiro emprestado a Mylène é porque a

história é mesmo séria. Será que vão se casar?... Mas não, idiota!

Ele não pode casar com ela: ainda não se divorciou!, pensou

Joséphine, suspirando alto.

— Mamãe! Não está prestando atenção!

— Claro que estou... Claro...

— Então o que foi que falei?

— Que precisava de um computador.

— E o que pensa fazer a esse respeito?

— Não sei, querida, preciso pensar.

— Não é pensando que vai conseguir pagar.

Ela deve ficar linda de dona de casa! Rosada, fresca e magra.

Joséphine podia imaginá-la na varanda, esperando Antoine,

saltando dentro do jipe para fazer o tour do parque, cozinhando,

folheando um jornal numa enorme cadeira de balanço... E à noite,

quando ele retorna, um empregado prepara um jantarzinho só para

os dois e eles comem à luz de velas. Antoine deve ter a sensação de

quem recomeça a vida do zero. Uma nova mulher, uma nova casa,

um novo trabalho. Deve achar as três bem sem graça, em nosso

pequeno apartamento de Courbevoie.

Naquela mesma manhã, a sra. Barthillet, mãe de Max, fez a

pergunta de sempre: “E então sra. Cortès, notícias de seu marido?”

E ela respondeu qualquer coisa. A sra. Barthillet estava bem mais

magra e Joséphine perguntou se tinha feito alguma dieta. “Pode rir, sra. Cortès, mas fiz a dieta da batata!” Joséphine caiu na risada e a sra. Barthillet continuou: “Estou falando sério: uma batata toda noite, três horas depois do jantar e a vontade de comer doce desaparece! Parece que uma batata antes de dormir libera dois hormônios que atuam no cérebro neutralizando a vontade de comer açúcar e glicídios. A pessoa para de comer entre as refeições e, portanto, emagrece. Foi Max quem encontrou isso na internet... A sra. tem internet, não tem? Porque se tiver, posso lhe dar o

110

endereço do site. É uma dieta estranha, mas que funciona, funciona, posso garantir.”

— Não é um luxo, mamãe, é um instrumento de trabalho...

Você poderia usar para o trabalho e nós para os estudos.

— Eu sei, querida, eu sei...

— Você fala isso, mas não se interessa. E no entanto, é do meu futuro que estamos falando...

— Ouça, Hortense, faço qualquer coisa por vocês! Qualquer coisa! Quando digo que preciso pensar, é para não fazer falsas promessas, mas é bem possível que dê certo.

— Obrigada, mãe, obrigada! Sabia que podia contar com você.

Hortense enlaçou o pescoço da mãe e insistiu para sentar em seu colo, como Zoé.

— Ainda posso, mamãe, não estou velha demais?

Joséphine começou a rir e abraçou a filha. Sentia-se mais comovida do que deveria. Abraçá-la, sentir seu calor, o cheiro açucarado de sua pele, o leve perfume que vinha de suas roupas inundava seus olhos de lágrimas.

— Ah, querida, se soubesse como eu te amo! Fico tão mal quando brigamos...

— Nós não brigamos, mamãe, nós discutimos. Não vemos as coisas da mesma maneira, é só. Sabe muito bem que essa minha irritação é porque senti muito, muito mesmo, a partida do papai e acabo gritando com você porque foi você quem ficou aqui conosco...

Joséphine mal conseguiu conter as lágrimas.

— Você é a única pessoa com quem posso contar, entende? E acabo exigindo demais porque para mim, mãezinha, você pode simplesmente tudo... Porque é forte, corajosa e nos dá segurança.

Jo ganhava coragem ao ouvir a filha. Não tinha mais medo, seria capaz de todos os sacrifícios para que Hortense continuasse abraçada a ela, oferecendo sua ternura.

— Você vai ter seu computador, querida, prometo.

— Obrigada, mãezinha! Não sabe a alegria que está me dando.

111

Jogou os braços ao redor do pescoço de Joséphine e apertou tão forte que a mãe gritou: “Socorro, socorro! Vai quebrar meu pescoço!” Em seguida, Hortense correu até o quarto de Zoé para anunciar a boa notícia.

Joséphine se sentia leve. A alegria da filha se irradiava nela, livrando-a de suas preocupações. Depois que começou a traduzir, colocou Hortense e Zoé na cantina da escola e, à noite, oferecia quase sempre o mesmo cardápio: presunto e purê. Zoé comia fazendo careta, Hortense beliscava. E Joséphine terminava os pratos das duas para não jogar comida fora. Também é por isso que engordo, pensou, como por três. Depois da refeição, ela lavava a louça — a lava-louças estava quebrada e não tinha dinheiro para mandar consertar ou comprar outra —, limpava o tecido encerado que cobria a mesa da cozinha, tirava os livros do armário e voltava ao trabalho. Deixava as filhas ligarem a televisão... E retomava sua tradução.

De vez em quando, ouvia a conversa das duas: “Quando estiver maior, vou ser estilista”, dizia Hortense, “e vou ter minha própria confecção...” “E eu vou aprender a costurar as roupas das minhas bonecas...”, respondia Zoé. Ela levantava a cabeça, sorria e mergulhava de novo na vida de Audrey Hepburn. E só parava para verificar se tinham escovado bem os dentes e beijá-las antes de irem para a cama.

— Max Barthillet... Nunca mais me convidou para ir à casa dele, mamãe... Por que, o que acha?

— Não sei, querida — respondia Joséphine, ausente. — As pessoas têm os seus problemas...

— Mamãe! Se eu vou ser estilista — afirmava Hortense —, tenho que começar a me vestir muito bem.. Não posso andar por aí

vestida de qualquer jeito.

— Vamos, meninas, hora de dormir! — encerrava Joséphine, apressada para voltar ao trabalho. — Amanhã, às sete, todo mundo de pé.

— Acha que os pais de Max Barthillet vão se divorciar? — perguntava Zoé.

— Não sei, meu bem, trate de dormir.

— Bem que você podia me dar dinheiro para comprar uma camiseta Diesel, né, mamãe? — suplicava Hortense.

112

— Psiii! Não quero ouvir mais nem uma palavra.

— Boa noite, mamãe...

Recomeçava a tradução. O que Audrey Hepburn faria naquela situação? Com certeza, trabalhar, manter a dignidade, pensar no bem-estar dos filhos. **MANTER A DIGNIDADE E PENSAR NO BEM-ESTAR DOS FILHOS.** Foi assim que ela viveu sua vida, digna, amorosa e magra como um palito. Naquela noite, Joséphine resolveu começar a dieta da batata.

Era uma noite fria e chuvosa de novembro. Philippe e Iris Dupin estavam voltando para casa. Tinham sido convidados por um dos associados de Philippe. Um grande jantar, cerca de vinte pessoas, um maître servindo a mesa, arranjos suntuosos de flores, a lareira crepitando no salão, uma conversa tão previsível que Iris poderia recitar as falas previamente. Luxo, excelente comida e... tédio, resumia ela, relaxando no encosto do banco da frente do

confortável quatro-portas que cruzava Paris. Philippe dirigia, silencioso. Ela não tinha conseguido atrair seu olhar a noite inteira.

Iris olhava Paris e não podia se impedir de admirar os edifícios, os monumentos, as pontes sobre o Sena, a arquitetura das grandes avenidas. Quando morava em Nova York, sentia falta de Paris. As ruas de Paris, a pedra clara dos prédios, as aleias semeadas de árvores, os terraços dos cafés, o curso tranquilo do Sena. Às vezes, fechava os olhos e revia as fotos da cidade.

Era a parte das festas que ela preferia: a volta para casa.

Tirar os sapatos, esticar as longas pernas, relaxar a cabeça no descanso, semicerrar os olhos e deixar-se invadir pelo espetáculo da cidade que tremeluzia sob os faróis.

Aquele jantar tinha sido um completo tédio. Ficou sentada entre um jovem advogado entusiasmado que dava os primeiros passos na profissão e um dos maiores tabeliães parisienses que falava sem parar da alta do preço dos imóveis. O tédio causava impulsos de raiva. Tinha vontade de levantar e derrubar a mesa.

Mas em vez disso, ela se duplicava e deixava a “outra”, a bela sra. Dupin, cumprir sua função de “esposa de”. E espalhava o riso, seu riso de mulher feliz, para cancelar a raiva interior.

No começo do casamento, ainda se esforçava para participar das conversas, se interessava pelos negócios, pela Bolsa, pelos bônus, pelos dividendos, pelas alianças entre grandes grupos, pelas estratégias arquitetadas para vencer um rival ou ganhar um aliado.

Como vinha de um meio diferente, da universidade de Columbia, das discussões inflamadas sobre um filme, um roteiro, um livro, ela se sentia tão desajeitada e hesitante quanto uma debutante.

Depois, pouco a pouco, compreendeu que estava simplesmente fora do jogo. Era convidada por ser bonita, charmosa: a esposa de Philippe. Eram uma dupla. Mas bastava o vizinho da mesa perguntar “e então, o que a senhora faz?”, e ela responder “nada de mais! Estou me dedicando a meu filho...” para que ele insensivelmente se virasse e procurasse o vizinho do outro lado.

E ela sofreu, ficou ferida, mas acabou se habituando. Às vezes, alguns homens flertavam discretamente com ela, mas quando as discussões se animavam, ela ficava de lado.

Naquela noite, as coisas foram diferentes...

Quando o homem sentado à sua frente, um editor bastante sedutor, conhecido por sua produção e pelos sucessos junto às mulheres, comentou ironicamente: “E então, minha cara Iris, continua em casa, como uma Penélope? Logo, logo vai aparecer de burca!”, ela ficou mordida e respondeu sem refletir: “Pois acho que vai se surpreender: resolvi escrever!” Assim que pronunciou essa frase, os olhos do editor se iluminaram. “Um romance? Que tipo de romance?” “Um romance histórico...” Sem pensar, lembrou-se de Joséphine, de seus trabalhos sobre o século XII. Sua irmã tinha se metido entre ela e aquele homem. “Ah! Que interessante! Os franceses adoram história e história romanceada... Já começou?” “Sim”, replicou com discrição, apelando para a ciência da irmã. “Um

romance que se passa no século XII... Nos tempos de Leonor da Aquitânia. Temos muitos preconceitos sobre essa época. É um período de transição na história da França... E é uma época que se parece estranhamente com a nossa: o dinheiro substitui a troca e assume um papel preponderante na vida das pessoas, as aldeias se esvaziam, as cidades se desenvolvem, a França se abre para as influências estrangeiras, o comércio se espalha por toda a Europa, a juventude, que não encontra lugar na sociedade, se revolta de uma forma violenta. A religião assume um lugar de importância, ao mesmo tempo político, econômico e legislativo. O clero tem atitudes que lembram os aiatolás e conta com um grande número de fanáticos que se metem em tudo. É também a época dos grandes trabalhos, da construção de catedrais, universidades, hospitais, dos primeiros romances de amor, dos primeiros debates de ideias...”

Estava improvisando. Os argumentos de Jo saíam de sua boca

114

como rios de diamantes, e o editor, encantado, farejando a oportunidade, não tirava os olhos de cima dela.

— É fascinante. Mas diga, quando é que vamos almoçar?

É tão bom existir, não ser somente “esposa de” e mãe de família... Era como se tivesse asas.

— Irei procurá-lo assim que tiver algo de mais consistente para mostrar...

— Mas não mostre a ninguém antes de mim, promete?

— Prometo!

— Conto com você... Faremos um belo contrato, não vou querer Philippe no meu pé mais tarde.

Deu o número de sua linha direta e antes de partir lembrou a promessa.

Philippe deixou-a na porta do edifício e foi estacionar.

Buscou refúgio em seu quarto e se despiu pensando na mentira inventada. Que audácia! O que vou fazer agora? Depois, tranquilizou-se: ele vai esquecer, senão, direi que ainda estou muito no começo, que preciso de tempo...

O relógio de bronze colocado sobre a lareira do quarto soou as 12 badaladas da meia-noite. Iris estremeceu de prazer. Tinha sido delicioso representar um papel, virar outra pessoa. Inventar uma vida nova. Sentiu-se transportada para o passado, para o tempo de estudante em Columbia, quando discutiam em grupo uma encenação, um papel, a localização da câmera, a forma dos diálogos, a eficiência de um encadeamento. Ela mostrava aos atores iniciantes como interpretar um personagem. Representava um homem, depois uma mulher, a vítima inocente e a manipuladora perversa. A vida não parecia grande o suficiente para conter todas as facetas de sua personalidade. E Gabor a encorajava.

Desenvolviam roteiros juntos. Formavam uma equipe fantástica.

Gabor... Ela sempre retornava a Gabor.

Sacudiu a cabeça e voltou à realidade.

Pela primeira vez em muito tempo, sentiu-se viva. Claro, tinha mentido... Mas era uma grande mentira!

Sentada ao pé da cama, de camisola de renda creme, pegou a escova e escovou os longos cabelos negros. Era um ritual infalível

115

para ela. Nos romances que lia quando criança, as heroínas sempre escovavam os cabelos, de manhã e à noite.

As cerdas crepitavam e, com a cabeça jogada para trás, Iris pensava em mais aquele dia longo e tedioso, mais um em que não tinha feito nada. Há algum tempo, passava os dias trancada em casa. Tinha perdido a vontade de se divertir rodando no vazio.

Almoçou sozinha, na cozinha, ouvindo Babette tagarelar, como quem examina uma ameba numa lâmina, no laboratório. A vida de Babette era um romance: criança abandonada, violentada, recebida por famílias de acolhimento, rebelde, delinquente, casada aos 17 anos, mãe aos 18, tinha multiplicado fugas e delitos, sem nunca abandonar a filha, Marilyn, que levava debaixo do braço para todo lado, dando-lhe todo o amor que nunca tinha recebido. Aos 35 anos, resolveu “parar de babaquice”. Sossegar, trabalhar direito para pagar os estudos da filha, que tinha acabado o segundo grau.

Seria faxineira. Não sabia fazer mais nada no mundo. Seria uma excelente faxineira, a melhor de todas as faxineiras. Ia “taxar os ricos”: vinte euros por hora. Iris, intrigada com aquela lourinha de olhos azuis de uma insolência franca, resolveu lhe dar um emprego.

Além do mais, adorava ouvi-la! Era estranho aquele diálogo entre as duas mulheres separadas em tudo e que, na cozinha, se viam como cúmplices.

Naquela manhã, Babette mordeu uma maçã com certa força e o dente da frente ficou grudado na fruta. Boquiaberta, Iris viu quando pegou o dente, passou uma água, tirou um tubinho de cola da bolsa e colocou o dente no lugar.

— Isso acontece sempre?

— O quê? Ah, o dente? De vez em quando...

— Por que não vai ao dentista? Vai acabar perdendo esse dente.

— Sabe quanto custa um dentista? Logo se vê que tem dinheiro...

Babette vivia amigada com Gérard; ele trabalhava como carregador numa loja de eletrodomésticos, que fornecia lâmpadas, tomadas, torradeiras, chaleiras, frigideiras elétricas, congeladores, lava-louças e tudo o mais. Com preços imbatíveis: quarenta por cento de desconto. Carmen apreciava. Os amores de Gérard e Babette eram como uma novela, que Iris seguia avidamente. Não paravam nunca de brigar, se reconciliar, se trair e... se amar. É a

116

vida de Babette que eu devia contar!, pensou Iris, diminuindo o ritmo do balé da escova.

Naquela manhã, Iris almoçou na cozinha enquanto Babette limpava o forno, entrando e saindo lá de dentro como um pistom bem lubrificado.

— Como faz para estar sempre tão alegre? — perguntou Iris.

— Não sou nada demais, sabia? Existem dúzias e mais

dúzias de mulheres iguais a mim.

— Mesmo com tudo o que passou?

— Não passei por mais coisas do que qualquer outra.

— Claro que passou...

— Não, é com a senhora que não acontece nada.

— Não tem preocupações, angústias?

— Eu não!

— É feliz?

Babette saiu de dentro do forno e olhou para Iris como se ela tivesse acabado de lhe fazer uma pergunta sobre a existência de Deus.

— Que pergunta mais estranha! Essa noite, vamos sair para beber na casa de uns amigos e estou contente. Mas amanhã já é outra história.

— Como consegue? — suspirou Iris, com uma ponta de inveja.

— A senhora é infeliz, então?

Iris não respondeu.

— Bem, acho que... Se estivesse no seu lugar, ah, como ia me divertir! Nenhuma preocupação com o fim do mês, cheia de dinheiro, um apartamento lindo, um marido lindo, um filho lindo...

Não ia nem pensar nesse tipo de pergunta.

Iris sorriu amarelo.

— A vida é mais complicada que isso, Babette.

— Talvez... Se a senhora diz...

E desapareceu de novo, a cabeça primeiro, dentro do forno.

Iris a ouviu reclamando dos fornos autolimpantes que não limpavam nada. Teve a impressão de ouvir a velha expressão “óleo

117

de cotovelo”, seguida de gorgolejos e, finalmente, Babette apareceu para concluir:

— Talvez a gente não possa ter tudo na vida. Eu me divirto e sou pobre, a senhora é rica, mas está de saco cheio.

Naquela manhã, depois de deixar Babette às voltas com o forno, Iris estava se sentindo muito só.

Se pelo menos pudesse ligar para Bérengère... Não se viam mais, mas ela se sentia amputada de uma parte de si mesma. Não era a melhor parte, com certeza, mas tinha que reconhecer que sentia falta dela. As fofocas de Bérengère, o cheiro de esgoto de suas intrigas.

Olhava para ela com superioridade, pensava que não tinha nada em comum com aquela mulher, mas ansiava por aquelas conversas. É como uma fúria dentro de mim, uma perversão que me faz desejar o que mais desprezo no mundo. Não consigo resistir.

Seis meses sem falar com ela, calculou, seis meses e não sei mais nada do que acontece em Paris, quem dorme com quem, quem está falindo, quem perdeu prestígio.

Ficou trancada no escritório quase toda a tarde. Releu um romance de Henry James. Anotou na agenda uma frase que chamou sua atenção: “Qual é a característica dos homens em geral?”

Não será a capacidade de passar seu tempo indefinidamente ao lado de mulheres tediosas, não diria de passá-lo sem se aborrecer, mas, o que dá no mesmo, sem perceber que se aborrecem, sem que se sintam incomodados a ponto de cair fora?”

— Será que sou uma mulher tediosa? — murmurou Iris para o grande espelho que cobria as portas de seu armário. O espelho continuou mudo. Iris continuou, ainda mais baixinho.

— Será que Philippe vai sair pela tangente?

Mas o espelho não teve tempo de responder. O telefone tocou.

Era Joséphine. Parecia muito empolgada.

— Iris... Está podendo falar? Está sozinha? Sei que é tarde, mas preciso falar com você urgente.

Iris tranquilizou-a: não estava incomodando.

— Antoine escreveu para as meninas. Está no Quênia.

Criando crocodilos.

118

— Crocodilos? Enlouqueceu!

— É, eu também acho.

— Nem sabia que se criavam crocodilos.

— Trabalha para um grupo de chineses e...

Joséphine perguntou se queria que lesse a carta. Iris ouviu sem interromper.

— E então, o que acha?

— Francamente, Jo, acho que ele perdeu a cabeça.

— Isso não é tudo.

— Está apaixonado por uma chinesa de short e ela só tem uma perna?

— Não, não é nada disso.

Joséphine caiu na risada e Iris aprovou. Preferia que

Joséphine risse daquele novo episódio de sua vida conjugal.

— Ele escreveu um bilhete só para mim, no final da carta das meninas... Você não vai adivinhar nunca...

— O quê? Vamos, Jo!

— Pois é, coloquei o papel no bolso do avental, aquele grande, branco, que uso para cozinhar, sabe? Quando fui me deitar, lembrei que tinha deixado o bilhete no avental... Tinha esquecido... Isso não é maravilhoso?

— Vamos ao ponto, Jo, ao ponto... Às vezes suas histórias são duras de acompanhar.

— Preste atenção, Iris: esqueci de ler a carta de Antoine. Não saí correndo para ler. Isso quer dizer que estou ficando curada, não?

— É verdade, tem razão. O que ele dizia na carta?

— Espere, vou ler...

Iris ouviu o barulho do papel sendo desdobrado e depois a voz clara de sua irmã se fez ouvir:

— “Joséphine... Sei que sou um covarde, fugi sem lhe dizer nada, mas é que não tive coragem de enfrentá-la. Estava me sentindo muito mal. Aqui, posso recomeçar minha vida do zero.

Espero que funcione, que consiga ganhar dinheiro e que possa lhe pagar mil vezes o que está fazendo pelas crianças. Tem boas

119

chances de dar certo, de render muito dinheiro. Estava me sentido esmagado, aí na França. Não me pergunte por quê... Joséphine, você é uma boa mulher, inteligente, meiga e generosa. E foi uma ótima esposa. Nunca vou esquecê-la. Agi mal com você e gostaria de poder me redimir. Tornar sua vida mais leve. Mandarei notícias regularmente. Anotei logo abaixo o meu número de telefone, pode ligar se alguma coisa acontecer, qualquer coisa. Gostaria de mandar um beijo, junto com todas as boas lembranças de nossa vida em comum, Antoine.” E tem dois P.S. O primeiro diz o seguinte: “Sou conhecido aqui como Tonio... Caso resolva ligar e algum telefonista atenda.” O segundo: “É engraçado, não transpiro mais, e olhe que aqui faz calor!” É isso... O que acha?

A primeira reação de Iris foi pensar: Pobrezinho! É patético!

Mas não sabia se Joséphine já tinha atingido aquele ponto de desapego sentimental, de modo que preferiu ser diplomática.

— O importante é o que você pensa, Jo.

— Costumava ser mais brutal, antes.

— Antes ele era parte da família. Podia ser maltratado...

— Ah! Então essa é a sua ideia de família?

— Você não se preocupou muito com a mamãe, seis meses

atrás. Foi tão violenta que ela não quer ouvir falar de você até hoje.

— E você não pode imaginar como me senti melhor depois

disso!

Iris refletiu um instante e depois perguntou:

— Como se sentiu depois da leitura da carta para as meninas?

— Não muito bem... Mas de qualquer jeito, não fui correndo ler a minha. Isso é sinal de que as coisas estão melhorando, não?

Que não estou tão obcecada por ele.

Joséphine fez uma pausa e acrescentou:

— É bem verdade que, com todo o trabalho que tenho, não me sobra muito tempo para pensar.

— Está conseguindo? Precisa de dinheiro?

— Não, não... Está tudo bem. Aceito todos os trabalhos que aparecem. Todos!

Em seguida, mudando completamente de assunto, perguntou:

120

— Como vai Alexandre? Melhorou no ditado?

Alexandre tinha sido submetido a longos ditados durante todo o verão, enquanto as primas iam à praia ou à pesca.

— Esqueci de perguntar. Ele é tão reservado, tão silencioso.

É estranho, mas ele me intimida. Não sei como falar com um menino. Quer dizer: sem seduzir! Às vezes, invejo suas duas filhas.

Deve ser bem mais fácil...

De repente, Iris se sentiu incrivelmente desanimada. O amor materno parecia uma montanha que jamais conseguiria escalar. É

incrível, pensava, não trabalho, não tenho nada para fazer em casa a não ser escolher as flores e as velas perfumadas, só tenho um filho e mal lhe dou atenção! De mim, Alexandre só conhece o barulho das sacolas que deixo na entrada ou dos fru-frus do meu vestido quando me debruço à noite para dar boa-noite antes de sair!

É uma criança criada a puxões de orelha!

— Preciso ir, querida, estou ouvindo os passos do meu marido. Um beijo e não esqueça: nem a rã arranha a aranha, nem a aranha arranha a rã!

Iris desligou e levantou os olhos para Philippe, que a observava da entrada do quarto. Também não entendo esse aí, suspirou, recomeçando a dança das escovas. Tenho a impressão de que me espiona, acompanha meus passos, de que seus olhos estão colados em minhas costas. Será que mandou alguém me seguir, por acaso? Será que está procurando algum pretexto para negociar um divórcio? O silêncio tinha se instalado entre os dois como uma evidência, uma muralha de Jericó que trombeta alguma conseguiria derrubar, pois eles não gritavam, não batiam portas, jamais levantavam a voz. Felizes os casais que têm brigas homéricas, pensou Iris, tudo fica mais fácil depois de uma boa briga. Eles se esgoelam, se esgotam... E se jogam nos braços um do outro. Um tempo de trégua em que as armas são depositadas, em que os beijos suavizam os rancores, apagam as censuras, assinam um breve armistício. Philippe e ela só conheciam o silêncio, a frieza, a ironia ferina que escavam cada dia mais a fossa de uma separação

inevitável. Iris não queria mais pensar nisso. Consolava-se pensando que eles não eram o único casal que tinha deslizado para aquele tipo de indiferença cortês e que nem todos acabavam divorciados. Era só uma fase ruim a ser ultrapassada, uma fase que poderia durar, é verdade, mas que muitas vezes evoluía tranquilamente para uma velhice pacificada.

121

Philippe sentou na cama e tirou os sapatos. O direito primeiro, o esquerdo depois. Em seguida, a meia direita e a meia esquerda. A cada gesto correspondia um barulho: ploc, ploc, pfft, pfft.

— Tem um dia pesado amanhã?

— Reuniões, um almoço, a rotina de sempre.

— Devia trabalhar menos... Os cemitérios estão cheios de gente indispensável.

— Talvez... Mas não vejo como poderia mudar de vida.

Já tinham tido aquela discussão inúmeras vezes. Como um caminho obrigatório antes de deitar. E terminava sempre do mesmo jeito: um ponto de interrogação no ar.

Agora, ele vai até o banheiro escovar os dentes, enfiar a camiseta comprida para dormir e vai se deitar suspirando “acho que não vou demorar para pegar no sono...”. E ela diria... Ela não diria nada. Ele daria um beijo em seu ombro e acrescentaria, “boa noite, querida”, pegaria sua máscara de dormir, colocaria e viraria para o seu lado da cama. Ela arrumaria as escovas, acenderia o

abajar na mesinha de cabeceira, pegaria um livro que só largaria quando os olhos estivessem fechando.

Em seguida, inventaria uma história.

Uma história de amor ou outra qualquer. Certas noites, ela se enrola nos lençóis, aperta o travesseiro contra si e, com o rosto enfiado nas plumas macias, reencontra Gabor. Os dois estão no festival de Cannes. Caminham na areia, à beira-mar. Ele está sozinho, com um roteiro debaixo do braço. Ela está sozinha, o rosto voltado para o sol. Eles se cruzam. Ela deixa os óculos caírem. Ele se abaixa para pegá-los, levanta e... “Iris!” “Gabor!” Eles se abraçam, se beijam e ele diz: “Que saudade! Nunca deixei de pensar em você!” Ela murmura: “Eu também não!” Eles correm pelas ruas e pelos hotéis de Cannes. Ele veio apresentar seu filme, ela o acompanha sempre, sobem os degraus juntos, de mãos dadas, ela pede o divórcio...

Mas às vezes, escolhe uma história diferente. Acabou de escrever um livro, foi um grande sucesso e ela dá entrevistas para a imprensa internacional reunida no hall do hotel onde está hospedada. O romance foi traduzido para 27 línguas, os direitos comprados pela MGM, Tom Cruise e Sean Penn disputam o papel masculino. Os dólares se alinham em pequenas montanhas verdes

122

a perder de vista. As críticas são boas, todos querem fotografar seu escritório, sua cozinha, todos querem saber sua opinião sobre tudo.

— Mamãe, posso dormir com vocês?

Philippe virou num salto e sua resposta foi cortante.

— Não, Alexandre! Já tivemos essa discussão mil vezes! Um menino de 10 anos não pode mais dormir com os pais!

— Mamãe... Por favor... Diz que posso!

Iris percebeu um brilho de angústia nos olhos do filho e, puxando-o para si, o envolveu nos braços.

— O que houve, querido?

— Tenho medo, mamãe... Medo de verdade. Tive um pesadelo.

Alexandre se aproxima e tenta se enfiar sob os lençóis.

— Já para o seu quarto! — ruge Philippe, levantando a máscara azul.

Iris lê o pânico nos olhos do filho. Levanta, pega sua mão e explica:

— Vou levá-lo para a cama.

— Isso não é jeito de se criar um menino. O que vai ser dele?

Um filhinho da mamãe? Um homem com medo da própria sombra?

— Só vou colocá-lo na cama... Não vale a pena fazer drama.

Venha, querido, vamos.

— É desanimador! Desanimador! — repetiu Philippe virando na cama. — Esse menino nunca vai crescer.

Iris pegou Alexandre pela mão e foi com ele até seu quarto.

Acendeu o pequeno abajur na cabeceira da cama, puxou os lençóis e fez sinal para que deitasse. Ele se enfiou debaixo das cobertas.

Ela colocou a mão em sua testa e perguntou:

— Está com medo de quê, Alexandre?

— Tenho medo...

— Alexandre, você ainda é um menino, mas logo será um homem. Vai viver num mundo de brutos, precisa ser forte e não vai ser chorando no pé da cama de seus pais...

— Não estava chorando!

123

— Você recuou diante do medo. Ele foi mais forte que você.

Isso não é bom. Precisa derrotá-lo, senão vai ser sempre um bebê.

— Não sou um bebê.

— É sim... Quer dormir conosco como fazia quando era bebê.

— Não, não sou um bebê.

Fez uma careta de raiva e tristeza. Estava furioso com a mãe que não o compreendia e ao mesmo tempo cheio de medo.

— E você... Você é má.

Iris não soube o que responder. Ficou olhando para ele, a boca aberta, pronta para responder, mas sem emitir um som. Não sabia como falar com o filho. Estava numa margem, Alexandre na outra. E se observavam em silêncio. E foi assim desde que ele nasceu. Ainda na clínica. Quando colocaram Alexandre no berço transparente ao lado de sua cama, Iris pensou consigo: Olhe só! Uma nova pessoa em minha vida! E nunca pronunciou a palavra “bebê”.

O silêncio e o evidente mal-estar de Iris deixaram Alexandre ainda mais ansioso. Deve estar acontecendo alguma coisa muito

séria para a mamãe não conseguir falar. Para que fique me olhando assim sem dizer nada.

Iris deu um beijo na testa do filho e levantou.

— Pode ficar até eu dormir, mamãe?

— Seu pai vai ficar furioso...

— Mamãe, mamãe, mamãe...

— Eu sei, querido, eu sei... Vou ficar, mas da próxima vez, você vai prometer que vai ser forte e vai ficar em sua cama.

Ele não respondeu. Ela pegou sua mão.

Ele suspirou, fechou os olhos e ela pousou a mão em seu ombro, num carinho suave. Seu longo corpo flexível, seus cílios castanhos, seus cabelos negros e ondulados... Tinha a graça frágil de uma criança inquieta, uma criança à espreita. Mesmo dormindo, um traço se formava entre suas sobrancelhas, e seu peito subia e descia como se estivesse sendo esmagado por um peso grande demais. Deixava escapar uns suspiros de medo e de alívio que cortavam o coração de sua mãe.

Foi até nosso quarto porque sentiu que eu precisava dele. A intuição das crianças. Reviu-se a si mesma, pequena, rindo alto das

124

brincadeiras do pai, se fazendo de palhaça para afastar as grossas nuvens que via entre os pais. Nunca acontecia nada de terrível entre os dois, mas mesmo assim, eu tinha medo... Papai todo redondo, todo bondoso, todo doce. Mamãe toda seca, toda dura, toda magra. Dois estranhos que dormiam na mesma cama. E ela

continuou a se fazer de palhaça. Parecia mais fácil fazer graça do que expressar o que sentia. E da primeira vez em que murmuraram diante dela: “Que menina mais linda! Que olhos maravilhosos! Nunca vi nada igual!”, ela trocou a roupa de palhaço pelo equipamento de menina bonita. Uma simples troca de papéis!

Estou muito mal, nesse momento. Essa aparência desembaraçada e confiante, que conservo com tanto cuidado há anos, começa a apresentar fissuras, deixando um amontoado de contradições à mostra. Vou ter que acabar escolhendo. Seguir numa direção, mas qual? Somente o homem que se encontrou, o homem que coincide consigo mesmo, com sua verdade interior, é um homem livre. Sabe quem é, tem prazer em explorar aquilo que é, não se aborrece jamais. A felicidade que sente em viver a vida na boa companhia de si mesmo o deixa quase eufórico. Vive de verdade, enquanto os outros deixam a vida passar entre os dedos... Sem fechá-los nunca.

A vida escorre entre meus dedos e ainda não consegui encontrar seu sentido. Não vivo, ando às cegas. Mal com os outros, mal comigo mesma. Tenho raiva das pessoas, porque me devolvem uma imagem de mim que não me agrada, e de mim mesma, por não ser capaz de impor uma outra imagem. Ando em círculos sem coragem de mudar. Basta aceitar, obedecer às leis dos outros uma única vez para que nossa alma nos escape e se desagregue. E ficamos reduzidos a uma aparência. Mas, será que não é tarde demais? De repente, aquela simples ideia a aterrorizou. Será que já

me transformei naquela mulher cujo reflexo vejo nos olhos de Bérengère? Diante dessa possibilidade, estremeceu. Segurou a mão de Alexandre, apertou com força e, no sono, ele devolveu a pressão murmurando “mamãe, mamãe”. As lágrimas inundaram seus olhos. Deitou-se ao lado do filho, colocou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos.

— Dona Josiane, já comprou minhas passagens para a China?

125

Plantado diante de sua secretária, Marcel Grobz falava como se ela fosse um cartaz de beira de estrada, olhando por cima de sua cabeça. Josiane sentiu uma violenta contração no peito e ficou dura na cadeira.

— Claro... Já coloquei em sua escrivaninha.

Não sabia mais como falar com ele. Ele a tratava por “dona”.

Ela gaguejava, procurava as palavras certas, burilava as frases.

Tinha suprimido todos os pronomes pessoais, usava apenas infinitivos e indefinidos.

Ele mergulhava no trabalho, multiplicava as viagens, as reuniões, os almoços de negócios. E Henriette Grobz vinha buscá-lo toda noite. Passava na frente da mesa de Josiane sem olhar para ela. Um pedaço de pau ambulante, com um chapéu redondo.

Josiane via os dois partirem: ele curvado, ela batendo os cascos.

Depois que pegou os dois, ela e Chaval, na frente da máquina

de café, fazia de tudo para evitá-la. Passava diante dela, se trancava no escritório e só saía à noite, como um vendaval, gritando “Até amanhã!” e virando a cara. Mal dava tempo de vê-lo passar...

E eu vou parar na rua. Voltar para o ponto de partida. Daqui a pouco ele me manda embora, paga férias, tempo de serviço, hora extra, me dá uma carta de recomendação, deseja boa sorte apertando minha mão e, vapt-vupt, adeus, boneca! Pode ir ver se estou na esquina! Ela fungou e engoliu as lágrimas. E aquele Chaval, que babaca! No entanto, em matéria de babaquice, ela também... Não podia ficar quieta! Não podia prestar atenção! Na empresa, nunca!, foi o que ela mesma disse, nem um gesto fora do lugar, nem uma suspeita de beijo. Anonimato total. Ralar e ralar. E ele teve que vir armar sua barraca debaixo do nariz de Marcel. Mais forte do que ele. Um pico de testosterona e lá foi ele brincar de Tarzan, só para me largar em seguida em pleno voo de cipó! Pois o belo Chaval a mandou passear, depois de vomitar um pacote enorme de palavrões. Uma baixaria tão grande que ela ficou muda. Alguns ela nunca tinha ouvido na vida!

E olha que, nesse campo, ela podia dar aulas.

Em seguida, chorou rios de lágrimas.

Em seguida, era um vale de lágrimas todas as noites. Devo estar parecendo um desastre de avião. Ejetada em pleno voo, no momento em que tinha tudo nas mãos: meu papaizinho amoroso, um amante jovem e ardente e o rei Bufunfa a meus pés. Bastava

puxar os fios certos e o laço estava armado! A vida que pedi a Deus ao alcance da mão! Não consigo pensar direito: meu cérebro virou um purê. No enterro da velha, tive de usar óculos escuros, mas todo mundo achou que estava morrendo de tristeza. O que foi ótimo!

O enterro de sua mãe...

Josiane chegou de trem, baldeação em Culmont-Chalindrey, pegou um táxi (35 euros, mais a gorjeta), cruzou a porta do cemitério a pé e debaixo de chuva para encontrar, colados como pirulitos sob os guarda-chuvas, todos aqueles a quem tinha dado uma bela banana, vinte anos atrás. Tchauzinho, pessoal! Vou me dar bem em Paris! Só volto aqui nadando em ouro! Acho que não é uma boa retornar assim, na econômica, sem pompa nem fazendo rufar os tambores, sem um luxo para calar a boca do povo! “Veio de trem? Então não tem carro?” Em sua família, o carro significava classe internacional, era a marca de quem subiu na vida. De quem dorme no Elysée. De que o sucesso bateu à sua porta. “Não, não tenho carro porque em Paris o chique é andar a pé.” “Ah, bom..”, disseram eles e mergulharam o nariz no colarinho preto para debochar, “não tem carro, não tem! Pé de chinelo, isso que é!”.

Ela desviou num movimento seco e se aproximou do buraco onde estava a pequena urna das cinzas. Um barulho de sirenes ao fundo. Daí tudo se misturou e o copo transbordou: Marcel, Mamãe, Chaval, não sobrou ninguém, estou sozinha, abandonada, sem grana, sem perspectivas, quebrada. Tenho 8 anos e espero o tapa que vai chegar. Tenho 8 anos e estou com o cu na mão de tanto

medo. Tenho 8 anos e meu avô penetra de mansinho em meu quarto quando todo mundo vai dormir. Eles fingem que dormem porque é melhor para eles.

Não era pela mãe que chorava, mas por si mesma. Porque foi concebida numa noite de bebedeira, porque sempre teve que se virar sozinha, porque nunca teve infância. Por causa daquela que apodrecia a sete palmos do chão e que não estava nem aí se ela era estuprada, explorada ou simplesmente infeliz. Bela história!

Quando o rei Bufunfa reinar no meu bolso, vou me deitar no divã de um desses charlatões para falar do papai e da mamãe! Vamos ver o que ele vai dizer...

Na volta do cemitério, eles se empanturram. Vinho tinto aos borbotões, salames e patês, pizzas e terrinas, queijo *Caprice des Dieux* e montanhas de batata frita. E todos à espreita, espiando, tentavam descobrir alguma coisa. “Tudo bem? E como é a vida em

127

Paris?” “Ouro em pó”, respondia ela, esfregando no nariz deles o brilhante cercado de rubis, presente de Marcel. E esticando o pescoço para que vissem o colar de 31 pérolas dos mares do Sul, fecho de platina com diamantes. Ela se esticava toda, virava uma girafa para ver se a deixavam em paz. “E qual é o seu trabalho? Tem um bom salário? E seu patrão, te trata bem?” “Se melhorar, estraga”, respondia ela, cerrando os dentes para impedir a taça de transbordar de novo. Um atrás do outro, eles se aproximavam e eram sempre as mesmas perguntas, as mesmas respostas, as

mesmas bocas abertas para sublinhar o tamanho de seu sucesso.

Eles babavam de espanto e se serviam mais um copo. Puta que o pariu!, diziam eles, aqui até para ser vendedora de supermercado é preciso ter pistolão! Aqui, não tem nem sombra de emprego! Aqui, todo mundo pergunta onde está a vida... Os velhos comentam: “No meu tempo, a gente começava aos 13, em qualquer lugar, em qualquer coisa, mas tinha trabalho; hoje não tem mais nada.” E serviam mais bebida. Logo estariam bêbados como gambás e começariam as musiquinhas indecentes. Resolveu ir embora antes das ladainhas cheirando a bebida. Não dava para prever mais nada quando eles começavam a enrolar a língua. Brigavam, perdiam as estribeiras, se misturavam, acertavam contas de família com mais de vinte anos de atraso, quebravam o fundo das garrafas e partiam para o assassinato.

Logo em seguida, sua cabeça começou a girar e ela pediu que abrissem as janelas. “Por quê? Está tonta? Está prenha? Sabe quem é o pai?” Os risos obscenos se espalhavam, um coro de risos que partia em todos os sentidos, subia e descia de tom e eles trocavam cotoveladas como se fossem começar uma ciranda.

“Cruzes, parece que sou o único assunto de vocês”, atacou ela, recuperando o fôlego, “não têm mais nada para fazer... Ainda bem que apareci, senão vocês iam apodrecer de tédio!”

E eles se calaram, embaraçados. “Você não mudou nada!”, comentou o primo Paul, “Agressiva como sempre. Não admira que não tenha encontrado ninguém para lhe fazer um filho! Ainda não

nasceu quem queira correr esse risco! Vinte anos de trabalhos forçados com a patroa dormindo de armadura! Tem que ser doido ou completamente idiota!”

Um filho! Um filho de Marcel! Por que não pensou nisso antes? Era seu maior sonho, ainda por cima. Não parava de dizer que a Cabo-de-vassoura tinha lhe recusado esse prazer tão legítimo. E ficava com os olhos úmidos toda vez que via aqueles anjinhos que

128

engatinhavam nos comerciais, sujos de papinha ou com as fraldas fedorentas.

O tempo parou e ficou maiúsculo.

Todos os participantes do banquete ficaram imóveis como se ela tivesse apertado a tecla “Pausa” do controle remoto e as palavras ganharam vida. Um bebê. Um be-be-zi-nho. Um menino Jesus. Um pequeno Grobz gorducho. Com uma colher de ouro na boca. O que estou dizendo? Uma colher, não, um faqueiro inteiro, isso sim. Capaz de sufocar o pimpolho! Meu Deus, como era idiota!

Claro, era disso que precisava: reconquistar Chefe, engravidar e, então, ela seria imexível! Um sorriso angelical se espalhou em seu rosto, o queixo caiu de pura felicidade e o peito inchou em ondas trêmulas dentro do sutiã meia-taça tamanho 46.

Passeou um olhar enternecido pelos primos e primas, pelos irmãos e tios, pelas tias e sobrinhas. Ela os amava por terem inspirado aquela ideia luminosa! Como adorava sua mesquinharia, sua mediocridade, suas caras mamadas! Ficou tempo demais em

Paris! Ficou metida a besta. Tinha perdido a mão, esquecido a luta de classes, de sexos e de carteiras. Deveria vir aqui mais vezes, fazer uma formação permanente. Retorno à boa e velha realidade: como segurar um homem? Colocando um pimpolho no forno. Como pôde esquecer a velha receita milenar que engendrou dinastias e encheu tantas caixas-fortes?

Tinha vontade de pular no pescoço deles, mas se reprimiu, assumiu um ar de donzela ofendida, “não, não, nem pensei nisso”, pediu desculpas por ter perdido o controle, “é a lembrança da mamãe que me deixou desatinada! Estou com os nervos à flor da pele”. E como o primo Georges ia voltar para Culmont-Chalindrey de carro, pediu uma carona, poupando assim a baldeação.

— Já vai? Mal deu tempo de a gente se ver! Por que não dorme aqui?

Agradeceu com um sorriso untuoso, beijou todo mundo, deu um dinheirinho aos sobrinhos e sobrinhas e desapareceu dentro do velho Simca do primo Georges, verificando se ninguém tinha passado a mão nas joias de seu amante enquanto ela representava a cena da Anunciação.

Mas ainda faltava o mais difícil: reconquistar Chefe, convencê-lo de que a aventura com Chaval fora uma coisa passageira, tão passageira que nem se lembrava mais, um momento

129

de abandono, de desatino, de fraqueza feminina, inventar uma baboseira qualquer, dar à coisa um ar aceitável — tinha sido

forçada? Espancada? Drogada? Hipnotizada? Seduzida? —, retomar seu lugar de favorita e pescar um pequeno espermatozoide grobzião para abrigar no calor do seu forninho.

Ao subir, em Culmont-Chalindrey, no compartimento de primeira classe do trem para Paris, Josiane pensou e concluiu que precisava jogar muito bem, avançar de mansinho e na pontinha dos pés. Precisava reconstruir tudo: carregar cada pedra pacientemente, sem reclamar, sem se irritar, sem se trair. Até que a pirâmide ressurgisse, irrefutável.

Ia ser duro, com certeza, mas não tinha medo da adversidade. Tinha saído vitoriosa de outros naufrágios.

Encostou-se confortavelmente na poltrona, sentiu os primeiros movimentos do trem que deixava a estação balançarem seu traseiro e emocionou-se pensando na mãe: era graças a ela que retornava agora, animada e novamente guerreira.

— Ela marcou lá dentro? Tem certeza? Não vou perder essa oportunidade por nada no mundo. Uma tarde na piscina do Ritz é o cúmulo do luxo! — suspirou Hortense, espreguiçando-se dentro do carro. — Não sei por que, mas assim que saio de Courbevoie, assim que passo a ponte, me sinto reviver. Detesto o subúrbio. Por que viemos morar no subúrbio, pode me explicar, mamãe?

Sentada ao volante, Joséphine não respondeu. Estava procurando uma vaga para estacionar. Iris tinha marcado um encontro naquela tarde de sábado em seu clube, à beira da piscina.

“Vai lhe fazer bem, é pressão demais, minha pobre Jo...” E lá estava

ela, dando voltas e mais voltas há meia hora. Encontrar uma vaga nas redondezas do hotel não era nada fácil. A maioria dos carros esperava em fila dupla, por falta de vagas para estacionar. Era a época das compras de Natal, as calçadas estavam cheias de gente carregando sacolas enormes, usando-as como escudo para abrir caminho e, de repente, sem mais nem por quê, alguém saltava da calçada para a rua, obrigando-a a buzinar para não atropelá-lo. Joséphine dava voltas e abria bem os olhos, em busca de uma vaga, mas as meninas começaram a ficar impacientes: “Ali, mamãe, ali!” “Não, é proibido, não quero saber de multa!” “Ai, você é uma estraga-prazeres!” Era a expressão que usavam: estraga-prazeres! E usavam a toda hora.

130

— Ainda sobrou um pouco do bronzeado do verão. Pelo menos não pareço um pudim de leite — continuou Hortense, examinando os braços.

Já eu, pensou Joséphine, sou a rainha dos pudins. Um carro saiu da vaga bem na sua frente, ela freou e colocou o pisca-alerta.

As meninas começaram uma torcida.

— Dá-lhe, mamãe! Vamos... Uma manobra perfeita!

Jo se esforçou e conseguiu se enfiar sem erro no lugar disponível. As meninas aplaudiram. Suando em bicas, Jo enxugou a testa.

A ideia de entrar no hotel e enfrentar o olhar avaliador dos empregados, se perguntando o que uma pessoa como ela estava

fazendo ali, lhe provocava calafrios. No entanto, bastava seguir

Hortense que, perfeitamente à vontade, mostrava o caminho,

olhando com altivez para os uniformes vistosos do pessoal.

— Já esteve aqui antes? — sussurrou Jo para Hortense.

— Não, mas imagino que a piscina deve ser para lá... No

subsolo. E depois, se não for, não tem importância. Basta dar meia-

volta. Afinal, são apenas empregados. São pagos para nos dar

informações.

Confusa, Joséphine tratou de segui-la, rebocando Zoé, que

admirava as vitrines de joias, bolsas, relógios e acessórios de luxo.

— Uau, mamãe, como é lindo! Deve ser muito caro! Se Max

Barthillet visse isso, ia querer roubar tudo. Ele diz que, quando a

gente é pobre, pode roubar os ricos e que eles nem sentem falta. E

que isso equilibra!

— Alto lá — protestou Joséphine —, vou acabar pensando

que Hortense tem razão quando diz que Max é uma péssima

companhia.

— Olhe, mamãe, olhe, um ovo de diamante! Será que a

galinha também era de diamante?

Na entrada do clube, uma jovem muito distinta pediu seus

nomes, consultou um grande caderno e confirmou que a sra. Dupin

esperava por elas na piscina. Em sua mesa, queimava uma vela

perfumada. Alto-falantes difundiam um trecho de música erudita.

Joséphine olhou para os pés e teve vergonha das sandalinhas

baratas. A jovem indicou o caminho para os vestiários, desejando

uma boa tarde, e cada uma entrou em sua cabine.

131

Joséphine se despiu. Alisou as marcas do sutiã, dobrou-o cuidadosamente, tirou as meias, enrolou-as e guardou junto com a camiseta, o pulôver, a calça no armário da cabine. Depois tirou o maiô do saquinho plástico em que estava guardado desde agosto do último verão e foi dominada por uma angústia horrível. Havia engordado desde então e não tinha certeza de que o maiô ainda servia. Preciso emagrecer urgentemente, censurou-se, não me aguento mais! Não tinha coragem de olhar a barriga, as coxas, os seios. Enfiou o maiô às cegas, olhando para um spot embutido no teto de madeira da cabine. Puxou as alças para levantar o peito, desfez as dobras do maiô nos quadris, alisou, alisou, para tentar

apagar aquelas gordurinhas indesejáveis. Finalmente, abaixou os olhos e viu um roupão branco pendurado na parede. Salva pelo gongo!

Pegou os chinelos de toalha que encontrou junto do roupão, fechou a porta de cabine e procurou as meninas com os olhos. Elas já tinham ido ao encontro de Alexandre e Iris.

Recostada numa espreguiçadeira de madeira, suntuosa em seu roupão branco, os longos cabelos negros puxados para trás e um livro pousado nos joelhos, Iris conversava animadamente com uma mocinha que estava de costas para Jo. Uma mocinha esguia metida num duas-peças minúsculo: um biquíni vermelho bordado com pedrarias que brilhavam como a poeira da Via Láctea. Um traseiro arrebitado, uma calcinha tão pequena que Joséphine considerou quase supérflua. Nossa, que mulher linda! A cintura fina, as pernas imensas, o porte perfeito e ativo, os cabelos presos num coque improvisado... Tudo nela respirava graça e beleza, tudo se harmonizava perfeitamente com a decoração refinada da piscina, com a água azulada que desenhava reflexos furta-cor nas paredes. Todos os seus complexos ressurgiram e Joséphine apertou o cinto do roupão. Juro que a partir de agora vou parar de comer e vou começar a fazer abdominais toda manhã! Um dia, também fui uma mocinha esbelta e longilínea.

Reconheceu Alexandre e Zoé na água e fez um sinal com a mão. Alexandre fez menção de sair para cumprimentá-la, mas ela acenou que não precisava e ele mergulhou de novo, puxando as

pernas de Zoé, que lançou um grito assustado.

A mocinha de biquíni vermelho se virou e Jo reconheceu Hortense.

— O que está fazendo vestida dessa maneira, Hortense?

132

— Ora, mamãe... É só um biquíni. E não fale tão alto! Isso aqui não é a piscina de Courbevoie.

— Boa tarde, Joséphine — cumprimentou Iris, levantando para se colocar entre mãe e filha.

— Boa tarde — rosnou Joséphine e voltou-se contra a filha.

— Quer fazer o favor de me explicar de onde surgiu esse maiô?

— Fui eu que comprei para ela no verão. Não vejo nenhum motivo para você ficar nesse estado. Hortense está linda...

— Hortense está indecente! E até segunda ordem, Hortense é minha filha e não sua!

— Muito bem, mamãe! Lá vem você com suas frases de efeito.

— Hortense, você vai tirar essa roupa imediatamente.

— Nem pensar! Não é porque você se esconde dentro de um saco que eu vou ter que me disfarçar de atum.

Hortense enfrentava, sem piscar, o olhar cheio de raiva de sua mãe. Mechas acobreadas escapavam da presilha que segurava seus cabelos, e seu rosto estava vermelho, o que lhe dava um ar infantil que contradizia a roupa de mulher fatal. Joséphine não podia deixar de se sentir atingida pela alfinetada da filha e perdeu toda a segurança. Gaguejou uma resposta tão baixinho que

ninguém ouviu.

— Vamos, vamos, meninas, calma — disse Iris, sorrindo para desanuviar o ambiente. — Sua filha cresceu, Joséphine, não é mais um bebê. É natural que fique chocada, mas não há nada a fazer! A não ser que queira prendê-la entre dois dicionários.

— Posso impedir que se exiba do jeito que está fazendo.

— Ela é como a maioria das meninas da idade dela...

Maravilhosa.

Joséphine vacilou e teve que sentar na espreguiçadeira mais próxima de Iris. Enfrentar a irmã e a filha ao mesmo tempo estava acima de suas forças. Virou a cabeça para engolir as lágrimas de raiva e de impotência que sentia subir dentro do peito. Quando enfrentava Hortense, ela sempre acabava da mesma maneira: com a cara no chão. Tinha medo da filha, de seu orgulho, do desprezo visível que sentia por ela e, ainda por cima, era obrigada a reconhecer que muitas vezes Hortense tinha razão. Se tivesse saído da cabine orgulhosa de sua própria silhueta, satisfeita em seu maiô, com certeza não teria reagido com tanta violência.

133

Descansou um instante, desfeita, trêmula, olhando os reflexos da água da piscina, identificando sem perceber as plantas verdes, as colunas de mármore branco, os mosaicos azuis. Depois sentou direito, respirou profundamente para bloquear as lágrimas — afinal, era só o que faltava, fazer um papel ridículo e passar vexame — e virou, pronta para enfrentar a filha.

Hortense não estava mais lá. Nos degraus da piscina, tateava a água com a pontinha do pé, preparando-se para mergulhar.

— Não devia ficar nesse estado na frente dela, perde toda a autoridade — sussurrou Iris, deitando de braços.

— Queria ver você! Ela se comporta de uma maneira detestável comigo.

— É a adolescência. Está em plena idade ingrata.

— A idade ingrata tem as costas largas... Ela me trata como se eu fosse inferior.

— Vai ver que é porque você nunca soube se impor.

— Como assim, nunca soube me impor?

— Sempre deixou as pessoas tratarem você de qualquer jeito!

Se não é capaz de respeitar a si mesma, como quer que os outros a respeitem?

Aturdida, Joséphine ouvia a irmã falar.

— Não se lembra?... Quando éramos pequenas... Eu obrigava você a se ajoelhar na minha frente, colocar a coisa que mais gostava na cabeça e entregar para mim se curvando sem deixar cair... E se deixasse, era punida! Lembra?

— Era uma brincadeira!

— Não era tão inocente assim! Era um teste. Eu queria saber até onde você iria e podia ter pedido qualquer coisa. Você nunca disse não!

— Porque tinha adoração por você!

Joséphine protestava com todas as suas forças.

— Era amor, Iris. Puro amor. Veneração!

— Bem... Não devia. Devia ter se defendido, me injuriado!

Mas nunca reagiu. Agora, não pode se espantar ao ver sua filha tratá-la desse jeito.

— Pare! Daqui a pouco vai dizer que a culpa é minha.

134

— Claro que a culpa é sua!

Era demais para Joséphine. Deixou as grossas lágrimas que reprimia deslizarem pelo rosto e chorou, chorou em silêncio enquanto Iris, deitada de bruços, a cabeça apoiada nos braços, lembrava a infância, as coisas que inventava para escravizar a irmã. E lá vou eu para a minha querida Idade Média, pensou Joséphine entre as lágrimas, quando o pobre servo era obrigado a pagar impostos ao senhor do castelo. O nome era capitação, quatro moedas que o servo colocava sobre a cabeça inclinada e oferecia ao senhor como prova de submissão. Quatro moedas que ele não tinha condições de dar, mas arranjava de qualquer jeito; do contrário, seria espancado, preso, privado de terras e de pão... Inútil termos inventado o motor a explosão, a eletricidade, o telefone, a televisão: as relações entre os seres humanos não mudaram. Fui, sou e serei sempre a humilde servidora de minha irmã. E dos outros! Hoje é Hortense, amanhã pode ser qualquer um.

Dando aquele capítulo por encerrado, Iris deitou de costas e continuou a conversa como se nada tivesse acontecido.

— O que vai fazer no Natal?

— Não sei... — disse Jo, engolindo as lágrimas. — Nem tive tempo de pensar! Shirley me convidou para ir à Escócia com ela...

— Na casa da família?

— Não... Não vai mais para lá, não sei por quê. Seria na casa de amigos, mas Hortense já fez cara feia. Diz que a Escócia é “uma bela droga”...

— Podíamos passar o Natal juntas no chalé...

— É o que ela quer, com certeza. Fica feliz com vocês!

— E eu ficaria feliz em recebê-las...

— Não prefere passar o Natal em família? Fico grudada em vocês o tempo todo... Philippe não vai gostar.

— Ora, sabe muito bem que já não somos um jovem casalzinho apaixonado!

— Preciso pensar. O primeiro Natal sem o pai!

Suspirou. Em seguida, como uma chicotada, uma ideia desagradável atravessou seu espírito: “A Senhora sua mãe também vai?”

135

— Não... Se fosse, não convidaria vocês. Já me convenci de que não é possível juntar as duas, a menos que chame também os bombeiros.

— Muito engraçada! Vou pensar...

Em seguida, mudando de ideia, perguntou:

— Já falou com Hortense?

— Ainda não. Só perguntei, a ela e a Zoé também, o que

queriam de Natal...

— Ela disse o que queria?

— Um computador... Mas disse também que você tinha prometido comprar um e que não queria magoá-la. Viu como ela pode ser delicada e atenciosa com os outros...

— Digamos que pode ser... Na verdade, ela praticamente me extorquiou a promessa de comprar um computador. E como sempre, acabei cedendo...

— Se quiser, podemos comprar juntas. Custa caro, um computador!

— Nem me fale! E se der um presente caro desse jeito para Hortense, o que vou comprar para Zoé? Detesto injustiças...

— Posso ajudar com isso também... — Em seguida, se corrigindo. — Posso participar... Sabe, não é nenhum sacrifício para mim!

— E depois disso vai ser um laptop, um iPod, um DVD, uma câmera... Quer saber de uma coisa? Estou por aqui! Estou cansada, Iris, muito cansada...

— Por isso mesmo, aceite minha ajuda. Se quiser, não direi nada às meninas. Dou um presentinho à parte e deixo toda a glória para você.

— É muito generoso de sua parte, mas não! Ficaria muito constrangida.

— Ora, Joséphine, relaxe... Você é rígida demais.

— Não, já disse! E dessa vez, não vou me sujeitar a isso.

Iris sorriu e se rendeu.

— Não vou insistir... Mas lembre que o Natal é daqui a três semanas, não tem mais muito tempo para ganhar milhões... A menos que jogue na loteria.

136

Sei disso, exasperou-se Joséphine em silêncio. Aliás, é só o que sei. Já devia ter entregado a tradução há uma semana, mas a conferência de Lyon tomou todo o meu tempo. Não tenho mais tempo para trabalhar na minha tese de livre-docência e falto a uma reunião de trabalho em cada duas! Minto para minha irmã, escondendo que trabalho para seu marido, e minto para o meu orientador, dizendo que não tenho cabeça para trabalhar depois que Antoine me deixou! Minha vida, que era organizada como uma partitura musical, agora virou uma bagunça horrível.

Enquanto Joséphine continuava seu monólogo interior, sentada na ponta da espreguiçadeira, Alexandre Dupin esperava com impaciência que sua priminha parasse de se debater na água e escolhesse alguma atividade mais calma, para poder fazer as perguntas que fervilhavam em sua cabeça. Zoé era a única que poderia lhe dar uma resposta. Não podia confiar em Carmen, nem em sua mãe, nem em Hortense, que continuava a tratá-lo como se fosse um bebê. Assim, quando Zoé se encostou na beira de piscina para descansar, Alexandre foi sentar a seu lado e começou a conversa.

— Zoé! Quer me ouvir? É importante...

— Fale. Estou ouvindo.

— Você acha que quando os adultos dormem juntos é porque estão apaixonados?

— Bem, mamãe já dormiu com Shirley e elas não estão apaixonadas...

— Não, um homem e uma mulher... Acha que quando dormem juntos estão apaixonados?

— Nem sempre.

— Mas e quando eles transam? Aí estão apaixonados?

— Depende do que você chama de estar apaixonado.

— Mas quando os adultos não transam mais é porque não se amam mais, não acha?

— Sei lá. Por quê?

— Porque meu pai e minha mãe não estão mais dormindo juntos... Há 15 dias.

— Então eles vão se divorciar.

— Tem certeza?

137

— Praticamente... O pai de Max Barthillet foi embora.

— Ele também se divorciou?

— É. Bem, ele me contou que um pouco antes de ir embora, o pai dele não dormia mais com a mãe. Nem dormia em casa, dormia fora, ele não sabe direito onde, mas...

— Bem, o meu dorme no escritório. Numa caminha pequenininha...

— Uau! Então vão se divorciar com certeza! E se isso acontecer, vão mandar você conversar com um psi... É um cara que abre a sua cabeça para ver o que está acontecendo lá por dentro.

— Mas eu sei muito bem o que está acontecendo na minha cabeça. Tenho medo o tempo todo... Um pouco antes dele começar a dormir no escritório, eu levantava de noite e ia ouvir atrás da porta do quarto deles, mas só ouvia silêncio. Um silêncio que dava medo! Antigamente, eles transavam de vez em quando, faziam barulho, mas eu ficava tranquilo...

— Eles não transam mais mesmo?

Alexandre sacudiu a cabeça.

— Nunca mais dormiram juntos?

— Nunca mais... Há 15 dias.

— Então vai ficar como eu: divorciado!

— Tem certeza?

— Tenho... Não é legal. Sua mãe vai ficar estressada o tempo inteiro. A minha está triste e cansada desde que se divorciou. Grita, se estressa, não é legal, sabia? Acho que vai ser a mesma coisa com seus pais!

Hortense, que treinava a travessia da piscina por baixo d'água, surgiu ao lado deles no exato momento em que Alexandre repetia “papai e mamãe divorciados!”. Resolveu se fazer de surda para ouvir melhor, mas Alexandre e Zoé desconfiaram e se calaram assim que a viram boiando de barriga para cima bem na frente deles. A coisa deve ser séria para eles se calarem assim, pensou

Hortense. Iris e Philippe, divorciados? Se Philippe se separar de Iris, ela vai ficar bem menos rica e não vai poder me paparicar como agora. Esse biquíni vermelho, por exemplo: foi só eu olhar para ele, no verão, para ela me dar de presente. Pensou no computador.

Tinha sido idiota de não aceitar o que Iris queria comprar: com

138

certeza era dez vezes mais bonito do que qualquer um que sua mãe escolhesse. Ela não parava de falar em fazer economia. É uma estraga-prazeres com suas economias! Como se papai tivesse ido embora sem deixar nenhum dinheiro! Impensável. Ele nunca faria isso. Meu pai é muito responsável. E um pai responsável paga. Paga fazendo de conta que não paga, sem falar de dinheiro. Isso, sim, é ter classe! A vida é uma merda mesmo, pensava enquanto refazia seu percurso sob a água. A única que sabe se virar é Henriette. Chefe não vai deixá-la nunca. Voltou à superfície e observou as pessoas a seu redor. As mulheres eram elegantes, e seus maridos, ausentes: tratavam de trabalhar, de ganhar dinheiro para que suas mulheres deslumbrantes pudessem relaxar à beira da piscina no último maiô Eres, em cima da saída de banho Hermès. Seu sonho era ter uma daquelas mulheres como mãe! Aceitaria qualquer uma dessas que estão aqui, fantasiou. Qualquer uma, menos minha mãe. Devem ter me trocado na maternidade. Quando saiu da cabine, foi correndo beijar a tia e ficou grudada nela, para que todas aquelas mulheres maravilhosas acreditassem que Iris era sua mãe. Tinha vergonha de Joséphine. Sempre desajeitada,

malvestida. Sempre fazendo contas. Enxugando as narinas entre o polegar e o indicador quando estava cansada. Detestava aquele gesto. Já seu pai era chique, elegante, se relacionava com pessoas importantes. Conhecía todas as marcas de uísque, falava inglês, jogava tênis e bridge, sabia se vestir... Seu olhar pousou em Iris. Não parecia triste. Talvez Alexandre estivesse enganado... Ele é tão bobo, Alexandre! Como sua mãe, sentada sem se mexer, enrolada no roupão. Não vai entrar na água, adivinhou Hortense, ficou com vergonha por causa do que eu disse!

— Não vai entrar na água? — perguntou Iris a Joséphine.

— Não... Só notei na cabine que estava... que não é o período bom do mês.

— Que moça mais recatada! Está menstruada?

Joséphine concordou com a cabeça.

— Pois então vamos tomar um chá.

— Mas... E as crianças?

— Vão encontrar conosco quando se cansarem de ficar

dentro d'água. Alexandre sabe o caminho...

Iris fechou o roupão, pegou a bolsa, enfiou os pés finos nas sandálias delicadas e foi para o salão de chá escondido atrás de

139

uma cerca viva de folhagens. Joséphine foi atrás, indicando seu destino com o dedo para Zoé.

— Um chá com bolo ou uma torta? — perguntou Iris,

sentando-se. — As tortas de maçã daqui são deliciosas!

— Só um chá! Comecei uma dieta quando entrei aqui e já

estou me sentindo bem mais magra.

Iris pediu dois chás e uma torta de maçã. A garçonete se

afastou e duas mulheres se aproximaram sorrindo da mesa delas.

Iris ficou na defensiva. Joséphine ficou surpresa com o evidente constrangimento da irmã.

— Bom dia! — exclamaram as duas mulheres em coro. —

Que surpresa!

— Bom dia — respondeu Iris. — Minha irmã, Joséphine...

Minhas amigas, Bérengère e Nadia.

As duas mulheres lançaram um sorriso rápido na direção de

Joséphine e em seguida, ignorando-a completamente, viraram para

Iris.

— E então? O que é essa novidade que Nadia acabou de me

contar? É verdade que vai debutar na literatura? — perguntou

Bérengère, o rosto crispado pela atenção e por uma certa avidez.

— Foi meu marido quem comentou comigo depois do jantar

da outra noite. Não pude ir, minha filha estava com 40 graus de

febre! Ele estava todo excitado! — disse Nadia Serrurier. — Meu

marido é editor — precisou ela, olhando para Joséphine, que fingiu

que já sabia.

— Está escrevendo escondida! É por isso que anda sumida —

retomou Bérengère. — Bem que estranhei... Não tive mais notícias

suas. Liguei várias vezes. Carmen não deu o recado? Mas agora

entendi! Muito bem, minha cara! É formidável! Vinha falando nisso

há tanto tempo! Bem, pelo menos alguém conseguiu... E quando vamos poder ler?

— Por enquanto estou apenas trabalhando a ideia... Não estou escrevendo de verdade — disse Iris, triturando o cinto de seu roupão branco.

— Não diga isso! — disse a mulher chamada Nadia. — Meu marido espera seu manuscrito... Conseguiu fisgá-lo com suas histórias da Idade Média! Ele não fala de outra coisa. Aproximar o que acontecia naqueles tempos distantes com o que se passa hoje é

140

uma ideia brilhante. Brilhante! Vendo o boom dos romances históricos, tenho certeza de que uma bela história com a Idade Média como pano de fundo será um grande sucesso.

Joséphine teve um sobressalto de surpresa e Iris lhe deu um chute por baixo da mesa.

— Além do mais, você é tão fotogênica, Iris! Basta uma foto desses seus lindos olhos azuis na capa e teremos um best-seller!

Não acha, Nadia?

— Até segunda ordem, não se escreve com os olhos — replicou Iris.

— Estava brincando, mas na verdade...

— Bérengère não está muito errada. Meu marido costuma dizer que hoje em dia não basta escrever um livro, é preciso vendê-lo. É nessa hora que seus olhos vão causar furor! Seus olhos, suas relações... Você foi talhada para o sucesso, minha cara Iris.

— Só falta mesmo escrever, querida! — lançou Bérengère, batendo palmas para mostrar como achava toda aquela história excitante.

Iris não respondeu. Bérengère olhou o relógio e gritou:

— Ih, preciso me apressar, estou atrasadíssima! A gente se fala...

Elas se despediram e se retiraram fazendo pequenos sinais amigáveis. Iris deu de ombros e suspirou. Joséphine ficou calada. A garçonete trouxe os dois chás e uma fatia de torta de maçã, coberta de creme e caramelo. Iris pediu que colocassem a despesa em sua conta e assinou a nota do caixa. Joséphine esperou que a moça se retirasse e que Iris lhe desse explicações.

— Pronto! Agora Paris inteira vai saber que estou escrevendo um livro.

— Um livro sobre a Idade Média! É alguma piada? — perguntou Joséphine, exagerando no tom.

— Não vale a pena fazer drama, Jo. Acalme-se.

— Confesse que é no mínimo surpreendente!

Iris suspirou e, jogando os pesados cabelos para trás, começou a explicar a Joséphine o que tinha acontecido.

— Outra noite, num jantar, estava tão entediada que resolvi dizer qualquer coisa. Inventei que estava escrevendo e, quando

141

perguntaram o que era, falei do século XII... Não me pergunte por quê. Foi o que me passou pela cabeça.

— Mas sempre achou tudo isso tão ultrapassado...

— Eu sei... Mas fui pega de surpresa. E acertei bem no alvo!

Precisava ver a cara do Serrurier, o editor. Ficou excitadíssimo! E então... Continuei e acabei me empolgando, exatamente como você quando fala do assunto. Engraçado, não? Repeti seu discurso quase palavra por palavra.

— E vocês debocharam tanto de mim, você e mamãe, durante esses anos todos.

— Pois, de repente, estava usando todos os seus argumentos... Como se você estivesse falando dentro da minha cabeça... E ele levou tudo a sério. Estava pronto para assinar um contrato... E como você acabou de ver, a notícia circulou rapidamente. Não sei o que vou fazer agora, mas vou ter de manter o suspense...

— Basta ler os meus trabalhos... Posso lhe passar minhas notas, se quiser. Tenho um monte de ideias para romances! O século XII transborda de histórias romanescas...

— Não brinque. Não tenho capacidade para escrever um romance... Morro de vontade, mas não consigo enfileirar mais de cinco linhas.

— Já tentou de verdade?

— Já. Resultado de três ou quatro meses: três ou quatro linhas. Não dou conta! — disse com um pequeno sorriso sarcástico.

— Não! Só preciso manter a ilusão... O tempo necessário para que esqueçam essa história. Basta fazer um pouco de teatro, dizer que

estou trabalhando duro e depois, um belo dia, anunciar que joguei tudo fora, que era ruim demais.

Joséphine olhou para a irmã sem entender. Iris, a bela, a inteligente, a maravilhosa, precisou mentir para se afirmar! Ficou observando por um bom momento, perplexa, como se estivesse descobrindo uma outra mulher por trás da personagem orgulhosa e determinada que conhecia. Iris abaixou a cabeça e recortou sua torta em pedacinhos regulares que, em seguida, empurrou para a borda do prato. Não me espanta que não engorde, comendo desse jeito, pensou Jo.

142

— Acha que sou ridícula? — perguntou Iris. — Pode dizer.

Teria toda a razão.

— Claro que não... Só estou espantada. Convenhamos que é surpreendente, vindo de você...

— Pois é! Surpreendente, mas não precisamos fazer alarde.

Vou me virar. Invento qualquer coisa. Não vai ser a primeira vez!

Joséphine recuou instintivamente.

— O que quer dizer? Não vai ser a primeira vez que você...
mente?

Iris riu com desdém.

— Que minto? Sempre as grandes palavras! Hortense tem razão. Como você pode ser simplória. Não sabe nada da vida, minha pobre Jo. Ou então, sua vida é tão simples que chega a ser alarmante... Com você, é o bem e o mal, o branco e o preto, os bons

e os maus, o vício e a virtude. Ah, seria tão mais simples assim!

Saberíamos imediatamente com o que estamos lidando.

Joséphine abaixou os olhos, magoada. E não encontrou palavras para tentar se recuperar. E nem precisou, pois Iris continuou com uma voz cruel:

— Não é a primeira vez que estou na merda, pobre tolinha!

Havia uma ironia maligna em sua voz. Desprezo, impaciência também. Joséphine nunca tinha ouvido aquele tom azedo na boca da irmã. Mas o que a assustou ainda mais foi a ponta de inveja que pensou entrever. Imperceptível, quase invisível, como uma nota que desafina e se recupera... Mas mesmo assim, presente. Iris com inveja dela? Impossível, pensou Joséphine. Impossível! Arrependeu-se por pensar uma coisa dessas... E tentou compensar.

— Posso ajudar! Posso encontrar uma história para você contar... Da próxima vez que encontrar seu editor, vai encantá-lo com sua cultura medieval.

— É mesmo? E como acha que vou fazer isso? — debochou Iris, esmagando os pedaços de torta com o garfinho de sobremesa. Ela não comeu uma migalha sequer, pensou Jo. Esmagou em pedacinhos, espalhou ao redor do prato. Ela não come, assassina a comida.

— De que maneira eu poderia encantar um homem tão culto com toda a minha ignorância?

— Ouça! Conhece a história de Rollon, o Chefe dos

normandos, que era tão grande que, montado no cavalo, arrastava os pés no chão?

— Nunca ouvi falar.

— Era um andador incansável e um grande navegador. Vinha da Noruega e semeava o terror. Proclamava que só haveria paraíso para o guerreiro morto em combate. Não lhe inspira alguma coisa?

A partir de um personagem como esse, pode dar asas à imaginação.

Foi ele quem fez a Normandia!

Iris deu de ombros e suspirou.

— Não iria muito longe. Não sei nada dessa época.

— Poderia dizer também que o título do romance *E o vento levou*, o livro de Margaret Mitchell, lembra? Então, vem de um poema de François Villon.

— É mesmo?

— É, trata-se de um verso de um soneto de François Villon.

Joséphine faria qualquer coisa para trazer o sorriso de volta ao rosto hostil e fechado da irmã. Daria cambalhotas ou jogaria o prato de torta de maçã na cabeça, desde que Iris reencontrasse seu sorriso e seus olhos se enchessem de azul, livres da tinta negra que pesava sobre eles como uma sombra. Começou a recitar e, estendendo a manga do roupão branco, parecia um tribuno romano discursando para a multidão:

Príncipes à morte são destinados

Tal como cada um que da vida gozou

Mostrem-se eles tristes ou irados

São como as folhas que o vento levou.

Iris deu um sorriso desmaiado e olhou para ela com curiosidade.

Joséphine tinha se transfigurado. Emanava uma luz suave que a envolvia num encanto indefinível. De repente, tinha se transformado em outra, sábia e segura, meiga e confiante,

144

totalmente diferente da Joséphine que conhecia! Iris olhou para ela com inveja. Um brilho fugaz que se apagou tão rápido quanto veio, mas que Jo teve tempo de perceber.

— Volte para a terra, Jo. Eles estão pouco se lixando para François Villon!

Joséphine se calou e suspirou:

— Só queria ajudar.

— Sei disso, é muito gentil de sua parte... Você é um amor, Jo. Não acerta uma, mas é um amor!

Voltar para o ponto de partida, pensou Joséphine. Voltei a ser a destrambelhada... Só queria ajudar. Azar.

Azar o dela.

De mais a mais, havia aquele despeito, aquele traço de inveja que ela jurava ter percebido na voz de Iris. Duas vezes em alguns segundos! Se ela tem inveja, não sou tão inútil assim, pensou se

endireitando, não sou uma nulidade... Além do mais, não comi a
torta de maçã. Perdi pelo menos 100 gramas.

Deu uma olhada triunfante ao redor. Ela está com inveja,
com inveja! Tenho alguma coisa que ela não tem, mas gostaria de
ter! Tudo tinha acontecido num milésimo de segundo, no brilho de
um olhar, numa derrapada da voz. E não estou nem aí para todo
esse luxo, essas palmeiras, essas paredes de mármore branco,
esses reflexos azuis passeando pelas divisórias de vidro, essas
mulheres de roupão branco recostadas com seus braceletes
tilintantes. Não trocaria minha vida por nenhuma outra no mundo.

Quero voltar para os meus séculos X, XI, XII! Revivo, ganho cores e
ânimo, salto num cavalo atrás de Rollon, o Gigante, e fujo agarrada
à sua cintura... Luto a seu lado ao longo das costas normandas,
aumentando seus domínios até a baía do Mont-Saint-Michel, adoto e
crio o seu bastardo, que se transforma em Guilherme, o
Conquistador!

Ouviu soarem as trombetas da sagração de Guilherme e ficou
ruborizada.

Ou...

Meu nome agora é Arlette, sou a mãe de Guilherme... Lavo
roupa na fonte de Falaise quando Rollon, Rollon, o Gigante, me vê,
me rapta, casa comigo e me engravida! De simples lavadeira, sou
agora quase uma rainha.

145

Ou...

Ergueu a batinha do roupão como se fosse uma saia. Meu nome é Matilde, a filha de Balduino, conde de Flandres, que se casou com Guilherme. Adoro a história de Matilde, é a mais romântica. Matilde ama Guilherme até o dia de sua morte! Isso era raro na época. E ele também a amava. Mandaram construir duas abadias, a abadia dos Homens e a abadia das Mulheres, às portas de Caen, para agradecer a Deus por seu amor.

Ah, teria muitas histórias para contar se um editor me pedisse. Dezenas de milhares! Saberria recuperar o sopro das trombetas, o galope dos cavalos, o suor das batalhas, o lábio que treme antes do primeiro beijo... “A doçura dos beijos que são a sedução do amor.”

Joséphine estremeceu. Teve vontade de abrir seus cadernos, folhear suas notas, reencontrar as lindas histórias daqueles séculos que a encantavam.

Olhou o relógio e resolveu que tinha chegado a hora de voltar para casa. “Tenho um monte de trabalho esperando por mim..”, disse, despedindo-se. Iris levantou a cabeça e murmurou um débil “Ah..”.

— Pego as meninas... Não se preocupe. E obrigada por tudo!

Tinha pressa de partir. Deixar aquele lugar onde, de repente, tudo lhe parecia falso e vazio.

— Vamos, meninas! Para casa! E não adianta reclamar!

Hortense e Zoé obedeceram prontamente: saíram da água e foram encontrá-la no vestiário. Joséphine se sentia dez centímetros

mais alta. Avançava dançando na ponta dos pés, pisando como uma rainha o espesso carpete branco imaculado, varrendo com os olhos os espelhos que lhe devolviam sua imagem. Hmm! Alguns quilinhos a menos e ficarei deslumbrante! Hmm! Iris pegou meu saber emprestado para brilhar num jantar parisiense! Hmm! Se alguém me pedisse, poderia escrever mil páginas, ah se poderia! Passou diante da jovem distinta da entrada com um amplo sorriso vitorioso. Feliz! Estou feliz. Se ela soubesse o que tinha acabado de acontecer, não poderia deixar de olhá-la de outra maneira. Foi então que seu roupão se abriu e a moça olhou para ela com ternura e simpatia.

— Oh! Não tinha visto...

146

— Não tinha visto o quê?

— Que a senhora vai ter um bebê! Não sabe como a invejo!

Meu marido e eu estamos tentando há mais de três anos e...

Joséphine olhou para ela, paralisada. Depois seus olhos pousaram em sua cintura grossa e ela ficou vermelha. Não teve coragem de desmentir a jovem distinta que a envolvia num olhar tão doce e foi para a cabine arrastando os pés como duas bolas de ferro.

Rollon e Guilherme, o Conquistador, passaram sem olhar para ela. Arlette, a lavadeira, riu na sua cara, abrindo a água do tanque...

Na cabine vizinha, Zoé pensava nas palavras de Alexandre.

Iris e Philippe não podiam se separar! Era tudo o que lhe restava como família: um tio e uma tia. Nunca tinha conhecido a família do pai. Não tenho família, ouviu seu pai murmurar, mordendo seu pescoço, minha única família são vocês! Não via Henriette há mais de seis meses. Sua mãe e ela tiveram um pequeno desentendimento, explicava Iris quando perguntava o porquê daquele sumiço. Sentia falta de Chefe, gostava de sentar em seu colo e ouvir suas histórias, quando ele era um menino pobre nas ruas de Paris, quando tinha de limpar chaminés por alguns tostões ou retirar vidraças quebradas.

Preciso encontrar uma ideia genial para que Iris e Philippe fiquem juntos. Discutiria o assunto com Max Barthillet. Um grande sorriso iluminou seu rosto. Max Barthillet! Max e ela formavam uma dupla e tanto! Graças a Max, ela tinha deixado de ser uma boboca. Ouviu a voz da mãe chamando, impaciente e precipitada, e gritou de volta: “Já vou, mamãe, já vou...”

Antoine Cortès foi acordado por um grito. Mylène se agarrou nele e, toda trêmula, indicou alguma coisa no chão.

— Olhe, Antoine! Ali! Bem ali!

E se colava nele, a boca crispada, os olhos arregalados de terror.

— Aaaai, Antoine! Faça alguma coisa!

Antoine teve dificuldade para despertar. Embora já estivesse morando em Croco Park há mais de três meses, toda manhã, ainda sonolento depois do toque do despertador, procurava as cortinas de

seu quarto em Courbevoie e olhava para Mylène, espantado por não

147

encontrar Joséphine com sua camisola de miosótis azuis, espantado por não ouvir as meninas pulando na cama aos gritos de “hora de levantar, papai!”. Tinha que refazer o mesmo esforço de memória toda manhã. Estou em Croco Park, na costa oriental do Quênia, entre Malindi e Mombaça, e crio crocodilos para uma grande empresa chinesa! Abandonei minha mulher e minhas duas filhinhas. Era obrigado a se repetir aquelas palavras. Abandonei minha mulher e minhas duas filhas. Antes... Antes, quando partia, ele sempre voltava. Suas ausências eram curtas férias. Hoje era forçado a repetir a si mesmo, Antoine: hoje eu crio crocodilos e vou ficar rico, rico, rico. Quando tiver duplicado as vendas, terei duplicado meu investimento. E, então, receberei novas propostas de aventuras e, fumando um grosso charuto, escolherei aquela que vai me deixar ainda mais rico! Só então voltarei à França. Vou reembolsar Joséphine em dobro, vestir as meninas como duas princesinhas russas, comprar um lindo apartamento para cada uma e, deixando o barco correr, seremos uma família feliz e próspera.

Quando eu for rico...

Naquela manhã, não teve tempo de terminar seu sonho.

Mylène batia as pernas, jogava toda a roupa de cama no chão. Seus olhos procuraram o despertador para ver a hora: cinco e meia!

O despertador tocava às seis horas toda manhã e às sete em

ponto soava o apito de mister Lee, que alinhava os operários que iam trabalhar até as três da tarde. Sem interrupções. A fazenda Croco Park funcionava sem parar: os 112 operários estavam divididos em três equipes, segundo os velhos princípios de Taylor. Cada vez que Antoine pedia a mister Lee que instituísse algumas pausas nos horários dos operários, ouvia a mesma resposta: “*But, sir, mister Taylor said...*” e sabia que era inútil discutir. Apesar do calor, da umidade, do duro trabalho que faziam, os operários não diminuían o ritmo. Cinquenta por cento deles eram casados. Viviam em casas de taipa. Quinze dias de férias por ano, nem um a mais, nenhum sindicato para defendê-los, setenta horas de trabalho por semana e cem euros de salário mensal, com alojamento e alimentação. “*Good salary, mister Cortès, good salary. People are happy here! Very happy! They come from all China to work here! You don’t change the organization, very bad idea!*”

E Antoine se calou.

148

Então, ele levantava toda manhã às seis, tomava banho, fazia a barba, se vestia e descia para o café da manhã preparado por Pong, que cuidava dos serviços domésticos. Só para agradá-lo, ele tinha aprendido algumas palavras de francês e cumprimentava com um “*Bien domi, mister Tonio, bien domi? Breakfast is ready!*”.

Mylène voltava a dormir sob o mosquiteiro. E às sete em ponto, Antoine estava ao lado de mister Lee, diante dos operários que, em posição de sentido, recebiam sua folha de trabalho do dia. Retos

como postes, as bermudas flutuando ao redor das coxas-palito, um eterno sorriso e uma única resposta nos lábios: “*Yes, sir*”, com o queixo levantado para o céu.

Naquela manhã, alguém decidiu que as coisas não se passariam como sempre. Antoine fez um esforço e despertou completamente.

— O que houve, querida? Teve um pesadelo?

— Antoine... Ali, olhe... Não estou sonhando! Ele lambeu minha mão.

Não havia cães nem gatos na fazenda: os chineses não gostavam, e os que apareciam acabavam virando comida de crocodilo. Mylène tinha pegado um gatinho na praia de Malindi, um lindo filhote branco de orelhas pontudas e pretas. Deu o nome de Milou e comprou para ele uma coleira de conchas brancas.

Encontraram a coleira flutuando na água de um dos lagos de crocodilos. Mylène chorou aterrorizada. “Antoine, mataram o gatinho! Eles comeram o bichinho.”

— Durma, querida, ainda temos um tempinho...

Mylène enfiou as unhas no pescoço de Antoine, obrigando-o a levantar. Fez um esforço, esfregou os olhos e, debruçando por cima do ombro de Mylène, viu um longo crocodilo brilhante e gordo parado no assoalho, olhando para ele com seus olhos amarelos.

— Ah — engoliu em seco. — De fato... Temos um problema.

Não se mexa, Mylène, acima de tudo não se mexa! Os crocodilos só atacam se você se mexer. Se ficar imóvel, ele não vai fazer nada.

— Olhe só: ele está nos encarando.

— Por enquanto, se não nos mexermos, somos amigos.

Antoine observou o animal que o mantinha sob a mira das estreitas fendas douradas. Estremeceu. Mylène sentiu e começou a sacudi-lo.

149

— Ele vai nos devorar, Antoine!

— Claro que não — disse Antoine para acalmá-la. — Claro que não...

— Viu os dentes? — berrou Mylène.

O crocodilo olhou para eles bocejando, mostrando os dentes pontiagudos e poderosos, e se aproximou da cama bamboleando.

— Pong! — berrou Antoine, que começava a perder o sangue-frio. — Pong!

Mylène gritava, gritava tanto que o crocodilo começou a guinchar, vibrando os flancos.

— Cale-se, Mylène! Esse é seu grito de macho! Seus gritos estão excitando o bicho sexualmente, ele vai acabar pulando em cima da gente.

Mylène ficou lívida e mordeu os lábios.

— Oh, Antoine! Vamos morrer...

— Pong! — gritou Antoine, tomando cuidado para não se mexer e não se deixar dominar pelo medo. — Pong!

O crocodilo olhava para Mylène e emitia um estranho gemido que parecia vir de dentro do peito. Antoine não conseguiu segurar

uma risada.

— Mylène... Acho que ele está paquerando você.

Furiosa, Mylène deu um pontapé em sua coxa.

— Antoine, você não tinha uma espingarda debaixo do travesseiro...

— Tinha, no começo, mas...

Foi interrompido por passos apressados subindo a escada.

Em seguida, bateram na porta. Era Pong. Antoine pediu que controlasse o animal e puxou o lençol para o peito de Mylène, que Pong espiava fingindo que olhava para baixo.

— *Bambi! Bambi!* — gemeu Pong, falando como uma velha chinesa desdentada. — *Come here, my beautiful Bambi... Those people are friends!*

Lentamente, o crocodilo virou a cabeça como um giroscópio de olhos amarelos para Pong, hesitou um instante e depois suspirou, deu meia-volta e foi até ele, que disse alguma coisa e fez um carinho com a mão entre seus olhos.

150

— *Good boy, Bambi, good boy...*

Tirou uma coxa de frango do bolso da bermuda e estendeu ao animal, que a abocanhou com um golpe seco e brutal.

Foi demais para Mylène.

— Pong, *take the Bambi away! Out! Out!* — disse ela em seu inglês aproximativo.

— *Yes, môme, yes... Come on, Bambi.*

E o crocodilo desapareceu, bamboleando atrás de Pong.

Mylène, lívida e trêmula, interrogou Antoine com um longo olhar que significava “não quero ver esse animal dentro de casa NUNCA MAIS, entendeu bem?”. Antoine fez que sim e, pegando a bermuda e uma camiseta, foi atrás de Pong e Bambi.

Encontrou os dois na cozinha, junto com Ming, a mulher de Pong. Pong e Ming mantiveram os olhos baixos, enquanto Bambi mordiscava o pé da mesa onde Pong tinha amarrado uma carcaça de galinha frita. Antoine tinha aprendido que nunca se enfrenta um chinês diretamente. Os chineses são sensíveis, suscetíveis mesmo, e uma advertência pode ser interpretada como uma humilhação que ele vai guardar por muito tempo. Portanto, perguntou delicadamente a Pong de onde vinha aquele animal, encantador, é verdade, mas ameaçador também, e que, em qualquer caso, não podia aparecer dentro de casa. Pong contou a história de Bambi, cuja mãe foi encontrada morta no Boeing que trouxe os crocodilos da Tailândia. Ele não era maior que um grande lagarto, garantiu Pong, e tão bonitinho, mister Tonio, tão bonitinho... Pong e Ming se afeiçoaram ao pequeno Bambi e resolveram cuidar dele. Foi alimentado com mamadeiras de sopa de peixe e caldo de arroz. Bambi cresceu e nunca atacou os dois. Mordiscou, talvez, mas era normal. Em geral, vivia num laguinho cercado e não saía nunca. Mas naquela manhã, tinha fugido. “Com certeza queria conhecê-los... Isso não vai acontecer novamente. Não vai feri-los”, prometeu Pong, “mas não mande jogá-lo no pântano com os outros: seria

devorado, já virou um filhote de homem!”

Como se eu já não tivesse problemas suficientes, suspirou

Antoine, enxugando-se. Eram apenas seis e meia da manhã e o

suor já escorria em sua testa. Fez Pong prometer que colocaria uma

tranca dupla no cercado de Bambi e ficaria sempre de olho nele.

Não quero que isso aconteça de novo, Pong, nunca mais! Pong

sorriu e se inclinou para agradecer a compreensão de Antoine.

151

“*Nevermore, mister Tonio, nevermore!*”, coaxou ele, multiplicando as

reverências de submissão. A fazenda compreendia vários

departamentos: a criação de frangos para alimentar os crocodilos e

os empregados; a criação dos crocodilos que começava nas

barreiras de coral e prosseguia em terra, dentro de riachos

especialmente equipados, por várias centenas de hectares; a fábrica

de conservas que recebia e enlatava a carne dos crocodilos, e a

usina de transformação, onde o couro dos crocodilos era cortado,

tingido, preparado, empacotado e enviado para a China, onde seria

transformado em malas, valises, bolsas, pastas, carteiras marcadas

com os nomes dos grandes peleteiros franceses, italianos ou

americanos. Essa parte do comércio preocupava Antoine, que temia

represálias internacionais caso descobrissem que esse tráfico

começava em sua fazenda. Quando foi contratado pelo proprietário

chinês, que veio de Pequim especialmente para encontrá-lo em

Paris, essa parte da atividade não foi revelada. Yang Wei destacou

sobretudo a criação e a produção de carne e ovos, que ele teria de

organizar nas melhores condições financeiras e sanitárias. Falou também de atividades “anexas”, sem especificar quais, mas prometendo que receberia uma porcentagem de tudo o que saísse “vivo ou morto” da fazenda. “*Dead or alive, mister Cortès! Dead or alive.*” E estampou um largo sorriso canibal que prometia lucros assombrosos a Antoine. Ele só percebeu que também seria responsável pela fábrica de transformação do couro de crocodilo quando chegou lá.

Era tarde demais para protestar: já tinha se engajado na aventura. Moral e financeiramente.

Porque Antoine Cortès pensava grande. Calejado pelo fracasso precedente na Gunman & Co., tinha resolvido investir no Croco Park. Prometeu a si mesmo que nunca mais seria uma simples engrenagem, mas um homem que é preciso levar em conta, e comprou dez por cento do negócio. Para tanto, fez um empréstimo bancário. Procurou o sr. Faugeron, no Crédit Commercial, mostrou os planos de exploração do Croco Park, as estimativas de lucro em um, dois e cinco anos e pediu 200 mil euros. No começo, Faugeron hesitou, mas conhecia Antoine e Joséphine e presumiu que, por trás do empréstimo, escondiam-se a fortuna de Marcel Grobz e o prestígio de Philippe Dupin. Aceitou emprestar a quantia a Antoine. O primeiro pagamento deveria ter acontecido em 15 de outubro passado, mas Antoine não pôde honrar o compromisso, pois seu salário ainda não tinha sido depositado. Problemas administrativos,

explicou Yang Wei, quando finalmente conseguiu falar com ele ao telefone depois de várias tentativas malsucedidas, mas não vai demorar e não se esqueça de que, se os resultados do primeiro trimestre forem bons, receberá um ótimo bônus no Natal, pelos primeiros três meses de trabalho duro! “*You will be Superman!* Pois vocês, franceses, ter muitas ideias e nós, chineses, muitos meios para realizá-las!” Mister Wei explodiu numa gargalhada sonora.

“Pagarei as três prestações com um único depósito”, prometeu Antoine a Faugeron, “no máximo em 15 de dezembro!” Sentiu pela voz que o banqueiro estava preocupado e empregou seu tom mais entusiástico para tranquilizá-lo. “Não se preocupe, sr. Faugeron, estamos fazendo grandes negócios por aqui! A China não para e prospera. É o país com o qual temos que negociar. Assinei contratos que deixariam seus empregados boquiabertos! Milhões de dólares passam pelas minhas mãos todo dia!”

— Espero, pelo senhor, que seja dinheiro limpo, sr. Cortès —
tinha respondido Faugeron.

Antoine teve vontade de bater o telefone na cara dele.

O que não impedia que acordasse toda manhã com a mesma angústia e a mesma frase de Faugeron nos ouvidos: “Espero, pelo senhor, que seja dinheiro limpo, sr. Cortès.” E toda manhã ia até a caixa de correio para ver se o pagamento tinha chegado...

Não tinha mentido para a meninas: cuidava de 70 mil crocodilos! Os maiores predadores da terra. Répteis que reinam na cadeia alimentar há 20 milhões de anos. Que descendem da pré-

história e são parentes dos dinossauros. Toda manhã, depois de distribuir as tarefas e fixar a ordem do dia, ia verificar com mister Lee se tudo caminhava conforme os planos e as previsões.

Enquanto isso, devorava livros sobre o comportamento dos crocodilos para melhorar o rendimento e a reprodução.

— Sabia — explicava a Mylène, que via os répteis com muita desconfiança — que eles não são agressivos por prazer? É um comportamento puramente instintivo: eles eliminam os mais fracos e, como bons lixeiros, limpam escrupulosamente a natureza. São verdadeiros aspiradores de imundícies nos rios.

— É, mas se cair nas garras deles, são capazes de devorar você num piscar de olhos. É o animal mais perigoso do mundo!

— Mas é muito previsível. Sabemos por que e como atacam: quando a pessoa se agita, o crocodilo pensa que se trata de algum

153

animal em apuros e cai direto em cima dele. Mas se a pessoa deslizar lentamente na água, ele nem se mexe. Não quer tentar?

Ela estremeceu e Antoine caiu na gargalhada.

— Pong me mostrou: outro dia, entrou na água ao lado de um crocodilo, sem se mexer, sem se agitar e o crocodilo não fez absolutamente nada.

— Não acredito.

— Pode acreditar! Eu vi com meus próprios olhos.

— Sabe, Antoine, à noite... Às vezes, levanto para observá-los e vejo seus olhos na escuridão... São como pequenas lanternas na

água. Pequenos vagalumes amarelos que flutuam... Eles não dormem nunca?

Ele ria de sua inocência, de sua curiosidade de menina e a abraçava com força. Era uma boa companhia, Mylène. Ainda não tinha se habituado à vida na fazenda, mas estava cheia de boa vontade. “Talvez pudesse dar aulas de francês... ou ensiná-los a ler e escrever”, dizia ela quando Antoine a levava para uma visita às casas dos empregados. Dizia algumas palavras às mulheres, cumprimentava pela limpeza de suas casas, pegava os primeiros bebês nascidos em Croco Park no colo e embalava. “Gostaria muito de poder ser útil, sabia? Como Meryl Streep em *Entre dois amores*, lembra desse filme? Ela estava tão bonita... Podia fazer como ela: abrir uma enfermaria. Obtive uma licença de socorrista na escola... poderia aprender a desinfetar ferimentos, fazer suturas. Pelo menos, faria alguma coisa... Ou trabalhar como guia para os turistas que vêm visitar...”

— Eles não vêm mais. Houve um número muito grande de acidentes! As agências de viagem não querem mais correr o risco...

— É uma pena... Poderia abrir uma lojinha de suvenires.

Poderia fazer algum dinheiro....

Bem que tentou trabalhar na enfermaria, mas não teve grande sucesso. Apresentou-se vestida com um jeans branco e um corpete de renda branca, transparente, e os operários começaram a aparecer ostentando pequenos machucados feitos de propósito, só para serem apalpadados, cuidados, auscultados por ela.

Mylène foi obrigada a desistir.

Às vezes acompanhava Antoine em seu jipe. Um dia, quando percorriam a fazenda juntos, viram um crocodilo destroçando um

154

gnu de quase 200 quilos. O crocodilo rolava e girava sobre si mesmo, arrastando a presa naquilo que os empregados chamavam de “rolo de morte”. Mylène gritou aterrorizada e, depois do incidente, preferia ficar em casa esperando por ele. Antoine tentou explicar que não tinha mais nada a temer daquele crocodilo: depois de uma refeição daquelas, ele passaria vários meses sem procurar alimento.

Era o maior problema enfrentado por Antoine: alimentar os crocodilos em cativeiro. Os riachos que abrigavam os crocodilos avançavam sobre um território muito rico em caça, mas os animais selvagens, desconfiados, não se aproximavam mais da água e subiam em direção à nascente para matar a sede mais acima. Com isso, os crocodilos dependiam cada vez mais da alimentação fornecida pelos empregados da fazenda. Mister Lee foi obrigado a organizar uma “ronda alimentar”: os operários marchavam ao longo dos riachos arrastando atrás de si um amarrado de carcaças de frango mergulhado na água. Às vezes, quando pensavam que ninguém estava olhando, os empregados davam um golpe seco na corda, pegavam uma carcaça e devoravam. Comiam a carne, limpavam, cuspiam os ossos e retomavam seu caminho.

Diante disso, foi preciso aumentar cada vez mais a criação de

frangos.

Tenho de encontrar urgentemente um meio de fazer com que os animais selvagens retornem aos riachos, senão vou ter um grave problema pela frente. Esses crocodilos não podem se alimentar exclusivamente do que vem da mão do homem, do contrário, vão parar de caçar, de se deslocar e acabarão perdendo toda a vitalidade. Vão ficar tão preguiçosos que vão esquecer até de se reproduzir.

Além do mais, estava preocupado com a proporção de crocodilos machos e fêmeas. Tinha notado que corria um grande risco de ter machos demais para poucas fêmeas. Era difícil descobrir o sexo dos bichos a olho nu. Deveriam ter sido anestesiados e marcados no momento da chegada, mas isso não foi feito. Será que um dia serei obrigado a fazer uma grande triagem sexual?

Havia outras fazendas de crocodilos no interior daquelas terras. Seus proprietários não enfrentavam esse tipo de problema. Suas reservas permaneceram em estado selvagem e os crocodilos se alimentavam sozinhos, devorando a caça que se aventurava muito

155

perto da água. Ele se encontrava com outros criadores quando ia a Mombaça, a cidade mais próxima de Croco Park, num bar, o Crocodile Café. Discutiam as últimas notícias, os preços da carne, a última cotação das peles. Antoine ouvia a conversa daqueles velhos criadores, bronzeados pela África, pela experiência e pelo sol. “São

animais muito inteligentes, Tonio, de uma inteligência aterradora, apesar do cérebro pequeno. São como um submarino sofisticado. Não subestime esses bichos. Vão sobreviver a todos nós, com certeza! Eles se comunicam entre si: um discreto, mas amplo repertório de gestos e sons. Quando levantam a cabeça na água, quer dizer que estão passando o papel de mais forte para um outro. Quando sacodem a cauda, quer dizer: estou de mau humor, suma da minha frente. E enviam sinais constantes indicando quem é o chefe. É muito importante entre eles: quem é o mais forte. São como os homens, não? Como é que você se vira com seu proprietário? Ele respeita seus compromissos? Paga nos conformes ou deixa você na esperança, inventando histórias? Eles sempre tentam nos ferrar. Bata na mesa, Tonio, bata na mesa! Não se deixe intimidar nem enrolar por promessas. Tem de aprender a se fazer respeitar!”

Olhavam para Antoine, rindo. Antoine via seus maxilares abrindo e fechando. Um suor frio escorria por sua nuca.

Engrossava a voz para pedir uma rodada para todos e levava a cerveja gelada aos lábios ressecados pelo sol. “À saúde de todos! E aos crocodilos!” Todo mundo ali bebia, além de apertar unzinho de vez em quando. “O bagulho aqui é bom, Tonio, devia experimentar, é ótimo para as noites grudentas, quando as contas não fecham e você entra em pânico!” Antoine recusava. E não tinha coragem de pedir informações sobre mister Wei ou sobre o antigo administrador da fazenda e o motivo de sua saída.

— Em todo caso, não vai morrer de fome — diziam os

criadores, rindo. — Sempre pode comer ovos estrelados de crocodilo, omelete de ovos de crocodilo, ovos de crocodilo cozidos com maionese! Como botam ovos, esses bichos nojentos!

E olhavam para ele com seus olhos amarelos, estreitos, olhos de... crocodilo.

O mais difícil era esconder a angústia de Mylène à noite, quando voltava de suas expedições a Mombaça. Ela fazia perguntas sobre o que tinha visto ou sabido. E ele sentia que só queria ser tranquilizada. Afinal, tinha lhe dado todas as suas economias para a viagem e a instalação na nova casa. Compraram juntos o que ela chamou de “primeiras comodidades”. Não havia nada na casa, o

156

antigo proprietário tinha levado tudo, chegando ao ponto de carregar as cortinas dos quartos e da sala. Fogão, geladeira, mesa e cadeiras, som estéreo, cama e tapete, panelas e pratos: tiveram de comprar tudo. “Estou contente por participar dessa aventura”, suspirava ela, estendendo seu cartão de crédito. Não recuava diante de nenhuma despesa para seu “pequeno ninho de amor” e, graças a ela, a casa ganhou uma bela aparência. Comprou também uma máquina de costura, uma velha Singer encontrada no mercado, e passava o dia inteiro costurando cortinas, colchas, toalhas de mesa e guardanapos. As empregadas chinesas habituaram-se a trazer coisas para ela fazer e Mylène aceitava com boa vontade. Quando ele chegava de surpresa e queria beijá-la, ela estava sempre com a boca cheia de alfinetes! Nos fins de semana, iam para as praias

brancas de Malindi e praticavam mergulho submarino.

Três meses tinham se passado e Mylène já não suspirava de felicidade. Esperava a cada dia, inquieta, a chegada da correspondência. Antoine lia em seus olhos a sua própria angústia.

No dia 15 de dezembro, o correio não trouxe nada.

Foi um dia morno, um dia silencioso. Pong serviu os dois sem dizer nada, Antoine não tocou no café da manhã. Não aguentava mais comer ovos. Faltam dez dias para o Natal e não pude mandar nada para Joséphine e as meninas. Faltam dez dias para o Natal e estarei aqui com Mylène, bebericando uma taça de champanhe tão gelada quanto as nossas esperanças.

Vou ligar para mister Wei hoje à noite, sem falta, e vou falar grosso...

Hoje à noite, hoje à noite, hoje à noite...

À noite, a realidade parecia menos dura, os olhos amarelos dos crocodilos na bacia dos rios cintilavam em mil promessas. À noite, por causa do fuso horário, tinha certeza de que encontraria mister Wei em casa.

À noite, o vento levantava e o calor sufocante recaía na grama seca e nos pântanos. Um vapor leve se elevava. Respirava-se melhor. Tudo se tornava fluido e tranquilizador.

À noite, ele dizia para si mesmo que o começo era sempre difícil, que trabalhar com os chineses era como levar um tapa na cara todo dia, mas que ia ficar com o couro curtido. Não se fica rico sem correr riscos, mister Wei não investiria todo aquele dinheiro em

70 mil cabeças de crocodilos se não esperasse um lucro

157

substancioso. Você desanima muito fácil, Tonio! Vamos, anime-se!

Está na África, não na França. Aqui é preciso lutar. O correio, as transações levam muito mais tempo. Seu cheque deve estar nas mãos de um funcionário da alfândega que verifica de um lado e do outro, examina e reexamina para comprovar a origem antes de enviá-lo para você. Deve chegar amanhã, depois de amanhã no mais tardar... Espere mais um ou dois dias. O bônus que vem junto é tão alto que o controle bancário é mais longo! Meu bônus de Natal...

Sorriu para Mylène que, aliviada ao vê-lo finalmente relaxar, devolveu o sorriso.

Oito mil e doze euros! Um cheque de 8.012 euros. Quatro vezes o meu salário mensal no CNRS. Oito mil e doze euros! Ganhei 8.012 euros traduzindo a vida da deliciosa Audrey Hepburn. Oito mil e doze euros! Está escrito no cheque. Não disse nada quando o contador me entregou o cheque, não tentei ver o montante, embolsei tentando aparentar naturalidade. Transpirava de medo. Só depois, no elevador, entreabri o envelope, bem devagar, descolando uma das beiradas, aumentando a abertura: tinha tempo, muito tempo, estava descendo do décimo quarto andar, separei o cheque da folha em que estava grampeado e olhei... Foi então que vi! Arregalei os olhos e me dei conta da quantia: 8.012 euros! Precisei me apoiar na parede do elevador. Tudo girava. Uma

tempestade de notas de dinheiro fazia minha cabeça girar.

Levantava minha saia, penetrava em meus olhos, minhas narinas, minha boca. Oito mil e doze borboletas voando ao meu redor!

Quando o elevador parou, fui me sentar no grande hall envidraçado. Contemplava a bolsa. Havia 8.012 euros lá dentro...

Impossível! Devo ter lido mal! Devo ter me enganado! Abri a bolsa, encontrei o envelope, passei os dedos, ele farfalhava num rumor suave e tranquilizador de seda, aproximei-o dos olhos sem que ninguém desconfiasse do que estava fazendo e verifiquei mais uma vez o montante: 8.012, pague essa quantia a Joséphine Cortès ou à sua ordem.

Joséphine Cortès sou eu. Sou eu mesma. Joséphine Cortès ganhou 8.012 euros.

Apertei a bolsa debaixo do braço e resolvi depositar o cheque no banco. Imediatamente. Bom dia, sr. Faugeron, adivinhe que bons ventos me trazem? Oito mil e doze euros! E então, sr.

Faugeron, é o fim dos telefonemas com ponto de interrogação: como é que a senhora pretende resolver esse problema, sra. Cortès?

158

Assim, sr. Faugeron! Trabalhando com a deliciosa Audrey Hepburn!

E amanhã, com essa tarifa, quero muito dar uma voltinha pela vida de Liz Taylor, Katharine Hepburn, Gene Tierney e, por que não?,

Gary Cooper ou Cary Grant. São meus chapas. Eles murmuram confidências ao meu ouvido. Quer que imite o sotaque caipira de Gary Cooper? Não... bem... E esse cheque, sr. Faugeron, caiu do

céu justamente quando precisava! Bem no Natal.

Jo estava exultante. Seguiu pela calçada continuando seu diálogo com o sr. Faugeron. Avançava dançando, depois parava de repente como uma estátua de sal e levava a mão ao coração. O envelope! E se tivesse perdido? Parou, entreabriu a bolsa e contemplou o envelope branco que repousava, inchado, gordo, próspero, entre o molho de chaves, o estojinho de pó, os chicletes Hollywood e as luvas de couro de pecari que não usava nunca. Oito mil e doze euros! Isso, pensou, vou pegar um táxi! Vou para o banco de táxi. No metrô, morreria de medo de ser roubada...

Roubada no metrô!

Seu coração batia a mil, sua garganta gritava mil sedes, gotinhas de suor perolavam sua testa. Seus dedos iam novamente em busca do envelope, encontravam, apalpavam mais uma vez; suspirava, acalmava os batimentos de seu coração, acariciava o envelope.

Chamou um táxi, deu o endereço do banco em Courbevoie.

Colocar os 8.012 euros em segurança e depois, depois... paparicar minhas meninas! Natal, Natal! *Djingle bells! Djingle bells! Djingle all the way...* Obrigada, meu Deus, obrigada, meu Deus! Quem quer que seja, onde quer que esteja, agradeço ao senhor que vela por mim, que me deu coragem e força para trabalhar, obrigada, mil vezes obrigada.

No banco, preencheu o formulário de depósito e, quando escreveu as belas cifras redondas, 8.012 euros, não conseguiu

reprimir um sorriso de orgulho. Quando chegou ao caixa, perguntou se o sr. Faugeron estava. Não, responderam, está visitando a clientela, mas estará qui por volta das 17h30. Peça a ele para me ligar, sou a sra. Cortès, pediu Joséphine fazendo estalar o fecho da bolsa.

E clac! A sra. Joséphine Cortès convocara o sr. Faugeron.

E clac! A sra. Joséphine Cortès não tem mais medo do sr.

Faugeron.

159

E clac! A sra. Joséphine não tinha mais medo de nada.

E clac! A sra. Joséphine Cortès era alguém.

O editor a quem entregou a tradução parecia encantado.

Depois de abrir o manuscrito, esfregou as mãos e disse: “Pois bem, vamos ver...”. Umedeceu o indicador, virou uma página, duas, leu, balançou a cabeça satisfeito. “Escreve muito bem, é fluido, é elegante, é simples como um vestido de Yves Saint Laurent! — Foi Audrey quem me inspirou”, enrubesceu Joséphine, que não sabia como responder a tantos elogios.

— Não seja modesta, sra. Cortès. Tem um talento verdadeiro... Aceitaria outros trabalhos desse tipo?

— Sim... claro!

— Pois então, é bem provável que entre em contato com a senhora dentro em breve... Pode passar na contabilidade, no andar acima, para receber seu cheque.

Estendeu a mão, que ela apertou como um náufrago que se

agarra a uma tábua de salvação no meio da tempestade.

— Até logo, sra. Cortès...

— Até logo, senhor....

Tinha esquecido o nome dele. Dirigiu-se para o elevador.

Para a contabilidade. E foi então que...

Ela não podia acreditar.

E agora, pensou ao sair do banco, vamos para o centro

comercial de La Défense e... uma chuva de presentes para as

meninas. Não vai faltar nada para as minhas queridinhas nesse

Natal. Melhor: elas vão ficar em pé de igualdade com o primo

Alexandre.

Oito mil e doze euros! Oito mil e doze euros...

Diante das vitrines das lojas, arregalou os olhos, apertando a

carteira onde repousava o cartão de crédito. Paparicar Zoé,

paparicar Hortense, enchê-las de presentes, desenhar um sorriso

definitivo em seus rostos de meninas sem pai no Natal. Com um

golpe de varinha mágica, eu, Joséphine, serei tudo ao mesmo

tempo: pai, mãe e Papai Noel. Vou devolver a elas a confiança na

vida. Não quero que tenham as mesmas angústias que eu. Quero

que durmam à noite pensando: minha mãe está aqui, minha mãe é

forte, minha mãe cuida de nós, nada pode acontecer... Deus,

160

obrigada por me dar essa força! Joséphine falava cada vez mais com

Deus. Eu o amo, meu Deus, vele por mim, não me esqueça, a mim

que tantas vezes o esqueci. E às vezes, tinha a impressão de que ele

passava a mão em sua cabeça e fazia um carinho.

Caminhando pelas galerias comerciais, vestidas de guirlandas, árvores de Natal, percorridas por velhos senhores de casaco vermelho e barba branca, agradecia a Deus, às estrelas, ao Céu e hesitava antes de abrir a porta de uma loja. Precisava economizar para pagar os impostos!

Joséphine não era mulher de perder a cabeça.

No entanto... Em uma hora, tinha gasto um terço de seu cheque e sentia uma vertigem. Como é tentador ir pegando tudo: os opcionais, o serviço pós-venda, um acessório em promoção. Os vendedores pululam, zumbindo ao redor do cliente, embalando-o com doces cantigas, como as sereias que encantaram Ulisses. Não estava habituada, não se atrevia a dizer não, ficava vermelha, ousava finalmente uma pergunta, deixada de lado pelo vendedor que já tinha identificado uma presa fácil e tratava de amarrá-la ao mastro da tentação.

Por alguns euros a mais, instalariam todos os programas necessários no computador, por alguns euros a mais, incluiriam um DVD, por alguns euros a mais, entregariam a mercadoria em casa, por alguns euros a mais estenderiam a garantia para cinco anos, por alguns euros a mais... Atordoada, Joséphine dizia claro, sem dúvida, sim, tem razão, claro, pode entregar durante o dia.

Estou sempre lá, quer dizer, trabalho em casa. No horário escolar de preferência, não quero que as meninas estejam presentes, tem que ser uma surpresa de Natal. Não tem problema, senhora, no

horário escolar como a senhora deseja...

E ela foi embora, um pouco tonta, um pouco inquieta. De repente, no meio da multidão, descobriu uma menina parecida com Zoé que contemplava, os olhos brilhando, uma vitrine de brinquedos. Seu coração se animou. Essa é a cara que minhas filhas vão fazer quando abrirem os presentes, essa é a carinha que vai fazer de mim a mais feliz das mulheres...

Retornou a pé, enfrentando o vento que soprava nas grandes avenidas de La Défense. Era inverno, a noite caía muito rápido, às quatro e meia já estava escuro e os lampiões mortiços se acendiam um a um ao longo do caminho. Levantou a gola do mantô, está vendo, devia ter comprado um mantô mais quente!, e abaixou a

161

cabeça para se proteger do vento glacial. Ele falou de uma nova tradução, quando vier, comprarei um mantô novo. Esse foi um presente de Antoine há dez anos! Tínhamos acabado de nos mudar para Courbevoie...

Ele não vai retornar para o Natal. O primeiro Natal sem ele...

No outro dia, na biblioteca, consultou um livro sobre o Quênia. Viu onde ficavam Mombaça e Malindi, as praias brancas, as velhas casas de Malindi, as lojas de artesanato e as pessoas, muito amigáveis, dizia o guia. E Mylène? Mylène também é amigável?, resmungou fechando o livro com um golpe seco.

O homem de *duffle-coat* não vinha mais à biblioteca. Sem dúvida, tinha terminado sua pesquisa. Caminhava pelas ruas de

Paris deixando uma linda loura enfiar a mão em seu bolso...

Quando chegava na biblioteca, colocava os livros na mesa e procurava por ele com os olhos. Só começava a trabalhar depois disso. Levantava a cabeça, espiava, pensando, ele chegou, está me olhando escondido...

Ele não vinha mais.

Embaixo de casa, cruzou com a sra. Barthillet, que esbarrou nela sem vê-la. Joséphine fez um movimento de recuo quando a viu. Um brilho de animal encurralado brilhava em seus olhos. Abaixou os olhos quando viu Joséphine e avançou na diagonal, olhando para os próprios pés. Cruzaram-se em silêncio. Joséphine não teve coragem de pedir notícias da família. Sabia que o sr. Barthillet tinha saído de casa.

O bom humor do começo da tarde tinha sumido. Foi com um gesto cansado que atendeu o telefone que tocava quando abriu a porta do seu apartamento.

Era o sr. Faugeron. Queria lhe dar parabéns pelo cheque que tinha depositado no banco, mas em seguida disse uma coisa que não compreendeu imediatamente. Pediu que ele esperasse um instantinho, o tempo de tirar o mantô e largar a bolsa, e voltou ao telefone.

— Esse cheque chegou na hora certa, sra. Cortès. A senhora estava a descoberto há três meses...

Com a boca seca e os dedos crispados ao redor do fone, Joséphine não conseguia falar. A descoberto! Há três meses! Mas

ela tinha acabado de fazer as contas: estava com saldo positivo.

162

— Seu marido abriu uma conta no nome dele antes de partir para o Quênia. Ele fez um grande empréstimo, mas não honrou nenhum dos pagamentos, previstos para começar em 15 de outubro...

— Um empréstimo? Antoine? Mas...

— Na conta dele, claro, sra. Cortès, mas a senhora é responsável. Ele prometeu que pagaria e... A senhora deve ter assinado alguns papéis, sra. Cortès! Tente se lembrar...

Joséphine fez um esforço e, de fato, lembrou que Antoine tinha lhe pedido para assinar um monte de formulários de banco antes de partir. Na ocasião, ele falou de projeto, investimento, segurança para o futuro, assumir desafios. Foi no começo do mês de setembro. E ela confiou nele. Sempre assinava de olhos fechados.

Como num pesadelo, continuou a ouvir as explicações do sr.

Faugeron. Tremendo na luz pálida da entrada. Tenho que aumentar esse aquecimento, está frio demais. Os dentes cerrados, encolhida na cadeira ao lado da mesinha em que ficava o telefone, os olhos fixos na trama gasta do carpete.

— A senhora é responsável por ele, sra. Cortès. Sinto muito lhe dizer isso... Agora, se quiser passar no banco, podemos reescalonar sua dívida... Também poderia pedir uma ajuda a seu padrasto...

— Nunca, sr. Faugeron, jamais!

— No entanto, sra. Cortès, teremos que...

— Darei um jeito, sr. Faugeron, pode deixar que vou dar um jeito...

— Bem, enquanto isso, o seu cheque de 8.012 euros servirá para tapar o buraco deixado por seu marido... São parcelas de 1.500 euros por mês, a senhora mesma pode calcular...

— Fiz umas compras hoje à tarde — conseguiu articular Joséphine. — Para as meninas, para o Natal das meninas... Comprei um computador e... Espere, tenho os comprovantes do cartão de crédito — somou lentamente os gastos feitos e anunciou o total ao gerente.

— É a conta justa, sra. Cortès... Sobretudo se ele não pagar a parcela de 15 de janeiro... Não quero deixá-la preocupada nesse período de Natal, mas vai ser a conta certa.

163

Joséphine não sabia mais o que dizer. Seu olhar caiu na mesa da cozinha onde a sua máquina de escrever, uma velha IBM de bola que Chefe tinha lhe dado de presente, reinava solitária.

— Vou resolver isso, sr. Faugeron. Preciso apenas de um tempo para entender melhor. Tenho uma proposta para um outro trabalho bem remunerado. É uma questão de dias...

Estava dizendo qualquer coisa. Na verdade, estava se afogando.

— Não é necessária tanta urgência, sra. Cortès. Vamos nos

ver no começo de janeiro, se a senhora quiser, e talvez tenha novidades para me contar...

— Obrigada, sr. Faugeron, obrigada.

— Minha cara sra. Cortès... não se atormente, vai conseguir sair dessa! Mas enquanto isso, é melhor tentar passar um bom Natal. Tem algum programa?

— Vou passar com minha irmã em Megève — respondeu Joséphine, como um boxeador nocauteado que ouve a contagem do juiz.

— É muito bom não estar sozinha, ter uma família... Força, sra. Cortès, boas festas de final de ano.

Joséphine desligou e seguiu titubeando até a varanda. Tinha o hábito de se refugiar ali. Da varanda, podia contemplar as estrelas. Interpretava cada cintilação, cada passagem de uma estrela cadente como um sinal de que estava sendo ouvida, de que o céu velava por ela. Naquela noite, ajoelhou-se no cimento, juntou as mãos e, erguendo os olhos para o céu, recitou uma prece:

— Estrelas, por favor, façam com que eu não fique mais sozinha, façam com que não seja mais tão pobre, façam com que não receba mais tantos ataques. Estou cansada, tão cansada...

Estrelas, não se faz nada de bom sozinha e estou tão sozinha.

Estrelas, concedam-me paz e força interior, concedam-me aquele que espero em segredo. Tanto faz que ele seja rico ou pobre, bonito ou feio, jovem ou velho, de qualquer altura, eu amo igual.

Concedam-me um homem que me ame e que eu ame. Se for triste,

eu o farei rir; se duvidar, eu lhe darei segurança; se precisar lutar, estarei a seu lado. Não estou pedindo o impossível, só peço um homem, simplesmente um homem, porque no fim das contas, estrelas, o amor é a maior das riquezas... O amor que se dá e o amor que se recebe. E essa riqueza, sem ela eu não posso viver...

164

Inclinou a cabeça para o chão de cimento e se deixou levar por uma prece infinita.

Marcel Grobz tinha instalado seus escritórios na avenue Niel, 75. Não muito longe da place de l'Étoile, não muito longe também da perimetral. “Um lado grana; um lado bacana”, debochava ele quando levava alguém para visitar seus domínios, ou “aqui as coisas entram a um centavo e saem a dez euros!”, quando estava sozinho com René.

Anos atrás, tinha comprado um imóvel de dois andares, num pátio pavimentado, onde uma trepadeira, uma glicínia, desenhava guirlandas e círculos. Apaixonou-se logo de cara. O jovem Marcel Grobz procurava um endereço novo e burguês para instalar sua empresa. “Santo Deus!”, exclamou quando viu o petisco que lhe ofereciam a preço de banana, “isso vai fazer um belo efeito!”, pensou, contente como um pinto no lixo. “Parece que estamos num convento de carmelitas! Aqui, todos vão falar comigo com o devido respeito e esperar por mim, se por acaso me atrasar! Esse lugar respira simplicidade, suavidade de província, negócios honestos e prósperos.”

Comprou tudo: o imóvel e o ateliê, o pátio e a glicínia, além das antigas cavalariças destruídas que reformou para aumentar o espaço.

Foi lá, na avenue Niel, 75, que sua empresa levantou voo.

Foi lá também que, num belo dia de outubro de 1970, ele conheceu René Lemarié, um rapaz jovem, dez anos mais novo que ele, cuja cinturinha apertada de donzela se alargava até os ombros de um Atlas; crânio raspado, nariz quebrado, pele vermelho-tijolo: uma verdadeira fera!, pensou Marcel ouvindo os argumentos de René, que estava procurando emprego. “Não é para me gabar, mas sei fazer de tudo. E não sou de ficar enrolando. Não tenho um nome empolado, não estou chegando do Politécnico, mas sou pau para toda obra! Pode me dar um período de experiência e vai acabar implorando para eu ficar.”

René era recém-casado. Ginette, sua mulher, uma lourinha que ria o tempo todo, foi trabalhar no ateliê, sob as ordens do marido. Ela dirigia os carrinhos de carga, batia à máquina, contava e recontava os contêineres, verificava seus conteúdos. Queria ser cantora, mas a vida não decidiu assim. Quando encontrou René, era corista nos shows de Patricia Carli e teve que escolher: René ou o microfone. Escolheu René, mas continuava a soltar a voz, quando

165

lhe dava na telha “pare, pare, não me toque assim, tenha piedade de mim! Não posso mais suporrrtar, com outra te parrrrtilhar... E amanhã estarás no altar, ela é linda, rica e vai te bancar! Ela tem

tu-u-do o que se pode querer, mas meu único defeito é amar você!!!”, sob as grandes vidraças do ateliê. Vocalizava e imaginava uma plateia de espectadores jogados a seus pés. Também foi corista de Rocky Volcano, Dick Rivers e Sylvie Vartan. Todo sábado, tinha noite de karaokê na casa de René e Ginette. Ginette nunca abandonou os anos 1960, usava sapatilhas e calças corsário de xadrez vichy e o penteado de Sylvie, na época do vestidinho azul-real e da margarida atrás da orelha. Tinha toda a coleção de *Salut les copains* e de *Mademoiselle Âge tendre* e costumava folheá-la quando estava com disposição nostálgica.

Marcel cedeu a René e Ginette um local embaixo das cavaliças, que eles transformaram em moradia. Foi lá que criaram seus três filhos, Eddy, Johnny e Sylvie.

Quando Marcel deu o emprego a René, deixou para mais tarde a definição do posto que ocuparia. “Estou começando e você vai começar comigo!” Nos anos seguintes, os dois homens se uniram como os galhos nodosos da glicínia.

É verdade que raramente se viam fora do escritório, mas não se passava um dia na semana sem que Marcel desse uma passada para ver René, de macacão e cigarro na boca, levantar o boné e resmungar: “E então, como vão as coisas, Velho?”

René mantinha uma conta exata das mercadorias, anotava entradas e saídas, promoções e produtos que não tinham boa saída, dos quais era preciso se livrar com urgência: “Esse troço aí é melhor colocar na promoção do mês. Empurre para o monte de otários,

bacanas e desocupados que encham suas lojas, não quero mais saber disso! E se já mandou começar a produção em massa em Tsing-Tsing ou Pétaouchnock, puxe o freio ou vai acabar de cuecas, passando o chapéu no metrô. Não sei o que tinha na cabeça quando encomendou trinta fardos desse troço, devia estar com uma ameixa seca no lugar do cérebro!”

Marcel piscava o olho, ouvia e quase sempre seguia os conselhos de René.

Além da administração do armazém da avenue Niel, René era o responsável pela distribuição das mercadorias entre as lojas de Paris e da província, pelo gerenciamento dos estoques e pelas encomendas dos artigos que faltavam ou iriam faltar. Toda noite,

166

antes de ir para casa, Marcel descia para beber um copinho de vinho com René. René oferecia um salame, um camembert, uma baguete, manteiga salgada, e os dois conversavam contemplando a glicínia através das vidraças do ateliê. Quando a conheceram, era pequena, tímida, hesitante e, quase trinta anos depois, explodia cheia de seiva, se enroscava e desabrochava sob seus olhos encantados.

Já fazia um mês que Marcel não vinha se encontrar com René.

Ou, quando vinha, era por causa de algum problema, de alguma loja que tinha ligado para reclamar. Chegava todo murcho, latia uma pergunta, cuspiam uma ordem e ia embora, evitando

encarar René nos olhos.

No começo, René ficou mordido e resolveu ignorá-lo. Pediu a Ginette que tratasse com ele. Quando Marcel aparecia, René subia num carrinho e ia para o fundo do armazém contar suas caixas.

Essa pequena comédia durou três semanas. Três semanas sem fatias de salame, nem vinhozinho tinto. Sem confidências diante da glicínia. Depois, René percebeu que estava entrando no jogo do amigo e que Marcel não iria atrás dele.

Um dia, engoliu o orgulho e subiu para interrogar Josiane. O que estava acontecendo com o Velho? Para sua grande surpresa, Josiane foi cortante.

— Pergunte a ele, não nos falamos mais! Ele está frio como mármore comigo.

Ela parecia um desastre recente. Magra, pálida, com uma sombra rosa pintada nas bochechas como uma propaganda enganosa. Rosa de araque!, pensou René. Não era o rosa da felicidade, o rosa que vem do coração.

— Ele está em sua sala?

Josiane fez que sim com um gesto seco do queixo.

— Sozinho?

— Sozinho... Aproveite, a Cabo-de-vassoura está fazendo marcação cerrada no momento. O tempo todo em cima!

René empurrou a porta do escritório de Marcel e pegou o amigo enterrado na poltrona, o rosto baixo, cheirando um pedaço de tecido.

— Está testando um novo produto? — perguntou, dando a volta na escrivaninha para tirar o tecido das mãos de Marcel.

Depois, espantado, perguntou: — O que é isso?

— Meia-calça...

— Vai trabalhar com meias?

— Não...

— Então o que está fazendo cheirando nylon, santo Deus?

Marcel lançou um olhar infeliz e furioso para o amigo. René sentou na escrivaninha diante dele e, encarando-o dentro dos olhos, esperou.

Fora de seus escritórios, de seu sucesso financeiro, Marcel voltava a ser o menino rude e grosseiro que tinha sido quando vagabundeava nas ruas de Paris à noite, antes de ir para uma casa onde ninguém esperava por ele. Soube dominar suas paixões para crescer, ficar rico e poderoso. Mas assim que atingiu seus objetivos, a inteligência o abandonou. Continuava a lidar com cifras, fábricas, continentes como uma velha cozinheira bate claras em neve, sem prestar atenção, mas quanto ao resto, tinha perdido a mão. Quanto mais prosperava, mais vulnerável ficava. Tinha perdido o seu bom-senso camponês. Não tinha mais referências. Estaria fascinado pelo dinheiro, pelo poder que a fortuna lhe dava ou, ao contrário, atordado, sem saber como tinha feito para chegar até lá? Teria perdido a ciência e a intuição que o ímpeto de iniciante lhe dava para se perder no luxo e na facilidade? René não compreendia como

o homem que enfrentava os capitalistas chineses e russos podia cair na conversa de Henriette Grobz.

René nunca viu com bons olhos o casamento de Marcel com Henriette. O contrato que ela o obrigou a assinar nas vésperas do casamento o transformava, a seu ver, num refém. Marcel ficou de mãos e pés amarrados. Uma comunidade universal, mas com separação de bens para que ela não pudesse ser responsabilizada em caso de falência, mas uma doação ao cônjuge sobrevivente, para que ela pudesse herdar tudo em caso de lucro. Mais a cereja do bolo: o título de presidente do conselho administrativo da empresa. E ele não podia decidir absolutamente nada sem o aval dela. Estava amarrado feito um salame! “Não quero que pensem que casei com você por dinheiro”, argumentou ela, “quero trabalhar com você. Fazer parte da empresa. Tenho tantas ideias!” E Marcel caiu feito um patinho. “Isso é loucura!”, gritou René quando tomou

168

conhecimento dos termos do contrato. “Uma escroqueria! Um roubo com todas as letras! Isso não é uma mulher, é um gângster. E você ainda acha que ela o ama, seu idiota? Ela está cortando seus colhões com a tesourinha de unhas. Céus, sua inteligência desceu ao nível do carpete?” Marcel tinha dado de ombros: “Ela vai me dar um filho e no final tudo vai ficar para ele! — Ela vai lhe dar um filho? Está delirando ou o quê?”

Irritado, Marcel bateu a porta do armazém.

Na época, ficaram um mês sem se falar. E quando se

reencontraram, resolveram de comum acordo que não tocariam mais no assunto.

E agora era a vez de Josiane deixá-lo completamente baratinado, a ponto de ficar cheirando uma velha meia-calça.

— Vai ficar muito tempo desse jeito? Se quer saber o que acho, está parecendo um sapo velho tentando se equilibrar em cima de uma caixa de fósforos.

— Não tenho mais vontade... — respondeu Marcel com o desencanto de um homem de quem a vida tirou tudo e que resolveu se instalar confortavelmente em sua miséria.

— Está querendo dizer que vai ficar esperando a morte sem reagir?

Marcel não respondeu. Tinha emagrecido, seu rosto caía em duas bolsas moles ao longo dos maxilares, e se transformado num velho embotado, pálido, choramingas, com as pálpebras avermelhadas e os olhos eternamente lacrimejantes.

— Reaja, Marcel! Nesse momento, você está de dar pena, mas logo vai se transformar em nojo. Um pouco de dignidade, por favor!

Marcel Grobz deu de ombros ao ouvir a palavra “dignidade”.

Lançou um olhar úmido para René e levantou a mão como quem diz: de que adianta?

René olhava para ele, incrédulo. Não podia ser o mesmo homem que lhe ensinou a arte da guerra nos negócios. Costumava chamar aquilo de curso noturno. René desconfiava que ele repetia aquilo tudo em voz alta e forte para se convencer e ganhar coragem

para enfrentar a tarefa. “Quanto mais friamente calcular, mais longe irá. Nada de sentimento, meu velho. Matar a sangue-frio! E para assentar definitivamente a sua autoridade, arme um grande golpe antes de começar, afaste um obstáculo, liquide um inimigo e

169

será temido pelo resto da vida!” Ou ainda: “Existem três maneiras de vencer: a força, o gênio ou a corrupção. A corrupção não é a minha, gênio eu não tenho... então, só me resta a força! Sabe o que dizia Balzac? ‘É preciso entrar nessa massa de homens como uma bala de canhão ou se enfiar como uma peste.’ Bonito, não?”

— Como é que sabe disso, nunca foi à escola!

— Henriette, meu velho, Henriette! Ela faz uma fichas para mim. Assim não fico com ar de babaca nos jantares. Decoro e repito...

Um lulu sábio, pensou René. Mas ficou calado. Marcel estava orgulhoso da esposa. Gostava de pendurar Henriette no braço e de aprender aquelas citações de cor para fazer boa figura nos jantares.

Eram os bons e velhos tempos. Ele tinha tudo: o sucesso, o dinheiro, a mulher. Procure um furo, dizia a René batendo em suas costas. Tenho tudo, meu velho. Tenho tudo! E logo, logo, quem vai estar pulando em meus joelhos? Marcel Junior em pessoa.

Desenhava no ar uma carinha de neném, um babador, um chocalho e sorria para os anjos. Marcel Junior! Um herdeiro. Um menininho para instalar no comando. Pois sim: estava esperando até agora!

Às vezes, René surpreendia um olhar de Marcel para seus filhos. Cumprimentava as crianças com a mão, mas era como se estivesse levantando um peso, dando adeus a um sonho.

René bateu a cinza do cigarro, que caiu no macacão, e pensou que todo vencedor escondia um derrotado. O resumo de uma vida é representado tanto por aquilo que realizou, quanto por aquilo que deixou pelo caminho. Marcel ganhou dinheiro e sucesso, mas perdeu o amor e o filho. Ele, René, tinha Ginette e os três filhos, mas de economia, nem um vintém furado.

— Vamos, vomite... O que houve? É bom que seja algo realmente interessante para justificar essa cara que já dura mais de um mês.

Marcel hesitou, levantou as pálpebras pesadas para o amigo, mas depois se decidiu. Contou tudo: Chaval e Josiane ao lado da máquina de café, a reação de Henriette que, em seguida, exigiu que demitisse Josiane e ele que tinha perdido a vontade de viver, de fazer negócios.

— Até para enfiar as pernas nas calças, eu demoro. Tenho vontade de ficar deitado contando as flores da cortina. Não tenho

170

mais desejo, meu velho. É muito simples: ver os dois colados um no outro foi como me jogar a certidão de nascimento na cara!

Enquanto ela estava nos meus braços, podia me contar histórias, pensava que era um portento, que ia aumentar as fronteiras do mundo, construir uma nova muralha da China, dar xeque-mate em

um bilhão de chinesinhos! Não era difícil: sentia meus cabelos voltarem a crescer. Mas bastou uma imagem, aquela imagem, minha Doçura nos braços de um outro, mais magro, mais vigoroso, para que voltasse a ser um careca escondido atrás da carteirinha de idoso! De um só golpe, um só! Deixei a peteca cair, abandonei tudo...

Varreu a superfície da escrivaninha com a mão, jogando pastas e telefones no chão.

— De que serve tudo isso, pode me dizer, por acaso? Vento, blefe, camuflagem!

E como René continuava em silêncio, seguiu em frente:

— Anos de trabalho para nada. Porra nenhuma! Você pelo menos tem seus filhos, Ginette, uma casa com gente que espera por você à noite... Eu só tenho meus balanços, meus clientes, meus contêineres de merda. Durmo no sofá, como na pontinha da mesa, peido e arrote escondido. E sou obrigado a usar calças apertadas demais. Posso lhe dizer uma coisa! Ainda não me botaram na rua porque ainda posso servir para alguma coisa, senão...

Fez o gesto de quem dá um peteleco numa bolinha e desabou com todo o seu peso na poltrona.

René ficou silencioso um instante e depois, com toda a delicadeza, como quem fala com uma criança amuada, uma criança que se fecha e não quer ouvir, começou:

— O que eu sei é que a sua Doçura não está melhor do que você. Parecem dois leões-marinhos que foram parar num iceberg

deserto e estão morrendo de frio. Esse Chaval não é nada! Um fogo no rabo, um desejo de adiantar a primavera, um docinho de coco que dá mole e que você passa na cara por baixo dos panos. Vai me dizer que nunca aconteceu com você?

— Não é a mesma coisa — protestou Marcel, endireitando-se e batendo com toda a força na mesa.

— Por quê? Porque você é homem? O argumento é velho. Do tempo de Napoleão! As mulheres mudaram, sabia? Hoje em dia, são como nós e quando um sujeito como Chaval, com tudo em cima, se

171

adianta, elas pegam um adiantamento, mas não significa absolutamente nada. É porra nenhuma. Ela é louca por você, a Josiane! Basta ver a cara dela atrás daquela mesa. Já olhou para ela, pelo menos? Não. Passa por ali reto como uma salsicha, com o nariz empinado de orgulho. Não viu que ela perdeu peso, está nadando no suéter e com um penteado tão velho que já deu traça? Não viu que está usando uma cor falsa na cara, um rosa comprado no Monoprix, tipo pague dois e leve três, só para não ficar mais pálida que o bidê?

Marcel balançou a cabeça, obstinado e triste. Mas René continuou, misturando deboche e sentimento, bom-senso e razão para tentar reerguer o velho amigo que ameaçava se enforcar com as meias de nylon.

De repente, teve uma ideia e seu rosto se iluminou.

— Não vai nem perguntar por que vim até aqui conversar,

mesmo tendo jurado que não ia mais falar com você? Está tão habituado a ser paparicado que acha que tomar a iniciativa de fazer as pazes a domicílio é normal. Assim vou acabar me ofendendo!

Marcel olhou para ele, passou a mão na nuca e, brincando com uma caneta que tinha escapado do marmoto na escrivania, perguntou:

— Peço desculpas... Queria me dizer alguma coisa?

René cruzou os braços e, usando todo o seu tempo, anunciou a Marcel que seu maior pavor estava se tornando realidade: os chineses tinham copiado errado as ordens que enviou. Trocaram centímetros por pés *english!*

— Percebi isso verificando as encomendas de sua fábrica em Pequim. Entenderam tudo errado e, se quiser evitar o pior, é melhor verificar imediatamente e telefonar para eles.

— Cacete! — rugiu Marcel. — São milhões! Por que não me disse logo?

Levantou num salto, agarrou o paletó, os óculos e desceu escada abaixo para o escritório de René.

René foi atrás e, quando passou na frente de Josiane, ordenou:

— Pegue sua Bic e seu bloco... Bafafá com os chinas!

Josiane obedeceu e os três desceram juntos.

172

O escritório de René era uma sala pequena, quase totalmente envidraçada, que dava para o armazém. No começo, deveria ser um

vestiário, mas acabou se instalando por ali porque achava mais prático para vigiar a entrada e saída das mercadorias. E com o tempo se transformou no santuário de René.

Era a primeira vez que Josiane e Marcel ficavam frente a frente desde o incidente da máquina de café. René abriu os livros contábeis que estavam na mesa e depois, batendo na testa, gritou: — Puta que o pariu! Esqueci o outro... o principal! Ficou na entrada. Não saiam daqui, volto já.

Saiu da sala, tirou a chave do bolso e clic-clac, trancafiou os dois.

Lá dentro, Josiane e Marcel esperavam. Josiane encostou a mão no radiador e retirou correndo: estava pegando fogo! Deu um gritinho de surpresa e Marcel perguntou:

— Disse alguma coisa?

— Não... Foi o radiador, está queimando...

— Ah...

O silêncio caiu de novo entre os dois. Só dava para ouvir o barulho dos carrinhos de carga, os gritos dos operários orientando as manobras, à direita, à esquerda, mais alto, os palavrões que explodiam quando uma manobra mais brusca ameaçava jogar tudo no chão.

— O que ele estará fazendo?

— Fazendo nada. Fazendo o que queria: nos colocar frente a frente! E conseguiu. Essa história de execução errada é pura embromação.

— Você acha.

— É só tentar sair... Tenho a impressão de que estamos trancados. Fomos embrulhados para presente!

Marcel colocou a mão na porta do escritório, girou a maçaneta em todos os sentidos, sacudiu, mas a porta continuou fechada. Enfureceu-se e disparou um pontapé.

Josiane sorriu.

— Isso é tudo que posso fazer! — explodiu Marcel.

173

— Assim como eu. Está pensando o quê? Que estou me sentindo no Clube Med?

O ar no escritório era quente e fétido. Cheirava a guimba de cigarro, aquecimento elétrico a mil e a roupa de lã colocada para secar numa cadeira. Josiane franziu o nariz e fungou um pouco. Debruçou-se sobre a mesa e viu um velho suéter com desenhos geométricos pendurado na cadeira junto à parte baixa do aquecedor. Esqueceu de levá-lo, vai se resfriar! Virou na direção da glicínia e foi então que viu a Cabo-de-vassoura chegando na empresa com seu passo militar.

— Merda, Marcel! A Cabo-de-vassoura! — murmurou ela.

— Esconda-se — disse Marcel —, imagine se ela resolve passar por aqui...

— E por que vou me esconder? Não estamos fazendo nada de mal.

— Esconda-se, já disse! Ela vai nos ver quando passar.

Puxou-a para si e os dois caíram encolhidos contra a mureta.

— Por que você treme diante dela? — perguntou Josiane.

Marcel colocou a mão em sua boca e apertou-a contra o corpo com o braço.

— Esqueceu que é ela quem tem a assinatura?

— Porque você foi babaca o suficiente para entregar a ela.

— Pare de querer fazer a revolução o tempo todo.

— E você, pare de deixar que o sacaneiem!

— Ah... então a senhora agora dá lições... Parecia menos esperta no outro dia perto da máquina de café, não? Toda mole jogada nos braços daquele galãzinho que é capaz de vender a própria mãe por um dente de ouro!

— Estava tomando um café... Só isso.

Marcel quase engasgou. Com uma voz abafada, quase neutra, protestou:

— E não estava nos braços de Chaval, por acaso?

— Um pequeno amasso, é verdade. Mas era só para provocar você.

— Bem... consegui.

174

— Pois é... Consegui. E desde então você não fala mais comigo!

— É que, veja bem, não estava esperando por isso...

— E estava esperando o quê? Que eu começasse a tricotar uma touca de lã para a sua velhice?

Marcel deu de ombros e, esticando a manga do paletó,

começou a lustrar a ponta dos sapatos.

— Estava cheia, Marcel...

— É mesmo? — disse ele, fingindo estar concentrado na limpeza dos sapatos.

— Cheia de ver você indo embora todo dia com a sua Cabode-vassoura! Cheia! Cheia! Nunca lhe passou pela cabeça que isso podia me deixar louca? Você muito bem instalado em sua vida dupla e eu recolhendo as migalhas que sobravam para mim.

Recolhendo na pontinha dos pés, sem fazer barulho, para ela não ouvir. E minha vida passando a mil por hora sem que eu conseguisse controlar. Isso dura há séculos, essa nossa história, e continuamos a nos encontrar às escondidas! Nunca me exhibe como uma oficial, nunca me leva para desfilarmos uma roupa linda, nunca passeia comigo ao sol das ilhas distantes! Não, para Doçura é a escuridão completa... Os cardápios de vinte euros e as flores de plástico! E na hora do amorzinho gostoso, papai se diverte e, vapt-vupt, pega suas coisinhas e volta para casa! Ah, claro... quando boto a boca no mundo e ameaço fazer greve, lá vem você com uma joia. Só para acalmar a tempestade em minha cabeça, para alimentar minha paciência. No mais, só promessas! Promessas até a eternidade! Pois naquele dia, eu explodi... Além disso, ela tinha me agredido naquele dia. Foi o dia em que perdi minha mãe e ela me proibiu de chorar no escritório. Não ganhava para isso, foi o que disse! Poderia matá-la...

Marcel ouvia, encostado na mureta. E se deixava invadir pela música das palavras de Josiane. Pouco a pouco, a ternura foi tomando conta dele. Sua raiva diminuiu como o cogumelo de um paraquedas que chega ao chão. Percebendo que ele estava amolecendo, Josiane esticava a história, aumentava, acrescentava lágrimas, suspiros, ex-votos, um pouco de lilás, de marrom, de preto e de rosa. Enquanto sussurrava seu drama, ela acompanhava o corpo de Marcel se relaxando contra o seu. Mas ele ainda resistia,

175

segurava os joelhos com os braços para não derreter em cima dela, mas balançava suavemente, cada vez mais perto.

— Foi duro perder minha mãe, sabia? Não era uma santa, longe disso, como você bem sabe! Mas era minha mãe... Pensei que fosse ser forte, aceitar as coisas sem sentir nada, mas, pluft! foi um soco no estômago de tirar o fôlego...

Pegou a mão dele e colocou entre seus seios, bem no lugar que doía tanto. A mão de Marcel se aqueceu ao contato da sua e reencontrou seu lugar de sempre naquele colo suave e tranquilizador.

— Eu me senti com dois anos e meio... Sabe quando você levanta a cabeça, confiante, para o adulto que devia protegê-lo e leva um bofetão, uma ida e volta sem retorno? É o tipo de ferida que nunca cicatriza. Pode se fazer de orgulhosa, levantar o queixo, mas lá por dentro, o coração continua a bater feito um tambor...

Falava num fio de voz, um cochicho de confidências suaves

que ia recheando o peito de Marcel Grobzs de algodão vaporoso.

Doçura, minha Doçura, como é bom ouvir sua voz novamente, minha menina, minha belezura, minha amazona dourada... fale, fale comigo, fale mais, quando sussurra, quando torneia as palavras como as agulhas fazem com a lã, eu ressuscito; a vida é árida sem você, ela não desliza mais, não vale mais o esforço de levantar de manhã e colocar o nariz para fora da janela.

Henriette Grobzs subiu ao escritório de Marcel e, não encontrando Josiane nem o marido, foi procurar René. Encontrou-o no armazém, envolvido numa grande discussão com um operário, que coçava a cabeça: não havia mais espaço no alto para colocar os fardos. Henriette esperou, um pouco afastada, que lhe dessem atenção. O rosto estava tão pintado quanto um afresco recém-restaurado, e o chapéu, enfiado na cabeça, destacava-se como um troféu arrancado do inimigo. René virou e deu com ela. Uma olhada rápida para a sua sala o tranquilizou: os dois amantes contrariados tinham se escondido! Despediu-se do operário e perguntou a Henriette o que poderia fazer por ela.

— Estou procurando Marcel.

— Deve estar na sala dele.

— Não, não está.

Ela falava com uma voz grave e cortante. René fez cara de espanto e um ar de quem estava pensando, enquanto a examinava

irritadas que sublinhavam as finas rugas da boca e o contorno flácido do rosto. O rosto envelhecido, de onde saía um nariz de ave de rapina, se articulava ao redor de uma boca tão fina que o batom ultrapassava os contornos dos lábios contraídos. Henriette Grobz tentava exibir o sorriso contrariado de uma garçonete que estava esperando uma bela gorjeta, mas que, desapontada, tem vontade de cuspir no impostor que a fez acreditar por um segundo que receberia a recompensa desejada. Tinha feito um esforço em relação a René, esperando que pudesse informá-la, mas diante de sua ineficiência, recuperou o ar de sargento-mor e girou nos calcanhares. Meu Deus, pensou René, que mulher! Dura como uma cacetada! Só de olhar para ela dá para ver que não tira seu prazer da comida, nem da bebida, nem de um momento de relaxamento. Só a dinamite seria capaz de desfazer aquilo! Tudo nela é controlado, tudo respira obrigação, interesse; o espírito calculista se alia à rigidez das roupas e dos gestos. Um gesso perfeito, moldado na forma dos interesses financeiros.

— Vou esperar na sala dele — sibilou ela se afastando.

— Certo — respondeu René —, se aparecer por aqui, direi que a senhora está lá.

Enquanto isso, no escritório de René, encolhidos no escuro, sussurrantes, Marcel e Josiane davam sequência ao reencontro.

— Você me enganou com Chaval?

— Não, não enganei... Apenas me deixei levar, numa noite de baixo-astral. E só foi ele porque estava ali na hora... poderia ser

qualquer outro.

— Mas você me ama pelo menos um pouquinho?

Estava cada vez mais perto e sua coxa repousava contra a de Josiane. Seu fôlego era curto e quente e, depois de tanto tempo agachado, ele respirava quase aos arrancos.

— Eu simplesmente amo você, meu lobão...

Suspirou e deixou a cabeça cair no ombro de Marcel.

— Oh, que falta você me fez, sabia?

— Você também! Não faz ideia...

Estavam lá, os dois, tontos, apertados um contra o outro, como dois estudantes que pularam o muro para fumar escondido.

Sussurravam no escuro, no calor cheirando a lã molhada.

177

Ficaram um bom tempo imóveis, mudos. Seus dedos se entrelaçaram, se roçavam, se reconheciam e foi uma ternura, um calor que Josiane reencontrou como uma paisagem da infância. Seus olhos tinham se habituado à falta de luz e distinguiam o contorno dos objetos no escuro. Não me importa se ele é velho, se ele é gordo, se ele é feio, é o meu homem, a massa do meu pão, minha massa de modelar, de amar, de rir, de sofrer, sei tudo sobre ele, posso descrevê-lo de olhos fechados, posso dizer suas palavras antes mesmo que ele as pronuncie, sei o que se passa em sua cabeça, em seus olhinhos espertos, naquele barrigão... sou capaz de desenhar esse homem de olhos fechados...

Ficaram um longo tempo sem dizer nada. Tinham dito tudo e

sobretudo, sobretudo, tinham se reencontrado. Em seguida, de repente, Marcel levantou. Josiane murmurou “Cuidado! Ela pode estar atrás da porta!”.

— Não estou nem aí! Levante, Doçura, levante... É bobagem a gente se esconder desse jeito. Não fizemos nada de mal, não é, Doçura?

— Deixe disso! Sente aqui!

— Não, de pé! Quero lhe pedir uma coisa. Uma coisa muito séria para que você fique aí encolhida.

Josiane levantou, sacudiu a saia e, rindo, perguntou:

— Vai pedir minha mão?

— Melhor que isso, Doçura, melhor que isso!

— Não imagino... Sabe, com três ponto oito, isso foi a única coisa que nunca fiz: me casar! Ninguém nunca me pediu em casamento. Acredita? E olha que eu sonhei muito com isso... Ia dormir pensando: um dia alguém vai pedir minha mão e eu direi sim. Pelo anel no dedo e para nunca mais ficar sozinha. Para comer a dois numa toalha de mesa, contando o que fez durante o dia, para pingar remédio no nariz, para tirar na sorte quem vai ficar com o bico da meia-baguete...

— Não está ouvindo, Doçura... eu disse “melhor que isso”.

— Nesse caso... tenho que dar o braço a torcer.

— Olhe para mim, Doçura. Olhe para mim, assim, bem nos olhos...

Josiane olhou. Ele estava com o ar sério de um papa

benzendo a multidão no domingo de Páscoa.

178

— Estou olhando... bem nos olhos.

— O que vou dizer é importante... Muito importante.

— Estou ouvindo...

— Você me ama, Doçura?

— Amo, Marcel.

— Se me ama, se me ama de verdade, prove me dando um filho, um bebê só meu, a quem darei o meu nome. Um pequeno Grobz...

— Pode repetir, Marcel?

Marcel repetiu, repetiu e repetiu de novo. Ela acompanhava com os olhos como se as palavras desfilassem numa tela, mas tivesse muita dificuldade para ler. Ele acrescentou que esperava por esse bebê há séculos, que já sabia tudo sobre ele, a forma de suas orelhas, a cor de seus cabelos, o tamanho de suas mãos, as dobrinhas dos pés, o mármore da bundinha, a delicadeza das unhas e o narizinho que franze quando mama. Josiane ouvia aquelas palavras sem entender.

— Posso voltar para o chão, Marcel? Meus joelhos estão dançando rumba...

Caiu sobre o traseiro e ele se sentou junto dela, fazendo careta por causa da dor nos joelhos.

— O que me diz, Doçura? O que me diz?

— Um bebê? Um bebê só nosso?

— Isso mesmo.

— E esse bebê... você vai reconhecer? Vai lhe dar todos os direitos? Não vai ser um bastardinho vergonhoso?

— Vou colocá-lo sentado na mesa da família. Vai ter o meu nome. Marcel Junior Grobz.

— Você jura?

— Juro pelos meus colhões!

E tocou os colhões com a mão.

— Está vendo... já começou a rir de mim.

— Não, ao contrário! É como antigamente. Para assumir um compromisso de verdade, os homens juravam por seus colhões.

Testículos, testamento... foi Jo quem me ensinou isso.

179

— A pontuda?

— Não, a redonda. A gentil. É mais do que sério quando um homem jura pelos colhões! Imagine! Eles vão virar pó se eu não cumprir o juramento. E pode ter certeza, Doçura, isso eu não quero que aconteça.

Josiane começou com uma gargalhada, mas acabou explodindo em soluços.

Eram emoções demais para um dia só.

Uma mão de garras vermelhas e afiadas cobriu a mão de Iris, que deu um grito e, sem se virar, acertou uma cotovelada furiosa nas costelas da agressora, que uivou de dor. De forma alguma! — fulminou Iris cerrando os dentes. — Nem adianta tentar! Cheguei

primeiro. E esse conjuntinho de seda creme com debrum marrom que você tanto cobiça fica para mim. Não preciso dele, mas como parece ser tão importante para você, vou pegá-lo. E vou pegar também o rosa com verde-amêndoa, já que insiste!

Não podia ver a agressora: estava de costas na avalanche furiosa em que mil braços, mil pernas brotavam, se misturavam, mas não se deixou ultrapassar e continuou sua busca, inclinada para a frente, um braço estendido, o outro crispado sobre a bolsa para impedir que a levassem.

Pegou os artigos tão cobiçados, fechou os dedos com força sobre suas presas e começou a se livrar da turba desembestada que tentava agarrar os artigos em liquidação no primeiro andar da maison Givenchy. Ela se alavancou, empurrou, se livrou, deu socos, encontrões com as cadeiras, joelhadas para se livrar da horda que a fazia balançar. A mão vermelha ainda borboleteava tentando agarrar, ao acaso dos empurrões, o que estivesse a seu alcance. Iris viu quando se aproximou como um caranguejo teimoso. Então, negligentemente, calculando de forma cuidadosa o efeito, Iris apertou com todas as suas forças o fecho da pulseira naquela mão e puxou, arranhando a pele. A infeliz deu um grito de animal ferido e retirou precipitadamente a mão.

— Que absurdo, como é que pode! Ficou maluca! — berrou a proprietária da mão vermelha, tentando identificar a agressora.

Iris sorriu sem se virar. Bem feito! Ficaria marcada por um bom tempo, ia ter que usar luvas. A Scarface dos salões chiques!

Endireitou-se, livrou-se da multidão de traseiros anônimos e,

brandindo sua presa, correu para o setor de sapatos que,

180

felizmente, era organizado por número, em prateleiras, o que

tornava a busca menos perigosa.

Num só gesto, pegou três pares de escafpins de noite, com

salto, um par sem salto para o dia, para caminhar à vontade, e um

par de botas pretas de crocodilo, meio rock-and-roll, mas nada mal,

nada mal... couro de boa qualidade, pensou passando a mão no

interior da bota. Não seria interessante procurar um smoking para

combinar com as botas? Virou e, ao ver a turba retumbante de

fúrias em ação, resolveu que não. Não valia a pena. E depois... já

tinha um armário cheio deles! De Saint Laurent, ainda por cima!

Não valia mesmo a pena arriscar a pele. Aquelas mulheres soltas na

selva das liquidações são mesmo temíveis! Esperaram uma hora e

meia sob a chuva forte, cada uma delas apertando na mão o

precioso cartão que, uma semana antes do Natal, daria à nata da

boa sociedade acesso às liquidações mais seletas. *Happy few*,

quantidade limitada, ocasião que não se pode perder, preços

reduzidíssimos. Uma pequena amostra antes das verdadeiras

liquidações de janeiro. Para aumentar o apetite, fazê-las salivar,

passar as festas de Natal imaginando o que comprar no próximo

round.

E não é para qualquer uma, pensou Iris observando-as

enfileiradas na rua. São mulheres de industriais, de banqueiros, de

políticos, de jornalistas, de diretores de relações públicas, modelos, uma atriz! Todas tensas, à espera, fincadas em seu pedacinho de calçada para que ninguém roube seu lugar na ordem de entrada. Parecia uma procissão fervorosa para a comunhão: a voracidade brilhava em seus olhos. A avidez, o medo de perder, a angústia de passar direto pelo artigo que poderia mudar sua vida! Iris conhecia a diretora da Givenchy e subiu diretamente para o andar da liquidação, sem precisar esperar, lançando um olhar de piedade para aquelas pobres ovelhas amontoadas na chuva.

O telefone tocou, mas ela não atendeu. Fazer as liquidações exigia uma concentração extrema. Seu olhar examinou com raio laser as prateleiras, os cabides e os cestos colocados no chão. Acho que já dei a volta, pensou mordendo o interior das bochechas. Só falta pescar algumas bugigangas para os presentes de Natal e fim de papo.

De passagem pegou um par de brincos, pulseiras, óculos escuros, echarpes, uma travessa de madrepérola para o cabelo, uma bolsinha de veludo preto, um punhado de cintos, luvas —

181

Carmen é louca por luvas! — e se apresentou à caixa, despenteada, ofegante.

— Deviam ter um domador por aqui — disse rindo à vendedora. — Com um belo chicote! E trazer uns leões de vez em quando para abrir espaço...

A vendedora sorriu educadamente. Iris jogou sua pescaria

milagrosa no balcão, tirou o cartão de crédito, com o qual se abanou, e ajeitou algumas mechas de cabelo.

— Meu Deus, que aventura! Pensei que fosse morrer.

— Oito mil quatrocentos e quarenta euros — disse a vendedora, começando a dobrar e colocar os artigos em grandes sacolas de papel branco com o logotipo de Givenchy.

Iris estendeu o cartão.

O telefone tocou novamente; Iris hesitou, mas deixou tocar.

Contou o número de sacolas que precisava carregar e sentiu-se exausta. Felizmente, tinha reservado um táxi para o dia inteiro, que esperava por ela em fila dupla. Vou colocar as sacolas no bagageiro e depois tomar um café na brasserie de Alma, para me recuperar de tantas emoções.

Virando a cabeça, viu Caroline Vibert, que estava acabando de pagar: a dra. Caroline Vibert, que trabalhava com Philippe.

Como é que ela conseguiu um ingresso? Era o que Iris se perguntava ao mesmo tempo em que enviava o seu mais belo sorriso.

Trocaram suspiros de combatentes exauridas e exibiram cada uma as suas sacolas gigantes como consolo. Depois trocaram sinais em linguagem muda: vamos tomar um café?

Encontraram-se em seguida no café Francis, protegidas da turba furiosa.

— Esse tipo de expedição está ficando perigoso. Da próxima vez, vou trazer um segurança para abrir caminho com uma

Kalachnikov!

— Pois teve uma que me arranhou — exclamou Caroline. —

Enfiou o fecho da pulseira na minha pele, olhe só...

Tirou a luva, e Iris, confusa, viu um largo e profundo arranhão no dorso da mão, onde algumas gotas de sangue ainda secavam.

182

— Essas mulheres são loucas! Ficam se matando por um pedacinho de pano! — suspirou Iris.

— No meu caso, matando as outras! E tudo isso para quê?

Nossos armários estão cheios! Não sabemos mais o que fazer com tanta coisa!

— E cada vez que temos que sair, reclamamos que não temos nada para vestir — continuou Iris, caindo na risada.

— Felizmente, nem todas as mulheres são como nós. Ah!

Conheci Joséphine nesse verão. Difícil adivinhar que são irmãs! Não é uma coisa que salte aos olhos.

— Ah... é? Na piscina de Courbevoie? — brincou Iris, que fez sinal para o garçom pedindo mais um café.

O garçom se aproximou e Iris virou para ele.

— Quer alguma coisa? — perguntou ela a Caroline Vibert.

— Um suco de laranja.

— Ah... boa ideia. Dois sucos de laranja, por favor... Preciso de vitaminas depois de uma expedição dessas. Voltando aos fatos, o que estava fazendo na piscina de Courbevoie?

— Nada. Nunca pus os pés lá.

— Disse que encontrou com minha irmã nesse verão?

— Sim... no escritório. Ela fez um trabalho para nós... Não sabia?

Iris fingiu que lembrava e bateu na testa.

— Claro, sim... Que bobagem...

— Philippe empregou-a como tradutora. Ela se vira muito bem. Trabalhou para nós durante todo o verão. E na volta, apresentei-a a um editor que lhe deu a biografia de Audrey Hepburn para traduzir e depois elogiou seu texto aos quatro ventos.

Estilo elegante. Trabalho impecável. Entregue no prazo, sem nenhum erro de ortografia e tudo o mais! Além disso, não cobra caro. Nem pergunta com antecedência quanto vai receber, já viu uma coisa igual? Não discute, pega o cheque e só falta beijar seus pés antes de ir embora. Uma pequena formiga humilde e silenciosa.

Vocês foram criadas juntas ou ela foi educada num convento?

Posso muito bem imaginá-la nas carmelitas.

Caroline Vibert caiu na gargalhada e Iris teve uma vontade repentina de alfinetá-la.

183

— É verdade que um trabalho bem-feito, bondade e modéstia estão se tornando muito raros hoje em dia... Minha irmã é assim mesmo.

— Ah, não pretendia falar mal dela.

— Não, mas falou como se fosse uma retardada.

— Não queria ofender, foi só uma piada.

Iris mudou de rumo: não queria transformar Caroline Vibert, que tinha acabado de ser promovida à categoria de sócia, numa inimiga. Philippe falava dela com muita consideração. Quando tinha dúvidas sobre alguma questão, era Caroline que ele consultava. Ela estimula meus neurônios, dizia, com um sorriso cansado, tem um jeito de ouvir, parece que está tomando nota de tudo, balança a cabeça, classifica as informações com apenas duas perguntas e deixa tudo mais claro. E depois, ela me conhece tão bem... Será que Caroline Vibert sabia alguma coisa sobre Philippe? Iris ficou tensa e resolveu avançar seus peões com mais prudência.

— Não, não é nada... Não se preocupe! Adoro a minha irmã, mas tenho que reconhecer que às vezes ela parece completamente fora do tempo. Trabalha no CNRS, sabe como é: não é o mesmo mundo, de jeito algum.

— Vocês se encontram com frequência?

— Nas reuniões de família. Esse ano, vamos passar o Natal juntas no chalé, por exemplo.

— Vai fazer bem a seu marido. Ele anda muito tenso. Em alguns momentos, dá para ver que está completamente ausente. No outro dia, entrei na sala dele depois de bater várias vezes. Ele não ouviu, estava na janela olhando as árvores e...

— Está trabalhando demais...

— Uma semaninha em Megève vai deixá-lo em forma novamente. Não deixe que trabalhe. Confisque o computador e o

celular.

— Impossível — suspirou Iris. — Ele dorme com eles, até em cima deles.

— É só cansaço, porque no que diz respeito aos casos, ele continua muito vivo. É um animal de sangue-frio. Difícil adivinhar o que ele pensa de verdade, mas ao mesmo tempo é fiel e correto. E isso não é coisa que se possa dizer de todo mundo no escritório.

184

— Chegaram mais aves de rapina? — perguntou, pegando a rodela de laranja e rasgando.

— Um recém-chegado com os dentes em riste... Dr. Bleuet! E posso garantir que não tem nada a ver com esse nome de flor!

Passa o tempo inteiro colado em Philippe, bem visível, um mel, um doce, mas dá para ver que está afiando seu punhal pelas costas. Só quer saber dos casos importantes...

Iris cortou:

— E Philippe, gosta dele?

— Philippe diz que é eficiente, cultivado, hábil... gosta de conversar com ele. Resumindo, olha para ele com os olhos do amor: é normal no começo, mas posso garantir que eu, a barracuda, estou de olho nele, com meu arpão preparado.

Iris sorriu e acrescentou com uma voz muito suave:

— Casado?

— Não. Só uma moça que aparece às vezes para pegá-lo no fim do expediente... Mas pode ser sua irmã. Não sei dizer. E ele olha

do alto até para ela! De qualquer jeito, o que Philippe quer é trabalho. Exige resultados. Embora... tenha se humanizado ultimamente. Está menos duro... Outro dia, à tarde, em plena reunião, vi que estava sonhando acordado. Éramos uns dez na sala de reuniões, todos posicionados para a largada, falando pelos cotovelos, esperando que ele desse a partida e ele... estava longe. Tinha uma pasta aberta bem na sua frente, dez pessoas pendentes de suas palavras e o pensamento longe, com uma expressão séria, dolorosa. Tinha alguma coisa sofrida no olhar... Foi a primeira vez em vinte anos de colaboração que eu o vi assim. Foi muito estranho, só estava habituada ao guerreiro implacável.

— Pois eu nunca achei que ele fosse implacável...

— Normal... É seu marido e é louco por você. Tem adoração!

Quando fala de você, seus olhos brilham mais que a torre Eiffel. É fascinado por você, acho eu!

— Está exagerando!

Estava sendo sincera, a barracuda, ou só estava tentando disfarçar?, questionou Iris, examinando o rosto de Caroline, que bebericava seu suco de laranja. Não percebeu nenhuma dissimulação na atitude da advogada, relaxada depois da exaustiva prova de 200 metros com liquidação.

185

— Ele disse que você ia começar a escrever...

— Disse?

— Então é verdade, já começou?

— Não exatamente... tenho uma ideia e estou brincando com ela.

— Em qualquer caso, é evidente que ele vai encorajá-la. Não é o tipo de marido que fica com ciúmes do sucesso de sua carmetade. Não é como o dr. Isambert: a mulher dele começou um livro e, adivinhe, ele está cada dia mais irritado, só falta entrar com um processo para proibir que ela use SEU nome...

Iris não respondeu. Estava acontecendo o que temia: todo mundo falava do livro, todo mundo pensava no seu livro. Menos ela. Não tinha nenhuma ideia. Pior ainda: se sentia completamente incapaz! Podia se ver falando, fazendo de conta, tecendo comentários sobre a arte de escrever, a solidão do escritor, as palavras que escapam, o medo antes de começar, os brancos, as fossas, os personagens que aparecem no enredo sem ser convidados e exigem ser ouvidos... Mas colocar a mão na massa, sozinha, em seu escritório! Impossível. Inventou uma mentira numa noite qualquer, uma bravata para chamar atenção, e agora essa mentira estava se voltando contra ela.

— Bem que eu queria encontrar um marido como o seu — suspirou Caroline, que seguia o curso de seus pensamentos sem perceber a perturbação de Iris. — Devia ter botado a mão em cima dele antes de você.

— Continua solteira? — perguntou Iris, num esforço para se interessar pelo destino de Caroline Vibert.

— Mais que nunca! Mas a vida é uma eterna festa! Saio de

casa às oito da manhã, volto às dez da noite, engulo uma sopa de caixinha e hop!, na caminha com a TV ou com um livro que não faz minha cabeça... Evito romances policiais para não ter que esperar até as duas da manhã para saber o nome do assassino. Como pode ver, uma vida apaixonante! Sem marido, sem filhos, sem amante, sem animal de estimação, com uma velha mãe que nem me reconhece quando eu ligo! Da última vez, bateu o telefone na minha cara dizendo que nunca teve filhos. Ri de chorar...

Explodiu numa risada que não ria, um riso para maquiagem a solidão, o vazio de sua vida. Temos a mesma idade, pensou Iris, mas eu tenho marido e filho. Um marido que é sempre um mistério

186

e um filho que vai pelo mesmo caminho! O que precisava colocar na sua vida para que ficasse interessante? Deus meu! Um peixinho vermelho? Uma paixão? A Idade Média, como Jo... Por que não me disse nada das traduções? E por que Philippe também não falou?

Minha vida está se desfazendo, corroída por um ácido invisível, e só posso assistir, impotente, à sua lenta decomposição. E coloco a única energia que ainda me resta nas trincheiras das liquidações no primeiro andar da maison Givenchy. Sou uma galinha de luxo com um cérebro de galinha de granja, pois existem centenas de outras iguais a mim no mundo das privilegiadas.

Caroline parou de brincar com o canudo do suco de laranja.

— Fico me perguntando por que arrisco minha vida nessas liquidações, já que não saio nunca, ou melhor, só saio de roupa

caseira no domingo de manhã para comprar pão!

— Está errada. Devia usar Givenchy para comprar sua
baguete. Tem grandes chances de encontrar alguém no domingo de
manhã, quando todo mundo vai dar uma volta na padaria.

— Belo lugar de encontros! Famílias que compram
croissants, vovozinhas que hesitam entre um mil-folhas e um
amanteigado para não quebrar a dentadura e crianças obesas que
enchem os bolsos de doces. Não corro o menor risco de encontrar
Bill Gates ou Brad Pitt. Não, só o que me resta é a internet... Mas
não consigo me decidir. Minhas amigas navegam e dizem que
funciona de vez em quando... Elas já tiveram alguns encontros.

Caroline Vibert continuou a falar, mas Iris não ouvia mais.

Pensava nela com um misto de ternura e piedade. Encolhida na
cadeira, com olheiras, um traço de amargura na boca, Caroline
Vibert parecia uma pobre coitada gasta, arrasada, enquanto duas
horas antes era uma fera pronta a matar seu próximo para
conseguir um pequeno colete de seda creme de Givenchy. Jogo dos
sete erros, pensou Iris. Onde está a verdade? Dissimulada entre os
ramos de uma árvore, como no jogo que eu adorava quando era
pequena. O lobo mau está escondido no desenho e chapeuzinho
vermelho não sabe de nada: encontre o lobo e salve chapeuzinho!

Ela sempre encontrava o lobo mau.

— Oh, preciso parar com essa conversa — suspirou Caroline
—, estou ficando deprimida. Nunca penso nisso, normalmente, mas
me pergunto se não devo continuar arriscando a vida em Givenchy.

Isso pelo menos forja o caráter... Com a condição de dar um sumiço

na maluca do fecho!

187

As duas mulheres se beijaram e se separaram.

Iris voltou para o táxi pulando por cima das poças. Pensou

nas botas de crocodilo e felicitou-se por tê-las comprado.

Bem protegida dentro do carro, viu Caroline Vibert se colocar

na fila para pegar um táxi na place de l'Alma. Chovia, a fila de

espera era longa. Tinha colocado as sacolas por baixo do mantô

para protegê-las. Parecia uma daquelas coberturas que se coloca

nas chaleiras para mantê-las quentes. Iris pensou em oferecer

carona, chegou a debruçar na janela para chamá-la, mas seu

telefone tocou e ela atendeu.

— Oi, querido, o que houve? Por que está chorando,

Alexandre, meu amor... Conte para a mamãe...

Estava com frio, estava molhado. Estava esperando na frente

da escola há uma hora que ela viesse buscá-lo para irem ao

dentista.

— O que houve, Zoé? Fale com a mamãe... Sabe que a mãe

da gente compreende tudo, perdoa tudo, porque ama seus filhos

mesmo que sejam assassinos sanguinários... sabe disso, não?

Zoé, toda esticada dentro de suas calças xadrez, tinha

enfiado o indicador na narina e explorava o nariz com aplicação.

— Não se coloca o dedo no nariz, meu amor... Mesmo quando

se está muito triste.

Zoé tirou o dedo sem vontade, inspecionou e esfregou nas calças.

Joséphine olhou o relógio da cozinha. Eram quatro e meia.

Tinha marcado encontro com Shirley em meia hora para irem juntas ao cabeleireiro. Eu pago, tinha dito Shirley, ganhei uma boa grana. Vou transformar você numa vamp. Joséphine arregalou uns olhos de marciana ameaçada por uma chapinha. Vou ficar sexy? Vai me transformar numa loura platinada? Não, nada disso, um corte e algumas mechas só para iluminar. Jo continuava apreensiva. Não está querendo me mudar demais, está? Claro que não, vai ficar linda como uma flor e depois a gente festeja o Natal antes que você saia para comemorar com os ricos! Só tinha meia hora para ouvir Zoé. Precisava aproveitar: Hortense não estava.

— Posso ser o seu bebê? — perguntou Zoé, escalando os joelhos da mãe.

188

Jo ajudou a filha. As mesmas bochechas rechonchudas, os mesmos cachos emaranhados, a mesma barriguinha redonda, o mesmo jeito atrapalhado, o mesmo frescor inquieto. Joséphine se reconhecia tal como era nas velhas fotos de família. Uma menininha enrolada no casaco de lã, com a barriga para a frente, olhando a objetiva com um ar desconfiado. “Meu amor, minha menininha que eu adoro”, murmurou, apertando-a. “Sabe que mamãe está aqui, não? Sempre e sempre!” Zoé balançou a cabeça e abraçou-a. Deve estar chateada, pensou Jo. O Natal está chegando e Antoine está

longe. E ela não tem coragem de me dizer. As meninas nunca falam do pai. Não mostravam as cartas que ele enviava uma vez por semana. Às vezes, ele ligava, à noite. Era sempre Hortense quem atendia, falava e depois passava o fone para Zoé, que balbuciava uma sequência de sins e nãos. Tinham criado uma separação muito nítida entre o pai e a mãe. Jo começou a ninar Zoé, cantarolando palavras doces.

— Oh, meu bebê cresceu! Não é mais um bebê! É uma linda menina com uns cabelos lindos, um narizinho lindo, uma boquinha linda...

A cada palavra, tocava os cabelos, o nariz, a boca e depois continuou sua trovinha no mesmo tom cantante:

— Uma bela menininha pela qual logo, logo, todos os meninos vão se apaixonar loucamente. Todos os meninos do mundo vão querer colocar sua escada na torre do castelo onde mora Zoé para ganhar um beijo...

A essas palavras, ela caiu no choro, soluçando. Joséphine se debruçou e murmurou em seu ouvido:

— O que houve, meu bebê... Conte para a mamãe por que está tão triste assim.

— Não é verdade, é mentira sua, não sou uma linda menininha e nenhum menino quer colocar a escada para ganhar um beijo meu!

Ah, é isso!, pensou Jo. A primeira dor de amor. Eu também tinha 10 anos. Empastava os cílios com geleia de groselha para que

crescessem. Mas ele preferiu beijar Iris.

— Para começar, meu amor, não pode dizer “é mentira sua” para a sua mãe...

Zoé balançou a cabeça.

189

— E depois, não estou mentindo, como disse, você é mesmo uma linda menininha.

— Não! Porque Max Barthillet não colocou meu nome na lista dele.

— Mas que lista é essa?

— A lista que Max Barthillet fez. Ele é grande e sabe. Fez uma lista junto com Rémy Potiron e eu não estou! Ele botou Hortense, mas eu não.

— Uma lista de quê, queridinha?

— Uma lista de meninas vaginalmente exploráveis e eu não faço parte.

Jo quase deixou Zoé cair de seus joelhos. Era a primeira vez que uma de suas filhas era associada a uma vagina. Seus lábios começaram a tremer e ela passou a língua nos dentes para tentar acalmá-los.

— Sabe pelo menos o que isso quer dizer?

— Quer dizer que são meninas com quem se pode trepar! Ele me disse...

— Quer dizer que além de tudo ele também explicou?

— É, disse que não era para ficar chateada porque um dia eu

também vou ter uma vagina explorável... mas não agora...

Zoé estava mascando a ponta da manga de seu moletom, com ar de sofredora.

— Antes de mais nada, querida — começou Joséphine, se perguntando como responder àquela afronta —, um menino não pode classificar as meninas segundo a qualidade de suas vaginas.

Um menino sensível não trata uma menina como se fosse uma mercadoria...

— Mas Max é meu amigo...

— Então tem que dizer a ele que está muito orgulhosa de não estar nessa lista.

— Mesmo que seja mentira?

— Como assim, mentira?

— Bem, é que... na verdade eu queria muito estar na lista.

190

— É mesmo? Pois bem... vai dizer então que não é gentil classificar as meninas desse jeito, que um homem e uma mulher não falam de vaginas, mas de desejo...

— E o que é desejo, mamãe?

— É quando a gente está apaixonada por alguém e tem muita vontade de beijar esse alguém, mas tem que esperar, esperar, e toda essa espera... é o desejo. Acontece quando a gente ainda não beijou, quando sonha com isso ao dormir, quando imagina e quando treme ao imaginar. E é tão bom, Zoé, esse tempo em que a gente fica pensando talvez, talvez eu consiga beijá-lo, mas ainda

não é certo...

— Mas então é triste.

— Não. A gente espera e essa espera preenche o coração... e no dia em que o beijo acontece... Ah, nesse dia é como uma explosão de fogos de artifício no seu coração, na sua cabeça, dá vontade de cantar, de dançar e a gente se apaixona.

— Então eu já estou apaixonada?

— Ainda é muito pequena, precisa esperar.

Jo procurou uma imagem para mostrar a Zoé que Max não era o namorado certo para ela.

— É como — explicou —, como se você falasse com Max sobre o peru dele. Como se dissesse quero beijar você, mas primeiro quero ver seu peru.

— Ele já perguntou se eu queria ver seu peru! Isso quer dizer que ele também está apaixonado?

Joséphine sentiu o coração bater a mil por hora. Fique calma, não demonstre sua aflição, não se irrite nem perca a cabeça com esse Max.

— E... ele mostrou?

— Não, porque eu não quis...

— E quem está certa é você! Viu só, a mais novinha é quem tem razão! Porque mesmo sem saber, você não queria ver o peru dele, queria ternura, atenção, queria que ele ficasse a seu lado e que esperassem juntos até a hora de fazer alguma coisa...

— É, mamãe, mas ele mostrou para as outras meninas e

depois disse que vivo grudada nele e que sou um bebezinho.

191

— Zoé, precisa compreender uma coisa. Max Barthillet tem 14 anos, quase 15. Ele tem a idade de Hortense, devia ser amigo dela e não seu! Acho que deve procurar um outro amigo...

— Mas é ele que eu quero, mamãe!

— É, eu sei, mas vocês definitivamente não estão no mesmo comprimento de onda. Precisa se afastar para ele sentir falta. Seja como a Princesa Misteriosa. Isso sempre funciona com os meninos. Vai levar um tempo, mas um dia ele vai voltar e vai ser delicado. Essa é a sua missão: ensinar Max Barthillet a ser um verdadeiro namorado.

Zoé pensou um instante, deixou a manga do moletom cair e acrescentou, desencantada:

— Isso quer dizer que vou ficar sozinha.

— Ou que vai fazer novos amigos.

Ela suspirou, se endireitou e desceu dos joelhos da mãe, alisando a calça xadrez sobre a pernas.

— Quer vir ao cabeleireiro comigo e Shirley? Ele pode fazer uns lindos cachos como você gosta...

— Não, não gosto de cabeleireiro, ele puxa o cabelo.

— Está bem. Então espere aqui e faça seus deveres. Posso confiar em você?

Zoé fez um ar sério. Joséphine olhou-a bem nos olhos e sorriu.

— Está melhor, meu amoreco?

Zoé pegou a manga do moletom e recomeçou a mascar a ponta.

— Sabe, mamãe, depois que papai foi embora a vida não tem muita graça não...

— Eu sei, querida.

— Acha que ele vai voltar?

— Não sei, Zoé. Enquanto espera, você vai fazer muitos amigos agora que Max não vai estar o tempo todo a seu lado. Com certeza tem um monte de meninos e meninas que querem ser seus amigos, mas acham que Max já ocupou todo o espaço.

— A vida não é dura só por isso — suspirou Zoé. — É dura por tudo.

192

— Vamos, deixe disso — disse Jo rindo. — Pense no Natal, nos presentes que vai ganhar, na neve, no esqui... Não é divertido?

— Preferia descer de minitrenó.

— Pois nós duas vamos descer de minitrenó, combinado?

— A gente não pode levar Max Barthillet? Ele gosta de esqui e a mãe dele não tem dinheiro para...

— Não, Zoé! — gritou Joséphine, à beira de um ataque de nervos. Acalmou-se em seguida e continuou: — Não vamos levar Max Barthillet a Megève! Somos convidados de Iris, não podemos levar mais gente dentro das malas.

— Mas é Max Barthillet!

Joséphine foi salva de ter um ataque por dois toques de campainha seguidos. Reconheceu a mão enérgica de Shirley e, abaixando-se para beijar Zoé, recomendou que fizesse sua revisão de história enquanto esperava pela irmã mais velha, que não ia demorar.

— Façam seus deveres e, à noite, vamos festejar o Natal com Shirley e Gary.

— Vou ganhar meus presentes antes?

— Vai receber seus presentes antes...

Zoé se afastou saltitando em direção ao quarto. Joséphine ficou olhando e pensou que corria o risco de ser superada pelas duas filhas.

Superada pela vida, em geral.

Voltar aos tempos de *Erec e Enide*. Ao amor segundo Chrétien de Troyes.

O amor cortês e seus mistérios, os toques fugidios, os suspiros, as dores encantadas, os beijos roubados e a alta concepção do outro, cujo coração cada cavaleiro ostenta na ponta de sua lança. Fui feita para viver naquela época. Não é por acaso que me apaixonei por esses séculos. Princesa Misteriosa! É inútil dizer essas coisas à minha filha, logo eu, que não consegui ter sucesso.

Suspirou, pegou a bolsa, as chaves e bateu a porta.

Só quando já estava no cabeleireiro, a cabeça coberta de papelotes de alumínio, que Joséphine retomou o fio de seus

pensamentos e desabafou com Shirley, que estava fazendo uma descoloração platinada em seu corte joãozinho.

— Estou com cara de doida, não? — perguntou Jo, olhando no espelho a cabeça salpicada de nós prateados.

— Nunca tinha feito *balayage*?

— Nunca.

— Se for a primeira vez, tem de fazer um pedido.

Joséphine olhou para a cabeça de palhaço no espelho e murmurou:

— Desejo que minhas filhas não sofram demais na vida.

— É Hortense? Foi agressiva de novo?

— Não, é Zoé... dor de amor por causa de Max Barthillet.

— As dores de amor dos filhos são o que há de pior. A gente sofre tanto quanto eles, mas é completamente impotente. Da primeira vez que aconteceu com Gary, pensei que fosse morrer. Tive vontade de estripar aquela menina.

Joséphine contou a história da “lista de vaginas exploráveis” e Shirley caiu na gargalhada.

— Não acho graça nenhuma, acho preocupante.

— Deixa de ser preocupante no momento em que ela veio falar com você: desabafou e isso é formidável, significa que confia em você. *She trusts you!* Alegre-se por ser uma mãe amada em vez de reclamar dos costumes de hoje. Hoje em dia é assim e em toda parte. Em todos os meios, em todos os bairros... Portanto, aguente

sua angústia com paciência e faça exatamente o que já está

fazendo: seja uma presença carinhosa. Nós temos sorte,

trabalhamos em casa. Estamos presentes para ouvir os menores

problemas e retificar o tiro se for o caso.

— Não fica chocada?

— Fico chocada com tanta coisa que perco o fôlego! Foi

justamente por isso que resolvi ver as coisas positivamente, para

não enlouquecer.

— Está tudo de cabeça para baixo, Shirley, quando meninos

de 15 anos classificam as meninas segundo o acesso às suas

vaginas.

194

— Acalme-se. Aposto que o mesmo Max Barhillet vai se

transformar numa flor quando ficar realmente apaixonado.

Enquanto isso, brinca de cacique e se faz de importante! Mantenha

Zoé longe dele por um tempo e vai ver: voltarão a ser amigos sem

nenhum problema.

— Não quero que ele acabe agredindo Zoé!

— Não vai fazer nada. E se fizer alguma coisa, não será com

ela. Aposto qualquer coisa que está fazendo isso para

impressionar... Hortense! Todos eles têm fantasias com a sua

pestinha. E o primeiro da fila é o meu filho! Ele acha que não vejo,

mas come Hortense com os olhos!

— Quando eu era pequena, era a mesma coisa com Iris.

Todos os meninos eram loucos por ela.

— E viu no que deu...

— Bem... Ela acabou dando certo, não?

— É. Fez um ótimo casamento... se é isso que você chama de dar certo. Mas sem o dinheiro do marido, ela não é nada!

— Está sendo muito dura com ela!

— Não! Apenas lúcida... E você devia ficar um pouco mais esperta também.

A entonação agressiva de Iris, no outro dia, na piscina, voltou à memória de Jo. E na outra noite, no telefone... quando Jo tentou lhe dar algumas ideias para o livro... posso ajudar, Iris, posso encontrar histórias, documentos, só vai precisar escrever! Olhe só, sabe como eram chamados os “impostos” naquela época? E como não obtive resposta, concluiu: “banalidades”, eram chamados de “banalidades”! Não acha engraçado? E então... Então... Iris, sua irmã, sua irmã querida, respondeu... Você é um saco, Jo, um saco! É muito...! E desligou. Muito o quê? — ficou se perguntando Jo, incomodada. Tinha percebido uma maldade real naquele “você é um saco, Jo”. Mas não ia dizer nada a Shirley, não queria lhe dar razão. Iris devia estar chateada para reagir daquela maneira. É isso, estava infeliz... foi o que pensou na hora, ouvindo o toque de ocupado, no vazio.

— Ela é carinhosa com as meninas.

— E deve lhe custar muito!

— Você não gosta mesmo dela, não sei por quê.

— E a sua Hortense... se não puxar o freio, ela vai acabar

igual à tia. Ser “mulher de fulano” não é profissão! No dia em que

Philippe abandonar Iris, ela não vai ter onde se agarrar.

— Ele nunca vai abandoná-la, é louco por ela.

— Como é que pode ter certeza?

Jo não respondeu. Depois que começou a trabalhar com

Philippe, aprendeu a conhecê-lo. Quando ia a seu escritório, avenue

Victor-Hugo, ela dava uma olhadinha para sua sala, se a porta

estivesse aberta. Certa vez, ela o fez rir... tem que apertar algum

controle remoto para você levantar a cabeça desse dossiê? E ele fez

sinal para que entrasse.

— Vamos tirar em 15 minutos — declarou Denise, a

colorista, levantando os papéletes prateados com a ponta do pente.

— Está pegando bem, vai ficar maravilhoso! E você — disse olhando

para Shirley — vai lavar em dez minutos.

Afastou-se rebolando as cadeiras em seu jaleco rosa.

— Diga... — interrogou Jo, seguindo o rebolado de Denise com os olhos — a Mylène não trabalhava aqui?

— É, uma vez ela fez minhas unhas. Muito bem, aliás. Tem notícias de Antoine?

— Não, nenhuma. Mas as meninas têm...

— É o mais importante. Antoine é um cara legal. Meio fraco, meio mole: mais um que não acabou de crescer.

Ao ouvir o nome de Antoine, Jo sentiu o estômago se contrair. Uma massa negra caiu em cima dela e fechou sua garganta: a dívida! Mil e quinhentos euros por mês! O sr. Faugeron... O Crédit Commercial! Contando a prestação de janeiro, não sobraria mais nada dos 8.012 euros. Tinha gasto seus últimos tostões comprando presentes para Gary e para Shirley. No ponto em que estava, alguns euros a mais ou a menos... e depois, a carinha de Gary quando abrisse o pacote!

Afundou na poltrona, desarrumando os papelotes.

— Aconteceu alguma coisa?

— Tudo bem, tudo bem...

— Está branca feito um lençol... Quer uma revista?

— Quero... obrigada!

196

Shirley lhe passou a *Elle*. Jo abriu, mas não conseguiu ler.

Mil e quinhentos euros. Mil e quinhentos euros. Vieram buscar

Shirley para lavar o cabelo.

— Em cinco minutos, é a sua vez — disse a mocinha.

Joséphine fez que sim e se forçou a ler: nunca lia a *Elle*.

Costumava olhar as capas nas bancas ou no metrô, por cima dos ombros dos vizinhos, decifrando a metade de uma dica, o começo de um horóscopo, espiando a foto de uma atriz de quem gostava. Às vezes pegava alguma, esquecida num banco qualquer, e levava para casa.

Abriu a revista, folheou e deu um grito.

— Shirley, Shirley, olhe!

Levantou e foi até o lavatório sacudindo a revista.

A cabeça caída para trás, os olhos fechados, Shirley declarou:

— Não está vendo que não posso ler?

— Só olhe a foto! Essa publicidade de perfume.

Joséphine sentou na cadeira ao lado de Shirley e colocou a página debaixo do seu nariz.

— Sim, e daí? — disse Shirley fazendo careta. — Caiu xampu nos meus olhos!

Joséphine agitou a revista, e Shirley torceu o pescoço na cuba.

— Olhe o homem nessa foto...

Shirley arregalou os olhos.

— Nada mal! Nada mal mesmo!

— Só isso?

— Já disse, nada mal... *You want me to fall on my knees?*

— É o cara da biblioteca, Shirley! O sujeito do *duffle-coat*! Ele é modelo. E a moça loura da foto é a mesma da faixa de pedestres.

Estavam fazendo uma foto quando os vi. Como é lindo! Nossa, como é lindo!

— É estranho: naquele dia, na faixa de pedestre, não me impressionou tanto...

— Você não gosta dos homens.

197

— *Sorry*: já gostei demais, é por isso que prefiro que fiquem a distância.

— Não importa: ele é bonito, está vivo e faz fotos de moda.

— E você vai desmaiar!

— Não, vou recortar a foto e colocar na minha carteira... Oh, Shirley, é um sinal!

— Um sinal de quê?

— Sinal de que ele vai reaparecer na minha vida.

— Não vai me dizer que acredita nessas bobagens?

Jo balançou a cabeça. Acredito e falo com as estrelas, pensou, sem se atrever a falar.

— Vamos, venha comigo, vamos enxaguar — interrompeu Denise. — Vai ser uma verdadeira transformação...

“E os cabelos de Isolda, a loura, por mais dourados e brilhantes que fossem, nada serão comparados aos meus...”, pensou Joséphine, acomodando-se no lavatório.

O grande ponteiro do relógio chegou nos trinta minutos depois das cinco. Iris se surpreendeu vigiando a porta com ansiedade. E se ele não viesse? E se resolvesse, no último minuto, que não valia a pena? No telefone, o diretor da agência pareceu muito gentil, preciso. “Sim, senhora, estou ouvindo...”

Ela explicou o que queria. Ele fez algumas perguntas e depois acrescentou: “Conhece nossos preços? Duzentos e quarenta euros por dia, durante a semana, o dobro no fim de semana. —

Não, não vou precisar do senhor no fim de semana. — Muito bem, senhora, então podemos marcar um primeiro encontro em uma semana, digamos... — Uma semana, tem certeza? — Toda,

senhora... Um encontro em algum bairro que não costume frequentar, de preferência que não frequente nunca, onde não corra o risco de encontrar algum conhecido. — Gobelins”, propôs Iris.

Soava misterioso, clandestino, suspeito até. “Gobelins, senhora?

Muito bem. Digamos às cinco e meia da tarde, na frente do café do mesmo nome, avenue des Gobelins na altura da rue Pirandello.

Poderá reconhecer nosso homem facilmente: vai estar com um chapéu Burberry de chuva, é adequado para a estação, ninguém vai reparar. Vai dizer ‘está um frio de rachar’ e a senhora responderá

‘nem me diga’. — Perfeito, respondeu Iris sem se perturbar, estarei

198

lá, até logo.” Como era simples! Hesitou tanto tempo antes de ligar e agora, pronto, estava feito! O encontro estava marcado.

Observou as pessoas sentadas a seu redor. Estudantes que

liam, uma ou duas mulheres sozinhas que pareciam à espera de alguém, elas também. Homens no bar, bebendo com os olhos perdidos no vazio. Ouviu o barulho da cafeteira, ordens soltas no ar, a voz de Philippe Bouvard contando uma piada no rádio: era a hora de *Grosses têtes*. “Conhece a história do marido que diz à mulher: Querida, por que nunca me fala quando goza?, e a mulher responde: E como poderia? Você nunca está lá!” O garçom atrás do balcão caiu na risada.

Às cinco e meia em ponto, um homem entrou no café usando o famoso chapéu de xadrez escocês. Bem-apeesoado, jovem, flexível, sorridente.

Percorreu rapidamente o horizonte e seus olhos logo pousaram em Iris, que inclinou a cabeça para assinalar que, sim, era ela. Ele fez cara de surpresa e se aproximou pronunciando a senha combinada à meia-voz:

— Está um frio de rachar...

— Nem me diga.

Estendeu a mão e fez sinal indicando que gostaria de sentar a seu lado se ela fizesse a gentileza de tirar a bolsa e o mantô da cadeira.

— Não é prudente deixar sua bolsa ao alcance de qualquer um numa cadeira...

Ela se perguntou se era outra frase de código, pois ele usou o mesmo tom empregado para a senha sobre o clima.

— Oh! Não tem nada muito valioso no interior...

— É, mas a própria bolsa já é valiosa — observou ele,

pousando os olhos na marca Vuitton.

Iris fez um gesto com a mão, indicando que não tinha problema, que não era importante para ela, e o homem retraiu levemente o queixo num gesto que mostrava sua desaprovação.

— Nunca é demais pedir que seja prudente. Ser roubada é sempre uma experiência dolorosa: não tente o diabo!

199

Iris escutava sem ouvir. Pigarreou para mostrar que era hora de passar às coisas sérias e, como ele não parecia ter entendido, olhou ostensivamente para o relógio várias vezes.

— Vejo que está impaciente senhora, portanto, vou começar... — Fez um sinal ao garçom e pediu uma Orangina fresca, mas sem gelo. — Não gosto de gelo. Faz muito mal ao fígado beber gelado demais...

Iris esfregou as mãos sob a mesa, seu coração batia desabalado. Ainda dá tempo de ir embora, ir embora imediatamente...

Ele pigarreou e começou a falar:

— Bem, conforme a senhora pediu, fui encarregado de seguir seu marido, sr. Philippe Dupin. Comecei a segui-lo na quinta-feira, 11 de dezembro, às oito e dez da manhã, diante de seu domicílio, e continuei, ajudado por dois colegas, sem interrupções, até ontem à noite, 20 de dezembro, dez e meia da noite, hora em que ele voltou para casa.

— Perfeitamente — respondeu Iris com uma voz neutra.

O garçom colocou a Orangina na frente deles e pediu que pagassem, pois seu turno estava chegando ao fim. Iris pagou e fez um sinal dizendo que podia ficar com o troco.

— Seu marido tem uma vida muito organizada. Não parece se esconder. Segui-lo foi muito tranquilo. Pude identificar a maioria de seus encontros, exceto um, com um interlocutor que me trouxe dificuldades...

— Ah! — fez Iris, sentindo o coração disparar.

— Um homem com quem ele se encontrou duas vezes, com três dias de intervalo, num café do aeroporto de Roissy. Uma vez de manhã, às 11 e meia, a outra no começo da tarde, às três horas.

Cada encontro durou mais ou menos um hora... Um homem de cerca de 30 anos, com uma maleta preta, um homem com o qual ele parecia estar tendo uma conversa séria. O homem mostrou fotos, documentos escritos, recortes de jornais. Nos dois encontros, seu marido balançava a cabeça, deixando o outro falar um bom momento, antes de fazer várias perguntas enquanto o homem ouvia e tomava notas...

— Tomava notas? — repetiu Iris.

200

— Exatamente. Pensei então que era um encontro de negócios... Mas dei um jeito, não gostaria de dizer como, de conseguir uma fotocópia de sua agenda e não há nenhum sinal desse encontro. Ele não anotou no caderninho, não falou a respeito

com a secretária nem com sua colaboradora mais próxima, a dra.

Vibert...

— Como é que sabe tudo isso? — perguntou Iris, espantada com essa intromissão na vida do marido.

— É a minha profissão, senhora. Em suma, e sem revelar os truques de nossa cozinha, sei que não foram encontros de negócios...

— Tem alguma foto do homem em questão?

— Tenho — disse ele, tirando um maço delas de dentro de um porta-documentos.

Espalhou-as sob os olhos de Iris, que se inclinou, o coração disparado. O homem tinha realmente cerca de 30 anos, cabelos castanhos cortados curtos, lábios finos e óculos de aro de tartaruga. Um homem igual a tantos outros. Fez um esforço de memória, mas teve que reconhecer que nunca o tinha visto antes.

— Seu marido lhe entregou uma soma em dinheiro e eles se separaram com um aperto de mão. À parte esses dois encontros, seu marido parece ter uma vida organizada exclusivamente ao redor de seus negócios. Nenhum encontro a sós, nenhuma conversa furtiva, nenhuma estadia em hotel... Quer que continue a segui-lo?

— Gostaria de saber quem é esse homem — disse Iris.

— Segui o desconhecido depois desses dois encontros. Da primeira vez, ele tomou o avião para Basileia, da outra, para Londres. Isso foi tudo que consegui descobrir. Poderia conseguir mais, mas precisaria de uma investigação mais aprofundada, mais

longa... Teria de viajar para o exterior. E isso significa mais

despesas, com certeza...

— Ele veio a Paris especialmente... para encontrar meu marido — pensou Iris em voz alta.

— Exatamente. E é nisso que reside o mistério.

— Mas ao mesmo tempo, o Natal já está chegando. Meu marido vai conosco para alguns dias de férias e...

201

— Não quero pressioná-la, senhora. Seguir alguém é uma coisa cara. Talvez seja melhor pensar um pouco e ligar de novo se quiser continuar.

— Perfeitamente — respondeu Iris, preocupada. — De fato, creio que é melhor assim.

No entanto, havia uma pergunta que ela não tinha coragem de fazer e que queimava seus lábios. Hesitou. Tomou um gole d'água.

— Gostaria de perguntar — começou gaguejando. — Gostaria de saber se... percebeu entre eles algum gesto...

— Algum gesto físico, que deixasse entrever uma intimidade entre os dois?

— Sim — engoliu Iris em seco, envergonhada por exibir suas dúvidas diante de um desconhecido.

— Não, nenhum... mas uma certa cumplicidade. Eles se falaram de uma maneira que parecia direta, precisa. Cada um parecia saber exatamente o que esperar do outro.

— Sabe por que meu marido lhe deu dinheiro?

— Não tenho a menor ideia, senhora. Precisaria de mais tempo para saber.

Iris ergueu os olhos para o relógio do café. Seis e quinze. Não saberia mais nada. Um grande desânimo a invadiu. Estava ao mesmo tempo decepcionada e aliviada por não ter descoberto nada.

Sentia que havia um perigo se organizando em torno dela.

— Creio que preciso pensar um pouco — murmurou.

— Claro, claro. Continuo à sua inteira disposição. Se quiser prosseguir, basta telefonar para a agência e recomeçarei a investigar seu caso.

Ele acabou sua bebida, estalou várias vezes a língua como se estivesse saboreando um bom vinho, fez um ar satisfeito e acrescentou:

— Esperando notícias suas, aproveito para lhe desejar boas-festas e...

— Muito obrigada — interrompeu Iris, sem olhar para ele. —

Muito obrigada...

Estendeu a mão, distraída, e depois ficou olhando o homem se afastar.

202

Na véspera, Philippe tinha voltado a dormir com ela, dizendo simplesmente: “Acho que Alexandre está preocupado, não é bom para ele nos ver dormindo separados.”

O silêncio pode ser sinal de uma grande alegria que não

encontra palavras para se expressar. Mas às vezes é uma maneira de exprimir desprezo. Foi o que Iris sentiu na noite anterior. O desprezo de Philippe. Pela primeira vez na vida.

Ficou olhando o chapéu xadrez dobrar a esquina da rua e concluiu que precisava absolutamente reconquistar a estima de seu marido.

Eram seis e meia quando Joséphine e Shirley saíram do cabeleireiro. Shirley agarrou Jo pelo braço e obrigou-a a se olhar na vitrine de uma loja Conforama, iluminada por um grande neon vermelho que desenhava as letras da marca de móveis.

— Está querendo que compre uma cama ou um armário? — perguntou Jo.

— Quero que veja como está linda!

Joséphine olhou sua imagem refletida na vitrine e teve que reconhecer que não estava nada mal. A cabeleireira tinha feito um corte em camadas compondo um halo luminoso que a rejuvenescia. Pensou imediatamente no homem do *duffle-coat* e imaginou que, talvez, se voltasse à biblioteca, ele a convidasse para tomar um café.

— É verdade... você teve uma ótima ideia. Nunca vou ao cabeleireiro. É dinheiro jogado fora...

Arrependeu-se imediatamente de ter pronunciado essas palavras, pois o espectro da falta de dinheiro agarrou sua garganta e a fez estremecer.

— E eu, como estou? — perguntou Shirley, dando uma pirueta e batendo com as mão em suas mechas louríssimas.

Tinha levantado a gola do longo mantô e girava com os braços suspensos, a cabeça jogada para trás, como uma bailarina graciosa e frágil.

— Ah! Acho que você é sempre linda. Uma perdição para todos os santos do calendário — respondeu Jo para tirar o fantasma da falência de sua cabeça.

Shirley riu e começou a cantar uma velha música do Queen, dando saltos no meio da rua. “*We are the champions!, my friend, we are the champions of the world... We are the champions, we are the*

203

champions!” Dançava nas ruas desertas, bordejada por compridos edifícios cinzentos e frios. Saltava sobre as longas pernas várias vezes, mexia as cadeiras, fazia de conta que estava tocando uma guitarra elétrica e cantava sua alegria por ter embelezado Joséphine.

— De agora em diante, pago o cabeleireiro para você todo mês.

Uma rajada de vento gelado interrompeu seu número musical. Deu o braço a Jo para se aquecer e caminharam um pouco sem dizer nada. Tinha escurecido e os raros passantes que cruzavam avançavam às cegas, a cabeça baixa, apressados para chegar em casa.

— Ainda não será essa noite que vai verificar se está agradando — murmurou Shirley. — Estão todos olhando para os próprios pés.

— Acha que ele vai olhar para mim, o homem do *duffle-coat*?

— perguntou Jo.

— Se não notar você, é porque tem alguma merda nos olhos.

A resposta foi tão categórica que Joséphine se encheu de felicidade. Será que fiquei bonita?, perguntou-se, procurando uma vitrine para se admirar.

Apertou o braço da amiga contra ela. E como estava se sentindo bonita pela primeira vez na vida, ganhou coragem.

— Shirley... posso lhe fazer uma pergunta? É meio pessoal.

Se não quiser, não precisa responder...

— Vamos lá.

— É indiscreto, vou logo avisando... não queria que ficasse chateada.

— Oh! Joséphine, *come on*...

— Bem, então lá vou eu... Por que não tem um homem em sua vida?

Assim que fez a pergunta, Joséphine se arrependeu. Shirley retirou o braço num movimento seco e fechou a cara. Saltou de lado e avançou a passos largos, se distanciando rapidamente de Jo.

Joséphine foi obrigada a correr para alcançá-la.

— Sinto muito Shirley, sinto muito... não devia, mas tente entender, você é tão bonita e está sempre sozinha e...

204

— Há muito tempo que temo que me faça essa pergunta.

— Não precisa responder, como eu disse.

— E não vou mesmo! Certo?

— Certíssimo.

Uma nova rajada de vento pegou-as pela frente e elas se curvaram num mesmo impulso, agarrando-se uma à outra.

— É sinistro — resmungou Shirley. — Parece que estamos no dia do Juízo Final.

Joséphine se obrigou a rir para afastar o mal-estar entre as duas.

— Tem razão. Poderiam colocar mais postes de luz, não?

Devia escrever para a prefeitura...

Dizia qualquer coisa, tentando mudar o humor da amiga.

— Outra pergunta, então... Mais inofensiva.

Shirley resmungou alguma coisa que Joséphine não entendeu.

— Por que corta sempre os cabelos tão curtos?

— Também não vou responder.

— Ah... Mas essa não foi uma pergunta indiscreta.

— Não, mas tem uma relação direta com a primeira.

— Ai, sinto muito... Vou parar de falar.

— Se for para fazer mais perguntas como essa, é melhor mesmo!

Continuaram caminhando em silêncio. Joséphine mordida a língua. É sempre assim: a gente se sente muito bem, ganha coragem e acaba falando besteira. Devia ter ficado calada!

Perdida em seus pensamentos, não viu que Shirley tinha

parado e bateu contra ela.

— Quer que lhe diga uma coisa, Jo? Só uma... *I give you a hint...*

Jo balançou a cabeça, agradecida porque Shirley não estava mais chateada.

— Os cabelos longos e louros dão azar... Isso é tudo que posso dizer, vire-se...

205

E retomou sua marcha solitária.

Joséphine foi atrás, deixando-a alguns metros à frente. Os cabelos longos e louros dão azar... Deram azar a Shirley? Imaginou-a adolescente, com longos cabelos louros: todos os meninos da cidade a espionavam, a cercavam, a seguiam. Seus longos cabelos louros flutuavam ao vento como uma bandeira que estimulava os desejos, os apetites. Foi então que resolveu cortá-los.

De repente, sem que pudessem ver de onde vinham, três rapazes surgiram, saltaram em cima delas e roubaram suas bolsas.

Jo levou um soco violento e gritou, levando a mão ao nariz: achou que estava sangrando. Shirley explodiu numa enxurrada de palavrões em inglês e correu atrás deles. Hipnotizada, Jo viu Shirley aplicar uma tremenda surra nos rapazes. Sozinha contra três.

Numa saraivada de golpes com os braços, chutes e socos, jogou-os no chão e caiu em cima deles com uma violência inesperada. Um dos três tirou uma faca, mas Shirley conseguiu jogá-la longe com a ponta do pé.

— Estão satisfeitos ou ainda querem mais? — ameaçou, se abaixando para pegar as bolsas.

Os três rapazes apalpavam as costelas, rolando no chão.

— Arrancou meu dente, filha da puta — berrou o mais saidinho.

— Só um? — respondeu Shirley, dando mais um chute em sua boca.

Ele deu um grito e se encolheu segurando os joelhos para se proteger. Os outros dois levantaram e trataram de dar no pé desabaladamente. O que ficou para trás gemia no chão. Tentou se levantar nos cotovelos. “Desgraçada, raça de filha da puta!”, gaguejou ao constatar que estava cuspiendo sangue. Shirley se abaixou, agarrou a gola de seu casaco, obrigou-o a ficar de quatro e depenou o moleque completamente. Tirou suas roupas uma a uma, como quem despe uma criança, até deixá-lo de cueca e meias, encolhido no meio da esplanada. Para terminar, arrancou a placa de metal pendurada em seu pescoço e ordenou que olhasse para ela.

— E agora, seu babaquinha, ouça muito bem... Por que nos atacou? Por que somos duas mulheres sozinhas, não foi?

— Não senhora... Não foi ideia minha, foi meu amigo que...

206

— Cagão, covarde, devia ter vergonha!

— Devolva minha placa, moça, por favor...

— Você por acaso ia devolver as nossas bolsas? Responda!

Bateu com a cabeça dele no chão e ele gritou, contorcendo-se, nu e branco contra o chão escuro, e prometendo que não ia fazer mais, que nunca mais tocaria numa mulher sozinha.

Mantendo seu corpo pressionado contra o chão, Shirley esticou o braço até um bueiro e deixou a plaquinha de metal cair.

Deu para ouvir o barulho surdo do metal batendo no fundo. O moleque xingou e Shirley aplicou outro golpe em sua nuca, dessa vez com o cotovelo. Dobrado em dois de dor, ele resolveu parar de resistir e se estendeu no chão.

— O que acabei de fazer com você é mais ou menos o que fez conosco há pouco. Sua placa já era... Suma daqui e pense nisso.

Entendeu, seu merda?

O menino, sempre com o braço levantado para se proteger, levantou cambaleando e tentou pegar suas roupas, mas Shirley balançou a cabeça.

— Nada disso, vai embora assim como está... de cueca e meia. Vamos, seu babaca!

Ele saiu correndo sem dizer nada e Shirley esperou que desaparecesse. Fez uma bola com as roupas e jogou numa caçamba de entulho. Depois se ajeitou, botou as calças no lugar, arrumou o mantô e soltou um último palavrão em inglês.

Chocada com o espetáculo de violência a que tinha acabado de assistir, Joséphine olhava para ela. Estava completamente sem fôlego. Deu uma olhadela muda para Shirley, que sacudiu os ombros, e comentou:

— Isso também faz parte do motivo pelo qual não tenho

namorado... Segunda pista!

Aproximou-se de Jo, examinou o nariz que sangrava, tirou um Kleenex do bolso e fez um tampão. Joséphine fez uma careta de dor.

— Tudo bem... Não está quebrado. Foi só o choque! Mas amanhã vai estar tudo roxo. Melhor dizer que bateu na porta de vidro do salão. Não diga nada às crianças essa noite, certo?

207

Joséphine fez que sim. Gostaria de perguntar a Shirley onde tinha aprendido a lutar, mas não ousava fazer mais nenhuma pergunta.

Shirley abriu sua bolsa e verificou se não faltava nada.

— Tiraram alguma coisa da sua?

— Não...

— Vamos!

Pegou-a pelo braço e obrigou-a a caminhar. Os joelhos de Joséphine tremiam e ela parou tentando recuperar o controle.

— É normal — comentou Shirley. — É sua primeira briga.

Depois, você se acostuma... acha que consegue enfrentar as crianças sem dizer nada?

— Gostaria de beber alguma coisa forte. Minha cabeça está rodando!

Na entrada de casa, encontraram Max Barthillet sentado nos degraus ao lado do elevador.

— Não tenho chave e minha mãe ainda não chegou...

— Escreva um bilhete para ela dizendo que está esperando na minha casa — resolveu Shirley, num tom tão autoritário que o menino obedeceu. — Tem lápis e papel?

Ele fez que sim com a cabeça, indicando a mochila. E subiu os dois andares a pé para deixar o bilhete na porta de casa.

Jo e Shirley pegaram o elevador.

— Não tenho presente para ele! — disse Jo, examinando o nariz no espelho do elevador. — Ai, estou um monstro!

— Quando é que você vai dizer merda, como todo mundo, Joséphine? Vou separar um dinheiro e botar num envelope para ele, é disso que os Barthillet mais precisam nesse momento.

Virou o rosto de Jo para ela e inspecionou o nariz longamente.

— Vamos colocar um pouco de gelo... E lembre-se: bateu na porta de vidro do salão. Não vá deixar furo! É Natal, não vamos estragar a festa e deixar todo mundo preocupado!

Joséphine foi pegar as meninas e os presentes que tinha escondido na prateleira mais alta do armário. Elas riram da falta de jeito da mãe e do nariz inchado. Quando tocaram a campainha do

208

apartamento de Shirley, ouviram cantigas de Natal em inglês e ela abriu a porta com um grande sorriso. Jo quase não reconheceu a megera que botou três delinquentes para correr.

Hortense e Zoé deram gritos de alegria quando abriram seus

presentes. Gary descobriu o ipod dado por Jo e deu um salto de satisfação. “Yes, Jo!”, rugiu, “mamãe não queria me dar! Você é demais...! Mais que demais!” E se pendurou em seu pescoço, esmagando seu nariz. Zoé olhava sem acreditar para os filmes Disney e alisava o DVD. Hortense não cabia em si: a mãe tinha comprado o último modelo da Apple, não uma coisa de liquidação!

E Max Barthillet contemplava a nota de cem euros que Shirley tinha enfiado num envelope junto com um bilheteinho.

— Porra! — agradeceu ele com um sorriso maravilhado. —

Você é o máximo, Shirley, pensou em mim! É por isso que minha mãe não está... Sabia que você ia fazer uma festa, mas não disse nada para não estragar a surpresa.

Joséphine virou para Shirley para fazer um sinal de concordância. E estendeu seu presente para a amiga: uma edição inglesa original de *Alice no país das maravilhas*, que tinha encontrado no Mercado das Pulgas. E Shirley lhe deu um lindo suéter de gola rulê de caxemira preta.

— Para arrasar em Megève!

Jo apertou-a nos braços. Abandonando-se ao abraço, Shirley se fez leve e suave. “Somos um time da pesada, nós duas”, murmurou Shirley. Jo não soube responder e apertou mais forte.

Gary tinha pegado o computador de Hortense e a ensinava como usá-lo. Max e Zoé estavam concentrados nos filmes de Walt Disney.

— Ainda vê desenho animado? — perguntou Jo a Max.

Ele levantou para ela o olhar encantado de um menino e Jo ficou com os olhos úmidos. Preciso tomar cuidado para não acabar me esvaindo em lágrimas, pensou. A festa que ela tanto temia por causa da ausência de Antoine se desenrolava de um jeito que não ousou sequer imaginar. Shirley comprou e enfeitou um pinheiro e decorou a mesa com ramos de azevinho, flocos de neve de algodão hidrófilo e estrelas de papel dourado. Longas velas vermelhas queimavam em castiçais de madeira, dando um ar de sonho à cena.

209

Abriram o champanhe, devoraram o peru com castanhas, um bolo de Natal de chocolate e café, segundo uma receita secreta de Shirley, e depois do jantar empurraram a mesa e dançaram.

Gary conduzia Hortense num ritmo lento e langoroso e as duas mães observavam a dança bebericando seu champanhe.

— São tão bonitinhos — disse Jo, meio de pileque. — Viu?

Hortense não se fez de difícil. Acho até que estão apertadinhos demais!

— Porque sabe que ele pode ajudá-la a instalar o computador.

Joséphine deu uma cotovelada em suas costelas, e Shirley deu um grito de surpresa.

— Não toque na mulher karatê ou pode ter problemas!

— E você, pare de ver maldade em tudo!

Joséphine gostaria de parar o tempo, se apossar daquele

momento de felicidade e engarrafá-lo. A felicidade, começou a devanear, é feita de pequenas coisas. A gente espera que ela chegue em letras maiúsculas, mas ela vem de mansinho e pode passar debaixo do nosso nariz sem que a gente perceba. Naquela noite, resolveu agarrá-la e não soltar mais. Pela janela, viu as estrelas no céu e ergueu sua taça num brinde a elas.

Mas chegou a hora de ir para casa dormir.

Estavam no hall quando a sra. Barthillet apareceu para pegar Max. Tinha os olhos vermelhos e disse que um cisco tinha caído em seu olho na saída do metrô. Max mostrou sua nota de cem euros e a sra. Bartillet agradeceu a Shirley e Jo por terem cuidado do filho.

Foi difícil colocar as meninas para dormir. Elas pulavam na cama e gritavam de alegria com a ida para Megève no dia seguinte.

Zoé verificou dez vezes se a mala estava bem-feita e se não tinha esquecido nada. Finalmente, Jo conseguiu pegá-la, enfiar o pijama e colocá-la na cama. “Estou tonta, mamãe, completamente tonta!”

Tinha bebido champanhe demais.

No banheiro, Hortense limpava o rosto com um leite de limpeza comprado por Iris. Passava e repassava o algodão na pele e examinava as impurezas retiradas. De repente, virou e perguntou:

— Mamãe... Esses presentes... foi você quem pagou? Com o seu dinheiro?

— Mas então... então agora a gente está rica?

Joséphine caiu na risada e foi sentar na borda da banheira.

— Arranjei um novo trabalho: estou fazendo traduções. Mas silêncio! É segredo, não pode contar a ninguém... Se contar, acaba!

Promete?

Hortense levantou a mão repetindo: prometo.

— Recebi 8 mil euros pela tradução de uma biografia de Audrey Hepburn e, se tudo der certo, vou fazer muitas outras...

— E vamos ficar cheias de dinheiro?

— Cheias de dinheiro...

— E vou poder ter um celular? — perguntou Hortense.

— Talvez — disse Joséphine, contente de ver os olhos da filha brilhando de felicidade.

— E vamos nos mudar?

— Não gosta mesmo de morar aqui, não é?

— Ora, mamãe.. é tão suburbano! Como quer que faça boas relações morando aqui?

— Temos amigos. Olhe a noite maravilhosa que tivemos ontem. Isso vale mais que todo o ouro do mundo!

Hortense fez uma careta.

— Pois eu gostaria de morar em Paris, num bairro bonito...

Sabia que ter boas relações é tão importante quanto os estudos que fazemos?

Estava linda, fresca e esguia dentro do pijama de alcinha e calça cor-de-rosa. Todo o seu rosto emanava seriedade e

determinação. E Jo se ouviu dizendo:

— Prometo, querida, que quando ganhar dinheiro suficiente nós vamos morar em Paris.

Hortense largou o algodão e se pendurou no pescoço de sua mãe.

— Mamãe, minha mãezinha querida! Adoro quando você está assim! Quando é forte! Decidida! E acabei não dizendo: o novo corte e a *balayage* ficaram ótimos! Está linda! Linda como um sol...

211

— Então você me ama, pelo menos um pouquinho? — perguntou Joséphine, tentando ser leve e não implorar.

— Ora, mamãe, amo você loucamente quando é uma vencedora! Não suporto quando vira aquela coisinha triste e apagada. Isso me deprime... pior ainda, me dá medo. Fico pensando que não vamos conseguir...

— Como assim?

— Que no primeiro aperto de verdade, você não vai segurar a barra, e fico com medo.

— Vou lhe prometer uma coisa, minha querida: nós vamos sair dessa. Vou trabalhar feito uma louca, ganhar um monte de dinheiro e nunca mais você vai ter medo!

Joséphine apertou o corpo quente e macio de sua filha nos braços e pensou consigo mesma que um momento de intimidade e amor com Hortense era o melhor presente de Natal do mundo.

Na manhã seguinte, na plataforma F da gare de Lyon, onde

estacionava o trem 6745 Paris-Lyon-Annecy-Sallanches, Zoé estava com dor de cabeça, Hortense bocejava e Joséphine exibia um nariz roxo, verde e amarelo. Paradas na plataforma com as passagens na mão, esperavam por Iris e Alexandre.

Esperavam, as mãos na alça das malas com medo de serem roubadas, empurradas de vez em quando pelos passageiros mais apressados. Esperavam vigiando o grande ponteiro do relógio que caminhava inexoravelmente para a hora da partida.

O trem sairia em dez minutos. Joséphine virava a cabeça em todos os sentidos esperando captar a imagem de sua irmã com o pequeno Alexandre correndo para elas. Mas não foi essa imagem tranquilizadora que saltou aos seus olhos, mas uma outra, que a imobilizou numa atitude de cão de caça.

Virou a cabeça rezando para que as filhas não vissem o que tinha acabado de ver: no mesmo cais que elas, Chefe beijava Josiane, sua secretária, na boca, ajudando-a em seguida a subir no trem com mil recomendações, barulhos de beijos e palavras doces. Que ridículo, pensou Joséphine, parece que ele está carregando os santos sacramentos! Fez uma última ida e volta com a cabeça para verificar se não estava enganada e, mais uma vez, surpreendeu o padraço escalando os degraus do trem atrás da opulenta Josiane.

212

Ordenou a debandada geral, empurrando as meninas para o vagão 33, estacionado no início da plataforma.

— Não vamos esperar Iris e Alexandre? — perguntou Zoé

resmungando. — Estou com dor de cabeça, mamãe, bebi

champanhe demais.

— Vamos esperar lá dentro. Os lugares são marcados e eles vão nos encontrar. Vamos, rápido — comandou Jo com voz firme.

— E Philippe, não vem? — quis saber Hortense.

— Vai chegar amanhã, precisa trabalhar.

Arrastando as malas decifrando os números dos vagões que iam ultrapassando, elas se afastaram do lugar fatal onde Chefe abraçava Josiane.

Jo se virou uma última vez e, finalmente, viu Iris e Alexandre ao longe, correndo a toda.

Instalaram-se em seus lugares no momento em que o trem partia. Hortense tirou o anoraque, dobrou cuidadosamente e colocou no lugar reservado aos mantôs. Zoé e Alexandre começaram a trocar histórias sobre a noite anterior através de mímica, o que irritou Iris, que os repreendeu asperamente.

— Vão acabar retardados, juro! Nossa, o que aconteceu com você? Está desfigurada! Está fazendo judô? Já passou da idade, sabia?

Quando o trem partiu, ela chamou Jo e disse:

— Venha, vamos tomar um café.

— Agora, já? — resistiu Jo, com medo de topar com Josiane e Chefe no vagão-restaurante.

— Preciso absolutamente falar com você. E o mais rápido possível!

— Mas podemos conversar sentadas aqui mesmo.

— Não — ordenou Iris entredentes. — Não quero que as crianças ouçam.

Foi então que Joséphine se lembrou que Chefe e sua mãe iam passar o Natal em Paris e, portanto, ele não tinha embarcado no trem. Resignou-se a seguir Iris. Ia perder a sua parte preferida: quando o trem atravessava os subúrbios, mergulhando como uma flecha de aço numa paisagem de pavilhões e pequenas estações e ganhando cada vez mais velocidade. Ela tentava ler os nomes das

213

estações: no começo, conseguia, mas depois perdia uma letra em duas, sua cabeça começava a girar e finalmente não lia mais nada.

Então, fechava os olhos e se deixava levar: a viagem podia começar.

Sentadas lado a lado no barzinho do vagão-restaurante, Iris mexia e remexia seu café com a colherzinha de plástico.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Jo, surpresa por vê-la tão sombria e nervosa.

— Estou na merda, Jo, na maior das merdas!

Jo não disse nada, mas pensou que ela não era a única.

Também vou estar na pior em 15 dias. A partir de 15 de janeiro, para ser mais exata.

— E só você pode me salvar!

— Eu? — articulou Joséphine, espantada.

— É... você. Ouça o que vou lhe dizer e não me interrompa.

Já é difícil de explicar, ainda mais se você interromper...

Joséphine fez que sim com a cabeça. Iris bebeu um gole de café e, pousando seus grandes olhos azul-violeta na irmã, começou:

— Lembra daquela noite em que blefei, dizendo que estava escrevendo um livro?

Muda, Joséphine balançou a cabeça. Os olhos de Iris sempre tiveram aquele efeito sobre ela: estava hipnotizada. Gostaria de pedir que olhasse para o lado, que parasse de encará-la daquela maneira, mas Iris mergulhava seu olhar profundo, quase negro de intensidade, nos olhos de sua irmã. Seus longos cílios acrescentavam um toque cinza ou dourado segundo a luz que captavam ao se abaixar ou se abrir.

— Lá vai: vou escrever!

Joséphine sobressaltou-se, perplexa.

— Mas essa é uma boa notícia...

— Não me corte, Jo, não me corte! Acredite, preciso de todas as minhas forças para dizer o que tenho a dizer, não é nada fácil.

Respirou profundamente, soltou o ar com irritação, como se estivesse queimando seus pulmões, e continuou:

— Vou escrever um romance histórico que se passa no século XII, exatamente como disse que faria naquela noite... Telefonei para o editor ontem. Ele ficou encantado... Para impressioná-lo, contei

214

algumas daquelas histórias que você me soprou graciosamente:

Rollon, Guilherme, o Conquistador, sua mãe lavadeira, as

“banalidades”, patati, patatá, fiz uma espécie de salada russa com

tudo isso e ele caiu como um patinho! E quando é que pode me entregar?, perguntou ele... Respondi que ainda não sabia, que, aliás, não sabia nada de nada. Então ele me prometeu um gordo adiantamento se eu entregasse umas vinte páginas prontas o mais rápido possível. Para ver como escrevo e se tenho fôlego... Porque para esse tipo de tema, disse ele, é preciso ciência e fôlego!

Joséphine ouvia e concordava em silêncio.

— O único problema, Jo, é que não tenho nem ciência, nem fôlego. É aí que você entra.

— Eu? — disse Jo, colocando o dedo no peito.

— É... você.

— Não vejo como, sem querer ofender...

— É aí que você entra porque nós duas vamos fazer um contrato secreto. Lembra... dos juramentos de sangue que fazíamos quando éramos pequenas?

Joséphine fez que sim com a cabeça. E depois, você fazia o que queria de mim. E eu ficava aterrorizada à simples ideia de quebrar o juramento e morrer na mesma hora!

— Um contrato que não diremos a ninguém. Entendeu?

Ninguém. Um contrato que serve aos interesses de todas as duas.

Você precisa de dinheiro... Não diga que não. Precisa de dinheiro...

E eu preciso de respeitabilidade e de uma nova imagem... não posso dizer por quê, ia ser muito complicado e nem tenho certeza de que entenderia. Não ia compreender a urgência em que me encontro.

— Posso tentar, se você explicar — propôs Joséphine

timidamente.

— Não! E também não tenho vontade de explicar. Eis o que vamos fazer, é muito simples: você escreve e você recebe o dinheiro; eu assino e cuido da divulgação na televisão, no rádio, nos jornais...

Você produz a matéria-prima, eu garanto o serviço de vendas.

Porque hoje em dia, não basta escrever um livro, é preciso vendê-lo

também! Aparecer, fazer com que falem de você, ter os cabelos

limpos e brilhantes, estar bem maquiada, ter um jeito, um ar que

ainda não sei qual vai ser... e ser fotografada fazendo compras,

mostrando o banheiro de casa, de mãos dadas com o marido ou

215

namorado, embaixo da torre Eiffel, lá sei eu! Um monte de coisas

que não têm nada a ver com o livro, mas garantem o seu sucesso...

E eu sou muito boa nisso, enquanto você é uma nulidade! Assim

como eu sou uma nulidade para escrever e você é excelente! As

duas juntas, reunindo o melhor de cada uma, vamos arrasar!

Repito: para mim não é questão de dinheiro, todo o dinheiro vai

para você!

— Mas é estelionato! — protestou Joséphine.

Iris olhou para ela assoviando de irritação. Os cílios bateram

exasperados, varrendo Joséphine de cima a baixo, e as

sobrancelhas se levantaram, irritadas. Em seguida, voltou a

mergulhar os olhos enormes no fundo do olhar da irmã, como uma

ave de rapina.

— Eu sabia. Como é que pode ser estelionato se todo o

dinheiro vai para você? Não vou ficar com um centavo para mim.

Vou lhe dar tudo. Está ouvindo, Jo? Tudo! Não estou enganando você, vou lhe dar a coisa que você mais precisa nesse momento: dinheiro. E em troca, só peço uma pequena mentira... nem mesmo uma mentira, um segredo.

Joséphine fez uma careta de desconfiança.

— Não estou pedindo para fazer isso a vida inteira. Só peço que faça *uma* vez e pronto, pode esquecer. Depois cada uma retoma o seu lugar e continua a sua vidinha tranquilamente. Só que...

Joséphine a interrogou com os olhos.

— Só que nesse meio-tempo você terá ganhado dinheiro e eu terei resolvido o meu problema...

— Mas afinal, qual é o seu problema?

— Não tenho vontade de falar. Precisa confiar em mim.

— Como quando a gente era pequena...

— Exatamente.

Joséphine ficou olhando a paisagem que desfilava e não respondeu.

— Por favor, Jo, faça isso por mim! O que você tem a perder?

— Não é nesses termos que costumo pensar...

— Ora, pare com isso! Não venha me dizer que é

transparente como água de fonte e que não me esconde nada!

Soube que trabalhou para o escritório de Philippe às escondidas,

sem me dizer nada. Acha isso certo? Manter segredinhos com meu

marido!

Joséphine enrubesceu e gaguejou:

— Philippe pediu que não dissesse nada, e como precisava do dinheiro...

— Pois bem, é a mesma coisa comigo: só estou pedindo que não diga nada e terá o dinheiro de que precisa...

— Não estava orgulhosa de esconder isso.

— É, mas mesmo assim escondeu! Escondeu, Joséphine.

Então pode fazer isso por Philippe, mas não por mim? Sua própria irmã?

Joséphine começou a fraquejar e Iris percebeu. Fez uma voz doce, quase suplicante, e inundou seus olhos, que não deixavam a irmã, de uma ternura muda.

— Ouça, Jo! Além do mais, vai estar me fazendo um favor.

Um favor imenso! A mim, sua irmã... Sempre apoiei você, sempre cuidei de você, nunca a deixei em falta ou na miséria. A rã e a aranha... lembra? Desde que a gente era pequena... Sou sua única família. Não tem mais ninguém! Não tem mãe desde que pararam de se falar... e olhe que ela está REALMENTE furiosa com você, não tem pai, não tem marido... Só tem a mim.

Joséphine estremeceu e cruzou os braços no peito, abraçando-se. Sozinha e abandonada. Na euforia do primeiro cheque, pensou que as propostas iam se suceder, mas tinha de reconhecer que nada disso tinha acontecido. O homem que a cumprimentou pelo excelente trabalho não voltou a ligar. E no dia

15 de janeiro, vou ter de pagar outra parcela. E em 15 de fevereiro também e 15 de março, 15 de abril, 15 de maio, 15 de junho e 15 de julho... As cifras faziam sua cabeça girar. A sombra negra da desgraça iminente caiu sobre ela e uma prensa apertou seu peito. Perdeu o fôlego.

— Além disso — continuou Iris ao constatar que o olhar de Joséphine se toldava de angústia —, não estou falando de um dinheirinho qualquer! Falo de pelo menos 50 mil euros, por baixo! Joséphine deu um grito de surpresa.

— Cinquenta mil euros!

— Vinte e cinco mil euros assim que entregar as vinte primeiras páginas e um detalhamento da história...

217

— Cinquenta mil euros! — repetiu Joséphine, que não podia acreditar em seus ouvidos. — Ele é louco, esse editor!

— Não, não tem nada de louco. Ele pensa. Faz as contas, calcula. O custo total de um livro é 8 mil euros: com 15 mil exemplares, ele cobre esses custos, inclusive os gastos de fabricação e o adiantamento. Pois bem, ele me disse, e preste bem atenção, Jo, ele disse que, com minhas relações, meu porte, meus grandes olhos azuis, minha capacidade de ter sempre uma resposta na ponta da língua, vou encantar a mídia e o livro vai surfar nas ondas do sucesso! Foi ele quem disse isso: palavra por palavra.

— Sim, mas... — protestou Jo, cada vez mais debilmente.

— Você escreve... Conhece o assunto de cor, pode jogar com

os fatos históricos, os detalhes da época, o vocabulário, os personagens... Vai se regalar! Vai ser uma brincadeira de criança para você. E em seis meses, ouça bem, Jo, em seis meses você embolsa 50 mil euros! E adeus às preocupações! Pode voltar a seus velhos pergaminhos, seus poemas de François Villon e suas línguas arcaicas.

— Está misturando tudo! — explodiu Joséphine.

— Estou pouco me lixando para misturar tudo! Só vou precisar defender o que você tiver escrito! Fazemos isso uma única vez e não se fala mais nisso...

Joséphine sentiu um arrepio de prazer no meio do plexo solar. Cinquenta mil euros! Dá para pagar... Fez um cálculo rápido... pelo menos trinta prestações! Trinta meses de antecedência! Trinta meses em que poderia dormir à noite, contar histórias durante o dia, gostava tanto de contar histórias para as meninas quando eram pequenas... sempre achava um modo de incluir Rollon e Artur e Henrique e Leonor e Enide! Fazê-los girar no turbilhão dos bailes, dos torneios, das batalhas, dos castelos, dos complôs...

— Só uma vez, tem certeza?

— Uma única vez! Que a aranha me arranhe...

Quando o trem entrou na gare de Lyon, Lyon-Perrache, três minutos de parada, Joséphine suspirou um sim, mas só uma vez...

ouviu bem, Iris, você jura?

Iris jurou. Só uma vez. Cruz de madeira, cruz de ferro, se

mentir eu vou pro inferno...

218



Terceira parte

219

E agora ela precisava escrever!

Não podia mais recuar. Logo que ouviu o sim, na gare de

Lyon, Lyon-Perrache, três minutos de parada, Iris murmurou:

“Obrigada, maninha, está me tirando de um beco sem saída, não

faz ideia! Minha vida é um desastre, um imenso desastre, mas é

tarde demais, não posso mais dar meia-volta. Posso salvar os

restos, acomodá-los de maneira mais ou menos agradável, mas

tenho de me conformar com essa ideia, só dá mesmo para arrumar

melhor os restos! Não é glorioso, tenho de concordar, mas é o que

é.”

Iris lhe deu um beijo, mas depois se controlou, afogando a

irmã em seus olhos azuis, sombreados de nuvens negras, “está

ficando bonita, Joséphine, cada vez mais bonita, as mechas louras ficaram ótimas. Está apaixonada? Não? Não vai demorar. Posso prever beleza, talento e fortuna para você”, acrescentou estalando os dedos como se desafiasse a sorte. “É a sua vez. Recebi muita coisa de nascença, mais do que você, é verdade, mas espremi a vida como um limão e só me restou um velho bagaço ao qual tento dar algum gosto. Esperei que um dia pudesse dirigir, escrever. Lembra, Jo? Há muito tempo, eu tinha talento... Todos diziam, ‘Iris tem um dom, é uma artista, ela vai longe, vai fazer sucesso em Hollywood!’ . Hollywood!” Deu uma risadinha amarga. “Acabei em Bécon-les-Bruyères! E tive de me render às evidências: talvez tenha mesmo um dom, mas sou impotente. Entre a ideia e a realização há um fosso que não consigo transpor, fico paralisada na beira, olhando o vazio. Tenho vontade de escrever, um desejo intenso, ideias para histórias pipocam na minha cabeça, mas, quando me debruço sobre as palavras, elas fogem correndo, com suas patinhas pegajosas, como baratas infames! Mas você... você sabe como capturá-las, alinhá-las em belas frases sem permitir que escapem. Conta tão bem as suas histórias... Lembro das cartas que me enviava quando estava na colônia de férias. Eu lia para minhas amigas, que batizaram você de Madame de Sévigné!”

Comovida pela inesperada renúncia de Iris, excitada com suas previsões, Joséphine se sentiu importante. Importante, mas não podia deixar de acrescentar, ameaçada também. O tom gradiloquente de Iris era estimulante, mas, ao mesmo tempo, fazia

soar o alarme: seria suficientemente forte para desempenhar seu

220

papel de ghost-writer esperta? Sabia como escrever uma tese, conferências, textos acadêmicos, gostava de contar histórias, mas havia uma grande diferença entre as epopeias que desenvolvia na cabeceira das filhas e o romance histórico que Iris tinha prometido ao editor. “Para a infraestrutura, não se preocupe”, tinha dito Iris, tirando-a de seu estupor, “vou comprar um computador para você e mandar instalar a internet”. Jo protestou: “Não, nada disso, não me dê nada antes que eu passe os primeiros testes”, mas Iris insistiu e, mais uma vez, Jo abaixou a cabeça.

E agora, tinha que partir para a ação.

Olhou para o computador, um lindo laptop branco que esperava por ela de goela aberta sobre a mesa da cozinha, cheia de livros, faturas, canetas hidrocor, Bics, folhas de papel, migalhas do café da manhã. Seu olhar deslizou sobre o círculo amarelado deixado pelo bule de chá, a tampa do pote de geleia de damasco, um guardanapo enrolado como uma serpente branca... Precisava abrir espaço para poder escrever e deixar sua tese de habilitação de lado. Precisava de tanta coisa, tanta coisa, suspirou, repentinamente cansada diante da ideia de todo o esforço que teria de fazer. Como escolher o tema de um livro? Como criar os personagens? A história? As reviravoltas? Elas se originam nos acontecimentos exteriores ou na evolução dos personagens? Como começar um capítulo? Como organizá-lo? Devia reler seus trabalhos

e pesquisas para evocar as façanhas de Rollon, Guilherme, o Conquistador, Ricardo Coração de Leão, Henrique II, pedir ao espírito de Chrétien de Troyes que baixasse sobre ela? Ou se inspirar em Shirley, Hortense, Iris, Philippe, Antoine e Mylène, vesti-los com um elmo ou um *hennin* medieval, um par de polainas ou tamancos, instalá-los no campo ou no castelo? O cenário muda, as oscilações do coração perduram. O coração bate, idêntico, em Leonor, Scarlett ou Madonna. As pregas de um vestido, as cotas de malha de ferro se desfazem em poeira, mas os sentimentos permanecem. Por onde começar?, repetia Joséphine consigo mesma, observando a intensidade da luz daquele mês de janeiro baixar suavemente sobre a cozinha, iluminar com luz pálida a borda da pia e morrer no corredor. Existe algum livro de receitas para escrever? Quinhentos gramas de amor, 350 gramas de referências históricas, um quilo de suor... deixe cozinhar em fogo brando, em forno quente, mexa para evitar que grude ou forme caroços, deixe repousar três meses, seis meses, um ano. Stendhal, segundo dizem, escreveu *A Cartuxa de Parma* em três semanas,

221

Simenon finalizava seus romances em dez dias. Mas durante quanto tempo eles carregaram essas obras consigo e lhes deram alimento ao levantar de manhã, vestir as calças, beber seu café, recolher a correspondência, observar a luz da manhã se espalhando sobre a mesa do café da manhã ou contar os grãos de poeira num raio de sol? Deixar o tempo agir. Encontrar seu modo de usar.

Beber café como Balzac. Escrever em pé como Hemingway.

Encerrada como Colette, quando Willy a trancafiava. Fazer pesquisa como Zola. Usar ópio, um bom tinto, haxixe. Vociferar como Flaubert. Correr, divagar, dormir. Ou não dormir, como Proust. E eu? O tecido encerado da toalha da mesa da cozinha, o face a face com a pia, o bule de chá, o tique-taque do relógio, as migalhas do café da manhã e as prestações a pagar! Léautaud dizia: “Escreva como quem escreve uma carta, não releia; não aprecio a grande literatura, só gosto da conversação escrita.” A quem posso enviar uma carta? Não tenho nenhum amante me esperando no parque. Não tenho mais marido. Minha melhor amiga mora no mesmo andar que eu.

Escrever para um homem inventado... Um homem que me ouça. O computador continuava ali, de boca aberta. Iris tinha comprado no dia seguinte à chegada a Megève. Se colocar os dedos no teclado, ele pode morder. Deu um risinho nervoso e estremeceu. Comprou com o dinheiro das traduções?, tinha sussurrado Philippe nos cabelos de Jo, que ficou vermelha como um pimentão. Iris estava ocupada acendendo o fogo da lareira. “Estou encantado com minha nova colaboradora”, acrescentou ele se endireitando, “evitou uma mancada tremenda no contrato Massipov”. Estou me transformando na rainha da mentira e da dissimulação, pensou Jo. Traduzir contratos para Philippe ainda passa, mas se a editora de Audrey Hepburn oferecesse uma nova tradução, se seu orientador pedisse para ler sua tese, ela não daria conta do recado, ia acabar

precisando de um ghost-writer. Não pôde evitar uma risada. Iris virou: “O que Philippe falou de tão engraçado assim? Devia dividir conosco...” Joséphine gaguejou uma desculpa. Sentia-se cada vez mais à vontade com Philippe. Ainda não eram íntimos e provavelmente nunca seriam, pois a figura de Philippe não inspirava nem intimidade, nem confiança, mas se entendiam muito bem. Tem pessoas cujo olhar melhora a gente. É raro, mas quando se encontra alguém assim é melhor não deixar passar.

Havia no olhar que Philippe pousava sobre ela uma doçura estranha, uma ternura espantada. Em geral, pensou, quando

222

olham para mim é para pedir ou pegar alguma coisa. Mas Philippe, não, ele me dá alguma coisa. E sob um olhar amistoso. Será que um dia poderemos ser amigos?

O raio de sol tinha se apagado e o corredor não brilhava mais. A cozinha estava mergulhada na luz fria e triste do mês de janeiro. Joséphine suspirou, precisava organizar as coisas para instalar um local de trabalho. Logo ficaria sem espaço.

Foi quando empurrou a mesa da cozinha que encontrou o triângulo vermelho. Tinha caído atrás da torradeira. Debruçou-se, pegou a folha de papel entre os dedos, virou, revirou, fechou os olhos e viajou no tempo. Julho passado. Antoine vem buscar as meninas para levá-las de férias. Ela cruza os braços sob a moldura da porta. Morde os lábios para não mostrar sua emoção. Grita “boas férias, queridas, divirtam-se muito”. Pressiona os dedos com

força sobre os lábios para não chorar. Ouve seus passos correndo escadas abaixo. Num repente, dá meia-volta, corre até a varanda e se debruça. Vê um cotovelo vermelho para fora da janela do carro. O cotovelo vermelho de Mylène... e Antoine colocando as malas no bagageiro: ajeita uma, recoloca outra com a atenção de um bom pai de família que parte de férias. Um relâmpago cai na cabeça de Jo, que compreende numa fração de segundo que tudo terminou. Um homem arruma as malas num bagageiro, um cotovelo vermelho de fora, uma mulher que espia numa varanda. Um casal que se partiu e a mulher na varanda sente vontade de pular no vazio.

Joséphine rasgou o triângulo vermelho e jogou na lixeira.

É culpa minha também. Consegui entediá-lo de tanto amor.

Esvaziei meu coração no seu. Até a última gota. Matei sua sede.

Não existe apenas o amor, existe também a política do amor, como dizia Barbey d'Aurevilly.

Ergueu os olhos para o relógio e exclamou: sete horas!,

estava pensando há quatro horas. Quatro horas que voaram com a velocidade de dez minutos! As meninas iam voltar da escola. O horário de estudo acabava às seis e meia.

E ainda não tinha feito o jantar.

Tirou uma panela, encheu de água e colocou as batatas,

descasco em dois minutos quando estiverem cozidas, pegou uma alface na geladeira, lavou, pôs a mesa, parou para pensar, não entre em pânico, vai conseguir, um escritor não precisa ser inteligente, só precisa saber traduzir o que sente, encontrar as

palavras que vestem suas emoções, para quem eu gostaria de escrever uma carta? Seduzir ao escrever, seduzir um homem, não quero seduzir ninguém, esse é o meu problema, me acho feia, gorda, no entanto, perdi peso... Começou um vinagrete, óleo de girassol ou azeite de oliva, com o dinheiro do livro, só usaria o melhor azeite de oliva, extravirgem, primeira extração a frio, o mais caro, o que ganhou um monte de prêmios, o dinheiro não vai faltar mais, 50 mil euros, caramba, esses editores são doidos, será que emagreci mesmo ou não vi direito na balança, *Erec e Enide*, que linda história, que boa ideia começar um romance com um casamento e em seguida explorar a sobrevivência do desejo, exatamente o contrário do que fazem os contos de fadas, por que é preciso ser magra para agradar aos homens?, no século XII as mulheres eram umas pipas, tinham que ser gordas, minha heroína será sólida ou vou fazê-la frágil, em todo caso, será bela e reluzente de óleos perfumados, cuidadosamente depilada com tiras embebidas em resina, pois os pelos eram muito malvistos na época, e que nome vou lhe dar, não colocar mostarda demais no vinagrete, Hortense não gosta, incluirei crianças na história? Quando Antoine e eu casamos, queríamos quatro, mas paramos em duas e hoje me arrependo, pegar um empréstimo sem me dizer nada foi um pouco demais, devia ter falado comigo! E eu, a anta, assinei de olhos fechados, isso não vai lhe trazer sorte! E a outra, Mylène, aposto que está nadando no meu dinheiro, detesto essa mulher, queria que

perdesse os cabelos, os dentes, que virasse uma bruaca, que

perdesse... E como é que vou encontrar nomes e sobrenomes?

Leonor? Não... muito previsível... Emma, Adèle, Rose, Gertrude, Marie, Godelive, Cécile, Sibylle, Florence... E ele? Richard, Robert, Eunstache, Bandouis, Arnoud, Charles, Thierry, Philippe, Henri, Guibert... E por que ela teria só um namorado, afinal não precisa ser boba feito eu! Ou pode ser uma boba que deu certo...

involuntariamente! Seria engraçado, uma mocinha que almeja apenas uma felicidade simples e que é envolvida pelo sucesso, pela glória e pela fortuna, pois tudo o que toca vira ouro! Quando a história começa, ela quer se dedicar à vida religiosa, mas os pais não aceitam... ela precisa se casar. Com um homem rico e nobre, pois sua família pertence à baixa nobreza arruinada pelas guerras locais, que não consegue cultivar suas terras e perde a posse. Ela deve se casar com Guibert, o traidor de barba bifurcada, mas...

Uma gota-d'água fervente saltou da panela e queimou sua mão, ela deu um grito e um pulo. Espetou as batatas com a ponta da faca e verificou que já estavam cozidas.

224

— Mamãe, mamãe! Voltamos com a sra. Barthillet, está magra feito um espeto! Se eu ficar muito gorda, você faz o regime da sra. Barthillet para mim?

— Boa noite, mamãe — disse Hortense —, avisaram que não vai ter almoço amanhã, pode me dar cinco euros para comprar um sanduíche?

— Claro, querida, pegue a minha carteira... Está na bolsa —

acrescentou Jo, apontando a bolsa colocada em cima do aquecedor da cozinha. — E você, Zoé, não vai querer um sanduíche para o almoço?

— Vou almoçar na casa do Max. Ele me convidou. Tirei 13 sobre vinte na prova de história. E amanhã recebo a de francês, acho que a nota vai ser boa!

— Como é que sabe se ainda não recebeu?

— Ora, eu vi nos olhos da sra. Portal, ela me olhou com orgulho.

Joséphine contemplou a filha, tinha que incluir uma pequena Zoé na sua história; imaginou uma camponesa com belas faces rosadas guardando feno ou cozinhando sopa num caldeirão pendurado na lareira, em cima do fogo. Trocaria o nome para que ela não reconhecesse, mas guardaria o bom humor, a alegria de viver e as expressões. E Hortense? Hortense será uma princesa, muito linda, um pouco metida, que mora no castelo... seu pai partiu para as Cruzadas e...

— Ei, mãe, está viajando? Volte para a terra...

Hortense sustentava a bolsa de Joséphine no ar.

— Os cinco euros, esqueceu?

Pegou a carteira, abriu, tirou uma nota de cinco euros e estendeu para Hortense. Um recorte de revista caiu no chão. Ela abaixou para pegar. Era a foto do homem do *duffle-coat*. Acariciou a imagem. Agora já sabia para quem escreveria sua carta.

À noite, quando as meninas foram dormir, enrolou-se no edredom e foi para a varanda conversar com as estrelas. Pediu forças para começar o livro, pediu que lhe enviassem ideias e pediu também que a perdoassem: aceitar a armação de Iris não era correto, mas, do contrário, como faria para sobreviver? Hein? Vocês me deixaram alguma escolha? Olhava atentamente para o céu estrelado e particularmente para a última estrela no final da Ursa

225

Maior. Quando crianças, era a sua estrela. Seu pai uniu as duas: numa noite em que estava muito triste, ele disse: “Está vendo aquela estrelinha no final da caçarola? Ela é como você: se for retirada, a caçarola perde o equilíbrio, assim como sua ausência faria a família desmoronar, porque você é a alegria encarnada, o bom humor, a generosidade... e no entanto”, prosseguiu o pai, “ela tem um ar bem modesto, a estrelinha no final da constelação, mal dá para ver... Em cada família, encontram-se pessoas que parecem pequenos parafusos insignificantes, mas sem elas não há vida possível, não há amor, riso, festa, luz para iluminar os outros. Você e eu somos pequenos parafusos de amor...” Depois disso, cada vez que olhava para o céu estrelado, procurava a pequena estrela no cabo da caçarola. Ela não piscava nunca. Joséphine gostaria que piscasse de vez em quando, para pensar que seu pai estava fazendo um sinal para ela. Seria fácil demais, censurou-se, falar com as estrelas, fazer uma pergunta e obter uma resposta diretamente do céu! O que mais queria? Um comprovante de entrega?! Enfim,

retomou, obrigada por ter feito a foto do homem do *duffle-coat* cair da carteira, muito obrigada, porque esse homem realmente me agrada, gosto de pensar nele. Não tem importância se ele nem me vê. Vou inventar uma história para ele, uma linda história...

Ajeitou o edredom ao redor dos ombros, soprou nos dedos e, depois de um último olhar para o céu estrelado, foi se deitar.

— Está me escondendo alguma coisa!

Shirley tinha aberto a porta do apartamento de Joséphine e estava de pé na entrada da cozinha, as mãos nas cadeiras. Jo estava brincando com o computador há uma hora e meia, esperando a inspiração. Nada. Nem o menor estremecimento criativo. A foto do homem do *duffle-coat*, presa com durex ao lado do teclado, não adiantou nada. Podia até dizer que tinha fracassado completamente em seu papel de musa inspiradora. *Inspiração*, palavra do século XII originária do vocabulário cristão, que carrega consigo noções tão arrebatadoras quanto entusiasmo, furor, transporte, exaltação, elevação, gênio, sublime. Tinha acabado de ler um texto magnífico de um certo Maulpoix sobre a inspiração poética

1

e não podia deixar de constatar que estava miseravelmente desprovida de inspiração. Presa à terra, assistia impotente à inércia de seu pensamento. Era inútil xingar, suplicar, ordenar que

226

entrasse em ação, fazer soar um uníssino de abertura sinfônica

para que despertasse, se agitasse, se aquecesse, se liberasse, fornecesse imagens e palavras, colisões com outras imagens e outras palavras, para que fizesse brotar o Belo, o Bizarro, o Intrépido — a bela se fazia de difícil e, sentada em sua cadeira na cozinha, Joséphine tamborilava na mesa com os dedos impacientes. Nenhum voo lírico, nenhum pingo de ideia criativa. Achou que tinha encontrado uma durante a noite, mas, ao despertar, ela se evaporou. Esperar, esperar. Inclinar-se com humildade diante daquele acaso fulminante que é capaz de depositar a nossos pés aquilo que procuramos em vão durante horas. Já tinha acontecido com ela quando redigia sua tese: o choque de duas ideias, de duas palavras como se fossem duas pedras produzindo uma faísca. Ela realmente existia, essa vertigem! Bastava ler os poemas de Rimbaud ou de Eluard... Existia nos outros! As tentativas infrutíferas de sua irmã lhe vieram à mente e teve medo de que a mesma esterilidade caísse sobre ela. Adeus, tempos de vacas gordas e euros aos milhares! A leiteira corria o risco de derramar o pote de leite e ficar tão pobre quanto era antes! Tomou uma decisão brusca: resolveu vencer aquela vertigem paralisante e escrever qualquer coisa, trabalhar custasse o que custasse, cortejar a perseverança e ignorar a inspiração para ver se, despeitada, ela finalmente resolvia se render e oferecer sua primeira centelha. Ia colocar os dedos no teclado quando... Shirley abriu a porta e parou diante dela.

— Está fugindo de mim, Joséphine, fugindo...

— Não é uma boa hora, Shirley... Estou no meio de um

trabalho.

— Vai acabar me magoando, Joséphine. O que houve para você me evitar desse jeito? Sabe muito bem que podemos dizer absolutamente tudo uma à outra.

— Podemos dizer tudo, mas não somos obrigadas a dizer tudo o tempo todo! Existem silêncios que também fazem parte da amizade.

Bem na hora em que eu ia dar a partida!, enfureceu-se Joséphine. Bem na hora em que tinha encontrado uma solução, um subterfúgio para aliviar esse medo indizível que ameaça os autores diante da folha em branco. Levantou a cabeça, examinou a amiga e achou o nariz de Shirley arrebitado demais. Definitivamente curto demais! Um nariz de massa de modelar! Um nariz de opereta, um nariz batatinha, um nariz besta! Tire esse seu nariz empinado

227

daqui, ouviu-se pensar, horrorizada com a violência que brotava dentro dela.

— Está me evitando... sinto isso no ar, está me evitando.

Desde que voltou dos esportes de inverno, 15 dias atrás, não a vejo mais...

Ela apontou para a goela aberta do computador.

— É o de Hortense?

— Não, é meu... — resmungou Jo entredentes.

O barulho do lápis que tinha acabado de quebrar entre seus dedos a fez estremecer e resolveu se acalmar. Respirou

profundamente, relaxou os ombros, virando a cabeça à direita e à esquerda, e soprou toda a sua irritação num longo jato potente.

— E desde quando você tem dois computadores? Virou acionista da Apple? Uma história de amor com Steve Jobs, que manda *computers* em vez de flores?

Joséphine abaixou a guarda, sorriu e aceitou a ideia de abandonar o trabalho. Shirley parecia realmente furiosa.

— Foi o presente de Natal de Iris... — confessou, arrependendo-se imediatamente por ter falado demais.

— Que estranho, deve ter alguma coisa por trás disso!

— Por que está dizendo isso?

— Sua irmã nunca dá nada sem segundas intenções. Nem bom-dia! Conheço muito bem a peça! Vai, pode falar, pode me contar tudo.

— Não posso, é segredo...

— Está querendo dizer que não sou capaz de guardar um segredo?

— Não, só quero dizer que, para ser segredo, um segredo tem que ficar em segredo.

Shirley ergueu as sobrancelhas, relaxou e sorriu.

— É verdade, acabou de marcar um ponto. Não quer me oferecer um café?

Joséphine deu uma olhadela de despedida para as teclas negras do computador.

— Tudo bem! Vou abrir uma exceção dessa vez, mas é a última! Senão, não vou conseguir nunca.

— Deixe-me adivinhar: está escrevendo uma carta para sua irmã, uma carta oficial e difícil que ela não consegue escrever?

Joséphine sacudiu um indicador autoritário na direção de Shirley, prevenindo que seria inútil insistir.

— Não vai me pegar desse jeito.

— Um café bem forte com dois torrões de açúcar mascavo...

— Só tenho açúcar branco, não tive tempo de fazer compras.

— Presumo que está ocupada demais com o trabalho.

Joséphine mordeu os lábios, lembrando a si mesma a resolução de permanecer muda.

— Então não é uma carta... E depois, ninguém dá um computador de presente em troca de uma única carta! Até a bela sra. Dupin sabe disso...

— Pare com isso, Shirley.

— Não vai perguntar como foram as minhas férias?

Encarou-a com um ar malicioso que lembrou a Joséphine que a parada ia ser dura: Shirley não largava o osso facilmente.

Esconder a história do empréstimo de Antoine foi fácil: era Natal e Shirley estava com a cabeça nas guirlandas, nos presentes, no peru recheado, no bolo. Mas agora, encerradas as festas, tinha retornado à vida real com toda a intenção de utilizar o seu “radar de maldade”. Era como ela chamava o próprio nariz, segurando a ponta para destacar sua infalibilidade.

— E então, como foram as suas férias? — perguntou Jo

educadamente.

— Péssimas... Gary ficou o tempo todo de cara fechada. Está baratinado desde a hora em que ficou com sua filha! Passava horas suspirando, lendo sonetos de amor absolutamente patéticos.

Vagava pelos corredores da casa da minha amiga, Mary, declamando poemas sinistros e ameaçando se enforcar com a gola rulê. É o que eu disse, Jo, preciso tirar essa menina da cabeça dele!

— Vai passar, todo mundo vive um amor impossível na adolescência, mas acaba se recuperando!

— Quem não vai se recuperar sou eu! Encontrei duzentos rascunhos de cartas de amor em seu quarto, tão tórridas quanto

229

desesperadas! Algumas escritas em versos alexandrinos! E não mandou nenhuma...

— Ele está certo. Hortense não é nada indulgente com sentimentalismos. Para conquistar o coração dela, precisa ser um marajá! Hortense tem um monte de necessidades indispensáveis, grandes exigências e nenhuma paciência.

— Muito obrigada.

— Gosta de belas roupas, belas joias, belos automóveis e seu ideal de homem é Marlon Brando em *Uma rua chamada pecado...*

Ele pode começar fazendo musculação e usando uma camiseta rasgada: não custa caro e talvez ela caia de amores.

— Está deliciosamente sarcástica hoje, minha cara. De onde

vem tanta desenvoltura? Desse novo segredo?

Passei uma hora e meia tentando ser brilhante na escrita e acabo encontrando a graça na fala!, pensou Joséphine, irritada.

Sentiu uma vontade imperiosa de ficar sozinha.

— Marlon Brando! Para mim era Robert Mitchum. Era louca por ele! Ah, ontem à noite vi um filme maravilhoso no Cinétoile. Com Robert Mitchum, Paul Newman, Dean Martin, Gene Kelly e Shirley MacLaine. Na época em que fizeram o filme, ela estava vivendo uma tórrida história de amor com Mitchum.

— Huum... — disse Joséphine, distraída, procurando uma desculpa para se livrar de Shirley.

É incrível, pensou consigo, é minha melhor amiga, gosto muito dela, mas agora, nesse exato momento, seria capaz de picá-la em pedacinhos e congelar só para ficar livre.

Shirley tinha acabado de listar o nome de todos os atores do filme, além da figurinista: “Edith Head era muito famosa, você sabe, era a grande dama dos figurinos, vestiu as mais belas atrizes de Hollywood, e naquela época, não se fazia um filme elegante sem ela.” Estava contando a história do filme quando, de repente, algo chamou a atenção de Joséphine.

— ... E como não queria ficar rica de jeito nenhum, ela tenta se casar com um homem mais modesto, mais apagado para poder levar uma vida mais tranquila... Ela acredita que o dinheiro não traz felicidade, que, de certa forma, traz até a infelicidade. É muito engraçado, Jo! Porque não adianta escolher, a cada vez, o homem

mais meigo e mais modesto, pois, graças a ela, o marido chega ao

230

topo, ganha um monte de dinheiro, se mata de trabalhar e ela se vê viúva de novo, o que só faz confirmar a sua ideia de que o dinheiro não traz felicidade!

— Espere — pediu Joséphine, interrompendo a empolgação de Shirley. — Conte a história desde o começo... Não ouvi direito...

Tinha colocado a mão no braço de Shirley e apertava como se sua vida dependesse daquilo. Shirley examinou a cara ávida e apaixonada da amiga e deduziu que não estava muito longe de descobrir o segredo que Jo tentava esconder. Logo tudo estaria claro. Joséphine estava procurando uma história para contar. Para escrever um livro? Um roteiro? Ainda não tinha descoberto a solução do enigma, mas não perdia a esperança. Foi assim que concordou em contar de novo a história de *A senhora e seus maridos*, o filme de J. Lee Thompson que tinha visto na TV.

— É a minha ideia! A ideia que tive ontem! A história de uma moça que não quer ser rica nem poderosa, que se casa com homens pobres, que, no entanto, acabam se dando muito bem: depois que casam com ela, todos conseguem triunfar na vida. Como se chama mesmo esse filme?

Shirley repetiu o título. Joséphine cerrou os punhos de excitação.

— Nunca vi você tão empolgada com um programa de TV — comentou Shirley, cheia de ironia.

— Mas não é um programa qualquer de televisão! É a história que eu queria contar na porcaria do meu romance. Mordeu os lábios ao perceber que tinha dado com a língua nos dentes e ficou em silêncio.

— Acho que me entreguei...

— Não vou dizer nada. Prometo, juro pela felicidade de Gary! Shirley levantou a mão para jurar e cruzou os dedos da outra mão nas costas, pois tinha toda a intenção de contar para Gary. Contava tudo ao filho. Tudo o que era importante para entender a vida. Como as pessoas nos usam, nos culpabilizam, nos ferem. Para que ficasse atento, de pé atrás. Mas falava também da generosidade, do amor, dos encontros, das festas alegres. Não era um daqueles adultos que dizem que não se deve falar de “certas coisas” com as crianças. Afirmava que as crianças ficam sabendo de tudo bem antes de nós. Possuem uma intuição diabólica ou

231

angelical, à escolha, e entendem tudo. Sabem que os pais vão se separar antes deles próprios, que mamãe bebe escondido, que papai dorme com a caixa do Shopi ou que o avô não morreu de ataque cardíaco na cama, mas entregou a alma ao Criador deitado em cima de uma stripper em Pigalle. Tratá-los como ignorantes seria ofendê-los. Enfim, resumia peremptória, pensem o que quiserem, mas eu não trato meu filho como um pobre de espírito!

— Senti cheiro de armação desde que cheguei aqui —
continuou Shirley, tentando tranquilizar Jo para que ela se abrisse

inteiramente.

Aquilo não era tudo, tinha certeza. Faltavam alguns elementos.

— É culpa minha — balbuciou Joséphine —, subestimei você...

— Sou muito forte nesses joguinhos da vida, Jo. Já passei por muitos deles... desenvolvi uma espécie de sensibilidade para farejar trapaças.

— Mas não vai dizer nada a ninguém!

— Não vou falar...

— Ela ficaria furiosa se soubesse que você sabe...

De quem Joséphine estava falando? Iris? Shirley assumiu o ar confiante de quem já entendeu tudo, para estimular Jo a abrir o baú.

— Com certeza, vou precisar aprender a mentir...

— E você não parece ter muito jeito para a coisa, Joséphine!

— Quando Iris propôs que escrevesse para ela, posso garantir que no começo eu me recusei...

Bingo!, pensou Shirley, é Iris quem está por trás da armação.

Eu sabia, eu sabia, mas o que será que ela está querendo?

— A escrever o romance para o qual está procurando uma ideia...

— É. Ela propôs que trocasse meu suposto talento de escritora por dinheiro... 50 mil euros, Shirley! É muito dinheiro.

— Está precisando de tanto dinheiro? — perguntou Shirley,

realmente chocada.

— Tem mais uma coisa que não contei...

232

Shirley sustentou o olhar de Joséphine, encorajando-a a falar. E Joséphine contou tudo.

Shirley cruzou os braços e suspirou, observando Joséphine.

— Você não vai mudar nunca... vai continuar caindo na conversa do primeiro pilantra que aparece! O que ainda não entendi muito bem é por que Iris quer que escreva um romance...

— Para ela assinar e se transformar numa escritora. É uma coisa muito bem-vista hoje em dia, todo mundo quer ser escritor, todo mundo acha que pode escrever. Ela começou inventando uma história num jantar, para se exhibir diante de um editor...

— Sim, mas por quê? A quem ela quer impressionar? O que isso vai lhe dar?

Joséphine abaixou os olhos.

— Isso ela não me disse...

— E você aceitou sem saber?

— Achei que não era da minha conta.

— Ora, Jo, como pode aceitar ser cúmplice de uma fraude sem querer saber o porquê disso tudo? Você me surpreende a cada dia!

Joséphine mordida os dedos, arrancava as peles ao redor das unhas, lançando olhares assustados para Shirley.

— Pois eu gostaria que, no próximo encontro, você tratasse

de perguntar a ela! É importante. Ela vai colocar o nome num livro que você escreveu. Com que objetivo? Glória? Para isso, o sucesso tem que ser estrondoso... Fortuna? Ela vai lhe dar todo o dinheiro. A menos que tenha intenção de passá-la para trás... O que não é impossível. Prometeu toda a grana, mas pode muito bem dar apenas uma pequena parte e fugir com o resto para se encontrar com o amante na Venezuela...

— Shirley! Agora quem está inventando um romance é você! Não tente enfiar ideias desse tipo na minha cabeça, já estou suficientemente angustiada...

— Quem sabe ela não escreve para ter um álibi?... Está tramando alguma sujeira por baixo dos panos. Fica trancada num quarto, diz que está trabalhando, aparece de vez em quando na varanda e...

233

Joséphine olhou para Shirley, desamparada. Shirley se arrependeu de ficar semeando a dúvida e a angústia no espírito da amiga.

— Gravei o filme de ontem à noite, quer assistir? — propôs para se reabilitar.

— Agora?

— Agora mesmo... Tenho aula no conservatório em uma hora e meia, se não tiver acabado, deixo você sozinha na frente da TV.

Enquanto Shirley rebobinava o filme, Joséphine contou tudo em detalhes: o empréstimo de Antoine, a proposta de Iris, a

ansiedade diante da ideia de escrever, “tenho medo de não conseguir. Quando você entrou na cozinha, estava em plena dúvida, buscando inspiração. Foi muito bom ter falado com você, afinal, não me sinto tão sozinha. Tenho alguém para desabafar quando as coisas não andarem bem... Sobretudo porque Iris tem pressa, precisa entregar vinte laudas ao editor no final do mês!”.

Instalaram-se no sofá. Shirley pressionou o botão do controle remoto e gritou: “Ação!” E na tela apareceu a encantadora, a deliciosa, a emocionante Shirley MacLaine toda vestida de rosa, com um imenso chapéu rosa, numa casa rosa de colunas rosas, seguindo um caixão rosa carregado por oito homens de negro. Joséphine esqueceu o livro, esqueceu a irmã, esqueceu o editor, as prestações do empréstimo de Antoine e seguiu a silhueta longa, fina e rosa que descia as escadas titubeante de tristeza.

— Viu a foto do homem do *duffle-coat* ao lado do teclado? —
murmurou para Shirley, enquanto os créditos iniciais deslizavam na tela.

— Vi e imaginei que devia estar fazendo alguma coisa importante para querer essa foto bem debaixo dos olhos, como inspiração...

— Mas não funcionou. Não me inspirou nem um pouco!

— Se ele for um dos maridos, vai funcionar.

— Muito obrigada: você disse que todos morriam no final.

— Menos o último!

— Ah... — disse Joséphine com uma vozinha sumida. — Não

quero que ele morra!

— *Silly you!* Não sabe nem quem é.

234

— Mas imagino e é delicioso. Viver um amor em sonhos é quase melhor, não se corre o risco de decepções...

— E fazer amor em sonho, como é?

— Ainda não cheguei lá — suspirou Joséphine, os olhos grudados na tela, onde o caixão do marido defunto tinha escapado das mãos dos carregadores e deslizava escada abaixo enquanto Shirley MacLaine, imperturbável, seguia em frente sob seu enorme chapéu cor-de-rosa.

Não conseguia mais dormir à noite. O dedo ameaçador de Faugeron o tirava do sono: acordava suado, o travesseiro e os lençóis ensopados. Sufocava, perdia o fôlego, ofegava, se retorcia, asfixiava até que o ar fresco da noite penetrasse em suas narinas e abrisse finalmente a sua garganta. Então levantava, ia tomar uma chuveirada, enfiava calças de pijama limpas e secas, ouvia os rumores da noite africana pela janela escancarada do quarto. O grito dos papagaios refugiados embaixo do telhado da casa, o guincho dos macacos que se perseguiram de galho em galho nas grandes acácias, a corrida rápida de um impala na relva alta: tudo parecia estranho, ameaçador. Durante o dia, se sentia um intruso naquela terra... mas à noite era como se toda a natureza gritasse que fosse embora, que voltasse para os brancos, para os homenzinhos frágeis e suados que não suportam o calor da África e

se enchem de quinino.

Ouvia a respiração calma de Mylène a seu lado, mas não conseguia pegar no sono de novo. Levantava outra vez, descia para a sala, servia um uísque e saía para a varanda de madeira que cercava a casa. Sentava num dos degraus, bebia um gole de álcool, mais um e outro; seus olhos se habituavam à escuridão. Pouco a pouco, manchas amarelas, oscilantes, que se acendiam uma a uma e pareciam apontar para ele, surgiam do breu: os olhos amarelos dos crocodilos. Roçando a superfície da água, pousados como vagalumes à flor da água furta-cor e negra dos tanques, aqueles olhos o vigiavam. Ouvia as caudas se agitando na água, os corpos oscilando lentamente, pesadamente e se aproximando da margem, à espera. Na frente da casa. Um, depois dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito... Rasgavam a escuridão como mergulhadores silenciosos. Às vezes, um deles abria a boca enorme e uma fileira de dentes brancos raiava a noite negra. Depois a goela se fechava num golpe seco e ele só via as fendas douradas que o encaravam. Estão na terra há 20 milhões de anos, pensava, resistindo a todas as catástrofes naturais, à terra que se abre, se dobra, se quebra,

235

queima e derrete, esfria e congela; viram passar os dinossauros, viram primatas, homens de quatro patas, homens curvados, homens eretos, homens fulminados e estão sempre ali, à espreita. Não sou nada diante deles. Estou completamente sozinho aqui. Ninguém com quem falar. E nenhuma notícia de mister Wei.

Nenhuma notícia, nenhum cheque, nenhuma explicação. Sua secretária responde sempre que claro, claro, *mister Wei is going to call you back*, mas ele não liga nunca. *Don't worry, mister Tonio, he'll call you, he'll call you, everything's alright*. Claro coisa nenhuma, nada estava *alright*: não tinha visto a cor do dinheiro desde a sua chegada! Estavam vivendo com as economias de Mylène. Quando ligava para as meninas na França, inventava histórias, falava de lucros fabulosos, prometia que ia trazê-las para uma visita, que era uma questão de dias. Elas certamente percebiam a tensão em sua voz, pois respondiam com monossílabos para não ofendê-lo. E Jo?, murmurou seguindo um crocodilo que vinha se juntar ao grupo, acrescentando mais duas lâmpadas amarelas ao canteiro de luzes que o contemplavam. Faugeron deve ter falado com ela. Mas ela não ligou. Não fez a menor queixa. Sentiu vergonha. Seus olhos voltaram às manchas amarelas na escuridão e teve vontade de chorar. Sentia-se um covarde. Mais forte do que a vergonha, sentia um medo frio e tenaz crescer dentro dele. Um medo que não o abandonava mais e tinha substituído a bela segurança de antigamente, quando se fazia de bacana depois dos safaris, à noite, bebendo uísque sob as tendas de lona. E não havia ninguém a quem pudesse dizer que estava com medo. Mas os crocodilos sabiam. Lá no fundo do tanque, sentem o meu medo e se reúnem ali, deleitando-se com o espetáculo. Esperam. Têm todo o tempo do mundo, todo o tempo: o que importa se os matamos, no final ele vão levar a melhor, a força bruta sempre leva a melhor.

Enquanto isso, esperam, as pequenas lanternas amarelas apontadas para ele. Para aumentar o medo. Seu medo... grande como uma caverna que pouco a pouco o devora.

Joséphine. Mylène. Enquanto eu amoleço, elas se reforçam, têm a cabeça no lugar, bem-assentada, enquanto a minha gira como uma ventoinha. Mylène aparentava calma e serenidade quando Pong trazia a correspondência. Não dizia nada, nem precisava perguntar se o cheque havia chegado, ficava olhando enquanto ele recolhia os envelopes no prato de madeira que Pong estendia e, em seguida, volta a cortar seu escalope de búfalo, arranhando o prato. Antoine sentia um arrepio nas costas. E ela perguntava: “Ficou bom? Gostou?” Tinha aprendido a cozinhar

236

carne de búfalo, marinando num molho de menta e verbena selvagens que dava um gosto delicioso. E variava um pouco do frango de cada dia.

Também fazia projetos, pois não queria ficar ociosa. Aprender chinês, culinária chinesa, fazer pulseiras e colares como as mulheres do mercado, talvez vendê-los na França, fabricar produtos de maquiagem com grãos e colorantes locais, montar um cineclube, um ateliê de desenho. Tinha uma ideia diferente a cada dia.

Joséphine nem tinha se dado ao trabalho de pegar o telefone para insultá-lo, xingá-lo de covarde, de ladrão. Duas mulheres que criaram uma couraça. Uma pele de crocodilo, pensou, sorrindo com a comparação que ousava fazer. As mulheres tiveram de se

fortalecer tanto que endureceram. Às vezes parecem cruéis de tão implacáveis. E têm razão, hoje em dia é preciso ser impiedoso.

Olhava as margens, os blocos de pedra que delimitavam os tanques, as cercas de arame farpado que impediam os crocodilos de escapar.

Sentiu uma brisa leve soprar e alisou os cabelos no alto do cabeça.

Um crocodilo estava saindo da água. Com o corpo fora da laguna, avançava sobre as patas grossas e curtas, patas de doente, pensou Antoine. O animal ficou um instante parado com o focinho contra o arame farpado e depois tentou torcê-lo, soltou uma espécie de grito rouco e fechou várias vezes a bocarra sobre a cerca. Em seguida, deitou e cerrou os olhos amarelos, como persianas que se fecham a contragosto.

Na noite anterior, Mylène tinha anunciado que gostaria muito de dar um pulo em Paris. Por uma semana. Assim você poderia ver suas filhas... E um grande buraco tinha se aberto em seu ventre, cheio de medo. E ele começou a suar, a escorrer: enfrentar Joséphine e as meninas, confessar que tinha se enganado, que criar crocodilos não era uma ideia tão boa assim, que mais uma vez tinha sido passado para trás...

Olhou a grama alta diante dele e as grandes acácias que estremeciam na brisa da manhã. Gosto da manhã nascente e do orvalho que brilha na grama ainda úmida, antes que o sol a resseque. Gosto do cheiro de verbena, dos troncos das árvores que se desenham no dia que surge, da névoa úmida que se evapora aos primeiros raios do sol. Sou eu mesmo, Antoine Cortès, sentado aqui

nos degraus dessa escada? O crocodilo tinha recomeçado a bater na cerca. Ele não desiste. Seus grandes olhos amarelos se apertam de ódio e suas garras trabalham o solo como se quisesse cavar um túnel para escapar. Deve ser um macho, pensou Antoine, um

237

desgraçado de um macho! Vai fazer dezenas de filhotes para mim. Precisa fazer filhos. Essa maldita criação tem de funcionar! Tenho 40 anos, merda, se não conseguir agora, estou fodido! Ninguém mais vai querer saber de mim, farei parte dos velhos, dos perdedores e isso nem pensar, puta que me pariu! Desatou a xingar para alimentar o ódio que sentia subir dentro dele, ódio de mister Wei, ódio dos crocodilos, ódio desse mundo onde quem não se deu bem até aquela idade vira lixo descartável, ódio daquelas duas mulheres que não se deixavam abater por nada! E decepção consigo mesmo, também. Não faz nem seis meses que está aqui e você já está pronto para entregar os pontos...

Levantou para servir outra dose, mas resolveu pegar a garrafa e beber no gargalo. Se fosse a Paris, poderia bolar uma estratégia com Faugeron para conseguir receber seus salários. Faugeron sempre foi benevolente. Por causa do dinheiro de Chefe e das relações de Philippe, é claro, riu com desdém, aproximando o gargalo da boca novamente; dane-se, seja como for, é gentil, vou falar com ele e encontraremos um jeito de obrigar o velho chinês a pagar. Quem ele pensa que é? O imperador da China? Esse tempo já era!

Pensou que o medo daria um nó em suas tripas só de invocar o nome de mister Wei, mas que nada! Não só não tinha medo, como também estava exultante, cheio de uma alegria louca, a alegria de um homem que sabe exatamente como vai quebrar a cara do sujeito que o sacaneia há meses. Podia ver com precisão o que fazer: ir a Paris, conversar com Faugeron, bolar um plano e obrigá-lo a pagar. Com certeza, existia algum jeito para tirar uma grana desse Croco Park me-engana-que-eu-gosto! Quem é que faz essa merda dessa fazenda funcionar? Sou eu, Tonio Cortès... Ninguém mais. Não é nenhum garotão de calças curtas com medo de largar a barra da saia da mamãe, não! É um homem de verdade, com um belo par de colhões! Um sujeito que seria capaz de dar um beijo num desses crocodilos traiçoeiros... Caiu na risada e ergueu a garrafa num brinde ao crocodilo.

À luz do dia raiando, apagou as lâmpadas amarelas dos olhos dos crocodilos. O sol surgia atrás do teto da casa com uma lentidão majestosa e Antoine se encheu de um respeito emocionado. Inclinou-se profundamente, fazendo uma reverência e mais outra até perder o equilíbrio e desabar na poeira.

Levantou, bebeu um gole no gargalo e depois, encarando cada par de olhos amarelos, abriu a braguilha e espalhou um jato

238

quente, dourado, sonoro na cara dos répteis. Ia mostrar a eles que não tinha mais vergonha e, melhor ainda, não tinha mais medo e que era bom eles se cuidarem.

— Está tentando provar alguma coisa mijando desse jeito na cara dos bichos? — perguntou uma voz sonolenta às suas costas.

Virou e viu Mylène descendo a escada e segurando um pano de algodão enrolado nos quadris. Olhou para ela aparvalhado.

— Que elegância! — gargalhou ela.

Ele ficou se perguntando se estava sonhando ou havia mesmo uma ponta de desprezo na voz dela. Explodiu numa risada enorme, que para ele soava natural, e inclinou-se de novo dizendo:

— *The new Tonio is facing you!*

— Fale francês, por favor! Gostaria de poder entender...

— Vire-se! Porque eu sei o que sei e sei que isso não vai durar muito tempo...

— É justamente o que eu temia — suspirou Mylène, apertando a canga ao redor das cadeiras. — Vamos, venha tomar seu café, Pong já está na cozinha...

E como Antoine se encaminhou cambaleando para a casa, levantou a voz o suficiente para que ele ouvisse e falou num tom seco:

— Gostaria muito que usasse toda essa valentia e determinação contra o safado do Wei. Quando penso que estamos gastando todas as minhas economias, perco a cabeça!

Antoine não ouviu. Tropeçou no último degrau da escada e se estatelou no chão da varanda. A garrafa de uísque rolou pelos degraus e parou no último, derramando na terra uma golfada de líquido dourado que refletiu os mais altos raios do sol.

— Então eu disse que vocês precisavam se encontrar, que é um absurdo continuarem sem se falar, mas ela disse que não, não enquanto ela não pedir desculpas, desculpas de verdade, desculpas de coração e não desculpas de última hora: foi ela quem me agrediu, é minha filha, me deve respeito! Eu disse que daria o recado e...

— Então está resolvido, não vou pedir desculpas.

— Portanto, não estão dispostas a conversar...

239

— Vivo muito bem sem ela. Não preciso de seus conselhos, nem de seu dinheiro, nem do amor que ela diz que me dá e que não passa de abuso de autoridade. Acha que ela me ama, a minha mãezinha querida? Acredita mesmo nisso? Pois eu não acredito, acho que ela cumpriu o seu dever criando as filhas, mas não nos ama de verdade. Ela só ama duas coisas: ela mesma e o dinheiro. Mas você pelo menos ela respeita: fez um belo casamento, que ela pode ostentar quando fala de seu maravilhoso genro, do apartamento enorme, dos amigos, de seu nível de vida, mas a mim... ela me despreza.

— Jo, já faz quase oito meses que não se veem. Imagine se acontecer alguma coisa... Não pode esquecer que é sua mãe!

— Não vai acontecer nada com ela: a maldade conserva!

Papai morreu de um ataque cardíaco aos 40 anos, mas ela, ela vai acabar centenária!

— Agora você já está sendo cruel.

— Não, não é crueldade, é vida! Depois que parei de vê-la, tudo anda às mil maravilhas...

Iris não respondeu. Deu uma olhada enviesada para uma loura estonteante que entrou na sala rindo.

— Você está mudada, Jo, muito mudada. Ficou mais dura... cuidado!

— Ouça, Iris, não vai me dizer que marcou encontro comigo num café da porte d'Asnières para falar de mamãe e me dar lição de moral, vai?

Iris deu de ombros e suspirou.

— Passei no escritório de Chefe antes de vir e Hortense estava lá: quer fazer um estágio no mês de junho, para a escola.

Devo lhe dizer que todos os homens do escritório estavam alvoroçados. A vida parou quando Hortense chegou...

— Eu sei, ela tem esse efeito em todo mundo...

No interior do café des Carrefours, Jo e Iris almoçavam. As paredes estremeciam quando os caminhões freavam um instante antes de virar e pegar a perimetral; os fregueses habituais entravam batendo a porta. Eram na maioria jovens que com certeza trabalhavam nos escritórios das vizinhanças. Chegavam se empurrando, gritavam que estavam morrendo de fome e escolhiam o cardápio de dez euros, com 250 ml de vinho incluídos. Iris pediu

240

um ovo estrelado com presunto, Joséphine, uma salada verde com iogurte.

— Tive um encontro com Serrurier... o editor — começou Iris.

— Ele leu... e...

— E? — suspirou Joséphine, engasgada de angústia.

— E... está encantado com sua ideia, encantado com as vinte laudas que entregou, me encheu de elogios e... e...

Pegou a bolsa, abriu, tirou um envelope e agitou no ar.

— E me deu um primeiro adiantamento. A metade dos 50 mil euros... o resto virá quando entregar o manuscrito completo. Já fiz um cheque em seu nome de 25 mil euros e, assim, poderá embolsá-lo na calada.

Estendeu o envelope para Joséphine, que o pegou com infinito respeito. De repente, quando já estava fechando a bolsa, uma pergunta veio atormentá-la.

— Como vai fazer com os impostos? — perguntou a Iris.

— Está com alface no dente da frente — interrompeu Iris, fazendo o gesto de limpar os dentes.

Joséphine obedeceu e fez a pergunta novamente.

— Não se preocupe, Philippe não vai perceber nada. De qualquer jeito, não é ele quem faz a declaração, é um contador, e os impostos são tantos que isso não faz a menor diferença!

— Tem certeza? E eu, se me perguntarem de onde vem esse dinheiro?

— É só dizer que foi um presente de sua irmã, que é cheia da grana.

Joséphine fez uma careta hesitante.

— Pare de se preocupar, Jo. Aproveite, aproveite... Não é maravilhoso? Nosso projeto foi aceito e com os melhores cumprimentos do júri.

— Não consigo acreditar. E você ainda fala da peste da nossa mãe! Dá para perceber, Iris? Ele adorou! Adorou a minha ideia! E fez um cheque de 25 mil euros só pela ideia!

— E pelas vinte laudas escritas... Muito interessante o seu plano. Dá vontade de ler a sequência...

241

Por um instante, Joséphine teve a tentação de pedir um chucrute para festejar a boa nova, mas resistiu.

— Não é genial, maninha? — perguntou Iris, com um brilho amarelo nos olhos arregalados. — Vamos ficar ricas e famosas!

— Rica para mim, famosa para você.

— Acha isso ruim?

— Não... Ao contrário. Posso escrever o que quiser: ninguém vai saber que sou eu. Isso tira uma tonelada de ansiedade de cima de mim, juro! E depois, eu não tenho estofo! Quando penso no que precisaria fazer e dizer para aparecer na TV, tenho vontade de me esconder embaixo da cama.

— Pois é justamente isso que me diverte. Não aguento mais essa imagem de mulher certinha, Jo, não aguento mais...

Iris deixou sua mente vagar um pouco, fazendo eco ao

silêncio de Joséphine, que espiava a bolsa com o rabo do olho.

Depois, os maxilares começaram a mastigar e ela bateu na testa.

— Estava esquecendo. Quero que veja o artigo de jornal que recortei para você... — Enfiou a mão na bolsa, tirou um jornal dobrado em dois e abriu delicadamente, procurando o trecho em questão.

— Aqui está! É um perfil de Juliette Lewis, sabe quem é, não? A antiga atriz de cinema... quer dizer, quando digo antiga, ela deve ter entrado agora nos trinta, estou tentando dizer que, como não lhe oferecem mais nenhum papel, ela se transferiu para a música. Ouça só o que diz o jornal! “Juliette Lewis agora é líder de uma banda de rock, *Juliette and the Licks*, ou seja, Juliette e os Lambões, um nome que, sozinho, já provoca alvoroço, ainda mais quando o jovem assessor de imprensa dos Lambões confirma que, durante os shows, Juliette Lewis usa uma dessas calcinhas que podemos chamar de fio-dental. ‘E às vezes dá para ver uma boa parte da bunda’, afirma Chris, o assessor, no mesmo instante em que Juliette virava para nós dizendo *Here we go, man*, com aquela voz rouca que todos conhecem...”

— Acho isso um horror...

— Pois eu estou pronta para entrar nessa!

— Para mostrar as calcinhas?

— Pronta para fabricar imagens como essa para vender o livro.

242

Joséphine olhou para a irmã pensando se não teria feito uma grande besteira ao se associar a ela.

— Está falando sério, Iris?

— Seríssimo, minha cara! Vou fazer um show... Um verdadeiro show, planejado em seus mínimos detalhes. E tenho a intenção de arrebentar na telinha. Serrurier não para de dizer “com seus olhos, suas relações, sua beleza...” Tudo isso é muito melhor que os seus dedinhos no teclado e toda a sua erudição! Quer dizer, para vender, só para vender...

Jogou os longos cabelos negros para trás, esticou os braços para o céu como quem abre uma passagem segura para a glória e suspirou:

— Estou tão entediada, Jo, tão entediada...

— É por isso que inventou essa história? — perguntou Jo timidamente.

Iris arregalou os olhos com um ar de quem não está entendendo.

— Bem, é... Por que outra razão seria?

— Justamente. Gostaria de saber. No outro dia, no trem, você disse que ia tirá-la de uma situação desagradável... Chegou a falar em “beco sem saída” e eu fiquei me perguntando...

— Ah... eu disse isso!

Fez uma careta como se Joséphine tivesse trazido uma lembrança ruim.

— Foi exatamente o que disse... e acho que tenho o direito de saber.

— Ora, ora, como estamos. O direito de saber!

— É isso mesmo... Estou entrando nesse barco junto com

você, é justo que tenha as mesmas cartas nas mãos.

Iris avaliou a irmã com o olhar. Estava mudando, Joséphine!

Mais agressiva, mais ousada. Compreendeu que não ia poder ficar calada, deu um longo suspiro e confessou, sem olhar para Jo.

— É por causa de Philippe... Tenho a impressão de que ele está escapando, que não sou mais a oitava maravilha da terra...

Tenho medo de que queira se separar e pensei que, se escrevesse um livro, poderia seduzi-lo de novo.

243

— E por quê? Você o ama? — perguntou Joséphine com esperança na voz.

Iris olhou para ela com um misto de piedade e exasperação.

— Pode-se dizer que sim. Não quero que ele me deixe. Tenho 44 anos, Jo, não vou encontrar outro como ele. Minha pele vai enrugar, meus peitos vão cair, os dentes vão ficar amarelos, e os cabelos, brancos. Gosto da vida dourada que ele me oferece, gosto do apartamento, do chalé em Megève, das viagens, do luxo, do cartão Gold, do status de sra. Dupin. Como pode ver, estou sendo muito honesta. Não ia suportar cair numa vidinha banal, sem dinheiro, sem relações, sem evasão... E depois talvez realmente o ame, afinal!

Tinha afastado o prato e acendido um cigarro.

— Está fumando agora? — perguntou Joséphine.

— É para o personagem! Estou treinando. Josiane, secretária

de Chefe... Ela parou de fumar, mas ainda tinha um maço e me deu.

Joséphine lembrou da cena entrevista na plataforma da estação: Chefe aos beijos com a secretária, instalando-a no trem como se estivesse carregando os santos sacramentos. Não tinha dito nada a ninguém. Estremeceu e pensou em sua mãe: o que seria dela se Chefe a abandonasse? Como poderia refazer sua vida?

— Tem medo de que Philippe a deixe? — perguntou docemente a Iris.

— Isso nunca tinha me passado pela cabeça... mas há algum tempo, sim, estou com medo. Sinto que está se afastando de mim, que já não me olha com os mesmos olhos. Até fiquei com ciúmes da cumplicidade que vi entre vocês dois no Natal. Ele fala com mais afeição e consideração com você do que comigo...

— Ora, que bobagem!

— Infelizmente, não... Estou sendo impiedosamente lúcida.

Tenho muitos defeitos, mas não sou cega. Sinto quando desperto ou não o interesse das pessoas. E não suporto que me olhem com indiferença.

Seguiu as espirais da fumaça do cigarro e pensou em seu encontro com Serrurier. No pequeno escritório em que ele a recebeu. A boca transbordante de elogios, os olhos brilhantes de interesse. E ela se sentiu reviver. Ao mesmo tempo ávido e

respeitoso, ele aspirava seu grosso charuto, cuja fumaça acre

invadia o escritório e imaginava os possíveis desenvolvimentos da narrativa inventada por Jo. “Muito boa essa ideia da jovem que quer entrar para o convento, mas é obrigada a se casar e tira a sorte grande a cada novo marido: acaba coberta de ouro, de glória e sempre viúva. Muito boa a ideia da humildade que ela persegue obstinadamente e que lhe escapa, muito boa a mudança de ambiente, o encontro com um cavaleiro, um trovador, um pregador, um príncipe da França...” Ele girava pelo escritório e lhe dava vertigem. “É moderno, deliciosamente antiquado, engraçado, ingênuo, ardiloso, popular! Se acrescentasse uma pontinha de mistério, ficaria perfeito!... O público adora intrigas que misturam história da França, religião, assassinatos, amor, Deus e o diabo... mas você sabe muito bem disso, não vou tentar influenciá-la! Estou encantado com o que li. Para ser honesto, não pensava que uma cabeça tão linda guardasse tanta ciência e talento... E onde foi que encontrou essa história dos graus de humildade? É magnífico! Magnífico! Transformar uma mulher que se tortura para ser humilde em heroína contra a vontade! Uma ideia de gênio!” E em seguida, num impulso repentino, apertou sua mão num movimento entusiasmado e vibrante. Depois entregou o cheque, acrescentando que poderia entregar o outro assim que ela desejasse. Iris preferiu não contar esse detalhe a Joséphine. Saiu do escritório de Serrurier com o coração batendo forte e as pernas bambas.

— De onde você tirou essa ideia dos graus de humildade? — perguntou Iris, tentando esconder a admiração.

— É a Regra de São Bento... imaginei que cairia muito bem numa mocinha que sonha em se consagrar a Deus. Ela se esforça para não ser mais do que uma pobre serva a serviço dos homens, que galga humildemente cada degrau...

— Que regra é essa exatamente? Preciso que me explique...

— Segundo são Bento, existem vários graus de abnegação para se chegar à perfeição e a Deus. É o que ele chama de escada da humildade. A Bíblia diz: “...todo aquele que se exalta será humilhado e todo aquele se humilha será exaltado”. Nos primeiros graus de humildade, a regra exige que o monge vigie seus desejos, seu egoísmo e obedeça a Deus em tudo. Depois, ele aprende a dar, a amar quem o censura ou calunia, a ser paciente e bom. O sexto grau é ficar satisfeito com a mais ordinária e baixa das condições. Em tudo o que lhe for ordenado, o monge deve pensar que é um operário ruim e incapaz e repetir seu mea-culpa: “Fui reduzido a nada e não o sabia. Tornei-me como um animal diante de Vós, porém estou sempre convosco.” O sétimo grau é não dizer apenas com a boca sou o último e o mais miserável, mas acreditar nisso no mais íntimo do coração. E assim por diante... até o décimo segundo grau, quando o monge não é mais nada além de um verme miserável a serviço de Deus e dos homens e cresce ao se anular. No começo do livro, antes que os pais a impeçam, o sonho da minha heroína é colocar em prática a Regra de São Bento...

— Pois ele adorou essa ideia!

— Charles de Foucauld, por exemplo, se rebaixou a vida

inteira. Santa Teresa de Lisieux também...

— Será que não está ficando meio mística, Jo? Cuidado para não acabar num convento!

Joséphine resolveu que não valia a pena responder.

— Bem... — recomeçou Iris depois de um longo momento de silêncio —, se você realmente optou por seguir os caminhos da santidade, por que não perdoa mamãe?

— Porque estou apenas no primeiro grau... Sou apenas uma humilde aprendiz! Além do mais, devo lembrar que não se trata de mim, mas de minha heroína. Não vamos confundir!

Iris sacudiu a cabeça, rindo.

— Tem razão! Estou misturando tudo. Em todo caso, ele adorou e isso é o que importa. E também gostou do nome da heroína! Florine! É bonito, Florine... Não quer beber uma tacinha de champanhe à saúde de Florine?

— Não, obrigada. Preciso manter a cabeça bem lúcida para trabalhar hoje à tarde. Quando é que ele pretende publicar meu livro?

— Nosso livro, Joséphine... não esqueça! E quando sair, será o MEU livro. Vai precisar se cuidar para não cometer nenhuma gafe...

Joséphine sentiu uma pontadinha no coração. Já tinha se afeiçoado à história, a Florine, a seus pais, seus maridos. Pegava no sono à noite tentando escolher seus nomes, a cor de seus cabelos,

seus olhos, definindo qual seria o caráter de cada um, inventando uma vida, um passado, um presente, desenhando uma granja, um castelo, uma bodega. Deslizava entre cavaleiros, aprendia a fazer

246

pão, começava uma longa tapeçaria, vivia suas vidas e quase não conseguia dormir. A história é minha, teve vontade de dizer à irmã.

— Estamos em fevereiro... Creio que será publicado em outubro ou novembro que vem: setembro é uma época de lançamentos literários, já tem gente demais! Só vai precisar entregar o manuscrito em julho. Terá, portanto, seis ou sete meses para escrever... É suficiente, não?

— Não sei — respondeu Joséphine, magoada ao ver a irmã tratá-la como uma reles secretária.

— Vai se sair muito bem, Jo. Pare de se preocupar! E sobretudo, atenção: nem uma palavra a ninguém! Se quisermos que nosso acordo funcione, não podemos dizer nada a ninguém, absolutamente ninguém. Entendeu bem?

— Entendi — suspirou Jo em voz baixa, fraca.

Gostaria de repreender a irmã: não se trata de nenhum “acordo”, você está falando do meu livro... Meu Deus, pensou, estou ficando sensível demais, tudo me incomoda, qualquer bobagem me magoa.

Iris estendeu o braço na direção do garçom e pediu uma taça de champanhe. “Só uma?”, perguntou ele, espantado. “Sim, só quem vai festejar sou eu. — Pois eu gostaria muito de festejar

junto”, declarou o rapaz, bombando os peitorais. Iris pousou os grandes olhos azuis cheios de perplexidade em cima dele e o garçom se afastou assoviando a Habanera da *Carmen* de Bizet, “*l’amour est enfant de bohême, il n’a jamais, jamais connu de loi... Si tu ne m’aimes pas, je t’aime et si je t’aime, prends garde à toi*”.

— E então, nada?

— Nadica de nada... estou perdendo a esperança!

— Não, é assim mesmo. Você toma pílula há anos, não pode esperar que, puft, o embrião se forme num estalar de dedos!

Paciência, tenha paciência! Ele vai chegar, seu bebê, mas na hora certa.

— Talvez eu esteja velha demais, Ginette... 39 anos. E Marcel está feito louco!

— Vocês são de morrer de rir, vocês dois, parecem um casalzinho de recém-casados. Só estão tentando há três meses!

247

— Ele me obrigou a fazer milhões de exames para ter certeza de que está tudo funcionando direitinho. Mas eu, basta o sujeito me olhar que já fico grávida!

— Já engravidou antes?

Josiane balançou a cabeça com um ar sério.

— E fiz três abortos! Então...

— Talvez ele tenha medo de você estar ferrada.

— Está maluca! Nunca disse nada a ele. Boca de siri!

— Abortou um bebê Grobz? — perguntou Ginette, surpresa.

— O que acha? Que ia fazer o papel de Virgem Maria? Não tenho nenhum José, querida! E Marcel, com todo aquele medo da Cabo-de-vassoura, não me inspirava muita confiança... Diante dela, ele não é um homem, é uma manteiga! E continuo tendo as minhas dúvidas até hoje. Quem me garante que ele vai reconhecer meu filho depois que me engravidar?

— Ele prometeu, ora.

— Todo mundo sabe que promessa só vale para quem recebe...

— Você está exagerando, Josiane, dessa vez é diferente! Ele está todo derretido, só fala disso, arranjou uma dieta para você, está fazendo bicicleta, comendo natural, parou de fumar, tira a pressão de manhã e de noite, já leu todos os catálogos de artigos para bebês. Só falta experimentar os macacõezinhos!

Josiane observava, desconfiada.

— Huum... Vamos ver quando ele tiver plantado a sua sementinha. Vou logo avisando que, se ele abaixar as calças mais uma vez para a Cabo-de-vassoura, perco as estribeiras e acabo com os dois, o pai e o filho.

— Quieta, ele está chegando!

Marcel subia as escadas seguido por um homem corpulento que ofegava a cada degrau. Entraram na sala de Josiane. Marcel apresentou o sr. Bougalkhoviev, um empresário ucraniano, a Ginette e Josiane. As duas mulheres se inclinaram sorrindo. Marcel olhou para Josiane com ternura e tocou seus cabelos com um beijo

assim que o homem entrou em seu escritório.

— Tudo bem, Doçura?

248

Roçou sua barriga com a mão, que Josiane afastou resmungando.

— Pare de me olhar como se fosse uma galinha poedeira, vou acabar botando um ovo.

— Nada ainda?

— Desde hoje de manhã? — respondeu ela com um sorriso irônico. Não, nada. Ninguém à vista...

— Não deboche, Doçura.

— Não estou debochando, estou ficando cansada... Tem uma pequena diferença!

— Ainda tem uísque na minha sala?

— Tem, e gelo no frigobar. Pretende deixar o ucraniano de porre?

— Se quiser que aceite minhas condições, esse é o caminho!

Endireitou-se, foi para o escritório, mas, antes de fechar a porta, murmurou para Josiane:

— Ah! Não quero ser interrompido antes de conseguir fisgar o homem!

— Certo... Nem o telefone?

— Só se for urgente... Amo você, Doçura! Sou o mais feliz dos homens.

Desapareceu e Josiane deu um olhar de impotência para

Ginette. O que posso fazer com um homem desses?, diziam seus olhos. Depois que Marcel tinha pedido que lhe desse um filho, ela não o reconhecia mais. No Natal, mandou-a para uma estação de esqui. Ligava todo dia para saber se estava respirando corretamente, ficou todo preocupado quando soube que estava tossindo, queria que consultasse um médico local, queria que comesse carne malpassada, tomasse vitaminas, dormisse dez horas por dia, bebesse suco de laranja e de cenoura. Lia e relia *Estou esperando um bebê*, tomava notas, fazia comentários ao telefone, se informava sobre as várias formas de parir, “e sentada, já pensou nisso? Antigamente, as mulheres tinham filho sentadas: é menos cansativo para o bebê, ele desce suavemente, não tem que brigar para encontrar a saída, podíamos encontrar uma parteira que fizesse isso, o que acha?”. E ela caminhava horas a fio na neve pensando no bebê, se perguntando se seria uma boa mãe. Com a

249

mãe que tive... será que a gente já nasce mãe ou vira mãe? Então por que minha mãe nunca foi maternal? E se eu repetir, mesmo sem querer, o comportamento dela? Estremecia, fechava a gola do mantô e retomava o caminho. Retornava, exausta, para o hotel quatro estrelas que Marcel tinha reservado para ela, pedia uma sopa e um iogurte no quarto, ligava a televisão e se enfiava embaixo dos lençóis macios e quentes da cama imensa. De vez em quando, pensava em Chaval. No corpo esbelto e nervoso de Chaval, em suas mãos nos seus seios, em sua boca que mordida até ela pedir arrego...

sacudia a cabeça para tirar aquela lembrança da cabeça.

— Vou acabar enlouquecendo! — suspirou em voz alta.

— Venha cá, estou sonhando ou Marcel fez implante de cabelo?

— Não está sonhando não. E, uma vez por semana, vai ao salão fazer limpeza de pele! Quer ser o papai mais bonito do mundo...

— Que bonitinho...

— Não, Ginette: é angustiante!

— Bem, preciso do borderô de entrega que pedi. Chegou um carregamento e René pediu que verificasse tudo...

Josiane remexeu entre os papéis que enchiam seu classificador, encontrou o borderô que Ginette queria e entregou a ela. Ao sair da sala, Ginette cruzou com Chaval.

— Ela está? — perguntou ele, sem dar nem bom-dia.

— Devo lhe dizer que “ela” tem nome.

— Pare com isso! Não vou devorar a sua amiga.

— Muito cuidado, Chaval, muito cuidado!

Ele a empurrou com o ombro e entrou na sala de Josiane.

— E então, minha linda, continua chacoalhando o velho?

— E o que você tem que ver com isso?

— Calma! Calma! Ele está? Posso falar com ele?

— Pediu para não ser interrompido de jeito nenhum.

— Mesmo que tenha uma coisa importante a dizer?

— Exatamente.

— Muito importante?

250

— É um peso pesado. Não dá para você, peninha...

— Isso é o que você pensa.

— E tenho razão! Volte quando ele mandar chamar...

— Então será tarde demais...

Fez que ia virar as costas, achando que Josiane ia chamá-lo de volta. Mas como ficou calada, ele virou, despeitado, e perguntou:

— Não tem vontade de saber o que é?

— Você não me interessa mais, Chaval. Fico exausta só de olhar para você. Não tem nem dois minutos que está aqui e já me deu cãibra.

— Ora, ora, como é que nós estamos! Depois que voltou ao leito do *big boss*, a moça está cheia de arrogância, arrotando pretensão.

— Essa moça aqui está em paz, isso é que sim. E isso, meu caro, vale qualquer trepada desse mundo. Estou explodindo de alegria!

— Realmente, essa é uma das alegrias da terceira idade.

— Deixe disso, Ben Hur, segure a sua biga! Não é porque tem três anos menos do que eu que pode sair por aí achando que é um garoto! O reumatismo espera por você também, meu querido.

Ele sorriu de um jeito desdenhoso. O bigodinho que desenhava com o barbeador imitou um acento circunflexo e ele largou o osso, dando de ombros:

— Já posso abrir o jogo, afinal ele lhe conta tudo mesmo:

estou indo embora! Me ofereceram a direção da Ikea France e eu aceitei...

— Vieram procurar você! Por que será? Estão querendo afundar a empresa?

— Vai rindo, vai! Você mesma foi a primeira a querer me colocar no topo. Não posso ser tão mal assim. Eles praticamente me caçaram, minha velha! Só tive que levantar o dedo e vieram me buscar aqui. Salário dobrado, uma série de vantagens, me cobriram de ouro e eu aceitei. Mas como sou um sujeito correto, quis avisar o Velho. Já que ele não pode, você mesma pode contar, num momento de tranquilidade nos travesseiros... Então marcaremos uma hora para resolver essa história. Quanto mais cedo, melhor, não quero ficar perdendo tempo. Já está criando mofo e estou

251

começando a ficar irritado... Vou abater vocês dois à queima-roupa, queridinha! À queima-roupa!

— Ai que medo, Chaval! Fiquei até arrepiada.

Ela tripudiava.

— Ah! Já que estamos falando de arrepios... hoje de manhã fui apresentado à srta. Hortense. Uma gostosura, a menina! Uns quadris capazes de afundar o *Jeanne-d'Arc* com toda a tripulação...

— Ela tem 15 anos.

— Pois parece ter pelo menos 20! Deve ser um golpe na autoestima de alguém que está chegando perto da menopausa, não

acha?

— Some, Chaval, desaparece! Darei seu recado e ele vai ligar...

— Como a senhora quiser, madame, e... não exagere no Viagra, hein!

Deu uma gargalhada maldosa e foi embora.

Josiane deu de ombros e escreveu um bilhete para Marcel:

“Marcar encontro com Chaval. Ele recebeu uma proposta da Ikea e está dizendo que aceitou...” Lembrou que um ano atrás ela se derretia nos braços de Chaval. Aquele homem tem alguma coisa viciosa, depravada que atrai e enlouquece. Por que a virtude não tem o mesmo efeito? Devo ser depravada, eu também...

O problema da deslocalização, pensava Marcel contemplando os olhos enrugados do ucraniano sentado diante dele, apertado dentro de um casacão xadrez *pied-de-poule*, é ficar deslocalizando o tempo todo. A gente acaba de encontrar um país rendoso, onde o salário é baixo, os encargos sociais inexistentes e a mão de obra pode ser explorada à vontade, e ele entra na União Europeia ou qualquer coisa do gênero e deixa de ser rentável. Com isso, ele passava a vida transferindo suas fábricas, procurando intermediários que vendiam locais e homens de porteiras fechadas, pagando propinas à direita e à esquerda, aprendendo os usos e costumes locais e depois, mal acabava de se instalar, já era hora de mudar de novo. Cada vez mais para o leste. Fazia o percurso inverso ao do sol. Depois da Polônia, da Hungria, era a vez da

Ucrânia se abrir e se oferecer. Melhor ir para a China logo de uma vez! Mas a China era muito longe. E difícil. Já tinha muitas fábricas

252

instaladas lá. Precisava de um braço direito. E Marcel Junior não queria saber de chegar! Não vou sobreviver até a sua maioridade...

Suspirou e retornou aos argumentos do ucraniano. Encheu seu copo de uísque, colocou mais duas pedrinhas de gelo e estendeu para ele com um grande sorriso, aproveitando para colocar o contrato na sua frente. O homem descolou o traseiro da cadeira para pegar o copo, pegou a caneta, tirou a tampa e... consegui, pensou Marcel, consegui! Vai assinar. Mas o homem hesitou... retirou um grande envelope do bolso do casaco e entregou a Marcel dizendo: “São minhas despesas de viagem. Senhor poder cobrir gastos? — Sem problemas”, afirmou Marcel. Abriu o envelope e deu uma olhada rápida no monte de papéis amassados: notas de restaurante, uma conta de hotel exorbitante, faturas das grandes grifes, uma caixa de champanhe, perfumes Yves Saint Laurent, um anel e uma pulseira Mauboussin. Todas as notas estavam em nome de Marcel Grobz. Esperto, o ucraniano! Só lhe restava pagar e se responsabilizar com uma canetada pelas loucuras daquele porco! “Sem problemas”, garantiu piscando o olho para o ucraniano, que esperava com a caneta levantada, “sem problemas”, repetiu, “mando para a contabilidade e me responsabilizo por tudo”, ampliou o sorriso para que o sujeito entendesse que estava tudo certo. O que está esperando para assinar, o que quer mais? O

homem esperava, e seus olhinhos brilhavam com uma impaciência irritada, “sem problemas, o senhor é um amigo e... cada vez que vier a Paris, será meu convidado”.

O homem sorriu, relaxou, e seus olhos se transformaram em duas fendas sem luz. Apoiou a caneta no contrato e assinou.

Philippe Dupin colocou os pés na mesa e começou a ler o relatório que Caroline Vibert tinha lhe passado. A nota dizia: “Estamos encurralados, não encontramos solução, temos que aconselhar o cliente a comprar, mas ele hesita em investir e aparentemente apenas uma fusão salvaria o negócio: não há mais lugar no mercado francês para duas empresas rivais com as mesmas características...” Suspirou e começou a ler desde o início.

Era o fim da indústria têxtil francesa, com certeza, mas uma empresa como a Labonal conseguia sobreviver e manter seus lucros porque tinha se especializado em meias de luxo, classe A. As empresas francesas tinham de investir no alto luxo, na qualidade e deixar os segmentos inferiores para os chineses. Cada país da Europa deveria se especializar em seu próprio know-how para enfrentar a globalização. E isso exigia dinheiro: comprar novas

253

máquinas, depositar novas patentes, investir em pesquisa e em publicidade. Como explicar isso ao cliente? Contavam com ele para encontrar os argumentos. Deixou os sapatos caírem no chão e mexeu os dedos por baixo das meias. Muitas Labonal, concluiu. Os ingleses tinham compreendido isso há tempos. Não têm mais

indústria pesada, só setor de serviços e o país funciona a todo vapor. Suspirou. Gostava do seu velho país, amava a França, mas assistia impotente ao naufrágio de suas melhores empresas por falta de mobilidade, imaginação e audácia. Era necessário mudar as mentalidades, explicar, usar a pedagogia, mas nenhum empresário queria se arriscar. Correr o risco de ser impopular por 15 minutos para salvar as longas horas do futuro. O telefone tocou. Era a linha direta com a secretária.

— Um certo mister Goodfellow quer falar com o senhor e diz que é importante... está insistindo.

Philippe se endireitou e franziu a testa.

— Eu atendo. Pode passar.

Ouviu o clique da ligação e a voz de Johnny Goodfellow, rápida, entrecortada, misturando as línguas.

— *Hello Johnny! How are you?*

— *Fine, fine.* Fomos descobertos, Philippe...

— Como assim, descobertos?

— Estou sendo seguido, tenho certeza... Colocaram um detetive atrás de mim.

— Tem certeza?

— Já verifiquei... É um detetive particular. Tratei de segui-lo também. Não é muito bom. Um amador. Tenho o nome, endereço da agência, uma agência em Paris, só falta identificá-lo... O que vamos fazer?

— *Wait and see!* — disse Philippe. — *Just give me the name*

and the number where I can reach him and I'll take care of him...

— Paramos ou continuamos? — perguntou Johnny

Goodfellow.

— Continuamos, Johnny, claro!

Silêncio do outro lado. Philippe continuou:

— Vamos continuar, Johnny. Ok? Eu me encarrego do

resto... Segunda que vem, em Roissy, conforme combinado.

254

— Ok...

Outro clique e Philippe desligou. Então estava sendo seguido.

Quem poderia ter interesse em segui-lo? Um negócio particular.

Cem por cento particular. Um cliente tentando bisbilhotar sua vida para fazê-lo cantar? Tudo era possível. Alguns clientes do escritório eram pesos pesados. Às vezes, seus pareceres decidiam a sorte de centenas de empregados. Olhou para o pedaço de papel onde tinha escrito o nome do detetive e o telefone de sua agência e resolveu ligar mais tarde. Não tinha medo.

Retomou a leitura, mas teve dificuldade para se concentrar.

Muitas vezes, tinha a tentação de largar tudo aquilo. Aos 48 anos, tinha passado por muitas provas, feito muito dinheiro e garantido o futuro da família: poderia sustentar várias gerações de pequenos Dupin. O desejo de vender sua parte na empresa e exercer apenas um papel de consultor aumentava a cada dia. Aposentar-se e fazer o que gostava. Queria curtir o filho. Oi, papai! Tudo bem, papai? E desaparecia no quarto, um fiapo desengonçado com fones enfiados

nas orelhas. Quando Philippe tentava puxar conversa, ele não ouvia. Como censurá-lo? Quase todo dia, voltava para casa com uma pilha de documentos debaixo do braço, se trancava no escritório depois do jantar e só saía quando Alexandre já estava deitado. Sem contar as noites em que saía com Iris. Não quero passar batido por meu filho, disse em voz alta, olhando a ponta das meias Labonal de costura perfeita. Foi Iris quem comprou. Ela compra às dúzias: azuis, cinzas, pretas. Altas. Bem aderentes na perna. Não perdem a forma com a lavagem. Outro dia teve uma ideia: escrever uma longa carta ao filho. Tudo o que não podia dizer de viva voz diria por escrito. Não é bom que o menino viva cercado de mulheres. Sua mãe, Carmen, Babette, as primas Hortense e Zoé... Ele só vê mulheres! Vai fazer 11 anos, já é tempo de retirá-lo desse gineceu. Podiam ir ao futebol juntos, ao rugby, ao museu. Nunca fui ao Louvre com ele! E a mãe, com certeza, jamais faria isso... Vou escrever uma longa carta, pensou com seus botões, e direi que o amo, que me censuro por não ter mais tempo para dedicar a ele, contarei minha infância, como eu era na sua idade, as meninas, o gude, ainda se jogava bolinha de gude na minha época... e ele, joga o quê? Nem isso eu sei. Philippe tinha comprado um computador para seu uso pessoal. Queria aprender a digitar sem olhar as teclas. Contratou uma datilógrafa para aprender a parte essencial do método e a partir daí se arranjaria sozinho. Visava à perfeição em tudo o que fazia. “Carta a meu fiho!” Seria

uma bela carta. Nela, colocaria todo o seu amor. Pediria desculpas de um jeito que nenhum pai nunca tinha pedido antes. Sua proposta seria recomeçar do zero. Despenteou o repartido certinho demais e sorriu, pensando em Alexandre. Retomou o relatório. Antes de mais nada, precisava encontrar o dinheiro. Vender a empresa aos empregados para envolvê-los no processo de reestruturação? Como poderia começar a carta? Alex, Alexandre, meu filho? Poderia perguntar a Joséphine. Ela saberia. Conversava cada vez mais com Joséphine. Gosto de falar com ela. Gosto de sua sensibilidade. Sempre tem boas ideias. É brilhante, mas não sabe disso. E tão discreta! Sempre para na soleira da porta como se tivesse medo de incomodar. Acho que vou vender o escritório e me aposentar, tinha dito a ela um dia, de supetão, estou de saco cheio desse trabalho, fica cada dia mais pesado e meus colaboradores me aborrecem. Ela protestou: mas vocês são os melhores da praça em Paris! Pois é, eles são realmente bons, mas estão murchando e humanamente não despertam mais meu interesse. Sabe o que gostaria de fazer, Jo? Ela fez que não com a cabeça. Gostaria de ser consultor... Dar um parecer de vez em quando e ter mais tempo para mim. E o que faria com esse tempo? Ele olhou para ela e disse: boa pergunta! Teria que recomeçar do zero, encontrar alguma coisa nova. Ela sorriu e disse: é engraçado você dizer “começar do zero”, logo você que ganha tantos zeros!

Ele falou de Alexandre, ela comentou: seu filho é inquieto, precisa de você, de sua presença a seu lado mais tempo. Porque

— Você está ali, mas ao mesmo tempo não está... As pessoas costumam dizer que o importante é a qualidade do tempo que se dá à criança, mas a quantidade também é importante, porque as crianças não falam com hora marcada. Às vezes, você passa um dia inteiro com o seu filho e só à noite, no carro, quando está voltando para casa, é que ele relaxa e conta um segredo, uma angústia, faz uma confidência. E você descobre que todo aquele tempo de espera, visto como um tempo perdido, não tinha sido tão inútil assim... Ela ficou vermelha e disse: não sei se estou sendo clara. E foi embora, meio encurvada, com dois novos contratos para traduzir. Parecia cansada. Precisava aumentar o preço de suas traduções.

— Chamou-a de volta e perguntou: está precisando de alguma coisa, Jo? Está conseguindo se virar? E ela disse: estou, estou.

— Pensou um instante e acrescentou:

— Iris está sabendo que estou trabalhando para você...

— Como é que ela soube?

256

— Através da dra. Vibert... Elas tomaram chá juntas.

— Aparentemente, ficou meio chateada porque você não contou, talvez devesse...

— Vou fazer isso, prometo. Não gosto de misturar família e trabalho. Mas tem razão. Foi bobagem minha. Além do mais, não se trata de um segredo terrível, não é? Somos péssimos conspiradores, nós dois! Não sabemos mentir...

— Ela parecia terrivelmente embaraçada com essa última

observação.

— Não precisa ficar vermelha desse jeito, Jo! Vou falar com ela, prometo. É o que devo fazer se pretendo recomeçar tudo do zero!

Caiu na risada e ela ficou olhando, incomodada. Saiu do escritório recuando até a porta.

Que mulher estranha, pensou ele. Tão diferente da irmã! Dá para pensar que foi trocada na maternidade e os Plissonnier saíram de lá com o bebê errado. Não me espantaria nem um pouco se me dissessem isso. Imagine a cara de Henriette ao descobrir uma coisa dessas! Ia perder até o seu inseparável chapeuzinho!

Caroline Vibert empurrou a porta de sua sala.

— E então? Já bolou uma estratégia para o caso que lhe trouxe?

— Não, fiquei perdido em devaneios. Não estou com nenhuma vontade de trabalhar! Acho que vou convidar meu filho para almoçar, hoje é quarta, não tem aula!

Caroline Vibert olhou para ele e viu quando digitou o número do celular de Alexandre, que gritou de alegria diante da ideia de almoçar com o pai em seu restaurante preferido. Philippe Dupin colocou o telefone no viva voz para que a alegria do filho ressoasse por toda a sala.

— E depois, filho, vamos ao cinema e você pode escolher o filme.

— Não — gritou Alexandre —, vamos ao bosque fazer tiro ao

alvo.

— Com esse tempo? Vamos afundar na lama!

— Vamos, papai, vamos! Eu atiro e se conseguir acertar você

grita: bravo!

257

— Tudo bem, você decide.

— Yes! Yes!

A dra. Vibert girou a ponta do dedo encostada na cabeça:

você está completamente maluco.

— As meias francesas podem esperar... Fui, tenho um

encontro marcado com meu filho!

Primeiro, foi o barulho dos seus passos no hall de entrada.

As paredes revestidas de cerâmica amarelo-claro, o friso azul, o

espelho enorme para se ver de corpo inteiro e a caixa de

correspondência que ainda exibia o cartão de visita com o nome

deles, sr. e sra. Antoine Cortès. Joséphine não tinha trocado.

Depois veio o cheiro do elevador. Um cheiro de cigarro, carpete

velho e amoníaco. Finalmente, o barulho dos seus passos no

corredor do andar. Não tinha chave. Levantou a mão para bater. A

lembrança de que a campainha não estava funcionando quando foi

embora voltou à memória. Teve vontade de tocar para ver, mas

Joséphine já tinha aberto a porta.

E lá estavam eles, frente a frente. Quase um ano, pareciam

dizer seus olhares, demorando-se no rosto um do outro. Há um

ano, éramos um casal perfeito. Casados, duas filhas. O que

aconteceu para que tudo isso desmoronasse? De um lado e de outro, a mesma interrogação discreta e perplexa. No entanto, como tudo mudou em um ano!, pensava Joséphine, examinando as olheiras amassadas de quem bebe demais sob os olhos de Antoine, as veinhas arrebitadas no rosto, as rugas marcando a testa. Está bebendo demais, é isso, essa pele inchada, vermelha em certos pontos... No entanto, nada mudou, pensava Antoine, com vontade de fazer um carinho nas mechas loiras que emolduravam o rosto mais firme, mais magro de Joséphine. Você está linda, querida, gostaria de murmurar. Está com um ar cansado, meu amigo, não disse ela.

Da cozinha vinha um cheiro forte de cebola frita.

— Estou fazendo frango com cebolas para o jantar das meninas, elas adoram.

— Justo hoje, estava pensando se não poderia levá-las a um restaurante, faz tanto tempo que...

— Elas vão gostar. Não disse nada a elas, não sabia se...

258

Se você estaria sozinho, se estava livre para jantar, se a outra não estava com você... Calou-se.

— Elas devem ter mudado tanto! Estão bem?

— No começo, foi meio difícil...

— E a escola?

— Não recebeu os boletins? Mande para você.

— Não. Devem ter se perdido...

Tinha vontade de sentar e ficar ali, calado. De ver Joséphine preparar o frango com cebolas. Ela sempre teve aquele efeito sobre ele, ela o pacificava. Tinha esse dom, como alguns têm o dom de curar com a imposição das mãos. Tinha vontade de descansar da direção assustadora que sua vida tinha tomado. Tinha a sensação de que estava se desfazendo em migalhas. Sentia como se todo o seu ser flutuasse e se repartisse em mil identidades que ele não dominava mais. Em mil responsabilidades pesadas demais para ele. Tinha acabado de se encontrar com Faugeron. Ele só lhe concedeu dez minutos e atendeu três telefonemas nesse tempo. “Desculpe, sr. Cortès, mas é importante...” E eu, eu não sou importante?!, teve vontade de gritar num último estremeamento de revolta. Conseguiu se conter. Esperou que Faugeron desligasse e retomasse o fio da conversa. “Mas sua mulher se saiu muito bem! Não tive nenhum problema com suas contas. Melhor seria se discutisse com ela... Afinal, trata-se de uma história de família e vocês parecem ser uma família muito unida.” Em seguida, foi interrompido por uma segunda ligação, poderia me dar licença?, e nem se desculpou. E na terceira, atendeu sem dizer uma palavra. No final, levantou e apertou sua mão repetindo: não haverá nenhum problema, sr. Cortès, enquanto sua mulher garantir... Antoine foi embora sem ter tido a chance de discutir suas pendências com mister Wei.

— Ainda é inverno em Paris?

— É — disse Joséphine. — Estamos em março, é assim mesmo.

Era a hora em que a noite caía, as luzes da avenida se acendiam e uma impalpável e branca claridade subia para o céu negro. Em frente, pela janela da cozinha, podia ver as luzes de Paris. Quando se mudaram para lá, admiravam a grande cidade e faziam planos. Quando formos morar em Paris, iremos ao cinema, ao restaurante... Quando formos morar em Paris, pegaremos o metrô e o ônibus, deixaremos o carro na garagem.. Quando formos

259

morar em Paris, vamos sair para tomar café nos bistrôs enfumaçados... Paris tinha se transformado num cartão-postal, no receptáculo de todos os seus sonhos.

— No fim, nunca fomos morar em Paris — murmurou

Antoine, com uma voz tão triste que Joséphine sentiu pena dele.

— Estou muito bem aqui. Sempre estive muito bem aqui...

— Mudou alguma coisa na cozinha?

— Não.

— Não sei... Parece diferente.

— Acumulei ainda mais livros, é só isso... E o computador!

Organizei um cantinho de trabalho, troquei a torradeira, a chaleira e a cafeteira de lugar.

— Deve ser isso...

Ficou mais um momento em silêncio, ligeiramente encurvado. Tocou a toalha encerada com os dedos, retirou algumas migalhas de pão. Ela percebeu alguns fios brancos em sua nuca e se pegou pensando que normalmente são as têmporas que

embranquecem primeiro.

— Antoine... por que pegou esse empréstimo sem me avisar?

Não é certo.

— Eu sei. Tudo o que faço há algum tempo não é certo... Não tenho nada a dizer em minha defesa. Sabe, quando parti, pensei que...

Engoliu em seco como se tivesse que confessar uma coisa pesada demais para ele. Mas recomeçou.

— Pensei que fosse ter sucesso, ganhar muito dinheiro, reembolsar você generosamente, indenizar até. Tinha grandes projetos, imaginei que tudo ia funcionar como um relóginho, mas...

— Ainda não acabou, tudo pode se arranjar...

— A África, Jo! A África! Engole um homem branco num piscar de olhos, ele vai apodrecendo lenta e seguramente... Só as grandes feras sobrevivem na África. As grandes feras e os crocodilos...

— Não diga isso.

260

— Falar me faz bem, Jo. Não devia ter abandonado você. Na verdade, não era o que queria. Aliás, não queria nada disso que aconteceu comigo... Essa foi a minha grande fraqueza.

Joséphine compreendeu que ele estava tomado pela melancolia. As meninas não podiam vê-lo naquele estado. Uma suspeita terrível ganhou sua mente.

— Você bebeu... bebeu antes de vir para cá?

Ele fez que não com a cabeça, mas ela se aproximou,

respirou seu hálito e suspirou.

— Bebeu! Você vai tomar um banho, mudar de roupa, ainda tenho algumas camisas suas e um paletó. E vai me fazer a gentileza de ficar bem e um pouquinho mais alegre, se quer mesmo levá-las ao restaurante...

— Guardou minhas camisas?

— Suas camisas são lindas. Não ia jogar fora, não acha?

Vamos, levante e vá para o chuveiro. Elas vão chegar em uma hora, você tem tempo...

Tudo estava melhor agora. A intimidade familiar retornava. Ia tomar um banho, mudar de roupa, as meninas voltariam da escola e ele poderia fazer de conta que nunca tinha ido embora. Poderiam ir jantar os quatro juntos, como antes. Entrou embaixo do chuveiro

e deixou a água escorrer sobre a nuca.

Joséphine olhava para as roupas que Antoine tinha deixado numa cadeira em seu quarto, antes de entrar no banheiro. Estava espantada com a facilidade daquele reencontro. Desde o momento em que abriu a porta, compreendeu: ele não era um estranho, jamais seria um estranho, seria sempre o pai de suas filhas, mas era pior, eles tinham se afastado. A separação aconteceu sem choro nem gritos. Com suavidade. Enquanto ela lutava, sozinha, ele tinha saído de seu coração. Silenciosamente.

— Sempre tive certeza de que existiam algumas pessoas perfeitamente felizes e sempre quis ser uma delas — confessou ele, já banhado, barbeado e vestido.

Fez um café para ele e ficou ouvindo, a cabeça apoiada na mão, num movimento de abandono atento e amigável.

— E você... agora parece fazer parte dessas pessoas felizes. E não sei como chegou lá. Não tem medo de nada... Faugeron disse que pagou todo o empréstimo sozinha.

261

— Consegui um trabalho extra. Faço traduções para o escritório de Philippe. Ele paga muito bem, até bem demais...

— Philippe, o marido de Iris?

Havia incredulidade na voz de Antoine.

— É. Ele ficou mais humano. Deve ter acontecido alguma coisa na vida dele, está mais atencioso com as pessoas agora...

Preciso guardar esse instante. Preciso que dure mais um

pouco para que fique impresso na memória. O momento exato em que ele deixou de ser o homem que amo e que me tortura para se tornar simplesmente um homem, um companheiro, mas não um amigo, ainda. Medir o tempo que precisei para chegar a esse resultado. Saborear esse momento em que me separo dele.

Transformar isso numa etapa. Pensar nesse momento preciso vai me dar forças mais tarde, se eu vacilar, duvidar, perder a coragem.

Precisavam conversar mais um pouco para preencher aquele instante, para que se tornasse real e marcasse uma reviravolta em sua vida. Um marco no caminho. Graças a esse momento, serei forte e poderei avançar sabendo que existe um sentido, que toda a dor que acumulei desde o momento em que ele foi embora se transformou num passo à frente, num avanço invisível. Não sou mais a mesma, mudei, cresci, sofri, mas não foi em vão.

— Joséphine, o que fazem as pessoas de sucesso? Será que são simplesmente bafejadas pela sorte ou têm uma receita?

— Não acho que exista uma receita... O que é necessário, no começo, é escolher uma indumentária que fique bem em você, na qual você se sinta bem, e pouco a pouco começar a aumentá-la, acompanhando a sua medida. Pouco a pouco, Antoine... Você anda rápido demais. Começa a ver grande cedo demais e pula todos os pequenos detalhes que são importantes. Não se obtém sucesso logo no primeiro movimento, é preciso colocar uma pedra depois da outra... Quando reencontrar seus crocodilos, aprenda a fazer as coisas aos poucos, uma por uma, à medida que se apresentam, e,

depois, só depois, comece a aumentar, um pouco mais e ainda mais... Avançando lentamente, você constrói; se andar muito rápido, tudo desmorona muito rápido também...

Ele bebia suas palavras, uma a uma, como quem segue os gestos do socorrista que veio salvar sua vida.

— É a mesma coisa com o álcool... Você se levanta a cada manhã e diz a si mesmo: hoje eu não vou beber até a noite. Não

262

deve dizer não vou beber mais até o fim da minha vida. É uma promessa grande demais para qualquer um. Um pequeno passo a cada dia... e você vai chegar lá.

— Meu patrão chinês... não me pagou.

— Mas como é que você vive?

— Com o dinheiro de Mylène. Foi por isso que não pude pagar as parcelas do empréstimo.

— Oh, Antoine!

— Pensei em discutir a questão com Faugeron, pedir que me ajudasse a encontrar uma solução, mas ele mal me escutou...

— Mas... e os chineses? Eles estão recebendo?

— Estão, é uma mixaria, mas pelo menos são pagos. É um orçamento à parte. Não vou pegar o dinheiro deles.

Joséphine pensou, fazendo a colher tilintar contra a xícara de café.

— Você tem de ir embora! Ameaçar deixá-los plantados...

Antoine olhou para ela, boquiaberto.

— Mas o que vou fazer se for embora?

— Pode recomeçar aqui ou em qualquer outro lugar... uma coisa pequena... pouco a pouco...

— Não posso! Investi tudo o que tinha lá. E já estou velho demais.

— Ouça bem, Antoine: esse tipo de gente só entende relações de força. Se ficar, se continuar trabalhando de graça, como pode esperar que o respeitem? Mas se for embora, ele vai se ver com todos aqueles crocodilos nas mãos e vai lhe enviar esse cheque na mesma hora! Pense bem... É evidente! Seu patrão não pode correr o risco de perder milhares de crocodilos... Portanto, ele é quem vai ficar encurralado!

— É, talvez você tenha razão...

Suspirou como se a simples ideia de uma queda de braço com mister Wei já fosse suficiente para deixá-lo exausto, mas se recuperou e repetiu “tem razão, é o que farei”. Joséphine levantou para abaixar o fogo das cebolas e começou a dourar os pedaços de frango numa frigideira. O cheiro do frango tirou Antoine de seus devaneios.

263

— Parece tão simples quando converso com você. Tão simples... Você mudou.

Estendeu o braço e pegou a mão de Joséphine. Apertou-a e murmurou “obrigado” várias vezes. A campainha tocou. Eram as meninas.

— Precisa se controlar agora. Sorria, seja alegre... Elas não

precisam saber, não é problema delas. Certo?

Ele fez que sim, em silêncio.

— Posso ligar se as coisas não andarem bem?

Ela hesitou um instante, mas diante do ar suplicante de

Antoine, aceitou.

— E não deixe Hortense tomar conta da conversa... Tente

puxar Zoé também. Ela sempre se apaga diante da irmã.

Ele deu um sorrisinho murcho e balançou a cabeça

afirmativamente.

Quando chegou a hora de partir, Antoine perguntou: “Não

quer vir conosco?” Joséphine negou com a cabeça e respondeu

“não, preciso trabalhar, divirtam-se e não voltem muito tarde,

amanhã tem escola!”.

Fechou a porta de entrada e sua primeira reação a fez sorrir.

Preciso escrever, disse para si mesma, preciso escrever essa cena e

colocar no meu livro. Não sei exatamente onde, mas sei que acabei

de viver um belo momento, um momento em que a emoção de um

personagem faz a ação progredir. É fantástico quando a ação vem

do interior, quando não vem do exterior...

Sentou diante do computador e começou a escrever.

Enquanto isso, Mylène Corbier retornava ao quarto do hotel

Ibis, em Courbevoie. Antoine fez a reserva em nome de sr. e sra.

Cortès. Aquilo, que um ano antes a deixaria nas nuvens, a deixava

indiferente agora. Teve dificuldade para enfiar a chave na

fechadura, de tão carregada que estava. Tinha feito o circuito das lojas de departamentos, Monoprix, Sephora, Marionnaud, Carrefour, Leclerc, atrás de produtos de maquiagem baratos. Uma ideia germinava em sua cabeça há algumas semanas: ensinar as chinesas do Croco Park a se maquiar e instalar uma lojinha.

Comprar base, rímel, esmalte, blush, sombra, batom na França e revender com uma pequena margem de lucro. Desde que chegou, tinha reparado que, cada vez que se maquiava, as chinesas a

264

seguiam, cochichavam à sua passagem e vinham falar com ela num inglês péssimo, perguntando como conseguir vermelhos, verdes, azuis, rosas, ocres pálidos, beges rosados e “cacau para os cílios”.

Apontavam os olhos, os cílios, os lábios, a pele de Mylène, pegavam seu braço para sentir o cheiro de seu creme para o corpo, tocavam e amassavam seus cabelos, davam gritinhos de satisfação. Mylène examinava aquelas mulheres: magras e lamentáveis nos shorts grandes demais, as peles malcuidadas, a carnção flácida, sem brilho. Notou também que cobiçavam produtos com Paris ou Made in France escrito na caixa. E estavam prontas a pagar caro por eles.

E isso lhe deu uma ideia: abrir uma clínica de estética dentro do Croco Park. Faria limpeza de pele e tratamentos de beleza. E venderia os produtos importados de Paris. Precisava calcular os preços cuidadosamente para amortecer as despesas de viagem e garantir seu lucro.

Não podia mais contar com Antoine. Ele se esfacelava a cada

dia. Tinha começado a beber. Era um bêbado doce e resignado. Em breve, se ela não tomasse as rédeas, ficariam sem um tostão.

Naquela noite, ele tinha ido se encontrar com a mulher e as filhas.

Quem sabia não tinha um estalo? Sua mulher parecia simpática.

Era uma boa pessoa. Uma batalhadora. Não se queixava.

Mylène jogou as sacolas na cama enorme do quarto, abriu uma mala vazia e começou a enchê-la. Além do mais, continuou, enchendo a mala de produtos, de que adianta ficar reclamando, reclamar não faz a coisa andar, a gente fica se lamentando num canto, chorando o tempo passado. Mas o tempo passado já era: de que adianta então? Contou as embalagens mais uma vez e anotou numa folha de papel a quantidade e o preço de cada artigo. Ah, esqueci dos perfumes! E dos xampus colorantes! E dos fixadores! Tudo bem! Não importa, cuidarei disso amanhã ou numa próxima viagem. E depois, é melhor começar com pouco...

Tirou a roupa, pegou a camisola na mala, abriu a embalagem do sabonete no banheiro e tomou um banho. De repente, tinha pressa de voltar ao Quênia para abrir seu salão de beleza.

Adormeceu pensando num nome para ele: Beauté de Paris, Paris Chic, Vive Paris, Paris Beauty, e teve um curto acesso de angústia: meu Deus, faça com que essa tralha toda não encalhe, gastei tudo o que ainda tinha na conta, não sobrou mais nada!

Tateou às cegas no escuro, procurando uma madeira para bater e adormeceu em seguida.

Joséphine consultou o calendário da cozinha e fez um X com hidrocor preto sobre as duas semanas seguintes: era dia 15 de abril e as meninas só voltariam dia 30; portanto, tinha duas semanas para se dedicar ao livro. Duas semanas, ou seja, 14 dias, o que significava um mínimo de dez horas de trabalho por dia. Doze, talvez, se bebesse bastante café. Tinha acabado de voltar do Carrefour com as compras para a quinzena. Só trouxe comida enlatada, em saquinho ou coisas para sanduíche. Pão de forma, garrafas d'água, pó de café, barras de Ovomaltine, iogurtes, chocolate. Precisava produzir páginas e mais páginas se queria mesmo terminar em julho.

Quando Antoine propôs que as meninas fossem passar as férias de Páscoa com ele, Joséphine hesitou. Permitir que fossem para o Quênia praticamente aos cuidados de Mylène não era muito seguro. E se as meninas chegassem muito perto dos crocodilos? Conversou sobre o assunto com Shirley, que foi decisiva: “Poderia ir com elas e levar Gary também... Dá para tirar duas semanas de férias: não tenho aula no conservatório, nenhuma encomenda importante para entregar e além do mais adoro viagens e aventuras! Pergunte a Antoine se ele concorda.” Antoine concordou e, na véspera, ela tinha levado as meninas, Shirley e Gary ao aeroporto de Roissy.

Seguir um horário. Não perder tempo. Comer entre dois capítulos. Beber litros de café. Espalhar livros e notinhas na mesa da cozinha sem medo de atrapalhar. E escrever, escrever, escrever...

Para começar, escolher o cenário.

Onde localizar a minha história? Nas brumas do Norte ou no sol?

No sol!

Uma aldeia no sul da França, perto de Montpellier. No século XII. A França tem 12 milhões de habitantes, e a Inglaterra, apenas 1,8 milhão. A França está dividida em dois: o reinado dos plantagenetas, com Henrique II e Leonor da Aquitânia à frente, e o reinado de Luís VII, rei da França, pai do futuro Filipe Augusto. O arado de aiveca substitui o modelo de relha reta e as colheitas tornam-se mais abundantes. Os moinhos substituem a moagem manual. A alimentação se diversifica, a população se alimenta melhor e a mortalidade infantil diminui. O comércio se desenvolve nos mercados e nas feiras. O dinheiro circula e se transforma num valor cobiçado por todos. Nas cidades, os judeus são tolerados, mas

266

amaldiçoados. Como os cristãos não gozavam do direito de emprestar dinheiro a juros, eles desempenham o papel de banqueiros. São na maioria agiotas. Têm interesse na miséria do povo e não são populares. São obrigados a usar a estrela amarela.

Na alta sociedade, o único valor da mulher é a sua virgindade, que ela entrega no dia de seu casamento. Era considerada pelo futuro marido como um ventre a ser fecundado.

Para parir meninos. Ele não deve dar demonstrações de amor, como ensina a lei da Igreja: aquele que ama sua mulher com muito ardor

é considerado culpado de adultério. É por isso que tantas mulheres sonham em se retirar para um convento. Os conventos se multiplicam nos séculos XI e XII.

“A obra de procriação é permitida no casamento, mas a luxúria à maneira das prostitutas é condenada”, diz o padre em seus sermões. Muito importantes, os padres! Eles ditam a lei. Até o rei obedece. Uma jovem que sai de casa sem escolta e sofre um estupro é considerada “de ninguém”. É discriminada e não pode mais se casar. Bandos de jovens, de soldados sem chefes, de cavaleiros sem castelo, senhor ou exército saqueiam os campos, violentando as mocinhas e roubando os velhos. É um período de grande violência social.

Florine entendeu tudo isso. Não quer fazer parte dessas mulheres que são conduzidas ao casamento como quem vai para o abatedouro. Embora o amor cortês começasse a se disseminar nas baladas dos trovadores, em sua aldeia nem se ouvia falar do assunto. Ao falar de casamento, costumavam dizer que chegou a hora de o jovem cavaleiro “gozar e se estabilizar: uma mulher e uma terra”. Ela se recusa a ser um objeto. Prefere se entregar a Deus.

Florine começava a existir. Joséphine podia vê-la fisicamente.

Alta, loura, silhueta bem-feita, branca como a neve, pescoço longo e flexível, olhos verdes amendoados e bordados de cílios negros, a testa alta e arqueada, uma pele admirável, a boca bem-desenhada e rubra, as bochechas rosadas, a cabeleira loura presa por uma faixa bordada, caindo em cascata ao lado do rosto. Entre outras

perfeições, ela tem mãos de marfim, longas, suaves, de dedos finos como círios arrematados por unhas brilhantes. Mãos de aristocrata.

Não como as minhas, ruma Joséphine, dando uma olhada desgostosa para suas unhas com as cutículas crescidas.

Seus pais são nobres arruinados que vivem numa casa burguesa que sofre com as chuvas e os ventos. Sonham em

267

recuperar o esplendor passado, casando a filha única. Pertencem ao mesmo tempo ao mundo do campo e da cidade. Vivem da renda mirrada de suas terras. Possuem apenas um cavalo, uma carroça, um boi, cabras e carneiros. Mas as armas de seu brasão, reproduzidas numa grande tapeçaria, enfeitam a parede da sala comum, onde se reúnem em ocasiões festivas.

A história começa numa dessas ocasiões...

Uma festa numa pequena cidade da Aquitânia, no século XII.

Preciso inventar um nome para a cidadezinha. À noite, eles se encontram entre pessoas da família ou entre vizinhos. Numa dessas noites, quando os avós, os netos, os primos e as primas estão reunidos, chega a notícia de que o conde de Castelnau tinha retornado de uma cruzada. Guillaume Longue Épée é nobre, valente, rico e bonito.

E agora, faço um retrato de Guillaume...

Os cabelos dourados brilham ao sol e seus soldados o reconhecem nas batalhas graças a essa cabeleira que balança ao vento como um estandarte. O rei notou sua bravura e lhe concedeu

terras, que Guillaume uniu a seu condado. Possui um lindo castelo, que a mãe, viúva, guardou em sua ausência, e uma grande extensão de terras férteis. Deseja se casar e todos tentam adivinhar quem será a futura condessa.

Aquela era a noite escolhida por Florine para anunciar aos pais sua decisão de se submeter à Regra de São Bento e de entrar para um convento.

Preciso dar início à festa. Florine espera o momento adequado para falar com a mãe. Não, com o pai... Quem tem importância é o pai.

Podemos

vê-los

debulhando

ervilhas,

descascando

beterrabas, consertando as roupas, limpando, arrumando: todos ocupados com alguma tarefa útil, mas conversando. Discutem o cotidiano, os últimos escândalos da cidade (os homens acusados de bigamia, uma camponesa que deu sumiço em seu bebê, o padre que gosta de rondar as mocinhas...), riem, suspiram, falam dos carneiros, do boi que pegou a febre, da cardagem da lã, da vinha e das sementes que precisam ser compradas; em seguida, a conversa passa para os temas eternos: os barcos que precisam de conserto, os jovens que precisam casar, o número crescente de impostos, os

nascimentos demasiado frequentes e essas crianças que “não fazem outra coisa a não ser comer”...

Agora o foco passa para os pais de Florine: a mãe, uma mulher ávida, com o coração seco, interesseira, e o pai, na verdade bonachão e bondoso, mas dominado pela esposa.

Florine tenta chamar a atenção do pai e entrar na conversa.

Inútil. As crianças não têm direito de falar se não foram

convocadas. Florine tem de fazer reverência antes de dirigir a

palavra aos pais. Resolve ficar calada e esperar a hora certa. Uma

velha tia resmunga e afirma que não se deve falar das coisas fúteis,

mas só das coisas magníficas. Florine levanta os olhos para ela na

esperança de que fale em Deus e ela possa entrar na conversa. Qual

nada! Ninguém dá ouvidos à velha tia e Florine continua em

silêncio. Finalmente o senhor da casa, a quem todos devem

respeito, dirige-se à filha e pede que lhe traga o cachimbo.

Era exatamente assim quando era pequena! Era eu quem

entregava o cachimbo a meu pai. Mamãe o proibia de fumar dentro

de casa, ele ia para a varanda e eu ia atrás. Ele apontava as

estrelas e me ensinava seus nomes...

O pai de Florine fuma em casa e Florine enche o forninho de

seu cachimbo. Aproveita o ensejo para anunciar seu projeto. A mãe

ouve e grita indignada. Isso está fora de questão: você vai se casar

com o conde de Castelnau!

Florine protesta. Afirma que Deus é o seu prometido. Seu pai

ordena que vá para o seu quarto e fique lá meditando sobre o

primeiro mandamento de Deus: honrar pai e mãe.

Florine se retira para o quarto.

Agora, descrevo o quarto: as arcas, as tapeçarias, os ícones, os bancos e tamboretas, a cama. As arcas e os baús são trancados com cadeados. Ter a chave das arcas é sinal de importância doméstica. Em seu quarto, quando todos partem, Florine ouve os pais no quarto ao lado. Às vezes, a mãe se queixa: “Não tenho nada para vestir, você não me dá atenção... Fulana está muito mais bem-vestida do que eu, beltrana recebe mais honras, todo mundo me acha ridícula...” Ela reclama o tempo todo e o marido permanece calado. Naquela noite, os dois falam dela, de seu papel como filha. Uma moça de boa família faz pão, arruma as camas, lava, cozinha, se encarrega dos trabalhos de tecelagem e costura, borda bolsas

269

esmoleiras. Toda a sua vida é decidida pelos pais: deve obediência a eles em tudo e por tudo.

— Ela vai se casar com Guillaume Longue Épée — garante a mãe —, e não vou desistir de jeito nenhum.

O pai se cala.

No dia seguinte, quando Florine entra na cozinha, sua ama desmaia. Sua mãe aparece e desmaia também! Florine raspou a cabeça e repete, obstinada: — Não vou me casar com Guillaume Longue Épée, vou entrar para o convento.

Sua mãe recobra a consciência e resolve trancá-la no quarto.

A indignação é geral: chovem censuras e vexames. Confiscam

sua chave, sua liberdade e, na cozinha, ela é tratada como uma borralheira. Florine é muito bonita. Florine é perfeita. Não existe nenhum falatório a seu respeito, o padre garante. Ela se confessa três vezes por semana. Será uma esposa perfeita. Tudo permite que os pais esperem um ótimo casamento.

Trancada em casa, é vigiada pela mãe, pelo pai e pelos criados. O trabalho doméstico solitário e silencioso vai derrotar os sonhos ridículos que essa cabeça oca teima em alimentar. É mantida longe das janelas. As janelas são muito vigiadas, pois são perigosas para a virtude das moças. Abertas para a rua, protegidas por persianas, autorizam as piores libertinagens: é possível espiar, olhar, conversar de uma janela para outra.

A reputação de Florine chegou aos ouvidos de Guillaume Longue Épée. Ele pede para vê-la. A mãe trata de cobri-la com um véu bordado e mil penduricalhos para esconder a cabeça raspada.

A entrevista acontece. Guillaume Longue Épée fica fascinado com a beleza silenciosa de Florine e com suas longas mãos de marfim. Pede sua mão em casamento e Florine é obrigada a aceitar.

Decide que este será o seu primeiro grau de humilhação.

O casamento. Guillaume deseja um grande casamento.

Manda construir um imenso estrado coberto de mesas, onde quinhentas pessoas festejam durante oito dias. O estrado é decorado com tapeçarias, móveis preciosos, brasões, tecidos trazidos do Oriente. Perfumes queimam em vasos. Para proteger os comensais, uma imensa tenda de tecido azul-claro bordado é

estendida sobre eles, enfeitada com guirlandas de ramos

pontilhadas de rosas. Um aparador de prata lavrada domina o estrado. O chão é coberto de folhagens. Cinquenta cozinheiros e

270

ajudantes trabalham nas cozinhas. As iguarias se sucedem. A noiva usa na cabeça um arranjo de plumas de pavão que custa cinco ou seis anos de salário de um bom pedreiro. Ela mantém os olhos baixos durante todo o tempo dos festejos de casamento. Ela obedeceu. Ela prometeu diante de Deus que seria uma boa esposa. E pretende manter sua promessa.

E agora, pensa Joséphine, chegou a hora de descrever os primeiros dias de mulher casada de Florine. Sua noite de núpcias.

O terror da noite de núpcias! Essas mulheres-meninas que eram entregues a guerreiros recém-chegados da frente de batalha, que não sabiam absolutamente nada sobre o prazer feminino. Ela treme, nua sob a camisola. Talvez Guillaume seja gentil... Vamos ver o grau de simpatia que ele me inspira! Durante o casamento com Florine, Guillaume Longue Épée prospera e fica muito rico. Como? Preciso pensar...

O segundo marido, ela...

Nesse exato instante, a campainha toca. De início, Joséphine não queria abrir. Quem poderia aparecer para perturbá-la em sua casa? Foi espiar pelo olho mágico na pontinha dos pés. Iris!

— Abra, Jo, abra. Sou eu, Iris.

Joséphine abriu a contragosto. Iris caiu na risada.

— Que roupa é essa? Parece um pano de chão!

— Bem... estou trabalhando...

— Vim fazer uma visitinha para ver como vai o meu livro e como vai a nossa heroína.

— Raspou a cabeça — resmungou Joséphine, com vontade de raspar a da irmã.

— Quero ler! Quero ler!

— Olhe, Iris, não sei se... Estou no meio do trabalho.

— Não vou ficar muito tempo, prometo. É só uma passadinha.

Entram na cozinha, Iris se debruça sobre o computador e

começa a ler. Seu celular toca e ela responde. “Não, não está

incomodando, estou na minha irmã. Claro! Em Courbevoie!

Imagine! Precisei de uma bússola. E do passaporte! Há, há, há! Não!

É mesmo? Conte tudo... Ele disse isso! E ela, o que foi que ela disse?”

271

Joséphine sente o sangue ferver. Não satisfeita em vir me

atrapalhar, ela ainda por cima interrompe a leitura para fofocar no

telefone. Arrancou o computador das mãos da irmã, fulminando-a

com os olhos.

— Xii! Vou ter que desligar, Joséphine está me perfurando

com os olhos! Ligo mais tarde.

Iris fecha o celular com um clique.

— Está chateada?

— Estou. Muito. Para começar, aparece sem avisar bem no meio do meu trabalho e em seguida interrompe a leitura do meu texto para falar com uma cretina qualquer e debochar de mim! Se não tem interesse pelo que escrevo, pelo menos não venha me atrapalhar, combinado?

A cólera de Florine fervia nela.

— Achei que minha opinião podia ajudar.

— Não preciso da sua opinião, Iris. Deixe-me escrever em paz e quando eu achar que chegou a hora, poderá ler.

— Tudo bem, tudo bem. Calma! Posso ler só um pedacinho por enquanto?

— Com a condição de não atender mais o telefone.

Iris concordou e Joséphine devolveu o computador. Iris leu em silêncio. Seu telefone tocou. Ela não atendeu. Quando levantou a cabeça, encarou a irmã e disse: “É bom. É muito bom.”

Joséphine sentiu que a tranquilidade voltava.

Até o momento em que Iris sorriu e disse:

— Raspar a cabeça foi uma boa ideia. Um ótimo *gimmick* publicitário!

Joséphine não respondeu. Só tinha uma preocupação: retomar o curso de seu romance.

— Está querendo que eu vá embora?

— Não vai ficar com raiva?

— Não. Na verdade fico satisfeita em ver que está levando tudo isso tão a sério.

Pegou a bolsa, o celular, deu um beijo na irmã e foi embora, deixando atrás de si o cheiro persistente de seu perfume.

272

Joséphine recostou-se na porta de entrada, bufou e voltou para a cozinha. Retomou o fio de sua história, mas teve que desistir: as ideias não vinham.

Deu um grito de raiva e abriu a porta da geladeira.

— Papai, os crocodilos vão me comer?

Antoine apertou a mãozinha de Zoé na sua e tratou de tranquilizá-la. Os crocodilos não iam comê-la. Era só não chegar muito perto deles nem tentar alimentá-los. Isso não é um zoológico, não existem guardas. Tem de ter muito cuidado, só isso.

Tinha levado Zoé para um passeio ao longo dos tanques de crocodilos. Queria mostrar onde trabalhava, o que fazia. Para que visse que tinha partido por um bom motivo. Lembrou da recomendação de Joséphine: “Dê atenção a Zoé, não se deixe monopolizar por Hortense.” Shirley, Gary e as meninas tinham chegado na véspera, cansados da viagem, do calor, mas excitados com a ideia de explorar Croco Park, o mar, a laguna, os recifes de coral. Shirley tinha comprado um guia do Quênia, que leu para eles durante a viagem. Jantaram na varanda. Mylène parecia contente com a companhia. Passou o dia inteiro cozinhando, pois queria que o jantar ficasse perfeito. E ficou. Pela primeira vez desde a sua instalação no Quênia, Antoine se sentia feliz. Feliz por estar com as meninas. Feliz por reconstruir uma vida de família. Mylène e

Hortense se entenderam muito bem. Hortense prometeu que ajudaria Mylène a vender seus produtos de beleza. “Então vamos fazer uma maquiagem e você será uma espécie de publicidade ambulante. Mas cuidado para não enlouquecer os chineses!”

Hortense fez uma pequena careta de desgosto: “São baixos demais, magros demais, amarelos demais, gosto de homens de verdade, bem musculosos!” Antoine ouvia, embasbacado com a segurança da filha. Gary tocou os próprios bíceps. Fazia cinquenta flexões pela manhã e à noite. “Não force a barra, estou de olho em você, baixinho!” Shirley fechou a cara. Não suportava que tratassem seu filho de baixinho.

De manhã, Zoé tinha entrado no quarto do casal sem bater.

Ele fez sinal para que não fizesse barulho e os dois saíram para um passeio.

Caminhavam em silêncio. Antoine mostrava as instalações do parque a Zoé. Ensinava o nome de uma árvore, de um pássaro. Não esqueceu de colocar protetor solar em Zoé e um grande chapéu

273

para protegê-la do sol. Ela espantou uma mosca com a mão e suspirou.

— Vai ficar aqui muito tempo, papai?

— Ainda não sei.

— Quando matar os crocodilos, colocar a carne nas latas e as latas nos sacos, já vai poder ir embora, não?

— Tem os novos crocodilos. Eles vão dar filhotes...

— E você vai matar os filhotes também?

— Serei obrigado...

— Até os bebês?

— Vou esperar que cresçam... Ou não. Se arranjar outro trabalho, não preciso esperar.

— Preferia que não esperasse. Com que idade um crocodilo fica grande?

— Com 12 anos...

— Não pode esperar tudo isso. Não é, papai?

— Com 12 anos, ele escolhe um território e uma mulher.

— É mais ou menos que nem a gente.

— Mais ou menos, é verdade. A mamãe-crocodilo põe mais ou menos uns cinquenta ovos e depois fica três meses chocando esses ovos. Quanto mais alta for a temperatura do ninho, mais crocodilos machos ela vai ter. Aí já não é igual a gente.

— Então ela vai ter cinquenta bebês!

— Não, porque alguns morrem nos ovos e outros podem ser comidos pelos predadores: os mangustos, as cobras, as garças. Eles aproveitam a ausência da mãe para atacar os ninhos.

— E quando eles nascem?

— A mamãe-crocodilo pega cada um na boca com muito cuidado e coloca na água. Fica com eles durante meses, até um ou dois anos, para protegê-los, mas eles têm que se virar sozinhos para comer.

— Nossa, ela tem um monte de bebês para cuidar!

— Noventa por cento dos bebês crocodilo morrem ainda

pequenos. É a lei da natureza...

274

— E a mãe, ela fica triste?

— Ela sabe que as coisas são assim... e luta pelos

sobreviventes.

— Mas deve ficar triste assim mesmo. Ela tem cara de ser

uma mãe legal. E se esforça muito. É como a mamãe, ela se esforça

muito por nós. Trabalha muito...

— Tem razão, Zoé, sua mãe é formidável.

— Então por que você foi embora?

Ela tinha parado, levantado a aba do chapéu e olhava para

ele com ar muito sério.

— Isso é um problema de gente grande. Quando a gente é

criança, pensa que a vida é simples, lógica e, quando cresce,

descobre que é bem mais complicado... amo muito a sua mãe,

mas...

Não sabia mais o que dizer. E se colocava a mesma pergunta

que Zoé: por que tinha ido embora? Naquela noite, quando trouxe

as meninas de volta para casa, teve vontade de ficar com Joséphine.

Entraria embaixo dos lençóis e dormiria. E sua vida recomeçaria,

tranquila e suave.

— Deve ser complicado mesmo. Nem você sabe explicar! Eu

não vou querer virar gente grande nunca! Tem muita coisa chata.

Talvez dê para crescer sem virar gente grande...

— O problema é exatamente esse, querida: aprender a virar uma pessoa boa e grande. A gente leva anos para aprender e às vezes nem aprende.. Ou só entende que cometeu uma besteira tarde demais.

— Quando dorme com Mylène, você dorme vestido?

Antoine estremeceu. Não esperava uma pergunta daquelas.

Pegou a mão da filha de novo, mas ela se soltou e repetiu a pergunta.

— Por que está perguntando isso? É importante?

— Você faz amor com Mylène?

Gaguejou:

— Ora, Zoé, não é da sua conta!

— É, sim! Se faz amor com ela, vai ter um monte de nenéns e eu... não quero...

275

Ele abaixou, pegou a filha nos braços e murmurou com ternura:

— Não quero ter mais filhos, só você e Hortense.

— Promete?

— Prometo... Vocês são os meus dois amores de filhas e enchem todo o meu coração.

— Então você dorme vestido!

Não quis mentir e preferiu mudar de assunto.

— Não está com fome? Não quer tomar um belo café da manhã com ovos, presunto, pão e geleia?

Ela não respondeu.

— Vamos voltar... Tudo bem?

Ela fez que sim com a cabeça. Estava com um ar preocupado. Parecia pensativa. Antoine olhava para ela, temendo mais uma pergunta embaraçosa.

— Quem faz o pão aqui é Mylène. E é delicioso, às vezes fica cozido demais, mas...

— Alexandre também está preocupado com os pais dele. De repente, pararam de dormir juntos, e Alexandre contou que não faziam amor nunca!

— E como ele sabia?

Ela deu uma risadinha e olhou para ele como quem diz: está pensando que sou um bebê ou o quê?

— Porque não ouvia mais nenhum barulho no quarto deles!

É assim que a gente descobre.

Antoine pensou que precisava tomar cuidado enquanto as meninas estivessem lá.

— E ele ficou preocupado com isso?

— É, porque depois, os pais se divorciam...

— Nem sempre, Zoé, nem sempre... Mamãe e eu ainda não estamos divorciados.

Parou por aí. Era melhor mudar de assunto e evitar mais perguntas difíceis.

— Eu sei, mas dá no mesmo... Não dormem mais juntos!

— Gostou de seu quarto aqui, é bonito?

Ela fez uma careta e respondeu: “É, tudo bem.”

Voltaram para casa em silêncio. Ele pegou a mão de Zoé na sua e ela deixou.

Passaram a tarde na praia. Sem Mylène, que abria sua

clínica às quatro da tarde. Antoine teve um choque quando

Hortense tirou a camiseta e a canga: tinha um corpo de mulher.

Longas pernas, uma cintura sinuosa, belas nádegas redondas,

barriguinha macia, mas musculosa, seios firmes, que o sutiã do

biquíni mal conseguia conter. Um corpo e um porte de mulher. A

maneira como ergueu e prendeu os cabelos, como passou o protetor

solar nas coxas, nos ombros, no pescoço o perturbou. Desviou os

olhos e verificou se tinha algum homem de olho nela na praia.

Ficou aliviado quando viu que estavam praticamente sozinhos, a

não ser algumas crianças que brincavam nas ondas. Shirley

percebeu sua perturbação e comentou:

— Espantoso, não? Vai deixar os homens loucos! Meu filho

troca os pés pelas mãos só de olhar para ela.

— Quando fui embora, ainda era um bebê.

— Precisa se acostumar! Isso é apenas o começo.

As crianças correram para o mar. A areia branca colava em

seus pés e se jogaram na água gritando. Antoine e Shirley, sentados

lado a lado, olhavam para eles.

— Ela tem namorado? — perguntou Antoine.

— Não sei. É muito reservada.

Antoine suspirou.

— E eu não vou estar lá para tomar conta...

Shirley deu um sorriso irônico.

— Ela leva você na conversa! Enrola todos os homens... É melhor se preparar para o pior, é bem mais simples.

Antoine desviou os olhos para o mar, onde as três crianças pulavam entre as ondas. Gary agarrou Zoé e jogou numa onda.

Cuidado! quase gritou Antoine, mas lembrou que não era muito fundo, Zoé tinha pé. Seu olhar retornou a Hortense, que tinha se afastado e boiava no mar, os braços ao longo do corpo, as pernas juntas como uma longa cauda de sereia, os olhos semicerrados aflorando na superfície da água.

277

Foi percorrido por um arrepio. Levantou e chamou Shirley:

— Vamos até lá? A água é deliciosa, você vai ver.

Foi somente quando entrou na água que Antoine se deu conta de que não tinha bebido nem uma gota de álcool desde a chegada das meninas.

Henriette Grobz estava no campo de batalha.

Diante do espelho, tinha acabado de colocar o chapéu e enfiava vigorosamente um longo alfinete na estrutura de feltro, atravessando-a de um lado a outro para que ficasse bem presa na cabeça e não voasse ao primeiro golpe de vento. Em seguida, cobriu os lábios com um traço de vermelho vivo, as faces com duas pinceladas de blush escuro, prendeu dois brincos nos lóbulos secos

e enrugados das orelhas e levantou, pronta para dar início às investigações.

Era a manhã de 1º de maio e ninguém trabalha nesse dia.

Ninguém, exceto Marcel Grobz.

Durante o café da manhã, ele anunciou que ia para o escritório e voltaria tarde, que não precisava esperar por ele para o jantar.

Para o escritório?, repetiu em silêncio Henriette Grobz, inclinando a cabeça com cabelos imobilizados por uma abundante camada de laquê. Seu coque era tão puxado que ela não precisava de plástica. Ficava dez anos mais velha quando soltava o cabelo: as carnes flácidas e moles caíam na falta dos grampos que as mantinham esticadas. Escritório no dia 1º de maio? Aí tem coisa. Aí estava a confirmação de seus pressentimentos da véspera.

Era a segunda bomba que o simpático Marcel lançava, decapitando o topo de seu ovo quente e mergulhando um pedacinho de pão com manteiga na gema. Examinou aquele homem roliço, apertado nas roupas e com um fio de gema de ovo no queixo, e teve um movimento de desgosto.

A primeira tinha explodido na véspera. Estavam jantando sozinhos, cada um numa ponta da longa mesa de jantar, servidos por Gladys, a empregada mauriciana, quando Marcel perguntou: “como foi seu dia hoje?”, como costumava fazer toda noite, quando jantavam juntos. Só que, na noite anterior, tinha acrescentado duas palavrinhas que explodiram como tiros de metralhadora. Marcel

não perguntou simplesmente “como foi seu dia hoje”, ele anexou “minha querida” ao final da pergunta!

— Como foi seu dia hoje, minha querida?

E mergulhou o nariz no ensopadinho de cenoura e carne, sem dar atenção à tempestade que tinha acabado de desencadear.

Marcel Grobuz não chamava Henriette de “minha querida” há vinte anos ou mais. Primeiro, porque ela mesma proibiu que a chamasse assim em público, depois, porque ela considerava aquelas duas palavrinhas “grotescas”. “Grotescas”: era a sua interpretação para aquele gesto de ternura entre marido e mulher.

De tanto ser repreendido a cada vez que se deixava levar pelo entusiasmo, Marcel só se dirigia a ela com termos mais neutros como “minha cara” ou simplesmente “Henriette”.

Mas na noite anterior, ousou chamá-la de “minha querida”.

Foi como uma chicotada em seu rosto.

É óbvio que aquele “minha querida” não era para ela.

Passou a noite virando de um lado para o outro no grande leito matrimonial e quando levantou, às três da manhã, para tomar um copinho de vinho tinto na esperança de que a ajudasse a pegar no sono, empurrou levemente a porta do quarto de Chefe para constatar que a cama não estava desfeita.

Mais um indício!

Às vezes ele não dormia em casa, por conta de alguma viagem de negócios. Só que ele não estava viajando: tinha jantado

com ela e se retirado para o quarto, como fazia toda noite. Penetrou no quarto de Chefe e acendeu a luz: não havia dúvida, o pássaro tinha fugido da gaiola: os lençóis estavam intactos! Examinou com espanto aquele quartinho onde não entrava nunca, a caminha estreita, a mesinha de cabeceira manca, o tapete barato, o abajur rasgado, meias pelo chão. Inspecionou o banheiro: barbeador, after-shave, pente, escova, xampu, pasta de dente e... toda uma linha de produtos de beleza masculinos *Bonne gueule*, da marca Nockel. Creme para o dia, creme antirrugas, creme esfoliante, creme hidratante, creme contorno dos olhos, creme firmador, creme Body Sculpture. O equipamento de beleza de Chefe espalhado na borda da pia era insultante.

279

Deu um grito: Chefe tinha uma amante! Chefe estava tendo um caso! Chefe estava trabalhando para fora! Chefe estava pulando a cerca!

Saiu chispando para a cozinha: ia acabar a garrafa de Bordeaux *grand cru* que tinha começado no jantar.

Não pregou o olho a noite inteira.

A história do 1º de maio no café da manhã confirmou suas suspeitas.

Precisava fazer uma pequena investigação. Em primeiro lugar, correr até o escritório de Chefe para ver se ele realmente estava lá. Fuçar a correspondência e a agenda, consultar os compromissos marcados, analisar os talões de cheque, as contas do

cartão de crédito. Mas para isso ia ter que passar por cima daquela desclassificada da Josiane — mas afinal, não era 1º de maio? Os escritórios vão estar vazios, posso fuçar à vontade! Só preciso evitar o idiota do René e sua mulherzinha vigarista, dois inúteis lautamente sustentados por aquele bobalhão chamado Marcel Grobz. Que nome infame! E dizer que tenho de carregá-lo, resmungou, ajeitando o alfinete espetado no chapéu.

O que uma mulher precisa fazer para sustentar os filhos!

Tantos sacrifícios no altar da maternidade. Iris pelo menos era grata, agradável, simpática, mas Joséphine! Uma vergonha! E ainda por cima rebelde! Ter uma crise de adolescência aos 40 anos, não é ridículo? Resumindo, não falava mais com ela e era melhor assim.

Não aguentava mais! Não suporto a vida medíocre que escolheu: um marido idiota, um apartamento num espigão no subúrbio e o salário de fome de professora! Isso é que é sucesso! É de morrer de rir. Mas a pequena Hortense era um bálsamo para suas feridas, só ela. Uma verdadeira senhorita, belas maneiras, belo porte e mais ambições do que sua pobre mãe!

Esticou o pescoço para alisar as rugas e, esforçando-se para manter a boca fechada, saiu de casa e chamou o elevador.

Passando diante do balcão da portaria, inclinou a cabeça e deu um amplo sorriso. A porteira lhe prestava inúmeros servicinhos, era importante conservar sua amizade.

Henriette era como a maioria das pessoas: destestável com os mais próximos, amável com quem mal conhecia. Como achava que

não tinha mais nada a tirar das pessoas com quem vivia e ignorava

o que fosse amor, doação ou generosidade, não fazia nenhum

280

esforço de gentileza e exercia sobre os familiares uma tirania brutal,

impiedosa, que só visava mantê-los sob seu jugo. No entanto,

vaidosa como era, sentia falta dos elogios que tanto adorava, elogios

que só conseguia obter dos desconhecidos que, ignorando as

profundezas de sua alma, podiam considerá-la encantadora,

admirável e emprestar-lhe inúmeras qualidades. E ela se

vangloriava daquelas qualidades, que repetia à exaustão,

mencionando toda aquela gente que a adorava, que seria capaz de

se desdobrar para agradá-la, que a via como a mulher mais

distinta, mais merecedora, mais fascinante... Quanto mais

suspeitava de que seus familiares, em particular a filha Joséphine,

tinham descoberto o vazio de seu coração, mais esforços fazia para

ganhar a estima dos desconhecidos. E, ao conquistar essa estima,

aumentava o círculo no centro do qual se colocava. Fazendo favores

a perfeitos desconhecidos, tinha como lucro um ganho de amor-

próprio que alimentava a alta opinião que tinha de si mesma.

A porteira fazia parte dessa corte. Para ela, Henriette

reservava suas roupas velhas, dizendo que eram de grandes

costureiros; para o filho, dava algum dinheirinho para ajudá-la a

carregar as sacolas quando estava sobrecarregada e, além do mais,

permitia que o marido estacionasse seu carro gratuitamente na

vaga de garagem que possuíam no imóvel e não usavam. Através

dessas falsas generosidades, garantia uma gratidão que elevava a visão que tinha de si mesma e permitia que continuasse a aterrorizar seus próximos. Essa rede de amizades distantes lhe dava uma sensação de segurança. Podia desabafar com elas, contar e recontar os mil desgostos que sua filha mais nova lhe dava; muitas vezes, Joséphine se espantava com a má vontade que a porteira ostentava quando ia visitar a mãe.

Naquela manhã, Henriette Grobz não teve nenhuma dificuldade para esperar o pior do marido. Enxergava o mal em tudo, pois o mal estava dentro dela mesma.

Para começar, ficou surpresa ao não encontrar o carro e o motorista de prontidão diante da porta; em seguida, lembrou que era 1º de maio e ele estava de folga. Malditas festas e malditos feriados que estimulavam a preguiça dos franceses e diminuía a atividade do país. Diante disso, foi obrigada a levantar o braço para chamar um táxi.

— Avenue Niel — latiu para o chofer do Opel cinza que parou quase em cima dela.

281

Como esperava, os escritórios estavam vazios.

Nenhum sinal de Chefe, nem da secretária, nem dos dois cretinos dos armazéns. Deu uma risadinha malvada e subiu as escadas do escritório, cujas chaves possuía.

Instalou-se confortavelmente e começou a inspecionar a papelada que estava na mesa, abriu todas as pastas e verificou os

compromissos marcados na agenda. Nenhum nome de mulher, nenhuma inicial suspeita. Não desanimou e começou a esvaziar as gavetas em busca dos talões de cheque e das faturas de cartão de crédito. Os cheques não revelaram nada, as faturas também não. Já estava perdendo as esperanças quando tocou um grande envelope escondido no fundo da gaveta, no qual estava escrito “Despesas diversas”. Abriu o envelope e uma onda quente de alegria vingativa tomou conta dela. Peguei! Uma fatura de hotel, quatro noites no Plaza para duas pessoas, com café da manhã, ora, ora, rosnou, caviar e champanhe no café da manhã, ele se diverte quando está com a vagabunda! Uma fatura salgada em nome de um joalheiro da place Vendôme e outras mais, de champanhe, perfumes, roupas de grife! Caramba! Ele pega pesado com suas conquistas, nada é bom demais para elas! Quem é velho paga! E paga caro!

Levantou, foi até a sala de Josiane para fotocopiar seu achado. Enquanto a máquina funcionava, ficou se perguntando por que Chefe guardava as faturas. Será que tinha pago com os cheques da empresa? Se fosse o caso, ele estaria cometendo abuso de bens sociais e ela poderia pegá-lo por dois lados!

Voltou a sentar atrás da mesa e continuou a remexer. Talvez encontrasse outros envelopes suspeitos. Seu pé bateu numa caixa embaixo da mesa. Abaixou, puxou e abriu a caixa. Boquiaberta, descobriu o conteúdo: dezenas de macacõezinhos de bebê cor-de-rosa, azuis, brancos, de veludo, de algodão, com casinha de abelha,

em seda mista, babadores, luvinhas para que o bebê não arranhasse o rosto, meinhas de lã de todas as cores, mantas luxuosas provenientes de La Châtelaine e catálogos suíços, ingleses, franceses de berços, landaus, móveis para pendurar em cima do berço do anjinho. Inspecionou a caixa e parou para pensar. Marcel pretendia lançar uma linha para bebês! Copiar os grandes nomes e mandar fazer a preço de banana na China ou algum outro lugar.

Fez uma careta de nojo. O velho Grobz estava atacando um novo mercado. Lamentável! Fechou a caixa e empurrou de volta para baixo da mesa com a ponta do sapato. É assim que ele se consola

282

por não ter tido filhos! A velhice é uma idade patética quando se perde a compostura: é preciso saber renunciar a certas coisas.

Deus sabe como ele encheu minha paciência com essa história de filho... Mas ela resistiu! Sua mão de ferro nunca relaxou. Suportar seus assaltos e seus dedinhos roliços amassando seus seios já era suficientemente desagradável e... Mais uma careta de nojo e voltou ao que interessava. Vamos lá! Isso tudo era passado, ela não precisou de muito tempo para botar um ponto final nisso também.

Desceu a escada de volta. Tinha medo de pegar o elevador sozinha. Ficou presa uma vez e pensou que fosse morrer. Sufocava, buscava o ar sacudindo a cabeça, se asfixiava, ofegava. Teve de tirar o chapéu, desabotoar a blusa, retirar um por um os grampos do coque para tentar recuperar o fôlego e foi uma mulher velha, desesperada e agonizante que os bombeiros retiraram de lá. O

episódio teve cerca de uma hora de duração, mas ela nunca esqueceria os olhares espantados do pessoal quando ela saiu, tonta e vacilante. Passou um longo tempo sem coragem de botar os pés na empresa...

No pátio, ouviu uma música de selvagens vinda do alojamento de Ginette e René, e um homem, provavelmente bêbado, botou a cabeça para fora para chamá-la:

— Ei, velha! Venha dançar um rock com a gente! Ei, pessoal!

Venham ver, tem uma velha com uma cuia na cabeça tentando escapar!

— Cale a boca, Régis! — gritou uma voz que parecia ser de René. — É a sra. Grobz.

Ela deu de ombros e acelerou o passo, segurando o envelope acusador debaixo do braço. Podem debochar, peguei vocês todos e não vão sair dessa assim tão fácil, praguejou, rezando aos céus para encontrar um táxi logo e colocar o achado no cofre de seu quarto.

— É por isso que não aparece mais em lugar nenhum? Está trancada escrevendo?

Iris assumiu um ar misterioso e fez que sim. Transportou-se em pensamento para a cozinha de Joséphine e descreveu as angústias da criação a uma Bérengère embasbacada com a metamorfose da amiga.

— É exaustivo, sabia? Precisa ver! Quase não saio do

escritório. Carmen me leva as refeições na bandeja e me força a comer, pois esqueço completamente de me alimentar!

— É verdade, você emagreceu...

— Todos aqueles personagens na minha cabeça! Eles moram dentro de mim. São mais reais que você, Alexandre ou Philippe! Não é difícil: está me vendo, mas não estou aqui! Estou com Florine, a minha heroína.

Bérengère ouvia, boquiaberta.

— Quase não durmo mais. Levanto no meio da noite para tomar notas. Penso nisso o tempo todo. E depois, preciso encontrar a linguagem de cada um deles, a evolução interior que faz a ação avançar sem ficar artificial. As coisas têm de fluir, é preciso que dê a impressão de ter sido escrito sem esforço para que o leitor possa mergulhar na leitura e se deliciar. Deixar alguns espaços, criar elipses...

Bérengère não estava muito certa sobre o que queria dizer

“elipses”, mas não teve coragem de perguntar a Iris.

— E como faz para as histórias da Idade Média?

— Do século XII, queridinha! Uma reviravolta na história da França... Comprei um monte de livros e leio, leio muito. Georges Duby, Georges Dumézil, Philippe Ariès, Dominique Barthélemy, Jacques Le Goff... E também Chrétien de Troyes, os romances de Jean Renart e o grande poeta do século XII, Bernard de Ventadour!

Iris ficou séria e curvou a nuca como se todo aquele saber pesasse sobre seus ombros.

— Ouça: sabe como eles chamavam a luxúria naquele tempo?

— Não faço a mínima!

— Lambiçã. E sabe como se fazia aborto? Com o esporão dos cereais.

Mais uma palavra que não entendo, pensou Bérengère, espantadíssima com a ciência da amiga. Quem diria que a fútil, a desdenhosa Iris Dupin iria assumir uma tarefa tão espinhosa: escrever um romance. E ainda por cima um romance situado no século XII!

284

Está dando certo, está dando certo, comemorou Iris. Se todos os leitores se deixarem enrolar como essa aí, vou surfar na onda da tranquilidade. Só preciso descobrir um figurino adequado, um penteado, uma atitude, dois ou três tiques de linguagem, um estupro quando tinha 11 anos, duas ou três fileirinhas de coca e bingo!, ganhei o prêmio principal. Aqueles almoços com Bérengère eram um excelente ensaio para o que teria de enfrentar, de modo que tratava de marcá-los regularmente, para aprender a responder às perguntas que os jornalistas lhe fariam mais tarde.

— E o Decretum? Já ouviu falar do Decretum?

— Mal terminei o segundo grau, Iris — respondeu Bérengère, esbaforida. — E quase não passei!

— Era um questionário bem direto, estabelecido pela Igreja para regular o comportamento sexual das mulheres. Com algumas

perguntas apavorantes: “Fabricou uma certa máquina, do tamanho que lhe convém, amarrou no local de seu sexo ou no de uma companheira e fornicou com outras mulheres perversas com esse instrumento ou qualquer outro?”

— É isso mesmo? Um antepassado do vibrador naquela época?

Bérengère não parava de se espantar.

— “Já fornicou com seu filho homem? Colocou-o sobre seu sexo e imitou a fornicação?”

— Uau!... — exclamou Bérengère, pasma.

— “Já se ofereceu a um animal? Já provocou, através de algum artifício, o coito? Já bebeu a semente de seu homem para que ele queime ainda mais de amor por você? Já o obrigou a beber o sangue de sua menstruação ou comer o pão amassado em suas nádegas?”

— Nunca fiz isso — comentou Bérengère, tonta.

— “Já vendeu seu corpo a amantes ou o corpo de sua filha ou sua neta para que gozem dele?”

— Parece hoje em dia!

— Justamente. Isso me ajuda. O cenário, as roupas, a alimentação, os ritmos de vida podem mudar, mas os sentimentos e os comportamentos particulares são sempre os mesmos, infelizmente...

285

Mais um argumento que tinha ouvido da boca de Joséphine.

Estava muito satisfeita consigo mesma. Tinha decorado várias passagens do Decretum e conseguiu recitar sem erros. Essa cabeça oca é perfeita, vai contar todo o nosso almoço a todo mundo que interessa em Paris e ninguém vai duvidar de que realmente escrevi esse livro. E mais tarde, quando for publicado, ainda vai dizer: eu estava lá, eu estava lá, vi como ela penou com esse livro! Devo parar agora ou faço mais uma investida?

Resolveu pela última investida, debruçou-se na direção de Bérengère, que tinha abortado várias vezes, e murmurou com ar ameaçador:

— “Já matou sua carga? Expulsou o feto da matriz seja por malefícios, seja através de ervas?”

Bérengère escondeu o rosto nas mãos.

— Pare, Iris! Está me assustando.

Iris caiu na risada.

— Os recém-nascidos não desejados eram sufocados e jogados na água fervente. E os que choravam demais eram jogados pelas fendas das flecheiras com uma prece a Deus ou ao Diabo para que os trocassem por outro mais calmo.

Bérengère deu um grito de horror e pediu clemência.

— Pare ou nunca mais almoço com você.

— Ah, alma danada, esmago o sexo e as vaidades desse mundo sob meus pés e faço de meu corpo uma hóstia viva!

— Amém — replicou Bérengère, realmente desejosa de acabar com aquilo. — E Philippe, como está reagindo?

— Devo dizer que ficou bastante surpreso... e que respeita meu retiro. Ele é um amor, cuida de Alexandre o tempo todo. Não era completamente falso. Philippe via a nova ocupação da mulher com perplexidade. Nunca falava do assunto, mas, em compensação, era verdade que cuidava zelosamente de Alexandre. Voltava do trabalho toda noite às sete, passava um tempo no quarto do filho ouvindo as lições, tirava as dúvidas de matemática, ia com ele ao futebol ou ao rugby. Alexandre estava felicíssimo. Imitava o pai em tudo, enfiava as mãos nos bolsos da calça com um ar importante, repetia palavras de Philippe e volta e meia repetia “é desolador” com o mesmo ar sério do pai! Iris tinha ligado para a agência de detetives para desistir da investigação. “Em boa hora!”,

286

comentou o diretor da agência, “parece que fomos descobertos. — Oh! Eu me preocupei por nada, era apenas um assunto profissional de meu marido!”, respondeu Iris para encerrar o assunto o mais rápido possível.

Não é bem assim, pensou o diretor da agência. Tinha recebido uma visita de Philippe Dupin, que tratou de deixar bem claro que, caso não colocasse um ponto final na perseguição, daria um jeito de fazê-lo perder sua licença profissional. Aquele homem tinha meios para tanto e não parecia estar de brincadeira. Sentou-se com autoridade na grande poltrona de couro colocada diante da mesa. Apoiou pesadamente os cotovelos nos braços da poltrona, cruzou as pernas, ajeitou os punhos da camisa e ficou um instante

em silêncio. Depois, as pálpebras semicerradas, falou em voz baixa, deixando passar um olhar impiedoso que significava que não estava falando por falar. “Isso é tudo, espero ter sido claro...” Levantou e seu olhar passeou pelo escritório como se fizesse um inventário. O diretor deu um passo como se fosse acompanhá-lo até a saída, mas Philippe Dupin agradeceu como quem agradece a um criado e abriu a porta sem acrescentar palavra. O diretor da agência de detetives preferiu fechar o caso antes mesmo que a bela sra. Dupin ligasse para ele.

Depois do almoço, Iris pegou o carro e foi para Courbevoie visitar a irmã. Precisava lhe contar como tinha enrolado Bérengère. Deu com a cara na porta. Maldita ideia de Joséphine essa de não ter celular, de ficar inacessível. Desistiu e voltou para casa a fim de aprimorar seu personagem de romancista de sucesso. Não podia deixar nenhum detalhe ao acaso. Treinar respostas para todas as perguntas, preparar réplicas arrasadoras. E ler, ler. Tinha pedido que Jo lhe fizesse uma lista de obras indispensáveis e tratava de estudá-las, tomando notas. Carmen foi autorizada a servir o chá. Em silêncio.

Algumas vezes pensava em Gabor. Será que leria o livro? Poderia ter a ideia de adaptá-lo para o cinema! E eles trabalhariam juntos no roteiro... Como antes! Como antes... Suspirou, mergulhou no sofazinho macio diante de sua pintura preferida, aquela que lembrava Gabor. Não conseguia esquecê-lo.

Joséphine refugiou-se na biblioteca. As janelas escancaradas

abertas para um jardim à francesa deixavam entrar uma luz agradável, uma luz de monastério, que envolvia a atmosfera numa nuvem de paz. Ouvia o canto dos pássaros, o barulho ritmado da irrigação automática: era ao mesmo tempo bucólico e sem idade.

287

Isso poderia ser o castelo de Florine...

Espalhou suas notas na mesa e seguiu o plano de seu romance. Florine ficou viúva pela primeira vez. Seguindo seu conselho, Guillaume Longue Épée partiu de novo para as Cruzadas. Não seria de bom-tom, meu amigo, permanecer no castelo enquanto o nome de Deus reclama sua bravura em terras distantes e infiéis. Seu povo faz piadas sobre seus ardores amorosos e já ouço murmúrios infames sobre sua virilidade, que muito me ferem e me atormentam. Retome as armas! Guillaume se inclinou diante da vontade da jovem esposa e, depois de seis meses de felicidade amorosa, vestiu a armadura, montou seu cavalo e partiu para guerrear no oriente. Lá, depois de descobrir um tesouro que cuidou de enviar rapidamente para Florine, morreu degolado por um mouro ciumento de sua audácia e de sua beleza. Florine chorou sua cota de lágrimas, cobriu-se com o véu da tristeza e da devoção. Mas seu status de jovem viúva desconsolada só atraía mais cobiça. Querem obrigá-la a casar de novo. É assediada por mil pretendentes, que ela ignora. Ameaçam retirar seus bens. Sua sogra se lamenta: Florine precisa reagir, é seu dever de mulher e de condessa! Ela suplica e não lhe deixa escapatória. Florine só tem

um desejo: viver em paz em seu castelo e entregar-se ao jejum, à prece, à adoração de Deus. Mas não teve tempo de conceber um herdeiro que a protegesse desses assaltos, fazendo respeitar o nome de seu pai...

Naquela época, a vida de uma jovem viúva era uma luta constante e, se não quiser perder o tesouro de Guillaume e ver seu nome de família arrastado na lama, Florine tem de casar de novo. Não tem escolha. Além do mais, Isabeau, sua serva fiel, descobre que estão tramando um complô contra ela. O castelão vizinho, Étienne le Noir, contratou os serviços de um bando de mercenários para raptá-la e desonrá-la de modo que ele possa se apropriar de suas terras sem disparar um tiro! Naqueles tempos, o rapto era um meio recorrente de se apoderar de um domínio. Florine resolve casar. Escolhe o pretendente mais simples, mais modesto, incapaz de atrapalhar seus planos de devoção: Thibault de Boutavant, conhecido como o Trovador. É de boa família, honesto e reto, passa seus dias escrevendo poemas de *fin'amor* e toca bandolim sonhando com Florine. Mas o casamento precisa ser aprovado pelos outros senhores! Florine resolve colocá-los diante do fato consumado e casa em segredo, numa noite, na pequena capela do castelo.

Oferece uma grande soma em dinheiro ao padre encarregado de

288

celebrar a união. No dia seguinte, dá um banquete para apresentar seu novo marido aos pretendentes rejeitados. O vinho corre em abundância, o vinho gascão, pois o inglês “só dá para beber com os

olhos fechados e os dentes cerrados” de tão ruim que é, e os pretendentes caem de bêbados. Thibault hasteia sua bandeira nas muralhas do castelo, mostrando a todos que é o único senhor do castelo.

Para escrever, Joséphine usava muitas vezes a personalidade de algum conhecido. Um ou vários detalhes. Uma leve impressão. Não precisava corresponder exatamente à verdade. Foi assim que emprestou a imagem de seu próprio pai para encarnar o pai de Florine. Era como se, finalmente, pudesse conhecê-lo melhor.

Lembrou que admirava o pai quando era criança e perdoava seus jogos de palavras, pois sabia que fazia aquilo para relaxar. Voltava para casa preocupado e cansado e se entregava a seus trocadilhos surrados. Pedacos de lembranças retornavam à sua memória.

Compreendeu silêncios e palavras que não entendia na época.

Pensou consigo mesma que amava o trabalho, a lei e a autoridade porque seu pai encarnava tais valores. Não sou revoltada nem agressiva, herdei sua humildade e respeito essa atitude diante da vida. Gosto de admirar. Gosto das pessoas que são superiores a mim, sem dúvida, porque sou filha de meu pai. Para mim, ele era um personagem misterioso, apagado, mas exigente. Não demorei para compreender que seu silêncio era um jeito de lutar, de buscar.

Ao encontrar tantas pessoas que não esperam nada, não buscam nada, percebi, por contraste, a riqueza de meu pai. Sempre foi uma pessoa atraída pelas coisas que não serviam para nada. Por isso preciso tanto de cavaleiros, de reis mendigos, desses tempos antigos

em que a Regra de São Bento pregava a humildade.

Às vezes, algumas lembranças cujo significado não entendia direito cruzavam sua mente. Como pedaços flutuantes de madeira, compondo um desenho que não conseguia decifrar. A cólera terrível e silenciosa de seu pai, num dia de tempestade, no verão, nas Landes... A única vez em que o viu levantar a voz contra sua mãe, tratando-a de “criminosa”. E a única vez em que a mãe não tinha respondido. Lembrava-se muito bem de se afastar nos braços do pai. Ele cheirava a sal: seriam lágrimas ou água do mar? Essa lembrança ia e vinha, depositando a cada chegada uma nova camada de emoções, inundando seus olhos de lágrimas sem que ela soubesse o porquê. Sabia que essa resistência escondia um enigma,

289

mas o resto da cena escapava sempre. Um dia, decifrarei o enigma das madeiras flutuantes, sonhava Joséphine.

Mordendo a ponta de sua Bic, imaginava quem poderia servir de modelo para encarnar Thibault, o doce trovador, quando seu olhar caiu sobre o homem do *duffle-coat*, instalado na outra ponta da longa mesa. Lá estava ele, a uns poucos metros dela, sentado na outra ponta da longa mesa da biblioteca. Usava uma gola rulê que combinava perfeitamente com a atmosfera primaveril daquela tarde de maio. Seu *duffle-coat* azul-marinho repousava no encosto de sua cadeira. Ele vai ser o meu trovador! Ah, lembrou ela em seguida, ele vai morrer, é apenas o segundo marido! Hesitou. Examinou-o.

Escrevia com a mão esquerda, debruçada sobre o cotovelo, de

cabeça baixa, ignorando o olhar que ela pousava nele. Tem longas mãos brancas, faces azuladas pelo nascimento da barba cerrada, cílios espessos que escondem os olhos castanhos pontilhados de manchinhas verdes, é pálido e tão esguio. Como é bonito! Como inspira amor! Como parece distante das vaidades dessa Terra!

Ele vai ser Thibault e não vou deixá-lo morrer: ele vai desaparecer e retornar no final da história! Vai ser uma nova peripécia. Todos vão pensar que estava morto, Florine vai derramar todas as lágrimas de seu corpo, vai casar de novo, mas seu coração continuará a pertencer a Thibault, o Trovador, para todo o sempre.

Não... Ele tem de morrer, do contrário, minha história não se segura. Não posso me deixar distrair. Thibault é ao mesmo tempo senhor e trovador. Escreve canções de amor, mas também cria panfletos contra o poder do rei da França ou de Henrique II. Canta as alegrias proporcionadas pela batalha, pelos golpes de espada, mas também os lucros das guerras, as manobras da corte, a ganância dos conquistadores. Condena a política dos dois soberanos, os impostos excessivos, os campos devastados. Suas canções são cantadas nas aldeias e nas cidades; ele se torna influente, influente demais. O dinheiro, escreve, deve ser gasto para o bem dos súditos e não para a glória dos príncipes. Dá voz às queixas murmuradas pelos camponeses, pelos servos e pelos vassallos. Ele seduz, ele incomoda. Lança polêmicas. Todos pagam caro para ouvi-lo cantar suas baladas engajadas. Sua cabeça é colocada a prêmio por Henrique II e ele morre envenenado no auge

da glória.

Suspirando, Joséphine se resignou com a morte de Thibault,
o Trovador.

290

Trabalhou a tarde inteira, estimulada pela presença do
homem do *duffle-coat*, observando aquela mão que alisava uma e
outra vez a barba nascente, os olhos que se fechavam em busca de
uma ideia, o pulso delgado e descarnado que repousava sobre a
folha branca, as veias da testa que pulsavam, as faces escavadas...
e repassava todos esses detalhes para o personagem de Thibault.
Florine, comovida com a ternura daquele homem, descobre o amor,
negligencia seu Deus para mergulhar em seguida em longas preces
pedindo perdão... Florine descobre os prazeres do leito conjugal.
Quando começa a descrever a noite de núpcias, Joséphine fica
vermelha, sobretudo quando Thibault se deita, só de camisa, no
grande leito fechado por cortinas... Adia para mais tarde: quando
não estiver na biblioteca, bem na frente dele!

O tempo passa. Ela mal notou que o homem estava
arrumando suas coisas e se preparando para partir. Hesitou um
instante entre Thibault e o homem do *duffle-coat* e... resolveu segui-
lo a caminho da saída, empurrando por sua vez a porta dupla que
protege a sala de trabalho dos ruídos de fora. Conseguiu alcançá-lo
na avenida cheia de automóveis, no ponto de ônibus em que ele
esperava, perdido em seus pensamentos.

Colocou-se a seu lado e deixou cair um livro. Ele abaixou

para pegá-lo e, reconhecendo-a ao levantar, sorriu.

— Já vi que tem mesmo o hábito de deixar as coisas caírem no chão!

— Sou muito distraída!

Ele ri suavemente e acrescenta:

— Só que não estarei sempre por perto.

Pronunciou essas palavras num tom monocórdio e sem relevo. Sem a menor sombra de malícia. Apenas constatava uma coisa e teve vergonha de suas manobras. Não sabia o que dizer, mas não queria ficar ali, muda. Procurou e procurou uma forma de responder com graça, mas ficou ali, calada e vermelha.

— Já estamos na primavera e você ainda não tirou seu *duffle-coat* — arriscou-se a dizer para afastar o fantasma do silêncio.

— Continuo com frio...

Mais uma vez, ficou em silêncio e se detestou por isso. O ônibus chegou. Ele lhe deu passagem e subiu atrás dela, como se

291

os dois fossem para o mesmo lugar. Meu Deus! Não é o meu ônibus, constatou Jo quando o viu pegar a direção da place de la Boule. Sentou e abriu lugar para ele a seu lado. Viu que hesitou um instante, mas mudou de ideia, agradeceu e sentou a seu lado.

— É professora? — perguntou educadamente.

Tinha um nariz comprido, narinas bem-desenhadas, Thibault

Nariz Comprido? Seria mais original do que Thibault, o Trovador.

— Trabalho no CNRS, sobre o século XII.

Ele fez uma careta de aprovação.

— O século XII é uma época interessante. Mal conhecida, sem dúvida.

— E você? — perguntou ela.

— Eu? Eu estou escrevendo uma história das lágrimas...

Para um editor estrangeiro. Um editor universitário. Como pode ver, não é lá muito alegre...

— Ah, mas deve ser apaixonante!

E se amaldiçoou por dentro: que observação idiota. Idiota e sem graça. Não dava margem a respostas, a réplicas.

— Era de certa forma o cinema da época — disse ele. — Um meio de expressar as emoções tanto em particular, quanto em público. Homens e mulheres choravam muito...

Mergulhou mais ainda no *duffle-coat* e recomeçou a sonhar.

É realmente friorento, pensou Joséphine, que logo teve a ideia de usar isso também em Thibault, frágil dos pulmões.

Olhou pela janela: estava se afastando cada vez mais e precisava voltar para casa. As meninas iam chegar da escola e ficariam espantadas se não a encontrassem em casa. E pensar que antes eu estava sempre lá quando elas voltavam, atenta e disponível. Gosto de tocar a campainha e gosto quando você abre a porta, dizia Zoé, pendurando-se no seu pescoço.

— Vem muitas vezes à biblioteca? — perguntou ela, ousada.

— Cada vez que preciso de paz para trabalhar... Fico tão

concentrado quando trabalho que o menor barulho me incomoda.

Ele é casado, tem filhos, pensou Joséphine. Preciso saber mais. E imaginava um modo de perguntar sem parecer curiosa demais, quando ele levantou e disse:

292

— Vou descer aqui... A gente se vê, com certeza.

Olhou para ela de um jeito meio embaraçado. Ela balançou a cabeça, disse, claro, até breve, e ficou olhando ele descer. Ele se foi sem olhar para trás, com o jeito de quem está olhando para dentro de si mesmo e não para o caminho que trilha.

Não tinha mais nada a fazer senão pegar o ônibus no sentido inverso. E tinha esquecido de perguntar seu nome. Ele não estimulava a conversação. Para alguém que posa para fotos, parecia bastante tímido.

Havia uma pequena multidão embaixo do edifício. O coração de Joséphine disparou: aconteceu alguma coisa com as meninas.

Correu, afastou os curiosos que contemplavam a sra. Barthillet e Max sentados nos degraus da escada.

— O que houve? — perguntou Joséphine à vizinha do terceiro andar que olhava para eles de braços cruzados.

— Os oficiais de justiça vieram e interditaram o apartamento.

Eles vão ter de sair. Muitos aluguéis atrasados!

— Mas eles vão para onde?

Ela deu de ombros. Não era problema seu. Só estava constatando uma situação e ponto final. Joséphine se aproximou

da sra. Barthillet, que chorava baixinho, de cabeça baixa. Cruzou o

olhar de Max, sombrio, silencioso.

— Sabe para onde vai essa noite?

A sra. Barthillet respondeu que não.

— Mas não pode dormir na rua.

— Por que não? — disse a sra. Barthillet.

— Eles não têm o direito de jogá-la na rua! Ainda mais com uma criança!

— Não estão nem aí para nós.

— Venha para a minha casa. Pelo menos por essa noite...

A sra. Barthillet levantou a cabeça e murmurou:

— Está falando sério?

Joséphine fez que sim e pegou Max pelo braço.

— Levante, Max... Pegue suas coisas e venha comigo.

293

A vizinha do terceiro andar sacudiu a cabeça com um ar sombrio e comentou:

— Coitada, não sabe o que está fazendo! Seus problemas mal começaram.

— Quando é que vou conseguir trepar, mãe?

Shirley disse algumas palavras em inglês e desligou o

telefone. Precisava sair. A pergunta de Gary a pegou de calças curtas.

— Ora, Gary... Você só tem 16 anos! Não é tão urgente!

— Para mim, é.

Ela olhou para o filho. Ele tem razão, é um homem, agora.

Um metro e oitenta e cinco, mãos, braços, pernas como espaguete.

Uma voz de homem, um começo de barba, cabelos negros meio longos e grossos. Ele faz a barba, passa horas no banheiro, não sai de casa quando nasce uma espinha, gasta tudo o que tem em cremes e loções. Sua voz mudou. Deve ser difícil sentir um homem brotando em seu corpo de menino. Lembro quando meus seios começaram a crescer e eu amarrei uma faixa, e quando a primeira menstruação chegou, pensei que se fechassem as pernas...

— Está apaixonado? Está pensando em alguma menina?

— Sinto muita vontade, mãe... ela me pega por aqui!

Levou a mão à garganta e botou a língua para fora de desejo.

— Só penso nisso.

Fazer as malas, pegar o primeiro avião para Londres. Pedir a Joséphine que fique de olho em Gary. Não era realmente uma boa hora para começar uma discussão sobre a sexualidade dos adolescentes.

— Ouça, meu bem, vamos falar disso novamente quando estiver apaixonado...

— Tem que ficar apaixonado?!

— É melhor! Não é um ato banal... E depois, a primeira vez é importante. Não deve ser com qualquer uma, de qualquer jeito. Vai lembrar dessa primeira vez a vida inteira.

— Tem a Hortense, mas ela nem olha para mim.

Durante as férias de Páscoa, no Quênia, Gary passou o

tempo todo seguindo Hortense como uma mariposa atraída pela luz.

294

E ela o rejeitava dizendo: “Desgruda, Gary! Como você é grudendo!

Larga do meu pé!” Shirley ficou louca, mas cerrou os dentes. A decepção de Gary estragou as férias de Shirley, que observava a falta de jeito do filho sem poder fazer nada para ajudar. Uma noite, tentou explicar que ele não estava fazendo a coisa certa: “Uma mulher precisa de mistério, de distância. Precisa desejar o homem de quem gosta, ficar intrigada, duvidar de seu próprio poder de sedução. Como quer que ela deseje você se está sempre atrás dela como um cachorrinho, antecipa todos os seus desejos, todos os seus caprichos: ela não tem respeito por você! — É mais forte do que eu, mãe, ela me deixa louco!”

— Ouça, Gary, não é um bom momento para a gente conversar, preciso ir a Londres, é uma emergência! Ficarei uma semana fora, vai ter que se virar sozinho...

Ele ficou calado, enfiou as mãos nas calças grandes demais, com a cueca aparecendo. Shirley estendeu a mão para puxar a calça, mas Gary empurrou.

— Nunca é um bom momento para conversar com você!

— Está exagerando, querido... estou sempre aqui para ouvir você, mas agora não vai dar mesmo.

Gary bufou ruidosamente e foi se fechar no quarto. Shirley estava irritada. Normalmente, teria se sentado, feito perguntas, ouvido, proposto soluções, mas o que podia dizer a um menino de

16 anos atomentado pela puberdade? O que ele precisava era de tempo, justamente o que ela não tinha. Precisava fechar a mala, fazer a reserva da passagem e avisar Joséphine de sua partida.

Foi até o apartamento de Jo. Quem atendeu foi a sra.

Barthillet.

— Joséphine está?

— Está... Em seu quarto.

Shirley viu duas grandes malas na entrada e foi ao encontro de Joséphine.

— O que a sra. Barthillet está fazendo aqui?

— Ela acabou de ser despejada do apartamento. Eu disse que podia ficar aqui até encontrar uma solução.

— Não esperava por essa... Vim justamente pedir um favor.

295

Joséphine largou o lençol que tinha acabado de tirar do varal.

— Diga... estou ouvindo.

— Preciso ir a Londres. Uma urgência... Trabalho! Queria perguntar se podia dar uma olhada em Gary durante a minha ausência.

— Vai ficar muito tempo?

— Uma semaninha...

— Não tem problema. No ponto em que estou! Vou desenhar uma cruz vermelha na minha testa.

— Sinto muito, Jo, mas não posso recusar. Prometo que vou

ajudar com a sra. Barthillet quando voltar.

— Espero que já tenha ido embora quando você voltar. E meu livro! Só tenho dois meses de prazo para entregar o manuscrito e ainda estou no segundo marido. Faltam três esperando na fila!

As duas sentaram na cama de Joséphine.

— Ela vai dormir em seu quarto? — perguntou Shirley.

— Com Max. Ficarei na sala e vou trabalhar na biblioteca...

— Ela não trabalha?

— Acabou de ser despedida.

Shirley segurou a mão de Joséphine, apertou e agradeceu.

— Vou retribuir isso, prometo!

Quando as meninas voltaram da escola, Zoé bateu palmas ao saber que Max ia morar com elas. Hortense chamou a mãe no banheiro e perguntou:

— Isso é uma piada?

— Não. Ouça, Hortense... Não podemos deixá-los dormindo embaixo da ponte.

— Porra, mãe!

— Não estou lhe pedindo nada.

— Claro que sim, vamos ter que abrir espaço para a família dos desabrigados. Sabe o que a sra. Barthillet é: um caso social. Você vai ver, vai se arrepender! De qualquer jeito, nem pensar em botar ninguém no meu quarto! E não vou deixar que toquem no meu computador!

— Hortense, é só por alguns dias... querida — murmurou, tentando abraçá-la —, não seja egoísta! Além do mais, não é SEU quarto, é de Zoé também...

— Esse seu ar de Madre Teresa me torra o saco. Você é brega demais, minha cara!

O tapa partiu sem que Joséphine notasse. Hortense levou a mão ao rosto e fulminou a mãe com os olhos.

— Não suporto mais viver aqui! — sibilou Hortense. — Não aguento mais viver com você! Só tenho uma coisa na cabeça: sair daqui e vou logo avisando...

Outro tapa partiu e nesse Joséphine colocou toda a sua raiva. Na cozinha, Zoé, Max e a sra. Barthillet preparavam o jantar. Max e Zoé arrumavam a mesa, enquanto a sra. Barthillet colocava a água no fogo para a massa.

— Controle-se e trate de fazer boa figura, senão as coisas aqui vão ficar feias — murmurou Joséphine entredentes.

Hortense olhou para ela, vacilou e se deixou cair na borda da banheira. Depois deu uma risadinha, olhou para a mãe e com um desprezo raivoso soltou a bomba:

— É uma babaca mesmo!

Joséphine puxou a manga do seu roupão e empurrou-a para fora do banheiro. Depois, deslizou para o chão e lutou contra a náusea que embrulhava seu estômago. Tinha vontade de vomitar.

Tinha vontade de chorar. Estava furiosa consigo mesma por ter se deixado levar pela raiva. Não se resolve nada batendo numa

criança. É apenas uma confissão de derrota. Hortense sempre saía vitoriosa desses confrontos. Joséphine passou uma água nos olhos vermelhos e foi bater na porta do quarto de Hortense.

— Você me odeia, não é?

— Ora, mamãe, pare com isso! Não temos nada para conversar, eu e você. Devia ter ficado no Quênia, com papai.

Consigo me entender melhor até com Mylène, só para você ter uma ideia.

— Mas o que foi que fiz, Hortense, diga o que fiz?

— Não suporto tudo o que você representa. Esse jeito babaca, esse nhe-nhe-nhem! E depois, não aguento mais viver aqui... Prometeu que a gente ia se mudar e continuamos a vegetar

297

nesse lugar horrível, nesse subúrbio horrível, com essas pessoas horríveis.

— Não tenho dinheiro para nos mudarmos, Hortense!

Prometi que faríamos isso se desse e só porque ia deixá-la feliz.

Hortense encarou-a de um jeito desafiador e passou a mão no rosto para apagar a lembrança ardente do tapa. Joséphine se arrependeu amargamente por ter batido nela e pediu desculpas.

— Não devia ter dado esses tapas, querida... mas você me tirou do sério.

298

Hortense deu de ombros.

— Não tem importância... Vou tentar esquecer.

Bateram na porta do quarto. Era Zoé anunciando que o jantar estava na mesa. Só estavam esperando por elas. Joséphine queria que a filha dissesse que a perdoava, queria abraçá-la, beijá-la, mas Hortense respondeu “tudo bem, já vamos” e saiu do quarto sem se virar.

Joséphine se recuperou, enxugou os olhos e foi para a cozinha. No corredor, parou e pensou: com os Barthillet, não vou mais poder trabalhar na cozinha nem na sala. Onde vou colocar os livros e o computador? Quando me mudar, vou querer um apartamento com um escritório para mim... Se o livro der certo, se eu ganhar um monte de dinheiro, vamos nos mudar. Suspirou, teve vontade de anunciar a boa nova a Hortense, mas se reprimiu a tempo. Primeiro, tinha de acabar o livro. Trabalharia na biblioteca. Junto do homem do *duffle-coat*. Não tinha mais idade para ficar apaixonada daquele jeito. Era ridículo. Como é mesmo que Hortense tinha dito? Nhe-nhe-nhem. Tinha razão. Hortense sempre tinha razão.

— Não têm televisão? — perguntou Max quando ela entrou na cozinha.

— Não — respondeu Joséphine —, e vivemos muito bem sem ela.

— É mais uma ideia de mamãe — suspirou Hortense dando de ombros. — Colocou a TV no porão. Prefere que a gente leia um livro na cama, à noite! É uma festa!

— Ah, tem o baile de Charles e Camilla no castelo de Windsor

— disse a sra. Barthillet —, e a gente não vai ver. A rainha, o príncipe Philip, William, Harry e todas as cabeças coroadas vão estar lá!

— Vamos para a casa de Gary — resolveu Zoé. — Eles têm TV, mas nós temos internet. Foi a minha tia Iris que mandou instalar para que mamãe pudesse trabalhar. Foi seu presente de Natal. A gente não precisa nem se conectar, é wi-fi!

— Ninguém encosta no meu computador — rugiu Hortense

— Eu morde! Estou avisando.

299

— Não se preocupe. Consegui guardar o meu — disse a sra. Barthillet. — Um que comprei no mercado dos ladrões em Colombes, a preço de banana...

Era o subsolo de uma loja de eletrônicos, que vendia mercadorias roubadas por um terço do preço. Joséphine sentiu um arrepio no pescoço. Só faltava a polícia desembarcar em sua casa!

— Levaram tudo? — perguntou Zoé com um ar triste.

— Tudo... não sobrou nada! — suspirou a sra. Barthillet.

— Bem, não vamos começar a chorar! — interveio Hortense.

— A senhora vai procurar trabalho e vai trabalhar. Quem quer de verdade sempre encontra. O cara da Babette encontrou trabalho em 24 horas, numa agência de trabalho temporário. Basta empurrar a porta e pode até escolher. É só levantar cedo de manhã, só isso! Eu já recebi a resposta do meu estágio: Chefe vai me empregar por dez dias em junho. E disse que, se trabalhar bem, ele vai até me pagar!

— Que ótimo, filha — disse Joséphine. — Conseguiu se virar sozinha!

— Era preciso! E então, essa massa está pronta ou não?

Ainda tenho um monte de trabalho para fazer.

Joséphine foi escorrer a massa e serviu prestando atenção para dividir irmãmente. Ia ter de tomar cuidado para não ferir suscetibilidades.

Comeram em silêncio. Hortense pegou queijo ralado e não ofereceu aos outros. Joséphine franziu as sobrancelhas e ela respondeu com um olhar furioso.

— Está cheio de queijo na gaveta da geladeira. Não precisa fazer drama, não? Eles podem levantar e pegar, se quiserem.

Joséphine se perguntou se não tinha feito uma grande besteira recolhendo os Barthillet em sua casa.

O dr. Troussard tinha marcado às três da tarde. Chegaram às duas e meia, vestidos com roupa de domingo, e sentaram-se na sala de espera do elegante consultório médico da avenue Kléber. O dr. Troussard era um especialista em problemas de fertilidade.

Marcel recebeu a indicação através de um de seus gerentes gerais de loja. “Mas cuidado, Marcel, nós tivemos três de uma vez só.

Ficamos exaustos! Por pouco não deixamos os três órfãos! — Três, quatro, cinco, aceito tudo”, tinha comentado Marcel. O gerente geral fez uma cara de espanto. “É para você?”, perguntou, curioso.

300

Marcel se recuperou: “Não, é para minha sobrinha, ela já estava

perdendo a esperança de ter um filho e vê-la naquela tristeza me cortava o coração! Foi criada por mim, é como uma filha, sabe como é... — Ah, bom!”, disse o outro rindo. “Melhor assim, pensei que fosse para você! Depois de uma certa idade é melhor ver TV do que limpar bunda de neném, não acha?”

Marcel se afastou, com cara de sonso. Ele não está errado, é um bom sujeito. Eu é que despertei um pouco tarde para as canções de ninar! E Josiane também não é tão novinha. Desde que a gente não tenha um monstrinho, um aborto da natureza anêmico e frágil. Ah, chego a imaginar essa criança! Dá para ver direitinho. Um garotão do Halles que vou criar como um Príncipe de Gales. Para ele, não faltarão vitaminas nem ar fresco, não faltarão aulas de equitação nem grandes escolas, isso eu garanto!

O dr. Troussard pediu que fizessem uma série de exames, uma página inteira e com letrinha pequena! E disse que receberia os dois às quatro da tarde para “discutir os resultados”. E lá estavam eles, trêmulos, na sala de espera. Intimidados pelos sofás, os aquecedores, o tapete que engolia seus pés, as cortinas pesadas.

— Olhe os puxadores das cortinas, parecem colhões de rinoceronte!

— Deve custar os olhos da cara, o doutorzinho — murmurou Josiane. — Tem dinheiro demais! Isso me cheira a charlatão.

— Claro que não! Meu gerente me disse que é um pouco metido, não é de paparicar, mas é muito competente.

— Ai, estou apavorada, Marcel! Olhe minhas mãos, estão

geladas.

— Pegue uma revista para arejar as ideias.

Marcel pegou duas e estendeu uma para Josiane, que rejeitou.

— Não estou com cabeça para ler nada.

— Leia, Doçura, leia!

Para dar exemplo, mergulhou o nariz na revista. Abriu uma página ao acaso e leu: “Já era sabido que as mulheres de 40 anos têm três vezes mais chances de abortar naturalmente do que as de 25, mas, hoje, um estudo franco-americano demonstra que a idade do pai também aumenta o risco, porque os espermatozoides sofrem os efeitos do envelhecimento: eles perdem mobilidade e contêm

301

mais anomalias cromossômicas ou genéticas que podem levar a um aborto espontâneo. O risco de aborto aumenta em trinta por cento quando o futuro pai tem mais de 35 anos. E esse risco continua a aumentar regularmente com a idade, qualquer que seja a idade da futura mãe...”

Marcel fechou a revista, assustado. Josiane percebeu que tinha empalidecido, molhando os lábios como se não tivesse mais saliva.

— O que houve? Está se sentindo mal?

Ele estendeu a revista, arrasado.

Ela deu uma lida, deixou a revista de lado e disse:

— Não adianta ficar colocando minhoca na cabeça. Ele está

com o resultado dos nossos exames e vai dizer em que pé estamos...

— Fico sonhando com um pequeno Hércules e na verdade teremos sorte se conseguirmos fazer a ponta de suas sandálias!

— Pare com isso, Marcel! Está proibido de ficar falando mal de seu filho.

Afastou-se e cruzou os braços no peito. Mordeu os lábios para não chorar. Deus, como desejava aquela criança ela também! Tinha abortado três vezes sem a menor hesitação e agora, que queria ficar grávida mais do que qualquer outra coisa no mundo, a gravidez não acontecia. Rezava toda noite, acendia uma vela branca diante da estátua da Virgem, ajoelhava e recitava o Pai-Nosso e a Salve-Rainha. E olhe que teve de aprender de novo, pois tinha esquecido. E conversava, sobretudo com a Virgem: “Você também é mãe, sabe como é, não estou lhe pedindo um filho como o seu, do qual se fala até hoje, basta um normal, com boa saúde, com tudo no lugar e uma boca bem grande para dar risada. Um que coloque os braços ao redor do meu pescoço e diga ‘eu te amo, mãezinha querida’, um filho por quem eu daria meu braço direito! Tem gente que pede coisas complicadas, eu peço apenas um clique em meu ventre, convenhamos que não é grande coisa...” Consultou uma vidente que garantiu que teria um filho. “Um belo menininho, posso garantir, quero perder meu dom se estiver enganada!” Cobrou cem euros, mas Josiane bem que voltaria lá todo dia só para se sentir mais segura. Menino ou menina, não dava a mínima! Queria um bebê, um bebezinho para amar, para paparicar, para ninar contra o

peito. Quanto mais ele demorava a chegar, mais ela desejava aquele

302

filho. E agora, pouco importava se Marcel ia ou não se separar da Cabo-de-vassoura! Só queria ter o seu bebezinho...

Ficaram um bom tempo em silêncio até a secretária chegar para anunciar que o médico ia recebê-los. Marcel levantou, ajeitou o nó da gravata e passou a língua nos lábios.

— Acho que vou ter um ataque.

— Não é hora para isso — repreendeu Josiane.

— Não consigo andar reto: me dê o braço!

O dr. Troussard tranquilizou-os assim que entraram. Tudo estava em ordem. Com Josiane e com Marcel. Índices de jovens casais! Só precisavam arregaçar as mangas e mãos à obra!

— Mas é só o que fazemos! — estrilou Marcel.

— E não conseguimos nada! Por quê? — gemeu Josiane.

O dr. Troussard abriu os braços em sinal de impotência.

— Meu trabalho é como o de um mecânico, abrir o capô e fazer o diagnóstico: tudo está em ordem, tudo funcionando. Agora quem está no volante e tem de dirigir são vocês!

Levantou, estendeu a pasta com os exames e acompanhou-os até a porta.

— Mas... — começou Josiane.

Ele a interrompeu e disse:

— Parem de pensar! Do contrário, vão acabar tendo que analisar a cabeça. E isso já é bem mais complicado, podem

acreditar em mim!

Marcel pagou o preço da consulta, 150 euros, enquanto

Josiane suspirava: 150 pratas para saber que está tudo bem é

realmente caro demais!

Na rua, Marcel deu o braço para Josiane e caminharam em

silêncio. De repente, Marcel parou e, encarando Josiane

diretamente nos olhos, perguntou:

— Tem certeza de que quer mesmo esse filho?

— Certézíssima. Por quê?

— Porque...

— Porque está pensando que é fingimento, que na verdade

não quero?

303

— Não. Pensei que talvez estivesse com medo... por causa de

sua mãe?

— Já pensei nisso também..

Retomaram o caminho. Mais adiante, Josiane agarrou o

braço de Marcel.

— Será que devo procurar um psi?

— Nunca imaginei que seria tão complicado ter um bebê!

— Talvez a gente esteja complicando demais as coisas! Será

que ele não brotaria como uma flor se ficássemos mais relaxados?

Marcel concluiu que realmente precisavam parar de pensar,

retirar o nome de Junior da conversa e fazer de conta que nada

estava acontecendo.

— Não vamos mais falar disso, vamos fazer a festa, rolar na cama e se em seis meses você continuar lisa como um linguado normando... mando enfiá-la num tubo de ensaio!

Josiane passou os braços ao redor de seu pescoço e beijou-o.

Estavam diante de uma grande vitrine do Nicolas. Marcel se aproximou da parte espelhada, esticou a pele do pescoço, fez careta, “e se eu fizesse um lifting, pelo Junior? Para que não fiquem pensando que sou o avô quando for pegá-lo na porta da escola?”.

Ela deu uma bela cotovelada em suas costelas e gritou:

— Acabamos de dizer que não íamos mais falar do assunto!

Ele colocou a mão na boca, garantindo que não diria mais nem uma palavra. Deu um tapinha em seu traseiro e pegou seu braço.

— Cento e cinquenta pratas para ler os exames: isso é que é se dar importância! — comentou Josiane. — A previdência social reembolsa?

Marcel não respondeu. Parou diante de uma banca de jornal e ficou olhando a vitrine de olhos arregalados.

— Ei, Marcel, o que está fazendo aí? Está pensando em quê?

Fez sinal de que não podia falar agora.

— Engoliu a língua?

Ele sacudiu a cabeça.

— E então?

manchetes até topor com uma edição especial dedicada a Yves

Montand. “Yves Montand, sua vida, seus amores, sua carreira. Yves

Montand e Simone. Yves Montand e Marilyn. Yves Montand, papai

aos 63... Seu último amor se chamava Valentin.”

Suspirou, abriu a carteira, pagou a revista e entregou a

Marcel, que agradeceu com um gesto mudo.

Voltaram para a empresa a pé. O dia estava bonito. O Arc de

Triomphe se destacava vitorioso sobre o céu azul, pequenas

bandeiras com as cores da França flutuavam nos retrovisores dos

ônibus, as mulheres usavam roupas sem mangas e, a seu lado, os

homens enlaçavam suas cinturas. Marcel e Josiane caminhavam de

braços dados como um casal que vestiu suas roupas mais bonitas

para passear nos bairros chiques.

— A gente nunca sai para passear assim, como dois

namorados — observou Josiane. — Estamos sempre com medo de

encontrar alguém.

— Minha sobrinha Hortense vai fazer um estágio na empresa

em junho...

— Eu sei. Chaval me contou... Quando é que ele vai embora,

aliás?

— No final de junho. Estava radiante quando pediu

demissão. Gostaria muito de despachá-lo antes, mas ainda preciso

dele. Preciso encontrar um substituto...

— Boa faxina! Não o suportava mais...

Marcel deu uma olhada inquieta: será que dizia a verdade ou

haveria um resto de amor e de despeito em sua voz? Na verdade, preferia manter Chaval na empresa para ficar de olho nele, vigiar o que fazia com seu tempo, seus deslocamentos...

— Não pensa nem um pouco nele?

Josiane sacudiu a cabeça e deu um chute numa latinha de bebida que rolou na direção do meio-fio.

— Olhe! — exclamou Marcel. — A gente fala do diabo...

No sinal do cruzamento, na esquina da avenue des Ternes com avenue Niel, um cupê conversível vermelho roncava à espera do sinal verde. Bruno Chaval estava no volante. Óculos escuros, jaqueta de camurça, colarinho da camisa aberto, cantarolava, aumentando o volume do rádio. Controlou o visual no espelhinho

305

retrovisor, passou e repassou a mão nos cabelos negros, alisou o bigodinho fino com os dedos, fez o motor roncar e deixou a marca dos pneus no asfalto quando deu a partida.

O grande baile do castelo de Windsor ia ser televisionado no sábado à noite e todos estavam instalados diante da tela da TV de Shirley. Todos menos Hortense, que se recusou a ir ver as cabeças coroadas desfilarem em grande gala. Gary já abriu a porta reclamando: “Que porcaria é essa que vocês querem ver? Vou ficar no meu quarto...” Joséphine, Zoé, Max e Christine Barthillet se instalaram no chão, diante da TV e, no chão mesmo, espalharam pacotes de batata frita, latas de Coca-Cola, sacos de balas Fraises Tagada, duas baguetes e uma porção de patê, que passavam no pão

com os dedos.

Joséphine pensou com seus botões que teria sido melhor ficar em casa e aproveitar para trabalhar. O segundo marido continuava vivo! Tinha se afeiçoado a ele e não conseguia matá-lo. Nunca ia conseguir acabar a tempo. O terceiro vai ter de morrer bem mais rápido! Apesar de ter ido à biblioteca todo dia, não havia feito muito progresso. Estava com a cabeça cheia de preocupações. Hortense não lhe dirigia mais a palavra, Zoé fugiu duas vezes da escola para ir atrás de Max em expedições suspeitas. “Mas a gente só foi pegar de volta o computador que roubaram de uma amiga de Max! Mas Max deixou a mochila da escola na casa de um amigo e fui pegar com ele... — E desde quando você precisa se maquiar como uma artista de circo para ir à escola?” A adorável Zoé se disfarçava de ninfeta rebelde! Ficava trancada no banheiro. E quando saía, estava de minissaia, os olhos borrados de preto, a boca vermelho-vampiro! Joséphine era obrigada a limpar aquilo tudo com água, sabão e toalha, enquanto ela se debatia e gritava contra a perseguição. Hortense dava de ombros com ar indiferente. Deve ter comentado alguma coisa com o pai, pois Antoine ligou para perguntar:

— Que história é essa de hospedar os Barthillet? Já disse para não se aproximar deles, Joséphine, não são gente de bem!

— Ah, é? — respondeu Jo. — O que podia fazer então? Deixá-los na porta de casa?

— É — retrucou Antoine. — Precisa pensar primeiro nas

meninas...

Christine Barthillet passava seus dias no sofá da sala, de roupa de baixo, surfando no computador. Tinha entrado num site

306

de encontros e respondia a inúmeras mensagens de machos no cio.

Quando Jo voltava da biblioteca, ela listava os homens que tinha fígado durante o dia. “Não se preocupe, d. Joséphine, não vou demorar para bater as asas. Vou deixar o caldo engrossar mais um pouco e me mando em seguida. Já tenho dois na mira, que me ofereceram casa e comida. Um bem jovem, que não gostou muito da ideia de morar com Max, e um outro mais velho, casado, quatro filhos, que está disposto a pagar o aluguel de um conjugado só para ter um pouco de compainha no final da tarde. Ele tem uma empresa de serviços hidráulicos e limpar a merda dos outros dá muita grana.” Joséphine ouvia aquilo tudo embasbacada.

— Mas não sabe nada sobre eles, Christine, não acha que pode estar embarcando em mais uma canoa furada?

— E por que não? — respondia Christine Barthillet. — Joguei de acordo com as regras durante anos e olhe donde isso me levou...

Não tenho mais nada, não tenho teto, não tenho dinheiro, não tenho marido, não tenho trabalho! Agora vou aproveitar! Vou me inscrever para todos as programas sociais, receber um seguro-desemprego e arrumar um velho para me bancar!

Quando

não

estava

respondendo

mensagens

de

desconhecidos, ela jogava pôquer na internet com o cartão de

crédito. “Dá para ganhar muito dinheiro no *stud poker*, d.

Joséphine! Ainda estou aprendendo, mas depois vou ganhar feito

doida!” Mas enquanto esperava a sorte grande, ela multiplicava

seus empréstimos e rumava diretamente para a falência.

Joséphine estava aterrorizada. Gaguejava argumentos que

faziam Christine Barthillet morrer de rir. “Mas a senhora é adulta,

responsável, precisar dar exemplo a seu filho!” Christine Barthillet

respondia: “Esse tempo já era! Está morto e enterrado. Não se

ganha nada sendo honesto. Viva a bandalheira!”

— Não debaixo do meu teto! — protestou Joséphine. A sra.

Barthillet resmungou alguma coisa do gênero “não se preocupe, eu

e Max vamos sair daqui logo, logo”, e continuou navegando. “Tem

um aqui que está perguntando se tenho acessórios. O que será que

ele quer dizer com isso, pode me dizer? Esse cara é ruim da

cabeça!”

Joséphine saía para trabalhar na biblioteca com um nó de

angústia na garganta. Tinha sempre um instante de pânico quando

enfiava a chave na fechadura ao voltar para casa à noite. Nem o

homem do *duffle-coat* conseguia mais distraí-la.

— Tem alguma coisa errada? Não deixa mais nada cair no chão... — tinha dito na véspera.

Convidou-a para um café. Era um apaixonado por história sacra. Falou longamente sobre lágrimas santas, lágrimas profanas, lágrimas de êxtase, lágrimas de alegria, lágrimas de oferenda... e todas aquelas lágrimas encheram o coração de Joséphine, que começou a chorar.

— Eu estava certo: alguma coisa não vai bem... Quer mais um café?

Joséphine sorriu através das lágrimas.

— Esse seu tema não é muito alegre... — disse, fungando e procurando um Kleenex no bolso.

— Achei que já conhecia o assunto. O século XII é um século tão religioso, tão místico. Os conventos pululavam de gente.

Pregadores percorriam os campos anunciando o castigo eterno para quem não se purificasse de todos os seus pecados.

— É verdade — suspirou ela, engolindo as lágrimas, pois não tinha encontrado nenhum Kleenex.

E ele observava, atento. Às vezes pensava que o fardo mais pesado daquele trabalho era o segredo. Toda a energia consumida, todas as ideias que lhe vinham durante a noite, impedindo-a de dormir, todas as histórias que inventava: não podia partilhar nada disso com ninguém. Tinha a impressão de ser uma clandestina.

Pior: uma criminosa. Quanto mais Iris falava do “acordo”, mais ela se convencida de que estava trilhando o caminho do crime. Isso

ainda vai acabar mal, previa, nas noites em que não conseguia pegar no sono. Seremos desmascaradas e vou acabar como a sra. Barthillet, arruinada e expulsa de minha própria casa.

— Não deve se impressionar desse jeito com as histórias que conto — comentou o homem do *duffle-coat*. — Você é muito sensível...

Foi nessa hora que ela murmurou “não sei nem o seu nome”.

Ele sorriu e respondeu: “Luca, italiano de origem, 36 anos, todos os dentes e um grande amor pelos livros. Sou um rato de biblioteca.”

Ela sorriu com seu ar lastimável, avaliando que ele não estava lhe contando tudo e também que 36 anos era meio velho para um modelo. Mas eu estou ótima para ser ghost-writer aos 40! Não tinha coragem de falar das fotos de moda. Não sabia bem por quê, mas achava esquisito ele fazer aquele tipo de trabalho.

308

— Sua família está na França ou na Itália? — aventurou-se a perguntar.

Precisava saber se era casado.

— Não tenho família — respondeu ele, sombrio.

E ela não insistiu.

Shirley não estava, não tinha ninguém com quem conversar.

Ligou três vezes para Londres. Ela só ia voltar na segunda. “Estarei de volta segunda-feira, sem falta, e vamos sair para festejar!”

— Na verdade, não preciso de festa, preciso é de uma sonoterapia! Estou cansada, muito cansada....

A transmissão começou. Christine Barthillet lambia os dedos depois de engolir mais uma bala Tagada e viam-se as luzes do castelo de Windsor, com Charles e Camilla recebendo amigos e familiares no topo da escadaria.

— É tão bonito! Eles são o máximo! Olhe, tudo brilha, os buquês de flores, os músicos, a decoração! Um amor assim é tão bonito, um amor que esperou tanto tempo! Trinta e cinco anos, d. Joséphine, 35 anos! Não é qualquer um que pode dizer isso! E muito menos você, com certeza!, pensou Joséphine. Trinta e cinco segundos na internet e já está pronta para se instalar na casa do primeiro que apareceu!

— Como é que ele se chama, o homem casado com quatro filhos? — cochichou no ouvido de Christine Barthillet.

— Alberto... é português.

— Ele nunca vai se divorciar! Os portugueses são muito religiosos.

Por que estou dizendo isso a ela? Não me interessa nem um pouco se ele vai ou não se divorciar.

— Não estou interessada em casar. Só quero um lugar para ficar e esperar que as coisas aconteçam!

— Bem... claro...

— Nem todo mundo é sentimental como a senhora!

Depois do café, eles caminharam naturalmente para o ponto e, naturalmente, pegaram o mesmo ônibus. Quando desceu, ele se despediu e disse “até amanhã”, acenando levemente com a mão. Ela

pensou na volta que ia dar para chegar em casa. Enfrentar as

309

meninas, preparar o jantar... A sra. Barthillet ignorava completamente a cozinha. Só comprava sopas em pó, legumes em lata, camarões plastificados e peixes retangulares. Ficava sinceramente espantada quando Joséphine ia fazer o jantar, mas só ficava olhando, passando esmalte vermelho nas unhas. Zoé pegava o vidrinho, Joséphine tirava de sua mão. “Mas por quê? É tão bonito! — Não na sua idade! — Mas já sou grande! — Quando digo não, é não! — Está enganada, d. Joséphine, os meninos gostam. — Zoé ainda não está na idade de querer agradar aos meninos! — É o que a senhora pensa, as meninas gostam de ser atraentes desde cedo! Na idade dela, eu já tinha dois namorados... — Minha mãe só sabe dizer que sou muito pequena!”, gemia Zoé de olho comprido nas unhas da sra. Barthillet.

— Olhe, d. Joséphine, olhe! A rainha e o príncipe Philip!
Como ele é lindo! Tem um peito musculoso e forte! Um verdadeiro príncipe de conto de fadas!

— Meio velhusco, não? — lançou Joséphine, irritada.

A rainha Elisabeth avançava, com um vestido de baile turquesa, bolsa preta pendurada no braço. O príncipe Philip seguia logo atrás, de fraque.

— Mas, mas... — gaguejou Joséphine. — Olhem, bem atrás da rainha, ali, a três passos dela, na sombra, olhem, olhem!

Meio erguida, o indicador apontado para a tela de TV, ela

repetia “olhem, olhem ali”. Mas como ninguém reagia, levantou e colocou o dedo na tela, em cima de uma jovem mulher de cabeça baixa, vestido rosa, com uma longa cauda, uma silhueta que chamava a atenção, realçada pelos brincos, cintilantes como gotas d’água ao sol.

— Viram?

— Não — responderam em coro.

— Aqui, poxa! Bem aqui!

Joséphine martelava a tela com o dedo. “Aqui, essa mulher aqui de cabelos curtos!” A jovem mulher avançava segurando a cauda do vestido. Era evidente que procurava permanecer na sombra da rainha, mas bem perto.

— Bem... A rainha está usando uma bolsa preta que não tem nada a ver com o vestido turquesa.

310

— Não, a rainha não. Ao lado dela! Gary! — berrou Joséphine na direção do quarto do menino. — Venha aqui um instante!

Agora a mulher aparecia nitidamente na tela, meio escondida pela rainha, que sorria por trás dos óculos.

— Ali! Bem atrás da rainha!

Gary entrou na sala e perguntou: “O que houve? Por que está gritando desse jeito?”

— Sua mãe! No meio dos Windsor! Ao lado da rainha! — berrou Joséphine.

Gary arrepiou os cabelos com os dedos e se colocou na frente

da tela, murmurando “Ah, claro! mamãe...”, antes de voltar para o quarto arrastando os pés.

— Mas o que ela está fazendo lá? — gritou Joséphine em direção ao quarto. — Vocês são membros da família real? Não obteve resposta.

— D. Shirley! — arrotou Christine Barthillet, parando de mastigar sua bala. — É verdade; o que a d. Shirley está fazendo lá?

— Bem que eu gostaria de saber... — disse Joséphine, seguindo a longa silhueta rosa que se misturava à multidão de convidados.

— Ora, ora! — riu Christine Barthillet. — Rente como pão quente!

— Ou como chá quente — comentou Zoé, com fino humor.

— Ela vai ter que me explicar direitinho — murmurou Joséphine.

Continuou a procurar Shirley na multidão de convidados.

Encontrou-a no cortejo da rainha e ficou de boca aberta. Será que Shirley era mesmo da família real inglesa? Mas então, por que dava aulas de música, de inglês e ainda fazia bolos para vender?

Joséphine passou a noite pensando nisso, enquanto

Christine Barthillet, Max e Zoé acabavam as fritas, as Cocas, as balas Tagada, babando diante da beleza do espetáculo e do desfile dos príncipes e das princesas. Oh, viu como William engordou?

Parece que está noivo e que Charles vai convidar a noiva para um jantar! E Harry! Tão bonitinho! Que idade deve ter agora? É um

solteiro cobiçado e parece mais divertido do que William...

311

Na segunda-feira, Shirley não voltou. Nem terça, nem quarta, nem quinta. Gary fazia as refeições na casa de Joséphine. Como as meninas insistiam em suas perguntas, respondeu: “Vocês viram mal, estão enganadas! — Poxa, Gary, você também viu! — Vi uma mulher parecida com ela e só! O mundo está cheio de louras de cabelos curtos! Além disso, o que minha mãe ia fazer lá? — É verdade, d. Joséphine, a senhora está trabalhando demais! Isso está perturbando sua cabeça! — Mas todo mundo viu! Não estou sonhando. — Gary tem razão... Vimos uma pessoa parecida, mas que talvez não seja ela mesmo!”

Joséphine não mordeu a isca: era Shirley, de vestido longo cor-de-rosa, à sombra da rainha. Sentiu uma raiva enorme da amiga. Eu conto tudo, me coloco nas mãos dela e ela fica guardando segredinhos! Não tenho nem o direito de fazer perguntas. Tinha a sensação de ter sido enganada. De estar sendo enganada por todo mundo. Tudo se misturava em sua cabeça: Iris, Antoine, a sra. Barthillet e seus amantes via internet, Shirley entre os Windsor, o desprezo de Hortense, o despudor de Zoé... Todos achavam que não passava de uma idiota! E aliás, era exatamente o que tinha sido.

A raiva lhe deu asas. Deu cabo do gentil trovador, que entregou a alma ao Criador, morrendo envenenado depois de viver a alegria intensa de assistir ao nascimento de seu filho. Florine não

precisava mais lutar para existir: tinha um filho legítimo, herdeiro do condado, Thibault, o Jovem. Jo aproveitou para matar também a sogra, que começava a lhe dar nos nervos com suas reclamações sem fim. Em seguida, colocou em cena o terceiro marido, Baudouin, um cavaleiro, meigo e muito piedoso. Baudouin é bem-apeado, seu sonho é cultivar suas terras, ir à missa e cumprir suas penitências. Não demorou muito para irritar Joséphine com seu jeito afetado e sucumbiu, vítima da fúria da autora. Como é que vou matar esse aqui? É jovem, goza de boa saúde, não bebe, não é um comilão, pratica o coito com parcimônia e modéstia... Lembrou do baile de Charles e Camilla, da silhueta furtiva de Shirley, do provável parentesco com os Windsor, e sua raiva se abateu sobre Baudouin, o Meigo.

Baudouin e Florine são convidados para o grande baile do rei da França, que está caçando em terras próximas a Castelnau. O rei descobre Baudouin na multidão de convidados em trajes de gala. Empalidece e deixa cair o cetro, que rola para baixo do trono. Depois, com um sinal da mão enluvada, convida o jovem casal a

312

tomar lugar perto dele para uma taça de vinho. Baudouin enrubesce e deposita sua espada aos pés do soberano. Florine fica preocupada: teme uma nova promoção. Será que a boa sorte vai afastá-la novamente do sexto grau da Regra de São Bento, onde patina há tempos? Nada disso! No fim da noite, quando o jovem casal, ainda espantado com tantas honras, dirige-se para o

apartamento que o rei colocou à sua disposição, Baudouin é degolado numa das voltas do longo corredor, sob as vistas de sua jovem esposa, aterrorizada. Três soldados se lançam sobre ele e cortam sua garganta depois de dominá-lo. O sangue escorre aos borbotões. Florine desmaia e cai sobre o corpo sem vida do marido.

Mais tarde, descobre que Baudouin era filho bastardo do antigo rei da França e, portanto, poderia pretender a Coroa. Temeroso e prevenido, o rei preferiu mandar assassiná-lo. Para consolar a jovem viúva, ela a cobre de ouro, peles e pedras preciosas e organiza uma escolta de quatro cavaleiros para acompanhá-la de volta ao castelo de Castelnau. Viúva de novo, Florine suplica aos Céus que afastem a cólera de seu coração para que ela possa galgar finalmente os últimos graus beneditinos.

E três!, suspirou Joséphine, transformada numa assassina sanguinária. Ah!, alegrou-se ao contar as páginas escritas nos últimos dias, a raiva é uma ótima musa, encheu as páginas brancas com milhares de letrinhas negras.

— Parece que as coisas vão bem — constatou Luca, na cafeteria da biblioteca.

— Estou com raiva e isso me deu asas!

Ele olhou para ela. Havia uma rebeldia, um ardor em seu rosto que lhe dava um ar de adolescente em guerra.

— Está com um jeito... um jeito de moleque dissimulado!

— É verdade que faz bem relaxar um pouco. Sempre fui tão certinha! Boa amiga, boa irmã, boa mãe...

— Tem filhos?

— Duas meninas... Mas não tenho marido! Não devo ter sido uma boa esposa. Ele foi embora com outra.

Ela riu, sem graça, e ficou toda vermelha. Sem querer, tinha deixado escapar uma confidência.

Criaram o hábito de se encontrar na cafeteria. Ele falava de seu manuscrito. Quero escrever uma história das lágrimas para

313

meus contemporâneos, que confundem sensibilidade com sentimentalismo, que choram para se exhibir, para se vender, para lavar a alma, para viver emoções que na verdade não sentem. Quero devolver às lágrimas a nobreza que possuem e que Jules Michelet entendeu muito bem. Sabe o que ele disse? “O mistério da Idade Média é o segredo de suas lágrimas inesgotáveis e de seu gênio profundo. Lágrimas preciosas, que escorreram em lendas transparentes, em poemas maravilhosos e, acumulando-se em direção ao céu, cristalizaram-se em gigantescas catedrais que queriam se erguer até o Senhor!” Recitava de olhos fechados e era como mel jorrando de seus lábios. Citava Michelet, Roland Barthes e os Pais do Deserto, cruzando os dedos como se dissesse uma prece.

Certa tarde, ele se virou para ela e perguntou:

— Gostaria de ir ao cinema sábado à noite? Vão passar um velho filme de Kazan que nunca passa na França, *Wild river*, num cinema da rue des Écoles. Pensei que...

— Gostaria — disse Joséphine. — Gostaria muito.

Ele olhou para ela, espantado com seu entusiasmo.

E ela tinha acabado de entender uma coisa muito

importante: quando se escreve, é preciso abrir todas as portas à vida, para que ela impregne as palavras e alimente a imaginação.

Sábado à noite, Luca e Joséphine foram ao cinema.

Marcaram encontro na frente do cinema. Joséphine chegou

primeiro. Queria ter tempo para recuperar a compostura antes que Luca chegasse. Não conseguia deixar de ficar vermelha quando ele

a olhava, e quando suas mãos se tocavam por acaso, seu coração

parecia que ia sair do peito. Ele a perturbava fisicamente e ela

ficava muito abalada. Até o momento, sua experiência sexual tinha sido bastante morna. Antoine sempre foi carinhoso e devotado, mas

não fazia subir dentro dela a onda de calor que Luca provocava só com o olhar. Era um tormento. Não queria que nada a desviasse da

elaboração do livro, mas ao mesmo tempo não podia resistir ao

desejo de ficar perto dele numa sala escura. E se ele passasse o

braço ao redor de seus ombros? E se a beijasse? Não devia se

abandonar rápido demais, precisava manter a cabeça fria. Ainda

tenho um bom mês de trabalho pesado pela frente e não posso me perder, me distrair com um namorico. Florine precisa de mim.

314

Joséphine se espantava com a facilidade com que escrevia.

Com o prazer que sentia ao construir suas histórias. Com o lugar que o livro ocupava em sua vida. Em pensamento, estava o tempo

todo com os personagens e era difícil se interessar pela vida real.

Fazia figuração: dizia sim, dizia não, mas seria incapaz de repetir o que tinham acabado de falar ou perguntar. Olhava as meninas,

Max e a sra. Barthillet irem de um lado para outro com um olhar distraído, refazendo uma frase ou inventando uma nova peripécia.

E, na verdade, será que não teria aceito o convite de Luca a fim de usar sua própria perturbação para traduzir a emoção amorosa de Florine, que tinha negligenciado um pouco até aquele ponto?

Florine era uma mulher enérgica, uma *perpulchra* devota e corajosa, mas não deixava de ser uma mulher. Vai acabar se apaixonando por um dos cinco maridos, ruminava Jo, andando de lá para cá na frente do cinema: tem que ficar apaixonada de verdade, apaixonada a ponto de perder a cabeça, de perder o fôlego... Ela não pode se contentar com a Regra de São Bento e com o seu Divino Esposo. A tentação da carne tem de morder suas entranhas. E como é ficar apaixonada a ponto de perder a cabeça? Ela podia adivinhar observando o próprio comportamento com Luca.

Pegou a caderneta para anotar a ideia. Não ia mais a lugar nenhum sem sua caderneta e uma caneta.

Tinha acabado de fechá-la quando, levantando a cabeça, viu que Lucas estava debruçado por trás dela, olhando-a com a segurança indolente, a distância afetuosa que caracterizava a relação dos dois. Ela deu um pulo, sua bolsa caiu no chão e os dois se abaixaram para recolher o conteúdo.

— Está vendo? Reencontro você exatamente como a conheci

— diz ele meio rindo.

— Estava nas nuvens com meu livro...

— Está escrevendo um livro? E estava escondendo de mim!

— É... Não... queria dizer minha tese e eu...

— Não precisa se desculpar. Gosta de trabalhar. Não há nenhuma vergonha nisso.

Entraram na fila para comprar as entradas. No momento de pagar, Joséphine abriu a carteira, mas Luca sinalizou que era sua convidada. Ficou vermelha e virou para o outro lado.

— Prefere sentar na frente, no meio ou atrás?

315

— Para mim tanto faz...

— Então um pouco mais para a frente? Gosto de olhar bem nos olhos...

Tirou o *duffle-coat* e colocou na cadeira vazia ao lado de Joséphine. Ficou comovida olhando a roupa dobrada a seu lado, teve vontade de tocá-la, de respirar seu cheiro, o calor de Luca, de enfiar as mãos naquelas mangas abandonadas e pendentes.

— Vai ver, é uma história de água...

— De lágrimas?

— Não, de uma barragem... Pode chorar, se for com sinceridade. Mas nada de lágrimas de crocodilo: lágrimas de emoção verdadeira!

E sorriu aquele sorriso que parecia brotar de uma solidão imensa. Pensou que se pudesse vê-lo sorrir nem que fosse alguns

minutos por dia, seria a mais feliz das mulheres. Tudo naquele

homem era único e raro. Nada era mecânico ou premeditado.

Continuava sem coragem de falar de seu trabalho como modelo.

Deixava sempre para amanhã.

As luzes da sala se apagaram e o filme começou. A água

chegou imediatamente, uma água amarela, uma água potente, uma

água lamacenta que a fez pensar nos tanques dos crocodilos. Cipós

pendentes, arbustos ressecados pelo sol e Antoine apareceu diante

dela. Sem ser convidado. Tinha a impressão de ouvir sua voz, revia

suas costas encurvadas, sentado no banco de sua cozinha, sua mão

que vinha tomar a sua, seu convite para ir jantar com ele e as

meninas. Piscou os olhos para fazê-lo desaparecer.

O filme era tão bonito que Joséphine logo se sentiu

transportada para a ilha com os fazendeiros. Fascinada pela beleza

ferida de Montgomery Clift, pelos olhos cheios de uma resolução

doce e selvagem. Quando os fazendeiros o espancaram, apertou o

braço de Luca, que deu um tapinha em sua cabeça... “Ele vai sair

dessa, vai sair dessa...”, murmurou ele no escuro... e ela esqueceu

tudo para guardar só aquele instante, a mão dele em sua cabeça, a

voz tranquilizadora. Esperou, suspensa por aquela mão no meio da

escuridão, esperou que ele passasse o braço em seus ombros, a

puxasse para ele, misturasse sua respiração à sua. Esperou,

esperou... Mas ele recolocou a mão ao longo do corpo. Ela

endireitou a cabeça, reta, e as lágrimas subiram a seus olhos. Estar

tão perto dele e não poder se entregar ao que sentia. Seus cotovelos

se tocavam, seus ombros roçavam um no outro, mas ele parecia refugiado na muralha da China.

Vou chorar, ele vai pensar que é água vinda do filme. Não vai saber que foi por causa daquele pequeno momento de suspense, daqueles segundos em que esperei que me abraçasse, que me beijasse talvez, aquele momento fugaz cheio de expectativa e que se rompeu, deixando a mensagem de que sou apenas uma boa amiga, uma medievalista com quem falar das lágrimas, da Idade Média, do sagrado e dos cavaleiros.

Chorou. Chorou de tristeza por não ser uma mulher que se deseja abraçar no escuro. Chorou de decepção. Chorou de cansaço. Chorou em silêncio, chorou sentada reta na cadeira, sem deixar o corpo tremer. Espantou-se de chorar com tanta dignidade, lambendo com a ponta da língua a água que escorria pelo rosto, degustando como se fosse um *grand cru* salgado, como a água que escorria na tela, que ia arrastar a casa dos fazendeiros, que arrastava a velha Joséphine, aquela que nunca se imaginou chorando no escurinho do cinema ao lado de um homem que não fosse Antoine. Despediu-se dela, chorou porque estava se despedindo dela, daquela Joséphine bem-comportada, razoável, meiga, que casou de branco, criou as duas filhas, tentou dar o melhor de si, sempre justa, sempre razoável. Ela se apagava diante de uma nova. Aquela que escrevia um livro, ia ao cinema com um homem e esperava que ele a beijasse! Não sabia mais se devia rir ou

chorar.

Caminharam pelas ruas de Paris. Ela observava os velhos edifícios, os portões majestosos, as árvores centenárias, as luzes dos cafés, as pessoas que entravam e saíam, a energia das pessoas que se chocavam, se xingavam, riam. A alma da vida noturna.

Antoine ressurgiu como uma imagem sobreposta. Durante muito tempo, sonharam em viver em Paris e aqueles sonhos pareciam cada vez mais e mais distantes, como uma miragem. Havia em todas aquelas pessoas que cruzavam com ela uma vontade tão grande de viver, de festejar, de se apaixonar que sentiu vontade de entrar na dança. Ela, a nova Joséphine. Será que teria energia suficiente para estender a mão ou ficaria ali, na beira do salão, como uma criança com medo de entrar no mar? Levantou o rosto para Luca. Ele parecia de novo uma torre solitária e selvagem, que avança murada em seu silêncio.

A quantas vidas temos direito em nossa passagem pela terra?

Dizem que os gatos têm sete vidas... Florine tem cinco maridos. Por

317

que não teria direito a um segundo amor? Será que expliquei direito como funcionava o comércio naquela época? Esqueci de falar das finanças. As coisas eram pagas com dinheiro e in natura: trigo, aveia, vinho, capões, galinhas, ovos. Cada cidade importante cunhava sua própria moeda e umas tinham mais valor do que outras. Dependia da cidade.

Sentiu a mão de Luca agarrando seu braço.

— Oh! — sobressaltou-se como se ele a despertasse.

— Se não segurasse, ia se jogar na frente de um carro. Está mesmo distraída... Tenho a impressão de que estou passeando com um fantasma!

— Sinto muito... estava pensando no filme.

— Vai me deixar ler seu livro quando estiver pronto?

Ela gaguejou “mas eu, eu não...”, ele sorriu e disse: “é um mistério, escrever um livro é sempre um mistério, tem toda a razão de não falar, ele pode se desfigurar se falarmos dele antes que esteja pronto. Ele muda o tempo inteiro, a gente pensa que vai escrever uma história e escreve outra, não há como saber até que a última frase tenha sido escrita. Sei disso tudo e respeito você, mas, por favor, não precisa responder!”

Foi com ela até a porta de casa. Deu uma olhada no edifício e disse “vamos repetir, não vamos?”. Estendeu a mão, apertou a sua suavemente, longamente, como se achasse mal educado ir embora muito rápido.

— Então, boa noite...

— Boa noite e mil vezes obrigada. O filme foi lindo, realmente...

Ele partiu com o passo vivo de um homem que escapou da armadilha da despedida na porta de casa. Ficou olhando ele se afastar. Uma sensação horrível de vazio cresceu dentro dela. Agora sabia o que significava “estar sozinha”. Não “estar sozinha” para pagar as contas ou criar os filhos, mas “estar sozinha” porque um

homem que você esperava que a tomasse nos braços deu as costas e foi embora. Prefiro a solidão na hora das contas, suspirou ela, pelo menos a gente sabe a quantas anda.

As luzes da sala estavam acesas. As meninas, Max e Christine Barthillet, reunidos ao redor do computador, gritavam “essa aqui! e aquela lá!”, apontando para a tela com o dedo.

318

— Ainda não foram dormir? Já é uma da manhã!

Eles mal levantaram a cabeça, fascinados pelo que viam na tela.

— Vem ver, mamãe — gritou Zoé, chamando Joséphine com a mão.

Não estava muito certa de que queria participar da animação geral. Ainda estava tomada pela doçura triste de sua noite.

Desamarrou o cinto do impermeável, deixou-se cair no sofá e tirou os sapatos.

— O que está acontecendo exatamente? Vocês parecem à beira de uma explosão!

— Ora, mãe, ande logo. Não dá para explicar, você tem de ver com seus próprios olhos — declarou Zoé com o ar mais sério do mundo.

Joséphine se aproximou do computador colocado na mesa.

— Está pronta? — perguntou Zoé.

Joséphine fez que sim. O dedo de Christine Barthillet clicou na telinha.

— É melhor pegar uma cadeira, d. Joséphine, vai levar um susto...

— Não são fotos pornô, são? — perguntou Jo, duvidando do discernimento de Christine Barthillet.

— Claro que não, mãe! — disse Hortense. — É muito mais interessante.

A sra. Barthillet clicou num ícone e uma série de fotografias de um grupo de meninos surgiu na tela.

— Eu falei pornografia, mas isso também inclui pedofilia — avisou Joséphine. — E não estou brincando!

— Espere — disse Max. — Chegue mais perto para ver!

Joséphine debruçou-se sobre o computador. Eram dois meninos, muito louros, e um outro, bem menor, de cabelos castanho-escuros. Brincando num parque, numa piscina, fazendo esportes de inverno, cavalgando, cortando um bolo de aniversário, de pijama, comendo sorvete...

— E então? — perguntou Joséphine.

— Não está reconhecendo? — desafiou Zoé.

319

Joséphine olhou melhor.

— São William e Harry...

— É, e o terceiro?

Joséphine se concentrou e reconheceu a terceiro menino.

Gary! Gary de férias com os príncipes, Gary segurando a mão de Diana, Gary num pônei, seguro pelo príncipe Charles, Gary jogando

futebol num parque enorme...

— Gary? — murmurou Joséphine.

— Em pessoa! — exclamou Zoé. — Imagine só: Gary é da realeza!

— Gary? — repetiu Jo. — Tem certeza de que não é montagem?

— A gente encontrou surfando nas fotos da família real que um empregado menos atencioso colocou na internet...

— É o mínimo que se pode dizer dele! — disse Joséphine.

— É incrível, não acha? — observou a sra. Barthillet.

Joséphine olhou para a tela, clicou numa foto, em outra.

— E Shirley? Não tem fotos de Shirley?

— Não — respondeu Hortense. — Em compensação, ela já voltou. Chegou não tem muito tempo, quando você estava no cinema. Era bom o filme?

Joséphine não respondeu.

— Foi legal o filme com Luca?

— Hortense!

— Ele ligou, mas você tinha acabado de sair. Para dizer que ia chegar um pouco atrasado. Pobre mamãe, ficou esperando!

Nunca se deve chegar antes. Aposto que ele nem beijou você. As mulheres que chegam antes nunca são beijadas!

Colocou a mão na frente da boca simulando um bocejo e

também o seu aborrecimento diante da falta de traquejo de sua mãe.

— E não pode se embelezar de forma evidente! É preciso ser sutil. Maquiagem que não parece maquiagem! Roupas que não dão na vista. São coisas que uma pessoa sabe ou não e, ao que tudo indica, você não tem nenhum talento para isso.

320

Humilhando a mãe diante da sra. Barthillet, Hortense garantia que ela não ia reagir com violência. Seria obrigada a se reprimir. E foi o que fez. Apertou os dentes, tentando se controlar.

— É um nome bonito... Luca Giabelli! Ele é tão bonito quanto o nome?

Hortense bocejou, levantando os cabelos como uma longa cortina, e acrescentou:

— Nem sei por que fiz essa pergunta. Como se isso me interessasse! Deve ser um daqueles ratos de biblioteca de que você tanto gosta... Será que tem caspa e dentes amarelos?

E caiu na gargalhada, ainda tirando partido da presença de Christine Barthillet, que tentava se manter distante, meio sem-graça.

— Vá se deitar, Hortense — gritou Joséphine, perdendo a calma. — E vocês também, aliás! Estou com sono. Já é tarde.

Eles se retiraram da sala. Joséphine abriu o sofá-cama com um gesto tão brutal que revirou uma unha. Deixou-se cair na cama aberta.

A noite tinha sido um fracasso. Sou tão insegura que não consigo impressionar ninguém. Nem bem, nem mal. Sou a mulher

invisível. Ele me tratou como uma boa amiga, nem lhe passou pela cabeça que poderia ser outra coisa. Hortense percebeu isso imediatamente, assim que entrei em casa. Sentiu meu cheiro de perdedora.

Encolheu-se no sofá e ficou olhando um fio vermelho caído no carpete.

Na manhã seguinte, depois que Max e as meninas saíram para uma feirinha de quinquilharias nas ruas vizinhas, Joséphine arrumou a cozinha e fez uma lista do que faltava: manteiga, geleia, pão, ovos, presunto, queijo, salada, maçã, morango, frango, tomate, vagem, batata, couve-flor, alcachofra... Era dia de fazer supermercado. Ainda estava rabiscando quando Christine Barthillet chegou arrastando os pés.

— Estou com uma ressaca daquelas — murmurou, segurando a cabeça. — Bebemos demais, ontem.

Segurava o rádio e procurava a sua estação preferida, aproximando-o do ouvido. Isso porque ela não é surda, implicou Jo.

321

— Quando diz “bebemos”, espero que não esteja incluindo minhas filhas.

— A senhora é engraçada, d. Joséphine.

— Não dá para me chamar de Joséphine, simplesmente?

— É que a senhora me intimida. Não pertencemos ao mesmo mundo.

— Tente pelo menos!

— Não, já pensei nisso e não consigo...

Joséphine deu um suspiro.

— Dona Joséphine parece nome de dona de bordel.

— E o que a senhora sabe de putas e de puteiros, me diga?

Uma suspeita passou pela cabeça de Joséphine, e ela olhou para a sra. Barthillet. Tinha colocado o rádio na mesa e ouvia uma música sul-americana balançando os ombros.

— Por quê? A senhora por acaso conhece?

Christine Barthillet fechou o penhoar sobre os seios, com a solenidade de uma acusada que só conta com a proteção da própria dignidade.

— De vez em quando, para botar uma manteiguinha no pão.

Joséphine engoliu em seco e disse:

— Bem, se é assim...

— Não sou a única, sabe disso, não?

— ... compreendo melhor essa história de Alberto...

— Ah! Ele é gentil. Hoje vai ser o nosso primeiro encontro.

Em La Défense, só para um cafezinho. Preciso estar muito bem-vestida! Hortense prometeu me ajudar...

— Sorte a sua! Hortense só se interessa por algumas poucas pessoas.

— No começo, ela não gostava de mim, com certeza; agora, já me suporta. Sei como fazer: sua filha gosta de ser paparicada, de receber elogios, basta dizer que ela é linda, inteligente etc...

Joséphine correu para atender quando o telefone tocou. Era

Shirley, convidando Joséphine para passar na casa dela.

322

— Com a sra. Barthillet nos calcanhares, não vai dar para conversar tranquilamente, entende? Ficaremos mais à vontade em minha casa.

Joséphine aceitou. Entregou a lista de compras a Christine Barthillet, o dinheiro e pediu que se vestisse e fosse de uma vez. A sra. Barthillet resmungou que era domingo de manhã, que Joséphine não deixava ninguém relaxar, que estava sempre com pressa. Joséphine calou sua boca dizendo que o supermercado fechava ao meio-dia e meia.

— Não é verdade! — murmurou Christine Barthillet examinando a lista.

— E não troque frutas e legumes por doces! — rugiu Joséphine. Faz mal para os dentes e para o traseiro.

— Não ligo a mínima, eu como minha batatinha toda noite.

Deu de ombros e continuou a ler a lista de compras como se decifrasse as instruções de uso de um aparelho qualquer.

Joséphine olhou para ela, esteve a ponto de dizer alguma coisa, mas desistiu.

Quando Shirley abriu a porta, estava falando no telefone. Em inglês. E furiosa. Dizia *no, no, nevermore! I'm through with you...*

Joséphine fez sinal de que voltaria mais tarde, mas Shirley desligou, depois de mais uma saraivada de protestos.

Diante da expressão arrasada de Shirley, das olheiras sob os

olhos, a raiva que vinha cultivando a semana inteira desapareceu.

— Que bom ver você! Foi tudo bem com Gary?

— Seu filho é um amor... Educado, bonito, inteligente! Tem tudo para agradar.

— Muito obrigada. Aceita um chá?

Joséphine fez que sim e examinou Shirley como se nunca a tivesse visto antes. Como se o fato de vê-la ao lado de uma rainha a transformasse numa perfeita estranha.

— Jo... Por que está me olhando desse jeito?

— Vi você na TV... outra noite. Ao lado da rainha da Inglaterra. Com Charles e Camilla. E não venha me dizer que não era você porque senão...

Procurou as palavras certas, agitou os braços no ar como se estivesse sufocando. Sabia claramente o que queria dizer, mas não

323

sabia como. Se me disser que não era você, mesmo que a tenha reconhecido perfeitamente, saberei que está mentindo e não vou aguentar isso. Você é minha única amiga, a única pessoa em quem confio plenamente, não queria colocar essa amizade, essa confiança em xeque. Portanto, diga que não sonhei. Não minta, por favor, não minta para mim.

— Era eu mesma, Joséphine. Foi por isso que parti na última hora. Não queria ir e...

— Foi obrigada a comparecer a um baile com a rainha da Inglaterra? — perguntou Joséphine, quase indignada.

— Obrigada...

— Conhece Charles, Camilla, William, Harry e toda a família?

Shirley fez que sim com a cabeça.

— E Diana?

— Conheci Diana muito bem. Gary cresceu com eles, com ela...

— Mas Shirley... tem de me dar alguma explicação!

— Não posso, Jo.

— Como assim, não pode?

— Não posso.

— Mesmo que prometa que não vou contar a ninguém?

— É para sua própria segurança, Jo. A sua e a das meninas.

Não deve saber.

— Não acredito.

— No entanto...

Shirley olhou para ela com ternura e uma enorme tristeza.

— A gente se conhece há anos, se fala todo dia, eu lhe contei meu único segredo, você me conhece como um livro aberto e a única coisa que encontra para dizer é que não pode me dizer nada, sob pena de me...

Joséphine sufocava de raiva.

— Passei a semana inteira detestando você, Shirley! A

semana inteira com a impressão de que tinha me roubado alguma coisa, que tinha me traído e você simplesmente não quer falar do

assunto! Desculpe, mas a amizade precisa funcionar nos dois sentidos...

— É para proteger você. Quem não sabe não fala...

Joséphine explodiu numa gargalhada irônica.

— Até parece que vou ser torturada por sua causa.

— Pode ser perigoso, como é para mim! Mas eu sou obrigada a conviver com isso, você não...

Shirley falava com uma voz neutra. Fazia uma constatação.

Joséphine não percebia nenhuma ênfase, nenhum truque em sua voz. Enunciava um fato, um fato terrível, sem que a emoção perturbasse sua voz. Joséphine ficou chocada com sua sinceridade e fez um movimento de recuo.

— É tão grave assim?

Shirley sentou ao lado de Jo. Passou o braços ao redor de seus ombros e, num cochicho, desabafou.

— Nunca se perguntou por que vim morar aqui? Nesse subúrbio? Nesse edifício? Sozinha, sem família na França, sem marido, sem amigos, sem uma profissão de verdade?

Joséphine fez que não com a cabeça.

— É por isso que amo você, Joséphine.

— Por que sou uma imbecil? Por que não enxergo um palmo diante do nariz?

— Porque você não vê maldade em nada! Vim para cá procurando refúgio. Num lugar em que tivesse a certeza de não ser reconhecida, procurada, perseguida. Eu estava muito bem lá,

levava uma vida maravilhosa até o momento em que... aconteceu

aquilo. Aqui, faço pequenos serviços e consigo sobreviver...

— Esperando o quê?

— Esperando não sei o quê. Esperando que as coisas se acertem em meu país... Que possa voltar e levar uma vida normal.

Deixei tudo para trás quando vim morar aqui. Mudei de personalidade, mudei de nome, mudei de vida. E posso criar Gary sem tremer de medo quando ele chega tarde da escola. Posso sair sem verificar se estou sendo seguida, posso dormir sem medo de que arrombem minha porta...

— Foi por isso que cortou os cabelos tão curtos? Que anda como um homem? Que luta como um homem?

325

Shirley balançou a cabeça.

— Tive de aprender. Aprendi a lutar, aprendi a me proteger, aprendi a viver sozinha...

— Gary sabe?

— Eu contei. Fui obrigada. Ele já tinha entendido um monte de coisas e precisava tranquilizá-lo. Dizer que não estava enganado.

E isso fez com que amadurecesse muito, crescesse muito... Ele absorveu bem. Às vezes, tenho a impressão de que me protege!

Shirley apertou o braço ao redor dos ombros de Joséphine.

— No meio de toda essa angústia, encontrei uma espécie de felicidade aqui. Uma felicidade tranquila, sem afetação nem grandes abalos. Sem homem...

Um arrepio percorreu seu corpo. Sua vontade era dizer sem “aquele” homem. Reviu sua imagem. Foi por causa dele que prolongou a estadia em Londres. Ele ligou, deu o número de seu quarto no Park Lane Hotel e disse “espero você, quarto 616”. E desligou sem esperar resposta. Ela ficou olhando o telefone dizendo não vou, não vou, não vou. E correu para o Park Lane Hotel, na esquina de Piccadilly e Green Park. Bem atrás do palácio de Buckingham. O grande hall bege e rosa com lustres venezianos de cristal. Os sofás onde homens de negócios tomavam chá conversando em voz baixa. Os arranjos de flores enormes. O bar. O elevador. O longo corredor de paredes bege, o carpete espesso. Apliques enfeitados com pequenos abajures forrados. Quarto 616... A decoração desfilava como num filme. Ele sempre marcava encontro em hotéis vizinhos aos parques. “Deixe o menino no gramado e suba para me encontrar. Ele pode observar os esquilos cinzentos e os casais de namorados e aprender com a vida.” Um

dia, ela esperou o dia inteiro. No Hyde Park. Gary era pequeno. Corria atrás dos esquilos. Gosto deles de longe, *mummy*, de perto parecem ratos. Para mim é o contrário, pensou ela, gosto desse homem de perto, de longe posso vê-lo pelo que é: um rato. Nesse dia, ele não apareceu. Ela e Gary foram para Fortnum and Mason. Comeram sorvete com bolo. Ela bebeu seu chá defumado de olhos fechados. Gary se mantinha bem reto em sua cadeira e comia o bolo como um conhecedor, com a pontinha do garfo. “Tem as maneiras de um príncipe”, comentou a garçonete. Shirley empalideceu. “Foi uma ótima tarde no parque”, disse Gary, pegando sua mão. “Green Park é o meu preferido.” Conhecia todos os parques de Londres.

326

Outra vez, quando ela subiu para o quarto do hotel, Gary resolveu conversar com os oradores de Marble Arch. Devia ter uns 11 anos. E disse “leve o tempo que quiser, *mummy*, não se preocupe comigo. Vou treinar meu inglês, não quero esquecer minha língua natal”. Discutiu sobre a existência de Deus com um sujeito sombrio que, debruçado sobre sua banquinha, esperava que as pessoas viessem discutir com ele. O homem perguntou a Gary: se Deus existe, por que mergulhou o homem em tanto sofrimento? “E o que você respondeu?”, perguntou Shirley, levantando a gola do casaco para esconder a marca de um beijo. Falei daquele filme, *O mensageiro do diabo*, do bem e do mal: o homem tem de fazer uma escolha, como ele poderia escolher se não conhecesse o sofrimento e o mal... — Você disse isso? — comentou Shirley, maravilhada.

Fale comigo, querido, continue falando comigo para que esqueça aquele quarto e aquele homem, para que esqueça o nojo de mim mesma quando saio dos braços daquele homem, suplicou ela em silêncio. Ele esperava no quarto. Deitado na cama, de sapatos.

Lia um jornal. Olhou para ela sem dizer nada. Largou o jornal.

Colocou a mão em seu quadril, levantou sua saia e...

Era sempre igual. Dessa vez, ela estava livre para ser sua prisioneira: Gary não estava esperando no parque. E ela já não via as horas passarem. Nem os dias. As bandejas se amontoavam ao pé da cama. As arrumadeiras eram mandadas embora quando batiam na porta.

Nunca mais, nunca mais. Isso tinha de acabar!

Precisava ficar longe dele, mas ele sempre a encontrava.

Nunca vinha à França, era procurado e tinha medo de cruzar as fronteiras. Na França ela estava a salvo. Em sua terra, estava à mercê dele. A culpa era sua. Não conseguia resistir àquele homem.

Tinha vergonha quando voltava para encontrar o filho, que esperava, confiante, na frente do hotel. Quando chovia, ele entrava e esperava lá dentro. Os dois voltavam a pé, atravessando o parque.

“Acredita em Deus?”, perguntou Gary, um dia, depois de passar a tarde discutindo com um novo orador do Hyde Park. Gostava daquelas discussões. “Não sei”, respondeu Shirley, “gostaria tanto de acreditar...”

— Acredita em Deus? — perguntou Shirley a Joséphine.

— Bem... acredito — respondeu ela, surpresa com a pergunta

de Shirley. Falo com Ele à noite. Vou para a varanda, olho as estrelas e falo com Ele. Isso me ajuda muito...

327

— *Poor you!*

— É. Quando digo isso, as pessoas me tomam por retardada.

É por isso que não comento...

— Não tenho fé, Joséphine... E nem tente me converter.

— Não vou tentar, Shirley. Não acredita por puro despeito, porque o mundo não é feito do jeito que queria. Mas é como o amor: é preciso ser corajoso para amar. Dar, dar, não pensar, não calcular... Com Deus é preciso dizer consigo mesmo “eu creio” e então tudo fica perfeito, lógico, tudo ganha um sentido, tudo se explica.

— Não no meu caso — riu Shirley. — Minha vida é uma sequência de coisas imperfeitas, ilógicas... se fosse um romance, seria um melodrama de arrancar lágrimas e tenho horror de inspirar piedade.

Parou de repente como se já tivesse falado demais.

— E a sra. Barthillet, como vão as coisas com ela?

— Quer dizer que não quer mais falar sobre isso? — suspirou

Joséphine. — Mudou de assunto, discussão encerrada.

— Estou exausta, Jo. Preciso respirar... estou contente de voltar para casa, acredite.

— Só que todo mundo viu você na TV. O que vai dizer se as meninas ou Max fizerem perguntas?

— Direi que tenho uma sócia na corte da Inglaterra.

— Não vão acreditar: encontraram fotos de Gary com William e Harry na internet! Um antigo empregado que...

— Não conseguiu vender aos jornais e resolveu colocá-las na internet. Nego tudo, digo que nada se parece mais com um menino do que outro menino. Pode confiar em mim, consigo me safar. Já passei por coisas piores. Bem piores!

— Deve achar essa minha vidinha muito chata...

— Pois ela vai se complicar, a sua vidinha, com essa história do livro. Quando a gente começa a trapacear, a mentir, acaba embarcando em um monte de aventuras...

— Eu sei. Às vezes me dá medo...

A chaleira tinha começado a apitar e a tampa dançava, sacudida pela força do vapor. Shirley levantou e foi fazer o chá.

328

— Trouxe um Lapsang Souchong da Fortnum and Mason.

Depois você me diz o que achou...

Joséphine ficou olhando sua cerimônia do chá: passar água fervente no bule, contar as colheradas de chá, versar a água, deixar repousar, tudo com a seriedade de uma verdadeira inglesa.

— O chá é feito da mesma maneira na Escócia e na Inglaterra?

— Não sou escocesa, Jo. Sou uma pura lady inglesa...

— Mas disse...

— Achei que era mais romântico.

Joséphine quase perguntou quais eram as outras mentiras, mas mudou de ideia. Saborearam o chá falando das crianças, da sra. Barthillet, de seus encontros via internet.

— Ela dá alguma ajuda financeira?

— Ela não tem um tostão.

— Quer dizer que você compra comida para todo mundo?

— Bem... compro.

— Você é realmente um amor — disse Shirley, batendo com o dedo na ponta de seu nariz. — Pelo menos ajuda na limpeza? Na cozinha? Passa roupa?

— Nem isso.

Shirley levantou os ombros e deixou-os cair em seguida, dando um suspiro profundo.

— Passo o tempo todo na biblioteca. Fui ao cinema com o homem do *duffle-coat*. Ele é italiano, se chama Luca. Sempre muito fechado. Por um lado, isso é bom para mim: preciso acabar o livro antes de...

— E onde está?

— No quarto marido.

— E quem é ele?

— Ainda não sei. Queria que ela vivesse uma paixão tórrida!

Uma paixão física...

— Como Shelley Winters e Robert Mitchum em *O mensageiro do diabo*? Ela o deseja loucamente, ele a rejeita... ao invés de se afastar, ela o deseja mais ainda. Ele se faz passar por pastor e usa

a Bíblia para esconder sua cobiça. Quando ela tenta seduzi-lo, ele faz um sermão e vira as costas. Ela acaba assassinada por ele, que é o mal em forma de gente...

— É isso... — retomou Joséphine, apertando a xícara de chá entre as mãos. Ele vai ser um pastor, um pregador que percorre os campos. Eles se encontram e Florine fica loucamente apaixonada. Os dois se casam em seguida, mas ele deseja apenas seu castelo e seu ouro e vai tentar matá-la. Todos vão temer por sua vida e ainda por cima ele vai raptar seu filho... O problema é que esse não vai deixá-la mais rica.

— Por que não? Pode inventar que ele já havia roubado inúmeras viúvas, escondido o produto do roubo em algum lugar e esse dinheiro vai para nas mãos dela...

— Outro dia, Luca estava falando justamente dos pregadores da época...

— Você contou que estava escrevendo um livro? — perguntou Shirley, preocupada.

— Não... mas cometi uma bela gafe.

Joséphine contou que tinha feito referência ao livro quando foram ao cinema. Perguntou em voz alta se ele não tinha descoberto seu segredo.

— Você é a última pessoa a quem eu confiaria um segredo — disse Shirley, sorrindo. — Viu como tenho razão em não lhe contar nada?

Joséphine abaixou os olhos, confusa.

— Vou ter de tomar muito cuidado quando esse livro sair...

— Pode deixar que Iris vai dar um jeito de concentrar toda a atenção em cima dela. Não vai lhe deixar uma migalhinha sequer.

Falando nisso, como é que ela vai?

— Está ensaindo para o grande dia... de vez em quando, aparece para ler o que estou escrevendo e está lendo todos os livros que recomendei. Às vezes até me dá algumas ideias. Sugeriu que escrevesse uma cena em que estudantes parisienses se empenhavam em verdadeiras batalhas: os estudantes eram clérigos, pertenciam ao clero, estavam fora da jurisdição da justiça secular. O rei nada podia contra eles, eles só respondiam à justiça de Deus e abusavam disso, o que transformava a manutenção da ordem em Paris numa coisa bem complicada. Cometiam crimes na maior

330

impunidade! Roubavam, matavam. Ninguém podia julgá-los e puni-los.

— E então?

— Tenho a sensação de ser um grande funil: ouço tudo, reúno todas as histórias e pequenos detalhes da vida e jogo no livro.

Nunca mais serei a mesma depois desse livro. Estou mudando, Shirley, estou mudando e muito, mesmo que não dê para ver!

— Essa história está fazendo você descobrir a vida, arrastando-a para terrenos que nunca tinha percorrido antes...

— O mais importante, Shirley, é que não tenho mais medo.

Antes, tinha medo de tudo e me escondia atrás de Antoine. Atrás da minha tese. Atrás da minha sombra. Hoje, me dou o direito de fazer coisas que antes não fazia, hoje eu parto para o ataque!

Deu uma risadinha de menina e se escondeu atrás da mão aberta.

— Só preciso ser paciente, deixar a nova Jo crescer e, um dia, ela vai ocupar todo o espaço, vai me dar toda a sua força. Por enquanto, estou aprendendo... Descobri que a felicidade não é viver uma vidinha sem complicações, sem cometer erros, sem sair do lugar. A felicidade é aceitar a luta, o esforço, a dúvida e avançar, avançar superando cada obstáculo que aparecer. Antes eu não avançava, estava adormecida, me deixava levar por uma rotina tranquila: marido, filhas, estudos, conforto. Agora, aprendi a lutar, a encontrar soluções, a perder as esperanças momentaneamente, para recuperá-las em seguida e seguir em frente. Sozinha, Shirley! Estou me virando... Quando era pequena, repetia o que minha mãe dizia, sua visão de mundo era a minha; depois, comecei a dar ouvidos a Iris. Ela era tão inteligente, tão brilhante... Depois, foi Antoine: eu assinava tudo o que ele queria, modelava minha vida pela dele. Até você, Shirley... O fato de saber que era minha amiga me tranquilizava, me fazia acreditar que era uma pessoa de bem porque você gostava de mim. Pois bem, tudo isso acabou! Aprendi a pensar sozinha, a caminhar sozinha, a lutar sozinha...

Shirley ouvia Joséphine e pensava na menininha que tinha sido. Tão segura de si. Insolente, quase arrogante. Um dia foi

passar no parque com a governanta e de repente soltou a mão da mulher e foi embora. Devia ter uns 5 anos. Vagou pelo parque, saboreando a deliciosa sensação de liberdade, de correr sem ouvir miss Barton dizer não corra, uma menina bem-educada deve

331

caminhar com passo regular. Um policial veio perguntar se estava perdida e ela respondeu: “Não, mas o senhor devia procurar minha governanta, porque ela se perdeu!” Nunca tinha medo. Eu me mantinha de pé sozinha. Foi depois que tudo desmoronou. Fiz o caminho inverso ao de Jo.

— Não está mais me ouvindo!

— Estou sim...

— Aceitei o lado escuro da vida, ele não me assusta mais, parei de ter medo.

— E como foi que conseguiu? — perguntou Shirley, enternecida.

— Olhe, acho que... essa luta de todo dia tem como base o amor. Não a ambição, a necessidade de ter, de possuir, mas o amor... Não o amor por você mesma, também. Essa é uma infelicidade que nos faz girar em círculos. Não! É o amor pelos outros, o amor pela vida. Quando a gente ama, está salvo. Aí está o resumo do que aconteceu na minha vida nos últimos dias.

Esboçou um sorrisinho, como se estivesse espantada de se ouvir pronunciar aquelas palavras pomposas. Olhando para ela, Shirley acrescentou com doçura:

— Pois eu ainda estou me debatendo, ainda não consegui seguir em frente!

— Claro que conseguiu, você avança do seu jeito. Cada um tem o seu jeito de seguir em frente.

— Não fui capaz de enfrentar a vida, preferi escapar e desde então minha vida é uma eterna fuga.

Deu um suspiro fundo, como se não precisasse dizer mais nada. Joséphine observou a amiga um instante e depois abraçou-a.

— Para viver bem, a gente precisa se jogar na vida, se perder e se reencontrar e se perder de novo, abandonar e recomeçar, mas nunca, nunca pensar que um dia vai poder descansar: isso não vai acontecer nunca... A tranquilidade é uma coisa para depois.

— Quando estivermos mortos?

Joséphine caiu na risada.

— Viemos à terra para batalhar. Não estamos aqui a passeio.

Fez uma pausa, estendeu a xícara pedindo mais chá, fechou os olhos e murmurou bem baixinho, meio rindo:

332

— E afinal, como ela é, a rainha da Inglaterra?

Shirley pegou o bule, serviu o chá e respondeu “passo!”.

A sra. Barthillet tinha voltado do supermercado. Seu braço doía de carregar os sacos plásticos e esfregou a palma das mãos machucadas pelas alças. Por um instante, pensou em deixar as compras em cima da mesa da cozinha, depois mudou de ideia e resolveu arrumar tudo. Esse mundo de frutas e legumes que ela me

obriga a comprar custa uma nota! É tão mais simples abrir uma lata de conserva. E ainda por cima precisa lavar, descascar, cozinhar, um monte de tempo perdido. Já tem até sopa de legumes em pó. Preciso sair daqui! Preciso arranjar uma vidinha melhor. Não ser obrigada a fazer nada, encontrar um sujeito legal para pagar o aluguel e ficar vendo TV o dia inteiro. Max já pode se virar. Criar um filho dá trabalho demais. Quando são pequenos, é fácil, mas quando crescem, a gente tem que fazer frente. Impor regras. Brigar para que eles respeitem. Não é o que quero, o que quero é tranquilidade total. Os filhos são ingratos. Cada um por si! Tinha marcado encontro com Alberto às cinco horas, em La Défense. Tomar um banho, me arrumar. Ficar bonita. Ainda tenho alguma coisa para mostrar. Ainda posso criar uma ilusão. E depois, ele também não é nenhum príncipe encantado! Mandou uma foto toda borrada, não dava para ver nada. Não deve ser lá essas coisas. Quando Hortense voltou da feirinha, a sra. Barthillet esperava de roupão no sofá da sala. Assistia Michel Drucker, mascando chiclete.

— Achou alguma coisa legal? — perguntou se endireitando.

— Só besteira — respondeu Max —, mas a gente se divertiu. Jogamos flipper e bebemos Coca-Cola. Teve um cara que pagou para a gente... Pelos belos olhos de Hortense.

— Um cara como? — perguntou Christine Barthillet.

— Um babaca — respondeu Hortense. — Mas ficou todo excitado só de pensar que eu ia cair na dele por causa de três Cocas

e umas moedinhas de flipper. Um pobre coitado!

— Essa já entendeu como é que a banda toca — riu Christine Barthillet.

— Esse tipo de cara não é difícil de entender. Estava babando de desejo, deixou um rastro no chão!

333

— Estou cansada de ser pequena, ninguém olha para mim — reclamou Zoé.

— Não vai demorar, querida, não vai demorar... Não esqueceu que tinha prometido me ajudar a me vestir para o meu encontro, esqueceu? — perguntou Christine Barthillet a Hortense.

Hortense a avaliou dos pés à cabeça.

— O que tem de usável?

A sra. Barthillet suspirou. “Não tenho grande coisa, não posso pagar roupa de grife, compro as coisas por catálogo.”

— Então vamos ter que fazer um look descontraído... — declarou Hortense, com uma voz profissional. Tem uma jaqueta tipo safári, não?

A sra. Barthillet balançou a cabeça.

— Um modelito La Redute. Desse ano...

— Um jogging?

A sra. Barthillet fez que sim.

— Bom... Vá pegar!

A sra. Barthillet voltou com as roupas enroladas numa bola.

Hortense levantou-as com a ponta dos dedos, estendeu no sofá e

examinou por um longo momento. Max e Zoé observavam, fascinados.

— Deixe ver...

Franziu o nariz, torceu a boca, apalpou um suéter, um puloverzinho de lã, desamassou uma camisa branca, deixou de lado.

— Tem algum acessório?

A sra. Barthillet levantou a cabeça, surpresa.

— Colares, pulseiras, uma echarpe, óculos escuros...

— Tem umas bugingangas do Monoprix...

E foi até o quarto pegá-las.

Zoé cutucou Max com o cotovelo e sussurrou: “você vai ver, preste atenção! Ela vai transformar sua mãe numa gata.” A sra.

Barthillet colocou um monte de bijuteria ao lado das roupas, que pareciam esperar o golpe da varinha mágica de Hortense. Ela refletiu mais um pouco e, num tom doutoral, declarou:

334

— Tire a roupa!

A sra. Barthillet ficou espantada.

— Quer que invente uma roupa para você ou não?

Christine Barthillet obedeceu e ficou de calcinha e sutiã na frente de Max e das meninas. Escondeu os seios com as mãos e pigarreou, sem graça. Max e Zoé caíram na risada.

— Um *must*: a jaqueta *saharienne* ou safári. Regra número um: se estiver acompanhada por uma calça jogging Adidas, com as

tirinhas brancas, é moda. E é legal porque você tem. Esse é, aliás, o único jeito de ficar elegante usando jogging.

— Com uma jaqueta safári?

— Exatamente. Regra número dois: embaixo da jaqueta, um suéter com decote em V e por baixo uma camisetinha despontando no decote...

Fez um sinal para que a sra. Barthillet vestisse as roupas que lhe estendia.

— Nada mal... nada mal! — disse Hortense, avaliando com o olhar. Regra número três: salpicar o conjunto com alguns acessórios baratos. Vamos pegar seus colares e pulseiras Monoprix...

Decorou a mulher como um manequim de vitrine. Recuou um passo. Arregaçou uma manga. Recuou de novo. Puxou o decote do suéter. Botou mais um colar e um par de óculos escuros nos cabelos.

— Nos pés, tênis... E pronto! — declarou satisfeita.

— Tênis! — protestou Christine Barthillet. — Não é muito feminino.

— Está querendo parecer um embrulho ou uma profissional do estilo? Tem de escolher, Christine, tem de escolher! Pediu que ajudasse, eu ajudei, se não gostou, bote seus saltos agulha e diga alô à vulgaridade.

A sra. Barthillet calou a boca e colocou os tênis.

— Isso... — disse Hortense, puxando o suéter e deixando a

alça da camiseta à mostra. — Pode se olhar no espelho.

A sra. Barthillet foi até o quarto de Joséphine e retornou com um sorriso no rosto.

335

— É genial! Nem me reconheci! Obrigada, Hortense, muito obrigada.

Piruetou pela sala e depois caiu no sofá, batendo nas pernas de satisfação.

— É incrível o que dá para fazer com três paninhos quando se tem bom gosto! De onde você tirou isso?

— Sempre tive jeito com essas coisas.

— Um verdadeiro passe de mágica! Parece que viu uma outra pessoa em mim! Como se eu finalmente descobrisse quem sou.

Zoé se encolheu numa bolinha no tapete e, mexendo nos cadarços dos tênis, murmurou:

— Bem que eu queria saber quem sou. Você faz comigo também, Hortense?

— Fazer o quê? — perguntou Hortense, distraída, acertando um último detalhe na roupa de Christine Barthillet.

— O que fez para a sra. Barthillet...

— Faço sim, prometo.

Zoé deu um salto de alegria e se pendurou no pescoço de Hortense, que se soltou.

— Para começar, precisa aprender a se comportar, Zoé.

Nunca mostrar as próprias emoções. Manter a distância. É a regra

número um para ter classe. O desdém... Olhe as pessoas de cima e elas vão respeitá-la. Se não entender isso, não vale nem a pena começar.

Zoé se endireitou e deu três passos para trás, se fazendo de orgulhosa e indiferente.

— Assim? Fiz direito?

— Tem de ser natural, Zoé. Tem de ser naturalmente desdenhosa. É a parte mais difícil de ter “atitude”.

Pronunciou essa palavra articulando lentamente.

— A atitude tem de ser natural...

Zoé amassou os cabelos e deu um suspiro, coçando a barriga.

— É muito difícil...

336

— Dá trabalho, com certeza — replicou Hortense, com jeito afetado.

Seu olhar pousou em Christine Barthillet e perguntou:

— Sabe como é que ele é, o seu Alberto?

— Não faço ideia. Vai estar com o *Journal du Dimanche* debaixo do braço! Depois eu conto... Bem, já vou. Tchou, tchau!

Pegou a bolsa e estava saindo quando Hortense a deteve, dizendo que a bolsa não combinava nem um pouco com a roupa.

— Azar — disse Christine Barthillet. — Sei que é melhor chegar um pouco atrasada, mas se demorar muito não vou encontrar Alberto nenhum!

Estava descendo as escadas quando Max e Zoé gritaram para pedir que tirasse uma foto: queriam ver como era o tal Alberto.

— Entende, não? — comentou Zoé, preocupada. — Talvez ele seja seu padrasto...

Na cozinha, as persianas fechadas para protegê-la do calor, Joséphine escrevia. O prazo final para entregar o manuscrito estava chegando. Apenas três semanas e tinha de colocar o ponto final. Iris passava diariamente para pegar as crianças: iam ao cinema ou faziam um passeio em Paris ou no Jardin d'Acclimatation. Tomava sorvete, pagando voltas e mais voltas de carrinho de choque e tiro ao alvo. Como o colégio das meninas era um dos locais do exame de conclusão do segundo grau, Max e Zoé estavam entregues à própria sorte. Joséphine disse a Iris que não ia conseguir terminar o romance se não esvaziasse o apartamento e se livrasse da preocupação de saber o que fariam o dia inteiro. “Não posso deixar Zoé por conta de Max ou vai acabar se metendo em tráfico de maconha ou de laptops roubados!” Iris resmungou. “Mas o que posso fazer? — Vire-se, respondeu Jo, é isso ou não vou poder escrever!” Hortense fazia estágio com Chefe e vivia a própria vida, mas precisava pensar em Zoé e Max.

A sra. Barthillet continuava seu romance com Alberto. Ele marcava encontros nas varandas dos cafés, mas ainda não tinha consumado a relação. — Tem alguma coisa que não bate, dizia Christine Barthillet, alguma coisa errada em algum lugar! Por que ele não me leva para o hotel? A gente se beija, se amassa, ele me dá

presentes, e nada mais. Só quero chegar às vias de fato! Em vez de transar de uma vez, passamos horas conversando, sentados, bebendo café! Vou acabar conhecendo todos os bares de Paris. Ele é

337

muito pontual, chega sempre antes, e seu negócio é ficar me olhando caminhar. Disse que meu andar o inspira, que adora me ver chegar, me ver ir embora! Com certeza é impotente! Um detraquê. Sonha em ter um caso, mas não passa para a ação. É a minha chance! Não é difícil, tenho a impressão de que estou com o homem-tronco! Nunca o vi de pé! — Não, comentou Zoé, ele é romântico, as coisas têm que acontecer na hora certa. — Não tenho tempo a perder. Não quero criar raízes aqui. Quero me estabelecer e isso tudo é uma perda de tempo. Não sei nem o sobrenome dele. Aí tem coisa, já disse!

Joséphine, ela sim, não tinha tempo a perder. O quarto marido de Florine tinha acabado de entregar a alma ao Criador, queimado na fogueira dos hereges. Ufa!, pensou enxugando a testa. Já não era sem tempo! Que homem nocivo e corrupto! Chegou ao castelo montado num grande corcel negro, trazendo consigo os Santos Evangelhos. Pediu asilo e Florine aceitou recebê-lo. Na primeira noite, não quis saber de dormir numa cama, mas no chão, sob as estrelas, enrolado em sua grande capa negra. Guibert, o Piedoso, era um homem magnífico. Longos cabelos castanhos, torso poderoso, braços de lenhador, belos dentes brancos, sorriso de carniceiro, olhos azuis perfurantes... Florine sentiu o sangue ferver

em suas veias. Ele citava versículos do Evangelho, recitava o texto do Decretum, que sabia de cor, e atacava o pecado sob todas as suas formas. Instalou-se no castelo e começou a regular a vida de todos. Exigia que Florine usasse roupas austeras, sem nenhuma cor. O Maligno procura abrigo no seio de toda mulher, professava ele, levantando o dedo para o céu. As mulheres são frívolas, faladeiras, infanticidas, aborteiras, lascivas, lúbricas, prostituídas. A prova: não há mulheres no paraíso. Mandou retirar as tapeçarias e os quadros das paredes do castelo, confiscou as peles, esvaziou o cofre de joias. Excomungava a torto e a direito com sua bela voz de macho seguro de si. O carmim é o rubor do adultério, as mulheres feias são vômitos da terra e precisamos desconfiar das belas, pois sua beleza é apenas uma capa dissimulando um monte de lixo.

Pretende seguir a Regra de São Bento e treme quando ordeno que durma no chão, de camisola? Não vê que é o diabo quem a mantém nesse conforto de rainha, o diabo quem enche suas arcas de prata e pedras preciosas, o diabo quem sussura em seu ouvido dizendo que cuide de sua beleza e da maciez de sua pele, só para desviá-la de seu Divino Esposo? Florine ouvia e pensava que aquele homem tinha sido enviado para recolocá-la no caminho certo, que havia abandonado com os maridos anteriores. Tinha esquecido sua

338

vocação. A voz dele a enfeitiçava, sua estatura a perturbava, seu olhar a transpassava. Desejava tanto aquele homem que se sujeitava a tudo. Isabeau, sua serva fiel, assustada com o fanatismo

de Guibert, resolve fugir e leva consigo o jovem conde. Florine fica sozinha, entre criados aterrorizados. Quem não obedecia era enviado para as masmorras do castelo. Ninguém ousava se opor a ele. Mas uma noite, ele passa o braço em seus ombros e pede que se case com ele. Exultando de alegria, Florine agradece a Deus e aceita. Será um casamento triste e austero. A noiva de pés descalços, o noivo afastado dela. Na noite de núpcias, quando Florine entra no leito conjugal trêmula de desejo, ele se enrola em seu manto e deita a seu lado. Não pretende consumir o matrimônio, pois seria ceder ao pecado da luxúria. Florine soluça, mas cerra os dentes para que ele não ouça. E obrigada por ele, repete em prece: não sou nada, sou menos que nada, sou uma mulher indigna, mais indigna que a mais indigna das bestas.

Encontrei meu Salvador ao aceitar esse homem como esposo e devo obedecer a ele sempre e em tudo. Ela se submete. No dia seguinte, ele corta seus longos cabelos louros com o punhal e risca sua testa com dois grandes traços feitos com cinzas: Tu és cinzas e às cinzas retornarás. Florine quase desmaia de prazer ao sentir seu dedo tocar sua pele nua. Confessa seu prazer e ele redobra a crueldade. Trata de esgotá-la no trabalho, impõe um jejum eterno, ordena que cumpra sozinha as tarefas da casa e beba a água suja da limpeza. Despede todos os empregados, um a um, enchendo-os de presentes para que não falem. Exige que ela lhe entregue todo o dinheiro e diga onde se encontra o ouro, “o ouro que o rei de França lhe deu depois de trucidar seu marido e que você escondeu. Esse dinheiro é

amaldiçoado, vou jogá-lo no rio”. Florine resiste. Aquele dinheiro

não é seu, é de seu filho. Não quer deserdar Thibault, o Jovem.

Diante disso, Guibert a submete às piores torturas. Ficaré presa e

acorrentada numa masmorra até que resolva falar. Às vezes, para

tentar convencê-la, ele a toma nos braços e os dois rezam juntos.

Deus me enviou para purificá-la. E ela agradece, agradece a Deus

por conduzi-la para o caminho da submissão e da obediência.

Está prestes a renunciar a tudo e entregar sua fortuna

quando a fiel Isabeau retorna com uma tropa de cavaleiros para

libertá-la. Procurando por ela nos subterrâneos do castelo, Isabeau

descobre um verdadeiro tesouro: a riqueza que Guibert acumulou

enfeitando outras viúvas antes de Florine. Ela entrega o tesouro a

Florine, que recuperou o juízo. Florine decide parar de perseguir a

perfeição e retomar sua vida normal, sem esperar a santidade na

339

terra, pois o orgulho de querer se igualar a Deus em pureza é um

pecado mortal. Assiste à morte de Guibert na fogueira e não pode

deixar de chorar ao ver o homem que tanto amou se transformar

numa tocha ardente, sem gritar nem pedir perdão por seus erros.

Ele vai direto para o inferno e é muito bem feito!, declara Thibault, o

Jovem. Florine está viúva de novo e ainda mais rica do que antes.

Parece comigo, divagou Joséphine, levantando para se

esticar. Em pouco tempo, receberei 25 mil euros e não tenho um

homem em minha vida. Quanto mais o tempo passa, mais rica e

mais sozinha eu vou ficando! Luca também tinha desaparecido, não

tinha notícias dele há dez dias. Não aparecia mais na biblioteca.

Deve ter ido fotografar do outro lado do mundo. Suspirou, massageou os rins e sentou de novo em frente ao computador. Só faltava um marido para Florine... O último. E esse, resolveu, vai ser o bom. Quero um final feliz. Já tinha uma ideia. Ele se chama Tancredi de Hauteville e Florine já o conhece há tempos. É o senhor de um castelo vizinho. Um devasso, sem fé nem lei, um libertino. Participou do complô tramado por Étienne le Noir contra ela, quando da morte de seu primeiro marido. Tentou raptá-la para se apropriar de suas terras e seu castelo. Mais tarde, ele se arrepende profundamente, retorna das Cruzadas resolvido a viver como um bom cristão, longe das tentações terrestres. Comparece diante de Florine para pedir perdão pelos crimes do passado. Florine acaba se casando com ele e, deixando o castelo para seu filho, hoje um homem, vai viver com Tancredi em suas terras. No caminho, eles buscam abrigo numa floresta do Poitou, na região de Melle, e encontram uma choupana. Resolvem se instalar ali mesmo e vivem para a oração, comendo o alimento que cultivam, bebendo água da chuva, vestidos de peles, dormindo junto ao fogo. São felizes, amando-se com ternura até o dia em que Tancredi descobre uma jazida de prata ao cavar em busca de água. Uma jazida magnífica! Suficiente para cunhar muitos deniers, a moeda inventada por Carlos Magno. Ficarão podres de rico com as moedas! Florine fica arrasada, mas depois começa a ver essa repetição de seu destino como um sinal de Deus. Deve aceitar sua sorte e seu

dinheiro. Aceita então a nova riqueza, cria um abrigo para os deserdados e desabrigados junto com Tancredi, a quem dará muitos filhos. FIM.

Só faltava escrever, mas pelo menos o final já está delineado.

Um último esforço e chegarei lá. E então... então terei que colocar o livro nas mãos de Iris. Será uma dura prova. Não devo pensar

340

nisso, não devo pensar nisso. Já aceitei, pelas piores razões, mas aceitei. Preciso me separar desse livro e não me preocupar mais com ele.

Temia aquele momento. O livro tinha se transformado num companheiro, os personagens enchiam sua vida, conversava com eles, ouvia e acompanhava suas histórias. Como fazer para me separar disso tudo?

Para não pensar no assunto, clicou na caixa de correio.

Havia um e-mail de Antoine. Da última vez em que se falaram, quase brigaram. Por causa da sra. Barthillet.

Minha querida Jo,

Só um bilhetinho para contar as novidades. Vai ficar feliz ao saber que finalmente ouvi seus conselhos e entrei em greve. Foi um belo desastre! Lee não dava conta do trabalho. Corria para todo lado, os olhos quase fora das órbitas. Os crocodilos, famintos, demoliram as cercas e devoraram dois operários. Foi preciso abatê-los, junto com todos os outros que tinham fugido! Não é fácil atirar em crocodilos. As balas ricocheteiam para todo lado, e tivemos muitos

feridos! Estivemos à beira de uma rebelião. Todo mundo comentou, foi a manchete de um jornal local e mister Wei resolveu enviar um cheque consistente, pagando enfim tudo o que me devia!

Dito isso, constatei que Lee estava do lado de Wei. Quando declarei que não ia mais trabalhar, ele não acreditou. Ficou me observando com seus olhinhos amarelos, se perguntando se era mesmo verdade, e me seguia por toda parte. Surgia atrás de mim quando eu menos esperava, até mesmo quando ia à loja de Mylène e o surpreendi várias vezes ao telefone, falando em voz baixa como um conspirador. Estava escondendo alguma coisa. Do contrário, para que falar baixo se eu não entendo uma palavra de chinês? Desde então, não confio nele. Arranjei um cachorro e dou um pedacinho de tudo o que como para ele experimentar. Pode dizer que sou paranoico, mas tenho a impressão de ver crocodilos por todo lado. Enquanto estava em greve, resolvi dar uma ajuda a Mylène. É uma boa moça, sabia? E cheia de recursos. Dá um duro danado, trabalha 12 horas por dia, todo dia, inclusive domingo! Sua lojinha está sempre cheia. Está ganhando um monte de dinheiro. A inauguração foi um triunfo e o sucesso não diminuiu nas semanas seguintes. As chinesas dão todo o dinheiro que têm para ficarem bonitas como as ocidentais. Ela faz tratamentos de beleza, vende maquiagem e já teve de ir à França duas vezes para reabastecer. Eu

341

fiquei cuidando da loja enquanto estava fora e devo dizer que isso me deu algumas ideias. Não se espante se ficar rico, importante e pronto,

talvez, para ir morar na China! Se os chineses nos inundam de produtos de baixo custo, é claro que podemos devolver na mesma moeda, empurrando o nosso know-how para cima deles!

Pronto!, pensou Joséphine, apavorada. Ele continua a ver tudo grande demais, rápido demais. Não entendeu nada.

Quase não bebo mais. Só um uisquinho à tarde quando o sol se põe. Mas é só isso, posso garantir... Em resumo, estou feliz e finalmente acertei o alvo! Acho, aliás, que teremos que nos divorciar. É mais prático, já que estou pensando em começar novas atividades...

Divórcio! A palavra foi um golpe para Joséphine. Divórcio...

Nunca tinha pensado nisso. “Mas você é meu marido”, disse, em voz alta olhando a tela. “Temos um compromisso para o bem e para o mal.”

Tenho conversado com as meninas regularmente e acho que estão muito bem. Fico muito contente. Espero que os Barthillet já tenham ido embora e que você tenha parado de ser uma Madre Teresa! Pessoas como eles são parasitas da sociedade. E péssimos exemplos para nossas filhas...

Mas quem ele pensa que é? Pensa que pode me dar lição de moral só porque sua amiguinha está fazendo fortuna com cravos, espinhas e pó de arroz!

Precisamos conversar sobre as próximas férias de verão. Por enquanto, não sei como vou me organizar. Acho que ainda não vou poder me afastar dos crocodilos. Nessa época, teremos as primeiras

ninhadas. Por que não me conta seus planos e eu tento me adaptar?

Um beijo grande, Antoine.

P.S.: Agora que estou ganhando dinheiro, vou poder pagar meu empréstimo. Não se preocupe mais com isso. Vou ligar para Faugeron e ele vai ter que falar comigo em outro tom!

P.S.: Ontem descobri que podia ver Questions pour un champion na TV daqui! Passam com um dia de atraso! Não é maravilhoso?

Joséphine deu de ombros. A leitura do e-mail de Antoine despertava sentimentos tão contraditórios que ficou sem ação diante da tela.

342

Olhou a hora. Iris estava chegando com as crianças. A sra. Barthillet, de seu encontro com Alberto. Hortense, de seu dia de trabalho na empresa de Chefe. Acabou-se a tranquilidade! Amanhã recomeço. Tinha pressa de continuar.

Fechou o computador e levantou para fazer o jantar. O telefone tocou. Era Hortense.

— Vou chegar meio tarde. Vou sair para um drinque com o pessoal do escritório...

— E o que quer dizer com “meio tarde”?

— Sei lá... Não me espere para jantar. Não vou ter fome.

— E como pretende voltar, Hortense?

— De carona com alguém.

— Alguém quem?

— Sei lá! Pode deixar que encontro alguém. Por favor, mãezinha querida, não estrague minha alegria! Estou tão contente de estar trabalhando, todo mundo parece gostar muito de mim: recebi um monte de elogios.

Joséphine olhou o relógio. Eram sete da noite.

— Está bem, mas não volte depois das...

Hesitou. Era a primeira vez que a filha pedia autorização para sair e não sabia o que devia dizer.

— Dez horas? Obrigada, mãezinha, estarei aí às dez, não se preocupe... Se eu tivesse um laptop, seria muito melhor... Você poderia me contatar o tempo todo e ficaria bem mais tranquila.

Mas...

Sua voz sumiu, e Joséphine podia até ver a careta que fazia.

Hortense desligou. Joséphine continuou perdida. Ligar para Chefe e pedir que colocasse Hortense num táxi? Ela ficaria furiosa se soubesse que estava sendo controlada pelas costas. Além do mais, não tinha falado com Chefe desde a briga com sua mãe...

Ficou perto do telefone mordendo os dedos. Sentia um novo perigo se aproximando: administrar a liberdade de Hortense.

Esboçou um sorrisinho: duas palavras que não combinavam nem um pouco, “administrar” e “Hortense”. Nunca aprendeu a “administrar” Hortense. Ainda ficava espantada quando a filha lhe obedecia.

343

Ouviu a chave girar na fechadura da porta de entrada. A sra.

Barthillet entrou na cozinha e caiu numa cadeira.

— Pronto!

— Pronto o quê?

— O nome dele é Alberto Modesto e tem um pé torto.

— Bonito nome, Alberto Modesto...

— É, mas o pé torto não tem nada de bonito... A sorte que tenho! Tinha de ser um deficiente.

— Ora, Christine, não é tão grave!

— Sobretudo quando não é a gente que vai passear na rua ao lado de um bonitão gigante! O que vão dizer de mim, hein?

Joséphine olhou para ela horrorizada.

— E só percebi porque sou esperta, senão ele tinha me enrolado. Quando cheguei ao café, ele já estava lá, todo bem-vestido, todo bem perfumado, sentado em sua cadeira, o colarinho da camisa aberto e um embrulhinho de presente... Olhe! Estendeu a mão, exibindo algo que parecia um pequeno diamante no dedo anular.

— Trocamos beijinhos, ele elogiou minha roupa, pediu um refresco de menta para ele e um café para mim e começamos a conversar, conversar... Disse que está cada vez mais ligado a mim, que pensou bem e que vai alugar o apartamento para mim. Então, dei um beijo de verdade nele, me pendurei no pescoço, me sacudi, em suma, fiz papel de idiota! E ele continuou a beber seu refresco e nada de me convidar para um hotel. O tempo passa, começo a me dizer que não é normal e invento um encontro para sumir de lá.

Então, Alberto beijou minha mão e me diz: da próxima vez, a gente compra o jornal e dá uma olhada nos classificados juntos. Saio e vou me esconder na esquina esperando que ele desentoeque. Foi assim que o vi caminhar com seu pé torto! Parece que enfiou o pé numa caixa de ferramentas! Ele anda coxeando, d. Joséphine, coxeando! É todo torto!

— E daí? Também tem direito de viver, não?

E Joséphine explodiu seu desgosto.

— Ele tem todo o direito de coxear, já que a senhora se dá o direito de tirar dinheiro dele!

Christine Barthillet ouviu essas palavras espantadíssima.

344

— Tudo bem, d. Joséphine... Não precisa ficar com raiva.

— Quer que lhe diga a verdade? A senhora me dá nojo! Se não fosse por Max, já teria botado a senhora no olho da rua! Mora na minha casa e não faz nada, absolutamente nada, passa seu tempo fuçando na internet ou mascando chiclete na frente da TV e ainda reclama porque seu pretendente não está à altura de suas expectativas! A senhora é lamentável... Não tem coração nem dignidade,

— Bem... se é assim... — resmungou Christine Barthillet. —

Se não dá mais para conversar...

— Devia procurar trabalho, acordar de manhã, se vestir, cuidar de seu filho e me ajudar. Mas isso nunca lhe passou pela cabeça, não é mesmo?

— Pensei que gostava de cuidar das pessoas. Por isso, deixei...

Joséphine se recompôs, fincou os cotovelos na mesa como quem se prepara para uma negociação e prosseguiu:

— Ouça... estou abarrotada de trabalho, e não tenho só isso para fazer. Hoje é dia 10 de junho e quero que saia daqui até o final do mês. Com ou sem Alberto! Posso e quero, porque sou mesmo uma boba, ficar com Max até que arranje uma solução definitiva, mas não quero mais, nunca mais, cuidar da senhora, entendeu bem?

— Acho que entendi... — murmurou Christine Barthillet, dando um suspiro de incompreendida.

— Muito bem, ótimo, porque só me faltava ter de desenhar! A gentileza tem limites e, francamente, acho que já cheguei ao meu...

Josiane viu a menina dos Cortès chegar. Pontual, como toda manhã. Entrava na empresa com seu andar balanceado, quadril direito, quadril esquerdo, deslocando-se com a elegância e o porte de uma foto de moda. Cada gesto era perfeito, mas estudado. Dava bom-dia a cada empregado, sorria com ar atencioso, lembrava o nome de cada um. Todo dia mudava um detalhezinho na roupa e todo dia era impossível deixar de admirar suas longas pernas, sua cintura fina, seus seios altos, como se ela tivesse aprendido a valorizar cada parte do seu corpo sem que ninguém pudesse acusá-la de fazer de propósito. Para trabalhar, prendia os longos cabelos castanho-avermelhados, que soltava num gesto teatral no final do

dia, segurando as mechas atrás das orelhas para destacar o oval

345

gracioso do rosto, o brilho nacarado da pele e a delicadeza dos traços. Mas dava duro! Ninguém podia dizer que roubava o pão de cada dia, lá isso é verdade! Ginette virou sua protetora e ensinou tudo sob a gestão dos estoques. Ela sabia usar um computador, de modo que aprendeu muito rápido e agora estava resolvida a passar para outra coisa, girando ao redor de Josiane.

— Quem cuida das compras aqui? — perguntava com um amplo sorriso que desmentia o brilho metálico de seus olhos.

— Chaval — respondeu Josiane, se abanando.

Fazia um calor insuportável lá dentro e Marcel ainda não tinha mandado instalar um ar-refrigerado. Esse calor vai prejudicar minha ovulação!

— Acho que vou trabalhar com ele... Já entendi o funcionamento dos estoques: é fantástico, mas gostaria de aprender outra coisa.

E sempre aquele sorriso artificial de quem acha que eu não passo de uma ameba!, resmungou Josiane. Ginette e René também estavam encantados, até eles! Quanto ao pessoal dos armazéns, só faltavam babar de excitação.

— É só perguntar a ele... tenho certeza de que ficará encantado de ter uma estagiária como você.

— Na verdade, o que me interessa é descobrir o gosto das pessoas e moldá-lo. Porque é possível juntar barato e bonito!

— Por quê? Acha que as coisas que vendemos são feias? —

soltou Josiane, irritada com a condescendência da mocinha.

— Oh, claro que não, Josiane... não foi isso que quis dizer.

— Não, mas foi o que deixou entender! Vá procurar Chaval...

Ele vai aceitá-la, mas ande rápido, que está indo embora no fim do mês. A sala dele fica no andar de cima.

Hortense agradeceu e abriu um novo sorriso tão fabricado

quanto os outros. Josiane continuou impassível. Vai ser

interessante ver o confronto desses dois!, pensou. Fico me

perguntando quem vai engolir quem.

Olhou pela janela para verificar se o carro de Chaval estava

no pátio. Estava estacionado como um dia de quarta-feira: bem no

meio! Os outros que se virassem para encontrar lugar.

346

A telinha do telefone acendeu e ela atendeu. Era Henriette

Grobz procurando pelo marido.

— Ainda não chegou — respondeu Josiane. — Tinha uma

reunião em Batignolles e só deve chegar por volta das dez...

Na verdade, ele estava fazendo sua corridinha matinal.

Chegava ao escritório empapado de suor, tomava um banho na casa

de René, engolia suas vitaminas, trocava de roupa e atacava o

trabalho com a energia de um rapaz.

Henriette Grobz resmungou que mandasse ele ligar assim

que chegasse. Josiane prometeu que daria o recado. Henriette

desligou sem dizer adeus ou obrigada e Josiane sentiu uma

pontadinha no peito. Depois de todos aqueles anos, já devia ter se habituado, mas não conseguia. Algumas pequenas humilhações são capazes de deixar marcas mais fortes do que uma bofetada na cara, e essa mulher já deixou muitas. Mas isso vai mudar logo, logo, e então... Então, nada, recuperou-se, não estou nem aí para a Cabo-de-vassoura, ela está construindo a própria desgraça.

Enquanto Hortense dava seus primeiros passos na empresa de Chefe, Zoé, Alexandre e Max passeavam pelas salas do museu d'Orsay com Iris. Tinham chegado cedo e Iris esperava que as obras-primas do Impressionismo conseguissem dominar a turbulência das crianças. Não aguentava mais o Jardin d'Acclimatation, as filas diante das atrações, os gritos, a poeira, os horripilantes bichinhos de pelúcia que eles ganhavam, mas quem tinha de carregar era ela, para serem exibidos mais tarde como troféus. Já está mais do que na hora de Jo terminar para que eu possa retomar minha vidinha de antes. Não aguento mais esses aborrecetes no cio! Alexandre ainda ia, mas os outros dois! Como são mal-educados! A pequena Zoé, que antes era um amor, tinha se transformado num monstrinho. Deve ser influência de Max. Depois da visita ao museu, iam almoçar no café Marly, onde ela fazia perguntas sobre o que tinham visto. Tinha pedido que cada um escolhesse três quadros para falar a respeito. Quem se explicasse melhor ganharia um presente. E assim, vou poder fazer finalmente um pouco de shopping! Vai me relaxar. Foi Philippe quem teve a ideia do museu. Na noite anterior, ao deitar, sugeriu: “Por que não

vai com eles ao museu d'Orsay? Já fui com Alexandre e ele gostou

muito.” Um pouco mais tarde, antes de apagar a luz, ele

acrescentou:

— E o seu livro, está avançando?

347

— A passos de gigante.

— Vai me deixar ler?

— Claro, fica prometido, assim que acabar.

— Muito bem! Acabe logo, assim já terei o que ler no verão.

Ela teve a impressão de sentir uma pontinha de ironia na voz de Philippe.

Enquanto isso, eles perambulavam pelas salas do museu.

Alexandre olhava os quadros, avançando, recuando para avaliar melhor. Max andava arrastando as pontas dos tênis no parquê e

Zoé hesitava entre imitar o amigo ou o primo.

— Depois que Max veio morar na sua casa, você não fala mais direito comigo — queixou-se Alexandre com Zoé, que admirava uma tela de Manet junto com ele.

— Não é verdade... Continuo gostando de você do mesmo jeito.

— Não... Mudou... Não gosto desse verde que botou no olho...

Fica vulgar. Envelhece. É deprimente!

— Que pinturas você escolheu?

— Ainda não sei...

— Queria tanto ganhar.... Já sei que presente escolheria!

— O quê?

— Uma linha completa de produtos para ficar bonita, como Hortense.

— Mas você já é bonita!

— Não, não como Hortense...

— Você não tem personalidade! Quer fazer tudo igual a Hortense.

— E você também não, faz tudo igualzinho ao seu pai! Pensa que não notei?

Foram cada um para o seu lado, aborrecidos. Zoé foi ao encontro de Max, que estava embasbacado diante de uma mulher nua de Renoir.

— Mulher pelada! Não sabia que tinha disso nos museus!

Zoé riu e cutucou-o com o cotovelo.

348

— Não diz isso para a minha tia, ela vai ficar horrorizada.

— Dane-se! Já marquei três quadros!

— Marcou onde?

— Aqui...

Mostrou a palma da mão, com os nomes de três telas de Renoir anotados.

— Não pode escolher três vezes o mesmo pintor, está roubando.

— Azar, gostei das gatas desse cara. Me deixam tranquilo, têm um jeito legal de quem gosta da vida.

Durante o almoço, Iris teve dificuldades para fazer Max falar.

— Você realmente não tem muito vocabulário, querido — teve de dizer. — Mas não é culpa sua, eu sei, é questão de educação!

— É... mas sei um monte de coisas que vocês não sabem!

Coisas que não precisam de dicionário. Para que serve o dicionário?

— Serve para ajudar seu pensamento. Para colocar as emoções e as sensações em palavras... A cabeça fica mais clara quando você sabe a palavra certa para botar na coisa certa. E com a cabeça clara, dá para formar uma personalidade, aprender a pensar, se tornar alguém.

— Mas não tenho medo! Sou respeitado, ora! Ninguém pisa nos meus calos!

— Não é o que quis dizer... — começou Iris, que resolveu abandonar a conversa.

Havia um fosso entre ela e aquele menino e não tinha muita certeza de que queria atravessá-lo. Para não criar ciúmes, resolveu que os três ganhariam um presente. Foram para o Marais olhar as lojas. Tomara que essa penitência acabe logo, que Jo termine o livro, que eu entregue a Serrurier e que possa ir, em família, para Deauville. Vamos esperar juntos que ele leia e dê sua opinião. Lá terei Carmen ou Babette e não terei de suportar o humor desses moleques todo dia. Tinha conseguido convencer Joséphine a passar o mês de julho com eles. “Se houver modificações a fazer, você já estará lá, é mas prático.” Joséphine aceitou, meio de má vontade.

“Não gosta da nosa casa?”

— Gosto, claro — respondeu ela —, é que não gostaria de passar todas as minhas férias com vocês. Tenho a sensação de ser uma criança retardada.

Perambulando pelas ruas do Marais, Zoé se aproximou de Alexandre e, cheia de remorso, entrelaçou sua mão na dele.

— O que está querendo? — grunhiu Alexandre.

— Quero lhe contar um segredo...

— Não estou nem aí para os seus segredos!

— Não, esse é um segredo enorme.

Alexandre cedeu. Ficava triste por ter que partilhar a prima com aquele Max Barthillet, que agora participava de todos os passeios. Não engulo esse cara e, além do mais, ele faz de conta que não existo! Tudo isso porque mora no subúrbio e eu em Paris. Acha que não passo de um riquinho e me despreza. Era muito melhor quando tinha Zoé só para mim.

— Que segredo é esse?

— Viu, está interessado! Mas não pode contar para ninguém.

Promete, jura?

— Juro.

— Bem... Gary, filho de Shirley, é da realeza.

Zoé contou tudo: a noite diante da TV, as fotos na internet, William, Harry, Diana, o príncipe Charles. Alexandre deu de ombros dizendo que era papo furado.

— Não é papo furado, é verdade, Alex, juro! Só para provar

que é verdade, posso dizer que até Hortense acredita. Ficou toda gentil com Gary depois disso. Não olha mais de cima, dá atenção...

Antes, ela se lixava para ele!

— Agora deu para falar tão mal quanto ele...

— Não é legal ter ciúmes.

— Não é legal contar mentiras.

— Não é mentira — gritou Zoé —, é verdade...

Foi procurar Max e pediu que testemunhasse. Max garantiu que era tudo verdade.

— Mas e Gary, o que ele disse? — perguntou Alexandre.

350

— Nada... Disse que a gente se enganou. Ele e a mãe dizem a mesma coisa: que tem um sósia, mas a gente não acredita nem um pouco nessa conversa de sósia, não é, Max?

Max concordou, sério.

— E você, acha que é verdade? — perguntou Alexandre a Max.

— Bem... acho, porque eu mesmo vi. Na TV e na internet.

Talvez não tenha vocabulário, mas olhos eu tenho.

Alexandre sorriu.

— Ficou chateado com minha mãe?

— Bem, fiquei, não é brincadeira... Não é porque ela nada em ouro que pode pisar em quem não tem!

— Tem razão. Não é culpa sua.

— E também não é culpa de minha mãe, ora! Sua mãe dá no

saco com esse papo de burguesa! Palhaça!

— Ei! Vamos parar por aí, é minha mãe...

— Não vão brigar... Vamos, tudo bem!

Alexandre e Max bateram as mãos e os três continuaram o caminho. Iris gritou, pedindo que esperassem. Tinha visto uma camisa numa vitrine. Eles pararam e Max perguntou a Alexandre:

— E o seu celular, é o quê?

Alexandre tirou o celular e Max deu um grito.

— É igual ao meu, cara! Igual! E o toque?

— Tenho vários. Depende de quem ligar...

— Deixa eu ouvir. A gente podia trocar...

Os dois meninos começaram a exibir seus toques de celular e deixaram Zoé de lado.

— Sei muito bem o que quero — murmurou Zoé. — Quero um celular. Vou ao mercado dos ladrões em Colombes e vou roubar um para mim também!

Joséphine foi a primeira a acordar e desceu para preparar seu café da manhã. Gostava daquelas manhãs em que podia ficar sozinha na grande cozinha com as janelas voltadas para a praia.

Colocava o pão na torradeira, fervia água para o chá, tirava

351

manteiga e geleia da geladeira. Às vezes, cozinhava um ovo frito com linguiça ou bacon. E comia olhando o mar.

Sentia falta de seus personagens. Florine, Guillaume,

Thibault, Baudouin, Guibert, Tancrède, Isabeau e os outros. Cometi

uma injustiça com o pobre Baudouin. Ele mal tinha entrado em cena quando resolvi executá-lo. E só porque estava com raiva de Shirley. Guibert provocava arrepios, sentia-se como Florine: subjugada. Às vezes, à noite, sonhava que ele vinha beijá-la, sentia seu cheiro, seus lábios quentes e macios sobre os seus, correspondia ao beijo e ele encostava um punhal em sua garganta. Despertava toda trêmula. Os homens eram tão violentos naquela época! Lembrou de uma cena lida num manuscrito antigo. Uma marido assiste ao parto de sua mulher. “Mais de cem quilos de carne, sangue e agressividade. Numa das mãos, um longo e grosso atizador, na outra uma cafeteira enorme cheia de líquido fervente. O bebê era menino e o pai relaxou, pôs-se a chorar, a rezar e a rir.” As mulheres só serviam para parir. Isabeau canta uma quadrinha muito ilustrativa: “Minha mãe pensa que me entregou a homem de coração. Que coração tem ele? Enfia seu dardo em meu ventre e me bate como faz com a mula.” O manuscrito já tinha sido entregue a Iris, que, por sua vez, o entregou a Serrurier. Cada vez que o telefone tocava, as duas irmãs estremeciam.

Naquela manhã, Philippe estava com ela na cozinha. Ele também acordava cedo. Saía para comprar o jornal e os croissants, tomava um cafezinho fora e voltava para terminar o café da manhã em casa. Vinha nos fins de semana. Chegava sexta à noite e voltava domingo. Só tirava férias em agosto. Levava as crianças para pescar. Menos Hortense, que preferia ficar na praia com os amigos. Preciso conhecê-los, pensou Jo. Mas não ousava pedir que os

apresentasse. Hortense saía à noite com frequência. Argumentava:

“Ora, mamãe, estou de férias! Trabalhei o ano inteiro, não sou mais um bebê, posso sair... — Tudo bem, mas como Cinderela: volte à meia-noite”, decretou Joséphine, num tom de brincadeira que não escondia sua ansiedade. Temia que Hortense se recusasse.

Hortense concordou. Aliviada, Joséphine não tocou mais no assunto e Hortense retornava pontualmente à meia-noite. Depois do jantar, ouviam um breve toque de buzina, Hortense acabava de engolir a sobremesa e deixava a mesa. Nas primeiras vezes, Joséphine ficou acordada até a meia-noite, esperando os passos da filha na escada. Mas depois, tranquilizada pela exatidão de Hortense, cedeu ao sono. Era o único meio de ter paz! Não tenho

352

ânimo para brigar toda noite. Se o pai estivesse aqui, poderíamos dividir os papéis, mas sozinha, não tenho forças para enfrentá-la e ela sabe disso.

No mês de agosto, as meninas iriam se encontrar com o pai no Quênia e o papel de polícia passaria para Antoine. Naquele momento, tudo o que Joséphine queria era não se esgotar em intermináveis discussões com a filha.

— Quer um croissant quente? — perguntou Philippe, deixando os jornais e o saquinho da padaria sobre a mesa.

— Quero, com prazer...

— Em que estava pensando quando entrei?

— Em Hortense e suas saídas noturnas...

— Ela é um osso duro. Precisaria de um pai com punho de ferro...

Joséphine suspirou.

— É verdade... Mas ao mesmo tempo, ela é tão dura que não me preocupo tanto. Não creio que vá embarcar em alguma história ruim. Sabe exatamente o que quer.

— Você também era assim na idade dela?

Joséphine quase engasgou com o chá.

— Está brincando comigo, não? Está vendo como sou hoje?

Pois bem, era igualzinha, só que mais desajeitada.

Parou bruscamente, arrependida de suas palavras. Era como se quisesse despertar piedade.

— O que lhe faltava quando era criança?

Pensou um instante e ficou agradecida pela pergunta, que nunca tinha se colocado antes. No entanto, desde que tinha começado a escrever, pedaços de sua infância retornavam à memória e enchiam seus olhos de lágrimas. Como aquela cena nos braços do pai, que gritava para a mãe “você é uma criminosa!”. Um fim de tarde com o céu pesado de nuvens negras e o barulho atordoante das ondas. Estou caindo num sentimentalismo ingênuo, preciso me controlar. E tentou fazer um balanço sem excessos.

— Não me faltava nada. Recebi uma boa educação, tinha um teto sobre a cabeça, um pai, uma mãe, um certo equilíbrio. E tive muitas ocasiões de constatar o amor de meu pai por mim. Mas sentia falta... era como se eu não existisse. Ninguém me

considerava. Ninguém me ouvia, ninguém dizia que era bonita, inteligente, divertida. Naquela época, não se usava dizer essas coisas.

— Mas diziam a Iris...

— Iris era tão mais bonita que eu desaparecia atrás dela.

Mamãe sempre citava Iris como exemplo, dava para ver que ela tinha orgulho de minha irmã, mas não de mim...

— E isso dura até hoje, não?

Ficou vermelha, mordeu seu croissant e esperou que ele derretesse em sua boca.

— Não seguimos o mesmo caminho. Mas é verdade que ela é mais...

— E hoje, Jo? — interrompeu Philippe. — Hoje...

— Minhas filhas me dão um sentido, um objetivo na vida, mas não me fazem existir, é verdade. Escrever me dá um começo de existência. Quando estou escrevendo, porque quando leio o que escrevi... não! Tenho vontade de jogar tudo fora!

— Escrevendo sua tese de habilitação para diretor de pesquisa?

— É... — balbuciou, percebendo que tinha cometido outra gafe. — Sabe, sou esse tipo de pessoa que se desenvolve lentamente. Fico me perguntando se não vou despertar tarde demais e deixar passar minha oportunidade, mas, ao mesmo tempo, não sei bem o que é essa chance que desejo com todas as

minhas forças...

Philippe teve vontade de tranquilizá-la, de dizer que levava as coisas a sério demais, que estava se censurando sem razão. Sua atitude rígida, seus olhos fixos exprimiam alguma coisa muito intensa e, como se fosse capaz de ler seus pensamentos, ele acrescentou:

— Então acha que deixou sua chance passar? Que sua vida já acabou...

Ela olhou para ele muito séria, depois sorriu como quem se desculpa por tanta seriedade.

— Num certo sentido, já... Mas não é tão grave, acredite. Não será uma renúncia dilacerante, apenas um deslizar suave para o absolutamente nada. O desejo de viver se desmancha e um dia a

354

gente percebe que está reduzido a quase nada. Você não sabe o que é isso. Sempre tomou as rédeas de sua vida. Nunca deixou ninguém ditar as regras.

— Ninguém é realmente livre, Joséphine. Eu também não, como qualquer um! Talvez, num certo sentido, você seja mais livre do que eu... Só que não sabe, é tudo. Um dia vai conseguir tocar sua liberdade com o dedo e nesse dia terá pena de mim.

— Como você está tendo de mim nesse momento...

Ele sorriu e não quis mentir.

— É verdade. Senti pena de você, sim, e até irritação às vezes! Mas você mudou. Está em processo de mudança. E só vai

perceber quando a metamorfose acontecer. Somos sempre os últimos a notar o caminho percorrido. Mas tenho certeza de que um dia terá o tipo de vida que deseja e, além disso, terá construído essa vida sozinha!

— Acha mesmo?

Ele deu um sorriso breve e triste.

— Você é a sua pior inimiga, Jo.

Philippe pegou o jornal, a xícara de café e perguntou:

— Você se incomoda se for ler o jornal na varanda?

— De modo algum. Poderei continuar meus devaneios sem nenhum Sherlock Holmes a meu lado!

Ele abriu o *Herald Tribune* pensando na véspera. É tão fácil conversar com Jo. Conversar de verdade. Com Iris, me fecho como uma ostra. Ela o convidou para um drinque no Bar Royal. Não quis contrariá-la, disse que sim, mas, na verdade, só tinha um desejo: reencontrar Alexandre. Finalmente, tinha escrito a carta. E a alegria de Alexandre quando a recebeu! Babette lhe contou. Precisava ver! Seus olhos brilhavam como lampiões e a carinha como um pimentão. Entrou correndo na cozinha anunciando: recebi uma carta do meu pai! Uma carta que diz que ele me ama e que vai ficar comigo todo o tempo! Viu só, Babette! É um barato, não é? Agitava a carta no ar e me deixou tonta. E depois, Philippe manteve sua palavra. Prometeu a Alexandre que ia ensiná-lo a dirigir, e todos os sábados e domingos de manhã, iam de carro para alguma estradinha secundária e, com o menino sentado em seu colo, ele lhe

ensinava a manejar o volante.

355

Iris pediu duas taças de champanhe. Uma jovem de vestido longo dedilhava uma harpa com os longos dedos afilados.

— O que fez de bom essa semana em Paris?

— Trabalhei...

— Conte.

— Ora, Iris! Não tem nada de interessante e depois não tenho vontade de ficar falando de negócios quando estou aqui.

Estavam sentados na beira da varanda. Philippe observava um passarinho que tentava carregar um pedaço de pão de forma, provavelmente caído do pratinho que o garçom trouxe junto com as taças de champanhe.

— Como vai o belo dr. Bleuet?

— Sempre muito eficiente.

E cada vez mais cheio de si! Outro dia, na primeira classe do avião que o levava a Nova York, insatisfeito com o ponto de seu filé, tinha redigido uma carta de protesto, que colocou no envelope da Air France destinado a eventuais reclamações. Antes de fechar o envelope, fez questão de colocar também o seu cartão de visita e... o filé! A Air France tinha dobrado suas milhas.

— Você se incomoda se tirar o paletó e afrouxar a gravata?

Ela sorriu e fez um carinho em seu rosto com a mão. Um carinho que demonstrava um certo hábito conjugal. Afeição, ternura, é certo, mas também uma maneira de rebaixá-lo à

categoria de menino impaciente. Detestava quando ela o tratava como criança. Sim, eu sei, pensava ele, você é linda, magnífica, tem os olhos mais profundamente azuis do mundo, olhos sem igual, um porte de sultana anoréxica, sua beleza não é alterada por nenhuma preocupação. Você reina, soberana e serena, sobre o meu amor e, com um tapinha afetuoso em meu rosto, atesta que ainda sou seu servo. Antes, tudo isso me emocionava, me fascinava, interpretava sua condescendência afetuosa como uma prova de amor, mas imagine só, Iris, agora você me aborrece, e me aborrece porque toda essa beleza repousa sobre um monte de mentiras. Eu a conheci por causa de uma mentira e desde então você não parou mais de mentir. No começo, pensei que ia conseguir mudá-la, mas você não vai mudar nunca porque está satisfeita com o que é.

Deu um sorrisinho, mordendo o lábio, e Iris entendeu mal.

— Você nunca me diz nada...

356

— O que quer que diga? — perguntou, acompanhando o alvoroço do passarinho que tinha pego o pedaço de pão e tentava encaixá-lo no bico.

Iris jogou um caroço de azeitona no animal, que tentou voar carregando seu tesouro. Seus esforços para decolar eram risíveis.

— Que maldade! Talvez seja o jantar da família inteira.

— Maldade a sua! Não fala mais comigo...

Ela fez bico, com jeito de menina, se fez de ofendida, mas ele virou para o outro lado e seus olhos retornaram ao passarinho que,

depois de constatar que não estava mais sendo atacado, botou sua carga no chão e tentava cortá-la em dois com pequenas bicadas. Philippe sorriu, relaxou e estendeu os braços, dando um suspiro de alívio.

— Ah! Finalmente, longe de Paris!

Observou-a com o rabo do olho: ainda estava aborrecida.

Conhecia aquela atitude que gritava: pense em mim, olhe para mim, sou o centro da Terra. Ela não é mais o centro da Terra.

Cansei. Estou cansado de tudo: do trabalho, dos meus sócios, do casamento. O dr. Bleuet fechou um negócio formidável e mal lhe dei ouvidos. Não gosto mais do casal que formamos. Esses últimos meses foram particularmente inúteis e vazios. Fui eu quem mudei ou terá sido ela? Sou eu que não me contento mais com os restos que ela me concede? De qualquer jeito, devo constatar que não existe mais nada entre nós. E no entanto, dura. Passamos o verão juntos, em família. Será que ainda estaremos juntos no próximo verão? Será que terei virado a página? Não é que tenha nada a censurar, muitos homens devem me invejar. Alguns casamentos emanam um tédio tão suave que é anestésico. Ficamos porque não temos mais forças nem energia para partir. Alguns meses atrás, não sei por quê, despertei. Terá sido o meu encontro com John Goodfellow? Ou só encontrei com ele justamente porque tinha despertado?

O passarinho conseguiu dividir sua refeição em dois e voou tão rápido que logo desapareceu no céu azul. Philippe olhou a

metade deixada no chão: ele vai voltar, vai voltar, todos voltamos para nossos haveres.

— Papai! Papai! Vai me deixar dirigir hoje? — gritou

Alexandre ao ver o pai na varanda.

— Prometido, filho! Quando você quiser...

357

— Vamos levar Zoé! Ela não quer acreditar que já sei dirigir...

— Pergunte a Jo se ela deixa.

Alexandre voltou para a cozinha e pediu autorização a Jo, que concordou alegremente. Agora que não passava mais o tempo todo com Max, Zoé tinha voltado a ser a menina de antes. Caiu de volta em sua idade, não falava mais de maquiagem e de meninos e retomou seu antigos hábitos com Alexandre. Os dois tinham inventado uma linguagem secreta que só era secreta para eles. *The dog is barking* significa atenção, perigo; *the dog is sleeping*, tudo bem; *the dog is running away*, vamos dar uma volta? Os pais fingiam que não entendiam e eles assumiam ares misteriosos.

Joséphine tinha recebido um cartão-postal da sra. Barthillet.

Alberto tinha alugado um apê mobiliado na rue des Martyrs, não muito longe de sua empresa. Ela aproveitava para dar seu novo endereço. “Está tudo bem. O tempo está bonito, Max está passando o verão com o pai, que faz queijo de cabra no Maciço central. Max gosta muito de trabalhar com os animais e o pai falou em ficar com ele, o que seria ótimo para mim. Desejo-lhe tudo de bom, Christine Barthillet.”

— Que dia é hoje? — perguntou Joséphine a Babette, que estava entrando na cozinha.

— Onze de julho... Ainda faltam três dias para soltar os fogos!

“É meio cedo para soltar fogos.” O aniversário da morte de seu pai seria em dois dias. Nunca esquecia aquela data.

— O que vou fazer para o almoço? Tem alguma ideia? — perguntou Babette.

— Não, nenhuma... Quer que faça as compras?

— Não... Eu vou, estou habituada... Era só para saber se gostaria de alguma coisinha especial.

Carmen tirava férias em julho. Em Paris. Cuidava de sua velha mãe, uma megera irascível que sofria de efisema, mas era completamente lúcida. Impedia a filha de ter uma vida, tratando-a como sua escrava. Joséphine se sentia mais à vontade com Babette.

Carmen a intimidava. Suas maneiras de governanta chique a paralisavam. Em sua presença, tinha sempre a sensação de estar encurvada ou com o dedo no nariz.

— Obrigada pela gentileza, Babette... Como vai a sua filha?

358

— Marilyn? Vai bem. Está acabando o curso de secretária executiva. Ela tem miolo bom. Não é como eu!

— Tem muito orgulho dela...

— Quase não acredito que tenho uma filha inteligente! E doce! Tirei a sorte grande. A gente nunca sabe, antes deles

nasceram, não?

Tinha aberto a geladeira e fazia um balanço do que faltava.

Voltou a sentar para fazer uma lista de compras, procurou um lápis, remexeu os objetos em cima da mesa, lembrou de repente que estava nos cabelos e retirou-o de lá, morrendo de rir.

— Como sou avoada! Esqueço tudo. Ah, a propósito, encontrei isso aqui no bolso da calça de sua filha. Quase que foi para a máquina!

Exibia um celular, que colocou na mesa.

— Celular para mim é quase descartável. Usa uma vez e perde! Já perdi dois na água da privada quando fazia a limpeza.

— Deve estar enganada, Babette, minhas filhas não têm celular.

— Não é que esteja duvidando, mas esse celular é mesmo de Hortense. Estava no bolso de seus jeans.

Joséphine examinou o telefone, espantada.

— Vou lhe pedir um favor, Babette. Não diga nada. Vamos ver como ela reage.

Pegou o telefone e enfiou no bolso. Babette olhou para ela com um sorriso cúmplice.

— Não sabe de onde ele vem, é isso?

— É. E como não estou com a menor vontade de atirar primeiro, vou esperar que ela se entregue...

Treze de julho, fim da manhã, Joséphine retornava de sua corrida no bosque. Uma rajada de vento vindo do mar erguia seus

cabelos, que caíam em rabichos finos na ponta de seu nariz, e sua camiseta laranja, colada à pele, desenhava manchas horríveis de transpiração. O suor embaralhava sua visão e ardia nos olhos.

Cansada de pensar, trinta anos atrás papai estava morrendo, trinta anos atrás papai estava morrendo, trinta anos atrás papai estava morrendo, calçar os tênis e dar uma corrida. Quarenta e cinco minutos! Resistiu 45 minutos! Olhou o relógio e se felicitou.

359

Correr ajudava a pensar. Desenvolvia o pensamento à medida que suas passadas aumentavam. Tinha chovido durante a noite. Sentia o cheiro da terra molhada, o cheiro que traz consigo todos os outros cheiros, feno, madressilva, musgo, cogumelos, folhas mortas, num buquê de aromas, e pairando acima de tudo, como uma bruma salpicada no ar, o cheiro salgado do mar que se depositava em seu rosto e que ela saboreava em pequenas lambidas. Corria ouvindo o passarinho que gritava “bem-te-vi!, bem-te-vi!” e acelerava o passo para mostrar a ele. E um outro que dizia “siim, siim, siim...” e ela falava com seu pai. Papai, papaizinho, se estiver aí, me mande um sinal... “siiim, siiim, siiim”, o editor vai responder logo? O que está havendo? O texto já está com ele há 15 dias! Siiim, siiim, siiim..., respondia o passarinho. Seria ótimo se ele desse uma resposta hoje, significaria que você está cuidando do meu manuscrito! Ontem, sua mãe tinha conversado longamente com Iris. “Mamãe acha que Chefe tem uma amante”, cochichou Iris para Jo. “Pode imaginar Chefe na cama?” Colocou o dedo sobre a boca para não falar na frente das

crianças e foram se encontrar na cozinha, quando todo mundo já tinha ido dormir. “Ela acha que ele está mudado, animado, mais jovem. Parece que está usando cremes de beleza, pintando o cabelo, que perdeu a barriga e dorme fora! Mamãe está farejando uma rival. Remexendo em seus papéis, encontrou uma foto de Chefe abraçado com uma mulher. Uma morena voluptuosa, com um decote generoso e longos cabelos negros. Uma ninfeta. Atrás da foto, um nome rabiscado: Natacha e um coração. A foto foi feita num jantar no Lido. Parece que ele está se arruinando por ela e as notas são de despesas profissionais. Na idade dele! Imagine! — O que ela pretende fazer?”, perguntou Joséphine, recordando a cena entrevista da plataforma da estação.

Josiane era loura, cheinha e já tinha passado da idade em que podia ser chamada de ninfeta. Então ele tem várias amantes... pensou, quase com admiração. Uma força da natureza!

“Mamãe diz que tem um verdadeiro míssil contra ele! Não está nem aí se ele a engana, mas, se quiser se divorciar, ela vai lançar mão do seu Scud! — Um míssil?, perguntou Joséphine. E o que seria? — Uma história de malversação de fundos sociais. Ela descobriu com um dossiê muito comprometedor! É verdade que esse tipo de coisa pode causar muito estrago. É bom que ele fique na linha se não quiser acabar arruinado e nas manchetes dos jornais.”

que marcava a entrada da propriedade dos Dupin, ele tem direito de se apaixonar, não deve ter se divertido muito com mamãe! No céu, flutuavam nuvens brancas, recortando letras brancas e redondas sobre o azul.

Iris esperava por ela, triunfante, nos degraus da entrada da casa, vestida com o último modelo de camisa Lacoste e calça corsário branca. Seus imensos olhos azuis pareciam ainda maiores quando estava animada. Deu uma olhadela de desgosto nas roupas de Joséphine e anunciou, orgulhosa:

— A Rã e a Aranha arranharam o Rei que queria arranhá-las!

Joséphine desabou nos degraus e, enxugando a testa com a camiseta, perguntou:

— Seu suflê finalmente deu certo!

— Completamente frio!

— Alexandre dirigiu pela primeira vez sozinho ao redor da casa?

— Mais gelado ainda...

— Está esperando um filho?

— Na minha idade? Ficou maluca?

De repente, levantou a cabeça para a irmã e compreendeu.

— Serrurier ligou.

— Bingo! ELE ADOROU!

Joséphine rolou para o chão e ficou deitada, os braços abertos em cruz, olhando as nuvens escrevendo no céu. Desenhou as letras ELE ADOROU! Tinha conseguido! Florine ia nascer pela

segunda vez! E Guillaume, Thibault, Baudouin, Guibert e Tancrède!

Até aquele momento, eram apenas figurinhas deitadas numa caixa, embrulhadas em papel de seda esperando um toque da varinha mágica... Agora iam ganhar vida e descansar nas prateleiras das livrarias e bibliotecas!

Iris parou na frente dela, solidamente plantada sobre os pés.

Suas longas pernas bronzeadas e esguias desenhavam um V invertido, o V da vitória.

— Adorou. Nenhuma observação. Tudo perfeito. Sai em outubro. Tiragem grande. Sucesso para as festas de fim de ano.

361

Grande campanha publicitária. Anúncio em rádio, TV e jornal.

Cartazes nos pontos de ônibus. Propaganda por todo lado!

Levantou os braços no ar e, caindo ao lado de Jo, deitou no chão.

— Você conseguiu, Jo! Você conseguiu! Ele ficou desbundado! Maravilhado! Obrigada! Obrigada! Você é fantástica, maravilhosa, você é incrível!

— Há exatamente trinta anos, papai estava morrendo. “Os fogos de 14 de julho...” É a ele que devemos agradecer.

— Ah? Já faz trinta anos?

— Hoje.

— É, mas quem escreveu o livro foi você! Hoje à noite, vamos festejar. Num restaurante. Vamos beber champanhe e comer bastante caviar, lagostins ao vinho branco, profiteroles de

chocolate!

— Corri pensando nele e pedi que desse uma mãozinha ao

livro e...

— Pare com isso! Quem escreveu o livro foi você e não ele! —

esbravejou ela, com uma ponta de irritação na voz.

Pobre Jo. Triste Jo. Viciada em ilusões e sentimentos

baratos. Jo e sua insaciável necessidade de amar, de se dedicar a

qualquer um, menos ela mesma. Jo, que nunca reconhece os

próprios méritos. Iris deu de ombros e seu espírito voltou ao livro.

Era sua vez de jogar, agora. Sua vez de pegar o bastão.

Apoiou-se nos cotovelos e declarou:

— A partir de agora, sou uma escritora! Vou ter de pensar

como escritora, comer como escritora, dormir como escritora, me

pentear como escritora, me vestir como escritora...

— Fazer xixi como escritora!

Iris não ouviu. Perdida em seus pensamentos, ela projetava

seus planos de carreira. Parou de repente e pensou em voz alta:

— Como vou fazer tudo isso?

— Não faço ideia. Combinamos que dividiríamos o trabalho.

É a sua vez!

Tentava falar com desenvoltura, mas seu coração não entrou

no jogo.

362

Na mesma noite, Philippe, Iris e Joséphine foram jantar no

Cirro's. Philippe estacionou seu quatro portas entre dois outros

carros, à beira-mar. Iris e Joséphine se retorceram para conseguir sair. Iris tocou com a mão a carroceria de um conversível vermelho.

Um homem moreno, de jaqueta de camurça bege e bigodinho fino, rugiu: “Muito cuidado com meu carro!”

Iris examinou-o de cima a baixo, mas não respondeu.

— Que idiota! — murmurou, afastando-se. — Só faltou pedir um boletim de ocorrência. Como os homens são sensíveis com seus carros! Aposto que vai jantar em cima do capô para que ninguém chegue perto.

Afastou-se batendo as sandálias Prada no chão e Joséphine foi atrás toda curvada. Luca andava de ônibus. Luca usava uma velha parca. Luca fazia a barba de três em três dias. Luca não gritava. Tinha retornado à biblioteca no final de junho e eles retomaram suas longas pausas na cafeteria.

— O que vai fazer no verão? — perguntou ele mergulhando os olhos tristes nos seus.

— Vou passar o mês de julho com minha irmã, em Deauville.

Quanto a agosto, ainda não sei. As meninas vão visitar o pai...

— Então, vou ficar esperando. Vou passar todo o verão aqui.

Vou poder trabalhar em paz. Gosto do verão em Paris. Parece uma cidade estrangeira. E além do mais, a biblioteca fica vazia, não é preciso esperar para pegar um livro...

Marcaram encontro no começo de agosto, e Joséphine partiu, contente com a ideia do reencontro.

Iris pediu champanhe e ergueu sua taça à saúde do livro.

— Hoje à noite, estou me sentindo como a madrinha de um barco que vai ser lançado ao mar — declarou, pomposa. — Desejo longa vida e prosperidade ao livro.

Philippe e Joséphine brindaram com ela. Saborearam o champanhe rosé em silêncio. Um sopro leve se condensava na borda das taças, como um debrum furta-cor. O celular de Philippe tocou. Ele olhou o número do intruso e disse “vou ter de atender”. Levantou e foi atender no jardim. Iris aproveitou para enfiar a mão na bolsa e tirar uma belo envelope branco acartonado.

— Para você, Jo. Para que seja uma noite de festa para você também!

363

— O que é isso? — perguntou Jo, espantada.

— Um presentinho... que vai fazer sua vida mais leve!

Joséphine pegou o envelope, abriu e tirou uma folha debruada de rosa, onde estava escrito em letras douradas com a caligrafia longa de Iris: “*Happy you! Happy book! Happy life!*” Um cheque estava dobrado no interior da folha. Vinte e cinco mil euros.

Joséphine ficou vermelha e colocou tudo no envelope de novo, mortificada. O preço de seu silêncio. Mordeu os lábios para não chorar.

Não teve ânimo nem para balbuciar um obrigada. Viu que Philippe a observava de longe, tinha terminado a conversa e estava voltando para a mesa. Ela se forçou a sorrir.

Iris tinha levantado e fazia largos gestos na direção de uma

mocinha que andava em direção às mesas colocadas à beira-mar.

— Olhe! É Hortense! O que está fazendo aqui?

— Hortense? — recuperou-se Joséphine.

— Ela mesma... Olhe.

Gritou para Hortense, que parou e veio até elas.

— O que está fazendo por aqui, querida? — perguntou Iris.

— Só vim dar um beijo! Babette me disse que iam jantar aqui e não quis ficar sozinha com as crianças...

— Sente conosco — disse Iris, apontando uma cadeira.

— Não, obrigada... Vou encontrar meus amigos que estão no bar ao lado.

Deu a volta na mesa, beijou a tia, a mãe e o tio e pediu a

Joséphine:

— Posso, não posso, mãezinha? Está bonita hoje!

— Acha mesmo? — disse Joséphine. — Mas não fiz nada de especial. Bem... talvez tenha sido a corrida que fiz de manhã...

— Deve ser! Então... até mais tarde! Divirtam-se.

Intrigada, Joséphine ficou olhando a filha desaparecer. Está me escondendo alguma coisa. Hortense me fazendo elogios não é normal.

— Bem... — disse Philippe. — À saúde do livro!

364

Pegaram as taças. O garçom trouxe os cardápios para que escolhessem.

— Recomendo os lagostins, estão deliciosos hoje...

— Mas afinal — perguntou Philippe —, qual é mesmo o título do livro?

Joséphine e Iris se entreolharam, pegas de surpresa. Não tinham pensado no título.

— Ai! — disse Jo. — É verdade, nem me lembrei do título!

— E olhe que perguntei um monte de vezes! — cortou Iris. — Você me garantiu que era ótima com títulos e, no final, não encontrou um para mim!

Tentava apagar a gafe de Joséphine. E insistiu, dizendo:

— Passei o manuscrito para você há tempos, implorando que me desse uma sugestão e nada! Nada de nada! Você prometeu, Jo, não é legal...

Joséphine, o nariz mergulhado no cardápio, não ousava olhar para Philippe, que a encarava sem dizer nada, o olhar pesado de cólera. Aquela cena lembrava uma outra cena, 15 anos atrás. A ambição é uma paixão devastadora, pensou. O avarento se alimenta de dinheiro. O libertino, de carne, o orgulhoso se nutre de vaidade, mas o ambicioso que não deu certo, de que poderia se alimentar senão de si mesmo? Ele se rói, se destrói lentamente, nada pode matar sua sede de brilhar, de ser bem-sucedido. É capaz de se vender ou de se apossar da alma ou do talento dos outros para ter sucesso. Para que, enfim, o mundo inteiro o aplauda. Iris mandava os outros fazerem o que não era capaz de fazer e ostentava uma glória obtida por procuração. Já tinha funcionado uma vez. Ela reincidia e dessa vez com o consentimento da vítima. Seu olhar caiu

em Joséphine, que se escondia atrás do cardápio.

— Está com o cardápio errado, Jo. É a carta de vinhos...

Ela gaguejou, murmurou “sinto muito, me enganei”.

Philippe veio em seu socorro.

— Não é grave! Não vamos estragar sua festa, não é, minha querida? — disse, virando-se para Iris.

Tinha dado uma pequena ênfase ao “sua”, com a voz subindo em seguida numa suave ironia para terminar num “minha querida” doce e mordente.

365

— Vamos, Jo — prosseguiu ele —, sorria! Esse título vai acabar aparecendo.

Brindaram de novo enquanto o garçom se postava ao lado da mesa para receber os pedidos. Soprava uma brisa ligeira, as bordas dos *ombrelloni* tremiam, a areia dançava ao vento. Respiravam o cheiro do mar, mascarado pelos grandes buquês de folhagens plantadas nas jardineiras de madeira branca. Um frescor inesperado caiu sobre os ombros dos convivas. Iris estremeceu e fechou o xale sobre os ombros.

— Viemos festejar, não? Então, ao sucesso do livro e ao sucesso

de

nós

três!

1



Quarta parte

367

— **O que você faz que os outros não fazem?**

— Ainda mamou no peito de minha mãe.

— O que falta para sua felicidade?

— Um hábito de carmelita.

— De onde vem?

— Caí do céu.

— É feliz?

— Sou... bem, para alguém que quer se suicidar todo dia.

— A que você teve que renunciar?

— A ser loura.

— O que faz de seu dinheiro?

— Distribuo. O dinheiro traz infelicidade.

- Quais são seus prazeres preferidos?
- Sofrer.
- O que gostaria de ganhar de aniversário?
- Uma bomba atômica.
- Cite três contemporâneos que detesta.
- Eu, eu e eu.
- O que você defende?
- O direito de me destruir.
- O que é capaz de recusar?
- Tudo o que quiserem me impor pela força.
- O que é capaz de fazer por amor?
- Tudo. Quando estamos apaixonados, 98 por cento do cérebro não funcionam.
- Para que serve a arte?
- Para esperar que a noite caia.
- O que mais gosta em você?
- Dos meus longos cabelos negros.

368

- Seria capaz de sacrificá-los por uma causa?
- Seria.
- Qual?
- Todas as causas defendidas com sinceridade são boas.
- Se lhe pedisse para sacrificá-los agora, faria isso?
- Faria.
- Que venham as tesouras!

Iris não se moveu. Seus grandes olhos azuis encaravam a câmara de TV e seu rosto não denunciava nenhuma apreensão.

Nove horas da noite. Um importante canal de TV pública. Toda a França assistindo. Tinha respondido bem, não esqueceu nenhum efeito. Uma assistente trouxe uma enorme tesoura numa bandeja de prata. O apresentador pegou-a e, aproximando-se de Iris, perguntou:

— Sabe o que vou fazer?

— Suas mãos estão tremendo.

— Então aceita, não vai prestar queixa? Diga: sim, eu juro.

Iris estendeu a mão e pronunciou as palavras “sim, eu juro” num tom indiferente, como se não se tratasse dela. O apresentador levantou a tesoura e exibiu para as câmeras. A assistente prendeu a respiração. O homem fez um leve movimento de recuo, se endireitou e exibiu novamente a tesoura em frente à câmara. Parecia se mover em câmera lenta, prolongando aquele insustentável momento de suspense e esperando que Iris se recuperasse e protestasse. Ah, se pudesse chamar os comerciais antes de começar! O minuto custaria uma fortuna. No próximo programa, os anúncios vão chegar às alturas. Em seguida, aproximou-se, acariciou os pesados cabelos de Iris e, depois de sopesá-los, espalhou-os sobre os ombros e deu o primeiro golpe de tesoura. Houve um ruído surdo, um rangido de limalha e seda. O homem deu um passo atrás, segurando a mecha de cabelos cortados. Virou para o público e exibiu seu troféu. Ouviu-se um

murmúrio de estupefação horrorizada. Iris não se movia. Ereta, indiferente, os grandes olhos bem abertos. Um leve sorriso se desenhou em seus lábios, sugerindo uma espécie de êxtase. O homem levantou outra mecha de cabelos espessos, negros, brilhantes. Alisou e aproximou a tesoura. As mechas caíam sobre a

369

longa mesa oval. Os outros convidados se afastavam como se não quisessem ser cúmplices daquele pequeno assassinato audiovisual. O silêncio era total. Na sala de edição, o diretor escolhia as tomadas dos espectadores boquiabertos, intercaladas a cada golpe da tesoura.

Não se ouvia nada além disso: os maxilares da tesoura na massa sedosa dos cabelos. Era um rumor regular, terrível. Nem uma voz se ergueu para protestar. Nenhum grito. Apenas um espanto generalizado, que escapava dos lábios cerrados da plateia num murmúrio surdo.

Agora o apresentador cortava a massa de cabelos sem cerimônia, como um jardineiro poda um arbusto armado de um tesourão. Os estalos da tesoura eram mais suaves, menos brutais. As lâminas prateadas dançavam acima da cabeça de Iris, num balé metálico. Ainda restavam alguns tufo de cabelo e o apresentador atuava com uma regularidade de operário zeloso. A audiência ia explodir. Ia ultrapassar todos os *zappings* da semana. O programa ia ser falado. Imaginava as manchetes, os comentários, a inveja dos colegas.

Finalmente, deixou cair a tesoura e proclamou, triunfante:

— Senhoras e senhores, Iris Dupin acabou de provar que ficção e realidade formam uma coisa só, pois...

Parou diante da salva de palmas que subia até ele, liberando a angústia de todos os que assistiram à cena, hipnotizados.

— Pois em seu livro, Iris Dupin coloca em cena uma jovem, Florine, que raspa o cabelo para escapar do casamento! O livro se chama *Uma humilde rainha*, lançado pelas edições Serrurier, e conta a história de... Quer fazer a resenha?

Iris inclinou-se, dizendo:

— Você vai fazer muito bem, compreendeu perfeitamente a minha heroína...

Passou a mão nos cabelos e sorriu. Luminosa e serena. O que importavam alguns centímetros de cabelos a menos? Amanhã o livro ia ser disputado a tapa, amanhã todos os livreiros da França iam implorar que o editor lhes desse prioridade no envio de milhares e milhares de exemplares de *Uma humilde rainha*.... Só preciso sublinhar que não se trata da história de alguma rainha da França, mas de uma rainha dos corações, uma rainha de copas. O

370

editor insistiu, pedindo encarecidamente que não esquecesse esse detalhe. Não podem pensar que é uma simples narrativa histórica, explique bem que é como uma tapeçaria: os vários fios das várias histórias desaguam na grande História e nos levam ao século XII, aos tempos obscuros dos castelos fortificados. E então, acrescente

alguns detalhes, expressões, um pouco de carne, de emoção...

Fique vermelha, deixe escapar uma lágrima, fale de Deus, é muito importante falar de Deus nesse momento, do Deus de nossos antepassados, da boa terra da França, da lei de Deus, da lei dos homens, enfim, tenho confiança em você, vai ser magistral! Mas não tinha previsto que ela seria protagonista de um corte de cabelos ao vivo. Iris saboreava seu triunfo, a expressão humilde, os olhos baixos, concentrada na história que o apresentador resumia.

Como se trata de um circo, como se trata de uma arena, melhor ser a rainha do circo, pensava ela, ouvindo distraidamente o apresentador. Uma última menção ao título do livro, ao nome do editor, uma última vez seu nome aplaudido de pé pela plateia, que se levantou como os romanos nos jogos do Coliseu. Iris fez uma reverência para agradecer e, muito séria, saiu da cadeira em que estava instalada e voltou aos bastidores do programa.

Pendurada no telefone, a assessora de imprensa levantou o polegar, radiante. Ganhamos!

— A partida está ganha, minha cara! Você foi fantástica, heroica, divina! — acrescentou, batendo a mão no celular. — Está todo mundo ligando, jornais, rádios, as outras emissoras. Todos querem você, estão eufóricos, a partida está ganha!

Na sala de Shirley, reunidos ao redor da TV, Joséphine, Hortense, Zoé e Gary assistiam ao programa.

— Tem certeza de que é Iris? — perguntou Zoé com uma vozinha preocupada.

— Sim, tenho...

— E por que ela fez isso?

— Para vender — replicou Hortense. — E vai vender! Não vão falar de outra coisa, só dela! Que belo golpe! Acha que foi planejado? Que já tinham combinado tudo com o jornalista? — perguntou a Shirley.

— Acho que sua tia é capaz de qualquer coisa. Mas nesse caso... devo dizer que conseguiu me surpreender!

371

— *She knocks me down too!* — balbuciou Gary. — É a primeira vez que vejo uma coisa assim na tevê. Quer dizer, fora do cinema, porque aquela cena de Joana d'Arc eu vi, mas era uma atriz e estava de peruca.

— Quer dizer que ela ficou sem cabelo de verdade? — gritou Zoé, à beira das lágrimas.

— Eu não acredito!

Zoé olhava para a mãe, que não tinha dito nada.

— É horrível, mamãe, é horrível. Nunca vou escrever um livro, eu, e nunca vou à TV!

— Tem razão, é horrível... — conseguiu articular Joséphine, antes de correr para o banheiro de Shirley para vomitar.

— Fim da novela, continua no próximo capítulo! — anunciou Shirley, desligando o aparelho. — Porque na minha opinião, isso foi apenas o começo.

Ouviram a descarga da privada no banheiro e Joséphine

retornou, lívida, enxugando a boca com as costas da mão.

— Por que minha mãe está doente? — cochichou Zoé para Shirley.

— Porque viu sua tia se comportar daquela maneira! Vamos, todos para a mesa, vou servir meu frango caipira que deve estar dourando no forno. Ainda bem que Iris foi a primeira, senão ele estaria carbonizado.

Gary levantou primeiro, desenrolando seu 1,92 metro de altura de uma só vez. Joséphine não conseguia se acostumar.

Quando ele voltou das férias em setembro, quase não o reconheceu e, ao vê-lo de costas no hall do edifício, pensou que fosse um novo morador. Tinha crescido muito, estava uma cabeça e meia acima da mãe e muito mais forte. Seus ombros pareciam apertados na camisa xadrez aberta sobre uma camiseta preta com a inscrição “Fuck Bush”. Não tinha mais nada do adolescente que ela deixara em julho. Cabelos negros meio longos enquadravam seu rosto e destacavam o verde dos olhos, os dentes brancos e bem-alinhados.

Uma barba leve marcava o queixo. A voz também tinha mudado.

Quase 17 anos! Era um homem, mas ainda conservava, às vezes, a graça desajeitada do adolescente, que aparecia num sorriso, num jeito de enfiar as mãos nos bolsos ou de balançar de um pé para o outro. Mais alguns meses e ele passaria definitivamente para o lado

372

dos adultos, pensou, observando seus movimentos. Tem uma classe natural, se desloca com uma elegância que, afinal, é

verdadeiramente “real”!

— Não sei se vou conseguir engolir alguma coisa — disse

Joséphine, sentando à mesa. Shirley se aproximou de Jo e

cochichou em seu ouvido: “controle-se, vão acabar querendo saber por que ficou nesse estado!”

Tinha contado o segredo de Joséphine a Gary. “Mas não

conte a ninguém! — Prometo e juro!”, respondeu ele. Podia confiar nele: sabia manter um segredo.

Os dois passaram um verão maravilhoso juntos. Duas

semanas em Londres e quatro na Escócia, num pequeno castelo no

campo, emprestado por um amigo. Caçaram, pescaram, fizeram

grandes passeios pela colinas verdes. Gary passava todas as noites

com Emma, uma jovem que trabalhava de dia no pub da

cidadezinha. Uma noite, quando voltou, ele disse à mãe *I did it*, com

um sorriso de fera saciada. Brindaram à nova vida de Gary. “A

primeira vez”, disse Shirley, “nunca é muito bom, mas depois você

vai ver, fica cada vez melhor! — Não foi nada mal! Toda a vontade

que acumulei nesse tempo! Sabe, é engraçado, mas tenho a

impressão de que agora posso olhar meu pai de igual para igual.” E

quase acrescentou: Não quer me falar um pouco dele?, mas ela viu

a pergunta morrer em seus lábios. Toda noite, ia se encontrar com

Emma, que morava num quatinho em cima do bar. Shirley acendia

a lareira na grande sala de armas e, encolhida no sofá colocado

diante do fogo, lia um livro. Às vezes, ia ao encontro do homem. Ele

veio passar dois ou três fins de semana com ela. Encontravam-se

na ala oeste do castelo, quando escurecia. Gary nunca cruzou com ele.

Ficou olhando Gary botar a mesa. Surpreendeu um olhar de Hortense para ele e exultou. Há, há! Deixou de ser o cachorrinho ofegante que era antes. *Well done, my son!*

Alguma coisa mudou em Gary, pensava Hortense. Cresceu, é claro, se desenvolveu, mas tem alguma coisa a mais. Como se tivesse ganhado uma nova autonomia. Como se não estivesse mais à sua mercê. Não gosto quando meus pretendentes me ignoram, pensou mexendo no celular dentro do bolso dos jeans.

Ela também mudou, pensou Shirley, observando-a. Já era bonita e tinha ficado perigosa. Espalha uma sensualidade perturbadora. Só mesmo Jo para não perceber e continuar tratando

373

Hortense como se fosse uma criança. Regou o frango com o próprio molho, comprovou que estava bem cozido, bem dourado, tirou do forno e colocou na mesa. Perguntou quem queria peito, quem queria coxa. As meninas e Gary levantaram a mão e escolheram peito.

— Vamos ficar com as coxas? — disse Shirley a Jo, que olhava o frango com ar de desgosto.

— Pode ficar com a minha parte — disse Jo, empurrando o prato.

— Precisa comer, mamãe... — ordenou Zoé. — Já emagreceu demais, não é legal, sabia? Perdeu até as covinhas...

— Fez a dieta da sra. Barthillet? — perguntou Shirley,

servindo as fatias de peito.

— Trabalhei todo o mês de agosto e não comi direito. Fez um calor...

E passei o tempo procurando Luca na biblioteca, me consumindo de tanto esperar. Não conseguia comer nada.

— Não saiu meio rápido demais esse livro? — perguntou Shirley.

— O editor queria aproveitar a volta das férias.

— Devia estar bem seguro de si.

— Ou dela! E tivemos a prova: ele tinha razão... — resmungou Jo.

— Tem notícias dos Barthillet? — perguntou Shirley, para mudar de assunto.

— Nenhuma e estou muito bem assim.

— Max não voltou para a escola — suspirou Zoé.

— Isso é ótimo. Era uma péssima influência para você.

— Não é um mau sujeito, Jo — interveio Gary. — Só está perdido... Também, não teve muita sorte, com os pais que tem...

Agora está cuidando das cabras do pai. Não deve ser a maior diversão. Tenho um amigo que é muito amigo dele e teve notícias.

Ele largou a escola e entrou numa de fazer queijo! *Good luck!*

— Pelo menos trabalha — disse Hortense. — Isso é muito raro hoje em dia. Eu escolhi teatro nas opcionais! Vai me ajudar a me impor na vida...

— Como se não tivesse segurança que chegue — bufou

Shirley. — No seu lugar, escolheria antes um curso de humildade.

— Muito engraçadinha, Shirley! Estou morrendo de rir.

— É só uma cutucadinha, querida...

— Falando nisso, mamãe, vou ter que fazer assinatura de alguns jornais para estar por dentro das últimas tendências. Ontem fui à Colette com um amigo e foi ótimo.

— Não tem problema, querida. Farei a assinatura... O que é “Colette”?

— Uma loja superantennada! Vi uma jaquetinha Prada que era uma coisa. Meio cara, mas muito bonita... É claro que aqui ia ficar todo mundo olhando, mas quando formos morar em Paris, vai ser perfeito.

Shirley largou o osso de frango e virou para Jo.

— Vão se mudar?

— Hortense quer muito e...

— Não quero ir para Paris — protestou Zoé —, mas ninguém quer saber da minha opinião mesmo...

— Vai embora daqui? — insistiu Shirley.

— Ainda não está decidido, Shirley. Primeiro tenho que ganhar muito dinheiro...

— Pois pode ser que aconteça bem mais rápido do que você pensa — disse Shirley, virando os olhos para a televisão desligada.

— Shirley! — protestou Joséphine, para que calasse a boca.

— Desculpe... É a emoção. Você é toda a família que tenho.

Vocês são toda a minha família. Se mudarem daqui, vou atrás.

Zoé bateu palmas.

— Isso vai ser ótimo! A gente podia alugar um apartamento bem grande...

— Bem, ainda não chegamos lá — concluiu Joséphine. —

Tratem de comer, meninas, antes que esfrie.

Saborearam o frango em silêncio. Shirley comentou que era um bom sinal: estavam gostando. E começou uma longa explicação sobre a compra de um bom frango caipira, em que selo confiar, o

375

que ele significava: o tamanho das gaiolas, a qualidade da alimentação, mas foi interrompida pelo toque do celular.

Como ninguém foi atender, Joséphine perguntou:

— É o seu, Gary?

— Não, deixei o meu no quarto.

— É o seu, Shirley?

— Não, não é o meu toque...

Então Joséphine se virou para Hortense, que acabou de engolir o que tinha na boca, limpou os lábios com uma ponta do guardanapo e respondeu num tom neutro:

— É o meu, mamãe.

— E desde quando você tem celular?

— Um amigo me emprestou o dele. Tinha dois...

— Um amigo que paga seus telefonemas?

— Os pais. São bloqueados.

— Isso é inaceitável. Trate de devolver. Vou comprar um celular para você.

— Para mim também? — implorou Zoé.

— Não. Vai ter que esperar os 13 anos...

— Estou cansada de ser pequena! Cansada!

— Você é um amor, mamãe — interveio Hortense —, mas já que estou usando esse, prefiro ficar com ele mesmo... A gente vê depois.

— Hortense, vai devolver esse celular imediatamente!

Hortense fez bico, mas concedeu um “se é o que você quer...”.

Depois, ficou se perguntando onde a mãe tinha encontrado meios para ser tão generosa. Talvez tivesse feito uma nova tradução. Vou pedir um aumento de mesada. Mas sem pressa. Por enquanto, ele paga tudo o que quero, mas, no dia em que resolver dispensá-lo, seria ótimo ter algum dinheiro guardado.

Josiane ia se lembrar daquele 1º de outubro pelo resto de sua vida. O barulho de seus saltos nas pedras desiguais do pátio ressoariam por longo tempo em sua memória. Que dia! Não sabia se era para rir ou para chorar.

376

Foi a primeira a chegar ao escritório, tratou de se esconder nos toaletes e fez o teste de gravidez que tinha comprado quando passou diante da farmácia da avenue Niel, esquina com rue Rannequin. Estava atrasada: a menstruação devia ter chegado há

dez dias! Acordava apreensiva toda manhã, erguia a camisola, afastava as pernas lentamente e observava o pedacinho de algodão branco de sua calcinha. Nada! Juntava as mãos e rezava para que fosse “aquilo”: o bebê Grobz, de sapatinhos azuis ou cor-de-rosa, quem estava chegando. Se for você, meu amor, fique tranquilo, vou lhe fazer uma linda casinha!

Naquela manhã, no banheiro do primeiro andar, esperou dez minutos sentada no trono, recitando todas as preces que conhecia, rezando para Deus e todos os santos, os olhos levantados para o teto como se esperasse o céu se abrir. Depois olhou para a tirinha do teste: Bingo, Josiane! Dessa vez foi, o santo filho colocou sua trouxinha em você!

Foi uma explosão de alegria. Uma bolha explodiu em seu peito, tirando-a do chão de tanta felicidade. Deu um grito triunfante, levantou num salto e ergueu os braços para o céu.

Grossas lágrimas começaram a rolar em seu rosto; sentou de novo, abalada pela emoção. Mãe, vou ser mãe, repetia, enrolada sobre si mesma, os braços apertados ao redor dos ombros como se quisesse se abraçar. Mãe, eu, mãe... Sapatinhos azuis e cor-de-rosa dançavam diante de seus olhos numa chuva de lágrimas.

Foi correndo bater à porta de Ginette e René. Eles estavam acabando o café da manhã quando a viram invadir a sala como um tornado. Foi difícil esperar que René terminasse e fosse para o armazém, mas, assim que ele saiu, ela puxou Ginette pela manga e desabafou:

— Aconteceu! O bebê está aqui...

E apontou com o dedo para o ventre chato.

— Tem certeza? — perguntou Ginette, os olhos esbugalhados.

— Acabei de fazer o teste: po-si-ti-vo!

— Está sabendo que vai ter que fazer outro exame no médico, pois às vezes dá positivo, mas a pessoa não está grávida...

— Ah, é? — disse Josiane decepcionada.

— É uma vez em mil... Mas é melhor ter certeza.

377

— Já posso sentir meu bebê. Ele não precisa me telefonar para avisar, sei que está aqui. Olhe meus seios: não estão maiores?

Ginette sorriu.

— Vai contar para Marcel?

— Acha que devo esperar até ter certeza?

— Sei lá...

— Tudo bem, vou esperar, mas vai ser difícil. Esconder a alegria que sinto não é mole.

Um bebê, um menino Jesus, um anjinho para ser

paparicado! Ah! Ele nunca vai comer o pão que o diabo amassou!

Vou amá-lo mais que a minha própria carne! Vai ser criado a pão de ló e graças a quem? A mim! À simples ideia de ter finalmente o seu bebê nos braços, Josiane começou a chorar como um bezerro desmamado e Ginette precisou abraçá-la para que se acalmasse.

— Vamos, minha linda, relaxe! É uma boa notícia, não?

— Isso tudo me emociona muito, você não faz ideia! Fiquei muito mexida. Pensei que nunca ia chegar à sua casa, e é tão pertinho! Não sentia mais as pernas, como se tivessem sumido! Também, o que você acha? Depois de tanto tempo de espera, quase não acreditava mais!

De repente, foi assaltada por uma angústia e se agarrou à mesa.

— Ai, ele não pode desmilinguir! Dizem que pode descolar até os três meses! Imagine a tristeza de Marcel se eu perder sua cria!

— Não comece a pintar de negro o que era cor-de-rosa. Você está grávida, é uma ótima notícia!

Ginette pegou a cafeteira e serviu um café para ela.

— Quer um pãozinho com manteiga? Precisa comer por dois a partir de agora!

— Por isso não: estou disposta a comer por quatro para que ele seja bem fofinho! Estou quase nos 40, percebe? Não é um milagre?

Levou a mão ao peito para sossegar o coração, que batia como um tambor.

378

— Bem... Precisa se acalmar, pois ainda tem oito meses de espera pela frente e se continuar a chorar desse jeito, seus olhos vão virar um laguinho de peixes.

— Tem razão. Mas é tão bom chorar de alegria. Posso garantir que não aconteceu comigo quase nunca...

Com um sorrisinho emocionado, Ginette acariciou seu braço:

— Eu, sei, Josiane, eu sei... a melhor parte de sua vida vai começar agora. Vai ver como o seu Marcel vai encher você de mimos.

— Ah, ele vai ficar muito feliz, com toda a certeza! Aliás, preciso tomar cuidado na hora de anunciar a boa-nova, para o coração dele não explodir...

— Com todo o esporte que ele faz... seu coração está mais forte do que nunca. Vá trabalhar e tente manter a boca fechada por alguns dias...

— Preciso dar um nó na língua.

Voltou para o escritório, empoou o nariz e, mal tinha acabado de guardar a maquiagem, quando ouviu o barulho dos passos de Henriette Grobz na escada. Aquela mulher tem uma maneira própria de caminhar! Bate os cascos no chão e os joelhos devem estar gastos de tanto bater um no outro.

— Bom dia, Josiane — soltou Henriette, olhando para a secretária do marido com um ar mais amável que o normal. — Está tudo bem com você?

— Bom dia, sra. Grobz — respondeu Josiane.

O que será que esse cão farejador está fazendo aqui tão cedo?

Essa vizinha de veludo esconde alguma coisa. Com certeza, tem algum favor a me pedir.

— Minha querida — começou Henriette com voz hesitante —, gostaria de lhe pedir um favor, mas queria que ficasse estritamente

entre nós, não quero que meu marido fique sabendo. Poderia pensar que estou passando por cima dele numa questão de *business* e ficar aborrecido...

Henriette Grobz gostava de salpicar suas frases com palavras em inglês, pois, segundo ela, soava muito chique.

379

— Sabe como é, os homens não gostam que a gente veja mais longe do que eles e, nesse caso, creio que meu marido andou perdendo um pouco o rumo e...

Ela procurava as palavras certas. Não deve estar muito claro em sua cabeça, pensou Josiane; do contrário, ela não viria com tanta gentileza. Quer me pedir um favor e fica dando voltas como uma galinha cega.

— Não se preocupe — disse Josiane, reparando na qualidade da bolsa de Henriette.

Claro que isso não é sintético. Ela só compra crocodilo legítimo, a velha bisca! É a cara dela: seria capaz de devorar a própria filha se fosse conveniente.

Henriette tirou uma fotografia da bolsa e mostrou a Josiane.

— Conhece essa mulher? Já estive aqui no escritório?

Josiane deu uma olhada na bela morena de seios avantajados que Henriette Grobz tinha colocado debaixo de seu nariz e sacudiu a cabeça negativamente.

— Em princípio, não... Nunca a vi por aqui.

— Tem certeza? — insistiu Henriette. — Olhe melhor.

Josiane pegou a foto das mãos dela e teve um choque. De fato, tinha dado uma olhadela rápida demais. Ao lado da bela morena, meio escondido, estava Marcel, contente e satisfeito, o braço ao redor da cintura da desconhecida. Não tinha erro! Era ele mesmo. Reconheceu o anel de bacharel que Marcel mandou fazer para festejar seu primeiro bilhão. Um monumento ao mau gosto: enorme, com um rubi plantado no meio do entrelace dourado de suas iniciais. Mas era seu grande orgulho. Tocava, girava aquele anel no dedo o tempo todo. Dizia que o ajudava a pensar.

Henriette percebeu a mudança de atitude de Josiane e perguntou:

— Ah! Reconheceu, não foi?

— É que... Permite que faça uma fotocópia?

— Claro, querida... Mas não deixe por aí. Sei que o sr. Grobz está em Xangai, mas não gostaria que ele topasse com isso quando voltasse.

Josiane levantou e foi colocar a foto na fotocopadora.

Aproveitando que Henriette estava de costas, virou a foto e

380

descobriu um coração bem desenhado e, com a letra de Marcel, as palavras “Natacha, Natacha, Natacha”. Era ele. Não estava vendo coisas. Engoliu em seco e pensou rapidamente. Henriette não podia perceber sua perturbação.

— Vou pesquisar no fichário. Acho que já vi essa mulher aqui no escritório, uma vez... Com seu marido...

Henriette Grobz encorajou-a com pequenos gestos de cabeça.

Marcava cada palavra de Josiane com uma inclinação do chapéu.

— Seu nome era... Era... Não me lembro direito... Ele a chamava de Tacha, Tacha alguma coisa.

— Natacha? Poderia ser isso?

— Claro! Natacha...

— Não tenho o sobrenome. Mas tenho medo de que possa ser uma espiã da concorrência enviada para enrolar o sr. Grobz e roubar seus segredos de fabricação. Ele é tão ingênuo, uma criança poderia enganá-lo! Basta uma mulher bonita e ele perde completamente a cabeça!

É isso, pensou Josiane, dominando a raiva, está morrendo de medo de ser trocada por essa vadia e inventou uma história de espiã vinda do leste! A espiã que veio do frio!

— Olhe, sra. Grobz, vou verificar no fichário e, se encontrar alguma informação que possa lhe interessar, dou um jeito de avisá-la...

— Obrigada, minha querida, está sendo muito gentil.

— Só estou cumprindo meu dever, senhora, afinal estou a seu serviço, não é mesmo?

Josiane sorriu da maneira mais adulatora que podia e acompanhou-a até a porta.

— Prometa, minha querida, que não vai contar nada, certo?

— Não tenha medo... Sei guardar segredo.

— É muita amabilidade sua.

Pois bem, vou ser um pouco menos amável com ele quando voltar, prometeu Josiane, voltando a sentar. Ele pode fazer sua entrada triunfal, com a cara mais limpa, recém-banhado depois do jogging. Não vou decepcioná-lo, o rei da embromação.

381

Enfiou a ponta da caneta no rosto da bela Natacha e furou seus olhos.

— Pare ali — ordenou Hortense, apontando para a esquina da rua.

— Se eu quiser...

— Quer que a gente continue se encontrando ou não?

— Deixe de bobagem, estava brincando...

— Se minha mãe ou Zoé me virem com você, acabou-se o que era doce.

— Mas ela não me conhece, nunca me viu.

— Mas me conhece muito bem e vai ligar as coisas rapidamente. É meio retardada, mas sabe somar um mais um.

Chaval estacionou e desligou o carro. Passou o braço pelos ombros de Hortense e puxou-a para si.

— Quero um beijo.

Ela deu um beijinho rápido e tentou abrir a porta.

— Você pode fazer melhor!

— Como você é chato!

— Nossa... Não foi o que disse há pouco quando botou meu cartão de crédito na roda.

— Isso foi antes.

Ele deslizou a mão para dentro da camiseta, tentando agarrar seu seio.

— Pare com isso, Chaval, já disse.

— Eu também já disse que tenho nome. Detesto quando me chama de Chaval.

— É o seu sobrenome... Não gosta dele?

— Gostaria que você fosse mais carinhosa, mais gentil...

— Sinto muito, mas não é a minha.

— E qual é a sua, Hortense? Você não dá nada, nem um milímetro de sua pessoinha...

— Se não está satisfeito, acabamos por aqui. Não lhe pedi nada, foi você quem veio atrás de mim! É você quem me segue por todo lado como um cachorrinho!

382

Ele mergulhou o rosto em seus longos cabelos, respirou o cheiro de sua pele, de seu perfume e murmurou:

— Você me deixa louco, não é culpa minha. Não seja cruel, por favor... Quero você. Pagaria o que pedisse.

Hortense levantou os olhos para o céu. Que cara insuportável! Vou acabar detestando fazer shopping por causa dele!

— São sete e meia, preciso ir para casa.

— Quando é que a gente se vê?

— Sei lá. Vou tentar inventar alguma coisa para sábado à noite... Mas não sei se vai funcionar...

— Tenho dois convites para um desfile Galiano sexta à noite... Interessa?

— John Galiano?

Hortense arregalou dois olhos grandes como discos voadores.

— *Himself!* Se quiser, levo você.

— Claro. Invento uma história qualquer!

— Mas vai ter que ser muito gentil comigo...

Hortense suspirou e espreguiçou num movimento de gata entediada:

— Lá vem você com suas condições! Acha que isso dá vontade de...

— Está me levando na conversa há três meses, Hortense.

Paciência tem limite...

— Mas eu não tenho nenhum limite, sabia? Esse é o meu charme e é por isso que se interessou por mim.

Chaval pousou as mãos no volante de seu Alfa Romeo e resmungou:

— Estou cheio de ver você bancar a virgem assustada.

— Só vou para a cama com você quando eu quiser e por enquanto nem pensar. Está claro?

— Tem pelo menos o mérito de ser direta.

Ela abriu a porta, exibiu uma longa perna nervosa e esguia, pousou delicadamente o pé na calçada e, enrolando a saia até a virilha, abriu seu mais belo sorriso de despedida.

— A gente se liga?

— A gente se liga.

Pegou a grande sacola branca com a marca Colette no banco de trás e saiu. Desfilava como uma modelo na passarela e, olhando ela se afastar, ele soltou um improperio. Safada! Está me deixando louco! Seu sangue fervia só de sentir seus lábios macios e elásticos sob os seus. E sua língua pequena dançando nos beijos... Fechou os olhos e jogou a cabeça para trás. Ela me deixa excitado como um jumento e enrolado como uma minhoca no anzol. Não aguento mais, vou passar essa mulher na cara de qualquer jeito!

Aquela história já durava desde junho. E desde junho, ela agitava uma promessa diante dos seus olhos: passar uma noite inteira com ele, deixar que a despisse lentamente, acariciando... Passou todos os fins de semana de junho em Deauville por causa dela. Satisfez todos os seus caprichos, pagou tudo para todos os seus amigos e o jogo de gato e rato continuou em Paris. Quando ele pensava que estava em suas mãos, ela escapava dando banana. E ele se xingava, babaca, rei dos babacas, está sendo enrolado por uma menina, isso é que sim! Com o mesmo canto da sereia quando chega a hora de passar no caixa! O que conseguiu com ela? Nadica de nada! À parte alguns beijos na boca e dois ou três amassos. Cada vez que minha mão desce um pouco mais, é um escândalo de beata de igreja! Acabar com os estoques das lojas, se exhibir comigo nos restaurantes da moda, comer sorvete, se refestalar nas poltronas dos cinemas, isso pode, mas para o resto, é porta

blindada! Um ataque de frescura é a minha recompensa. Se somar as roupas que ela me faz comprar, os celulares que deixa por aí com um prazer sádico, as engenhocas de que se cansa em dois minutos ou joga fora porque não quer ler as instruções de uso, é um investimento a fundo perdido! Nenhuma mulher nunca me tratou desse jeito. Nenhuma! Em geral, elas só faltam beijar meus pés. Mas ela, ela limpa os sapatos na batinha da minha calça, suja o assento do carro de gloss, gruda chiclete no porta-luvas e enfia a bolsa Dior no capô do carro quando se aborrece! Examinou seu rosto no retrovisor, perguntando o que tinha feito para merecer aquilo. Você não é filho do Frankenstein, não fede a mofo, é forte e tem pegada, mas ela não lhe dá a mínima! Suspirou e ligou o motor. Como se tivesse acompanhado a evolução de seus pensamentos, Hortense virou e, antes de desaparecer na esquina, mandou um beijo, balançando uma pesada mecha de seus cabelos.

384

Ele respondeu piscando os faróis e desapareceu, imprimindo sua raiva na borracha dos pneus.

Como os homens são fáceis de levar! A imbecilidade do desejo erótico! A tirania do sentimento! E eles penetram nesses terrenos como se fossem cavernas ameaçadoras e ainda por cima se vangloriam! Até os velhos como Chaval! Ele mendiga seu prazer, treme, implora. E tem 35 anos!, pensou Hortense, devia ser mais esperto. Mas que nada, derrete feito picolé no sol! Basta prometer alguma delícia vaga ou levantar um pouco a saia mostrando as

coxas e ele ronrona como um velho gato sem dentes. Devo dormir com ele ou não? Não tenho muita vontade, mas ele pode se cansar e fechar o parque de diversões. Preferia fazer isso com um pouco de entusiasmo no coração. Sobretudo a primeira vez. E com Chaval, corro o risco de a coisa ser puramente mercantil. Além de tudo, ele é grudento demais e não tem nada menos sexy que grude!

Precisava mudar de roupa antes de entrar em casa. Na despensa em que ficavam guardados os produtos de limpeza para as escadas do edifício, tirou a minissaia, enfiou os jeans, um pulôver grande para esconder a camiseta de umbigo de fora, esfregou o rosto para disfarçar a maquiagem e voltou a ser a menininha da mamãe. Aquela idiota nem desconfia! Afastou uma lata de soda cáustica para esconder as roupas e viu um jornal dobrado que exibia a cara de sua tia na primeira página. “Antes e depois: o nascimento de uma estrela”, dizia a manchete. Logo abaixo, duas fotos de Iris, uma com os cabelos longos e outra com o corte tipo Joana d’Arc e uma declaração: “Só estou seguindo os conselhos de André Gide a um jovem escritor...” A boca de Hortense se abriu em “o” e deixou escapar um assovio de admiração.

Estava subindo quando percebeu que ainda carregava a sacola branca da Colette. A jaqueta Prada!

Pensou um instante e resolveu arrancar a etiqueta e dizer que tinha comprado no bazar de coisas usadas de Colombes no outro fim de semana.

Antoine observava o crocodilo que se refestelava ao sol diante

deles. Tinham parado à sombra de uma grande acácia e seu olhar contemplava o animal que se aquecia ao sol, os olhos como um fecho eclar. Enorme, repugnante, luzidio. O que é você, afinal?, ruminava, irritado. Miniatura de dinossauro? Um tronco com duas fendas amarelas? Uma futura bolsa? Por que me desafia com esses

385

olhos de mormaço? Não basta encher meu saco todo santo dia que Deus me manda?

— Oh! Que bonitinho — gritou Mylène a seu lado. — Está se bronzeando ao sol, parece tão tranquilo. Tenho vontade de abraçá-lo!

— E ele trataria de despedaçar você com seus oitenta dentinhos!

— Claro que não... Ele nos observa também. Está curioso.

Aprendi a gostar deles, sabia? Não tenho mais medo...

Pois eu odeio crocodilos!, pensou Antoine, dando um tiro de fuzil no ar para espantá-lo. Mas o animal nem se mexeu e, na verdade, deu a impressão de que sorria para ele. Desde a rebelião dos crocodilos e a morte dos dois chineses, Antoine só andava armado. Carregava o fuzil debaixo do braço e guardava os cartuchos no bolso das bermudas, o que lhe recordava os bons e velhos tempos da Gunman & Co., quando as coisas andavam nos trilhos e os animais selvagens não passavam de alvos tentadores para milionários desocupados.

Agora mister Wei pagava regularmente. Recebia seu salário

todo fim de mês. Um verdadeiro relógio suíço, debochava Antoine, abrindo o envelope onde seu pagamento estava detalhado. Pensou que fosse me passar para trás, mas fui mais cascudo que ele.

Também sei mostrar os dentes.

Mesmo assim, os problemas de Antoine só faziam aumentar.

Foi obrigado a receber uma equipe de cientistas que vieram pesquisar o sangue dos crocodilos para a fabricação de novos antibióticos. Essas bestas nojentas resistem a tudo. Quando se ferem, em vez de infeccionar e desenvolver uma septicemia, cicatrizam e partem para outra mais contentes que nunca. Existe uma molécula em seu sangue que os imuniza. Teve de alojar e alimentar os cientistas, colocar as instalações a seu serviço. Mais preocupações para Antoine. Mais lucro para mister Wei! Estou de saco cheio de ver as coisas caminharem sempre para o mesmo lado, rosnuu Antoine, dando mais um tiro.

— Pare com isso! — protestou Mylène. — Eles não fizeram nada, os pobrezinhos...

É porque os chineses atiram para todo lado! Quando ficou sabendo da natureza de seu comércio, Wei mandou chamar Mylène.

Queria se associar a ela e lançar uma linha de produtos de beleza,

386

“Belles de Paris”. Mandariam fabricar as embalagens na França para ter o selo “Made in France” gravado nas caixinhas, o que garantiria o sucesso dos cosméticos no mercado chinês. O desgraçado nasceu com o cu para a lua, irritou-se Antoine,

recarregando o fuzil. Tudo o que toca se transforma em ouro!

Ao contrário dele.

Seus sonhos de milionário com bolsas e conservas estava indo por água abaixo. Os crocodilos eram uma matéria-prima problemática: obesos, impotentes, exigentes. Só queriam comer frango ou carne humana. E quando não gostavam da comida, deixavam apodrecer ao sol. Até parece que foram criados num cinco estrelas, exasperava-se Antoine, servindo toneladas de arroz com uma mistura especial de ostras e algas que encomendou de São Paulo e que eles nem tocavam. Nem o pato nem o fricassê de peixe. Exigiam frango. E viravam a cara diante de sua papa.

— Não, isso é delírio! — pensou Antoine, rangendo os dentes.

— Estão tão gordos que não conseguem nem montar as fêmeas, onde já se viu isso? Todas as seduções delas não têm nenhum efeito, eles mal levantam as pálpebras.

— Devem estar se divertindo vendo você se irritar sozinho.

Sabem que, no final, sempre levam a melhor...

— Pois não vão levar a melhor por muito tempo se continuarem a engordar desse jeito.

— Hum... Você já terá morrido há muito tempo e eles ainda estarão aí, bem plantados nas patas. Um bicho desses pode viver cem anos!

— A não ser que a gente acabe com todos eles!

— Acha que isso seria a solução?

— Não tem solução, Mylène, eu simplesmente caí como um

patinho! Wei está pouco se lixando, vai se dar bem de qualquer jeito, mas eu... Eu investi num parque de ovíparos obesos e impotentes.

Além de tudo isso, Antoine tinha descoberto que as fêmeas vendidas pelos tailandeses estavam quase todas na menopausa.

Ligou para o diretor da criação, o mesmo que tinha enchido um Boeing com setenta crocodilos, para reclamar. O tailandês garantiu: “*Forty eggs a day! Forty eggs a day! — Zero egg a day!*”, — berrou Antoine de volta. — *Ah* —, concluiu o homem, — *they must be*

387

grandmothers then! You are not lucky, we put the wrong ones in the plane, we didn't know...”

Crocodilos na menopausa! Era com isso que ele tinha que explodir os índices de natalidade! A fábrica já tinha desacelerado a produção de bolsas e o número de latas de conserva tinha caído pela metade. Se tudo der certo, o que pode funcionar é a industrialização de antibióticos, mas não tenho participação nesse contrato! Trabalho no negro! Merda de répteis!

Deu mais um tiro para cima. O crocodilo levantou uma das pálpebras.

Mylène deu de ombros e resolveu voltar para o escritório.

Precisava reler seus e-mails antes de fazer novas encomendas a Paris. A maquiagem vendia bem melhor do que os produtos de beleza, mais caros e mais difíceis de conservar naquele calorão.

Melhor ainda! Posso comprar maquiagem no atacado da Industrie,

em Paris, e vender quatro vezes mais caro. As clientes não veem mais nada na frente e nunca discutem preços! Veneram o batom e a sombra e cortam os pulsos por um blush! Mas o produto-vedete é a base branca. Elas simplesmente adoram: se transformam em bonequinhas redondas e pálidas e suas mãos ávidas somem com todo o estoque assim que chega às prateleiras. Mister Wei quer ser meu sócio. Meio a meio. Entro com o conhecimento do mercado, com a filosofia, o espírito, o bom gosto francês e ele com a fabricação e a venda. Disse que a produção não vai custar praticamente nada. Preciso conversar com Antoine. Está tão cheio de problemas que tenho medo de sobrecarregá-lo com meus projetos.

Na mesma noite, enquanto Pong servia o jantar em silêncio, Mylène anunciou que tinha enviado uma minuta de contrato a mister Wei e que estava pensando em fazer sociedade com ele.

— Já assinou?

— Não, ainda não, mas já está quase resolvido...

— Nem falou comigo!

— Falei sim, querido, mas você não deu ouvidos... Achou que era só um divertimento de mulherzinha! Mas isso envolve muito dinheiro, sabia?

— Pediu conselho a alguém antes de assinar?

388

— Fiz um contrato bem simples, com o montante dos investimentos, das porcentagens, uma licença em meu nome paga

por Wei... Uma coisa bem clara, que posso entender.

Deu um risinho abafado para mostrar a Antoine que não era boba, apesar da inexperiência.

— Estudou direito agora? — perguntou Antoine num tom irônico. — Passa o sal, por favor... Isso é um ensopado de quê? Não tem gosto de nada!

— De antílope...

— Bem, é horrível.

— Não tenho tido muito tempo de cozinhar ultimamente...

— Pois eu preferia quando tinha! Seria bem melhor ter aberto um restaurante...

— Está vendo? Não consegue me levar a sério.

— Tudo bem, estou ouvindo.

— É o seguinte: da última vez em que fui a Paris, consultei um advogado especializado. No Champs-Élysées...

— E foi indicado por quem?

— Liguei para a secretária de seu sogro, o nome dela é Josiane. Muito gentil, simpatizamos uma com a outra. Disse que estava ligando de sua parte e que precisava de uma informação, do nome de um bom advogado, bem experiente e habituado a lidar com os maiores tubarões do planeta...

— E...

— Deu tudo certo: ela me deu um nome, um telefone e eu liguei. Como vinha da parte de Marcel Grobz, ele foi muito educado e aceitou me receber. Até me convidou para jantar: fomos a um

cabaré russo, perto de seu escritório.

— Fez isso mesmo? Usou as relações de Chefe mesmo sem conhecê-lo? Mesmo sabendo que talvez ele a deteste?

— E por que me detestaria? Nunca lhe fiz nada...

— Devo lembrar que larguei minha mulher e filhas por sua causa! Você parece esquecida...

— Não pedi que deixasse ninguém. Você foi embora sozinho...

Foi você quem me embarcou nessa aventura!

389

— Por quê? Está arrependida?

— Não estou arrependida de nada. De que adianta se arrepender? Estou tentando sair dessa, é tudo. E não devia ficar irritado com isso...

Brigavam em voz baixa para não despertar as suspeitas de Pong. Brigavam sorrindo, mas cada palavra sussurrada era como uma flecha envenenada. Como é que isso começou?, ruminava Antoine, se servindo de vinho. Eu me preocupo demais. Devia fazer como todo mundo e não pensar muito. Ganhar dinheiro e sobretudo não pensar. O momento mais feliz da minha vida foi na África e pensei que, voltando, seria feliz de novo. Recomeçar tudo de novo, aqui. E carreguei essa gatinha adorável, que dizia que ia cuidar de mim. Bobagem! Só eu posso cuidar de mim e tenho me sabotado metódica e insistentemente. Por que censurá-la? Não é culpa dela. Vesti um paletó grande demais para mim. Jo tem razão. Todas elas têm razão. Sorriu com ironia, num sorriso que zombava de si

mesmo, mas Mylène interpretou mal.

— Oh! Não fique zangado! Eu te amo tanto. Abandonei tudo para vir com você. Iria para onde quer que fosse. Só quero fazer alguma coisa. Não estou habituada a ficar sem fazer nada. Sempre trabalhei, desde criança...

Arredondava a boca como uma menina que, pega numa grande mentira, protesta inocência. Seus grandes olhos azuis o encaravam com uma candura irritante.

— Ele não tentou pegar você depois do cabaré?

— Você vê mal em tudo.

— Você é terrível, Mylène! Terrível... E tudo isso sem me dizer nada.

— Queria fazer uma surpresa... E depois, cada vez que tentava falar, você mudava de assunto. Então desisti. Mas não fique chateado, querido, é só uma distração, você sabe... No máximo, mister Wei vai perder sua aposta e eu não investi nada! E se der certo, vou encher os bolsos e você será o diretor comercial da minha pequena empresa...

Antoine olhou para ela, boquiaberto. Estava pensando em contratá-lo. E já devia estar calculando os salários e o montante de seu bônus de fim de ano! Um fio de suor deslizou por suas costas, depois pelas têmporas, braços, torso... Não, isso não! Apertou os dentes.

390

— O que houve, querido? Está todo molhado! Parece que saiu

do chuveiro. Está doente?

— Devo ter comido alguma porcaria. Deve ser esse ensopado de antílope que não caiu bem.

Jogou o guardanapo na mesa e levantou para ir se trocar.

— Olhe, amor, não fique irritado... É uma aposta. Pode ser que nem dê certo. Mas pode ser que dê. E se der, eu vou ser rica, rica, rica! Vai ser engraçado, não?

Antoine parou na entrada de casa. Ela não tinha dito “nós”, tinha dito “eu”. Tirou a camisa ensopada e desapareceu no interior.

Philippe Dupin se deixou cair na poltrona do escritório da mulher e suspirou. Se alguém lhe dissesse que um dia ia remexer nas coisas de Iris como um marido ciumento! Quando via um homem fazendo isso num filme qualquer, lamentava por ele. Abriu a pasta rosa que estava em cima da escrivaninha, na qual Iris tinha escrito em letras grandes: ROMANCE. Logo abaixo, com hidrocor verde: *Uma humilde rainha*. Talvez esteja pensando em escrever outros livros, pensou abrindo a pasta. Ou arrumar quem escreva por ela. Era mais forte do que ele: simplesmente precisava saber. Enfrentá-la seria mais nobre. Mas era impossível confrontar Iris. Ela sempre arranjava um jeito de sair pela tangente. Quando voltou do programa de TV, a que ele tinha assistido com Alexandre e Carmen, jantando na mesinha diante do aparelho, parou diante deles e lançou, triunfante: “Como estava? Deslumbrante, não?” E eles não tiveram coragem de responder. Ela esperou um pouco e depois, diante do silêncio que se prolongava, suspirou: “Vocês não

entendem nada! Isso se chama marketing e quem não faz não vende livro. Sou uma completa desconhecida, é meu primeiro romance, é preciso lançá-lo! E isso aqui vai crescer de novo!”, disse passando os dedos pelos cabelos. Fim da discussão. No dia seguinte, correu ao cabeleireiro para refazer o corte de verdade, a 165 euros. Os cabelos curtos sublinhavam a imensidão e o encanto de seus grandes olhos azuis, as linhas do longo pescoço, o oval perfeito do rosto, os ombros dourados, que brilhavam como os signos de um brasão numa tapeçaria. Ela parecia um pajem inocente. “Você ficou com 14 anos, mamãe!”, exclamou Alexandre. Philippe ficou perturbado e não fosse o surdo desgosto que toda aquela história lhe inspirava, teria ficado tocado.

Abriu a pasta. Estava cheia de recortes de jornal. Cotidianos.

As publicações mensais ainda não tinham saído. Ela vai ser um

391

prato cheio para eles, com suas mentiras, suas alegações. Percorreu os primeiros artigos com os olhos. Alguns eram assinados por jornalistas que conhecia pessoalmente. Todos falavam de Iris e de sua audácia. “*A star is born*”, titulava um deles. “A surpresa do *Chefe*”, dizia um outro. Um jornalista mais sério se perguntava onde terminava o espetáculo e começava a literatura, mas reconhecia que o livro era bem-escrito, embora “um pouco universitário” e muito bem-documentado. “Dá para perceber que Iris Dupin conhece o século XII como a palma de sua mão e é capaz de trazê-lo de volta à vida com maestria. Tudo é justo. Tudo é

intrigante. Quando percebemos, estamos seguindo a Regra de São Bento como se fosse um filme de Hitchcock.” Deu uma lida em todos eles. Em seguida, vinham as reflexões de Iris sobre a escrita, as dificuldades de um primeiro romance: as palavras que se escondem, a angústia da página branca. Falava com desenvoltura, lembrava seus anos de estudo em Columbia, sua estreia como roteirista e ainda citava os conselhos de Gide a um jovem escritor: “Para não ser tentado a sair, raspe a cabeça!” “O que não ousei fazer por vaidade fiz por imposição. É impossível trapacear com a escrita. Ela acaba nos pegando — sempre. Não me arrependo, só vivo para a literatura.” Ou ainda: “Vivi nove meses bebendo apenas água fervida e comendo batatas de casca rosa, era o que me dava inspiração.” Numa foto, usava um jeans de cintura baixa, uma camiseta acima do umbigo e, com o novo cabelo pajem, ganhava um jeito de adolescente rebelde. Em outra, escreveram “love” e “money” com batom em sua nuca e ela posou com a cabeça abaixada para destacar bem as palavras. A legenda dizia: “Ela carrega na nuca a história de seu romance e o destino do mundo.” Só me faltava essa!, suspirou Philippe, o destino do mundo na nuca da minha mulher! Uma outra acrescentava: “Os jovens vão ficar loucos, os homens vão adorar, as mulheres verão nela uma portavoz. Esse livro é a reconciliação entre os Antigos e os Modernos.” Mais adiante, ficou sabendo que um milionário russo tinha colocado seu jatinho particular à disposição de Iris para que fosse fazer compras em Londres ou Milão e que uma marca de perfume

queria comprar o título do romance para lançar uma nova fragância. Diante dessas propostas, Iris respondia com modéstia que estava lisonjeada, mas que tudo isso era “muito distante da literatura. Não quero me transformar numa atração de feira. Aconteça o que acontecer, seja o livro um sucesso ou um fracasso, continuarei a escrever, é a única coisa que me interessa”.

392

Alimentei um monstro, concluiu Philippe. Mas a constatação não foi dolorosa. É assim que reconhecemos que o amor não está mais em nós: ele para de doer. A gente olha para o objeto de nosso

antigo amor e constata que ele é assim, assado e que não vai poder mudá-lo. Fui eu que mudei e, então, está acabado. Bem acabado. Tudo o que sentia agora era desgosto misturado com uma raiva difusa. Foi obcecado por ela durante anos e só tinha uma preocupação na vida: agradar Iris, surpreendê-la, ser o melhor advogado da praça parisiense, em seguida da França e em seguida um grande advogado internacional. Começou a colecionar obras de arte, a comprar manuscritos, a financiar balés, óperas, criou um fundo de apoio a artistas... Para que ela se orgulhasse dele, se orgulhasse de ser a sra. Philippe Dupin. Sabia que ela não respeitava o dinheiro: Chefe tinha lhe dado todo o dinheiro que queria. Mas queria ser uma criadora. Escrever, desenhar, dirigir, não importa! Queria que reconhecessem que tinha talento. E ele lhe ofereceu uma paleta de talentos. Ingênuo, acreditou que estar a seu lado quando escolhesse seus quadros ou financiasse a criação de um espetáculo seria suficiente para que fosse feliz. Sonhou que iria com ela às feiras internacionais de arte moderna, que assistiria às reuniões de leitura de originais de teatro, que iria ajudá-lo a escolher, que iria acompanhar os ensaios. No começo ela compareceu, mas não demorou para se desinteressar. As homenagens não eram para ela, mas para o dinheiro, o nome e o gosto de seu marido.

Seus olhos passearam pelo aposento reconhecendo cada obra de arte. É a história do nosso amor. Do meu amor, corrigiu, pois ela nunca me amou. Gostou de mim. Apreciou minha companhia. Suas

mentiras tiveram sucesso lá onde meu amor fracassou. Já não a amo mais e não conseguirei fingir por muito tempo. Duas belas mentiras valem mais que duas verdades desagradáveis para a sobrevivência de um casal. Era o fim. Mas ainda tinha uma conta a ajustar e ia fazer isso. De uma maneira grandiosa: meio ridícula, é bem verdade, mas grandiosa. Estava organizando um *gran finale*.

Será a minha obra de arte!

Seus olhos pousaram sobre o último recorte de jornal. Um artigo que não falava dela, mas do festival de cinema de Nova York.

E ela tinha sublinhado um nome com marcador amarelo: Gabor Minar. Era o convidado de honra e apresentariam o seu último filme, *Gypsies*, que tinha estreado em Cannes. Aqui está ele, pensou Philippe, Gabor Minar... O indefectível Gabor Minar,

393

eternizado em sua pose de diretor de cinema barroco e flamejante.

Com seu físico de rebelde despreocupado, seus filmes de ritmo estonteante. Diziam que ele tinha despertado a sétima arte, aprisionada pelos efeitos especiais, que tinha devolvido ao cinema seu sentido e sua riqueza. Na foto, ele aparecia sorrindo, mechas de cabelos caindo nos olhos, a gola da polo aberta. Fechou a pasta com um gesto seco, olhou a hora: era tarde demais para ligar para Johnny Goodfellow. Amanhã eu ligo.

Quando Iris voltou à noite, agitava no ar um número do *L'Express*.

— Quarto na lista dos mais vendidos! Em 15 dias. Liguei

para Serrurier, estão vendendo 4.500 exemplares por dia. Além da tiragem inicial. Sabe o que isso quer dizer? Todo dia, 4.500 pessoas compram o livro de Iris Dupin! Vou chegar ao topo. Na semana que vem, aposto que estou em primeiro lugar! E você ainda pergunta se era necessário deixar que cortassem meu cabelo em público!

Caiu na risada e beijou o jornal.

— Temos de viver em nosso tempo, meu caro. Não estamos mais nos tempos dos trovadores, não mesmo! Carmen, vamos, ponha a mesa, estou com uma fome de lobo.

Seus olhos brilhavam como uma pequena chama dourada e dura que queimava a revista em sua mão. Abaixou o braço, virou para ele, espantada com seu silêncio, deu um grande sorriso e inclinou a cabeça esperando pelos cumprimentos. Ele se inclinou gentilmente e deu suas felicitações.

Joséphine esfregou os olhos para ter certeza de que não estava sonhando: a mulher sentada diante dela no ônibus 163 estava lendo o seu romance. Lia avidamente, debruçada sobre o livro, virando cada página com cuidado e dissecando cada linha como se não quisesse perder nem uma migalha. A seu redor, as pessoas se deslocavam, telefonavam, tossiam, se interpelavam e ela nem se mexia. Ela lia.

Joséphine encarou-a, espantada. *Uma humilde rainha no 163!*

Então o que os jornais diziam era mesmo verdade: seu livro estava vendendo feito pão quente. No começo, não acreditou.

Chegou a pensar que era Philippe quem tinha comprado tudo. Mas ver *Uma humilde rainha* no 163 provava que o sucesso era real.

394

Cada vez que lia uma boa crítica, tinha vontade de cantar vitória, de rir às lágrimas, de dar pulos de canguru. E corria para Shirley. Era o único lugar onde podia dar livre curso à sua alegria. “Está funcionando, Shirley, escrevi um best-seller! Imagine só, eu, a pesquisadora sem importância, de salário miserável, conferências poeirentas, o patinho feio que não entende nada da vida! Na primeira tentativa, dou um golpe de mestre!” Shirley gritou Olé e as duas dançaram um flamenco endiabrado. Numa dessas explosões, Gary pegou as duas em flagrante e elas pararam, vermelhas e sem fôlego.

Depois, com o passar do tempo, foi invadida por um grande sentimento de vazio. Com a sensação de ter sido roubada, passada para trás, usada. Emporcalhada. Iris se exibia por todo lado. Iris sorria por todo lado. Os olhos azuis de Iris a surpreendiam em cada banca de jornal. Iris falava das angústias de escrever, da solidão, do século XII, de são Bento. Como lhe veio a ideia da história?

Entrando na igreja de Sacré-Coeur numa tarde de melancolia.

Admirando a estátua de uma santa tão bonita, com um rosto tão meigo que ela costurou a história sob medida para ela. E a ideia de lhe dar o nome de Florine? Estava fazendo um bolo para o meu filho e quando coloquei a farinha Francine na batedeira: Francine-Florine-Francine-Florine! Joséphine ouvia, hipnotizada: onde é que

ela encontrava tudo aquilo? Um dia, chegou ao cúmulo de invocar Deus e a inspiração divina para explicar a fluidez de seu estilo, “não sou eu que escrevo, alguma coisa me dita”. Joséphine caiu sentada no tamborete ao lado da pia. “Essa, não”, repetia ela, “que cara de pau!”

Abriu a porta envidraçada que dava para a varanda e foi olhar as estrelas. É demais, não aguento mais! Já é duro ver minha irmã fazendo pose, se apropriando de Florine, mas confiscar vocês também não dá, vocês não! O que sobra para mim? Ficar vendo o tempo passar? De boca aberta? E como é que ela sabe que converso com vocês? Nunca contei, talvez sim... uma vez. Ela usa tudo! É um vampiro!

Naquela noite, depois de encontrar a leitora no ônibus, foi bater à porta de Shirley. Não tinha ninguém. Voltou para casa e encontrou um bilhete de Zoé dizendo: “Mamãe, fui dormir na casa do Alexandre, Carmen veio me buscar. Hortense disse que vai sair hoje à noite e vai chegar tarde, para você não se preocupar. Com amor, Zoé.”

395

Estava sozinha. Esquentou um resto de quiche lorraine, acrescentou duas folhinhas de alface e ficou olhando a noite cair.

Triste, muito triste.

Quando escureceu, empurrou a porta de vidro que dava para a varanda e olhou para as estrelas.

— Papai — arriscou —, está me ouvindo, papai?

E acrescentou com uma vozinha de criança:

— Não é justo... Por que é sempre ela em primeiro lugar, por quê? Mais uma vez, me apagaram da foto. Quando a gente era pequena e tiravam fotos, mamãe insistia muito para que Iris aparecesse bem. Os olhos de Iris, o penteado de Iris, chegue um pouco para lá, Jo, não dá para ver a bainha do vestido de Iris. “Criminosa, você é uma criminosa”, ouvia a voz do pai. Seus braços em torno dela, o gosto de sua pele salgada ou de suas lágrimas, seus passos largos. Seu pai a carregava como se a salvasse. Estavam na praia, era verão, estava saindo da água, cuspiam água, os olhos ardiavam, estava chorando, chorando... Depois disso, lembro bem, ele nunca mais dormiu no quarto com mamãe. Depois disso, ele se refugiou nas palavras cruzadas, em seus trocadilhos sem graça, em seu cachimbo de madeira. E depois ele morreu, trocou o cachimbo pelo pijama de madeira... Deu uma risadinha para o pai. Ia gostar dessa, não é? Pai, meu paizinho, cantarolou no escuro, sob as estrelas. Um dia vou encontrar a peça que está faltando nesse quebra-cabeça... Um dia, vou entender tudo. Mas enquanto isso, paizinho, obrigada por esse sucesso. Ele me deu um pouco de conforto. E depois, já não tenho medo. E isso é muito importante. Não me sinto mais ameaçada. Ainda não sou muito segura de mim, mas não tenho mais medo. Pode ficar orgulhoso de mim, você que sabe que quem escreveu esse livro fui eu.

Suspirou, ainda tenho muita coisa a aprender, se tenho! A

gente pensa que ganhou quando obtém uma vitória, mas tem sempre uma nova luta. Minha vida era tão simples, antes. Quanto mais avanço na vida, mais acho que ela é complicada. Talvez seja porque antes eu não vivia...

Levantou a cabeça. Sua raiva tinha desaparecido.

Estendeu os braços para o céu e enviou todo o seu amor, toda a sua alegria para as estrelas. Não sentia inveja de Iris. Iris

396

sabe que esse livro é meu, que fui eu que escrevi. Ela sabe disso.

Toda a sua glória repousa sobre uma mentira.

Uma calma agradável desceu sobre ela. Ainda tinha que escrever sua tese de habilitação para dirigir pesquisas. Precisava trabalhar, voltar à biblioteca, reencontrar os velhos alfarrábios, os livros de história.

E depois, um dia, vou escrever outro livro.

Um livro que será meu, só meu.

O que me dizem disso, senhoras estrelas?

Marcel Grobz saiu do aeroporto e entrou no carro ao lado do motorista, depois de jogar as malas no bagageiro.

— Estou exausto, Gilles, meu rapaz! Estou velho demais para viagens longas de avião.

— Com certeza, patrão. Um mês de turnê com todas as mudanças de hotel e diferenças de fuso não ajuda ninguém!

— Está congelando isso aqui! Fim de outubro e as geleiras já se anunciam. Lá, pelo menos as cerejeiras sorriam.. Estou com um

ar muito acabado?

Gilles deu uma examinada rápida em Marcel Grobze e concluiu que não, o patrão parecia uma vara de pescar bem esticada.

— Muito generoso, mas essa vara de pescar está com alguns pneuzinhos no lugar errado. De nada adiantou correr como um condenado, eles continuam lá. E então, o que temos de novo?

Comprou os jornais?

— Estão no banco de trás. Sua enteada, sra. Dupin, causou furor com seu livro...

— Ora, ela escreveu um livro?

— Até minha mãe comprou e adorou!

— Cacete, vão encher meus ouvidos! E mais...

— Mais nada. Fiz a revisão do carro conforme o senhor pediu. Está tudo tinindo. Para onde vamos?

— Para o escritório?

— Não vai passar em casa primeiro?

— Para o escritório, eu disse...

397

Encontrar Josiane. Toda vez que falava com ela no telefone, ela se mostrava fria. Mal e mal audível, mal e mal amável. Sim, não, não sei, vou ver, conversaremos na volta. Vai ver que está de novo com aquele varapau do Chaval! Ele tem o vício no corpo, aquele lá.

— Tem visto Chaval?

Seu motorista, Gilles Larmoyer, era amigo de Chaval. Muitas

vezes, Gilles e Chaval faziam o giro das discotecas juntos. Gilles comentava as noites agitadas, as surubas, “uma bunda à direita, uma bunda à esquerda, a gente se regala, eu e Chaval”, as madrugadas em que os dois recolocavam a gravata, Chaval para ir trabalhar, Gilles para dirigir o carro. Gilles não tinha nenhuma ambição. Marcel tinha tentado lhe dar um empurrãozinho na vida, mas ele só queria saber de uma coisa: carros. Marcel trocava de carro a cada dois anos, só para deixá-lo contente.

— Ah! Não soube da novidade?

Marcel se examinou no espelho do quebra-sol. Isso que tenho debaixo dos olhos já não são bolsas, são malas com sanfona e alça!

— Não soube o quê?

— Chaval. Está com os quatro pneus arriados por sua sobrinha...

— A pequena Hortense?

— Essa mesma. E está babando! Nem lhe conto... Caiu de quatro e ela o faz dançar! Comería o chapéu se tivesse um. Já faz uns seis meses que está tentando pegar ela de jeito e nada! Tem de acabar o serviço à mão, em casa. Hortense o deixa louco.

Marcel caiu na gargalhada, aliviado. Então não era por causa de Chaval que Josiane estava emburrada. Tirou o celular e ligou para o escritório.

— Sou eu, Doçura. Estou no carro, chegando... Tudo bem?

— Tudo bem...

— Não está contente de me ver?

— Estou dançando de felicidade!

E desligou.

— Algum problema, patrão?

— É Josiane. Parece uma geladeira. E me mandou pastar.

398

— Ah, as mulheres... É só chegar a época das regras que elas fecham a cara e lá vamos nós plantar batatas sem saber por quê.

— Bem, então ela está menstruada há um mês e já plantei um batatal!

Ajeitou-se no banco e resolveu tirar uma soneca.

— Pode me chamar um pouco antes de chegar, quero ter tempo para acordar direito!

Quando o viu entrar, Josiane nem se coçou. Sequer levantou os olhos da mesa. Ele abriu os braços para abraçá-la, ela rejeitou o abraço.

— Sua correspondência está na escrivaninha. A lista de telefonemas também. Já fiz a triagem.

Marcel abriu a porta de sua sala, se instalou e descobriu uma foto, chapada bem em cima da pilha de cartas: a moça do Lido com os dois olhos furados. Pegou-a e saiu, todo sorridente.

— Doçura, é por causa disso que está amarrando a cara para mim há décadas?

— Não vejo nada de engraçado. Quer dizer, a mim não dá nenhuma vontade de rir!

— Você entendeu tudo errado! Tudo mesmo! Era para enrolar

Henriette! René me contou que ela apareceu por aqui um dia, um dia em que não havia ninguém, era 1º de maio, justamente! Logo vi que estava aprontando alguma. Fui verificar os papéis e descobri que tinha aberto um envelope e com certeza fotocopiado o conteúdo: eram os pagamentos do ucraniano. A pobre desgraçada! Pensou que tinha descoberto a existência de uma vagabunda e ainda por cima com abuso de bem social. Acha que estou em suas mãos! Resolvi responder na mesma moeda e plantei essa foto no meu quarto. Foi tirada uma noite no Lido com um grande cliente, há séculos. Foi uma noite em que você não quis me acompanhar. Inventei um nome e pronto! Pode procurar, Henriette, pode procurar! E funcionou. E você está se remoendo com essa história há um mês?

Josiane olhava para ele, desconfiada.

— Acha que vou engolir essa?

— E por que eu iria mentir, Doçura? Não conheço essa moça.

Posei para a foto de brincadeira, é tudo... Tente se lembrar: foi uma

399

noite em que não quis sair, um ano e meio atrás, mais ou menos, você estava cansada...

Uma noite em que fui me encontrar com Chaval, lembrou

Josiane. Coitado do meu ursão, ele está certo. Tinha inventado uma enxaqueca e ele teve que ir brindar com os clientes sozinho.

Ele se aproximou da escrivaninha de Josiane e viu uma mala.

— Que mala é essa?

— Estava resolvida a me mandar. Pretendia esclarecer as coisas com você e levantar âncora...

— Você é doida! Só pode estar com o miolo mole!

— Estou frágil, note a diferença...

— Realmente não tem confiança em mim.

— Confiança não é um artigo que costumo ter em estoque...

— Bem, vai ter de se acostumar, porque estou aqui e aqui vou ficar! Todinho para você, minha bonequinha!!! Minha vida é você.

Tomou-a nos braços, embalando e murmurando “que bobinha que ela é! Que tolinha! E eu com o coração na mão durante um mês por causa de seus silêncios no telefone!”

E ela relaxou em seus braços, esperando que parasse de ronronar para anunciar a boa-nova, confirmada por uma explosão de hormônios no laboratório. Uma emoção de cada vez, pensava ela, vou deixar que volte à terra, mas assim que pousar os pés no chão, mando de volta para os céus com a notícia da chegada do bebê Grobz.

— Além do mais, Doçura, a foto tem dupla utilidade.

Enganava a outra e afastava as suspeitas de você. No caso de sua barriga começar a crescer, entende... Ela só vai pensar na outra, em Natacha, nunca em você, que vai poder engordar tranquila debaixo de seus olhos enquanto ela fareja a pista errada.

Josiane se afastou lentamente. Não estava gostando nada do

que tinha ouvido.

— Quer dizer que não está pensando em contar nada, nem se eu ficar grávida? Pensa em deixar a dúvida no ar?

Marcel enrubesceu violentamente, pego em flagrante delito de covardia.

400

— Não é isso, Doçura, não é isso. É que vou precisar de um tempo para me organizar! Ela me deixou de pés e mãos amarrados.

— Ah, então durante todo esse período em que estivemos planejando esse bebê você não arrumou tempo para se organizar, para usar suas próprias palavras?

— Não vou mentir, Doçura, tenho muito medo. Não sei como fazer as coisas, como tirá-la da jogada sem que ela possa se vingar com os golpes mais sujos.

— Não falou com o tabelião?

— Não tive coragem, tive medo de que contasse tudo para ela. São muito próximos, você sabe, ela vai muito lá.

— Então não fez nada? Nadica de nada? Fica me enchendo de conversa fiada o dia inteiro sobre o nosso anjinho, mas não tira a bunda da espreguiçadeira.

— Vou fazer, Doçura, vou fazer na hora certa. Eu prometo, estarei à altura...

— À altura de sua insignificância? Não se atormente, meu caro, você já está lá, na altura desse carpete!

Josiane levantou, desamassou o vestido, arrumou a gola,

pegou a bolsa e, apontando para a escrivadinha e para a sala com um gesto teatral, declarou:

— Olhe bem para mim, Marcel Grobz, porque não vai me ver nunca mais. Vou sumir, virar vento, desaparecer no espaço. Nem adianta procurar minha pista, vou me escafeder para todo o sempre! Dizer que estou cansada de você é bom demais, estou enjoada de tanta covardia.

— Doçura, eu prometo...

— Já faz muito tempo que me alimento de promessas! Não faço outra coisa desde o dia em que nos conhecemos. Elas me embrulham o estômago, acho que vou vomitar. Não acredito mais, Marcel...

Abaixou-se para pegar a mala e, batendo os saltos dos sapatos no chão com um ar decidido, deixou a empresa de Marcel Grobz no dia 22 de outubro, precisamente às 11h58.

Não parou para cumprimentar René.

Não parou para abraçar Ginette.

Não suspirou diante da glicínia.

401

Não se virou depois de passar pela grade.

Se ela diminuísse o passo, pensava olhando direto para a frente, não partiria nunca.

Naquela noite, depois do jantar, Alexandre levou Zoé ao seu esconderijo secreto.

Num armário estilo normando, muito pequeno, que o pai

tinha comprado num antiquário. Em Saint-Valéry-en-Caux. Tinham viajado os três, em família. Seu pai precisava encontrar um cliente inglês no pequeno porto da Normandia. O inglês marcou em seu barco. Depois de algumas horas a bordo, foram passear ao longo do porto e pararam num velho antiquário. Alexandre folheou velhas revistas em quadrinhos, enquanto os pais iam pesquisar o fundo da loja, em busca de alguma tela esquecida. Não encontraram nenhuma pintura, mas seu pai se apaixonou pelo armário. A mãe protestou, dizendo que não combinava com seus móveis, que parecia fora de moda, deslocado, coisa de velho, para ser sincera...

“Ninguém mais compra armários normandos, Philippe!” Mas o pai insistiu: “Não existe nenhum desse tamanho, pelo menos eu nunca vi, vou colocar no meu escritório, não vai incomodar e vai ressaltar os móveis modernos, gosto de misturar estilos, você sabe, e depois, vai trazer um pouco de calor, uma reminiscência de família burguesa: é o que somos, não, uma velha família burguesa?”

Alexandre não entendeu o fim da frase, mas entendeu que o pai ia comprar o armário.

Foi colocado em seu escritório e Alexandre tinha o hábito de se esconder lá dentro. Tinha cheiro de lustra-móveis e de lavanda e, quando se concentrava bastante, ele podia ouvir o barulho do mar e o ranger dos mastros dos navios. O armário era forrado de cretone verde e amarelo. Ele fechava as portas sobre si mesmo, enfiava os fones do walkman nos ouvidos, encostava a cabeça num dos lados e, enrolado como uma bola, partia para o seu MISS, o seu Mundo

Imaginário Super Secreto. Em seu MISS, viajava para um país onde todo mundo vivia segundo a letra de *Imagine*, de John Lennon.

Outro acessório indispensável para o MISS: um par de óculos redondos que permitiam ver o invisível. Muitas vezes, levava Zoé com ele. “Sabia”, contava ele, “que as paisagens do MISS são feitas de bolo, as pessoas se vestem de branco, ninguém precisa tomar banho, todo mundo está sempre limpo e só faz o que quer? Não tem professor, dinheiro, escola, notas, engarrafamentos, pais

402

divorciados, todo mundo se ama e a única regra é não perturbar os outros habitantes do MISS”.

E falar inglês.

Era importante para ele. No começo, Zoé teve dificuldade.

Alexandre falava o idioma correntemente, ia todo ano para um colégio inglês mandado pelos pais. Mas aprendeu a se deixar guiar pelo primo e, quando não entendia, ele traduzia. Também gostava quando ele não traduzia: ouvir Alexandre falar e não entender nada lhe dava prazer. Tinha medo, pegava sua mão e ficava esperando o resto das aventuras que ele inventava. Ele interpretava todos os papéis, até o vento e a tempestade!

Naquela noite, Carmen serviu o jantar para eles bem cedo.

Iris tinha ido a uma feira do livro, e Philippe, a um jantar de negócios. Alexandre e Zoé foram se refugiar no escritório de Philippe e entraram no armário mágico com ares de grandes conspiradores.

Alexandre tinha criado todo um ritual. Primeiro, colocar os oclinhos

redondos e dizer três vezes “Hello, John, Hello, John, Hello, John”.

Depois sentavam bem encolhidos, fechavam os olhos e cantavam a letra da música de Lennon: “*Imagine no possession, it’s not hard to do, no reason to kill or die for, and no religion too.*” Enfim, davam as mãos e esperavam que um emissário do MISS viesse buscá-los.

— Carmen não vai nos encontrar?

— Está vendo novela na cozinha...

— E seu pai?

— Vai chegar tarde. Pare de pensar nisso! Concentração!

Vamos chamar o Grande Coelho Branco...

Zoé fechou os olhos e Alexandre pronunciou as palavras mágicas:

— *Hello White Rabbit, where are you, White Rabbit?*

— *Here I am, little children... Where do you want to go today?*

— respondeu o próprio Alexandre, fazendo uma voz grossa.

Depois de uma olhada para Zoé, respondeu:

— *Central Park... New York... The Imagine Garden...*

— *Okay, children, fasten your seat belts!*

Fizeram de conta que apertavam os cintos.

— Nunca fui ao Central Park — sussurrou Zoé.

403

— Eu já. Cale a boca. Vamos segui-lo... Vai ver como é lindo.

Imagine... Tem carruagens puxadas por cavalos, lagos com patos e uma escultura que representa Alice no país das maravilhas... Lá no Central Park, até o Grande Coelho Branco tem uma estátua!

Estavam prestes a partir para o Central Park quando a porta do escritório se abriu e eles ouviram passos.

— Seu pai?

— Psssiu! Espere... Vamos ver quem é.

— Não dá para ver, estamos fechados aqui.

— Deixe de ser boba! Espere... Talvez seja só o Grande Coelho Branco.

Era Philippe. Ouviram sua voz. Estava falando ao telefone.

Em inglês.

— Acha que está brincando conosco? Ele sabe do MISS?

— Psssiu!

Colocou a mão na boca de Zoé e os dois ficaram ouvindo, prendendo a respiração.

— *She didn't wrote the book, John, her sister wrote it for her. I am sure of it...*

— O que ele está dizendo?

— Espere!

— *Yes, she's done it before! She's such a liar. She made her sister write the book and she is taking advantage of it! It's a big hit here in France... no! Really! I'm not kidding!*

— O que está dizendo? Não entendi nada!

— Que saco, Zoé! Espere, traduzo depois. Assim não vou poder ouvir tudo.

— *So let's do it. In New York... At the film festival. I know for sure he's going to be there. Can you manage everything? Ok... We*

talk soon. Let me know...

Desligou.

As duas crianças ficaram petrificadas dentro do armário. Não ousavam se mexer, mal cochichavam. Philippe ligou o som hi-fi e uma música clássica encheu o espaço, permitindo que falassem.

404

— O que ele disse? O que disse? — insistiu Zoé, tirando os óculos redondos.

— Disse que minha mãe não escreveu o livro. Que quem escreveu foi a sua. Disse que minha mãe já tinha feito isso antes e que é uma grande mentirosa.

— E você acredita?

— Se ele disse, é porque é verdade... Ele não mente, o meu pai, tenho certeza.

— É verdade que essa coisa de século XII parece mais com a minha mãe. Mas então, foi ela quem escreveu o livro, e sua mãe...

Mas por que, Alex, por quê?

— Sei lá...

— Podíamos perguntar ao Grande Coelho Branco!

Alexandre olhou para ela, muito sério.

— Não, vamos esperar mais um pouco; talvez ele ligue de novo!

Ouviam Philippe andando no aposento. Parou. Entenderam que estava acendendo um charuto e logo sentiram o cheiro do tabaco invadir a sala.

— Que fedor! — protestou Zoé. — Quero sair daqui. Meu

nariz está pinicando...

— Vamos esperar ele ir embora. Se meu pai descobrir, acabou-se o MISS. Um lugar secreto deixa de existir quando alguém descobre... Trate de se segurar e espere um pouco.

Não precisaram esperar muito tempo. Philippe saiu do escritório para perguntar pelas crianças a Carmen.

Saíram do armário sem fazer barulho e foram para o quarto de Alexandre, onde Philippe os encontrou, sentados no chão, lendo quadrinhos.

— Tudo bem, crianças?

Eles se entreolharam, resabiados.

— Estão com medo de mim? Vamos ver um filme juntos?

Amanhã não tem aula, podem dormir mais tarde.

Concordaram aliviados e começaram a discutir sobre o filme.

Alexandre escolheu *Matrix*, Zoé, *A Bela adormecida*, e Philippe

405

tratou de conciliar os dois sugerindo que podiam rever *O assassino mora no 21*, de Clouzot.

— Assim todo mundo fica contente, Zoé. A gente sente medo, mas sabe que vai acabar tudo bem no final.

Instalaram-se na frente da TV e, enquanto Philippe colocava o filme, os dois trocaram um olhar de cumplicidade.

Quem lhe deu a ideia foi Luca, seis meses antes: “Vai haver um colóquio sobre o sagrado na Idade Média em outubro, em

Montpellier. Vou participar e acho que devia se inscrever para uma conferência. Uma publicação a mais não ia lhe fazer nada mal.” E ela partiu para encontrá-lo em Montpellier. Ele falaria na sexta. Ela tinha se inscrito para sábado de manhã.

Tinha reaparecido depois de passar o verão inteiro sumido.

Sem explicações. Um belo dia, deu de cara com ele na biblioteca. E não fez perguntas. Mas ele fez: “Seu verão foi bom? Está com uma cara ótima, emagreceu, ficou muito bem... Comprei um celular, detesto a ideia de usar celular, mas tenho de reconhecer que é prático. Não sabia onde encontrá-la no verão, não tinha seu número. Somos muito demodês, nós dois...”

Ela sorriu, toda derretida só de ouvi-lo dizer “nós dois”, enternecida de se ver comparada a ele. Dominou-se em seguida e começou a elogiar os encantos do verão, de Deauville, Paris no mês de agosto, a biblioteca quase vazia, o trânsito fácil, as margens do Sena, Paris Plage...

Veio pegá-la na estação de Montpellier. Com seu eterno *duffle-coat*, um sorriso nos lábios, uma barba de três dias sombreando o rosto magro. Parecia feliz de vê-la chegar. Pegou sua bolsa e levou-a para a saída, pousando levemente a mão em seu ombro. Ela caminhava olhando à direita e à esquerda para ver se as pessoas olhavam para ela, por estar acompanhada de um homem tão bonito.

— Também comprei um celular.

— Ah, que bom... Tem de me dar seu número.

Passaram diante de uma banca de jornais: *Uma humilde*

rainha se exibia nas prateleiras, cobrindo o quiosque de um lado a outro. Joséphine sobressaltou-se.

— Você viu? — disse Luca. — Que sucesso! Depois de tanta publicidade, acabei comprando... e não é nada mal. Nunca leio

406

romances recentes, mas me deu vontade de ler esse, por causa da época em que se passa. E devorei. Muito bem-feito. Já leu?

Joséphine gaguejou um sim e, mudando de assunto, perguntou como tinham sido as conferências. Sim, os conferencistas eram interessantes, sim, correu tudo bem na sua conferência; sim, fariam uma publicação.

— Essa noite, se não for inconveniente para você, gostaria de convidá-la para jantar. Reservei uma mesa num restaurante à beira-mar. Disseram maravilhas a respeito dele...

A tarde passou rapidamente. Ela falou vinte minutos com voz clara e segura num auditório, diante de umas trinta pessoas.

Manteve-se ereta e ficou surpresa com sua nova segurança. Alguns colegas vieram cumprimentá-la. Um deles mencionou o sucesso de *Uma humilde rainha*, comemorando que o século XII estivesse recebendo finalmente as honras que merecia, livre dos clichês.

“Bela obra, belo trabalho”, concluiu antes de se afastar. Joséphine se perguntou se estava falando de sua conferência ou do romance.

Depois se deu conta de que tinham sido escritos pela mesma pessoa. Vou acabar esquecendo!, pensou consigo, arrumando a

papelada.

Encontrou Luca no hotel. Pegaram um táxi para o restaurante na praia de Carnon e sentaram numa mesa perto do mar.

— Não está com frio? — perguntou ele, abrindo o cardápio.

— Não. Com o aquecimento exterior queimando minhas costas, estou bem — respondeu rindo e mostrando com o queixo o braseiro que servia de aquecimento suplementar.

— Vai acabar grelhada! E incluída no cardápio.

Ele riu e o riso mudou seu rosto. Tinha um ar mais jovem e leve, livre das sombras que o cercavam normalmente.

Ela estava bem-humorada, cheia de desenvoltura. Passou os olhos pelo cardápio e resolveu pedir a mesma coisa que ele. Luca escolheu o vinho, muito sério. É a primeira vez que o vejo tão relaxado, talvez esteja realmente feliz de estar comigo.

Ele perguntou sobre as meninas e quis saber se sempre teve vontade de ter filhos ou Hortense e Zoé eram fruto de um acaso conjugal. Ela olhou para ele espantada. Nunca tinha pensado nisso.

407

— Bem, para dizer a verdade não pensava muito, antes. A vida só ficou mais complicada depois da separação de Antoine. Mais interessante também... Antes eu ia vivendo, seguindo um caminhozinho traçado: casei, tive filhos e já podia me imaginar envelhecendo ao lado do meu marido, até me tornar avó. Uma vidinha sem história. Foi a separação que me despertou...

— Foi um despertar muito duro?

— Foi duro, sim...

— Lembra quando fomos ao cinema da primeira vez, você disse que estava escrevendo um livro, mas depois se corrigiu.

Queria saber se foi um erro de vocabulário ou...

— Eu disse isso? — perguntou Joséphine para ganhar tempo.

— Disse. Devia escrever, tem um jeito muito vivo de falar da história antiga. Estava ouvindo, hoje à tarde.

— E você? Por que não escreve?

— Porque para escrever é preciso falar por conta própria. Ter um ponto de vista. Saber quem você é... E isso eu ainda não sei...

— Mas passa uma impressão bem diferente...

— É mesmo?

Levantou a sobrancelha numa careta dolorosa e ficou brincando com a taça de vinho.

— Devo dizer então que as aparências enganam... Aliás, as aparências quase sempre enganam. Nós dois temos algo em comum, sabia? Somos solitários... Fico observando você na biblioteca: não fala com ninguém, fiquei orgulhoso quando se interessou por mim.

Ela ficou vermelha e balbuciou:

— Está zombando de mim!

— Não, estou falando sério. Você trabalha, os olhos mergulhados nos livros, e vai embora como um ratinho. A não ser

quando joga os livros no chão!

Joséphine começou a rir.

Um ar de irreabilidade reinava naquele jantar. Não conseguia acreditar que era ela mesmo, sentada diante dele naquele terraço à

beira-mar. Sua timidez a deixou, tinha vontade de se confiar, de

408

falar. O restaurante estava cheio e um vozerio sonoro substituía a calma do começo da noite. Foram obrigados a se debruçar um em direção ao outro para conversar, o que reforçava a intimidade.

— Luca, queria lhe fazer uma pergunta muito pessoal...

Colocou sua audácia na conta do vinho, do ar marinho,

daquele verão que dançava sobre as toalhas brancas e das saias

curtas das mulheres. Estava se sentindo bem. Tudo que a cercava

parecia penetrado pelo mesmo bem-estar. O vapor da noite

desenhava guirlandas sobre o parquê de madeira e isso lhe pareceu

encorajador. Tinha a impressão, não muito comum nela, de estar

em harmonia com o cenário. Sentia a felicidade ao alcance da mão e

não queria deixá-la escapar.

— Nunca se casou? Nunca teve vontade de ter filhos?

Ele não respondeu. Seu rosto se fechou, os olhos deslizaram

para longe e seus lábios se apertaram em dois traços fechados,

amargos.

— Preferia não responder, Joséphine...

Mais uma vez, teve a sensação horrível de ter cometido uma

gafe.

— Oh, sinto muito, não queria magoá-lo.

— Você não me magoou. Afinal, fui eu quem começou a fazer perguntas pessoais...

Se a gente continuar a conversar sobre generalidades da Idade Média, nunca saberemos nada um do outro, protestou ela sem abrir a boca. Nesse mesmo verão, folheando revistas, tinha dado atenção especial às publicidades, sobretudo a de um certo perfume masculino: ele segurava nos braços uma longa mulher morena de cabelos longos, com a cabeça jogada para trás, rindo, deixando entrever uma silhueta fina e musculosa. Examinou a foto longamente: havia nos olhos de Luca uma intensidade que ela nunca tinha visto. Um desejo grave e imperioso. Os homens vão comprar essa colônia só para tentar se parecer com ele. E perguntou-se se não devia deixar os cabelos crescerem, como os da mulher morena.

— Vi você naquela propaganda de água-de-colônia — lançou ela, querendo mudar de assunto.

— Não vamos falar disso, por favor!

409

Seu olhar voltou a ficar impenetrável, secreto. Virou a cabeça para o interior do restaurante como se esperasse alguém. O homem amável, alegre, que conversava com ela alguns minutos antes, tinha desaparecido e deixado um estranho em seu lugar.

— Está frio, não quer voltar?

No táxi a caminho do hotel, Joséphine observava Luca.

Estava no canto e olhava pela janela.

— Sinto muito, não devia ter feito essas perguntas.

Estávamos tão bem antes de eu começar a falar, me deixei levar e...

Ele olhou para ela de um jeito infinitamente doce, mas abatido e, puxando-a para si, passou o braço em sua cintura.

— Você é deliciosa, Joséphine. Não sabe o quanto me toca.

Não mude, por favor, não mude nunca!

Pronunciou essas últimas palavras como uma súplica.

Joséphine ficou surpresa com a intensidade que havia em sua voz.

Ele levantou sua cabeça, colocando um dedo sob seu queixo

e, obrigando-a a olhá-lo nos olhos, acrescentou:

— Sou eu. Sou insuportável. Fico melhor quando estamos

juntos. Você me acalma, gosto de conversar com você...

Ela colocou a cabeça em seu ombro e se deixou levar.

Respirava seu cheiro, tentando identificar a verbena e o limão, o

sândalo e a casca de laranja, perguntando-se se era o mesmo

perfume da publicidade. Os reflexos da avenida desfilavam na

janela e ela desejava que aquele passeio na noite não terminasse

nunca. O braço de Luca em sua cintura, o silêncio da noite, o

balanço regular do carro e as árvores esguias que se erguiam,

desafiadoras sob os faróis. E um longo beijo suave, terno, que só se

interrompeu porque o táxi parou diante do hotel.

Pegaram suas chaves em silêncio, subiram ao terceiro andar,

onde ficavam seus quartos, e quando Luca, na sua porta, estendeu

o braço para entrar, ela aceitou.

Aceitou quando ele colocou as mãos em seus ombros e retomou o beijo.

Aceitou quando levantou seu suéter para acariciá-la.

Ela aceitou, mas...

Quando estava quase esquecendo de si mesma, abraçada a ele, a imagem da mulher morena da publicidade veio se colocar

410

entre ela e Luca. Relembrou a cintura fina, o ventre bronzeado, musculoso, os braços delicados jogados para trás. Apertou os dentes e encolheu a barriga, aspirando com todas as forças para que ele não sentisse os pneuzinhos em sua cintura: sou gorda, sou feia, ele vai tirar minha roupa, vai ver tudo... Imaginou-se nua ao lado dele: uma mãe de família com cabelos finos e lambidos, acne nas costas, cintura grossa, calcinhas enormes de algodão branco...

Empurrou-o e murmurou “não, não, não, por favor, não”.

Ele se endireitou, espantado. Dominou-se, pediu desculpas e, num tom leve, declarou:

— Não vou importuná-la. Não vamos falar mais nisso: nos vemos amanhã no café da manhã?

Ela fez que sim com a cabeça, a boca cheia de lágrimas, e ficou olhando enquanto ele desaparecia.

— Uma idiota, Shirley! Fui uma perfeita idiota. Ele estava lá, me abraçando, me beijando. Era tão bom, tão bom... e eu só conseguia pensar nas minhas gorduras, na calcinha de algodão branco... Quando foi embora, chorei, chorei até cansar... No dia

seguinte, no café da manhã, nos encontramos como se nada tivesse acontecido. Ele muito gentil, muito carinhoso, passando o cesto de croissants, perguntando se tinha dormido bem, a que horas partia meu trem. E eu não comi um único croissant com ódio daquele pneu que invadiu tudo. Esse homem é o sonho da minha vida e tudo o que fiz foi rejeitá-lo! Sou doida, acho que sou completamente doida... Acabou, nada mais vai acontecer comigo. Minha vida acabou.

Shirley deixou que terminasse seu discurso e, estendendo a massa branca e mole de torta na mesa com um rolo, declarou:

— Sua vida não acabou: na verdade, mal começou. O único problema é que ainda não se deu conta disso. Acabou de escrever um livro que é um sucesso...

— Mas não graças a mim...

— Não foi você quem escreveu o tal livro?

— Sim, mas...

— Você e mais ninguém — respondeu Shirley, apontando o rolo de macarrão para Joséphine num gesto ameaçador.

— É, mas....

411

— Mas ainda não sabia que era capaz de escrever. Portanto, vamos ser positivas: sua irmã acabou lhe prestando um favor... Não teria escrito nada se ela não tivesse inventado essa história e, além do mais, vai ganhar um monte de dinheiro.

— Lá isso é verdade.

— Graças a ela, agora você sabe do que é capaz. Um ponto importante para você. Então, faça-me um favor: esqueça esse livro. Esqueça essa história e siga seu caminho... escreva, mas escreva para você mesma! Assuma a responsabilidade. Deseja um homem, mas só sabe rejeitá-lo; tem vontade de escrever, mas hesita. Merda, Jo, tome uma decisão, tanta hesitação e dúvida é exasperante. E acima de tudo, Jo, acima de tudo o mais, pare com essa história de se achar feia e gorda! Você não é nada disso.

— Então por que é assim que me vejo, pode me explicar?

— Audrey Hepburn estava convencida de que era feia, lembra? Todas nós nos achamos feias!

— Você não!

— Bem digamos que, lá no comecinho, eu recebi mais amor que você. Recebi o amor incondicional de uma mãe que tinha que se esconder para poder me amar, mas que me amava loucamente. E meu pai também!

— Como ela era, sua mãe?

Shirley hesitou um instante, fazendo furinhos com o garfo na massa esticada, e falou:

— Ela não dizia nada, não demonstrava muita coisa, mas bastava que eu entrasse no lugar onde estava para que seu rosto se iluminasse, sua testa se distendesse, todas as suas preocupações desaparecessem. Ela não estendia os braços para mim, não me beijava, mas seu olhar passava tanto amor que eu recebia aquilo fechando os olhos de felicidade. Sentia aquele amor tão

intensamente que às vezes fazia de propósito e voltava à sala só para ver a alegria tomar conta novamente do rosto dela! Ela me construiu sem uma palavra, sem um gesto e me deu uma base tão sólida que não tenho as mesmas dúvidas que você...

— E seu pai? — perguntou Joséphine, surpresa ao ouvir

Shirley falando de sua infância e tentando aproveitar a ocasião.

— Meu pai também. Tão silencioso e discreto quanto minha mãe. Nunca um gesto em público, nunca um beijo ou um carinho.

412

Não podia. Mas estava lá, sempre. Os dois, aliás. Sempre estiveram ali e posso garantir que não era fácil para eles... Mas você não teve isso, teve de crescer sozinha, meio mal das pernas. Continua a vacilar até hoje, mas vai conseguir, Jo, vai conseguir!

— Acha mesmo? Depois do que aconteceu ontem à noite com Luca, perdi um pouco as esperanças...

— Foi só uma batalha. Mas não acabou. E se não for com ele, será com outro...

Joséphine suspirou e contou as fatias de maçã que Shirley espalhava agora sobre a massa.

— Por que corta a maçã em fatias tão finas?

— Porque fica melhor... Mais crocante.

— Onde aprendeu a cozinhar?

— Nas cozinhas...

— Muito engraçada!

— Fim das confidências por hoje, minha cara. Já falei

demais... Na verdade, você está ficando muito espertinha...

Shirley colocou a torta de maçã no forno, apertou o cronômetro e propôs que abrissem uma boa garrafa de vinho para festejar a vida nova.

— Minha vida nova ou meu último fracasso?

— *Your new life, stupid!*

Estavam brindando à nova audácia de Joséphine quando Gary entrou na cozinha, seguido de Hortense. Estava com o capacete da moto embaixo do braço e os cabelos arrepiados. Deu um beijo nos cabelos da mãe.

— Já acabou suas tortas, *mummy* querida? Se quiser, posso fazer as entregas. Estou com a scooter de um amigo...

— Não quero que ande de scooter. É muito perigoso! — gritou Shirley, batendo na mesa com a palma da mão. — Já falei mais de mil vezes!

— Mas eu vou junto, posso tomar conta dele — disse Hortense.

— Claro! Ele vai dirigir com a cabeça virada para você e vão acabar batendo. Não! Posso me virar sozinha ou peço ajuda a Jo.

413

Jo concordou com a cabeça. Os dois adolescentes se entreolharam suspirando.

— Não sobrou um pedacinho de torta? Estou morrendo de fome — balbuciou Gary.

— Articule as palavras quando fala, não dá para entender

nada. Pode comer esse pedaço, passou do ponto... Quer também,

Hortense?

— Torta engorda...

— Esse risco você não corre — disse Joséphine, sorrindo.

— Quem quer ficar magra, mamãe, precisa tomar cuidado o tempo todo.

— Ah, ia esquecendo, tenho notícias de Max — continuou

Gary, de boca cheia. — Voltou para Paris e está morando com a mãe... Não aguentava mais as cabritinhas!

— Voltou para a escola?

— Não. Já tem 16 anos, não é obrigado...

— Mas então está fazendo o quê? — perguntou Joséphine, inquieta.

— Por aí... Apareceu lá na escola.

— Vai acabar mal — prognosticou Hortense. — Está vendendo fumo e jogando pôquer com a mãe na internet...

— E a sra. Barthillet? — perguntou Joséphine.

— Parece que está sendo sustentada por um sujeito manco.

É assim que Max o chama... O manco!

— Poderia ser um bom rapaz, Max — suspirou Joséphine. —

Acho que devia ter ficado com ele...

— Max em minha casa! Eu ia embora! — protestou Hortense.

— Vamos, Gary, vamos experimentar a scooter... Prometo que não vamos fazer nenhuma loucura, Shirley.

— Onde estão indo?

— Iris nos convidou para ir vê-la no estúdio fotográfico Pin-up. Vai fazer uma série de fotos para a *Elle*. Começa em uma horinha. Gary vai me levar e vamos ficar por ali um pouco. Iris quer minha opinião sobre as roupas. Pediu que fizesse um look para ela. Vamos fazer compras juntas na semana que vem...

414

— Não estou gostando nada disso, nada, nada — resmungou Shirley. — Tome muito cuidado, Gary, promete? E não esqueça o capacete! E voltem para o jantar!

Gary deu um beijo na testa da mãe, Hortense acenou com a mão para Joséphine e saíram se empurrando.

— Não gosto que ande de scooter, não gosto nem um pouco...

E depois, também não gosto de ver Hortense borboleteando ao redor dele. Durante o verão, na Escócia, ele se esqueceu dela. Não queria que começasse tudo de novo, sua obsessão por ela...

— Eu já joguei a toalha no que diz respeito a Hortense: vai fazer 16 anos, é a primeira da turma, os professores se desmancham em elogios. Não tenho do que reclamar... E mesmo que tivesse, não tenho forças para me opor a ela. Está cada vez mais independente. É engraçado quando a gente pensa: há apenas dois anos, Hortense ainda era uma menina...

— Hortense nunca foi uma menina, Jo. Sinto muito, não queria magoá-la, mas sua filha sempre foi meio sacana.

— Melhor mudar de assunto ou vamos acabar brigando. Você nunca gostou dela.

— Claro que sim. Há muito tempo. Mas não gosto do jeito

como ela trata as pessoas. Manipula um, explora o outro, não tem nenhum coração.

— Quando o assunto é seu filho, você....

— Bandeira branca! Vamos parar. Vem comigo entregar os bolos?

Marcel Grobzs, semienterrado num casacão de tweed e numa echarpe de xadrez amarelo, estava sentado num banco embaixo da glicínia do pátio e contemplava com um olhar abatido os salgueiros nodosos e secos perolados por gotinhas de chuva. Ela tinha desaparecido há 15 dias. Tinha se abaixado, pegado a mala e, fazendo plic, plac com os saltinhos finos, saiu porta afora. Plic, plac nos paralelepípedos do pátio, plic, plac, empurrando a grade do portão. Ele não teve forças para ir atrás dela. Esmagado pela tristeza, seguiu o barulho dos saltos e caiu na cadeira colocada bem em frente à escrivaninha de Josiane. Desde então, ele sentava no primeiro lugar que aparecesse quando tinha um momento de sossego, ouvia de novo o ruído seco e decidido dos saltos de Josiane e ficava com o coração apertado.

415

Uma folha morta se destacou de uma árvore e caiu rodopiando a seus pés. Inclinou-se para pegá-la e esmagou-a entre os dedos. Sem Josiane, não tinha vontade de lutar. E Deus sabe que precisava de todas as suas forças naquele momento. Estava travando a batalha mais dura de sua carreira. Por ela, por eles, por

aquele bebê de que falavam há tanto tempo e que se fazia esperar.

Ginette o viu pela janela do ateliê, estacionou o monta-cargas

e se aproximou. Limpou as mãos no macacão e, dando uma

palmada em suas costas, sentou a seu lado no banco.

— E aí, meu velho, a coisa está feia?

— Muito, sem ela não dou um passo...

— Não devia ter deixado ela ir. Você também esticou demais

a corda, Marcel! Qualquer um entende os motivos de Josiane... Não

aguentava mais esperar, a pobre!

— Acha que gosto de deixá-la esperando?

— Só depende de você! Há anos que fala, fala, fala e não faz

nada! É claro que ela ia achar que tem gato nessa tuba. É só pedir o

divórcio que as coisas se arranjam num segundo.

— Não posso pedir divórcio nesse momento, estou no meio de

um grande negócio! Não conte a ninguém, Ginette, nem para o

René! Promete!

— Prometo. Você me conhece, sou menos faladeira que um

túmulo!

— Estou fechando a compra do maior fabricante asiático de

móveis e artigos para a casa. É enorme, enorme! Hipotequei todos

os meus bens, raspei o cofre e não posso pagar o luxo de uma

separação de Henriette. Ela ia exigir na mesma hora tudo a que tem

direito: metade da minha fortuna! Faz um ano e meio que essa

história está engatilhada. Ninguém sabe. Tenho que agir no maior

segredo e a coisa está se arrastando. Contratei um batalhão de

advogados para tentar acelerar o negócio, mas é inútil, não consigo.

Por que acha que fui passar um mês inteiro na China? Viagem de lazer?

— Por que não contou a ela?

Marcel fez uma careta e se encolheu no casaco.

— Depois da história com Chaval a confiança diminuiu. Não é que goste menos dela, não, mas desconfio. Sou velho, ela é jovem, pode cair nos braços de Chaval de novo, em busca de carne fresca.

416

É um velho instinto que tenho desde a infância. Aprendi a temer o pior, a suspeitar de traição. Então prefiro que ela me ache um babaca...

— O que ela acha com certeza é que está morrendo de medo e nunca vai deixar a Vassoura de Chapéu!

— Depois que tudo estiver pronto e assinado, vou ficar com as mãos livres. Dei um jeito para que ela não tenha nenhuma participação na nova empresa, nem a mínima participação no capital ou na gestão. Vou garantir uma renda confortável até o fim de seus dias e ela vai ficar com o apartamento. Não vai lhe faltar nada, não vou ser sovina, posso garantir...

— Eu sei, Marcel. Você é um bom homem...

— Mas de que adianta tudo isso sem Josiane? De nada...

Pegou outra folha morta, brincou com ela um instante, girando-a entre os dedos, e deixou cair de volta no chão.

— Esperava tanto esse filho! Esperava tanto poder viver com

ela! Era o motor que me animava: os dois abraçados, tranquilos, em paz, com nosso bebê nos joelhos. Sonhei a vida inteira em ter um filhote e, dessa vez, pensei que tinha conseguido...

Ginette enfiou as mãos nos bolsos do macacão e respirou profundamente:

— Bem, Marcel, tenho duas notícias para você: uma boa e uma ruim. Qual você quer primeiro?

— A ruim. No ponto em que estou... Não paro de amortecer os golpes!

— A ruim é que realmente não sei onde ela está. Não faço a mínima. Não me disse nada, não ligou, não mandou nenhum sinal de vida...

— Ah! — deixou escapar Marcel num suspiro decepcionado.

— Pensei que soubesse e não dissesse nada porque ela tinha pedido. Achei que ia passar você na conversa, sabia?

— Pois ela não ligou... Deve estar realmente furiosa, para me colocar no mesmo saco que você...

Ele deixou a cabeça cair entre as pernas e esperou um instante. Depois se endireitou e perguntou com os olhos vazios:

— E a boa?

417

— A boa? A boa é que ela está grávida. De três meses. Ia lhe contar quando vocês brigaram...

A boca de Marcel se abriu num “oh!” de surpresa maravilhada e seus olhos ganharam a inocência de um olhar de

criança. Gaguejou, balançou a cabeça, os ombros. Seu corpo começou a vibrar como se o bebê repousasse em seu ventre e dançasse lá por dentro. Agarrou a mão de Ginette com tanta força que faltou pouco para quebrar algum osso.

— Pode repetir, hein, pode repetir para mim?

— Está grávida, Marcel. E louca de alegria... Ficou sabendo logo depois de sua partida para a China e, se não fosse a visita da Vassoura de Chapéu com a foto da russa, ia gritar no telefone até arrebentar seus tímpanos...

— Está grávida! Está grávida! Obrigado, meu Deus, obrigado!

Olhava para o céu juntando as mãos, e as falanges dos dedos ficaram brancas de tanto que apertava. Enfiou novamente a cabeça entre as pernas como se quisesse vomitar no chão o bolo de espera e angústia acumuladas nos últimos meses. Parece um macaco grande, pensou Ginette com carinho. De repente ele se endireitou, seu olhar endureceu e, virando-se para Ginette, perguntou:

— Ela vai ficar com ele?

— As pernas dela só faltavam tricotar de tanta alegria quando ela me contou. E nos dias seguintes, andava pela parte mais lisa da calçada para não incomodar o bebê! Acha então que...

— Vou ser pai, meu Deus! Viu só, Ginette...

Tomou-a nos braços e começou a friccionar seu cabelo.

— Calma, Marcel. Calma que não tenho a menor intenção de ficar careca!

— Mas isso muda tudo! Estava me entregando, tinha

abandonado os exercícios e as vitaminas. Começo de novo agora mesmo. Se está grávida, ela vai voltar... Não pode ficar sozinha com seu pequeno nadador na barriga. O enxoval está todo no meu escritório, o berço, o carrinho, a bomba de leite, os walkie-talkies, até um trenzinho elétrico! E ela sabe... Vai voltar... Não vai guardar toda a alegria só para ela. Não é uma sovina. Sabe como esse pimpolho é importante para mim.

Ginette olhou para ele sorrindo. A alegria de Marcel era tocante, mas estava menos certa sobre a volta de Josiane. Não é

418

uma galinha morta, Josiane. Criar uma criança sozinha não deve lhe dar medo. Deve ter colocado um dinheirinho de lado e, com o pecúlio que Marcel formou para ela ao longo dos anos, está coberta por algum tempo.

Mas não disse nada e, antes de voltar para o ateliê, fez

Marcel jurar que não diria nada a Josiane caso ela decidisse sair do esconderijo.

— Boca fechada, certo, Marcel?

Marcel fez uma cruz sobre a boca e também cruzou os dedos.

— Prometa que vai me contar se ela ligar.

— Ficou maluco? Não vou traí-la, é minha amiga.

— Não precisa me dizer onde ela está. Basta “olhe, ela ligou, está bem, engordou três quilos, está com dor nas costas, está usando almofadas quando se senta, está com um desejo louco de marrom-glacê...” E não esqueça de perguntar se a barriga é

pontuda, sinal de que vai ser menino, ou redonda para os lados, sinal de menina... Diga também para ela não esquecer de se alimentar bem, de não fazer economia na carne vermelha, de deitar cedo, de dormir de costas para não esmagar o bebê...

— Ora, Marcel! Também não precisa exagerar, não?

— Diga só mais uma coisinha: que sua conta no banco vai explodir de satisfação! Nada vai lhe faltar, não pode faltar nada para a minha Doçura! E que tome cuidado, nada de abusar!

— Ouça aqui, Marcel, tive três filhos. E sobrevivi. Acalme-se, homem!

— Prudência e canja de galinha nunca fizeram mal a ninguém. Ela não está habituada a ficar de papo para o ar! Pode abusar...

— Vou voltar ao batente. Você não me paga para ficar grudada no telefone, paga?

Marcel levantou num salto, abraçou um galho da glicínia e beijou-o. As gotas de chuva escorreram sobre seu rosto. Parecia que estava chorando de felicidade.

Iris jogou a revista na mesinha fazendo uma careta. Tinha caído numa armadilha. Recebeu a tal jornalista em sua casa.

Mandou que Carmen servisse o chá numa grande bandeja de madeira escura lavrada de Brown and Birdy, brindou-a com uma

419

torta de limão com merengue e respondeu às perguntas com serenidade e desenvoltura. Tudo perfeito, bastaria gritar “Ação!” e a

câmera poderia gravar! Cena 14. Escritório da escritora em questão, fim de um dia de outono: ela recebe a jornalista em seu escritório. Espalhou alguns livros pelo chão, amassou papéis, pousou a caneta-tinteiro em cima de um caderno aberto e colocou um jazz em surdina: a voz rouca de Billie Holiday sublinhando seu desesperado desalento. Tudo perfeitamente arranjado, pelo menos era o que ela pensava...

Sua despreocupação foi tachada de arrogância. Só faltou me chamar de burguesa esnobe e metida a besta!, fulminou Iris. Releu o artigo. Sempre as mesmas perguntas: em que a relação homem-mulher no século XII era diferente da de hoje? Quais os problemas que as mulheres enfrentavam naquela época? Elas realmente estão mais felizes no século XXI do que no XII? O que mudou realmente? A modernidade e a igualdade não comprometem, *in fine*, a paixão? “As mulheres não têm mais segurança afetiva hoje do que no passado”, respondeu Iris, “apenas se acomodam melhor. A única segurança possível seria se afastar dos homens, não precisar mais deles, mas isso seria morrer um pouco — pelo menos para mim”. Nada mal, na verdade. E nada arrogante também. “Não existe um homem ideal. O homem ideal é aquele que a gente ama. Pode ter 18 ou 80 anos, não tem uma regra. Desde que haja amor! Não conheço nenhum homem ideal, conheço homens, alguns que amo, outros que não. — Poderia amar um rapaz de 18 anos? — Por que não? Quando a gente ama, não faz contas. — Qual é a sua idade? — A idade que o homem que amo quiser me dar.”

Sentiu as lágrimas de irritação queimarem seus olhos. Pegou outra revista e procurou a página em que falavam dela. Não podia folhear uma publicação sem dar de cara consigo mesma. Às vezes, se via com ternura, às vezes com irritação. Blush demais no rosto, péssima luz, oh!, estou linda aqui! Mais do que tudo, gostava de posar para os fotógrafos. Sabia se oferecer a eles, fazia caras e bocas, caía na risada, colocava um chapéu enorme, esmagava a ponta do nariz com o indicador enluvado... Não se cansava nunca.

Página 121. O artigo de um velho crítico literário intelectual e resmungão, conhecido pelos comentários ácidos e julgamentos implacáveis. Iris leu as primeiras palavras com ansiedade e suspirou, aliviada. Tinha gostado do livro: “A ciência e o talento reunidos na mesma pena. Detalhes que se interligam, impulsos d’alma que se inflamam. Um vocabulário que não cultiva o

420

hermetismo, mas sabe ser límpido sem ser transparente...” Bonito isso: “Límpido sem ser transparente!” Iris estendeu a ponta da manta até o pé — estava com frio — e tocou a campainha chamando Carmen — estava com sede. Lembrava muito bem daquele jornalista, tinha se encontrado com ele num jantar com Philippe, quando Joséphine estava mergulhada na escrita. Assumiu um ar humilde para ouvi-lo e falou a respeito de Chamfort. Ele era especialista em Chamfort. “Todo homem que não é misantropo aos quarenta anos nunca amou os homens.” Leu em seus olhos um brilho de reconhecimento e calou-se.

No próximo romance, Joséphine precisava tocar uma partitura mais erudita, menos simplista. Aquela história de maridos que se sucedem deixando a heroína cada vez mais rica é ótima, mas talvez um pouco sentimentalóide. Não me faz justiça, afinal. Não espanta que me tomem por uma idiota! O próximo tem de ser mais obscuro, mais ferino, menos grande público, mas igualmente límpido.

Deu um chute na pilha de revistas e resolveu ignorá-las. O estágio seguinte será obrigá-los a falar comigo como se faz com um grande escritor. Que parem de fazer perguntas cretinas! O que posso saber, eu, das relações homem-mulher? Sou casada há 15 anos, fiel a ponto de morrer de tédio e o único homem que amo vive não sei onde, entre Londres, Nova York, Budapeste, o sul da França e o norte de Mali. Ele vai para onde lhe der vontade, não pertence a nenhum país, a nenhuma mulher, interrompe uma filmagem por causa de ameaças de morte e retorna, contente e feliz, para encontrar seus atores que o veneram e aceitam qualquer coisa vinda dele! Usa sempre o mesmo jeans surrado e um boné de lã. Um boêmio genial. É o que deveria ter dito àquela idiota! Gabor Minar. O belo, célebre Gabor Minar foi meu amante e eu ainda o amo. “Permanecer fiel a um velho amor é às vezes o segredo de uma vida inteira.” Aí eu ia estar nas manchetes de todos os jornais! Gabor...

Finalmente, ia revê-lo.

Philippe convidou-a para ir ao festival de cinema de Nova

York. Gabor estaria lá. Era o convidado de honra. Iris se encolheu sob a manta e pensou: sinto falta do seu amor ou da glória, da celebridade, do brilho que teria se tivesse ficado a seu lado? Na realidade, quando o conheci, ele não era ninguém. Minha paixão aumentou no tempo em que ficamos afastados, junto com sua

421

fama. Será que só amo Gabor porque ele se transformou em Gabor Minar, o grande cineasta reconhecido no mundo inteiro? Afastou aquele pensamento incômodo da cabeça e mudou de rumo: eles tinham sido feitos um para outro, o erro foi ter me casado com Philippe. Vou me encontrar com ele, vou vê-lo e talvez a minha vida inteira mude. De que valem 15 anos de ausência diante da força do nosso amor? Ele não vai ter medo, vai me raptar como um guerreiro e me sufocar de beijos... Ele me sufocava de beijos quando estudávamos juntos em Columbia. Encolheu-se sob a manta e examinou o esmalte perfeito das unhas. Foi interrompida por Carmen, que trazia o chá.

— Alexandre voltou da escola. Tirou oito e meio em matemática.

— Não me disse nada! Sabe que estou no escritório?

— Sabe, eu falei. Ele respondeu que tem um monte de dever para amanhã. Como estuda, esse menino!

— Está imitando o pai...

Iris estendeu o braço, pegou a xícara fumegante de chá que Carmen lhe estendia e se recostou novamente.

— Imita o pai em tudo! E anda me evitando. É normal, é da idade. O pai se transforma no modelo e a mãe não serve mais para nada. Mas tudo isso muda mais tarde... Como os homens são previsíveis, Carmen!

Bocejou, escondendo a boca com um gesto elegante.

Josiane acordava às nove da manhã, ligava para o serviço de quarto, pedia o café, subia na balança, anotava seu peso, se vaporizava com uma nuvem de *Chance*, de Chanel, e deitava novamente para ouvir o horóscopo na RTL. O astrólogo não errava nunca. Podia prever o clima de seu dia ao ouvi-lo. Pedia sempre um *continental breakfast*, mas não conseguia comer os ovos, apesar dos conselhos do ginecologista, que prescrevia proteínas desde a manhã. Esse monte de gordura e fritura pode ser bom para os *english*, dizia ela tapando o nariz — tinha começado a falar sozinha, já que não tinha outra compainha. Gostava mesmo de uma boa baguete com manteiga, mel e geleias. Puxava a ponta dourada de um brioche, comia a casquinha e deixava de lado. Ah!, se minha

422

mãe me visse agora! Ia me fazer engolir com um tabefe ou enfiaria rapidamente no bolso.

Pensava cada vez mais na mãe.

Junto com o café da manhã, pedia os jornais e, folheando-os, ligava a TV para ver o programa de Sophie Davant. Bom dia, Sophie, como vai?, dizia, enviando um beijo para a apresentadora, recostada nos travesseiros. Mergulhada nas plumas macias e

conversando com ela em voz alta, assistia com verdadeiro prazer:

essa pelo menos não era sebosa! Tem toda a razão, Sophie, puxe mesmo o cabresto desse idiota! E quando Sophie se despedia, levantava, ia até a varanda e esticava os braços de um lado e de outro para se alongar. Tomava uma chuveirada, descia para o Restaurant des Princes e escolhia as pratos mais caros do cardápio. Queria experimentar o que não conhecia. É aqui que vou completar minha educação, pensava degustando um *blini* com caviar.

À tarde, saía para um passeio, vestida com o casaco de vison comprado na avenue George-V, num dia de shopping. Precisava ver a cara da vendedora quando tirou seu cartão Platinum dizendo “vou levar esse aqui”, o dedo apontado para aquela maravilha! Sentiu uma alegria enorme. Ficava passando aquele filme na memória mil vezes, sem se cansar. Você?, dizia a cara de desgosto da moça; você, uma grande pé de chinelo, vai vestir um casaco de superluxo? Sim, eu mesma, Doçura, vou carregar sua pele de coelho metida à besta!

Tinha de reconhecer que esquentava que era uma beleza. Era incontestável, os ricos entendem mesmo do assunto. São os campeões do conforto. Enquanto a gente se defende com um tricô de lã, eles se aquecem com peles.

Portanto, foi se pavonear com seu coelho chique pela avenue George-V, apertando a gola macia contra o rosto. Desceu a avenue Montaigne e, diante de cada tentação, puxava o Plantinum. E sentia a mesma satisfação diante das caras desdenhosas de vendedores e vendedoras. Não se cansava. Isso, isso e aquilo:

apontava com o dedo e plaft, sacava a arma fatal. Só uma respondeu com um grande sorriso: “Vai adorar esse artigo, madame...” Ela perguntou seu nome de batismo e lhe deu uma bela echarpe de caxemira de presente. Ficaram amigas. À noite, depois do trabalho, Rosemarie vinha jantar com ela no Restaurant des Princes.

Ficou feliz com a companhia. Às vezes, sentia-se sozinha e era como se uma grande capa negra caísse sobre seus ombros.

423

Sobretudo à noite. Mas ela não era uma exceção. Havia caminhões de ricos solitários no George. Era o nome que tinha dado ao hotel onde residia: o George-V. De tempos em tempos, Rosemarie ficava para dormir. Encostava a cabeça em seu ventre e tentava adivinhar se era um menino ou uma menininha. E escolhiam os nomes. “Nem adianta quebrar a cabeça, se for menino, vai se chamar Marcel, mas se for menina, posso escolher.”

— E de onde você tira toda essa grana? — perguntava

Rosemarie, espantada com as despesas de Josiane.

— Do meu cara, ora! Ele me deu o Platinum numa noite de Natal em que me deixou sozinha para ficar com a Cabo-de-vassoura! Com a conta junto, claro!

— Parece um cara legal.

— É, mas enrola que é uma beleza... E para despertar um sujeito, nada como um banho de água fria, tipo desaparecer sem deixar pistas. Ele deve estar preocupado, inseguro, com a cabeça

fervendo... Sinto isso na pele. Eu e Marcel temos uma ligação, posso até vê-lo pisar no acelerador. Ginette deve ter lhe contado do pimpolho e ele já deve ter partido para a ação...

— E como ele é, esse Marcel?

— Não é nenhum garoto, nenhum modelo de beleza. Mas gosto dele. Viemos do mesmo mundo...

Rosemarie suspirava e apertava o controle remoto: canais em todas as línguas, canais de filmes pornô, canais com apresentadoras cobertas por véus.

— É um mundo estranho, esse! — comentava. — Vai ficar muito tempo por aqui?

— Até ouvir o chamado do Grão-Vizir. Um dia, vou acordar e saber que ele dispensou a Cabo-de-vassoura. Então voltarei... do mesmo jeito que parti, com a minha malinha.

— E o seu vison!

— Meu coelho chique! Quero que meu bebê respire luxo.

Quero que ele se embriague de prazer, todo enroladinho no meu útero. Por que pensa que me farto disso tudo? Acha que é por mim?

Por mim, gosto tanto do nosso patê de Mans quanto do caviar do Irã. Mas quero que ele mastigue bem, que não perca um grãozinho sequer...

424

— Vou lhe dizer uma coisa, Josiane, você vai ser uma mãe e tanto!

E ela não se cansava desse tipo de elogio.

Um dia, quando retornava de seu passeio cotidiano,
mergulhada no vison, viu Chaval encostado no balcão do bar do
hotel. Aproximou-se, cobriu seus olhos com as mãos e buzinou:
“Adivinha quem é?” Ficava felicíssima de ver uma cara conhecida.

Mesmo que fosse a de Chaval.

— Não quer me pagar um drinque?

Ele olhou para a entrada do bar, para o relógio e fez sinal
para que ela sentasse.

— O que está fazendo por aqui?

— Esperando...

— Ela está atrasada?

— Está sempre atrasada... E você?

— Estou acampada aqui.

— Ganhou na loteria?

— Quase. Tirei a sorte grande!

— Algum velho rico?

— Pode tirar a palavra velho de seu dicionário quando falar
comigo...

— Quem é?

— Papai Noel...

Subiu no tamborete alto do bar e seu casaco abriu, exibindo
o ventre redondo.

— Uau! Está de barriga! Parabéns. Saiu da empresa, então?

— Ele não quer que eu trabalhe. Quer que fique de papo para
o ar.

— Então não soube o que houve com o velho Grobz?

O coração de Josiane disparou. Aconteceu alguma coisa com Marcel.

— Ele morreu?

— Está maluca? Acabou de fechar o negócio do ano.

Comprou o maior fabricante de produtos para a casa. Foi o rato

425

engolindo o elefante. Só se fala nisso no meio empresarial! Ninguém sabia de nada. Com certeza, teve a cumplicidade de algum banco e jogou todas as fichas nessa batalha, só via isso na frente...

Foi então que Josiane entendeu. Ele não estava com medo da Cabo-de-vassoura, só estava esperando a conclusão do negócio. E enquanto a coisa não estivesse assinada, tinha que se fazer de morto. Henriette o amarrou pelos colhões. Ela o atacou em seu próprio terreno, mas ele acabou vencendo. Era mesmo o melhor, o seu Marcel! E pensar que duvidou dele... Pediu um uísque purinho, pediu desculpas a Júnior pelo álcool e bebeu ao sucesso de seu homem, sem dizer seu nome. Chaval não parecia nada bem. Seu corpo não reagia. Parado ali, enterrado na cadeira, lançava olhares ansiosos para a entrada.

— Vamos, Chaval, anime-se. Nunca vi você se curvar para mulher alguma!

— Vou lhe dizer uma coisa, minha cara, já esqueci o que é verticalidade. Só faço me arrastar, me arrastar... Não sabia que doía tanto.

— Você me dá pena, Chaval.

— Pois é, o pior acaba sempre acontecendo!

— O pior ou o melhor! Vou brindar ao melhor. A fila anda, a fila anda mesmo... Imagine que já fui louca por você!

Desceu do tamborete com todo o cuidado, passou pela recepção para pedir que fechassem sua conta no dia seguinte e foi para o quarto. Queria tomar um banho.

Estava repousando na espuma perfumada, brincando com as bolhas coloridas, pegando-as com as pontas dos dedos para estourá-las em seguida, falando da felicidade futura para os espelhos que cobriam as paredes quando sentiu um chute rasgar seu ventre. Quase sufocou, se encolheu, lágrimas de êxtase rolaram de seus olhos, deu um grito, mergulhando na água da banheira:

“Júnior, é o Júnior!”

Pernas desfilavam diante do nariz de Joséphine. Pernas pretas, pernas beges, pernas brancas, pernas verdes, pernas listradas. Acima das pernas, havia camisas, polos, jaquetas, impermeáveis, mantôs. Um rumor confuso e um balé incessante. A poeira ardia nos olhos, na garganta, vinda da passarela. Estavam na primeira fila, podiam tocar os modelos que desfilavam a um metro delas. Ao lado de Jo, reta e concentrada, Hortense tomava

426

notas. Iris tinha ido para Nova York. Antes de partir, disse a Joséphine: “Tenho dois convites para o desfile de coleção masculina de Jean-Paul Gaultier. Por que não vai com Hortense? Ela vai

gostar e você podia usar como inspiração para um próximo romance. Não vamos ficar o tempo todo na Idade Média, não é mesmo, querida? Talvez seja o caso de pularmos alguns séculos no próximo...” Não vou escrever um segundo, nem um terceiro livro para ela, ruminou Joséphine, examinando o sujeito de kilt que girava na frente dela. Joséphine aceitou os convites, liberados no nome de Iris Dupin, e agradeceu dizendo que Hortense ficaria encantada. E desejou uma boa estadia em Nova York. “Ah, sabe como é... Ida e volta, só um fim de semana...”

Joséphine olhou disfarçadamente para a filha. Ela examinava cada modelo, anotava os detalhes, rabiscava golas de casaco, mangas, golas de camisa, gravatas. Não sabia que se interessava também por moda masculina. Tinha prendido os cabelos e estava com a ponta da língua apoiada no lábio superior, sinal de concentração. A capacidade de trabalho de sua filha a impressionava. Mas sua atenção voltou à passarela. Iris tem razão: observar e tomar notas. Sempre. Mesmo sobre assuntos que aparentemente não interessam, como aqueles homens magníficos que avançavam em passos largos. Alguns caminhavam reto, os olhos apontados para o vazio; outros sorriam e faziam sinais para os amigos que estavam na plateia. Não, não vou escrever outro livro para Iris! A atitude da irmã só fazia irritá-la. Não que sentisse inveja dela, toda aquela exposição pública seria insuportável, mas porque via a irmã torcer suas palavras numa paródia infame. Iris dizia qualquer coisa. Dava receitas de cozinha, de beleza, o endereço de

um hotel charmoso na Irlanda. Joséphine sentia vergonha por ela e, a cada vez, dizia consigo: quem deu origem a essa farsa fui eu. Não devia ter aceitado. Fui fraca. Sucumbi ao peso do dinheiro.

Suspirou. É verdade que a vida tinha ficado bem mais agradável.

Não precisava mais fazer contas. Nunca mais. No Natal, levaria as meninas para o sol. Escolheria um lugar num catálogo de papel glacê e as três passariam o feriado juntas.

Hortense estava virando as páginas de seu caderno de croquis e o barulho das folhas trouxe Joséphine de volta ao desfile de moda. Um homem alto, moreno, de rosto afilado, que tinha acabado de entrar e desfilava ignorando o mundo a seus pés, chamou sua atenção. Luca! Estava com um paletó preto e camisa branca com uma longa gola assimétrica. Levou um susto. Ele

427

avançava olhando direto para a frente, seu rosto enigmático parecia colado a um corpo desconectado. Parecia um manequim de cera.

Ah, é daí que ele tira seu mistério, pensou. Aprendeu a se retirar do próprio corpo para fazer esse trabalho que detesta e, mesmo quando não está desfilando, continua a caminhar separado de seu envelope físico.

Ele passou várias vezes na frente dela. Tentou atrair sua atenção fazendo pequenos gestos com a mão. Quando o desfile chegou ao fim, a tropa de modelos retornou para saudar o público, cercado Jean-Paul Gaultier, que se inclinava com a mão pousada no coração. A atmosfera na passarela era relaxada, simpática e

Luca estava ao alcance de sua mão. Estendeu o braço para ele e pronunciou seu nome em voz alta.

— Conhece esse cara? — perguntou Hortense, espantada.

— Conheço...

Repetiu “Luca, Luca”. Ele virou para ela. Seus olhos se cruzaram, mas os de Luca não expressavam nem surpresa, nem alegria ao vê-la.

— Luca! Foi maravilhoso! Bravo!

Ele a examinou com um olhar frio, distante, daquele tipo que se dá a uma admiradora insistente, para mantê-la a distância.

— Luca! Sou eu, Joséphine...

Ele virou a cara e se misturou ao grupo de modelos que cumprimentavam e foram embora.

— Luca? — tentou mais uma vez Joséphine, com uma voz vacilante.

— Ele não conhece você.

— Claro que conhece... É ele!

— O Luca com quem você ia ao cinema?

— É.

— Ele é gatíssimo!

Joséphine sentou de novo, mal contendo a emoção.

— Não me reconheceu. Não quis me reconhecer.

— Não esperava ver você aqui! Ponha-se no lugar dele...

428

— Mas... mas... outra noite, em Montpellier, ele me tomou

nos braços e me beijou...

Estava tão tonta que esqueceu que estava falando com a própria filha.

— Mamãe! Dando uns amassos com aquele cara?

— Não fizemos nada além disso, mas, depois de uma conferência, ele me beijou... disse que era maravilhosa, que o acalmava, que se sentia bem comigo...

— Tem certeza de que não está fazendo confusão, de que não está cansada demais?

— Não, juro. É ele, é Luca. O que me leva ao cinema... Com quem saio para tomar café na biblioteca, que está escrevendo uma tese sobre as lágrimas na Idade Média...

— Você está delirando, mamãe! Volte à terra. O que um cara lindo desse jeito ia estar fazendo com uma mulher como você, me diga? Pense um pouco...

Joséphine abaixou a cabeça, envergonhada, triturando a ponta das unhas.

— É o que não paro de me perguntar. Foi por isso que o rejeitei outro dia em Montpellier, quando me beijou... Não foi por virtude, mas porque tinha medo de ser feia demais para ele.

— Você rejeitou esse cara! — exclamou Hortense com uma voz cheia de excitação. — Só posso estar louca! Vou ter que refazer todas as minhas bases de cálculo! Você rejeitando um gato desses!

Tentando se controlar, ela se abanava com o caderno de croquis. Joséphine estava arrasada na cadeira. Os lustres

suspensos no teto foram se apagando, um a um.

— Venha, vamos... Não tem mais ninguém aqui — declarou

Hortense.

Puxou-a pela manga e saíram. Joséphine lançou um último

olhar para trás na esperança de que ele aparecesse, de que, enfim,

a reconhecesse.

— Juro, querida, não estou inventando histórias.

— Claro, claro...

Não quis me ver. Tem vergonha de mim. Ficou sem graça

quando falei com ele. Nunca mais vou conseguir olhá-lo nos olhos.

Vou fugir dele... Não vou mais à biblioteca.

429

Tinham instalado um bufê no fundo de um grande salão

vermelho e dourado. Hortense propôs que bebessem um suco de

laranja ou uma taça de champanhe.

— Ia lhe fazer bem, porque desse jeito parece que está com

um parafuso a menos, mãezinha querida...

— Mas garanto que...

— Claro, claro... Vamos, venha comigo!

Joséphine se afastou.

— Acho que vou jogar uma água no rosto... A gente se

encontra no hall em 15 minutos, certo?

— Meia horinha?

— Tudo bem. Não mais que isso... Preciso voltar para casa.

— Você não é *funny*! Nem no dia em que finalmente saímos

da toca.

— Meia hora, Hortense, nem um minuto a mais!

Hortense se afastou dando de ombros e resmungando “sem graça!”, Joséphine foi para o banheiro. Nunca tinha visto toaletes tão luxuosos. Uma salinha pequena, batizada de *Powder Room* em letras cor-de-rosa sobre a porta cinza, fazia as vezes de antecâmara onde se abriam quatro portas cinzentas emolduradas por um filete de pintura rosa. Empurrou uma delas ao acaso e entrou numa peça redonda, toda de mármore, com uma pia profunda, toalhas macias dispostas a seu redor, um vidro de água-de-colônia, sabonetes, creme para as mãos, escovas de cabelo. Olhou-se no espelho. Seu rosto estava devastado. A boca tremia. Encheu a pia d’água e mergulhou a cabeça. Esquecer Luca. Esquecer o olhar de Luca. Esquecer o olhar frio de Luca dizendo: não conheço você. Não respirar, continuar com a cabeça debaixo d’água. Aguentar até os pulmões rebentarem. Sufocar debaixo d’água para esquecer que estou sufocando sobre a terra. Não quis me reconhecer. Aceita me tratar como uma igual em Montpellier, no meio universitário, mas sob os lambris dourados de um hotel de luxo, entre essas criaturas sofisticadas, ele me ignora. Seus pulmões ameaçavam explodir, mas continuou aguentando. Esquecer Luca. Esquecer o olhar frio de Luca. Aquele olhar... Nem hostil, nem agressivo. Vazio, apenas vazio. Como se eu não existisse... Estou me fazendo mal agora, enchendo meus pulmões de ar até os tímpanos explodirem, porque sei que a dor física vai substituir a dor mental. É o que fazia

quando ficava triste, ainda menina. Cortava o dedo ou queimava a pele sob as unhas. Doía tanto que esquecia a outra dor. Cuidava do dedo dolorido, falava com ele, acarinhava, dava beijinhos e todo o seu sofrimento passava nesses beijos, apagando a voz da mãe, que dizia, empurrando-a: “Como você é desajeitada, Jo, um pouco de postura, mire-se no exemplo de sua irmã!” Ou: “Joséphine não tem o brilho de sua irmã, não sei o que vou fazer, essa menina definitivamente não é bem-dotada para a vida.” E ela se trancava no quarto, se feria e depois se consolava. Era um ritual que mantinha sem fraquejar. Pálida, digna, raivosa. Funcionava. E ela voltava aos cadernos e aos estudos. Vou me encontrar com Hortense e não vou mais pensar em Luca. Mergulhou a cabeça na pia mais uma vez e ficou ali, sem respirar, até o limite de sua resistência. Engoliu água, mas continuou com a cabeça afundada, agarrando as bordas da pia. O sangue batia em suas orelhas, pulsava em sua têmporas e sentia os maxilares prestes a explodir.

Ele a encarou com frieza, deu meia-volta e foi embora. Como se ela não valesse a pena, como se simplesmente não existisse.

Tirou a cabeça da pia respingando água por todo lado, molhando as toalhas imaculadas e brancas, as embalagens dos sabonetes. Apertou os braços ao redor do corpo e abraçou-se com força. Vou morrer, vou morrer. Estava sufocando, a garganta fechada. Levantou a cabeça, tentou puxar o ar para os pulmões. Viu no espelho a figura lívida de uma afogada e uma lembrança

explodiu em sua memória. Papai, os braços de papai, sua voz, você é uma criminosa, e ela cuspiu água salgada e chorando... Sentiu um arrepio de horror. Tudo retornava. O banho de mar com a mãe e Iris numa tarde de verão nas Landes. O pai ficou na praia, não sabia nadar. A mãe e a irmã se jogaram correndo nas ondas, zombando dele, que ficou na beira, vigiando. Não vão muito fundo, o mar aqui tem muita corrente, é perigoso... Sua mãe era uma excelente nadadora. Mergulhava no mar e desaparecia, nadando um crawl potente e regular. Quando eram pequenas, as meninas ficavam olhando ela se afastar, mudas de admiração. Aprenderam a nadar com ela. Não se cansava de jogá-las na água e levá-las para longe, dizendo: “Nada melhor que a natação para formar o caráter.” Naquele dia o mar estava calmo. Elas boiavam, batiam os pés enquanto o pai, muito nervoso na beira d’água, fazia grandes gestos com os braços. A certa altura, a mãe olhou para a areia e disse: “Estamos um pouco longe, realmente, vamos voltar, talvez seu pai tenha razão, o mar aqui é perigoso...” Não conseguiram voltar.

431

Inútil nadar, nadar com todas as forças, a corrente arrastava as três. O vento tinha aumentado, as ondas se enfeitavam de pequenas cristas de espuma ameaçadoras. Iris começou a chorar, “não vou conseguir, mamãe, não vou conseguir”. A mãe apertou os dentes, “cale-se, não chore que não adianta nada e trate de nadar!”. Joséphine podia ler o medo em seu rosto. E depois o vento soprou mais forte e a luta ficou ainda mais dura. Penduraram-se no

pescoço da mãe, bebendo água. As ondas batiam em seus rostos, a água salgada ardia nos olhos. Foi então que Joséphine sentiu a mãe afastá-la. “Me largue, me largue.” Pegou Iris por baixo do queixo, deu-lhe um tapa com toda a força e, envolvendo seu pescoço com o braço, voltou para a beira nadando de lado, mergulhando a cabeça nas ondas, cuspiendo água para o lado, batendo as pernas com força.

E ela ficou para trás. Sozinha. A mãe não voltou. Ficou olhando suas tentativas de ultrapassar o redemoinho das águas. Ela foi rejeitada inúmeras vezes, mas voltou à luta, arrastando Iris inconsciente sob o braço. Viu quando conseguiram atravessar a arrebentação. Viu seu pai gritando na praia. Sentiu pena dele e imitou a braçada da mãe, nadando de lado, o braço esticado tentando alcançar a praia, a cabeça debaixo d’água, assaltando os rolos d’água cada vez maiores. Bebia água salgada, cuspiu de volta, a areia das ondas arranhava seus olhos. “Não chore”, repetia, “não chore, vai perder as forças se chorar”. Lembrava muito bem dessa frase “não chore, não chore...” Teve que tentar várias vezes antes de conseguir pegar uma onda que a levou até a praia, até os braços do pai, que estava mergulhado até o peito na água e estendia a mão gritando seu nome. Arrancou-a da onda e carregou-a consigo repetindo sem parar “criminosa, criminosa, criminosa”. Não se lembrava mais do que aconteceu depois. Nunca mais falaram do assunto.

Olhava a afogada no espelho. Por que se atormentar assim?,

disse à mulher no espelho; conseguiu escapar naquele dia, poderia ter morrido, mas uma mão veio arrancá-la daquela onda e levá-la para a areia. Não tenha medo, nunca mais tenha medo, você não está sozinha, Joséphine, não está sozinha.

E de repente lhe veio a certeza: não estava sozinha.

Vai sobreviver a esse olhar de Luca, vai sobreviver como sobreviveu ao olhar de sua mãe que a abandonou sem olhar para trás.

432

Secou o rosto com uma toalha, deu um jeito nos cabelos, empoou o nariz.

Uma mocinha esperava por ela no hall do hotel. Sua filha, seu amor. A vida continuou depois daquilo, a vida sempre continua. Dá motivos para chorar e motivos para rir. É a vida, Joséphine, confie nela. A vida é uma pessoa, uma pessoa que precisa ser vista como um parceiro. Entrar na sua valsa, nos seus turbilhões: às vezes faz você beber água e pensar que vai morrer, mas em seguida agarra você pelos cabelos e joga em outro lugar. Às vezes pisa seu pé, às vezes faz você dançar. É preciso entrar na vida como se entra numa dança. Não interromper o movimento para chorar por si mesma, acusando os outros, bebendo, tomando pílulas para amortecer o choque. Dançar, dançar, dançar. Vencer as provas que a vida envia para deixá-la mais forte, mais determinada. Depois daquele mergulho nas Landes, trabalhou obstinadamente, mergulhou nos estudos, construiu sua vida. Outra onda tinha

levado Antoine, mas ela sobreviveu. Novas ondas viriam, mas sabia que tinha forças para superá-las e que sempre, sempre seria retirada das águas. É a vida, pensou com seus botões, resolutamente, olhando sua imagem no espelho. Ondas, ondas e mais ondas.

Examinou a mulher no espelho. Sorria, tranquila, pacificada.

Respirou profundamente e retornou, tranquila, para pegar

Hortense.

Domingo à noite. O avião para Paris tinha acabado de

decolar do JFK e Philippe olhava para a mulher, recostada a seu

lado. Quase não se falaram durante o jantar da véspera no Waldorf

Astoria. O grande jantar de encerramento do festival de Nova York.

Dormiram tarde, tomaram café da manhã em silêncio. Philippe

comentou: “Preciso ver duas pessoas hoje. A gente se encontra às

cinco no hotel e vamos para o aeroporto, certo? Por que não faz um

passeio ou compras? O dia está bonito.” Ela não respondeu,

transformada em estátua de pedra no grande roupão branco do

hotel. Seus olhos azuis fitavam o vazio e seus pés finos se

balançavam. Deixou algum dinheiro para a condução ou entradas

de museu. Ficam abertos no domingo, aproveite. Foi embora sem

que ela abrisse a boca. À noite, um táxi levou os dois para o

aeroporto. Dois lugares, primeira classe, para Roissy-Charles-de-

Gaulle. Assim que se instalaram, ela pediu à aeromoça que não a

acordasse. Colocou uma máscara nos olhos e virou a cabeça para

ele, dizendo: “Não se incomode se eu dormir, estou exausta. Essa história de ida e volta num fim de semana não dá. Nunca mais.”

Ficou olhando a mulher dormir. Sem os seus grandes olhos azuis, era igual a qualquer mulher elegante que viaja de primeira classe, confortavelmente instalada sob as cobertas. Devia estar repassando os acontecimentos da véspera.

Sei de tudo, Iris, teve vontade de dizer. Sei porque fui eu quem organizou tudo isso.

A chegada a Manhattan. A grande limusine para levá-los ao hotel. Ela, tagarela como uma menina, espantava-se com o tempo, tão luminoso para um dia de novembro, apertava a mão de Philippe, apontava um cartaz publicitário, uma construção extravagante. No hotel, lançou-se sobre os jornais, página de espetáculos. Todos anunciavam a chegada de Gabor Minar, “o grande cineasta europeu, com quem todas as atrizes sonham filmar. Só lhe falta mesmo um contrato com uma grande empresa da indústria cinematográfica americana para se transformar definitivamente num mestre do cinema contemporâneo”, escrevia o articulista do *New York Times*, “e parece que não vai ter de esperar muito. Dizem que tem um encontro marcado com Jo Schrenkel”.

Lia cada artigo da primeira à última linha, mal levantando a cabeça para responder às suas perguntas. “Que filmes pretende ver?”, perguntou, consultando o programa do festival. E ela: “Pode escolher, confio em você”, com um sorriso distraído e burocrático.

No sábado, jantaram no Bernardin com amigos que também vieram

de Paris. Iris dizia sim, não, é uma ótima ideia, mas Philippe percebia que estava voltada para outro objetivo: seu reencontro com Gabor. Na primeira noite, ao se vestir para a festa, trocou três vezes de roupa, de brincos, de bolsa. Arrumada demais, diziam as sobranceiras franzidas; senhora demais, falta um toque de boemia. Mas no final da projeção do filme, Gabor não apareceu. Deveria falar e responder às perguntas do público, mas quando as luzes se acenderam, um organizador veio avisar que não viria. Um oh!... de decepção percorreu a plateia. No dia seguinte, soube-se que tinha passado a noite festejando num clube de jazz no Harlem. Não se pode contar com ele, disse um produtor, contrariado. Somos obrigados a aceitar seus caprichos. Talvez seja por isso mesmo que ele faz filmes tão fortes, observou um outro. Era o café da manhã. Não se falava de outra coisa senão da ausência de Gabor Minar. À tarde, viram outros filmes. Sentada a seu lado, Iris se agitava na poltrona e se imobilizava em seguida, quando um espectador

434

atrasado veio sentar na frente deles. Sentia seu corpo tenso na esperança de ver Gabor. Não ousava colocar a mão sobre a dela, com medo de que saltasse como uma mola. À noite, ela se preparou de novo. Balé de vestidos, caras perplexas, balé de sapatos, caras inquietas, balé de joias, caras contrariadas. Era o jantar de gala. Ele estaria lá. Era o convidado de honra. Acabou escolhendo um longo vestido de tafetá lilás que realçava seus olhos, seu pescoço longo, a graça de seu porte. Olhando para ela, Philippe pensou: é

uma longa liana com dois grandes olhos azul-profundo. Iris cantarolava ao deixar o quarto e correu para o elevador esvoaçando o vestido.

Estavam sentados na mesa de honra. Na mesa de Gabor

Minar. Quando ele entrou, toda a sala levantou para aplaudir.

Todos os ressentimentos desapareceram. De repente, só se falava em seu filme. Magnífico, sublime, fascinante, estranho! Que força!

Que direção! Que energia! As bocas das mulheres se estendiam para ele, numa oferenda suplicante. Os homens aplaudiam

erguendo os braços, como se quisessem crescer diante do gênio. Ele apareceu cercado por seus atores. Um gigante desmedido, barbudo,

vestido com um velho jeans furado, uma jaqueta de couro, botas de motociclista e o eterno boné de lã enterrado na cabeça. Inclinou-se

com um sorriso, tirou o boné em sinal de agradecimento. Seus cabelos espetados e oleosos escaparam e ele tratou de ajeitá-los

com um gesto rude da mão. Atravessou a sala e veio se sentar à mesa com toda a sua trupe. Eles se apertaram para fazer lugar. Iris

se mantinha ereta na beira da cadeira, o pescoço inclinado como um arco para ele. Nesse instante, Philippe tocou seu braço e ela o retirou como se tivesse sido percorrida por uma descarga elétrica.

Gabor Minar cumprimentou cada convidado presente na mesa com a cabeça, um por um, agradecendo por terem aberto espaço. Seu

olhar caiu em Iris. Olhou para ela, fez um esforço para recordar... Procurou na memória por alguns segundos. Iris palpitava, entregue.

Os convidados ao redor da mesa estavam perplexos e seus olhares

passavam de um para o outro. Foi então que Gabor exclamou:

“*Irish! Irish!*” Ela se endireitou, magnífica, sorridente, iluminada por uma alegria intensa. “*Irish! You! Here! Unbelievable! Such a long time!*” Iris levantou para ir cumprimentá-lo. Ele a apertou nos braços. Todo mundo olhava. “Sua esposa conhece Gabor Minar?”, perguntou um vizinho a Philippe. “Conhece Gabor pessoalmente? — Conhece”, disse Philippe, os olhos postos em Iris, para não perder nem uma migalha do espetáculo de Iris e Gabor reunidos no mesmo halo luminoso, envolvidos nos mesmos murmúrios de curiosidade.

435

“Conheceram-se quando ela estudava em Columbia.” Toda a assistência observava Gabor Minar tomar Iris Dupin nos braços e beijá-la. Nos braços de Gabor, Iris recebia a homenagem muda da sala como se fosse a mulher de Gabor. A justiça estava sendo feita finalmente e o esquecimento reparado. Oh! o olhar que ela pousou em Gabor... Philippe nunca o esqueceria. Um olhar de mulher que chega ao porto, que se joga nos braços do homem, do seu homem. Seus grandes olhos azuis devoravam Gabor, suas mãos vinham se colocar naturalmente nas suas. Ele a enlaçava e a apertava contra si num abraço vigoroso.

Depois, ele se virou para uma mulher loura, pequena, vestida com uma longa saia de cigana e uma camisetinha branca. Uma mulher um pouco apagada, mas bonita, que se mantinha à sombra do gigante e sorria.

— *Elisa... my wife* — disse ele, passando o braço no ombro

da esposa e apresentando-a a Iris.

Elisa inclinou-se e disse “*how are you, nice to meet you*”. Iris olhou para ele, os olhos arregalados de espanto. “Você... Você... se casou?”, perguntou com uma voz sumida e trêmula ao gigante.

Gabor caiu na risada e acrescentou: “*Yes and I have three kids!*” Em seguida, abandonando Iris como quem deixa um objeto desejado por um instante, pegou a esposa e sentou-se com ela ao lado.

Outras pessoas se aproximaram, ele levantou, recomeçou os abraços com o mesmo ânimo, o mesmo calor, Ei, Jack! Ei, Terry! Ei, Roberta!, tomando-os nos braços, levantando-os do chão, dando a cada um a impressão de que era a única pessoa que interessava no mundo, virando-se para a esposa, apresentando-a e segurando-a firmemente a seu lado. Que generosidade! Que força!, Philippe não pôde deixar de pensar. Parece com seus filmes: desmedido e fulgurante. É um projetor. Empurra você para a luz num impulso sincero, potente, generoso, mas devolve em seguida à sombra, quando desvia seu olhar. Parece estar dando tudo a cada pessoa, mas no instante seguinte sua atenção se desloca e ele dá tudo a uma outra, entregando a anterior a uma solidão dolorosa.

Iris tinha se sentado. Não tinha dito mais uma palavra sequer.

E agora, na cabine de primeira classe da Air France, ela dormia ou fingia que dormia. A volta vai ser dura, pensou Philippe. John Goodfellow tinha feito um trabalho magistral. Foi ele quem seguiu a pista de Gabor Minar, quem convenceu seu produtor

a trazê-lo a Nova York, quem garantiu que compareceria ao jantar no Waldorf. Não foi nada fácil arranjar aquele reencontro. Levou quase dois anos. Houve três tentativas frustradas: em Cannes, em Deauville e em Los Angeles. O homem era volátil. Dizia que vinha e, no último minuto, mudava seus planos e voava para outro destino. Para ter certeza de que estaria lá, John fisgou o produtor do ilustre cineasta com a promessa de um encontro com o número 1 de um estúdio americano. E em seguida, convenceu o americano a ir para Nova York, acenando com a promessa de ter Gabor Minar em seu próximo filme. Mentiras cuidadosamente elaboradas, passando por intermediários cuidadosamente escolhidos. Um castelo incerto de mentiras. Até o último minuto, o pássaro podia voar para longe. No dia seguinte, no final da manhã, quando se encontraram no bar do Waldorf, Philippe fez questão de cumprimentá-lo.

— *Good job, John!*

— Nunca vi um homem tão difícil de localizar! — exclamou John. — E olhe que estou habituado, mas esse aí muda de pouso o tempo todo. Viu a mulher dele? Bonita, não? Às vezes tenho pena dela, parece tão cansada. Passei por ela, entre tantos contatos. Acho que gostaria de ver a família estabelecida em algum lugar. É uma mulher inteligente, que entendeu como o marido funciona e resolveu segui-lo por todo lado. Na sombra. Nunca vi uma foto dela ou das crianças na imprensa. Mal e mal se sabe que ele é casado! E sob a aparência boêmia, o sujeito é muito fiel. Obcecado pelo

trabalho, ele não é de pular a cerca. Talvez uma ou duas escapadelas com uma roteirista ou uma maquiadora, numa noite de bebedeira. Nada que possa fazer sombra à mulher. Ele a respeita enormemente. Na verdade, ele a ama. Ela é a estrutura que o mantém de pé. Encontrou seu alter ego e talvez fique surpreso com o que vou dizer, mas trata-se de um sentimental. Acho que no começo ela e Gabor eram iguais, mas ela não demorou a entender que não havia lugar para dois turbilhões de genialidade num casal. É húngara, como ele. Cosmopolita como ele. Artista como ele. Louca como ele, mas com os pés firmemente plantados no chão quando é necessário. Ela o segue. Com malas e bagagens, as crianças e uma espécie de governanta que faz parte da família. As crianças vão à escola quando o pai pousa em algum lugar, só o tempo de uma filmagem ou de escrever o roteiro de um filme. Falam todas as línguas, mas acho que nem são capazes de escrever! Dizem que um de seus filhos quer ser jogador de futebol e que, para isso, não precisa de muito estudo!

437

Caiu na risada e pediu um suco de laranja e um café.

— Não tem outro trabalho para mim?

— Sinto muito, John, mas só tenho uma mulher. E mais: não sei por quanto tempo ainda.

Os dois riram.

— Como ela reagiu?

Philippe pousou o dedo sobre os lábios fechados.

— Nada. Silêncio total. Não disse uma palavra desde ontem à noite.

— Essa história já o fez sofrer muito, não?

— Não tem ideia do que é viver permanentemente a três,

John. E com um fantasma, ainda por cima. Porque ela o idealizava!

E com o tempo, ele foi ficando perfeito: bonito, inteligente, célebre, rico, cativante, fascinante...

— Mas não muito limpo, com certeza. É realmente sujo.

Podia fazer um esforço!

— É o seu lado de gentleman inglês que tapa o nariz. Gabor é eslavo, vive com a alma, não numa lavanderia!

— É uma pena, gosto muito de trabalhar com você.

— Quando passar por Paris, avise. Podemos almoçar juntos.

E lembre-se: não estou falando por falar...

— Sei disso... aprendi a conhecê-lo. É um sujeito delicado e fiel. No começo, achei que era um pouco... reprimido, *old fashion*, mas no final, devo dizer que é muito cativante.

— Obrigado, John.

Acabaram o café da manhã falando de cinema, de Doris, a mulher de John, que se queixava de não vê-lo nunca, dos filhos, da vida que levava. Depois, apertaram-se as mãos e partiram. Philippe ficou olhando ele se afastar com melancolia. Ia sentir saudade dos encontros em Roissy. Tinham um ar meio clandestino que lhe agradava muito. Sorriu interiormente e zombou de si mesmo: é seu único lado aventureiro, meu caro homem do repartido de lado,

perfeitamente reto...

Iris se mexeu no sono e murmurou alguma coisa que

Philippe não entendeu. Ainda havia uma mentira, uma ilusão a

desfazer: *Uma humilde rainha*. Não foi ela quem escreveu, tenho

438

certeza. Foi Joséphine. Joséphine. Ligou para ela antes de partir

para Nova York perguntando se queria traduzir um contrato e,

muito gentilmente, ela recusou. “Preciso voltar à minha HDR. —

Sua o quê? — Minha tese de habilitação para dirigir pesquisas”,

traduziu ela. “E por que deve ‘retornar’, andou afastada

ultimamente?” Ela marcou um tempo de pausa e respondeu: “Você

presta atenção em tudo, Philippe! Preciso vigiar minhas palavras,

você é perigoso! — Só com as pessoas que amo, Jo...” Houve um

silêncio incômodo. Sua falta de jeito tinha se transformado numa

graça cheia de mistério e profundidade. Sentia falta dela. Tinha

cada vez mais vontade de conversar com ela, de desabafar. Às

vezes, discava seu número, mas depois desligava.

Olhou para a bela adormecida a seu lado e pensou que sua

história de amor com Iris ia chegar ao final dentro em breve e que

precisava tratar disso também: não queria perder Alexandre. Será

que ela ia lutar por sua guarda? Não tinha muita certeza sobre

isso...

— Nossa, você não para de me surpreender! Mergulha a

cabeça na pia e todo o seu passado retorna! Assim, num golpe de

torneira mágica!

— Juro que tudo aconteceu exatamente como lhe contei. Mas para ser completamente honesta, tinha começado antes... pedaços que retornavam à memória, peças de quebra-cabeça que flutuavam, mas faltava sempre o centro, o sentido...

— *What a bitch, your mother!* Fique sabendo que podia processá-la por recusar ajuda a uma pessoa em perigo.

— O que queria que fizesse: só podia salvar uma. E escolheu Iris...

— E ainda por cima a defende!

— Não tenho raiva dela. Tanto faz. Sobrevivi...

— Sim, mas a que preço?

— Estou me sentindo muito forte depois que me libertei desse passado. Foi um presente dos céus, sabia?

— Pare de falar em céu com esses olhinhos de anjo.

— Pois tenho certeza de que tenho um anjo da guarda que vela por mim...

— E o que andava fazendo o seu anjo nos últimos anos?

Tricotando asas novas?

439

— Ele me ensinou a paciência, a perseverança, a resistência e me deu coragem para escrever o livro, além do dinheiro do livro que me livrou de viver preocupada... Gosto dele, do meu anjo. Não está precisando de dinheiro, por acaso? Porque vou ficar muito rica e não tenho intenção de ficar pão-dura!

— Pare com isso, sou riquíssima.

Shirley deu de ombros, cruzou e descruzou as pernas, nervosa.

Estavam no cabeleireiro e a cerimônia das mechas já tinha começado. Tagarelavam, transformadas em árvores de Natal, com papelotes prateados por toda a cabeça.

— E as estrelas, continua falando com elas?

— Quando falo com elas, falo diretamente com Deus...

Quando tenho algum problema, rezo, peço que Ele me ajude, me dê forças e Ele me atende. Nunca deixou de responder.

— Jo, você não está num bom caminho...

— Estou ótima, Shirley. Não se preocupe comigo.

— Está com ideias cada vez mais esquisitas. Depois de ser tratada com frieza por Luca, perde a cabeça ou, melhor, enfia a cabeça numa pia e sai de lá curada de um trauma muito antigo.

Vem cá, não está achando que é santa Bernadette Soubirous, está?

Joséphine suspirou e corrigiu:

— Luca me rejeita, acho que vou morrer, revivo o abandono trágico que sofri na infância e consigo juntar os pedaços: outra versão.

— Em todo o caso, espero que o sujeitinho não tenha a cara de pau de ligar para você de novo.

— É uma pena, pensei que estava apaixonada. Estava tão bem com ele, e isso não me acontecia há muito tempo... desde Antoine!

— Tem notícias de Antoine?

— Costuma mandar e-mails para as meninas. Pelo menos está sendo pago e, portanto, está pagando o empréstimo. Antoine não vive a vida, ele sonha a vida de olhos abertos.

— Um dia ele vai dar de cara na parede.

— Não desejo isso. E Mylène estará lá...

440

— Essa é um osso duro de roer! Mas gosto muito dela...

— Eu também. Não tenho mais nenhum ciúme...

Estavam começando a cantar todos os louvores a Mylène, quando as atendentes vieram pegá-las para retirar os enfeites de Natal. Foram lavar o cabelo e relaxaram a cabeça na pia, silenciosas, os olhos fechados, borboleteando entre seus pensamentos.

Joséphine insistiu em pagar. Shirley recusou. Discutiram no caixa, sob os olhos divertidos de Denise. Jo ganhou a parada.

As duas saíram caminhando, se olhando nas vitrines, elogiando mutuamente o novo look.

— Lembra, um ano atrás, quando você me arrastou para fazer mechas pela primeira vez... Fomos atacadas nessa mesma rua...

— Eu defendi você!

— Fiquei espantadíssima com sua força. Por favor, Shirley, qual é o seu segredo? Penso nisso o tempo todo.

— Pergunte a Deus, ora! Ele vai lhe dar a resposta.

— Não brinque com o nome de Deus! Conte você... Eu lhe

conto tudo, demonstro minha confiança o tempo todo, mas você, você se fecha. Sou adulta, você mesma diz que mudei. Pode confiar em mim agora.

Shirley se virou para Joséphine e a olhou com ar sério.

— Não se trata só de mim, Jo, posso colocar outras pessoas em perigo. E quando digo perigo, poderia dizer grande perigo, abalos sísmicos, terremotos...

— Não se pode viver o tempo todo com um segredo.

— Pois eu consigo muito bem. Sinceramente, Jo, não posso falar. Não me peça o impossível...

— Eu não saberia guardar o segredo que Gary guarda há tanto tempo? Acha que sou tão frágil assim? Veja o quanto me ajudou o fato de ter lhe contado sobre o livro...

— Não preciso de ajuda, vivo com isso desde que era pequena. Fui criada com esse segredo. Faz parte da minha natureza...

441

— Já conheço você há oito anos. Ninguém nunca colocou uma faca em meu pescoço e fez perguntas a seu respeito.

— Lá isso é verdade...

— E então...

— Não. Não insista.

Continuaram caminhando sem dizer nada. Joséphine deu o braço a Shirley e apoiou-se contra o ombro da amiga.

— Por que disse antes que era riquíssima?

— Eu disse isso?

— Disse. Falei que poderia ajudá-la se tivesse problemas de dinheiro e você respondeu “pare com isso, sou riquíssima...”

— Está vendo só, Joséphine? As palavras são perigosas quando se tem intimidade, quando a gente relaxa... Quando estou com você, não presto atenção e as palavras brotam como as peças do seu quebra-cabeça. Um dia, vai descobrir toda a verdade, sozinha... na pia de algum palácio!

Caíram na gargalhada.

— Parei de frequentar toaletes, agora. As pias vão ser o meu espelho mágico. Pia, minha bela pia, diga-me quem é esta mulher de quem gosto tanto e que se faz de misteriosa...

Shirley não respondeu. Joséphine pensou no que tinha dito sobre as palavras que uma pessoa deixa escapar e que revelam seus segredos. No outro dia, sem que soubesse por quê, ficou perturbada com a atenção de Philippe. Se quiser ser honesta comigo mesma, tenho que reconhecer que gosto dessa ternura em sua voz. Tinha desligado o telefone surpresa com a emoção que sentia. E bastava lembrar para ficar vermelha como um pimentão. No elevador, sob a luz pálida do teto, Shirley perguntou. “Em que está pensando, Joséphine?”, ela sacudiu a cabeça e disse “em nada”. No hall, na frente da porta de Shirley, um homem todo vestido de preto estava sentado no tapetinho da entrada. Não se levantou quando as viu chegar, *Oh! My God!*, murmurou Shirley e, depois, virando-se para Jo, continuou:

— Fique com o ar mais natural que der e sorria. Pode falar, ele não entende francês. Pode ficar com meu filho à tarde e à noite?

— Claro, não tem problema...

442

— Pode esperar por ele lá embaixo? Não pode bater lá em casa, tem de ir direto para a sua. Esse sujeito não pode saber que ele mora aqui comigo. Pensa que está num colégio interno.

— Certo...

— Quando ele for embora, passo na sua casa, mas até lá, cuide bem dele. Não deixe que coloque os pés em casa.

Beijou-a, apertou seu ombro, caminhou na direção do homem, que continuava sentado, e disse, desenvolta: “*Hi, Jack, why don't you come in?*”

Gary entendeu tudo assim que Jo mencionou o homem de preto.

— Minha mochila está comigo, vou direto para a escola amanhã. Diga a mamãe que não se preocupe, que sei me defender.

Durante o jantar, Zoé, intrigada, fez um monte de perguntas.

Tinha chegado antes de Gary e Hortense e visto o homem de preto sentado no tapete.

— Aquele homem é seu pai?

— Pare com isso, Zoé! — cortou Jo.

— Por que não posso perguntar se é ou não seu pai?

— Ele não quer falar nisso. Dá para ver... Não fique amolando.

Zoé levou um pedaço de batatas gratinadas à moda *dauphinoise* à boca, mastigou sem vontade e soltou o garfo com um ar triste.

— Pois eu, eu sinto muita falta do meu pai... Era muito melhor quando ele estava aqui... Não é legal viver sem pai.

— Deixe de ser chata, Zoé — exclamou Hortense.

— Tenho medo de que seja devorado pelos crocodilos. Eles são malvados, os crocodilos...

— Mas não comeram você, no verão passado — replicou Hortense, irritada.

— Não, mas tomei muito cuidado.

— Pois então pense que papai também toma muito cuidado.

443

— Às vezes, ele se distrai. Passa um tempão encarando os crocodilos nos olhos... Disse que estava aprendendo a ler seus pensamentos...

— Está falando bobagem!

Hortense virou para Gary e perguntou se não queria ganhar um dinheirinho como modelo.

— Estão procurando adolescentes altos, românticos e bonitos para a nova coleção Dior.

Iris tinha perguntado se não tinha amigos que pudessem se interessar.

— Falou de você... Lembra quando fomos ao estúdio Pin-up?

Ela achou você lindo...

— Não sei se tenho muita vontade — disse Gary. — Não gosto que mexam no meu cabelo e nas minhas roupas.

— É divertido! Eu iria com você.

— Não, obrigado, Hortense. Mas gostei muito da seção de fotos com Iris. Na verdade, gostaria mesmo é de ser fotógrafo.

— Podemos ir lá de novo, se quiser. Posso pedir a ela...

Tinham acabado de jantar, Joséphine tirou a mesa, Gary colocou a louça na máquina, Hortense passou uma esponja na mesa enquanto Zoé, com os olhos cheios de lágrimas, choramingava “quero meu pai, quero meu pai”. Joséphine pegou a filha no colo e levou-a para a cama, fingindo reclamar que estava tão pesada, tão grande e tão linda que até parecia que ela estava com uma estrela nos braços. Zoé esfregou os olhos e perguntou:

— Acha mesmo que sou bonita, mamãe?

— Mas claro, meu amor, às vezes olho para você e me pergunto: quem será essa linda menina que está morando aqui?

— Bonita como a Hortense?

— Bonita como Hortense, elegante como Hortense, irresistível como Hortense. A única diferença é que Hortense sabe disso e você, meu amor, não. Você está convencida de que é um patinho feio. Não é verdade?

— É muito chato ser pequena quando a gente tem uma irmã maior...

Suspirou, virou a cabeça no travesseiro e fechou os olhos.

— Mamãe, posso ficar sem escovar os dentes hoje?

— Está bem, mas é uma exceção especial...

— Estou tão cansada...

No dia seguinte, no fim da manhã, Shirley bateu à porta de Joséphine.

— Consegui convencê-lo a ir embora. Foi duro, mas ele se foi.

Disse que não quero que venha mais aqui e argumentei que tem um sujeito do serviço de informações morando no prédio.

— Ele acreditou?

— Acho que sim. Tomei uma decisão hoje à noite, Joséphine.

Vou embora... Estamos no final de novembro, ele não vai voltar tão cedo, mas preciso ir embora... Vou me refugiar em Moustique.

— Moustique? A ilha dos milionários, de Mick Jagger e da princesa Margaret...

— É. Tenho uma casa lá... E ele não tem coragem de aparecer. Depois, verei o que fazer, mas de qualquer jeito, não posso mais viver aqui.

— Vai se mudar! Vai me deixar?

— Você também quis se mudar, não lembra?

— Eu, não, Hortense...

— Sabe o que vamos fazer? Vamos todos juntos para Moustique nas férias de Natal e depois eu fico por lá. Gary volta com você para terminar o ano e fazer os exames de conclusão do segundo grau. Ele não pode interromper os estudos, seria idiota, ainda mais tão perto do final. Pode ficar com ele?

Joséphine balançou a cabeça.

— Faria qualquer coisa por você...

Shirley pegou sua mão e apertou.

— Depois, verei... Vamos nos mudar de novo. Estou acostumada...

— Vai continuar sem me dizer o que houve?

— Vou lhe contar tudo em Moustique, no Natal... Vou me sentir mais segura.

— Não está correndo perigo, pelo menos?

Shirley deu um sorrisinho cansado.

445

—

Por

enquanto,

não,

está

tudo

bem.

Marcel Grobzs esfregava as mãos. Tudo seguia de acordo com o figurino. Tinha aumentado seu império ao comprar os irmãos Zang, passando a perna na coibiça dos alemães, ingleses, italianos e espanhóis. Sua jogada tinha dado certo, ele embolsou a aposta. Estava com a faca e o queijo na mão. Conseguiu afastar Henriette dos negócios e tinha acabado de alugar um grande apartamento perto do escritório para instalar Josiane e Júnior. Num belo imóvel

com porteiro, interfone, pé-direito alto, parquê envernizado tipo Versalhes e lareiras com cornija lavrada. Só gente finíssima: barões, baronesas, um primeiro-ministro, um acadêmico e a garota de um conhecido industrial. Estava confiante. Josiane ia voltar. De acordo com o figurino, de acordo com o figurino. De manhã, quando chegava ao escritório, subia as escadas na ponta dos pés, avançando suavemente, e passava a cabeça pela porta de olhos fechados, pensando: Ela vai estar lá, minha cocotinha! Com a barriga a tiracolo e os cabelos louros como um buquê! Instalada atrás da mesa, o telefone preso contra o pescoço, dirá: o sr. Coisa ligou e o sr. Treco está esperando a encomenda, ande, Marcel, levante essa bunda da cadeira! Mas eu não vou dizer nada, só vou enfiar a mão no bolso e entregar as chaves do apartamento totalmente reformado para que ela espere por mim. Para que relaxe, espreguice, devore costelas de boi e filés malpassados, para que Júnior seja um bebê bochechudo, levado e forte, com as pernas de um soldado zuavo. Para que fique de molho no leito enorme do nosso quarto, comendo doces de frutas, salmão bem gordo e vagens para a clorofila. Só falta colocar as cortinas no quarto... Vou pedir a Ginette que trate disso.

Subia as escadas rápido e leve. Tinha recomeçado a ginástica e vibrava como um peixinho num riacho de montanha. E vou pular em cima dela, apertá-la, paparicá-la, alisá-la, embonecá-la, massagear os dedinhos dos seus pés, passar talquinho...

Ela estava lá. Solene atrás da escrivaninha. A barriga

apontando para a frente, o olho afiado.

— Como vai, Marcel?

Ele gaguejou:

— Você está aqui? É você mesmo?

446

— A Virgem Maria em pessoa com o pimpolhinho bem quentinho no ventre...

Ele caiu a seus pés, colocou a cabeça em seus joelhos e murmurou:

— Você está aqui... Voltou...

Ela passou a mão em sua cabeça, sentiu o perfume de sua água-de-colônia.

— Senti muito a sua falta, sabia, Marcel?

— Oh! Doçura! Se soubesse...

— Já soube. Encontrei com Chaval no bar do George...

Contou tudo: sua fuga para aquele palácio, seu mês e meio traçando os pratos mais caros do cardápio, a cama enorme e macia, o quarto com um carpete tão grosso que não precisava usar chinelo, o serviço de quarto e os empregados, dezenas de empregados perfilados assim que ela apertava um botão dourado.

— O luxo é ótimo, meu Marcel. É bom, mas, depois de um tempo, cansa. É sempre igual, sempre excelente, sempre macio, se quer saber minha opinião, falta uma aspereza. Dá para entender por que os ricos sentem um vazio na alma... Mas um dia, quando estava voltando para o meu quarto de quinhentos euros por noite,

vi Chaval bebendo no bar, arrasado pela pequena Hortense, abestalhado. Ele falou do seu grande golpe e entendi tudo! As precauções com a Cabo-de-vassoura, comigo, com a minha situação... Entendi tudo, meu ursão, entendi que me amava, que estava construindo um império para o Júnior. Meu sangue acelerou e pensei: Vou voltar para Marcel...

— Oh, Doçura! Esperei tanto! Se soubesse...

Josiane se endireitou e disse:

— A única coisa que ainda me incomoda é a sua falta de confiança, é não ter me contado nada...

Marcel ia responder, mas ela impediu com sua mãozinha pequena e rosa.

— Foi por causa de Chaval? Tinha medo de que abrisse o bico?

Marcel suspirou:

— É, sinto muito, Doçura, devia ter confiado, mas não deu, não tive peito.

447

— Não tem importância. Vamos apagar tudo. Vamos partir do zero. Mas... não quero mais saber dessa história de desconfiança...

— Nunca mais...

Levantou, remexeu no bolso e exibiu o molho de chaves do apartamento.

— É para nós. Já está tudo decorado, arranjado, enfeitado.

Só faltam as cortinas do quarto... Fiquei na dúvida quanto à cor, não queria lhe causar urticária com cores estranhas...

Josiane pegou as chaves e contou.

— São belas chaves, bem pesadas, grossas... As chaves do paraíso! Onde fica?

— Aqui ao lado. Assim, terei tempo de passar para uns amassos, ou só para namorar um pouco e verificar os progressos do nosso bebê...

Colocou a mão no ventre de Josiane e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Já está mexendo?

— Como um corredor do Tour de France. Espere um pouco e ele vai lhe dar uma pedalada capaz de quebrar seu punho. É um moleque irrequieto, o nosso Júnior!

— Puxou o pai — disse Marcel orgulhoso, massageando o ventre redondo na esperança de que Júnior despertasse. — Posso falar com ele?

— Os médicos até recomendam. Primeiro, é melhor se apresentar. Eu estava furiosa, não falei muito de você com ele.

— Oh! Espero que pelo menos não tenha falado mal de mim...

— Não. Não disse nada, mas estava cheia de raiva por dentro e você sabe como são os bebês, eles sentem tudo! É bom tratar de fazer as pazes...

Ginette, que entrava na sala naquele exato momento,

assistiu a uma cena desconcertante: ajoelhado aos pés de Josiane,

Marcel conversava com sua barriga.

— Sou eu, Júnior, o papai...

448

Sua voz se estrangulou e ele desmoronou, sacudido pelos soluços.

— São trinta anos de espera, trinta anos, porra! Quer saber se vou conversar com você, Júnior? Vou falar tanto que você vai ficar tonto! Ah, Josiane, você não faz ideia, sou o homem mais feliz do mundo...

Josiane fez sinal para que Ginette voltasse mais tarde e ela obedeceu com a maior satisfação, deixando os pais travessos curtirem o reencontro.

Joséphine mudou de biblioteca. Complicava um pouco a vida, mas teve que se conformar. Pelo menos, não corria o risco de dar de cara com Luca, o belo indiferente. Era o nome que lhe dava quando ele vinha rondar seus pensamentos. Valia o esforço de trocar duas vezes de ônibus, de esperar resmungando que o 174 sucedesse ao 163 e de chegar em casa mais tarde.

Estava em pé no 174, apertada entre um carrinho de bebê com o cabo enfiado em sua barriga e uma africana vestida com seu bubu, que pisou no seu pé quando o celular tocou. Enfiou a mão na bolsa e atendeu.

— Joséphine? É o Luca...

Ficou sem voz.

— Joséphine?

— Oi — gaguejou.

— Sou eu, Luca. Onde você está?

— No 174...

— Preciso falar com você, Joséphine.

— Não creio que...

— Desça na próxima parada. Estarei esperando por você...

— Mas...

— Tenho uma coisa muito importante para lhe dizer. Depois eu explico. Qual é o nome da parada?

Ela murmurou Henri-Barbusse.

— Estarei lá.

E desligou.

449

Joséphine ficou tonta. Era a primeira vez que ouvia Luca falar com aquela voz forte, impositiva. Não tinha muita certeza de que queria revê-lo. Tinha apagado seu número da agenda do celular.

Encontraram-se na parada do ônibus. Luca pegou seu braço e, rebocando-a com mão firme, procurou um café com os olhos. Quando descobriu um, acentuou a pressão da mão em seu braço, impedindo-a de se afastar. Avançava a passos largos e ela trotava atrás dele.

Tirou o *duffle-coat*, pediu um café, perguntou o que ela queria com um gesto brusco do queixo e, quando o garçom foi

embora, cruzou os dedos e perguntou com uma voz trêmula de

raiva contida:

— Joséphine... se eu lhe disser: “Doce Cristo, bom Jesus, assim como eu o desejo, assim como imploro com todo o meu coração, dê-me o seu amor santo e casto, faça com que ele me preencha, me domine, me possua inteiramente. E dê-me um sinal evidente de seu amor, a fonte abundante das lágrimas que fluem ininterruptamente, pois estas lágrimas serão a prova de seu amor por mim”, o que você diria?

— Jean de Fécamp...

— E o que mais?

Joséphine encarou-o e repetiu: Jean de Fécamp.

— Joséphine... Quem, à parte você, eu e alguns iluminados, conhece Jean de Fécamp?

Joséphine abriu as mãos em sinal de ignorância.

— Então concorda comigo?

O garçom trouxe os dois cafés. Ele pediu a conta e pagou:

não queria ser incomodado. Pálido, os olhos brilhantes, afastou com um gesto irritado uma mecha de cabelo que insistia em cair em seus olhos.

— Sabe onde li essa prece de Jean de Fécamp, há pouco tempo?

— Não tenho a menor ideia...

— No livro de Iris Dupin, *Uma humilde rainha*. Conhece Iris Dupin?

— É minha irmã.

450

— Ah, eu sabia.

Deu um tapa na mesa com a palma da mão que fez o cinzeiro saltar.

— Ela não podia ter inventado isso, essa sua irmã! — rugiu ele.

— É que lhe emprestei minhas anotações para o livro...

— Ah! Emprestou suas anotações?

Parecia enfurecido por estar sendo feito de bobo.

— Lembra, Joséphine, de uma conversa que tivemos a respeito das lágrimas de são Bento e da graça da compunção de que ele gozava e que o fazia chorar cotidianamente, tantas vezes quantas quisesse?

— Lembro...

— Pois bem, sempre em *Uma humilde rainha*, a autora relata um episódio romanesco no qual Bento derrama lágrimas que apagam as chamas que começaram a lamber a palha de seu leito enquanto ele rezava!

— Mas essa história está em qualquer velho alfarrábio!

— Não, Joséphine, não está em qualquer velho alfarrábio, como você diz... E sabe por quê?

— Por quê?

— Porque essa anedota foi inventada por mim, especialmente para você. Parecia tão erudita que tive vontade de lançar esse blefe!

E de repente, vou encontrá-la num livro, no SEU livro, Joséphine!

Falava cada vez mais alto e seus olhos brilhavam de raiva.

— Como você desapareceu completamente há algum tempo, resolvi reler o livro de sua irmã e encontrei duas ou três passagens desse tipo, que ela não podia ter encontrado na biblioteca porque vinham daqui!

E apontou o indicador para a própria cabeça.

— Não podiam estar em suas anotações, era apenas parte de uma conversa informal. E foi assim que deduzi que foi você quem escreveu esse livro. Eu sabia, sentia isso...

Agitado, ele se remexia na cadeira, enrolava e desenrolava as mangas do suéter, afastava a mecha, umedecia os lábios.

451

— Seja como for, Luca, parece que essa descoberta perturbou você demais...

— É isso mesmo, perturbou demais! Eu me liguei em você, imagine que bobagem... que fraqueza! Pela primeira vez, topei com uma mulher sensível, doce, reservada... Pela primeira vez, não lia “vamos para a cama?” no olhar de uma mulher! Estava encantado com sua timidez, com sua falta de jeito, encantado com suas maneiras cerimoniosas, com seu jeito de estender o rosto para que a beijasse, encantado de levá-la ao cinema para ver filmes que não conhecia, encantado em tomá-la nos braços no táxi em Montpellier, nem tão encantado quando me rejeitou, mas quase!

Cada vez mais irritado, seus olhos foram se escurecendo,

ardentes, e fazia grandes gestos, as mãos voando no ar. Joséphine pensou consigo que era mesmo um italiano...

— Finalmente, tinha encontrado uma mulher inteligente, cheia de graça, ponderada, que dava importância ao fato de encontrar um homem capaz de esperar antes de se jogar em cima dela! E quando você sumiu, senti saudade e peguei o seu livro. Li com atenção e, então, encontrei, vi, ouvi, senti Joséphine o tempo todo! A mesma descrição, a mesma minúcia, o mesmo pudor... Até descobri em que personagem vivo você se inspirou! Thibault, o Trovador, não é um pouco eu?

Joséphine abaixou os olhos, vermelha.

— Obrigado. Ele é muito sedutor! E se contar o número de páginas que lhe dedicou, posso dizer que gostava de mim naquela época... Sei que não devia estar lhe dizendo tudo isso. Estou me desnudando diante de você, mas não ligo! Você me fazia tão feliz, Joséphine, estava vivendo nas nuvens...

— Então por que me tratou com tanta frieza quando nos encontramos no desfile de Jean-Paul Gaultier? Por que não respondeu quando falei com você? Por que se fez de indiferente, o belo indiferente?

Arregalou os olhos e abriu os braços em sinal de espanto.

— Não sei do que está falando...

— Do outro dia no hotel Intercontinental. Na passarela. Seu olhar era um jato de água gelada. Quase morri de dor naquela hora! Você simplesmente me ignorou.

— Desfile? Que desfile?

452

— De Jean-Paul Gaultier nos salões do Intercontinental.

Estava na primeira fila e você estava desfilando, lindo e distante. No final, quando chamei seu nome, Luca, Luca, você olhou para mim e simplesmente virou as costas. Eu não era... não era...

Furiosa, não encontrava mais as palavras. O sentimento de rejeição retornava e a ferida abria de novo. Sentia as lágrimas despontando nos olhos. Luca olhava para ela paralisado, boquiaberto. Murmurando Jean-Paul Gaultier, Intercontinental, saltou de repente e gritou:

— Vittorio! Era Vittorio, não era eu!

— E quem é Vittorio?

— Ouça bem, Joséphine, tenho um irmão, um irmão gêmeo que, como todos os gêmeos idênticos, é igualzinho a mim... É ele quem é modelo, não eu, foi ele que você viu no desfile. Não era eu...

— Um irmão gêmeo...

— Verdadeiro. Cópia fiel. Fisicamente, porque o resto...

Tenho a impressão de que meu irmão Vittorio parece com Iris, sua irmã: faz gato e sapato de mim, me usa sem nenhum pudor e eu corro para cima e para baixo para consertar suas babaquices! Uma hora, ele é perseguido por uma mulher que o acusa de ser o pai de seu filho, outra, é preso com cocaína e tenho de dar um jeito de tirá-lo de lá, ou, ainda, liga bêbado como um gambá de um bar, às quatro da manhã, pedindo que vá pegá-lo! Não aguenta mais ser

modelo, não suporta a ideia de envelhecer e está se autodestruindo metodicamente. No começo, ficou feliz, era um dinheiro fácil. Agora, não suporta mais. E sou eu quem tem de recolher e colar os pedaços. E, claro, não consigo me recusar. Assim como você escreve e deixa sua irmã assinar seu texto.

— Então era o seu irmão gêmeo que estava na passarela desfilando...

— Era. Vittorio. Está ficando velho para a profissão, não guardou um tostão e conta comigo para sustentá-lo. Só que eu também não tenho nenhum dinheiro guardado. Na verdade, você teve uma ótima ideia quando me rejeitou: uma pessoa como eu não é exatamente um presente da vida!

Joséphine olhava para ele, aturdida. Um irmão gêmeo! Em seguida, como o silêncio prolongado começou a pesar, juntou toda a coragem que tinha:

453

— Só rejeitei você por um motivo... Porque achei que era bonito demais para mim, que sou tão feia! Não devia falar assim, mas como estamos abrindo o coração, foi exatamente isso que aconteceu.

Luca olhou para ela de boca aberta.

— Você se acha feia?

— Acho. Feia, sem graça, sem charme, sem jeito... E já fazia um bom tempo que um homem não me beijava. Quando ficamos só nós dois no táxi, morri de medo...

— Medo de quê?

Joséphine deu de ombros timidamente.

— Estou me cuidando, viu? Já fiz alguns progressos...

Ele estendeu a mão para ela, acariciou seu rosto e, debruçando-se sobre a mesa, beijou-a suavemente.

— Oh, Luca! — gemeu Joséphine.

Sua boca contra a dela, ele murmurou:

— Se soubesse a alegria que foi encontrar você! Conversar, caminhar a seu lado, levá-la ao cinema sem que me pedisse nada, sem que fizesse a menor pressão sobre mim... Tinha a sensação de que estava inventando a palavra “romance”...

— Por quê? As mulheres costumam se jogar em cima de você? — perguntou Jo sorrindo.

— Porque têm pressa, porque são ávidas... Gosto de levar um tempo, de sonhar, de imaginar o que vai acontecer, sou lento... E depois, Vittorio está sempre no meio.

— Elas o confundem com ele?

— Muito. E quando digo que não sou ele, que é meu irmão gêmeo, começam a perguntar: e como ele é, pode me apresentar a ele, acha que poderia ser modelo também? Mas você parece vir de outro lugar, não conhece nada desse meio, não faz nenhuma pergunta. E foi uma deliciosa aparição...

— Uma espécie de santa Bernadette Soubirous?

Ele sorriu e começou a beijá-la de novo.

A porta do bar se abriu. Uma rajada de vento gelado

penetrou na sala. Joséphine estremeceu. Luca levantou, colocou o

454

duffle-coat em suas costas, puxou o capuz sobre sua cabeça e

concluiu:

— Agora, sim, você está a cara de Bernadette Soubirous...

455



Quinta parte

456

— **Viu só, bem que eu dizia que a vida é uma**

parceira. Que deve ser recebida como uma amiga, que precisamos

dançar com ela, dar, dar sem esperar nada em troca, porque mais

tarde ela vai responder... Que é preciso assumir a responsabilidade

por você mesmo, trabalhar, tentar mudar, aceitar os erros, corrigi-

los, dar o primeiro passo... E então, ela entra na dança. Ela entra

na valsa com você. Luca voltou para mim, Luca falou comigo, Luca

me ama, Shirley...

As duas estavam sentadas à beira da piscina na casa de Shirley. Em Moustique. Uma casa magnífica, moderna, imensa. Cubos brancos com paredes de vidro de uma modernidade e beleza deslumbrantes, voltados para o mar. Acima do mar, bordejando a varanda, a piscina. Meu apartamento cabe em qualquer peça dessa casa, pensava Joséphine ao despertar de manhã, saindo da cama gigante com lençóis de seda e indo para a sala de jantar, onde, diante de um mar turquesa de tirar o fôlego, o café da manhã esperava por ela.

— Vai acabar me convencendo, Jo. Vou começar a conversar com as estrelas, eu também..

Shirley deixou a mão cair na água azulada da piscina. As crianças estavam dormindo. Hortense, Zoé, Gary e Alexandre, que Joséphine trouxe com ela. Iris tinha voltado de Nova York desanimada, amarga, sombria. Passava os dias trancada no escritório. Joséphine não sabia o que tinha acontecido por lá e Philippe não fez nenhum comentário. Só ligou uma vez para perguntar se poderia levar Alexandre para as férias de Natal. E Joséphine não fez perguntas. Tinha o estranho sentimento de que nada daquilo lhe dizia respeito. Iris se afastou dela. Ela se afastou de Iris. Como se alguém tivesse recortado a foto das duas e espalhado os pedaços pelo ar.

Examinou a fachada da casa de Shirley: uma imensa parede de vidro se abria para a varanda em que estavam. No salão, sofás brancos, tapetes brancos, mesinhas cobertas de revistas, de livros

de fotografias e quadros nas paredes. Um luxo calmo, refinado.

— Como fazia para viver em Courbevoie?

— Estava feliz em Courbevoie... Era uma mudança. Uma nova vida, estou acostumada a mudar de vida, já mudei tanto!

457

Jogou a cabeça para trás e fechou os olhos. Joséphine se calou. Shirley falaria quando tivesse vontade. Tinha aprendido a aceitar os segredos de Shirley.

— Quer mergulhar para ver os peixes com as crianças, hoje à tarde? — perguntou Shirley, reabrindo os olhos.

— Por que não? Deve ser lindo...

— Basta colocar uma máscara, mergulhar e admirar...

Conheço os nomes de todos os peixes. Vou pedir a Miguel que prepare o barco.

Fez sinal a um homem que se aproximou. Falou com ele em inglês, pedindo que preparasse o barco com máscaras e cilindros de oxigênio suficientes para todos. O homem se inclinou e partiu. Era aqui que passava as férias quando dizia que estava na Escócia, pensou Joséphine.

Os dias se encadeavam, leves, alegres. Zoé e Alexandre passavam o tempo todo na piscina ou no mar. Tinham se transformado em dois peixinhos dourados. Hortense assava na beira da piscina, folheando as revistas de luxo que pegava nas mesinhas, no salão. Joséphine tinha encontrado uma caixa de anticoncepcionais entre suas coisas, quando procurava aspirinas.

Não comentou nada. Ela vai falar comigo quando achar que deve.

Confio nela. Não queria mais saber de enfrentamentos e Hortense tinha parado de agredi-la. O que não quer dizer que fosse carinhosa ou meiga...

Festejaram o Natal na varanda. Na suavidade de uma noite estrelada. Shirley colocou um presente em cada prato. Joséphine desfez o embrulho e descobriu uma pulseira Cartier. Hortense e Zoé também ganharam uma. Alexandre e Gary ganharam um celular de última geração. “Assim vai poder me enviar fotos e mensagens quando estivermos separados”, murmurou Shirley nos cabelos do filho, que a beijava agradecido. Agora, tinha que se inclinar para que a mãe pudesse beijá-lo. Havia muito amor em seus olhos quando se cruzaram.

Estavam dando uma festa na casa ao lado. Gary e Hortense pediram para ir, e Shirley, depois de consultar Joséphine com uma olhadela rápida, deu autorização e eles partiram assim que engoliram o último pedaço de bolo. Zoé foi deitar e, ainda carregando um pedaço de bolo, Alexandre a seguiu.

458

Shirley pegou a garrafa de champanhe e chamou Joséphine para descerem para a praia privativa ao pé da casa. Escolheram duas redes e ficaram olhando as estrelas.

Foi então que, segurando sua *flûte* de champanhe numa mão e jogando a borda do pareô sobre os pés, Shirley começou a falar.

— Conhece a história da rainha Vitória, Jo?

— A avó da Europa, que instalou cada um dos filhos e netos

numa família real e reinou cinquenta anos?

— Ela mesma...

Shirley fez uma pausa, sempre olhando as estrelas.

— Victoria teve dois amores na vida: Albert, que todo mundo

conhece, e John...

— John?

— John... John Brown. Um escocês que era seu escudeiro. O

rei Albert, seu grande amor, morreu em dezembro de 1861, depois

de 21 anos de casamento. Na época, Vitória tinha 42 anos. Era mãe de nove filhos, a última com 4 anos. Já era avó também. Era uma mulher pequena, bem baixinha, de compleição forte e teimosa como uma mula. Detestava o ofício de rainha que, no entanto, desempenhava com perfeição. Apreciava as coisas simples: cães, cavalos, o campo, os piqueniques... Gostava dos camponeses, de seus castelos, de seu chá às quatro, de jogar cartas e relaxar à sombra de um grande carvalho. Depois da morte de Albert, Vitória se viu muito sozinha. Albert sempre esteve a seu lado, aconselhando, ajudando, até a repreendendo, às vezes! Era Albert quem lhe dizia como se comportar, que atitude adotar. Ela simplesmente não sabia viver sozinha. E John Brown estava lá, fiel, prestativo. Em pouco tempo, Vitória não sabia mais viver sem ele. Ele a seguia onde quer que fosse. Ele a protegia, velava por ela, cuidava dela e chegou a evitar pessoalmente um atentado! Encontrei cartas em que ela fala dele... Escreveu o seguinte: “Ele é extraordinário, faz tudo por mim. É ao mesmo tempo meu camareiro, meu escudeiro, meu pajem e poderia dizer até criado de quarto, pois é ele quem cuida de meus mantôs e mantas. É sempre ele quem conduz meu pônei, quem cuida de mim fora de casa. Creio que nunca tive um doméstico tão prestativo, fiel, atencioso.” Quando falava dele, chegava a ser tocante. Parecia uma mocinha. John Brown tinha 36 anos na época, barba cerrada, lágrima fácil. Falava um inglês rudimentar e tinha maneiras bastante grosseiras.

Não demorou para que a cumplicidade entre os dois causasse escândalo. Todos chamavam Vitória de mrs. Brown. Diziam que estava louca, que tinha perdido a cabeça. Sua relação com ele se transformou no “escândalo Brown”. Os jornais escreviam: “O Escocês vela por ela com os olhos de Albert.” Mas, pouco a pouco, John começou a abusar. Desfilava a seu lado nas cerimônias oficiais e tinha se tornado indispensável: Vitória não dava um passo sem ele. Ela o nomeou *Esquire*, o primeiro escalão dos títulos nobiliárquicos, e lhe comprou várias casas que gravou com as armas reais, chamando-o de “melhor tesouro do meu coração” na frente de todos. Encontraram os bilhetes que escrevia para ele, assinados “*I can’t live without you. Your loving one*”. As pessoas estavam horrorizadas...

— Até parece que está falando de Diana! — exclamou

Joséphine, que tinha parado de balançar a rede para não perder uma palavra.

— John Brown começou a beber. Caía, completamente

bêbado, e Vitória dizia sorrindo “creio que ouvi um pequeno

terremoto”. Era o homem da casa. Cuidava de tudo, administrava

tudo. Dançava com a rainha nas festas reais e pisava seus pés sem

que ela dissesse nada. Alguns chegaram a chamá-lo de Rasputin!

Quando morreu, em 1883, ela ficou tão infeliz quanto na morte de

Albert. O quarto de Brown foi mantido intacto com seu grande kilt

sobre uma poltrona, e ela depositava uma flor em seu travesseiro

toda noite. Vitória resolveu escrever um livro sobre ele. Dizia que

tinha sido injustamente difamado quando estava vivo. Escreveu duzentas páginas de elogios e foi difícil convencê-la a não publicá-las. Mais tarde, foram encontradas mais de trezentas cartas de Vitória para John, muito comprometedoras. Foram recompradas e queimadas. E seu diário íntimo foi totalmente reescrito.

— Nunca tinha ouvido falar de nada disso!

— É normal, não é coisa que se aprenda nos livros de história. Temos a história oficial e a história íntima. Os grandes desse mundo são gente como nós: fracos, vulneráveis e sobretudo — sobretudo — muito solitários.

— Até as rainhas! — murmurou Joséphine.

— Sobretudo as rainhas...

Serviram a última taça de champanhe. Shirley virou a garrafa no balde de gelo e, vendo uma estrela cadente no céu, gritou

460

a Jo: “Faça um pedido, rápido, vamos, acabei ver uma estrela cadente!” Joséphine fechou os olhos e pediu que sua vida continuasse a seguir adiante, que nunca mais caísse no pântano do passado, que seus medos se apagassem para dar lugar a um novo ardor. E em seguida, acrescentou bem, bem baixinho: “Que eu encontre forças para escrever um novo livro só meu... E Luca também, estrela cadente, guarde Luca para mim.”

— Quantos pedidos fez, Jo? — perguntou Shirley sorrindo.

— Um monte! — exclamou Joséphine, rindo também. —

Estou me sentindo tão bem aqui, estou tão bem. Obrigada por ter

nos convidado... Que férias maravilhosas!

— Deve saber que não lhe contei tudo isso só para lhe dar uma aula de história, não?

— Vai rir de mim, mas estava pensando em Albert de Mônaco e seu filho ilegítimo.

— Não vou rir não, Jo... Eu também sou uma filha ilegítima.

— De Mônaco?

— Não... De uma rainha. De uma rainha magnífica que viveu uma linda história de amor com seu camareiro-mor. Ele não se chamava John Brown, mas Patrick. Também era escocês e era meu pai... Mas ao contrário de John Brown, meu pai era muito discreto. Ninguém nunca soube nada sobre ele. E quando morreu, há dois anos, a rainha não perdeu a cabeça. Durante muito tempo, seu olhar ficou velado, vago, mas ninguém ficou sabendo...

— Lembro que você voltou das férias muito triste....

— No final de 1967, quando a rainha percebeu que estava grávida, resolveu que teria seu filho. É uma mulher muito teimosa, muito voluntariosa. E amava meu pai. Amava a presença suave e atenciosa do homem que a amava como mulher e a respeitava como rainha. É também uma excelente cavaleira e, como você sabe, as mulheres que fazem equitação têm músculos fortes como os das bailarinas, abdominais tão fechados que podem dissimular uma gravidez sem que ninguém perceba. Três semanas antes de ter seu bebê, minha mãe tomava chá com o general De Gaulle, no Élysée. Tenho fotos desse encontro. Ela está com um vestido turquesa,

ligeiramente trapézio, e ninguém poderia dizer que estava nas vésperas de um feliz acontecimento! Nasci no palácio de Buckingham, à noite. Meu pai foi buscar sua própria mãe para ajudar minha mãe. Minha avó levou-me com ela naquela mesma

461

noite e, um ano depois, meu pai me trouxe de volta, explicando que era sua filha e que iria me criar sozinho... Cresci nas cozinhas e no escritório. Aprendi a andar nos imensos corredores atapetados de vermelho. Era a mascote do palácio. Trezentos empregados vivem lá durante o ano todo e existem seiscentos aposentos onde podia me divertir e me esconder! Não fui uma criança infeliz. Posso dizer isso sem mentir: sabia que ela era minha mãe e, no dia em que fiz 7 anos, quando papai me contou a verdade, não fiquei surpresa.

Como ele era o camareiro-mor, eu não precisava pedir audiência para vê-la e, na verdade, a via toda manhã, em seu quarto. A maneira como se comportava comigo era a prova de que me amava acima de qualquer coisa. Tinha uma governanta, miss Barton, que eu adorava e com quem aprontava as maiores travessuras! Ocupava um apartamento no palácio, junto com meu pai. Ia à escola, era boa aluna. Além da escola, tinha um preceptor que me ensinou francês e espanhol. Vivia muito ocupada! Foi quando fiz 15 anos que as coisas começaram a complicar. Comecei a sair, a beijar muitos rapazes, a beber cerveja nos pubs. Aprendi até a pular o muro...

Um dia, de manhã, meu pai veio me dizer que eu iria para a Escócia terminar meus estudos num colégio interno muito chique e que só

nos veríamos de novo no outro verão. Não entendi por que estava me afastando e fiquei furiosa com ele... De um dia para o outro, transformei-me numa verdadeira rebelde. Dormia com todos os rapazes que encontrava, usava drogas, roubava nas lojas. Continuei os estudos meio nas coxas e nem sei como consegui sair do colégio com um diploma no bolso! Aos 21 anos, descobri que estava grávida. Escondi de meu pai e tive Gary no hospital. O pai era um estudante lindo, cheio de charme que, ao saber de sua futura paternidade, declarou com frieza: “Problema seu, minha querida!” Naquele verão, quando papai chegou, me encontrou com Gary nos braços. O nascimento de Gary foi um verdadeiro choque para mim! Pela primeira vez na vida, era responsável por alguém. Pedi que papai me levasse de volta para Londres. Ele encontrou um pequeno apartamento para mim. E depois, um dia, ainda me lembro muito bem, fui ao palácio para apresentar Gary. Minha mãe mostrou-se ao mesmo tempo séria e emocionada. Percebi que me censurava por ter me comportado tão mal e que estava muito perturbada de me ver com Gary nos braços. Perguntou por que eu tinha feito aquilo. Eu disse que não suportava ficar longe dela. A ruptura tinha sido brusca demais. Foi então que ela teve a ideia de me alistar em seu corpo de guarda e me fazer passar por uma de suas empregadas... — Foi assim que você apareceu na TV!

462

— Aprendi a me defender, a lutar e me desenvolvi... Já era grande e bem forte e acabei sendo campeã de artes marciais. Podia

desempenhar meu papel sem levantar a menor suspeita. Tudo andaria muito bem se aquele homem não tivesse aparecido.

— O homem de preto que estava sentado no tapete?

— Fiquei loucamente apaixonada por ele e confessei meu segredo... Eu o amava tanto... Queria que fugíssemos juntos, mas ele dizia que não tinha dinheiro. Conteí tudo a ele e foi aí que meus problemas começaram. Aquele homem, Jo, é um sujeito lamentável, mas muito sedutor. Ele é a minha parte sombria. E fisicamente... Longe dele, consigo resistir, mas quando ele aparece, consegue fazer o que quiser de mim. Pois bem, conteí tudo e ele ameaçou revelar à imprensa. Eram os anos de Diana, aqueles anos de escândalos horríveis, *Annus Horribilis*... Lembra? Tive que avisar meu pai, que falou com minha mãe, e eles fizeram o que todas as cortes reais fazem quando querem esconder um segredo: compraram seu silêncio. Uma renda mensal de 30 mil euros para que ficasse calado! Em troca, prometi que sairia do país, mudaria de nome e nunca mais iria vê-lo novamente. Foi então que vim parar na França, mais precisamente no seu edifício. Peguei um mapa de Paris e arredores, abri um compasso, apoiei no mapa ao acaso e caí no nosso bairro! Durante as férias, íamos para a Inglaterra, eu continuava a ser um agente secreto a serviço da rainha ou da família real. Foi assim que conseguiram tirar fotos de Gary com William e Harry. Aí está, agora você já sabe de tudo.

— Gary também sabe?

— Sabe. Fiz como meu pai: conteí toda a verdade quando ele

fez 7 anos. Isso nos aproximou bastante e ele amadureceu muito

também. O que existe entre nós é indestrutível...

— E o homem de preto, não vai persegui-la?

— Depois daquela passagem por Paris, avisei Londres que, por sua vez, fez pressão sobre ele. Na verdade, ele também sente medo. Medo de perder sua renda vitalícia, medo dos serviços secretos. Um acidente se arranja de uma hora para outra. Acho que não vai voltar a me importunar, mas prefiro colocar a maior distância possível entre nós, para a minha própria segurança e também para tentar esquecê-lo. Resolvi virar a página. É por isso que estou conseguindo contar tudo hoje à noite. Sua visita foi a última gota. Resolvi que não ia mais deixar que me aterrorize e quando ele foi embora, de manhã bem cedo, só senti um enorme

463

desgosto, o desgosto por ter permitido que me manipulasse durante anos a fio...

Ela olhou para as estrelas e suspirou:

— Vou ter todo o tempo do mundo para falar com elas agora.

— Mande Gary para cá nas férias, e as meninas também, se quiserem... E depois em junho, posso ficar na sua casa na época dos exames finais para estar perto dele?

Joséphine concordou.

— Você vai substituir a sra. Barthillet. Imagine o quanto vou ganhar na troca!

Iris olhava pela janela de seu quarto. Detestava o mês de

janeiro. Detestava fevereiro também e as chuvaradas de março e abril. Em maio, tinha alergia ao pólen, em junho era quente demais. Não gostava mais da decoração de seu quarto. Abriu o armário: não tinha mais nada decente para vestir! O Natal tinha sido sinistro. Que festa horrível, pensou ela, apoiando a cabeça na vidraça. Philippe e ela, face a face, diante da grande lareira do salão: uma abominação!

Nunca mais tinham falado de Nova York.

E se evitavam. Philippe saía muito. Retornava por volta das sete da noite, mas só para cuidar de Alexandre. E saía de novo quando o filho ia tomar banho. Ela não perguntava onde ia. Está levando a vida dele e eu a minha. Não tenho por que me preocupar, sempre foi assim.

Tinha resolvido esquecer Gabor. Cada vez que pensava nele, um punhal rasgava seu coração. Ficava ofegante, partida em dois de tanta dor. Sentia vertigem quando recordava os acontecimentos de Nova York. Como se tivesse sido colocada na beira de um precipício. Não podia avançar, só saltar no vazio... O vazio a aterrorizava. O vazio a atraía.

Vivia por distração.

Seu momento de glória tinha chegado ao fim. Depois do frenesi dos três primeiros meses, os jornais tinham encontrado novos assuntos para fazer sensação. Ela era cada vez menos solicitada. É tudo tão rápido! Um pouco antes do Natal, era chamada para seções de fotos ou para abrilhantar uma festa com

minha presença... Agora... Olhou a agenda: ah, sim! Uma foto para *Gala* na próxima terça... Não sei o que vestir, vou ter que perguntar

464

a Hortense. É isso, vou pedir a Hortense que invente um novo look para mim! Isso vai me manter ocupada. Vamos fazer um giro pelas lojas. Preciso encontrar alguma coisa que me coloque de novo em cena. A luz dos holofotes é embriagadora, mas, quando se apaga, é apavorante.

“Quero que olhem para mim!”, rugiu ela na calma acolchoada de seu quarto. Mas para isso, preciso criar meu próprio espetáculo.

Deixar que cortassem meus cabelos ao vivo foi perfeito. Preciso encontrar outra ideia... Mas o quê? Olhava a chuva bater na vidraça, deslizar e cair na moldura da janela. Ligou a TV, num programa do final da tarde. Lembrava que tinha ido ao programa.

“Vende muito, muito mesmo, precisa ir de qualquer maneira”, tinha dito o assessor de imprensa. Agora, um jovem autor apresentava seu romance. Iris sentiu uma pontada de inveja. Uma cronista, não sabia seu nome, comentava que tinha adorado o livro, que era muito bem-escrito: sujeito, verbo, predicado. Frases curtas, rápidas.

— É normal — respondeu o jovem autor —, de tanto mandar torpedos...

Iris se deixou cair na cama, deprimida. O seu livro não foi escrito como um torpedo. O seu livro é literatura. O que poderia ter em comum com aquele paspalho? Ainda cheira a leite! Desligou a

TV, nervosa, febril. Recomeçou a andar de lá para cá. Encontrar uma ideia, encontrar uma ideia. Philippe não vinha jantar.

Alexandre estava em seu quarto. Não dava atenção ao filho. Não tinha forças para se interessar por ele. Quando se encontravam, os dois, e ele falava do que tinha acontecido na escola, ela fazia de que conta que ouvia. Balançava a cabeça sem dizer nada, para pontuar as frases do filho com um arremedo de atenção, mas desejava que ele se calasse logo. Ficariam sozinhos na mesa à noite. Ficava cansada só de pensar, pensou em pedir a Carmen que preparasse uma bandeja e trouxesse para ela no quarto, mas desistiu a tempo. Deve ter alguma coisa na TV. Vamos jantar na frente da TV.

No dia seguinte, ia almoçar com Bérengère.

— Não está com uma cara muito boa...

— Tinha que começar a escrever de novo e estou apavorada...

— Devo dizer que, para uma primeira vez, foi um golpe de mestre. Conseguir fazer isso de novo não deve ser muito fácil!

465

— Obrigada pelo incentivo — sibilou Iris. — Devia almoçar com você mais vezes, ia me levantar a moral.

— Ouça, acabou de passar por três meses em que todo mundo só falava de você, em que apareceu em todos os lugares... é normal que fique um pouco deprimida diante da ideia de se trancar para trabalhar de novo.

— Queria que durasse para sempre...

— Mas está durando! Quando entramos no restaurante, ouvi

as pessoas murmurando “é ela, Iris Dupin, aquela que escreveu aquele livro...”

— É mesmo?

— Juro.

— Pode ser, mas vai acabar logo...

— Não, não vai, porque você vai escrever outro.

— É tão difícil! Leva tempo...

— Então faça uma loucura! Cometer suicídio, talvez...

Iris fez uma careta.

— Ou ir cuidar das crianças leprosas de Papua Nova Guiné...

— Muito obrigada!

— Dê seu nome a uma rosa...

— Não sei nem onde começa e onde termina!

— Apareça com um garotão... Veja Demi Moore, não fez mais nenhum filme, mas continuam a falar dela por causa da juventude de seu companheiro.

— Não conheço nenhum. Os colegas de Alexandre são jovens demais... E tenho Philippe... não vamos esquecer!

— Basta explicar que é apenas publicidade para o próximo romance! Ele vai entender. Ele compreende tudo, o seu maridinho...

Trouxeram os pratos e Iris olhou para o alimento com desgosto.

— Precisa comer! Vai acabar anoréxica.

— É melhor para a televisão! A TV engorda 10 quilos, é melhor estar bem magra...

— Ouça, Iris, vai acabar pirada... esqueça essa história, comece a escrever de novo. Para mim, é a melhor coisa a fazer!

Ela tem razão, tem toda a razão. Preciso insistir com Joséphine. Ela se recusa a escrever outro. Fica tensa só de ouvir falar. Sábado que vem vou me convidar para almoçar em seu subúrbio distante. Falo com ela e convido Hortense para fazer compras comigo...

— Não, Iris, não adianta insistir! Não vou começar tudo de novo!

As duas estavam na cozinha. Joséphine fazia o jantar. Gary estava morando com elas; era como se tivesse que alimentar um ogro.

— E por que não? Esse primeiro livro não mudou a sua vida?

— Mudou... E você não tem ideia de quanto...

— E então?

— Então... não.

— Nós duas formamos uma equipe formidável. Meu lançamento foi perfeito, tenho um nome, uma reputação, só preciso realimentar a máquina! Você escreve, eu vendo, você escreve, eu vendo, você escreve...

— *Stop!* — gritou Joséphine, tapando as orelhas. — Não sou uma máquina.

— Não consigo entender. Já fizemos a parte mais difícil, que é ganhar um lugar ao sol, e agora você dá pra trás...

— Quero escrever para mim mesma...

— Para você! Não vai vender nem um único exemplar!

— Muito obrigada.

— Não é o que quis dizer. Desculpe... Mas vai vender muito, muito menos. Conhece os números de *Uma humilde rainha*? Os verdadeiros, não os furados que aparecem no encarte publicitário...

— Não faço ideia...

— Cento e cinquenta mil em três meses! E continua a vender, Jo, continua a vender... Quer parar tudo isso?

— Não posso. É como se tivesse colocado um filho no mundo e não conseguisse reconhecê-lo mais.

467

— Ah, finalmente! Não gostou de me ver cortando o cabelo ao vivo na TV, me exibindo nos jornais, respondendo perguntas idiotas... É o jogo, Jo, fazer isso é necessário!

— Talvez... Mas continuo não gostando. Quero fazer de outro modo.

— Sabe quanto vai ganhar com essa história toda?

— Cinquenta mil euros...

— Você está completamente por fora! Dez vezes mais!

Joséphine deu um grito assustado e cobriu a boca com a mão livre.

— Isso é horrível! O que vou fazer com todo esse dinheiro?

— O que quiser, não estou nem aí...

— E os impostos? Quem vai pagar os impostos sobre essa

soma?

— Tem uma lei que beneficia os escritores. Podem parcelar seus ganhos em cinco anos. É menos doloroso. E vai passar misturado aos impostos de Philippe, ele não vai nem perceber!

— Não posso deixar que pague impostos sobre o que eu ganho!

— Por quê? Já disse que ele não vai nem notar.

— Oh! Não... — gemeu Joséphine — É horrível, nunca poderia fazer isso!

— Claro que pode, porque fizemos um pacto e você vai cumpri-lo. Falar com Philippe sobre esse assunto está completamente fora de questão. Além do mais, estamos num momento ruim, não é hora de jogar toda essa história em cima dele. Pense em mim, Joséphine, eu imploro... Quer que fique de joelhos? Joséphine deu de ombros e não respondeu.

— Pode me passar o creme fresco? Vou colocar uma montanha. Não faz ideia da quantidade que um moleque de 1,90 metro come! Encho a geladeira, ele esvazia, encho de novo, ele esvazia de novo!

Iris passou o creme com uma expressão de menininha suplicante.

— A rã e a aranha arranham o rei que...

468

— Não insista, Iris. É não!

— Só mais um, Jo, depois eu me viro. Aprendo a escrever,

olho você trabalhar, trabalho junto... O que custa? Seis meses da sua vida e para mim é a salvação!

— Não, Iris.

— Você é mesmo uma ingrata! Não guardei nada para mim, entreguei tudo a você, sua vida mudou completamente, você mudou completamente...

— Ah! Você também notou?

Hortense enfiou a cabeça na porta da cozinha.

— Vamos, Iris? Tenho que acabar um trabalho hoje à noite.

Não posso chegar muito tarde.

Iris olhou para Joséphine mais uma vez, juntando as mãos em prece fervente, mas ela sacudiu a cabeça firmemente.

— Quer saber de uma coisa? — disse Iris, levantando. —

Você não está sendo nada legal...

Agora a culpa, pensou Joséphine. Ela vai me culpabilizar.

Está tentando realmente tudo. Secou as mãos no avental, resolveu acrescentar um pacote de bacon à quiche e colocou no forno.

Cozinhar me descansa. As pequenas coisas da vida são repousantes. É o que faz falta a Iris. Ela liga sua vida a coisas artificiais, sem raízes, é por isso que perde pé diante da menor contrariedade. Talvez fosse uma boa ideia lhe ensinar a fazer quiche! Talvez isso conseguisse parar o carrossel em sua cabeça.

Pela janela da cozinha, viu a irmã e a filha entrarem no carro de Iris.

— As coisas não estão bem com mamãe? — perguntou

Hortense à tia, fechando o cinto de segurança do Smart.

— Pedi que me desse uma mãozinha no meu próximo livro e ela se recusou a ajudar...

Uma ideia brotou na cabeça de Iris e ela perguntou:

— Será que não conseguiria convencê-la? Ela gosta tanto de você. Se pedir, talvez ela diga sim.

— Ok, vou falar com ela hoje à noite.

469

Hortense verificou se o cinto estava bem fechado e se não estava amassando sua camisa Équipement novinha e depois voltou ao assunto.

— Bem que ela podia ajudar. Afinal, você sempre fez tudo por ela e por nós!

Iris suspirou e assumiu um ar de vítima sofredora.

— Sabe, quanto mais a gente ajuda as pessoas, menos elas reconhecem.

— Onde vamos para as compras?

— Sei lá: Prada? Miu Miu? Colette?

— O que você quer exatamente?

— Vou fazer uma fotos para *Gala* na terça que vem e queria estar, ao mesmo tempo, rasgada, chiquérrima e classuda!

Hortense pensou um pouco e decidiu:

— Vamos às Galeries Lafayette. Eles têm um andar dedicado aos novos criadores. Já estive lá algumas vezes. É bem interessante. Posso assistir à seção de fotos na terça-feira? Nunca

se sabe, poderia encontrar jornalistas de moda.

— Sem problema...

— Posso levar Gary? Assim pego uma carona de scooter...

— Claro. Vou deixar os nomes dos dois na entrada do estúdio.

À noite, quando Hortense voltou carregada de sacolas com as roupas dadas pela tia para agradecer a ajuda que acabou tomando a tarde inteira, perguntou à mãe por que não queria dar uma mão a Iris.

— Ela nos ajudou tanto nesses últimos anos.

— Isso não é da sua conta, Hortense. É um problema entre mim e Iris...

— Ora, mamãe... Podia ajudar Iris pelo menos uma vez na vida!

— Vou repetir, Hortense: não é da sua conta. Vamos, está na mesa! Vá chamar Zoé e Gary.

Não tocaram mais no assunto e foram se deitar depois do jantar. Hortense estava surpresa com o tom firme da mãe. Tinha

470

calado sua boca com tanta segurança. Uma autoridade nova, tranquila. Isso é novidade, pensou consigo enquanto tirava a roupa.

Estava colocando as roupas dadas pela tia nos cabides quando seu

celular tocou. Estendeu-se na cama e respondeu em inglês, com

uma graça langorosa que chamou a atenção de Zoé, ocupada em

enfiar o pijama sem desabotoar os botões da camisa. Quando

Hortense desligou e colocou o celular na mesinha de cabeceira, Zoé

perguntou:

— Quem era, um inglês?

— Você nunca ia adivinhar — respondeu Hortense, espreguiçando-se na cama com uma nova sensualidade.

Zoé olhou para ela espantada.

— Diga quem é. Não vou contar nada. Eu juro!

— Não. Ainda é muito pequena, vai abrir o bico.

— Se me contar, conto para você um segredo horrível! Um verdadeiro segredo de gente grande!

Hortense olhou para a irmã. Estava séria, seus olhos pareciam hipnotizados pela importância de sua revelação.

— Um segredo de verdade? Não é uma bobagem qualquer?

— Um segredo de verdade...

— Era Mick Jagger...

— O cantor? O cara dos Rolling Stones?

— Encontrei com ele em Moustique e bem... simpatizamos um com o outro.

— Mas ele é velho, baixinho, enrugado, muito magro e com uma boca enorme...

— Mas eu gosto! Na verdade, gosto muito!

— Vai encontrar com ele novamente?

— Ainda não sei. Só estamos conversando no celular. Muitas vezes...

— E o outro, aquele que liga o tempo todo quando estou

dormindo?

— Chaval? Larguei... Supergrudento! Choramingava nos meus joelhos, babava tudo. Um saco, o cara!

— Uau! — disse Zoé, admirada. — Você zapeia rápido, hein!

471

— A gente tem que zapear na vida, só guardar o que interessa pode ser útil. O resto é perda de tempo... E então, qual é seu segredo?

Fez um trejeito desdenhoso com a boca, como se o segredo da irmã não pudesse chegar aos pés de Mick Jagger.

— Vou contar... Mas tem que prometer que não vai dizer a ninguém.

— Prometo, juro!

Hortense estendeu a mão e cuspiu no chão.

— Eu sei por que mamãe não quer ajudar Iris a escrever outro livro...

Hortense ergueu uma sobrancelha, espantada.

— Sabe mesmo? Você!

— É, sei...

Zoé se sentiu importante. Teve vontade de esticar o suspense um pouco mais.

— E como é que soube?

Diante da carinha espantada e amável da irmã, não aguentou muito tempo e contou que estava trancada dentro do armário com Alexandre e o que tinham ouvido lá de dentro.

— Philippe estava dizendo a alguém que foi mamãe quem

escreveu o livro...

— Tem certeza?

— Tenho...

— Então — concluiu Hortense —, é por isso que Iris está

insistindo tanto para mamãe ajudar. Ela não quer ajuda, quer que mamãe escreva o livro todo!

— Porque ela nunca escreveu o primeiro. Foi mamãe quem escreveu. Mamãe é demais, mais que demais, sabia?

— Agora estou entendendo... Obrigada, Zoétounette.

Zoé se enroscou toda de prazer e lançou um olhar de devoção para a irmã. Hortense tinha dito Zoétounette! Não acontecia muitas vezes. Em geral empurrava, rejeitava a irmã, dizendo que não passava de um bebê. Naquela noite, tinha levado Zoé a sério. Ela deitou e adormeceu sorrindo.

472

— Gosto muito quando você fica assim, Hortense...

— Durma, Zoétounette, durma...

Em sua cama, Hortense refletia. A vida era mesmo apaixonante. Mick Jagger atrás dela no celular, sua mãe, uma autora de sucesso, sua tia não podia mais dar um passo sem ela: o dinheiro ia jorrar aos borbotões... No fim do ano, faria os exames do ensino médio. Precisa de pelo menos uma menção honrosa para ser aceita numa boa escola de design. Em Paris ou em Londres. Tinha se informado. Saberá escolher. Estudar para ter sucesso. Não

depende de ninguém. Encantar os homens para abrir caminho. Ter dinheiro. A vida era simples para quem usava as receitas certas.

Assistia, aflita, às dúvidas de suas colegas de turma, que perdiam tempo tentando saber se um gigante espinhento tinha ou não olhado para elas. Mas ela não, ela traçava metas. Chaval tinha perdido a pele, e Mick Jagger não largava o seu pé. Sua mãe ia ganhar um monte de dinheiro... desde que embolsasse os direitos do livro. Não posso permitir que seja passada para trás! O que posso fazer? Com quem me aconselhar?

Encontraria alguém.

Pensando bem, não era tão difícil assim ganhar um lugar ao sol. Bastava se organizar. Não perder tempo com histórias do coração. Não amolecer. Dispensar Chaval, que já não servia para nada, e fazer um velho roqueiro acreditar que era seu príncipe encantado. Os homens são tão vaidosos! Seus olhos se contraíram na escuridão do quarto. Deitou em sua posição preferida para dormir: os braços ao longo do corpo, a cabeça reta, as pernas juntas numa longa cauda de sereia. Ou de crocodilo. Sempre gostou dos crocodilos. Nunca teve medo deles. Ela os respeitava. Pensou no pai por um instante. Como a vida tinha mudado depois que ele partiu! Pobre papai, suspirou, fechando os olhos. Mas se recuperou imediatamente: nem pensar, não posso ficar sentimental por causa dele. Ele também vai encontrar uma saída!

E enquanto isso, a vida se apresentava com ótimos prognósticos.

Philippe Dupin consultou sua agenda e viu que Joséphine estava marcada para as três e meia. Ligou para a secretária e perguntou se sabia do que se tratava.

— Ela ligou para marcar uma hora oficialmente... Insistiu que precisava de um certo tempo. Não devia ter marcado?

473

Ele resmungou sim, sim e desligou, curioso.

Quando Joséphine entrou em sua sala, ele teve um choque.

Bronzeada, alourada, mais magra, tinha rejuvenescido, mas acima de tudo parecia ter se livrado de um peso interior. Não andava mais olhando para o chão, os ombros baixos, como quem pede desculpas por existir. Entrou na sala sorrindo, beijou-o e foi sentar diante dele.

— Preciso falar com você, Philippe...

Examinou-a, sorriu para deter o tempo por um segundo e perguntou:

— Está apaixonada, Joséphine?

Desconcertada, ela gaguejou um sim, seu olhar se perturbou um pouco e ela acrescentou:

— Dá para ver?

— Está escrito na sua cara, no seu jeito de andar, de sentar... Eu conheço?

— Não...

Olharam-se por um longo instante em silêncio e Philippe leu no olhar de Joséphine uma certa angústia, que suavizou a tristeza

que estava sentindo.

— Fico muito feliz por você...

— Mas não vim para falar sobre isso.

— Ah... Pensei que éramos amigos...

— Justamente. Vim vê-lo justamente porque somos amigos.

Respirou profundamente e começou:

— Philippe... O que tenho a lhe dizer não é agradável e não gostaria de modo algum que pensasse que quero fazer algum mal a Iris.

Hesitou de novo e Philippe ficou se perguntando se ia ter coragem de revelar, frente a frente com ele, a trapaça do livro.

— Vou ajudá-la, Jo. Iris não escreveu *Uma humilde rainha*, foi você quem escreveu...

Boquiaberta, Jo ergueu as sobrancelhas numa interrogação muda.

— Você sabia?

474

— Desconfiava e comecei a desconfiar cada vez mais...

— Meus Deus! E eu que pensava...

— Joséphine, vou lhe contar como foi que encontrei sua irmã... Quer que peça para nos trazerem alguma coisa para beber?

Joséphine engoliu em seco e disse sim, ótima ideia. Estava com um nó na garganta.

Philippe pediu dois cafés com dois grandes copos d'água.

Joséphine fez que sim e ele começou a contar sua história.

— Foi há mais ou menos vinte anos, fazia pouco tempo que eu era advogado: tinha trabalhado dois ou três anos na França e estava fazendo um estágio em Dorman e Steller, em Nova York, no departamento de direitos autorais. Devo dizer que estava orgulhosíssimo! Um dia, recebi um telefonema do diretor de um grande estúdio de cinema americano, cujo nome prefiro não revelar, que tinha um dossiê muito desagradável nas mãos e pensava que o caso podia me interessar: referia-se a uma jovem francesa.

Perguntei do que se tratava e eis o que ele disse: os alunos do último ano de *Creative writing* da Universidade de Columbia, departamento de cinema, tinham realizado um trabalho coletivo, um roteiro escrito a várias mãos que, no final do ano, foi reconhecido pelo corpo docente de Columbia como o mais original, brilhante, bem-acabado de todos os trabalhos produzidos pelos estudantes. Esse roteiro foi encenado em seguida por um certo Gabor Minar, que fez um média-metragem de cerca de trinta minutos financiado pela Universidade de Columbia, muito elogiado pelos professores, que, em seguida, facilitou seu acesso a financiamentos para projetos mais ambiciosos. O filme, como era de praxe, foi exibido no circuito universitário e, a cada exibição, ganhava um prêmio. Pois bem, Iris fazia parte desse grupo junto com Gabor e participou da elaboração do roteiro. Até aí, nada de mais. Foi depois que a coisa degradingolou... Iris reescreveu o roteiro, mudou dois ou três detalhes na história, fez uma versão para longa-metragem e apresentou a um estúdio de Hollywood como se fosse

um projeto original. Encantado com a história, o estúdio ofereceu a Iris um contrato de sete anos como roteirista. Com muitos, muitos zeros. Era uma estreia, um acontecimento e a imprensa especializada falou bastante do assunto.

— Lembro muito bem, não se falava de outra coisa lá em casa. Minha mãe não cabia em si de felicidade.

475

— Mas é claro! Era a primeira vez que ofereciam um contrato desse nível a uma aluna recém-saída da universidade. Tudo correria bem se uma outra aluna daquele grupo de trabalho de Iris não ficasse sabendo da história. Ela teve acesso ao roteiro de sua irmã, comparou com o roteiro coletivo original e convenceu o estúdio de que Iris era uma ladra, que estava cometendo uma fraude, ou seja: aos olhos da lei americana, ela era uma criminosa! O caso me interessou, resolvi pegá-lo. Encontrei sua irmã e me apaixonei perdidamente... Fiz tudo que podia para livrá-la dessa encrenca. Em troca, ela teve que prometer que nunca mais trabalharia nos Estados Unidos e ficou proibida de colocar os pés no país durante dez anos! Para a lei americana, ela tinha cometido um crime grave: eles não brincam com mentirosos, é o maior dos crimes para eles!

— Clinton foi arrastado na lama pela mídia exatamente por ter mentido...

— O caso foi abafado, Gabor Minar e os outros estudantes nunca souberam de nada e a moça que tinha descoberto a fraude

foi generosamente indenizada... graças a mim. Aceitou retirar a queixa por uma grande soma em dólares. Eu tinha dinheiro, ganho em dois ou três casos importantes e, portanto, paguei...

— Porque estava apaixonado por Iris...

— Isso mesmo. A palavra apaixonado não retrata a situação... — disse ele sorrindo. — Estava de quatro, fascinado. Ela

aceitou o arranjo sem dizer nada, mas creio que ficou

profundamente ferida com o fato de ser pega em flagrante delito de

fraude. Fiz de tudo para que esquecesse, para que o golpe em sua

autoestima cicatrizasse. Trabalhei como um louco para fazê-la feliz,

tentei convencê-la a escrever novamente. Ela sempre falou muito no

assunto, mas nunca colocou a mão na massa... Então tentei

despertar seu interesse por outras coisas, por alguma outra forma

de arte. Sua irmã é uma artista, uma artista frustrada e isso é o

que há de pior no mundo. Nada podia satisfazê-la. Ela sonha com

uma outra vida, sonha em criar alguma coisa mas, como você sabe,

não se faz isso por decreto, se faz com trabalho. Quando ela disse

que estava escrevendo uma história que se passava no século XII,

adivinei que estávamos caminhando para uma nova encenação...

— Ela encontrou um editor num jantar e inventou que estava

escrevendo um livro. Ele prometeu que assinaria um contrato se ela

apresentasse um projeto e ela ficou enrolada em sua própria

476

mentira. Eu estava cheia de problemas de dinheiro na época,

Antoine tinha ido embora deixando uma dívida enorme no banco,

estava com a faca no pescoço e acho que também tinha vontade de escrever, há muito tempo... Com tudo isso, acabei dizendo sim...

— E se viu envolvida por algo que era maior que você...

— E agora quero colocar um ponto final nessa história. Ela implorou que escrevesse um segundo livro, mas não quero, não quero mesmo...

Olharam-se sem dizer nada. Philippe brincava com sua caneta de prata. Batia no tampo da mesa com a ponteira, a caneta saltava e ele recomeçava, produzindo um ruído surdo, que ritmava seus pensamentos.

— Tem mais um problema, Philippe...

Ele ergueu a cabeça e olhou para ela, num olhar pesado e triste. A caneta parou de martelar. A secretária bateu na porta e colocou o café na mesa. Philippe estendeu uma xícara a Joséphine e depois o açucareiro. Ela pegou um torrão, colocou na boca e bebeu o café. Philippe ficou olhando, enternecido.

— Papai também bebia café assim — disse ela, pousando a xícara. — Preciso lhe contar outra coisa — recomeçou Jo. — É muito importante para mim.

— Estou ouvindo, Jo.

— Não quero que você pague os impostos do livro. Parece que vou ganhar muito dinheiro, pelo menos foi o que Iris disse. Ela disse também que você podia pagar, que não ia nem notar e isso para mim é inaceitável. Ia me sentir muito mal...

Ele sorriu e seu olhar ficou mais suave.

— Você é um amor...

Endireitou-se e recomeçou o jogo com a caneta.

— Num certo sentido, ela tem razão, sabia, Jo? O dinheiro vai ser dividido em cinco anos por causa da lei Lang, que beneficia os escritores, e acho que eu não ia nem notar mesmo. Pago tanto imposto que para mim dá no mesmo!

— Mas eu não posso aceitar.

Ele pensou um pouco e disse:

— É muito bom saber que pensa assim. Fique sabendo que respeito você por isso. Mas... qual é a alternativa, Jo? Vai declarar

477

os direitos autorais que recebeu? Em seu próprio nome? Vai querer que assinem um cheque e depositem no banco em seu próprio nome? Todo mundo vai ficar sabendo que a verdadeira autora do livro é você e, acredite, Jo, acho que Iris não sobreviveria à humilhação pública. Poderia até fazer uma grande, enorme besteira.

— Acha mesmo?

Ele balançou a cabeça.

— Não é o que você quer, não?

— Não, com certeza não quero nada disso...

Ouviu o barulho da caneta batendo no tampo da escrivaninha, toc, toc, toc.

— Gostaria de ajudá-la, mas está acima das minhas forças, mesmo sendo minha irmã...

Encarou Philippe no fundo dos olhos e repetiu “minha irmã”.

— Sou grata a ela: sem ela, nunca teria escrito e isso me transformou completamente, não sou mais a mesma pessoa. Tenho vontade de recomeçar. Sei muito bem que um próximo livro não vai vender como *Uma humilde rainha*, porque não estou disposta a fazer tudo o que Iris fez para lançar o livro, mas não me importa... Vou escrever por mim mesma, para o meu prazer. Se funcionar, bem, se não funcionar, dane-se!

— Você é uma batalhadora, Jo. Quem foi mesmo que disse que o gênio é noventa por cento de transpiração e dez por cento de talento?

A caneta martelou a mesa, mudando de ritmo, acompanhando a raiva interior de Philippe.

— Iris se recusa a trabalhar, Iris se recusa a transpirar... Iris se recusa a encarar a realidade de frente... Em tudo, em relação ao livro, ao filho ou ao marido!

Contou sobre a viagem a Nova York, o encontro com Gabor Minar e o silêncio obstinado de Iris depois disso.

— É uma outra história que não tem nada a ver com você, mas creio que não é o momento de contar ao mundo inteiro que foi você quem escreveu. Não sei se ficou sabendo, mas os direitos do livro foram comprados por cerca de trinta países, já se fala em adaptação para o cinema por um diretor conhecido, cujo nome

não for assinado... Pode imaginar as proporções do escândalo?

Joséphine balançou a cabeça, embaraçada.

— Não quero nem que saiba que sei de tudo — continuou

Philippe. — Ela tomou gosto pelo sucesso, não suportaria a vergonha de um desmentido público. Está vivendo como uma sonâmbula, não podemos despertá-la agora. O livro é sua última ilusão. Depois dele, ela poderá pelo menos dizer que é uma escritora de um livro só. Não será a única e dizendo isso pelo menos terá uma saída honrosa. Muitos vão felicitá-la por sua lucidez!

A caneta não batia mais na mesa. Philippe tinha chegado a uma conclusão, Joséphine aceitou.

— Então — acrescentou ela depois de pensar um pouco —, deixe pelo menos que lhe dê um grande, imenso presente. Por que não me convida para ir a uma galeria que tenha um quadro que você deseja muito? Assim, posso lhe fazer esse presente...

— Será um prazer. Gosta de artes plásticas?

— Conheço melhor a história e a literatura, mas posso aprender...

Ele sorriu, ela deu a volta na mesa e se debruçou sobre ele para beijá-lo e agradecer.

Ele virou a cabeça para ela, e suas bocas se encontraram.

Trocaram um beijinho rápido e se afastaram. Joséphine acariciou seus cabelos num gesto suave e cheio de ternura. Ele segurou seu punho e depositou um beijo na parte interna, murmurando “estarei sempre aqui, Jo, sempre aqui para você, não se esqueça”.

Ela murmurou “eu sei, eu sei...”.

Meu Deus, pensou ela já na rua, minha vida vai se complicar muito se coisas desse tipo começarem a acontecer. E eu que pensava que tinha chegado ao equilíbrio! Minha vida entrou na dança novamente...

E de repente, sentiu-se muito feliz e chamou um táxi para ir pra casa.

A sessão de fotos chegava ao fim. Iris estava sentada num cubo branco no meio de um longo rolo de papel branco que subia atapetando a parede de tijolos aparentes do estúdio. Usava o casaco de um tailleur rosa-pálido, muito decotado, com debruns em cetim, que envolvia seu torso esguio. Três botões em forma de rosas

479

fechavam o paletó, que tinha ombreiras e um franzido em casa de abelha na cintura. Um amplo boné de cetim rosa escondia seus cabelos curtos e destacava seus grandes olhos azuis, sombreando-os de um malva delicado que fez a felicidade da editora de moda.

— Você está simplesmente divina, Iris! Estou começando a achar que devíamos fazer uma capa...

Iris sorriu com um ar modesto.

— Não exagere!

— Estou falando sério, não é, Paolo? — perguntou ela ao fotógrafo.

Ele levantou o polegar em sinal de assentimento e Iris enrubescou. Uma maquiadora veio retocar a maquiagem, pois o

calor dos projetores a fez transpirar. Pequenas gotas de suor perolavam o nariz e as maçãs do rosto.

— E essa ideia de usar um casaco Armani com jeans rasgados e botas de lixeiro é simplesmente genial!

— Foi ideia de minha sobrinha. Apresente-se, Hortense!

Hortense saiu da sombra e veio cumprimentar a jornalista.

— Você se interessa por moda?

— Muito...

— Gostaria de assistir a outras sessões de foto?

— Adoraria!

— Então deixe o número do seu celular e entrarei em contato...

— Pode me dar o seu também, caso a senhora perca o meu?

A mulher olhou para ela, espantada com seu atrevimento, e disse “por que não? Você vai longe, menina!”.

— Ao trabalho, vamos fazer mais um rolo e paramos. Estou exausta. Já temos o que precisamos, é realmente só por segurança.

O fotógrafo terminou o filme, mas, antes de guardar suas máquinas, Iris perguntou se não podia fazer umas fotos dela com Hortense.

Hortense se aproximou e posou a seu lado.

— Podemos chamar Gary? — pediu Hortense.

480

— Venha, Gary, venha... — gritou a redatora. — Mas é um belo rapaz! Não gostaria de fazer umas fotos, por acaso?

— Não, não estou muito interessado, prefiro ser fotógrafo...

— Passe um pouco de pó no nariz dos dois — pediu a redatora, fazendo um sinal para a maquiadora.

— É para mim, não é para fotos de moda — comentou Iris.

— Mas eles são tão bonitos! Nunca se sabe, pode ser que ele mude de ideia...

Iris fez uma série de fotos com Hortense e outra com Gary. A redatora insistiu para que fizessem algumas num clima romântico, os dois abraçados, para ver o que dava. Em seguida, deu a sessão por encerrada e agradeceu a todos.

— Não se esqueça de me enviar as fotos — lembrou Iris, antes de ir mudar de roupa.

Os três se encontraram no grande camarim de Iris.

— Ufa! Como é cansativo ser modelo — suspirou Hortense. —

Quanta espera! Imagine: você está aqui há cinco horas! Cinco horas sorrindo, posando, sempre perfeita. Nunca poderia fazer isso!

— Nem eu! — afirmou Gary. — E esse pó, que nojo!

— Pois eu adoro! Todo mundo paparicando, fazendo tudo para deixá-la cada vez mais linda, linda, linda... — exclamou Iris. —

Em todo caso, meus parabéns pelas compras, querida, foi fantástico.

Voltaram para o palco, onde os iluminadores arrumavam os projetores, fios e tomadas. Iris chamou a redatora e o fotógrafo à parte e convidou-os para um drinque no Raphaël.

— Adoro o bar do hotel. Não querem vir conosco? —

perguntou Iris a Hortense e Gary.

Hortense olhou o relógio e disse que não poderia ficar muito tempo: precisavam voltar a Courbevoie.

Foram juntos para o Raphaël. A redatora murmurou para o fotógrafo:

— Não guarde a câmera, faça umas fotos desse rapaz. Ele é bonito de tirar o fôlego...

No Raphaël, Iris levantou o braço e pediu uma garrafa de champanhe. Gary e Hortense pediram Coca-Cola: ele estava

481

dirigindo a scooter do amigo e ela ainda tinha um trabalho a fazer naquela noite. O fotógrafo e a jornalista beberam um fundinho de copo. Foi Iris quem deu cabo da garrafa. Falava muito, ria alto, balançava as pernas, sacudia as pulseiras. Agarrou Gary pelo pescoço e puxou-o para si. Quase caíram, mas Gary conseguiu segurá-la nos braços. Todo mundo riu. O fotógrafo fez fotos. Iris começou a fazer caras e bocas, cara de palhaço, de carmelita, de estrela do cinema mudo, metralhada pelo fotógrafo. Ela ria cada vez mais alto e se aplaudia a cada nova interpretação.

— Que divertido! — gritou esvaziando a taça.

Hortense olhava para ela, surpresa. Nunca tinha visto a tia naquele estado. Aproximou-se dela e cochichou:

— Cuidado, já bebeu demais!

— Oh! A gente tem direito de se divertir de vez em quando! —

disse ela, falando com a jornalista que observava espantada. —

Você não faz ideia do que significa escrever. Horas e horas sozinha diante da tela, com um velho café frio, procurando uma palavra, uma frase. Dá dor de cabeça, dor nas costas... agora que posso me divertir, vamos aproveitar...

Hortense desviou os olhos, incomodada com as palavras da tia. Deu uma olhadela para Gary e fez um sinal “vamos?”. Gary aprovou com a cabeça e levantou.

— Precisamos ir. Joséphine está esperando. Não quero que fique preocupada...

Cumprimentaram todo mundo e partiram. Na rua, Gary passou a mão pelos cabelos e comentou:

— Puta que o pariu! Sua tia estava muito esquisita hoje. Não parou de me alisar!

— Bebeu demais! Esqueça...

Hortense abraçou a cintura de Gary e ele partiu. Pela primeira vez na vida, Hortense sentiu pena. Não reconhecia muito bem o sentimento que crescia dentro dela, como uma onda quente, meio enjoativa. Sentiu vergonha de Iris. Sentiu pena de Iris. Nunca mais ia olhar para ela como olhava antes. A imagem da tia caída no sofá vermelho do bar do Raphaël, tentando puxar, alisar, beijar Gary ou esvaziando a taça de champanhe como uma morta de sede ficaria gravada em sua mente. Estava triste: tinha acabado de perder uma fada madrinha, uma cúmplice. Sentiu-se sozinha e era

pensamento: ainda bem que mamãe não viu isso! Não ia gostar nem um pouco. Ela nunca teria feito uma coisa dessas. E no entanto, foi ela quem escreveu o livro. Sozinha. Sem dizer uma palavra. Ela não fala, não se exhibe, não dá espetáculo...

Nunca pensei que Iris fosse capaz disso, pensou Hortense, enlaçando Gary. Mas de repente, um pensamento a atingiu como uma chicotada: espero que ela não tenha passado seus direitos autorais para Iris! Seria a cara dela. O que posso fazer para ter certeza? Falar com quem? Como recuperar esse dinheiro? A questão a atormentou até o momento em que teve uma ideia que qualificou de genial...

Três semanas mais tarde, enquanto esperava a esteticista para sua sessão semanal de limpeza de pele e massagem, Henriette Grobz pegou uma revista na pilha que estava na mesa da sala de espera. Escolheu aquela porque achou que tinha visto o nome de sua filha Iris na capa. Henriette se deleitava e apreciava tanto o sucesso literário da filha, quanto reprovava sua exposição na mídia. Estão falando demais de você, querida, não é bom se exhibir tanto assim!

Abriu a revista, folheou, encontrou o artigo sobre Iris e começou a ler. Era uma página dupla. O título dizia: “A autora de *Uma humilde rainha* nos braços de seu pajem.” E como subtítulo: “Aos 46, Iris Dupin bate o recorde de Demi Moore e aparece com seu novo amor, um jovem de 17 anos.” Nas fotos, a imagem de Iris com um belo adolescente de cachos castanhos, sorriso brilhante,

olhos verde-escuros e pele bronzeada. Que beleza de rapaz!, pensou

Henriette Grobz. Uma série de fotos mostrava Iris enlaçando sua cintura, abraçando-o, repousando a cabeça em seu peito ou jogando a cabeça para trás com os olhos semicerrados.

Henriette fechou a revista com um gesto seco, sentiu o sangue lhe subir ao rosto e tingir sua pele de vermelho. Olhou ao redor para ver se alguém tinha visto sua perturbação e saiu correndo dali. O motorista não estava. Ligou para ele do celular e ordenou que viesse imediatamente. Tinha acabado de desligar e estava guardando o aparelho na bolsa quando seu olhar passou pela vitrine de uma banca de jornais: a foto de sua filha nos braços do belo Adônis cobria toda a superfície da banca.

Pensou que fosse desmaiar e se jogou no banco de trás do carro sem esperar que Gilles abrisse a porta para ela.

483

— A senhora já viu sua filha? — perguntou Gilles com um grande sorriso. — Está em toda parte. Deve estar orgulhosa!

— Não diga mais nem uma palavra sobre isso, Gilles, ou vou passar mal. Quando chegarmos, quero que compre todos os exemplares nas bancas perto de casa, não quero que ninguém veja isso no bairro.

— Não vai adiantar muito, a senhora sabe como é... As notícias correm!

— Cale a boca e faça o que mandei.

Sentiu a enxaqueca apertar sua cabeça e entrou

precipitadamente em casa, evitando o olhar da porteira.

Joséphine saiu para comprar uma baguete e aproveitou para ligar para Luca. As crianças tomavam todo o seu tempo e só conseguiam se ver à tarde, quando as meninas estavam na escola.

Ele morava num grande *loft* em Asnières. No último andar de um edifício moderno, com uma varanda debruçada sobre Paris. Não ia mais à biblioteca e se encontrava com ele lá. Ele fechava as cortinas e a noite caía sobre o apartamento.

— Só penso em você — disse ela, falando baixinho.

A mulher da padaria não tirava os olhos dela. Será que adivinhou que estou falando com o homem que amo, com quem passo as tardes na cama? — perguntou-se Jo, surpreendendo o olhar de fuinha da mulher, enquanto gritava o preço: sessenta centavos.

— Onde você está?

— Comprando pão. Gary devorou duas baguetes quando voltou da escola.

— Amanhã vou fazer um chá com bolo para você. Gosta de bolo?

Joséphine fechou os olhos de prazer e foi tirada de seus devaneios pela mulher da padaria. Ela pedia que pagasse a baguete de uma vez e desse lugar aos clientes que esperavam na fila.

— Estou doida para que chegue logo — retomou Joséphine, quando saiu. — Sabia que meus dias se transformaram em noites faz algum tempo?

— Eu sou o sol e a lua ao mesmo tempo, é honra demais

para mim, senhora...

484

Ela sorriu, levantou a cabeça e deu de cara, ela também, com a foto da irmã cobrindo a banca de jornais.

— Meu Deus! Luca, não faz ideia do que acabei de ver!

— Deixe-me adivinhar — disse ele, rindo.

— Oh, não! Não é nem um pouco engraçado. Ligo depois...

Correu para comprar a revista e leu subindo a escada.

Josiane e Marcel jantavam na casa de Ginette e René quando

Sylvie, a filha deles, entrou na sala e jogou uma revista na mesa

dizendo: “Leiam, vão morrer de rir!”

Pegaram a revista e, realmente, em pouco tempo estavam se torcendo de rir. Josiane ria tão alto que Marcel ordenou que parasse:

— Vai acabar tendo contrações e parindo antes da hora!

— Ai, só queria ver a cara da Cabo-de-vassoura! — gargalhou

Josiane antes de se calar, fulminada pelo olhar furioso de Marcel, que segurava seu ventre para manter o bebê seguro.

A sra. Barthillet ia receber Alberto Modesto para jantar

naquela noite. Quando esse daí aparece, todo mundo sabe: dá para ouvir seu passo torto embaixo da escada! Não gostava de sair com ele. Tinha a sensação de levar um aleijado para passear. Preferia que viesse à sua casa. Morava num terceiro andar sem elevador.

Alberto penava para subir e chegava sempre atrás de todo mundo.

Tinha lhe dado o apelido de Poulidor, o ciclista que nunca conseguiu vencer o Tour de France. Foi à loja que vendia comida pronta, comprou vinho, pão e jornais. Ainda não tinha lido seu horóscopo. Saber se ia finalmente tirar a sorte grande, pois não aguentava mais o pé-torto. Estava se tornando sentimental e falava até em se divorciar e casar com ela! Era só o que me faltava!, pensou tirando as compras dos sacos plásticos. Quanto mais eu penso em me mandar, mais ele gruda.

Colocou os pratos prontos no micro-ondas, abriu a garrafa de vinho, jogou dois pratos na mesa, tirou com a mão uma crosta de queijo que tinha ficado grudada na véspera e esperou por ele lendo uma revista. Foi então que viu a bela sra. Dupin nos braços de Gary! Ora, ora! Deu um tapinha nas coxas e caiu na risada. O pimpolho real não deixou por menos, fispou a autora da moda! Berrou “Max, Maxou! Venha ver...” Porém Max não tinha voltado para casa. Não voltava quase nunca, aliás. Melhor assim, não

485

atrapalhava mais... Bocejou, olhou o relógio, o que será que houve com Poulidor? Retomou a leitura da revista coçando as costelas. Philippe foi buscar o filho na escola. Todas as segundas, Alexandre saía às seis e meia. Tinha aulas suplementares de inglês. O curso se chamava Inglês +, e Alexandre estava muito orgulhoso. “Estou entendendo tudo, papai, absolutamente tudo.” Faziam o trajeto a pé, conversando em inglês. Era um novo ritual. As crianças são mais conservadoras que os adultos, pensou Philippe,

apertando a mão de Alexandre na sua. Sentia uma alegria suave, profunda e tentava esticar o percurso. Que bom que entendi a tempo que estava perdendo meu filho!

Alexandre estava contando que tinha marcado dois gols seguidos no futebol, quando Philippe viu a revista com Iris na capa, na banca em que costumava parar. Deu uma volta para que Alexandre não visse. Subiram para o apartamento e, quando chegaram à porta de casa, Philippe deu um tapinha na testa, dizendo:

— *Oh, my God! I forgot to buy Le Monde ! Go ahead, son, I'll be back in a minute...*

Desceu, comprou a revista e leu enquanto subia as escadas.

Colocou-a no bolso do mantô e ficou pensativo.

Hortense e Zoé voltaram da escola juntas. Isso só acontecia uma vez por semana, e Zoé aproveitava para imitar o ar desenvolvido e altivo que sua irmã receitava para subjugar os homens. Zoé tinha dificuldade, mas Hortense não desistia de ensinar. É a chave do sucesso, Zoétounette, vamos! Mais um esforço! Zoé tinha a impressão de que sua importância aos olhos da irmã tinha aumentado depois que revelou “O” segredo. Hortense estava mais carinhosa, menos implicante em casa. Quase não implicava mais, na verdade, pensava Zoé levantando os ombros como a irmã mandava.

Foi então que viram a tia na capa de uma revista, numa foto em destaque, ao lado de Gary. As duas frearam juntas.

— Vamos fingir que nada aconteceu, Zoé, vamos manter distância — declarou Hortense.

— Mas vamos voltar para comprar quando ninguém estiver olhando, não vamos?

— Não vale nem a pena. Já sabemos o que tem lá dentro!

486

— Por favor, Hortense!

— Manter distância, Zoé, manter distância! Isso vale para tudo.

Zoé passou ao lado da banca sem se voltar.

Iris, vagamente envergonhada, ficou trancada no quarto.

Talvez tivesse exagerado um pouco ao mandar as fotos num envelope anônimo para a revista. Pensou que seria engraçado, que causaria um certo rebuliço, que a levaria de volta à cena, mas a reação da mãe não deixou nenhuma dúvida: estava diante de um escândalo.

Os três jantaram juntos. Só Alexandre falava, contando que tinha feito três gols seguidos no jogo.

— Agora mesmo eram dois, Alexandre. Não se deve mentir, querido. Não é certo.

No final da refeição, Philippe dobrou o guardanapo e disse:

“Creio que vou levar Alexandre a Londres por alguns dias, na casa de meus pais. Faz um tempinho que ele não vai lá e logo chegarão as férias de fevereiro. Vou ligar para a escola e avisar...”

— Você não vem conosco, mamãe? — perguntou Alexandre.

— Não — respondeu Philippe. — Mamãe está muito ocupada no momento.

— Ainda o livro? — suspirou Alexandre. — Não aguento mais esse livro...

Iris balançou a cabeça e virou o rosto para esconder as lágrimas que brilhavam em seus olhos.

Gary perguntou se podia pegar o último pedaço da baguete e Jo lhe passou o pão, com um olhar de peixe morto. As meninas estavam caladas e olhavam em silêncio enquanto Gary raspava o resto do ratatouille.

— Por que estão com essa cara? — perguntou ele, depois de engolir o último pedaço. — É por causa das fotos no jornal?

Elas se olharam, aliviadas. Ele sabia.

— Está chateado?

— Mais que chateado — suspirou Joséphine.

— Ora, não é nada. Vão falar durante uma semana e depois, pronto, acabou... Posso pegar mais um pouco de queijo?

487

Joséphine passou o camembert.

— Mas e sua mãe... — disse Jo.

— Minha mãe? Bem, se estivesse aqui, tenho certeza de que ia pedir satisfações a Iris. Mas não está e não vai nem ficar sabendo...

— Tem certeza?

— Ora, Jo, é claro. Acha que alguém lê esse tipo de tabloide

em Moustique? E depois, é genial: minha cotação com as meninas vai explodir! Todas vão querer sair comigo, vou ser o grande astro da escola! Pelo menos durante alguns dias...

— Isso é tudo que sente a esse respeito? — perguntou Jo, perplexa.

— Devia ter visto a imprensa inglesa na época de Diana; era de arrepiar! Posso acabar o camembert? Não tem mais pão?

Jo sacudiu a cabeça, abatida. Ela era responsável por Gary.

— Ora, Jo, não faça drama, porque não é nenhuma tragédia.

— Fale por você! Pode imaginar Philippe e Alexandre...

— Basta tratar tudo isso como uma palhaçada. Uma brincadeira. A única coisa que gostaria muito de saber é como é que essas fotos chegaram a uma revista desse tipo!

— Eu também! — resmungou Jo.

Iris apareceu na TV. Falou no rádio. “Não entendo toda essa agitação”, espantou-se ela nas ondas da RTL Radio, “quando um homem de 40 anos aparece com uma mocinha de 20, não vira manchete de jornal! Defendo a igualdade entre homens e mulheres em todos os níveis”.

As vendas do livro voltaram a subir vertiginosamente. As mulheres copiavam seus segredos de beleza e os homens encolhiam a barriga ao vê-la. Uma emissora de rádio FM propôs que apresentasse um programa. Ela recusou: queria se dedicar integralmente à literatura.

Longe dessa agitação parisiense, sentado nos degraus da

varanda, Antoine estava pensando: não pôde trazer as filhas para as férias de fevereiro. No Natal, elas também não puderam vir.

Joséphine tinha pedido autorização para levá-las para Moustique, na casa de uma amiga. As meninas estavam doidas para ir e ele disse sim. O Natal foi triste e mingüado. Como não encontraram

488

peru no mercado de Malindi, tiveram que comer um uapiti mastigado em silêncio. Mylène lhe deu um relógio de mergulho de presente. Ele não tinha nenhum presente para ela. Ela não disse nada. Foram se deitar bem cedo.

Eles não estavam bem há tempos. Bambi tinha sido devorado por um velho crocodilo feroz, num dia em que passeava distraído na beira de um tanque. Sua morte desestabilizou Pong e Ming completamente. Arrastavam as chinelas pela casa, sempre com os olhos úmidos e vazios, não comiam mais e, à menor dificuldade, deitavam em suas esteiras para descansar. E ele tinha de reconhecer que também foi afetado pela morte de Bambi. Tinha se afeiçoado àquele animal pesado e baboso que, amarrado ao pé da mesa da cozinha, o encarava com olhos vidrados. Bambi era um traço de união com os outros crocodilos. Um vínculo amável.

Olhava para ele e descobria um brilho humano no fundo de seus olhos. Até sorria, às vezes. Arregaçava os beiços e esboçava um sorriso. “Acha que ele gosta de mim?” perguntou um dia a Pong e ficou enternecido com sua resposta afirmativa.

Só Mylène conseguia resistir. Seu pequeno negócio

prosperava, a sociedade com mister Wei ganhava contornos mais nítidos. “Largue esses bichos nojentos e venha trabalhar comigo”, murmurava ela a Antoine, à noite, quando entravam debaixo do mosquiteiro. Mais uma partida, depois de mais um fracasso, pensava Antoine, deprimido, é só o que faço: colecionar fracassos. E depois, era entregar os pontos aos crocodilos e, sem saber por quê, recusava essa alternativa. Queria partir de cabeça erguida diante daqueles bichos. Queria dizer a última palavra.

Passava cada vez mais tempo sozinho com eles. Sobretudo à noite, pois durante o dia ele se esgotava no trabalho. Mas à noite, depois do jantar, abandonava Mylène com seus formulários de encomendas, seus cadernos de contas e percorria as praias dos crocodilos.

Ir para a China não o seduzia. Lutar de novo, mas para quê?

Não tinha mais forças para lutar.

— Mas quem vai trabalhar sou eu, você não vai ter muita coisa para fazer... Pode cuidar das contas.

Ela não quer ir sozinha, pensava ele. Eu me transformei num homem de companhia, para não dizer gigolô.

489

Duvidava de tudo. Não tinha mais energia. Ia se encontrar com os outros criadores no Crocodile Café, em Mombaça, escorregava o cotovelo pelo balcão e bradava contra os negros, os brancos, os amarelos, o clima, o estado das estradas, a comida.

Tinha voltado a beber. Sou como uma pilha descarregada, pensava

consigo na escuridão da noite, olhando os olhos amarelos dos crocodilos. Podia ler um brilho de ironia em seus olhos. Pegamos você, meu velho. Veja em que se transformou: num farrapo humano. Bebe escondido, não tem mais vontade de trepar com sua mulher, come uapiti no Natal. Podemos massacrá-lo com uma patada! Tentava acertá-los jogando pedras, que ricocheteavam nas carapaças oleosas e luzidias. Eles nem moviam as pálpebras e o pequeno clarão amarelo continuava a brilhar nos orifícios dos olhos, com a forma de um sorriso dissimulado.

Bichos imundos, bichos imundos, vou acabar com a raça de vocês!, amaldiçoava ele, procurando uma forma de acabar com eles.

Como a vida era doce antigamente. Em Courbevoie.

Sentia falta de Joséphine. Sentia falta das filhas. O enquadramento da porta da cozinha invadia suas lembranças quando se apoiava na porta do escritório. Roçava o corpo suavemente contra a madeira e partia para Courbevoie. Courbevoie, Cour-be-voie. As sílabas ressoavam, mágicas. E com elas partia em viagem como antes, Uagadugu, Zanzibar, Cabo Verde ou Esperanza. Voltar para Courbevoie. Afinal, faz só dois anos que fui embora...

Certa noite, resolveu ligar para Joséphine.

Caiu numa secretária eletrônica que pedia que deixasse um recado. Olhou o relógio, surpreso. Era uma hora da manhã, hora francesa. Tentou de novo no dia seguinte e ouviu de novo a voz de Joséphine pedindo que deixasse seu recado. Desligou sem deixar

nenhuma mensagem e resolveu tentar de manhã, hora de Paris.

Joséphine atendeu. Depois das banalidades de praxe, perguntou se podia falar com as meninas e Jo respondeu que tinham saído de férias.

— Conversamos sobre isso, sabia? As férias começaram tarde esse ano, só no final de fevereiro. Elas foram para a casa de uma amiga, em Moustique...

— E deixou que fossem sozinhas?

— Estão com Shirley e Gary...

490

— E quem é essa amiga?

— Você não conhece.

De repente, uma pergunta assaltou sua mente:

— Mas você não estava em casa ontem à noite, Jo? Nem na noite anterior! Liguei e ninguém atendeu...

Houve um silêncio do outro lado da linha.

— Está com alguém?

— Estou.

— Está apaixonada?

— Estou.

— Ah, bom...

Mais um silêncio. Um longo silêncio. Depois Antoine se recuperou.

— Ia acabar acontecendo...

— Não procurei por isso. Pensei que não fosse mais capaz de

interessar ninguém.

— Mas você... é maravilhosa, Jo.

— Não costumava me dizer isso, Antoine...

— “Só reconhecemos a felicidade pelo barulho que ela faz ao ir embora.” Quem foi que disse isso, Jo?

— Não sei. Tudo bem com você?

— Estou atolado de trabalho, mas tudo bem... Quando acabar de pagar o empréstimo, vou lhe mandar uma pensão para as meninas. Os negócios estão indo bem melhor, sabia? Consegui virar o jogo!

— Fico contente por você.

— Cuide-se bem, Jo.

— Você também, Antoine. As meninas vão telefonar para você quando voltarem...

Ele desligou. Enxugou a testa. Abriu uma garrafa de uísque que encontrou na prateleira e acabou com ela na mesma noite.

No dia 6 de maio, por volta das seis da manhã, Josiane sentiu a primeira contração. Lembrou dos cursos de preparação

491

para o parto e começou a cronometrar o tempo entre as contrações.

Às sete, acordou Marcel.

— Marcel... Acho que chegou a hora! Júnior está chegando.

Marcel sentou na cama como um boxeador sonolento e

balbuciou “está chegando, está chegando, tem certeza, Doçura? Ai meu Deus, está chegando...”. Tropeçou saindo da cama, levantou,

esticou os braços à procura dos óculos, derramou o copo d'água na mesinha de cabeceira, sentou de novo, blasfemou de novo e virou para ela, desamparado.

— Não fique nervoso, Marcel. Está tudo pronto. Vou me vestir, me arrumar, você pega a mala, ali, perto do armário, tira o carro da garagem e eu desço...

— Não! Não! Não vai descer sozinha, vou descer com você.

Entrou correndo no chuveiro, borrifou água-de-colônia, escovou os dentes, penteou a coroa de cabelos ruivos que emoldurava a careca, ficou em dúvida diante de uma camisa azul lisa e uma camisa azul de listras finas.

— Preciso ficar bonito, Doçura, preciso ficar bonito...

Ela olhou para ele com ternura e apontou para uma camisa ao acaso.

— Tem razão, dá um ar mais leve, mais jovem... E a gravata, Doçura, vou recebê-lo de gravata!

— Gravata não, não precisa...

— Precisa, sim..

Correu para o armário e separou três. Ela escolheu mais uma vez ao acaso e ele aprovou.

— Não sei como faz para manter o sangue-frio! Acho que vou ter um troço. Tudo bem? Está marcando o tempo entre a contrações direitinho?

— Já acabou com o banheiro?

— Já. Vou descer para pegar o carro e subo para lhe pegar.

Não saia daqui, entendeu? Acidentes acontecem quando menos se espera.

Saiu uma primeira vez, mas voltou porque tinha esquecido as chaves do carro. Saiu de novo, voltou de novo: não lembrava mais onde tinha estacionado o carro na véspera. Ela tratou de

492

acalmá-lo, tranquilizá-lo e disse onde estava o carro. Mais uma vez, ele saiu, abrindo a porta da cozinha.

Ela caiu na gargalhada, ele virou para ela, completamente tonto:

— Faz trinta anos que espero esse momento, Doçura, não ria de mim! Acho que não vou conseguir...

Chamaram um táxi. Marcel fez mil recomendações ao motorista, pai de oito filhos, que lançou um olhar irônico para o futuro papai pelo retrovisor.

No banco de trás, Marcel segurava Josiane nos braços, enlaçando-a como um segundo cinto de segurança. E repetia “tudo bem, Doçura, tudo bem?”, enxugando a testa, ofegante como um cachorrinho.

— Quem vai parir sou eu, Marcel, não você.

— Estou me sentindo mal, estou me sentindo muito mal!

Acho que vou vomitar.

— Não no meu carro! — exclamou o motorista do táxi. —

Estou começando meu dia agora!

Pararam. Marcel desceu e se abraçou com um castanheiro

até voltar ao normal. Retomaram o caminho para a clínica da Mulette. “Meu filho vai nascer no bairro mais elegante de Paris, o 16º arrondissement, numa clínica que é simplesmente a melhor, a mais chique e a mais cara.” Tinha reservado a suíte de luxo, no último andar, com varanda e um banheiro grande como um salão de embaixador.

Quando chegaram diante da clínica, Marcel deu uma nota de cem euros ao motorista, que reclamou: não tinha troco.

— Não quero troco! É para o senhor. A primeira viagem de táxi do meu filho!

O motorista virou e disse:

— Bem, se é assim... Vou lhe dar meu celular. Pode me ligar cada vez que o moleque precisar sair...

Exatamente às 12h30 o pequeno Marcel Júnior deu seu primeiro grito. Foi preciso amparar o pai, que desmaiou, e evacuar a sala de parto. Josiane prendeu a respiração quando colocaram seu filho em seu ventre, molhado, sujo, melequento. “Como é lindo!

493

Como é grande! Como é forte! Já tinha visto um bebê tão bonito assim doutor?” E o médico respondeu: “Nunca!”

Marcel voltou a si e veio cortar o cordão umbilical e dar o primeiro banho no filho. Chorava tanto que não sabia como segurar o menino e enxugar os olhos ao mesmo tempo, mas não desistiu.

— Sou eu, bebê, o papai. Está me reconhecendo? Viu,

Doçura, ele está reconhecendo minha voz, virou para mim e parou

de se agitar. Meu filho, minha belezura, meu gigante, meu amor...

Você vai ver a vida que vamos lhe dar, eu e sua mãe. Uma vida de príncipe encantado! Mas vai trabalhar também, porque nesse mundo cruel, quem não rala não tem nada. Mas não se preocupe, vou lhe ensinar tudo. Vou lhe pagar as mais belas escolas, as mais belas mochilas, os mais belos livros enfeitados de ouro. Você vai ter tudo, meu filho, vai ter tudo... Vai ser como o Rei-Sol. Vai reinar no mundo inteiro, pois hoje em dia a França é pequena, encolheu. Só mesmo os franceses ainda acreditam que são os reis do mundo!

Você vai ver, filho, nós dois juntos vamos nos divertir como loucos.

Josiane ouvia e o obstetra sorria.

— Ele vai ter bala na agulha, esse seu filho. Que nome vai lhe dar?

— Marcel — rugiu Marcel Grobz. — Como eu. E vai fazer esse nome brilhar nas alturas, vocês vão ver!

— Não duvido, não...

Mãe e filho subiram para a suíte de luxo. Marcel não queria mais ir embora.

— Tem certeza de que não vão trocá-lo?

— Claro que não... Ele está com a pulseirinha. E depois não tem perigo algum, você não viu? É o seu retrato, cuspidado e escarrado!

Marcel exultou e, mais uma vez, foi contemplar o pequeno Marcel em seu berço.

— Precisa registrar o Júnior na prefeitura e eu preciso

descansar, estou um pouco cansada...

— Oh! Desculpe, Doçura... Está vendo, não consigo ir embora... Tenho medo de não encontrá-lo quando voltar.

— Telefonou para o escritório para contar a todo mundo?

494

— Liguei para Ginette e René, mandaram um beijão. Já colocaram o champanhe na geladeira e estão me esperando para brindar! Volto em seguida. Se acontecer alguma coisa, qualquer coisa, prometa que vai me ligar imediatamente. Promete, Doçura? Fotografou o filho, todo bonito, de banho tomado, limpinho, dormindo dentro do macacãozinho branco e foi embora esbarrando na porta.

Josiane se pegou soluçando de felicidade. Chorou, chorou um longo tempo e depois levantou, pegou o bebê nos braços e adormeceu, encolhida ao redor dele.

Estavam todos reunidos sob os ramos da glicínia, decorada com laços azuis para festejar a ocasião. Ginette havia improvisado um bufê quando o celular de Marcel tocou. Abriu o aparelho e exclamou:

— Doçura?

Não era Doçura, era Henriette. Estava no banco, tinha acabado de consultar suas contas e receber o relatório de sua conselheira de investimentos.

— Não estou entendendo, temos duas contas separadas agora? Deve ser um engano...

— Não, minha cara. Duas contas separadas e duas vidas separadas também. Meu filho nasceu essa noite. Um filho chamado Marcel... Quase quatro quilos, 55 centímetros: um gigante! Fez-se um longo silêncio e depois Henriette, com a mesma voz cortante, disse que ligaria em seguida, pois não queria falar na frente da sra. Lelong.

Marcel esfregou as mãos e comemorou. Ligue, ligue, minha cara! Vai ver como vou embrulhar a boa-nova! René e Ginette olharam para ele suspirando: finalmente, finalmente ele conseguia derrubar a tirana.

Como todos os espíritos pequenos e maldosos, Henriette Grobz tinha o hábito de não sair dos limites de suas ideias já pré-fabricadas e nunca buscava em si mesma a causa de suas infelicidades. Preferia acusar os outros. Aquele dia não foi uma exceção à regra. Apressou o relatório da sra. Lelong e saiu do banco dispensando Gilles, que estava segurando a porta aberta do automóvel. Mandou que esperasse, ia fazer uma compra e não precisava do carro para isso. Na verdade, deu a volta no quarteirão

495

para colocar as ideias no lugar. Precisava pensar, urgentemente, precisava se organizar. Habituada à docilidade da vítima, tinha assinado alguns papéis por ocasião da compra dos negócios dos irmãos Zang sem prestar muita atenção. Erro, erro, martelava ela, batendo perna, erro grosseiro. Relaxei na maciez do meu conforto e deixei que me enrolasse. Pensei que o animal estava dominado, mas

ele ainda se mexia. Agora preciso corrigir a mira. Tratá-lo com toda a amabilidade para apagar o incêndio. A palavra amabilidade, mesmo não pronunciada em voz alta, despertou nela uma espécie de repulsa, uma descarga de ódio que entortou sua boca. Quem ele pensava que era, aquele bolo de carne gorda, a quem ensinou tudo: do jeito certo de segurar um garfo à decoração de uma vitrine? Sem ela, ele não seria nada. Nada além de um comerciante obscuro! Ela lhe deu brilho, refinamento e distinção. Imprimiu sua marca na mais ínfima caixinha de lápis que ele vendia. Sua fortuna se deve a mim, concluiu na primeira volta do quarteirão. Pertence a mim. Quanto mais avançava, mais aumentava a sua raiva. Aumentava na mesma proporção que suas esperanças perdidas. Pensou que tinha chegado a um porto seguro, que estava totalmente protegida e o cafajeste cortava as amarras! Não encontrava palavras para qualificá-lo e descia a rampa fácil de seus sentimentos raivosos num impulso irreprimível. Uma centena de metros depois, parou, fulminada por uma evidência detestável: infelizmente, ainda dependia dele! E, portanto, foi obrigada a reprimir as explosões de amor-próprio ferido e acalmar seus desejos de vingança. Contas separadas, poupança zerada, o que restará para ela? Sibilou alguns impropérios, deu um tapa no chapéu que ameaçava voar e começou a segunda volta do quarteirão, tentando raciocinar. Precisava pensar grande, não se deixar levar por pequenas vinganças, contratar um advogado, dois se preciso fosse, usar seus velhos contratos, exigir, fazer um escarcéu... Encostou-se no imenso

portão de um prédio e pensou: terei meios para tanto? Ele deve ter previsto tudo, não é nenhum moleque nascido ontem, enfrentou russos corruptos e chineses dissimulados. Nos bons tempos, eu me satisfazia com as pequenas humilhações, podia persegui-lo com calma e perseverança, era meu passatempo favorito, e quase consegui aniquilá-lo. Deu um suspiro cheio de nostalgia. Precisava clarear as ideias e apalpar o doente antes de decidir o que fazer. A última volta ao quarteirão foi dedicada aos arrependimentos. Sabia que não dormia mais em casa, sua cama nunca estava desfeita, mas achei que vivia sua última imoralidade com alguma dançarina nua e, na verdade, ele planejava deixar o ninho! Desconfie de água

496

muito parada. Resignado há anos, Marcel ainda tramava. De que vai me adiantar inventar novas perseguições, se meus golpes já não o atingem? Escorou-se de novo num portão e ligou o número de Chefe.

— É aquela Natacha? — atacou ela, com a bÍlis subindo à cabeça. — É essa desclassificada que fez um filho para você?

— Completamente falso! — exaltou-se Marcel. — Foi Josiane Lambert. Minha futura mulher. A mãe do meu filho. Meu amor, minha bela...

— Sessenta e seis anos: isso é ridículo.

— Nada é ridículo, minha cara Henriette, quando quem fala é o amor...

— O amor! O interesse dessa mulher pelo seu pé de meia

agora se chama amor?

— Ah... não seja vulgar, Henriette! A verdadeira natureza da madeira aparece assim que o verniz se gasta! Quanto ao pé de meia, como diz você, não se preocupe. Não vou deixá-la na rua da amargura rodando bolsinha, mesmo porque você não ia arrumar nenhum! Vai ficar com o apartamento e vou depositar uma pensão para você todo mês, o suficiente para viver confortavelmente até o fim de seus dias...

— Uma pensão! Não quero saber de sua pensão, tenho direito à metade de sua fortuna, meu caro Marcel!

— TINHA direito... Não tem mais. Assinou alguns papéis e nem desconfiou de nada. Claro, eu estava no cabresto há tanto tempo! Você está fora dos meus negócios, Henriette. Sua assinatura não vale mais um tostão. Pode rabiscar todos os rolos de papel higiênico que desejar, é tudo que lhe resta como prêmio de consolação. Portanto, trate de ser gentil e se contentar com a pensão confortável que estou fazendo o favor de lhe dar. Do contrário, é vapt-vupt, vai ficar só com os olhos para poder chorar. E olhe que vai precisar desobstruir o canal lacrimal: deve estar entupido há séculos!

— Não admito que fale comigo desse jeito!

— Foi assim que você me tratou durante muito tempo. Usava boas maneiras, é verdade, escolhia bem as palavras, dava um polimento em seu desprezo. Recebeu uma boa educação, afinal, mas o fundo não era nada bonito de se ver. Cheirava a mofo, a

desprezo, à sua inhaca de velha burguesa azeda. Hoje, minha cara, estou explodindo de felicidade e com um humor generoso.

Aproveite, porque amanhã as coisas poderão mudar! Trate de calar a boca, do contrário é guerra. E você sabe muito bem que guerra é comigo mesmo, minha cara Henriette...

Então, como todos os espíritos pequenos e mesquinhos,

Henriette teve um último sobressalto pequeno e mesquinho e soltou:

— E Gilles? E o carro? Vou ficar com eles?

— Temo que não... Primeiro, porque Gilles não tem você em alta conta, depois, porque vou precisar muito deles para transportar minha rainha e meu pequeno príncipe. Temo que vai ter que reaprender a usar as pernas e a sentar a bunda num ônibus, ou num táxi, se preferir queimar suas economias! Deixei tudo muito claro com meus contadores. Basta falar com eles. Vão lhe explicar o novo modo de usar. Em seguida, teremos o divórcio. Não vou precisar nem pegar minhas coisas, pois tudo o que me interessava já está comigo. O resto você pode jogar fora ou usar para descarregar seu ódio. Eu tenho um filho, Henriette! Um filho e uma mulher que me ama. Refiz minha vida, levei muito tempo para sacudir a canga, mas consegui! Continue dando voltas, continue. Soube por Gilles que está dando voltas há um bom tempo. Pois trate de fazer isso até cansar, até esvaziar seu saco de ódio e depois volte para casa... Pense sobre sua sorte! Dedique-se a aprender a

sabedoria e a modéstia. É um belo programa para uma velhice amiga! Considere-se feliz, pois estou lhe deixando um teto, um endereço e o suficiente para viver todos os dias que Deus, em sua imensa bondade, resolver lhe dar.

— Você bebeu, Marcel. Está bêbado!

— Devo dizer que não está enganada. Estou comemorando desde a manhã! Mas estou muito lúcido e não vai adiantar contratar todos os advogados do mundo: você está fodida, minha cara, fodida!

Henriette desligou, enfurecida. Viu quando o carro, dirigido por Gilles, virou no fim da rua, abandonando-a à sua nova solidão.

No dia em que o pequeno Marcel chegou em casa, no dia em que, nos braços da mãe, todo vestido de azul, azul como seus olhos e os olhos do pai, penetrou no suntuoso edifício que desse dia em diante seria a sua moradia, uma surpresa esperava por ele. Um

498

imenso toldo de percal branco bordado de flores-de-lis tinha sido instalado na entrada do edifício e formava uma passagem impecável, majestosa sob a qual ele desfilou enquanto, escondidos atrás das dobras que tombavam em ondas brancas como a neve, Ginette, René e todos os empregados da casa Grobz começaram a cantar em uníssono “Se eu fosse carpinteiro e você se chamasse Marie, se casaria comigo e me daria o filho que anseio?”.

Johnny, o grande Johnny Hallyday, não pôde comparecer, mas Ginette, com sua bela voz de coralista, cantou todas as estrofes

enquanto Josiane derramava suas lágrimas no boné de renda do filho e Marcel agradecia aos céus por tamanha felicidade e informava aos curiosos que perguntavam se era um casamento, um nascimento ou um enterro.

— Tudo isso ao mesmo tempo — exultava Marcel. Tenho uma mulher, um filho e estou enterrando anos e anos de infelicidade. A partir de agora, vou manter minhas expectativas lá no céu!

— Em que está pensando, Joséphine?

— Que já faz seis meses que durmo em seus braços quase todas as tardes...

— Acha que é um tempo longo demais?

— Para mim, esse tempo parece uma pluma...

Virou-se para Luca que, apoiado no cotovelo, olhava para ela e deslizava um dedo em seu ombro nu. Tirou uma mecha de cabelo de sua testa e beijou-o.

— Preciso ir — suspirou —, mas na verdade, não queria partir nunca mais...

O tempo voa como uma pluma, pensou ela mais tarde, ao volante de seu carro. Não estou dizendo isso à toa. Tudo acontece tão rápido. Gary estava certo: no final das férias, quando as crianças voltaram de Moustique bronzeadas como castanhas assadas, a vida retomou seu curso. E nunca mais falaram do tal artigo.

Um dia, foi almoçar na casa de Iris. Philippe e Alexandre estavam em Londres, o que faziam cada vez com mais frequência.

Será que Philippe ia morar por lá? Não sabia. Eles não se falavam, não se viam mais. É melhor assim, dizia consigo para se tranquilizar a cada vez que pensava nele. As duas almoçaram juntas no escritório de Iris, servidas por Carmen.

499

— Por que fez isso, Iris, por quê?

— Para mim era um jogo. Queria que falassem de mim.. E acabei destruindo tudo! Philippe me evita, tive que explicar a Alexandre que era apenas uma brincadeira de mau gosto. Ele me olhou com tanto desprezo que não consegui enfrentar seu olhar.

— Foi você quem mandou as fotos?

— Sim.

De que adiantava falar desse assunto?, pensou Iris, cansada.

De que adiantava pensar a respeito? Mais uma vez, agi como uma desmiolada e fui pega quase em flagrante. Nunca fui capaz de entender o que estava acontecendo comigo, não tenho a força necessária... E mesmo que tivesse, não creio que ia me interessar muito. Não sou capaz de compreender a mim mesma e sou incapaz de compreender os outros. Eu me desvio deles, eles se afastam para longe de mim. Não consigo me abrir com ninguém, não sei confiar. Não tenho ninguém com quem falar, não tenho nenhuma amiga de verdade. Até hoje, as coisas funcionavam mesmo assim. E eu avançava sem pensar, a vida era fácil e suave, um pouco enjoada, às vezes, mas muito tranquila. Seguia como se jogasse dados, e os dados me sorriam. De repente, eles pararam de sorrir. Estremeceu

e se encolheu no sofá enorme. A vida foge de mim e eu fujo da vida.

Tem muita gente como eu, não sou a única que estende a mão para alguma coisa que escapa sempre. Nem sei que nome dar a essa coisa. Não sei...

Olhou para a irmã. O rosto grave de sua irmã. Ela sim, ela sabe. Não sei como faz. Minha irmãzinha que se tornou tão grande...

Acabar com todos esses pensamentos. O verão vai chegar, iremos para a casa de Deauville. Alexandre vai crescer. Philippe está cuidando dele agora. Não preciso me preocupar. Deu um risadinha interior. Nunca me preocupei, só me preocupo comigo. Você é ridícula, minha cara, quando tenta pensar. Seus pensamentos não se seguram de pé, não vão longe, vacilam, desmoronam... Vou acabar como a Senhora minha mãe. Só vou tentar vomitar menos veneno. Guardar um pouco de dignidade nessa infelicidade que construí tijolo por tijolo. No começo da vida, pensei que ela seria leve e agradável para mim. Tudo me fazia acreditar nisso. Fiquei flutuando entre as linhas da vida e elas acabaram tecendo um nó mortal ao meu redor.

500

— Não pensou no mal que ia causar ao seu redor?

As palavras empregadas por Joséphine soaram desagradáveis a seus ouvidos. Por que empregar palavras tão terríveis? O vazio não bastaria para explicar tudo isso? Precisava acrescentar palavras! Acabar com tudo de uma vez por todas? Pensou nisso

olhando a janela do escritório. Ponto final: não acordar de manhã, não pensar o que fazer hoje, não se vestir, não se pentear, não fingir que fala com o filho, com Carmen, com Babette, com Philippe... Fim da rotina, o triste refrão da rotina. Só lhe restava uma condecoração: o livro que não tinha escrito, mas cuja glória e sucesso ainda borbulhavam. Por quanto tempo? Não sabia.

Depois... Depois veria. Depois é um outro dia, uma outra noite. Enfrentaria um de cada vez, tentando suavizá-los do jeito que desse. Não tinha forças para pensar nisso. Pensava, porém, que talvez a antiga Iris, a mulher triunfante e segura, voltasse um dia e pegasse sua mão, murmurando: isso não tem tanta importância, arrume-se, fique linda e recomece... Basta fazer de conta, aprender a fazer de conta. O problema, suspirou ela, é que ainda penso...

Sou fraca, mas ainda penso. Deveria parar completamente de pensar. Como Bérengère. Ainda quero, ainda desejo, ainda me inclino cheia de esperança, de desejo, para uma outra vida que não tenho a força de construir nem mesmo de imaginar. Ter a sabedoria de me recolher, contar minhas pobres forças e dizer a mim mesma: aí está, tenho três tostões de força e nada mais, com isso posso...

Mas ainda é cedo demais, tenho certeza, não estou pronta para renunciar. Estremeceu. Detestava aquela palavra: renunciar. Que horror!

Seu olhar caiu na irmã. Ela tinha, ao nascer, muito menos talentos do que eu e, no entanto, saiu-se muito melhor. A vida é feita de detalhes. Era como se a vida pedisse a conta, fizesse o

cálculo do que tinha dado e do que tinha recebido e apresentasse a nota.

— Nem Hortense vem me ver mais — soltou, num último impulso de algo que poderia chamar de interesse pela vida. — E a gente se entendia tão bem... Deve me desprezar, ela também!

— Não, está se preparando para os exames, Iris. Está se esforçando muito. Quer pelo menos uma menção honrosa. Já encontrou uma escola de moda em Londres para o ano que vem...

— Ah! Então ela quer mesmo trabalhar... Pensei que estava dizendo isso por dizer.

501

— Ela mudou muito, sabia? Já não me rejeita tanto. Está mais carinhosa...

— E você, tudo bem? Quase não a vejo mais, também.

— Estou trabalhando. Todos lá em casa estão trabalhando.

Uma atmosfera muito estudiosa, a minha.

Deu uma risadinha travessa que acabou num sorriso confiante, meigo. Iris adivinhou uma leveza de mulher contente, feliz e, mais do que qualquer outra coisa, desejou estar em seu lugar. Por um instante, teve vontade de perguntar: como você faz, Joséphine?, mas não tinha vontade de ouvir a resposta.

As duas não se disseram mais nada.

Joséphine foi embora prometendo retornar. Ela é como uma flor cortada, pensou enquanto se afastava. Precisa ser replantada...

Iris precisa criar raízes. As raízes... não pensamos nelas quando

somos jovens. Só voltam à lembrança quando chegam os quarenta. Quando não podemos mais contar com o entusiasmo e o ardor da juventude, quando a energia começa a diminuir, quando a beleza começa imperceptivelmente a murchar, quando começamos a fazer as contas do que conseguimos e do que não conseguimos realizar, apelamos inconscientemente para elas, como fonte de novas forças. Mesmo sem saber, repousamos sobre elas. Sempre contei comigo mesma, com meu trabalho de formiguinha trabalhadora; mesmo nos piores momentos, tinha a minha tese, minha habilitação como pesquisadora para fazer, minhas pesquisas, minhas conferências e o meu querido século XII estava sempre ali, dizendo: aguente firme... Leonor me inspirava e me estendia a mão!

Estacionou na frente de casa e descarregou as compras que tinha feito antes de ir para a casa de Luca. Tinha bastante tempo para fazer o jantar, pois as crianças, Gary, Hortense e Zoé, só voltariam dentro de uma hora. Pegou o elevador com os braços carregados de sacolas, lamentou não ter tirado as chaves da bolsa: vou ter que largar as sacolas no chão! Avançou tateando a parede em busca do botão da luz.

Uma mulher estava ali esperando por ela. Fez um esforço para lembrar quem era, mas logo em seguida um triângulo vermelho surgiu em sua mente: Mylène! A manicure do salão de cabeleireiros, a mulher que tinha fugido com seu marido, a mulher do cotovelo vermelho. Teve a impressão de que tinha se passado um

século desde o dia em que coloriu com raiva o triângulo vermelho que despontava da janela do carro de Antoine.

— Mylène? — perguntou com voz meio incerta.

A mulher balançou a cabeça concordando, seguiu-a, ajudou a recolher as sacolas que ameaçavam despencar enquanto

Joséphine procurava as chaves do apartamento. Instalaram-se na cozinha.

— Preciso fazer o jantar para as crianças. Não vão demorar muito...

Mylène fez menção de ir embora, mas Joséphine a reteve.

— Temos um tempinho, sabe, eles ainda vão demorar uma hora. Quer beber alguma coisa?

Mylène negou com a cabeça e seus ombros começaram a tremer.

Joséphine pegou suas mãos e Mylène desatou a chorar em seu ombro. Joséphine consolou-a por um longo momento. “Ele morreu, não é?” Mylène deixou escapar um “sim” afogado em lágrimas, e Joséphine apertou-a contra o peito. Antoine, morto. Não podia ser verdade... Chorou também, e as duas ficaram soluçando nos braços uma da outra.

— Como aconteceu? — perguntou Joséphine, endireitando-se e enxugando os olhos.

Mylène contou. A fazenda, os crocodilos, mister Wei, Pong, Ming, Bambi. O trabalho cada vez mais complicado, os crocodilos que não se reproduziam, que devoravam quem ousava se

aproximar, os operários que não queriam mais trabalhar, os estoques de frango que eles roubavam.

— Ultimamente, Antoine estava cada vez mais perdido em seus pensamentos. Estava lá, mas não estava. À noite, saía para conversar com os crocodilos. Dizia a mesma coisa toda noite: “Vou conversar com os crocodilos, eles precisam me ouvir”, como se eles realmente pudessem ouvi-lo! Uma noite, partiu para seu passeio, como sempre, mas resolveu entrar na água de um tanque. Pong tinha lhe ensinado como fazer, como se colocar ao lado deles sem ser devorado... Ele foi comido vivo!

Explodiu em soluços e tirou um lenço da bolsa.

— Quase não encontramos nada dele. Só o relógio de mergulho que eu dei no Natal e os sapatos...

503

Joséphine se endireitou e seu primeiro pensamento foi para as meninas.

— As meninas não precisam saber — disse a Mylène. —

Hortense vai fazer os exames de diploma, e Zoé é muito sensível...

Vou contar aos poucos. Primeiro vou dizer que ele sumiu e depois, um dia, contarei toda a verdade. De todo modo — prosseguiu ela como se falasse consigo mesma —, ele não escrevia mais, não telefonava mais. Estava desaparecendo aos pouquinhos da vida delas. Não vão pedir notícias tão cedo... e depois eu conto...

depois... não sei quando... direi primeiro que ele partiu para uma viagem de reconhecimento de novas terras para implantar novos

parques... e depois... enfim, veremos.

E depois... tudo voltou à tona.

O dia em que se conheceram. A primeira vez em que o viu, perdido numa rua de Paris, com um mapa da cidade na mão, procurando o caminho certo. Pensou que fosse estrangeiro.

Aproximou-se e perguntou, articulando bem as palavras, “precisa de ajuda?”. Ele olhou para ela com um ar perdido e explicou:

“Tenho um encontro muito importante, uma entrevista de trabalho, e estou com medo de chegar atrasado. — Não fica muito longe daqui, vou levá-lo até lá”, disse ela. Era um dia bonito, o primeiro dia de verão em Paris, ela estava usando um vestido leve e tinha acabado de passar no concurso para o corpo docente da faculdade de letras. Passeava sem rumo, olhando o céu. Foi com ele até a avenue de Friedland e deixou-o diante de um portão imenso de madeira envernizada. Ele transpirava. Enxugou o suor do rosto e perguntou, inseguro: “Estou apresentável?” Ela riu e disse: “Está impecável!” Ele agradeceu com um olhar de cachorrinho assustado.

Ela pensou: Que bom, consegui ajudá-lo, já fiz alguma coisa que preste hoje, ele tem um ar tão desamparado, coitadinho. Pois é, foi exatamente nesses termos que pensou nele. Ele a convidou para tomar um drinque depois da entrevista, “se tudo der certo, vamos festejar meu novo emprego, se não, você pode me consolar”. Achou que era meio indelicado como convite, mas aceitou assim mesmo.

Lembro muito bem que aceitei porque ele não me assustava, era bonito e eu não tinha nada para fazer e tinha vontade de protegê-lo.

Parecia deslocado naquela cidade grande demais para ele, dentro daquele terno grande demais, incapaz de decifrar o mapa da cidade e com rios de suor escorrendo sobre os olhos. Enquanto esperava a hora de encontrá-lo, foi passear nos Champs-Élysées, comprou um sorvete de baunilha com chocolate e um batom. E voltou para pegá-

504

lo na frente do mesmo portão de madeira envernizada. Encontrou um homem cheio de entusiasmo, seguro de si, quase autoritário.

Ficou se perguntando se tinha idealizado as coisas a seu respeito ao longo de seu passeio ou se tinha entendido tudo errado desde o primeiro encontro. Mas agora, ela o via sob um novo ângulo: viril, reconfortante, espiritual. “Deu tudo certo”, tinha dito, “ganhei o emprego!” E convidou-a para jantar. Falou do novo emprego durante todo o jantar, que ia fazer isso, ia fazer aquilo e ela ouviu com vontade de se deixar levar. Ele era tão tranquilizador, tão envolvente. Mais tarde, ficou se perguntando sob quantos ângulos você pode ver uma mesma pessoa e qual deles era o justo. E se o sentimento que aquela pessoa desperta pode variar segundo o ângulo de visão... Se ele a tivesse convidado para jantar quando ainda estava perdido, ansioso, suando, será que teria dito sim?

Acho que não, reconheceu, honesta. Teria desejado boa sorte e iria embora sem olhar para trás... Então, a que se deve o nascimento de um sentimento? A uma impressão fugaz, flutuante, mutante? A um ângulo que se desloca, dando lugar a uma ilusão que projetamos sobre o outro? O dia em que a pediu em casamento foi um dia viril

e autoritário. E ela tinha dito sim. Aquela questão a atormentou durante muito tempo no começo do casamento, ainda mais porque o ângulo sob o qual Antoine se mostrava mudava com frequência...

Hoje, não há mais ângulo nenhum. Ele está morto. Resta para mim a imagem de um homem inconsistente, porém amável e carinhoso. Talvez ele precisasse de uma mulher diferente de mim.

— O que vai fazer agora? — perguntou Joséphine a Mylène.

— Estou em dúvida. Talvez vá para a China. Não sei se as meninas lhe contaram, mas montei um negócio na China...

— Sim, elas me contaram...

— Acho que vou para lá, poderia ganhar um bocado de dinheiro...

Seu olhar recuperou o brilho, dava para ver que pensava em seus projetos, suas encomendas, seus ganhos futuros.

— Devia pelo menos tentar, em qualquer caso. Pode servir para arejar as ideias...

— De todo modo, não tenho muita escolha. Não tenho mais nada, entreguei todas as minhas economias a Antoine... Oh! Por favor, não estou lhe pedindo nada! Não gostaria que pensasse que vim até aqui para isso...

505

Joséphine teve um movimento imperceptível de recuo quando ela falou em dinheiro. E, por uma fração de segundo, pensou consigo mesma: ela veio para pedir que reembolse o que Antoine lhe deve. Mas diante do olhar suave e triste de Mylène, teve vergonha

de ter pensado aquilo e tentou se recuperar.

— Meu padrasto comercia com os chineses. Se quiser, pode encontrar com ele. Poderia lhe dar bons conselhos...

— Já usei o nome dele para conseguir que um advogado me recebesse — disse Myléne, enrubescendo.

Calou-se um instante, brincando com a alça da bolsa.

— Mas é verdade que seria muito bom ter um encontro com ele.

Joséphine escreveu o endereço e o telefone de Chefe num pedaço de papel e estendeu para ela.

— Pode dizer que fui eu quem lhe dei o endereço. Nós nos gostamos muito, Marcel e eu...

Era engraçado chamá-lo de Marcel. Ele também mudava de ângulo ao mudar de nome.

Seus pensamentos foram interrompidos por um galope na escada e o barulho de uma porta se abrindo de supetão: Zoé surgiu diante dela, vermelha, sedenta e parou de repente em frente a Mylène. Seu olhar ia dela para a mãe, como quem pergunta: o que é que ela está fazendo aqui?

— E papai? — perguntou imediatamente a Mylène, sem um bom-dia, sem um beijo. — Ele não veio com você?

— Mylène estava justamente me dizendo que seu pai foi visitar umas terras no interior do país. Quer aumentar os parques.

É por isso que não temos tido notícias há algum tempo...

— Ele não levou o computador? — perguntou Zoé,

desconfiada.

— Um computador na savana! — exclamou Mylène. — Onde é que já se viu isso, Zoé? E então, não vai me dar um beijo?

Zoé hesitou, olhou para a mãe e depois se aproximou de

Mylène e depositou um beijinho tímido em seu rosto. Mylène

tomou-a nos braços e apertou-a contra o peito. No começo,

Joséphine ficou chocada com a intimidade evidente entre Mylène e

Zoé, mas logo se recuperou. Hortense ficou tão surpresa e tão

506

distante quanto a irmã. Ficaram do meu lado, pensou Joséphine,

contente com isso, é bem mesquinho pensar assim, mas é

reconfortante. Elas devem estar se perguntando o que ela faz aqui.

Repetiu o que já tinha dito a Zoé. Mylène aprovou com o queixo

enquanto ela falava.

Hortense ouviu e perguntou em seguida:

— Ele também não tem telefone?

— Deve estar sem bateria...

Hortense não parecia nem um pouco convencida.

— E você, o que veio fazer em Paris?

— Comprar meus produtos e ver meu advogado...

— Veio perguntar se podia falar com Chefe para pedir

conselhos sobre seus negócios na China. Seu pai mandou que

falasse primeiro comigo — interveio Joséphine.

— Chefe — continuou Hortense, desconfiada. — O que ele tem

a ver com isso?

— Bem, ele negocia muito com os chineses... — repetiu

Joséphine.

— Hummm... — disse Hortense.

Foi para o quarto, abriu cadernos e livros, começou a estudar, mas a estranheza daquela situação, a mãe na cozinha com Mylène, as caras amassadas e os olhos vermelhos não cheiravam nada bem. Aconteceu alguma coisa com papai, tenho certeza.

Passou a cabeça pela porta e chamou a mãe.

Joséphine foi encontrar com ela no quarto.

— Aconteceu alguma coisa com papai e você não quer me dizer nada...

— Escute, querida...

— Não sou mais um bebê, mamãe. Não sou Zoé, prefiro saber logo.

Pronunciou aquelas palavras num tom tão frio, tão determinado que Joséphine a tomou nos braços para prepará-la.

Hortense se libertou com um gesto seco e violento.

— Pare com essa bobajada! Ele morreu, não é?

— Como pode dizer uma coisa dessas, Hortense?

507

— Porque é verdade, não é? Diga se não é verdade...

Virou um rosto fechado, hostil para a mãe, provocando-a com sua cólera. Tinha os braços caídos, rígidos ao longo do corpo, e toda a sua atitude a rejeitava.

— Ele está morto e você tem medo de me contar. Ele está

morto e você morre de medo. De que adianta mentir para a gente?

Vai ter que contar um dia, não vai? Pois prefiro ficar sabendo

agora... Detesto mentiras, segredos, gente que finge!

— Ele está morto, Hortense. Devorado por um crocodilo.

— Está morto — repetiu Hortense. — Está morto...

Repetiu essas palavras várias vezes, mas seus olhos

continuaram secos. Joséphine tentou se aproximar de novo, tentou

passar o braço em seus ombros, mas Hortense a empurrou

violentamente e Joséphine caiu na cama.

— Não me toque! — gritou ela. — Não ouse me tocar!

— Mas o que foi que lhe fiz, Hortense? O que fiz para você ser

tão dura comigo?

— Não suporto você, mamãe. Você me deixa louca! Acho que

é, que é...

Não encontrava as palavras e suspirava, exasperada, como se

todo o horror que a mãe lhe inspirava fosse grande demais para

caber em palavras. Joséphine curvou as costas e esperou.

Compreendia o desespero da filha, compreendia sua violência, mas

não compreendia porque esse desespero e essa violência se

voltavam contra ela. Hortense se deixou cair na cama, ao lado dela,

mantendo uma certa distância para não tocar em Joséphine.

— Quando papai estava desempregado... quando ele se

arrastava pela casa... você vinha com esse seu ar de santinha, esse

seu jeitinho meigo tentando nos convencer de que estava tudo bem,

de que papai estava “procurando emprego”, que não era grave, que

logo a vida voltaria a ser como antes. Mas ela nunca voltou a ser como antes... Mas você tentava nos convencer e tentava convencer papai também.

— O que podia fazer? Jogá-lo na rua?

— Precisava sacudi-lo, colocar a realidade debaixo do nariz dele e não dar força para suas ilusões! Mas você ficava ali com seu nhe-nhe-nhem... dizendo qualquer coisa! Sempre tentando arranjar as coisas com mentiras.

508

— É de mim que você tem raiva, Hortense?

— É. Detesto esse seu ar bonzinho, meiguinho, completamente por fora de tudo! Sua generosidade babaca, sua gentileza debiloide! Tenho raiva, mamãe, não tem ideia da raiva que tenho! A vida é dura, muito dura, e você fica aí fingindo que não, tentando fazer todo mundo se amar, todo mundo dividir as coisas, todo mundo se ouvir. Isso é pura babaquice! As pessoas se devoram umas às outras, elas não se amam! Até fingem que amam quando você lhes dá alguma coisa de comer! Você não entende nada mesmo! E fica aí, feito uma babaca, chorando na varanda, falando com as estrelas. Pensa que nunca ouvi suas conversas com as estrelas? Tinha vontade de jogá-la por cima do parapeito! Elas deviam morrer de rir, as estrelas, ouvindo você resmungar, ajoelhada, de mãos postas. Com seu puloverzinho barato, seu avental, seus cabelos lambidos, sem graça, choramingando, pedindo ajuda. E ainda acreditava mesmo que um anjo bom ia

descer do céu para resolver todos os seus problemas. Sentia pena de você e ao mesmo tempo raiva! Então, ia me deitar e inventava uma mãe orgulhosa, altiva, impiedosa, uma mãe corajosa, bonita, linda e pensava: essa mulher ajoelhada na varanda não é minha mãe, essa mulher que fica vermelha, que choraminga, que treme por qualquer coisinha...

Joséphine sorriu e olhou para ela com ternura.

— Vamos, pode esvaziar o saco, Hortense...

— Detestei você na época do desemprego de papai! De-tes-tei!

Sempre botando panos quentes, abafando, deu até para engordar para amortecer melhor as coisas! Ficava mais feia a cada dia que passava, mais mole, mas... coisa nenhuma. E ele... ele tentava sair dessa, tentava continuar, vestia seus ternos elegantes, tomava banho, se arrumava... Ele tentava, mas lá vinha você contaminá-lo com sua meiguice nojenta, sua meiguice condescendente, sua meiguice grudenta...

— Não é fácil viver com um homem que não trabalha, que passa o dia inteiro em casa, sabia?

— Mas não podia ficar passando a mão na cabeça dele! Ele precisava sentir que ainda tinha coragem! Você só sabia enfraquecê-lo com sua condescendência. Não me espanta que tenha ido procurar Mylène. Com ela, ele se sentia um homem de novo. Ah, como odiei você, mamãe, se soubesse quanto a odiei!

509

— Eu sei... Mas me pergunto justamente por quê?

— E os seus grandes sermões sobre o dinheiro, sobre os valores da vida? Que vontade de vomitar! Só existe um valor hoje em dia, mamãe, abra bem os olhos e engula isso de uma vez: dinheiro é a única coisa que existe, se você tem, é alguém, se não, bem... Boa sorte! Quando papai foi embora, você não sabia nem dirigir, passava as noites fazendo contas, contando centavos, você não tinha mais nada... Foi Philippe quem ajudou você com as traduções. Philippe tem grana, é bem-relacionado. Se não fosse ele, onde iríamos parar, hein? Pode me dizer?

— O dinheiro não é tudo na vida, Hortense, mas você ainda é muito jovem...

— Inútil dizer que sou jovem, porque já entendi um monte de coisas que você ainda não entendeu. E detestava isso também, ficava pensando: onde vamos parar com essa aí? Não me sentia segura com você e tomei uma decisão: ainda é cedo demais, mas um dia vou arranjar minha vida e vou-me embora desse lugar! E só pensava nisso. E continuo pensando, aliás, já entendi que cada um só pode contar consigo mesmo... Se eu fosse a mulher de papai...

— Ah, chegamos ao ponto!

— Exatamente! Teria colocado os pontos nos is, teria dito: pare de sonhar e pegue o que lhe oferecerem. Não importa o que for, mas pegue e comece alguma coisa... Eu o amava tanto! Era tão bonito, tão elegante, tão orgulhoso... e tão fraco ao mesmo tempo. Ficava olhando ele se arrastar o dia inteiro nesse apartamento, com suas pobres atividades: as plantas na varanda, a partida de xadrez,

o flerte com Mylène! E você não via nada. NADA! Achava você tão burra, tão burra... Não podia fazer grande coisa, mas ficava louca com aquela situação! Quando ele encontrou esse trabalho no Croco Park, pensei que ia conseguir se dar bem. Que tinha encontrado um lugar onde poderia realizar seus sonhos de grandeza. Mas os crocodilos levaram a melhor. Eu o amava tanto... Foi ele quem me ensinou a me comportar direito, a ficar bonita, era ele quem me levava às lojas e escolhia as roupas mais maravilhosas. Depois, íamos para o bar de um grande hotel de Paris e bebíamos uma taça de champanhe, ouvindo uma orquestra de jazz. Com ele, eu era única, eu era magnífica... Ele me deu esse algo mais, essa força que ele mesmo não tinha. Soube dá-la a mim, mas não a si mesmo. Não tinha força, papai. Era um menino, frágil, fraco, mas para mim, era mágico!

510

— Ele amou você loucamente, Hortense. Sou testemunha disso. Muitas vezes, ficava até com ciúmes desse laço que existia entre vocês dois. Eu me sentia rejeitada, eu e Zoé. Ele nunca olhou para Zoé como olhava para você.

— No final, ele não se suportava mais. Bebia, se entregava.

Pensava que eu não via, mas estava vendo tudo! Ele não suportava mais ver no que tinha se transformado: um fracasso ambulante.

Naquele verão, de vez em quando ele ficava num estado lamentável.

Talvez tenha sido melhor assim, afinal.

Estava sentada muito reta, na beira da cama. Joséphine se

manteve distante, deixando que desabafasse sua tristeza como

podia, com as palavras que queria dar a seu sofrimento.

De repente, ela se virou e ficou de frente para a mãe.

— Mas nem pensar, NEM PENSAR, entendeu, em reviver o

que passamos na época em que ele ficou sem emprego. Não quero

mais passar por isso, nunca mais! Ele lhe dava dinheiro?

— Ora, você sabe...

— Dava ou não dava dinheiro?

— Não.

— Então podemos viver sem ele?

— Podemos.

Desde que ela embolsou o dinheiro do livro, pensou Hortense,

observando a mãe. Não tenho muita certeza de que vai exigir esse

dinheiro, reivindicar seus direitos.

— Não vamos ficar pobres de novo?

— Não, querida, não vamos ficar pobres, posso garantir.

Tenho força suficiente para lutar por vocês duas. Aliás, sempre tive

essa força. Por mim, não, mas por vocês, sim.

O olhar de Hortense estava cheio de dúvidas.

— Zoé não pode ficar sabendo, de jeito nenhum. Não pode

ficar sabendo... Zoé não é como eu. Para ela, as coisas têm que ser

ditas com delicadeza. Mas essa é a sua especialidade, deixo em

suas mãos...

Ela ainda ficou um bom tempo fechada em sua tristeza e sua

raiva.

Joséphine esperou e disse:

511

— Contaremos pouco a pouco, levaremos o tempo que for preciso, ela vai aprender a viver sem ele.

— Já vivíamos sem ele — concluiu Hortense, levantando. —

Bem, não é grande coisa, mas preciso estudar para os exames.

Joséphine saiu do quarto sem dizer nada e voltou para a

cozinha onde Mylène, Gary e Zoé esperavam por ela.

— Mylène.... pode ficar para jantar com a gente? Pode não é, mamãe, por favor...

— Acho que preciso voltar para o hotel, querida — disse

Mylène, beijando os cabelos de Zoé. — Estamos cansadas, todas

nós. E amanhã tenho um dia cheio...

Agradeceu a Joséphine, beijou Zoé. Parecia muito

perturbada. Olhou para elas mais uma vez, pensando consigo: pode ser que nunca mais as veja, nunca mais.

No começo de junho, Hortense e Gary fizeram os exames finais do curso secundário.

Joséphine acordou cedo para fazer o café da manhã para eles. Perguntou a Hortense se queria que fosse junto e ela respondeu que não, que seria o maior vexame.

Hortense voltou satisfeita no primeiro dia, no segundo

também e a semana inteira passou sem que ela demonstrasse

angústia ou medo. Gary mostrou-se mais reservado, mas não

parecia preocupado. Teria mesmo que esperar o dia 4 de julho para

saber os resultados.

Shirley não veio acompanhar o filho. Tinha resolvido se mudar para Londres e estava procurando um apartamento.

Telefonava toda noite. Assim que as provas terminaram, Gary foi se encontrar com ela.

Zoé passou para a série seguinte com menção honrosa.

Alexandre também. Philippe levou os dois para andar a cavalo em

Évian. Encontrou com Joséphine na plataforma da estação e a

emoção que ela leu em seu rosto deixou-a perturbada. Ele pegou

sua mão e perguntou: “Tudo bem?” Ela entendeu: continua

apaixonada? Respondeu que sim. Ele beijou sua mão e murmurou:

“*Forget me not!*”

Sentiu uma vontade enorme de beijá-lo.

Zoé tinha parado de perguntar pelo pai.

512

Hortense ligou para a jornalista da revista *Gala* e conseguiu

um estágio de três semanas como acessorista nas sessões de fotos.

Saía para trabalhar toda manhã, reclamando dos transportes

coletivos que tomavam todo o seu tempo e repetindo “quando é que

a gente vai se mudar para Paris? O que estamos esperando, agora

que Shirley não está mais aqui?”. Joséphine pensava cada vez mais

nessa hipótese. Começou a visitar alguns apartamentos nas

redondezas de Neuilly, para que Zoé não perdesse todos os amigos.

Hortense declarou que Neuilly estava bom para ela. “É arborizado,

tem metrô e ônibus, gente bem-vestida e bem-educada e não terei

mais a sensação de viver numa reserva. Além do mais, vou sair de casa, assim que receber meu diploma, vou fazer minha vida longe daqui.”

Também não falava mais do pai. E cada vez que Joséphine perguntava “está tudo bem, querida, tem certeza? Não quer conversar?”, ela dava de ombros, irritada, e dizia “já encerramos esse assunto, não?”. Pediu que tirassem a TV do porão, agora que as provas tinham terminado. Queria ver os programas de moda na TV a cabo. Joséphine fez a assinatura que ela queria, contente de ver a filha ventilando as ideias.

Foi num domingo de meados de junho, quando estava sozinha, pois Hortense tinha saído e ela esperava que chegasse de volta, que Joséphine ligou a televisão. Hortense tinha dito: “Ligue a TV no *Trois* essa noite, pode ser que me veja... Não vá perder, não vai durar muito.”

Deviam ser onze e meia da noite e ela aguçava os ouvidos a cada barulhinho na escada. Tinha lhe dado dinheiro para pegar um táxi, mas era mais forte do que ela, não gostava de imaginar que estava sozinha, à noite. Sozinha no táxi, sozinha no subúrbio, sozinha no vão da escada. Quando Gary estava com ela, era diferente. Nem que fosse só por isso, vai ser bom sair daqui. Neuilly é tranquila, bem tranquila. Não vou ficar tão preocupada quando ela sair à noite.

Olhava distraída para a tela, mudando de canal de vez em quando e voltando ao *Trois* para procurar Hortense. Luca tinha feito

uma sugestão: “Se quiser, posso lhe fazer compainha, vou me comportar direitinho!” Mas não queria que a filha a visse na compainha de um homem que era seu amante. Ainda não conseguia misturar suas duas vidas: a vida com Luca e a vida com as meninas.

513

Mudou de canal e teve a impressão de reconhecer Hortense.

Era Hortense. A entrevista tinha acabado de começar. Sua filha arrasava na telinha. Estava linda, natural. Parecia completamente à vontade. Estava maquiada, penteada e parecia mais velha, mais madura. Joséphine deu um gritinho de admiração. Parecia com Ava Gardner. O apresentador disse quem era, sua idade e explicou que tinha acabado de obter o diploma do secundário...

— Teve boas notas?

— Acho que sim. Sim — disse Hortense, os olhos brilhantes.

— E o que deseja fazer em seguida?

Pronto, pensou Joséphine. Vai falar do desejo de estudar moda, contar dos estudos na Inglaterra no ano que vem, perguntar se não haveria um costureiro interessado em seu talento. É tão mais audaciosa que eu! Tão eficiente, tão precisa. Sabe exatamente o que quer e não se deixa enganar pelas aparências. De fato, sua filha falou sobre a vontade de trabalhar naquele mundinho exclusivo da moda. Tomou o cuidado de sublinhar que estava indo estudar em Londres em outubro, mas que ficaria encantada se algum costureiro lhe oferecesse um estágio em julho, agosto,

setembro.

— Mas você não veio aqui só para isso — interrompeu o apresentador num tom seco.

Era o mesmo homem que tinha cortado os cabelos de Iris. De repente, Joséphine teve uma suspeita horrível.

— Não. Vim fazer uma revelação a respeito de um livro — articulou Hortense com muito cuidado. — Um livro que fez um enorme sucesso recentemente. *Uma humilde rainha*.

— E segundo você, esse livro não foi escrito por sua suposta autora, Iris Dupin, mas por sua mãe...

— Exatamente. Já lhe trouxe a prova: o computador de minha mãe onde estão todas as versões sucessivas do livro...

Então foi por isso que não consegui encontrá-lo hoje de manhã! Procurei por todo lado e acabei pensando que tinha esquecido na casa de Luca...

— E devo acrescentar — continuou o apresentador — que convocamos um oficial de justiça, antes do programa, que constatou que o computador realmente continha as diferentes versões do manuscrito e que ele pertencia à sua mãe, sra.

514

Joséphine Cortès, pesquisadora do Centro Nacional para a Pesquisa Científica, o CNRS...

— Especializada no século XII, que é exatamente o período tratado no livro...

— E, portanto, o livro não foi escrito por sua tia, pois é bom

lembrar que Iris Dupin é sua tia, mas por sua mãe?

— Sim — afirmou Hortense num tom firme, os olhos pousados na câmera.

— Está ciente de que isso vai causar um grande escândalo?

— Estou.

— E você ama a sua tia?

— Amo.

— Mesmo assim, corre o risco de destruí-la e destruir sua vida...

— Corro.

Sua calma não era de fachada. Hortense respondia sem hesitar, sem enrubescer, sem gaguejar.

— E por que está fazendo isso?

— Porque minha mãe cria suas duas filhas, eu e minha irmã, sozinha, porque não temos muito dinheiro, porque ela está se acabando no trabalho e porque não queria que os direitos autorais do livro, bastante altos, não chegassem às suas mãos.

— Está fazendo isso só por causa do dinheiro?

— Resolvi falar para fazer justiça à minha mãe, antes de tudo. E pelo dinheiro, em seguida. Minha tia Iris fez isso para se divertir, com certeza não esperava que o livro fizesse tanto sucesso... E eu acho justo dar a César o que é de César...

— Você falou do sucesso do livro... poderia nos dar os números desse sucesso?

— Com toda a certeza. Quinhentos mil exemplares vendidos

até hoje, 46 traduções e os direitos para adaptação cinematográfica comprados por Martin Scorsese...

— Você se considera lesada?

— É como se um bilhete premiado da loteria tivesse sido comprado por minha mãe e embolsado por minha tia... Além do

515

mais, um bilhete da loteria você compra em trinta segundos, mas um livro... Minha mãe penou durante um ano em cima dele, e é o resultado de anos e anos de estudo! Acho mais que justo recompensá-la...

— De fato — declarou o apresentador —, inclusive você chegou acompanhada por um advogado, dr. Gaspard, que é também o advogado de inúmeras estrelas do showbiz, entre os quais Mick Jagger. Diga-me, dr. Gaspard, o que se pode fazer num caso como esse?

O advogado partiu numa longa tirada sobre o plágio, o trabalho de ghost-writer, os diversos casos conhecidos de processos que tinha defendido. Hortense ouvia, reta, o olhar sempre pousado na câmera. Usava uma camiseta Lacoste verde que realçava o brilho de seus olhos, os reflexos acobreados dos longos cabelos. O olhar de Joséphine caiu no pequeno crocodilo que enfeitava o peito da camiseta.

Depois que o advogado falou, o apresentador fez uma última pergunta a Hortense, que concluiu lembrando a brilhante carreira de sua mãe no CNRS, suas pesquisas sobre o século XII, a modéstia

excessiva que deixava a filha furiosa de raiva.

— Sabe? — concluiu Hortense —, quando a gente é criança, e eu era criança até pouco tempo atrás, precisa admirar os pais, pensar que são fortes, os mais fortes. Os pais representam uma proteção contra o mundo. Não queremos nem saber se são fracos, desamparados, hesitantes. Não queremos nem saber se estão enfrentando problemas. Precisamos nos sentir seguros junto a eles. Pois eu sempre tive o sentimento de que minha mãe não era suficientemente sólida para se fazer respeitar, que todos passariam por cima dela a vida inteira. Foi o que quis fazer hoje à noite: defendê-la, mesmo contra a sua vontade, colocá-la sob proteção, para que nunca mais lhe falte nada, para que não tenha mais que quebrar a cabeça para descobrir como vai fazer para pagar o aluguel, os impostos, nossos estudos, a comida de todo dia... Se estou revelando esse segredo agora, é unicamente para proteger minha mãe.

O auditório inteiro aplaudiu.

Joséphine olhava para a tela com o queixo caído de surpresa.

516

O apresentador sorriu e, virando-se mais uma vez para a câmera, dirigiu-se a Joséphine, parabenizando-a por ter uma filha tão forte e tão lúcida.

Depois, meio brincando, acrescentou:

— E por que não diz que a ama quando está com ela: seria bem mais simples do que fazer isso na TV... Afinal, o que você

acabou de fazer é uma verdadeira declaração de amor...

Por um segundo Hortense pareceu hesitante, mas logo se recuperou.

— Não consigo. Quando estou cara a cara com minha mãe, não consigo. É mais forte do que eu.

— Mas você a ama, não?

Houve um momento de silêncio. Hortense apertou os punhos pousados sobre a mesa, abaixou os olhos e deixou escapar em voz baixa:

— Não sei, é complicado. Somos tão diferentes...

Em seguida, ela se dominou, se acomodou melhor e, levantando uma pesada mecha de cabelos, acrescentou:

— É que tenho muita raiva dela, raiva de toda essa infância que não tive, essa infância que ela roubou de mim!

O jornalista cumprimentou Hortense por sua coragem, agradeceu por ter vindo, agradeceu a presença do advogado e começou a apresentar o próximo convidado. Hortense levantou e deixou o palco sob aplausos.

Joséphine ficou um instante imóvel no sofá. Agora todo mundo já sabe. Sentia-se aliviada. Voltava a ser dona de sua própria vida. Não precisaria mais mentir, se esconder. E poderia escrever. Em seu nome. Dava um pouco de medo, mas agora não teria nenhuma desculpa para não tentar. “Não é porque as coisas são difíceis que não ousamos, é porque não ousamos que elas se tornam difíceis.” Foi o velho Sêneca quem disse isso. E foi a

primeira citação que ela copiou quando começou seus estudos. Era para se dar coragem... Pois então, pensou consigo, vou ousar.

Graças a Hortense. Minha filha colocou meu pé no estribo. Minha filha, essa estranha que não compreendo, é quem me obriga a me superar.

Minha filha que não respeita nem o amor, nem a ternura, nem a generosidade, minha filha, que aborda a vida com uma faca

517

entre os dentes, acabou de me dar um presente que ninguém nunca pensou em me dar. Olhou para mim, avaliou e disse: recupere seu nome, escreva, você é capaz! Mantenha a cabeça erguida e avance!

Talvez, quem sabe, balbuciou Joséphine, ela me ame. Ela me ama, do jeito dela, mas me ama...

A filha ia voltar e as duas iam ficar frente a frente. Não podia chorar nem beijá-la. Ainda era muito cedo, ela sabia. Hortense a proibiu na frente de todo mundo, na TV. Mas tinha lhe devolvido o que lhe pertencia. Ora, isso quer dizer que me ama pelo menos um pouco, não?

Ficou sentada por um longo instante, pensando sobre o comportamento que deveria adotar. Os minutos passavam, Hortense devia estar chegando. Ouvia o barulho da chave na porta, ouvia as primeiras palavras de Hortense: ainda está de pé, não foi dormir, estava preocupada comigo? Minha pobre mãezinha! E então, o que achou? Estava bonita? Interessante? Precisava contar, você estava pronta para ser passada para trás de novo... Estou

cansada de ver você se deixando enganar! Depois, iria direto para o quarto, trancando a porta.

Lutava contra o desânimo que tomava conta dela.

Abriu a janela envidraçada da varanda e apoiou-se no parapeito. As plantas verdes estavam mortas há muito tempo, tinha esquecido de retirar os vasos. Os caules amarelos, manchados de preto, se erguiam como pobres pedaços de madeira calcinada, o velho húmus de folhas secas formava uma gosma infame embaixo deles. É tudo o que resta de Antoine, suspirou tocando-as com as mãos. Ele gostava tanto de cuidar das plantas. A camélia branca... Passava horas com ela. Dosava o adubo, colocava estacas, vaporizava com água mineral. Costumava me contar seus nomes em latim, informar as datas de floração, explicar como fazer enxertos. Quando foi embora, recomendou muito que cuidasse delas. E agora estão mortas.

Endireitou-se e olhou as estrelas no céu. Pensou em seu pai e começou a chorar alto.

— Ela não entende, sabia? É tão jovem, ainda nem tocou a vida. Pensa que sabe tudo, julga, ela me julga... É da idade, é assim mesmo. Acho que preferia que Iris fosse sua mãe! Mas o que Iris tem mais do que eu? A beleza, ela é muito bonita e a vida foi fácil para ela... É exatamente essa pequena diferença que minha filha vê. E só enxerga isso! Esse algo mais que é tão pequeno e tão injusto,

sua vida! Mas a ternura, o amor que tenho por ela desde que nasceu... isso ela não vê. No entanto, foi moldada por ele! Pelo amor que lhe dei desde que era pequena, esse amor que fazia com que levantasse no meio da noite quando ela tinha um pesadelo, esse amor que dava um nó no meu coração quando ela voltava triste da escola, quando alguém tinha falado mal com ela, olhado de mau jeito para ela! Queria pegar todos os seus desgostos para mim, para que ela nunca sofresse, para que seguisse adiante, despreocupada e leve... Seria capaz de dar minha vida por ela. Fazia as coisas de uma forma desajeitada, mas era porque a amava. A gente sempre é meio desajeitado com as pessoas que ama. Podemos esmagá-los, invadi-los com nosso amor... Não sabemos lidar com isso direito. E ela agora pensa que o dinheiro pode tudo, que o dinheiro dá tudo, mas não foi o dinheiro quem me colocou ali todo santo dia, quando ela voltava da escola, quando preparava a merenda, quando preparava o jantar, quando arrumava suas coisas para o dia seguinte, para que ela estivesse linda, quando me privava de tudo para que tivesse as melhores roupas, os melhores livros, os melhores sapatos, um belo bife no prato... quando me apagava para que ela ocupasse todo o espaço. Não é o dinheiro quem cria todos esses cuidados. É o amor. O amor que a gente derrama sobre uma criança e que lhe dá força. O amor que a gente não mede, não conta, que ainda não pode ser expresso em cifras... Mas ela não sabe disso. Ainda é muito pequena. Um dia ela vai entender... Faça com que compreenda e eu possa me reaproximar, reencontrar

minha filhinha! Meu amor por ela é tão grande, daria todos os livros do mundo, todos os homens do mundo, todo o dinheiro do mundo para que ela me dissesse um dia “mamãe, eu amo você, mãezinha querida”... Eu imploro, estrelas, façam com que ela entenda o meu amor, que deixe de me desprezar. Não é tão difícil para vocês.

Podem ver muito bem todo o amor que tenho no coração, então por que ela também não pode ver? Por quê?

Deixou a cabeça cair entre as mãos e ficou ali, debruçada sobre o parapeito da varanda, rezando com todas as suas forças para que as estrelas a ouvissem, para que a pequena estrela na ponta do cabo da grande caçarola começasse a brilhar.

— E você, papai... De quanto tempo precisei para entender que você tinha me amado, que eu não estava sozinha, que toda a minha força vinha de você, de seu amor por mim! Nunca soube disso enquanto você ainda estava aqui, nunca pude lhe dizer isso.

519

Só consegui perceber depois... muito depois... A única coisa que peço é que ela compreenda um dia... Não muito tarde, porque, como você está vendo, sofro demais quando ela me rejeita. Sua rejeição me fere a cada vez, não consigo me acostumar...

Foi então que sentiu alguma coisa pousar em seu ombro.

Pensou que era efeito do vento, uma folha caída da varanda de cima que veio para consolá-la. Acreditava muito profundamente que as estrelas podiam ouvi-la.

Mas era Hortense. Não tinha ouvido seus passos. Hortense,

de pé, atrás dela. Endireitou-se, olhou-a, deu um sorriso de penitente surpreendida em plena prece.

— Estava olhando as plantas de seu pai... Já estão mortas há muito tempo. Esqueci de cuidar delas. Devia ter prestado atenção, era tão importante para ele.

— Pare, mamãe, pare... — disse Hortense, com uma voz suave e baixa. — Não precisa se desculpar. Vai plantar outras...

E acrescentou, ajudando a mãe a se levantar:

— Vamos, venha. Vá se deitar, está muito cansada... E eu também. Não pensei que falar do jeito que falei hoje à noite fosse tão exaustivo. Você ouviu?

Joséphine fez que sim com a cabeça.

— E...? — perguntou Hortense, à espera da opinião de sua mãe.

No caminho de volta, no táxi, pensou muito na mãe, na ideia que fazia da mãe, na maneira como tinha falado dela diante de todas aquelas pessoas que não a conheciam. De repente, Joséphine tinha se transformado num personagem, uma desconhecida que ela observava do exterior. Joséphine Cortès. Uma mulher que lutava. Foi ela quem escreveu o livro, sozinha, escondida porque precisava de dinheiro para nós, não para ela... Não teria feito isso se fosse só por ela. No táxi, que deslizava sob as luzes pálidas dos lampiões, conseguiu vê-la como se não a conhecesse, como se alguém lhe contasse a história de uma desconhecida. E assim, percebeu tudo que a mãe fazia por ela. Era uma evidência que só fazia crescer, à

medida que se aproximava do edifício onde moravam.

Depois entrou em casa e ouviu a mãe falando sozinha, sentiu seu abandono, sua aflição.

520

— Você me defendeu, Hortense, você me defendeu... Estou tão feliz, tão feliz... Se você soubesse!

Voltaram para a sala. Hortense amparava a mãe. Joséphine sentia as pernas faltarem debaixo dela, sentia frio, tremia. Mas parou e exclamou:

— Acho que não vou conseguir dormir! Estou excitada demais... Um cafezinho, quem sabe?

— Bem, com certeza vai nos acordar!

— Você me acordou... Você me acordou e estou muito feliz!

Se soubesse... Sei que estou me repetindo, mas...

Hortense interrompeu, pegou sua mão e perguntou:

— Já tem alguma ideia para o seu próximo livro?

521



Bibliografia

Le don des larmes [O dom das lágrimas], Piroska Nagy, Albin Michel.

Les plantagenêts [Os plantagenetas], Jean Favier, Fayard.

História da vida privada, sob a direção de Philippe Ariès e Georges Duby, São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Le chevalier, la femme et le prêtre, Georges Duby, Folio [*O cavaleiro, a mulher e o padre*, Lisboa: Dom Quixote, 1988].

As damas do século XII, Georges Duby, São Paulo: Companhia das Letras, 1997; vol. 1, Heloísa, Isolda e outras damas; vol. 2, A lembrança das ancestrais; vol. 3, Eva e os padres.

Idade Média, idade dos homens, do amor e outros ensaios, Georges Duby, São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Le corps des femmes, Edward Shorter, Flammarion [*A history of women's bodies*, Nova York: Basic Books, 1982].

Aliénor d'Aquitaine [Leonor da Aquitânia], Régine Pernoud,

Albin Michel.

Histoire des femmes, le Moyen Âge [História das mulheres, a Idade Média], Georges Duby, Michelle Perrot, Plon.

Nouvelle histoire de la France médiévale, XIe et XIIe siècles [Nova história da França medieval, séculos XI e XII], Dominique Barthélémy, Points Seuil.

A civilização do Ocidente medieval, Jacques Legoff, Bauru: Edusc, 2005.

L'Europe est-elle née au Moyen Âge? [A Europa nasceu na Idade Média?], Jacques Legoff, Seuil.

L'Apologie de la chrétienté [Apologia da cristandade], Jacques Legoff, Bordas.

Les Croisades [As Cruzadas], Anthony Bridge, Denoël.

522

Les loisirs au Moyen Âge [O lazer na Idade Média], Jean Vardon, Tallandier.

La dernière Reine, Philippe Alexandre e Beatrix de l'Aulnoit, Robert Laffont [*Victoria, a última rainha (1819-1901)*, Lisboa: Bertrand Editora, 2002].

Artigos do *New York Times* sobre a criação de crocodilos: Keith Bradsher, 23 de outubro de 2004; Nathalie Angier, 26 de outubro de 2004.

523



Agradecimentos

Ele viajou muito, esse livro, enquanto ia sendo escrito!

Comecei-o em Fécamp, continuei em Paris, levei-o comigo

para Nova York, Megève, à praia de Carnau, a Londres, a Roma.

Cada lugar me trazia uma atmosfera, uma história, um detalhe que

logo me apressava em roubar. Encontrei os crocodilos em Nova

York, nas páginas do *New York Times*, Shirley em Londres, na

Fortnum and Mason, Marcel Grobz nasceu em Megève (!!!),

Hortense, de uma silhueta entrevista numa loja de calçados, na rue

du Passy, a história de Florine, na pequena casa de Carnau, na

praia... e Joséphine encarna todas as confidências que as mulheres

murmuram ao meu ouvido.

Então, obrigada a Svetlana, Réjane, Michel, Colette, que

permitiram que pousasse meu computador na mesa de suas

cozinhas ou de suas salas...

Obrigada a todos os que me apoiam e me cercam quando

escrevo: Charlotte e Clément, antes de tudo! Coco, Laurent, meu primeiro leitor, Jean, Mireille, Christine e Christine (!), Michel, Michèle... Eles estão sempre aqui.

Obrigada a Sylvie, que lia à medida que eu escrevia e que me estendeu a mão!

Obrigada, Huguette, pela serenidade que me traz (sem saber).

Obrigada à revista *La Revue*, de Pierre Bergé, que folheio com delícia, de onde consegui pegar móveis, joias e quadros para todas as necessidades de meus personagens!

Obrigada a todos vocês que escrevem para mim em meu site na internet e que me enviam amor, amor, amor e às vezes até ideias! (Piscadinha à moda de Hervé!)

Obrigada, Jean-Marie, que vela por mim nas estrelas...



Esta obra foi formatada pelo grupo de MV, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. **O Grupo tem como meta a formatação de ebooks achados na internet, apenas para melhor visualização em tela, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupos, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras**

brasileiras.

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.